

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**REUNINDO O PASSADO: CONTEXTOS DISCURSIVOS E LINGUAGENS  
HISTORIOGRÁFICAS NA *HISTORY OF BRAZIL* DE ROBERT SOUTHEY**

FLÁVIA FLORENTINO VARELLA

PORTO ALEGRE  
2015

**REUNINDO O PASSADO: CONTEXTOS DISCURSIVOS E LINGUAGENS  
HISTORIOGRÁFICAS NA *HISTORY OF BRAZIL* DE ROBERT SOUTHEY**

FLÁVIA FLORENTINO VARELLA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Temístocles Cezar.  
Linha de pesquisa: Teoria da História e Historiografia.

PORTO ALEGRE  
2015

### CIP - Catalogação na Publicação

Florentino Varella, Flávia  
Reunindo o passado: contextos discursivos e  
linguagens historiográficas na History of Brazil de  
Robert Southey / Flávia Florentino Varella. -- 2015.  
323 f.

Orientador: Temístocles Cezar.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2015.

1. História da Historiografia. 2. Robert Southey.  
3. Romantismo. 4. Linguagens historiográficas. I.  
Cezar, Temístocles, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTO

Quatro anos se passaram desde que esta tese começou a ser escrita. Porém, muito antes de ser escrita ela foi pensada enquanto um problema a ser pesquisado. Durante o mestrado, que realizei na Universidade de São Paulo, meu orientador, João Paulo Garrido Pimenta questionava-me sobre a *History of Brazil*, de Robert Southey, e da sua importância. Acho que lhe devo o primeiro agradecimento, pois, sem ele, fatalmente, eu não teria lido essa história mais de perto e, provavelmente, esta tese nunca teria sido escrita. Muitas outras pessoas se juntaram a ele no incentivo de conhecer melhor a que dizem ser a primeira história do Brasil. Meus agradecimentos a Valdeci Lopes de Araujo, que leu o projeto em sua fase inicial, ao meu orientador nesta jornada, Temístocles Cesar, que acolheu minha pesquisa de braços abertos e me deu liberdade para prosseguir com ela. Aos professores Fernando Nicolazzi e Iris Kantor pelas inúmeras e valiosas sugestões na qualificação, que, na medida do possível, tentei incorporar e responder ao longo desta tese.

Meu agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiou esta pesquisa com uma bolsa de quatro anos, viabilizando minha dedicação integral. De fundamental importância foi também a taxa de bancada, que me permitiu acesso à bibliografia raramente disponível em bibliotecas de universidades brasileiras. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa PDSE para desenvolver meu estágio na Universidade de Lisboa. Ao professor Sérgio Matos pela generosa recepção e a Alexandre Dias Pinto pelas longas horas de debate sobre Southey entre aulas sobre o Império Britânico.

Aos amigos, familiares, parentes e adorados cães, meu mais profundo agradecimento. Uma pesquisa não se faz apenas com trabalho intelectual, sem vocês nada disso teria sido realizado.

## RESUMO

Esta tese apresenta um enquadramento diverso da *History of Brazil* (1810-1819), escrita por Robert Southey, em relação ao que veio sendo proposto após a publicação do clássico livro de Maria Odila da Silva Dias, *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. A hipótese de Dias buscou entender a *History of Brazil* pelo prisma da historiografia romântica e concluiu que Southey teria “uma concepção essencialmente intuitiva e sensível da história, o que lhe permitiria, aliás, desenvolver um método todo imaginativo de revivência empática do passado”. Não busquei um enquadramento de Southey em qualquer outra “escola” diversa do Romantismo, mas entender quais foram as linguagens mobilizadas na *History of Brazil* e o contexto discursivo em que se inseriam. Para tanto, foi fundamental o entendimento da importância do antiquariato e das questões etnográficas, presentes em todo o conjunto de publicações de Southey, para o desenvolvimento da *History of Brazil*. Essas preocupações corroboraram para uma abordagem interessada em desvendar os costumes, maneiras e os aspectos curiosos que pudessem contribuir para a compreensão dos estágios das sociedades. O próprio interesse pelas maneiras e pelos costumes, ou seja, tudo que dizia respeito ao dia-a-dia das sociedades, foi um legado antiquário. Ambos também ajudaram na construção do entendimento, por parte de Southey, da história como um relato minucioso, de referência e que monumentalizava o passado. Explorei de forma mais detida na tese duas linguagens historiográficas. A primeira delas foi a do desenvolvimento do homem na Terra, que permitiu a Southey articular um cenário comum de desenvolvimento social entre todos os povos que existiram e que viviam a existir. Além de contribuir para um interesse profundo pelos costumes, a teoria dos quatro estágios da sociedade proporcionava uma comparação entre civilizações bastante diferentes em tempo e espaço, assegurando a sua validade pela linearidade contida em suas bases. Todas as civilizações tinham passado ou passariam pelos estágios de caçador, pastor, agricultor e comerciante. A segunda linguagem que explorei foi a da diversidade biológica-climática, ponto essencial para o entendimento da valorização da mistura inter-racial na *History of Brazil*. Essa linguagem é articulada por Southey para explicar a suscetibilidade de certas raças a algumas doenças e a mutação ocorrida em compleições diferentes, promovida pela mistura racial. O Novo Mundo era um espaço em que as raças negra, europeia e indígena eram mescladas, formando uma nova raça e onde as doenças europeias eram reconfiguradas. Para ser possível a criação de um indivíduo chamado de brasileiro seria, antes de tudo, necessária a sua sobrevivência biológica. Essa mistura das raças, na avaliação de Southey, era bastante positiva, principalmente, a do indígena com o português, que gerava o mameluco. Os paulistas, que eram mamelucos, foram apresentados na *History of Brazil* como os grandes herdeiros do temperamento empreendedor português e da infatigabilidade indígena.

**Palavras-chave:** História da Historiografia; Robert Southey; Romantismo; Linguagens historiográficas.

## ABSTRACT

This thesis presents a new approach to Robert Southey's *History of Brazil* (1810-1819), which is distinct from what has been proposed after the publication of Maria Odila da Silva Dias' classical work, *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)* [*"The White Man's Burden: Southey, historian of Brazil (a study of the ideological values of the free-trade empire)"*]. The hypothesis proposed by Dias sought to understand the book *History of Brazil* through the prism of Romantic historiography and concluded that Southey had "an essentially intuitive and sensible conception of history, which would allow him, indeed, to develop an entirely imaginative method of empathically reviving the past". I did not search for an approach to Southey in any other "school" aside from Romanticism; instead, I sought to understand the languages employed in *History of Brazil* and the discursive context in which they were inserted. To achieve this goal, it was fundamental to grasp the importance of the antiquary and ethnographic issues portrayed in Southey's entire *oeuvre*, for the development of *History of Brazil*. These concerns corroborated to an approach that sought to unveil the customs, manners and peculiar aspects that could contribute to a comprehension of the stages of societies. The interest in manners and customs in itself, in other words, everything regarding the daily life of societies, was an antiquary legacy. Both elements also helped in the construction of Southey's view of history as a thorough account, as a reference-account, and also as an account that monumentalized the past. In this thesis, I undertook a detailed examination of two historiographical languages. The first was the language of man's development on Earth, which enabled Southey to work with a common backdrop of social development for all peoples that have come to exist. Besides contributing to a deep interest in customs, the four stages theory; allowed a comparison among quite distinct civilizations in time and space, thus securing its validity on account of the linearity of its basis. All civilizations either had been through or would have to undergo the stages of hunting, herding, agriculture and commerce. The second language I explored was the language of biological-climatic diversity – an essential point for understanding the positive valuation of the inter-racial mixture in *History of Brazil*. This is resort to explain the susceptibility of specific races to some diseases and the mutations in different complexions as a result of racial mixture. The New World was a space where African, European and Indigenous races merged, giving birth to a new race, and where European diseases were reconfigured. Biological survival, above all, was necessary for the emergence of the individual called 'Brazilian'. This mixture of races, in Southey's evaluation, was quite positive, especially among the Indigenous and Portuguese races, which led to the *Mameluco* type. The inhabitants of São Paulo, who were *Mamelucos*, appear in the *History of Brazil* as the great heirs of the Portuguese enterprise character, on the one hand, and, on the other, of the Indigenous indefatigability.

**Keywords:** History of Historiography; Robert Southey; Romanticism; Historiographical Languages.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
NÃO APENAS HISTORIADOR OU POETA: SOUTHEY E OS PERIÓDICOS INGLESES .....	23
A FORTUNA CRÍTICA DE SOUTHEY E O ROMANTISMO.....	28
<b>CAPÍTULO 1: SOUTHEY E OS CONTEXTOS QUE SÃO PERMEADOS PELA <i>HISTORY OF BRAZIL</i></b> .....	52
O GÓTICO E A PENÍNSULA IBÉRICA .....	52
A IDADE MÉDIA E O TEMPERAMENTO PORTUGUÊS.....	65
A valentia portuguesa e os milagres do catolicismo: o resgate de Pernambuco ...	72
IDADE MÉDIA E O CATOLICISMO.....	88
PELO FIM DO PASSADO FEUDAL: MACAULAY LENDO SOUTHEY .....	94
<b>CAPÍTULO 2: REVIVER OU REUNIR O PASSADO?: UMA REAVALIAÇÃO DA PROPOSTA HISTORIOGRÁFICA DE ROBERT SOUTHEY</b> .....	103
REVIVER O PASSADO? SOUTHEY, MACAULAY E OS HORIZONTES DA HISTORIOGRAFIA BRITÂNICA NA DÉCADA DE 1820 .....	108
“O ESTILO DA ANTIGUIDADE”: OS BRITÂNICOS OITOCENTISTAS E SUAS LEITURAS DA <i>HISTORY OF BRAZIL</i> .....	123
REUNIR O PASSADO? A PESQUISA HISTÓRICA COMO FUNDAMENTO DA <i>HISTORY OF BRAZIL</i> .....	149
<b>CAPÍTULO 3: ENTRE SELVAGENS E SUPERSTICIOSOS: A TEORIA DOS ESTÁGIOS CIVILIZACIONAIS COMO CONTEXTO DA <i>HISTORY OF BRAZIL</i></b> .....	162
A TEORIA DOS ESTÁGIOS CIVILIZACIONAIS E A <i>HISTORY OF AMERICA</i> DE WILLIAM ROBERTSON .....	170
O REFINAMENTO DAS PAIXÕES DO SELVAGEM .....	191
ALIMENTANDO A CIVILIZAÇÃO: SELVAGENS E ESTANCIEIROS.....	202
OS JESUÍTAS NO BRASIL: OS PROBLEMAS DO CATOLICISMO .....	215
<b>CAPÍTULO 4: A DEGENERAÇÃO E A CRIAÇÃO DE NOVAS RAÇAS E NOVAS DOENÇAS: A MISTURA DE RAÇAS E O CLIMA TROPICAL</b> .....	227
CLIMA E ACLIMATAÇÃO: A LINGUAGEM DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA-CLIMÁTICA NA <i>HISTORY OF BRAZIL</i> .....	240

A COLONIZAÇÃO: A MISTURA DAS RAÇAS NA <i>HISTORY OF BRAZIL</i> E A FORMAÇÃO DO PAULISTA .....	252
EPÍLOGO: A HISTÓRIA DA <i>HISTORY OF BRAZIL</i> ENTRE OS INTELLECTUAIS OITOCENTISTAS BRASILEIROS .....	265
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	272
FONTES .....	272
BIBLIOGRAFIA.....	276
APÊNDICE I: <b>OBRAS DE ROBERT SOUTHEY</b> .....	293
APÊNDICE II: <b>PUBLICAÇÕES DE ROBERT SOUTHEY EM PERIÓDICOS</b> .....	296



## INTRODUÇÃO

Não se pode buscar maior coerência em opiniões subjetivas do indivíduo a não ser que coincidam eventualmente, com pressões e forças históricas globais, inerentes à estrutura do mundo em que vive (DIAS, 1974: 176).

É muito tentador e, de certa forma, comum, a associação de Robert Southey (1774-1843) com o Romantismo. A meu ver, o grande problema nessas abordagens é que o Romantismo não é definido tendo como base a prosa e a poesia de Southey, mas Southey é definido tendo como horizonte o cânone flutuante do Romantismo. Assim, por mais que seja possível encontrar elementos ditos românticos em suas obras, aspectos fundamentais acabam se perdendo na eterna busca por enquadrá-las dentro de uma suposta corrente literária dominante. Em sintonia com esse tipo de abordagem, seria evidente que sua *History of Brazil* refletisse algumas das grandes questões eleitas pela historiografia como típicas do Oitocentos, como é o caso da fronteira entre história e literatura. Esta tese buscou evitar ambos os caminhos ao pensar o trabalho final do historiador, neste caso, a *History of Brazil*, como um quebra-cabeça, montado a partir do encaixe de várias peças diferentes (PHILLIPS, 1996: 299). Essas peças atendem, nesta tese, pelo nome de antiquariato, medievalismo, teoria dos estágios civilizacionais, história dos costumes, das maneiras e das formas de adaptação e saúde do corpo, entre tantas outras. Southey escreveu a primeira história filosófica do Brasil, empregando de forma inédita as teorias civilizacionais escocesas na escrita dessa história, entendida enquanto macronarrativa autônoma à história de Portugal (ARAÚJO; PIMENTA, 2008: 89). Objetivo demonstrar, ao longo do texto, que o foco principal da *History of Brazil* estava voltado para o mapeamento da vida selvagem e dos estágios civilizacionais da sociedade brasileira, para a importância da Companhia de Jesus na civilização dos nativos e para o processo de colonização enquanto aclimatação, mistura racial e dominação da natureza.

Deixo claro, de imediato, que tive como preocupação não restringir os argumentos de Southey aos contidos na *History of Brazil*. Existiam diversos contextos, entendidos enquanto camadas discursivas, em que os escritos de Southey se inseriam e respondiam e a circunscrição da análise estritamente à *History of Brazil* poderia gerar distorções e mesmo perdas de elementos importantes desse cenário. Acredito que sua

vasta e eclética produção literária merece ser lida como um conjunto de interconexão discursiva, pois todas fazem parte de um mesmo horizonte de interesse em que o resgate das virtudes nascidas em um passado mítico ibérico era tido como urgente, inclusive para servir de contraexemplo ao presente em que Southey vivia. Os trabalhos que produziu, em especial após 1801, sobre temas portugueses foram pensados em um processo interativo em que informações, fontes, ideias e perspectivas alimentaram suas histórias, seus poemas e seus ensaios (PINTO, 2007: 70). Não apenas os escritos visivelmente relacionados ao Império português merecem atenção. A princípio, obras como o poema épico *Madoc* (1805) poderiam dizer pouco sobre a história brasileira, mas se pensamos que esse é a história lendária da descoberta da América, que aborda diretamente a colonização, a importância de uma ética colonial, que, ao fim e ao cabo, é extremamente difícil de ser mantida (HEINOWITZ, 2010), percebe-se que ambas estão inseridas dentro de um mesmo contexto discursivo. Ideias milenaristas, muito presentes na década de 1790, conferiram um fascínio adicional às noções míticas dos galeses como primeiros colonizadores da América e um empenho ainda maior na busca desses “indígenas” (FITZPATRICK, 2009: 303). Proponho, portanto, que existia um universo de interesses que une a diversidade da obra de Southey, universo esse que pode estar mais longe ou mais perto dos articulados na escrita da *History of Brazil*.

Nesse sentido, está disponível no “Apêndice I” a lista das obras de Southey para que o leitor desta tese não familiarizado com a vastidão de sua escrita possa visualizar de forma mais sistemática esse universo discursivo que se manifestava em tão variados gêneros de escrita. Com o mesmo intuito foi realizado o “Apêndice II”, no qual apresento a listagem das contribuições em prosa publicadas em periódicos por Southey. Não realizei uma nova pesquisa sobre isso, mas apresento a sistematização de informações que antes se encontravam dispersadas em vários artigos ou livros. Seria aconselhável que os apêndices sejam observados antes da leitura das outras partes da tese. Assim, o principal objetivo desta tese foi resgatar contextos discursivos que permearam a *History of Brazil* no intuito de, por um lado, situá-la em um horizonte de debates e problemas em que se articulava e respondia diretamente e, por outro, evitar a ligação de ideias ou questões a contextos canônicos, mas inapropriados para a análise desta obra. Nesse sentido, a História do Discurso Político, principalmente nas asserções de John Pocock, foi de extrema relevância na formação do arcabouço teórico desta tese.

Não pretendi escrever uma história das influências, mas basear a minha argumentação em uma compreensão de Southey como um participante efetivo de um debate historiográfico, expressando-se e respondendo a um contexto linguístico. Nesse sentido, a linguagem historiográfica é entendida enquanto um tema de discussão prescrito para o discurso histórico na medida em que foi objeto de debate e sofreu constantes adaptações e traduções ao longo da história. A História do Discurso Político busca entender a linguagem como necessariamente histórica no sentido de que ela surge e se modifica tendo em vista os interesses e experiências de um determinado tempo. A linguagem historiográfica não é algo imóvel que passa através da influência para lugares distintos de forma acrítica e idêntica a que foi pela primeira vez formulada, mas um vocabulário linguístico que sofre constantes mudanças, reapropriações e resignificações a partir do momento em que é estabelecido publicamente (POCOCK, 2003a: 24). A utilização do adjetivo historiográfico para essa linguagem visa apenas destacar a minha preocupação central, mas é claro, para mim, que essas linguagens não se restringem a determinada esfera ou disciplina.

Para ser possível identificar as linguagens em funcionamento é necessário um trabalho de reconstituição dos *contextos linguísticos* do autor em análise na medida em que isso ajuda na recuperação do ato linguístico e minimiza o surgimento de uma interpretação anacrônica do que estava sendo dito: “se escrever é ‘fazer coisas com palavras’, o objetivo central do historiador é revelar o que um determinado autor ‘estava fazendo’ ao escrever o que escreveu” (DUNN *apud* SILVA, 2010: 303). O que não significa dizer que há nessa proposta metodológica uma tentativa de reconstrução psicológica das intenções dos autores, o que existe é uma valorização da dimensão da ação linguística enquanto ação por meio de palavras e orações (SKINNER, 2007: 26-27) e que busca “situar o texto em questão no contexto de convenções linguísticas e sociais que governam o tratamento dos temas e problemas dos quais o texto se ocupa” (SILVA, 2010: 309).

Dentro da História do Discurso Político, portanto, o discurso é entendido enquanto objeto linguístico e ato performático no qual é possível identificar as diversas linguagens articuladas pelos autores. Enquanto que as linguagens são articulações feitas em um determinado contexto discursivo e estáveis o suficiente para estabelecer um vocabulário próprio. Essa linguagem é política, pois é inscrita dentro do idioma político, mas nada impede que outros idiomas gerem linguagens de outros gêneros ou mesmo

compactuem com uma mesma linguagem performatizada no campo da política, como é o caso do historiográfico. A identificação dessas linguagens é realizada através do entendimento do contexto discursivo no qual o discurso estava inscrito, a partir disso é possível entender a ação gerada pelo ato performativo. São duas as linguagens historiográficas que esta tese coloca em evidência: a do desenvolvimento do homem na Terra, discutida no “Capítulo 3 – Entre selvagens e supersticiosos: a teoria dos estágios civilizacionais como contexto da *History of Brazil*”, e a da diversidade biológica-climática, abordada no “Capítulo 4 – A degeneração e a criação de novas raças e novas doenças: a mistura de raças e o clima tropical”. Gostaria, portanto, que esta tese fosse tomada como ponto de partida para entender as linguagens historiográficas mobilizadas na *History of Brazil* para narrar a história colonial brasileira e não como um trabalho finalizado que esgotou as linguagens articuladas por Southey e seus contextos discursivos.

A linguagem do tacitismo, como uma linguagem historiográfica que se propunha investigar o que estava por trás das aparências, por exemplo, é articulada pontualmente na *History of Brazil*.<sup>1</sup> Quando, no século XVIII, a história foi reformulada como uma narrativa de contextos e ações em que a narrativa da ação cedia parte de sua centralidade para a narrativa do mistério, mistério de como as decisões eram tomadas tendo em vista as contingências aleatórias (POCOCK, 2001: 9), houve um grande destaque ao historiador latino Cornélio Tácito e a consolidação do tacitismo. Os segredos do governo (*arcana imperii*) poderiam ser parcialmente explicados devido à multiplicidade de fatores envolvidos no diagnóstico feito pelo historiador.<sup>2</sup> Nesse sentido, e não de forma surpreendente, a narrativa taciteana era muito mais valorizada, no contexto britânico, pelos historiadores de finais do século XVIII e início do XIX, enquanto modelo narrativo do que, por exemplo, a de Tucídides.<sup>3</sup> Southey também preferia a historiografia taciteana a dos demais historiadores clássicos “porque nenhum outro historiador inculca de forma tão profunda e sagrada o ódio pela tirania” e certamente “os sofrimentos dos homens bons em dias miseráveis formam a parte mais

---

<sup>1</sup> Para um panorama do tacitismo e de sua aplicação como forma de interpretação da conjuntura política, ver ARAUJO; VARELLA, 2009; MOMIGLIANO, 2004c; LUCE; WOODMAN, 1993.

<sup>2</sup> São diversos os historiadores e letrados que salientaram a retidão da narrativa taciteana, ver, por exemplo, a resenha de Macaulay sobre o *Sir Thomas More, or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society* de Southey. Cf. LORD MACAULAY, 1848.

<sup>3</sup> Ver ARAUJO; VARELLA, 2009 para a já destacada importância de Tácito e da linguagem taciteana como forma de interpretação da conjuntura política Oitocentista.

interessante e proveitosa da história humana” (SOUTHEY, 1850a: 347).<sup>4</sup> Talvez tenha ele mesmo lamentado não ter podido emular de forma plena o célebre historiador em sua *History of Brazil*, não deixando, contudo, de inserir elementos taciteanos para explicar os rumos da história colonial.<sup>5</sup>

Southey estava familiarizado tanto com a obra de Tácito, quanto com o tacitismo, ou seja, com a utilização da linguagem taciteana e dos escritos históricos do historiador latino na explicação do comportamento político e na arte de desvendar o que está sob as aparências (JARMAN, 2006: 60). Na *History of Brazil*, três elementos do tacitismo são majoritariamente articulados. O primeiro deles é o temperamento tirânico fortemente marcado pela crueldade, como era o caso de Diego Mendieta, que no “momento em que adquiriu o poder, tornou-se um *tirano*”, e Maciel, que por causa de “seu *temperamento tirânico*”, “se fez merecidamente impopular” (SOUTHEY, 1810: 346-348; 460, grifos meus).<sup>6</sup> O segundo elemento é um sistema de duplicidade caracterizado pela adulação e dissimulação. Southey diagnosticava que a “*adulação é* demasiadas vezes mais aceitável na corte que serviços reais” e acreditava que, durante as hostilidades entre o Bispo Bernardino de Cardenas e governador do Paraguai, Dom Gregório de Hinostroza, “era este o século das máximas italianas de insidiosa política, segundo as quais era o maior enganador o melhor estadista” (SOUTHEY, 1810: 465; 1862d: 103, grifos meus).<sup>7</sup> Nessa mesma época, Ruy Vaz de Sequeira foi designado Governador do Maranhão com as corretas qualidades requeridas: “*paciência, dissimulação e firmeza se exigiam do homem que em tão árduos tempos tomasse sobre si aquele cargo*” (SOUTHEY, 1862d: 268, grifos meus).<sup>8</sup> No governo de Sequeira “*dissimulação e habilidade, aplicadas a um objeto louvável lhe deram um temperamento de prudência no começo de sua administração; mas, depois de tudo,*

---

<sup>4</sup> Carta para Charles Wynn, 1805. No original: “because no other historian inculcates so deep and holy a hatred of tyranny” e certamente “the sufferings of good men in evil days form the most interesting and improving part of human history”.

<sup>5</sup> Southey, no prefácio da *History of Brazil*, mostra claramente um conhecimento e domínio da linguagem política do tacitismo.

<sup>6</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “moment he acquired power he *became a tyrant*” [...] “by his *tyrannical temper*” [...] “had made himself deservedly unpopular” (SOUTHEY, 1810: 460, grifos meus).

<sup>7</sup> Não utilizei a tradução, no que diz respeito ao primeiro trecho citado, da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “*flattery* is too often more acceptable at court than real services” [...] “an age wherein the Italian maxims of insidious policy were still prevalent, maxims upon which the greatest deceiver is the best statesman” (SOUTHEY, 1817a: 411).

<sup>8</sup> No original: “*patience, dissimulation, and firmness, were required from the man who undertook the charge at this arduous time*” (SOUTHEY, 1817a: 540, grifos meus).

percebeu-se que ele possuía *seus próprios interesses egoístas*” (SOUTHEY, 1817a: 594, grifos meus).<sup>9</sup>

O terceiro elemento é a facilidade com que os governantes tinham sua posição de comando influenciada por inferiores em moral ou hierarquia, como era o caso de Antonio de Sousa de Menezes, que “era inteiramente governado por este insolente e tirânico favorito, Francisco Telles de Menezes”. Os governos variavam de acordo com os conselheiros:

Se Felipe IV tivesse caído nas mãos de um ministro prudente, seria pela paz, pela restituição do Palatinado e pelo casamento da infanta com o príncipe inglês, que teriam terminado as tréguas de doze anos com a Holanda: ter seriam poupado muitas misérias à Europa, e a Espanha houvera tido tempo de refazer-se de suas exaustas forças. Mas Felipe e Jaime I foram bigodeados nas suas disposições pacíficas *pelos seus favoritos*, e Olivares e Buckingham são autores dos crimes e desgraças que se seguiram (SOUTHEY, 1862b: 145, grifos meus).<sup>10</sup>

Por outro lado, essa mesma influência poderia vir de inferiores na arte de governar, como as mulheres, como acontecia com Felipe V, que tinha, “nos últimos anos da sua vida sido *instrumento de ambição de sua mulher* [Isabel Farnese]” (SOUTHEY, 1817a: 581, grifos meus).<sup>11</sup> O casamento era classicamente a ocasião que permitia às mulheres exercerem influência, na grande maioria das vezes considerada nefasta, nos seus maridos. Essa situação era vista como particularmente perigosa quando o esposo era um governante de alto cargo, como os reis e imperadores. O lado pernicioso do feminino é também apresentado na *History of Portugal* através da influência de D. Leonor, que “participou ou guiou” (*participated or guided*) todos os planos de seu marido, Fernando I. Assim, Southey justifica boa parte das ações de Fernando pela influência ou falta de influência de sua esposa.

---

<sup>9</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter supressões significativas para a minha análise. No original: “*dissimulation and craft, applied to a laudable object obtained for him a character of prudence at the beginning of his administration; but it was afterwards perceived that he pursued his own selfish interests*”.

<sup>10</sup> No original: “Had Felipe IV. fallen into the hands of a wise minister, the twelve years truce with Holland would have been terminated by a peace, the Palatinate restored, the marriage of the Infanta with the English prince effected; Europe would have been saved from many years of misery, and Spain might have had time to recover its exhausted strength. But the pacific dispositions of Felipe and of James I. were counteracted by *their favourites*, and Olivares and Buckingham are the authors of the crimes and sufferings which ensued” (SOUTHEY, 1810: 438, grifos meus).

<sup>11</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “was entirely ruled by this insolent and tyrannical favourite, Francisco Telles de Menezes” [...] “during the latter years of his life [Isabel Farnese], was the mere *instrument of his wife's ambition*” (SOUTHEY, 1819: 296, grifos meus).

Em *Roderick, the Last of the Goths*, a permissividade da atuação feminina na esfera pública é exemplificada pela personagem Favila e expõe os perigos de um comportamento social inadequado, ao representá-la como uma mulher que não exerce os deveres domésticos femininos. A intervenção feminina na esfera pública exemplifica também a quebra da unidade familiar da nação na medida em que a mulher deixava os seus afazeres privados de lado em prol de um terreno definido como não feminino por natureza (BAINBRIDGE, 2003: 183-184). Em *Roderick*, os crimes que causaram a queda da nação espanhola são críticas implícitas a masculinidade nacional ao mostrar homens que realizavam trabalhos femininos e que não conseguiram exercer a verdadeira autoridade política e doméstica. Essa crise da masculinidade é representada, por um lado, pela falta de vigor marcial, e, por outro lado, pela dissolução da unidade familiar. Com a extinção da linha sucessória de Roderick, o último dos godos, a Espanha foi refundada pela figura de Pelágio, um grande líder, com personalidade heroica, guerreiro e valorizador da família e da vida doméstica (BAINBRIDGE, 2003: 188). Virtudes centrais do caráter ibérico, na perspectiva de Southey.

Se a preponderância de Isabel Farnese sobre Felipe V levou a uma política de hostilidade da Espanha em relação a Portugal, o casamento de identificação selado entre Fernando VI e de sua consorte Maria Barbara trouxe grandes benefícios ao Brasil e Portugal, com a consolidação do Tratado dos Limites de 1750. “Raras vezes ou nunca”, avaliava Southey, “considerações políticas uni[ram] em matrimônio pessoas tão talhadas uma para a outra”. Esse casamento estava destinado a trazer benefícios ao mundo, pois mesmo Maria Barbara tendo obtido por completo “a afeição e confiança do consorte, que bem poderia *tê-lo governado* com absoluto império, mas embora a superioridade da inteligência lhe desse grande *influência sobre ele*, não era esta a sua *ambição*, tendo o juízo preciso para que o exemplo da predecessora lhe servisse mais de escarmento do que de estímulo”<sup>12</sup>.

Não pretendo explorar detidamente a presença da linguagem do tacitismo, mas, com esse exemplo, salientar que existem muitas outras linguagem historiográficas em articulação para explicar o passado brasileiro. A recuperação delas depende de um conhecimento dos contextos discursivos mobilizados, de forma ampla, pela

---

<sup>12</sup> No original: “Mere state considerations have seldom, or never, united in marriage two persons so perfectly suited to each other” [...] “his affection and his confidence, that she might have *ruled him* with absolute sway; but though her superior understanding naturally gave her great *influence over him*, she had no such *ambition*, being wise enough to be warned rather than stimulated by the example of her mischievous predecessor” (SOUTHEY, 1819: 442-443, grifos meus).

historiografia. Southey, de forma nenhuma, foi um escritor marginal em sua época, contudo, isso não significa dizer que os contextos em que suas obras se inseriam permaneçam atuais no século XXI e nem que foram privilegiados enquanto objeto de estudo anteriormente. Na verdade, a historiografia britânica da virada do século XVIII e início do século XIX parece, de forma geral, ter suscitado pouco interesse nos historiadores dos séculos XX e XXI. Muito do que foi produzido nas últimas décadas sobre historiografia britânica ficou restrito aos célebres David Hume (1711-1776), William Robertson (1721-1793) e Edward Gibbon (1737-1794), que escreveram entre as décadas de 1730 e 1790, deixando-se de lado uma grande diversidade de possibilidades discursivas em jogo naquela época. Isso pode ser visto como um problema na medida em que obscurece as variedades discursivas disponíveis. Existe também uma lacuna nos estudos de história da historiografia sobre as histórias produzidas, na Grã-Bretanha, no período de 1790-1830. Houve um salto dos triúmviros setecentistas para historiadores como Thomas Carlyle (1795-1881), Thomas Babington Macaulay (1800-1859) e Henry Thomas Buckle (1821-1862). Essa construção do cânone historiográfico cria a falsa ideia de que não existiam historiadores de vulto nas décadas de 1790 e 1830. Nesse período ainda pouco estudado é que se situa a produção intelectual mais importante de Southey, inclusive a *History of Brazil*.

A última década do século XVIII e os primeiros anos do século XIX vêm classicamente sendo caracterizados como um tempo de ruptura com as ideias da Ilustração através de estudos focados na imprensa, na crítica, na poesia, no drama, e, acima de tudo, na ficção (CHANDLER, 2009: 354). Porém, as histórias não deixaram de ser escritas e muito menos houve um veto ao ofício de historiador, permanecendo inexplicável a ausência de estudos mais sistemáticos sobre a produção historiográfica do período. O livro de Mark Salber Phillips, *Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740-1820*, é certamente uma grande contribuição para o entendimento da variedade discursiva que existia no começo do século XIX, contudo, foca principalmente na investigação dos conceitos de sociedade e sentimento, duas dimensões da escrita histórica (PHILLIPS: 2000: XV). O livro aborda, com isso, aspectos importantes da historiografia, mas não os esgota e nem se pretende um panorama historiográfico mais geral e abrangente.

Os três volumes da *History of Brazil* foram publicados de forma esparsa nos anos de 1810, 1817 e 1819, em Londres, e abarcam um longo período da história



brasileira, que vai da chegada dos portugueses ao Brasil até a transferência da Corte, em 1808. O primeiro volume tem início com a viagem de descoberta da costa brasileira feita por Vicente Pinzón, em 1499, passando pelas expedições de Pedro Álvares Cabral, Amerigo Vespucci, Juan Díaz de Solís, Francisco Pizarro, Diego de Ordaz, Sebastian Cabot, Francisco de Orellana, Cabeza de Vaca, Hernando de Ribera, Domingo Martínez de Yrala e alguns outros aventureiros; são abordados, separadamente, aspectos gerais das diversas tribos indígenas; a fundação das capitanias brasileiras e de diversas cidades, incluindo as da região da atual Argentina; as diversas viagens em busca de jazidas de ouro, que avançam até o Peru; a chegada de Hans Staden ao Brasil e sua captura pelos tupinambás, suas cerimônias e o canibalismo; a vinda dos jesuítas para o Brasil; o estabelecimento dos neerlandeses no nordeste brasileiro, a vinda de Maurício de Nassau e a guerra entre neerlandeses e portugueses. O segundo volume é dedicado quase que exclusivamente a continuar a narrativa da guerra entre neerlandeses e portugueses e a expansão dos jesuítas para o Paraguai, seu sistema de conversão e civilização dos indígenas, além do estado das diferentes tribos em que lá viviam. Também é apresentada a situação da Companhia de Jesus no Maranhão e um pequeno resumo dos avanços do Brasil durante o século XVII. O terceiro e último volume aborda a descoberta das jazidas de ouro e diamante; o ataque francês ao Rio; tumultos e insurreições em Pernambuco, Minas e Bahia; os progressos dos jesuítas na parte espanhola da América do Sul; as expedições portuguesas em direção ao interior do Brasil; tumultos no Paraguai; disputas do território de Nova Colônia; expulsão dos indígenas da região das Sete Missões; expulsão dos jesuítas das colônias espanholas e portuguesas; introdução do gado europeu; as tribos equestres; a administração do Marquês de Pombal; a remoção da Família Real para o Brasil; melhorias no Brasil durante o século XVIII; e a sua situação quando da chegada da Família Real.

De forma geral, os três volumes não representam uma divisão simétrica entre eles nem no que diz respeito ao intervalo de tempo nem ao espaço utilizado para descrever as matérias abordadas. O primeiro volume abarca 141 anos em 659 páginas, indo de 1499 até 1640. O segundo volume inicia em 1641, dando continuidade ao relato sobre a guerra entre neerlandeses e portugueses, e termina em 1685, abrangendo apenas 44 anos em 718 páginas. O terceiro volume começa em 1686 e termina com a vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, compreendendo 122 anos em 898 páginas. Se tomarmos o primeiro volume como parâmetro, o segundo ficou extremamente grande

para o curto período abordado. Boa parte do segundo volume é dedicada ao desfecho da guerra com os neerlandeses e aos jesuítas, suas reduções, suas lutas contra a escravização dos indígenas e a vida do padre Antônio Vieira. Essa assimetria entre os volumes aconteceu, em grande parte, por causa do constante replanejamento que a obra sofreu na medida em que foi sendo escrita. Southey defendia-se das possíveis críticas alegando que “era totalmente impossível estimar a extensão [da obra] porque não existia nenhum trabalho anterior pelo qual eu poderia medir minha escala e ver o que estava diante de mim. Foi uma viagem a um país desconhecido” (WARTER, 1856c: 130).<sup>13</sup>

Nesta tese eu trabalhei com a primeira edição do primeiro volume da *History of Brazil*, porém houve, exclusivamente deste volume, uma segunda edição. A obra não foi exatamente um sucesso de vendas que exigisse uma reedição, a reimpressão ocorreu a partir da ideia do editor de fazer caixas com os três volumes para dar vazão às 170 cópias que restavam, em 1820, dos segundo e terceiro volumes. Longman decidiu, com isso, imprimir apenas quantidades suficientes do primeiro volume para compor as caixas. Não houve, até onde pude verificar, uma larga reedição da *History of Brazil*. Como era de se esperar, Southey pediu para fazer algumas melhoras no texto, inserindo informações retiradas de obras que até então não tinha tido a oportunidade de consultar. (WARTER, 1856c: 181; 1856d: 301).<sup>14</sup> Isso gerou um aumento do primeiro volume em cerca de 100 páginas e foi a partir dele que a única tradução para o português da obra foi feita.

Southey nunca esteve no Brasil. A *History of Brazil* foi escrita tendo como base materiais reunidos pelo seu tio, o reverendo Herbert Hill, que morou em Portugal durante muitos anos, e outros documentos que conseguiu por intermédio de diversas pessoas e pesquisas em arquivos. Por insistente convite de Hill, Southey fez sua primeira viagem a Portugal em 1795, quando teve contato mais próximo com a cultura ibérica e com a grande coleção de livros e manuscritos de seu tio. Pouco antes de sua segunda viagem a Portugal, em 1800, Southey pensava em escrever uma *History of Portugal*, utilizando de sua estadia para recolher materiais importantes.<sup>15</sup> Foi no

---

<sup>13</sup> Carta a Grosvenor C. Bedford, Keswick, 5 de maio de 1819. No original: “it was utterly impossible to estimate the extent, because there existed no previous work by which I could measure my scale, and see what lay before me. It was travelling in an undiscovered country”.

<sup>14</sup> Carta ao Reverendo Herbert Hill. Keswick, 18 de fevereiro de 1820 e Carta a Sr. Bray, Tavistock, Keswick, 8 de setembro de 1832.

<sup>15</sup> “Eu mencionei ao meu tio o desejo de escrever a História de Portugal, ele gosta da ideia, mas acha que não posso fazê-la aqui, e que isso requer muito tempo. possivelmente eu serei conduzido para Lisboa e, assim, uma objeção será removida”. No original “I had mentioned to my Uncle a wish to write the

decorrer dessa viagem que o projeto de escrever a história do Brasil começou a ser delineado (HUMPHREYS, 1978: 6).<sup>16</sup> Em 1804, revelava que estava planejando a escrita da *History of Brazil* como parte da história do Império Português, a qual seria dividida em dez ou doze volumes. O primeiro conjunto versaria sobre a parte europeia, consistindo na história de Portugal, em três volumes; o segundo conjunto seria sobre a história do Império Português na Ásia, com dois ou três volumes; o terceiro sobre a história literária da Espanha e de Portugal, em dois volumes. Somariam a essas partes uma história do Brasil, dos jesuítas no Japão, assim como uma história do monacato, todos esses três tópicos teriam um volume cada (SOUTHEY, 1855: 183).<sup>17</sup>

Contudo, apenas em finais de 1806 o projeto de escrita da história brasileira ganhou prioridade de composição em relação às outras partes da história do Império Português. A ideia inicial era publicar a *History of Brazil* por último, mas a perspectiva de remoção da Família Real e as constantes perguntas feitas sobre o Brasil em Lisboa impulsionaram Hill a por à disposição de Southey materiais inéditos que havia recolhido ao longo de quase 25 anos. Hill acreditava que Southey poderia escrever essa história, assim como o governo inglês necessitava ser notificado, provavelmente pensava que esse poderia servir de patrocinador ao trabalho de seu sobrinho. Contudo, Lorde Grenville, então primeiro-ministro do Reino Unido, não tinha interesse imediato nas informações sobre o Brasil, alegando que lhe interessava mais a outra parte da América do Sul. Os documentos que chegaram até Southey, por intermédio de seu tio, diziam respeito ao estado do interior do Brasil, mostrando todos os detalhes sobre as minas auríferas brasileiras e pondo em evidência a necessidade de colocá-las fora do alcance do poderio francês.

Assim foi iniciada a *History of Brazil*, com o intuito de publicitar a documentação sobre o interior do Brasil reunida por Herbert Hill, a ser publicada em dois volumes em quarto, com ilustrações dos hábitos locais retiradas de viajantes e um

---

History of Portugal he likes the idea, but thinks I cannot do it here, & that it requires too much time. possibly I may be driven to Lisbon & so one objection removed". Carta de Robert Southey para John May, 29 de novembro/ 1 dezembro de 1799. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Two/HTML/letterEEEd.26.458.html#back6](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Two/HTML/letterEEEd.26.458.html#back6). Acesso em 30 mar. 2014.

<sup>16</sup> Southey esteve apenas duas vezes em Portugal, seu interesse em retornar o país foi impossibilitado pelas guerras napoleônicas. Southey parece ter tentado, inclusive, uma nomeação para cônsul ou secretário da embaixada britânica em Lisboa (Cf. MACAULAY, 1947: 118).

<sup>17</sup> Carta a Thomas Southey, Keswick, 12 de setembro de 1804.

mapa.<sup>18</sup> Ao menos durante 1807, Southey pensou em intitular sua obra de *Brazil & Paraguay* porque pensava que a história do Rio da Prata e de seus afluentes estava tão entrelaçada à história do Brasil, principalmente no que dizia respeito às Reduções Guaranis, que deveriam ser narradas conjuntamente para evitar interrupções explicativas de assuntos que não haviam sido expressos. Como acabou preponderando o título *History of Brazil*, inseriu um Prefácio justificando a presença de material que, à primeira vista, poderia parecer incongruente ao leitor.<sup>19</sup> Southey parece nunca ter cogitado, contudo, em escrever algo que não fosse uma História – afinal, poderia ter escrito um Relato (*Account*) ou qualquer outro gênero histórico –, mas optou pela “narrativa desses eventos que afetam o governo de um país ou a sua relação com outros estados” (SOUTHEY, 1807: 254).<sup>20</sup>

Pouco tempo depois, em 1810, quando a primeira parte da *History of Brazil* estava sendo impressa, Southey ainda enxergava esse livro como integrante de um todo mais grandioso e, de fato, parece sempre ter tido esse projeto em mente.<sup>21</sup> Depois de terminar essa obra, Southey seguiria à escrita da história de Portugal, do Império Português na Ásia e de um volume suplementar sobre as possessões africanas. Por fim, ainda almejava escrever uma história das ordens monásticas. Nesse momento uma parte do projeto é reconfigurada novamente, apesar de Southey ainda manter o desejo de escrever a história do Império Português. É digno de nota que em ambos os projetos

---

<sup>18</sup> Carta a Charles Watkin Williams Wynn, 15 de dezembro de 1806. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1243.html#2](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1243.html#2); carta a Charles Danvers, 28 de dezembro de 1806. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1250.html#back2](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1250.html#back2); carta a John May, 29 de dezembro de 1806. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1252.html#3](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1252.html#3); carta a Mary Barker, 4 de fevereiro de 1807. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1273.html](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1273.html). Acessos em: 31 mar. 2014.

<sup>19</sup> Carta a Thomas Southey, 25 de fevereiro de 1807. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1280.html#4](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1280.html#4); carta a John Rickman, 3 de março de 1807. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1281.html#13](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1281.html#13); carta a William Taylor, 13 de abril de 1807. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1307.html#back15](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1307.html#back15); carta a John Rickman, 9 de maio de 1807. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1319.html#back9](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1319.html#back9); carta a Herbert Hill, 31 de agosto de 1809. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1673.html#back9](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1673.html#back9). Acessos em: 31 mar. 2014.

<sup>20</sup> No original: “narrative of those events which affect the government of a country, or its relation with other states”.

<sup>21</sup> Joaquim de Sousa Leão informa que, em 1804, Southey já tinha escrito três volumes *in quarto*, de 500 páginas cada um, da *History of Portugal* e que, em 1805, dava essa obra como praticamente terminada (LEÃO, 1943: 16).

existiu a intenção de dedicar pelo menos um volume para a questão da religião católica e de suas ordens. Southey não realizou essa empreitada, acabou por escrever uma elegia a religião anglicana, publicada em 1824, sob o título *The Book of the Church*. Por outro lado, em seu *Sir Thomas More, or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (1829) e *Essays, Moral and Political* (1832) fez diversas referências à corrupção e fanatismo da Igreja e religião católicas. O plano de escrever a história do Império Português não foi realizado por Southey que, após o término da *History of Brazil*, parece não ter tido tempo suficiente entre as diversas ocupações literárias para finalizar o que seria o grande projeto de sua vida.

Southey nasceu na cidade de Bristol, Inglaterra, no ano de 1774 e veio a falecer em 1843, em Keswick, acometido por Alzheimer ou algum outro tipo de doença mental degenerativa. Devido às características de sua doença, sua carreira de escritor terminou de forma abrupta antes de sua morte, não sendo possível encontrar nenhum material escrito por seu próprio punho após o dia 6 de setembro de 1839 (SPECK, 2006: 251). Ao longo da vida, Southey teve os mais vastos interesses literários, escreveu diversas obras poéticas e duas histórias – ademais a incompleta *History of Portugal* – além de numerosos ensaios e obras de outros gêneros.<sup>22</sup> Começou na vida literária como poeta, mas no decorrer das décadas de 1800 e 1810 sentia-se menos engajado com a poesia, encarando-a mais como *hobby* pessoal do que vocação pública. Costumava dizer que era um poeta por natureza, um historiador por escolha e um escritor do mundo político por um acidente da vida (STOREY, 2006: 91). De fato, depois de muitas investidas na esfera poética, Southey acabou por abandonar esse gênero quase que por completo em prol do histórico e da prosa. Apesar da perda de centralidade em seus projetos editoriais, nunca deixou de escrever poesia, também por causa de sua nomeação como Poeta Laureado, em 1813, que tinha como função escrever poemas em ocasiões especiais. Southey talvez tivesse preferido o posto de Historiador Real ao de Poeta Laureado (SPECK, 2006: 123). Com a morte do Historiador Real Louis Dutens, em 1812, Southey tentou obter a colocação, mas James Stanier Clarke acabou sendo escolhido pelo Príncipe Regente para o cargo (SPECK, 2006: 149; KNIGHT, 1887: 166).<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Emprega-se o termo ensaio de uma forma bastante livre para indicar as resenhas expandidas escritas por Southey para alguns periódicos ingleses.

<sup>23</sup> Southey deve ter escrito, com alguma alegria, a crítica à obra de Clarke, escrita em conjunto com John MacArthur, *The Life of Admiral Lord Nelson: from his Lordship's Manuscripts* (1809), publicada na *Quarterly Review* (Volume 3, Número 5, 1810), e que serviu de ponto de partida para a escrita de sua própria biografia de Nelson.

Embora essa mudança de postura em relação à poesia tenha se dado, em parte, pelas fortes apreciações recebidas pela crítica literária, o motivo mais importante deveria estar ligado ao fato de que sustentava a sua família com a venda do material que escrevia. Não parece ser verdadeira a interpretação de que “o medo de perder a criatividade e a imaginação poética era [...] a triste realidade da existência de Southey como poeta frustrado” (DIAS, 1974: 32). A opção pela descentralização da poesia talvez estivesse em outro contexto explicativo não relacionado com a suposta perda de criatividade e imaginação poética. Independentemente de a poesia ter alcançado grande destaque na sociedade oitocentista inglesa, suas obras poéticas não vendiam o suficiente para sustentar a sua família por tratarem-se, mormente, de poemas longuíssimos que requeriam muito tempo e estudo para serem compostos. Não obstante ter recebido a considerável soma de £115 pela escrita do poema épico *Thalaba, the Destroyer* (1801), em torno de £7.000 hoje em dia, Southey teve sua renda bastante abalada pela decisão de não vender os seus direitos autorais. Iniciou essa prática com *Madoc* (1805), que, pela sua luxuosa primeira edição e desfavorável recepção da crítica, não deslanchou nas vendas e Southey acabou recebendo apenas £25 pela venda dos exemplares, algo como £1.600 atualmente (CRAIG, 2006: 102).<sup>24</sup> Por outro lado, Southey era muito bem pago para escrever resenhas-ensaios para o periódico *Quarterly Review*. Em 1809, quando o periódico foi fundado, recebia, como os demais contribuintes, £10.10 xelins por folha, sendo que uma folha correspondia a 16 páginas, mas em 1818 seu honorário aumentou para £100 por ensaio escrito, por volta de £5.800 atualmente (CUTMORE, 2008: 63; 2007: 11).<sup>25</sup> Esse valor, como o próprio Southey salientou, era muito superior ao arrecadado com a venda de toda a *History of Brazil* (CRAIG, 2006: 103).

A instabilidade do mercado editorial também foi parcialmente suprimida por algumas pensões. A primeira delas foi concedida pelo seu amigo Charles Wynn, no valor de £160 anuais, como ajuda de custo para Southey formar-se em advocacia, montante que, em 1807, foi substituído por uma pensão do governo de £200 anuais

---

<sup>24</sup> Em 1808, Southey afirmava: “My lea way has been occasioned by the system of not selling copyrights, & the total failure of any produce from Madoc – which has as yet brought me only 25£”. Carta a Henry Herbert Southey, 3 de janeiro de 1808. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1411.html](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1411.html). Acesso em: 18 fev. 2015.

<sup>25</sup> Os cálculos apresentados foram feitos utilizando o conversor de moedas disponível em: <http://www.measuringworth.com/>. Southey, aparentemente, era a única pessoa a receber £100 por ensaio (CUTMORE, 2008: 188).

(SPECK, 2006: 119). O cargo de Poeta Laureado também rendeu-lhe uma pensão considerável da Coroa, mas a independência financeira em relação à escrita só veio a ser concretizada em 1835, quando Southey recebeu uma nova pensão de £300 anuais do primeiro ministro Robert Peel (SPECK, 2006: 230).

De forma geral, suas obras poéticas não eram um fenômeno de venda tal como, por exemplo, eram as de Walter Scott (1771-1832), que em seu segundo longo poema, *The Lay of the Last Minstrel* (1805), teve, entre 1805 e 1811, tiragem acima de 21.300 cópias, mas obtinham certo relevo entre os leitores oitocentistas (ST CLAIR, 2007: 633). Entre os poemas longos de Southey, as diversas edições de *Roderick, the Last of the Goths* (1814) alcançaram a excelente marca de 7.000 cópias vendidas, seguido de *Madoc* (1805), com 4.750 cópias, *The Curse of Kehama* (1810), com 3.750 cópias, *Thalaba, the Destroyer* (1801), com 3.500 cópias e *Joan of Arc* (1798), com 3.000 cópias. As suas obras históricas, com temas muito específicos, tiveram uma tiragem consideravelmente menor. A edição de lançamento do primeiro volume da *History of the Peninsular War* (1823) contou com 1.250 cópias, sendo que para a segunda edição foram impressas apenas 300 cópias e 500 cópias para a terceira. O segundo volume da *History of the Peninsular War* (1827) teve, em sua primeira edição, a tiragem de 1.750 cópias. Contudo, a *History of Brazil* (1810-1819) contou com uma baixa tiragem de 750 cópias por volume, mais as 155 cópias do primeiro e segundo volume feitas para formarem caixas com os exemplares restantes da venda do terceiro volume. Por outro lado, a aclamada biografia *Life of Nelson* (1813) foi seu grande sucesso de venda, em seu ano de lançamento vendeu 3.500 cópias e contou, posteriormente, com dezenas de reedições (ST CLAIR, 2007: 218, 555, 557).

Deve-se levar em conta que alguns fracassos editoriais foram facilitados pelo alto custo de venda de alguns livros. Joseph Cottle, ao editar *Joan of Arc*, vangloriava-se de haver comprado novo caractere e papel de excelente qualidade no intuito de produzir o “livro mais bonito que Bristol tinha visto” (PRATT, 2010: 204).<sup>26</sup> Se Cottle realmente produziu o livro mais bonito visto até então não se sabe, mas com esse projeto certamente contribuiu para o encarecimento da edição e dificultou a venda do poema épico. Normalmente as obras poéticas de maior fôlego de Southey eram primeiramente impressas em quarto e depois em duodécimo. A primeira edição de *Roderick* (1814), por exemplo, custava 42 xelins, algo como £120 atualmente, com tiragem de 500

---

<sup>26</sup> No original: “handsomest book that Bristol had ever yet sent forth”.

cópias, enquanto que a segunda edição em duodécimo saía pelo valor de 16 xelins, aproximadamente £48, e teve como vendagem a marca de 1.500 cópias. A *History of the Peninsular War* e a *History of Brazil* não parecem ter seguido essa tendência editorial.

Contudo, o deslanche de alguns projetos não se dava somente pelo custo elevado da compra, mas, às vezes, por puro desinteresse dos leitores, como parece ter sido o caso dos poemas que Southey escreveu enquanto Poeta Laureado. Mesmo custando o módico investimento de 5 xelins, por volta de £17 atualmente, o poema *Carmen Triumphale* (1814) teve apenas 500 compradores (ST CLAIR, 2007: 653-654).

Em suma, a poesia, e mesmo a história, eram atividades para as quais Southey devotava muito prazer, mas que rendiam pouco lucro e muito trabalho e, conseqüentemente, as resenhas-ensaios publicados em periódicos acabaram ganhando maior destaque na sua rotina de escrita (HOLLAND; EVERETT, 1855: 332-335). Além disso, é importante ter em mente a impossibilidade de lançar uma publicação rentável com uma constância quase que anual, principalmente por causa do trabalho de pesquisa que envolvia. A história, contudo, tinha uma vantagem em relação à poesia, pensava Southey, esperava firmemente que os livros de história que havia escrito pudessem sobreviver a ele: tenho “uma convicção em minha própria mente que, em última instância, terei um lugar mais alto entre os historiadores (se eu viver para completar o que comecei) do que entre os poetas” (CRAIG, 2006: 103-104).<sup>27</sup>

#### **NÃO APENAS HISTORIADOR OU POETA: SOUTHEY E OS PERIÓDICOS INGLESES**

A importância dos diversos ensaios publicados por Southey em periódicos não reside somente no retorno financeiro que traziam, mas, sobretudo, pela centralidade que tinham enquanto espaço de discussão dos temas em pauta na sociedade em que viveu. O mercado editorial britânico se desenvolveu de forma bastante peculiar quando comparado a outros grandes centros de circulação cultural. Tanto na França quanto na Alemanha, os periódicos tiveram uma relevância menor no debate intelectual, sendo sobrepujados pelas instituições de ensino. A centralidade que tiveram na vida cultural oitocentista britânica pode, por exemplo, ser comparada a obtida pelas academias na França e pelas universidades na Alemanha (BUTLER, 2010: 130).

---

<sup>27</sup> No original: “a conviction in my own mind that I shall ultimately hold a higher place among historians (if I live to complete what is begun) than among poets”.



Em finais do século XVIII, com a inserção regular de resenhas de livros em seus números, houve uma mudança significativa no perfil dos periódicos britânicos. Assim, a partir de 1765 os números do *Gentleman Magazine* estampavam listas de novidades literárias com pequenas resenhas resumos de alguns livros selecionados. Os primeiros textos publicados eram empreendimentos notadamente comerciais, encomendados por livreiros, editores ou distribuidores de livros. O público alvo dessas resenhas era o leitor não habitual, que, ao ter contato com um resumo das obras recentemente publicadas, poderia ficar instigado a lê-las em uma biblioteca pública ou mesmo adquiri-las (BUTLER, 2010: 129-130). As tiragens iniciais desses novos empreendimentos era consideravelmente modesta se comparadas as somas astronômicas, para a época, dos seus sucessores *Edinburgh* e *Quarterly Review*. O *Monthly Review*, por exemplo, começou, em 1749, com uma tiragem de 1.000 exemplares, que mais que triplicaram por volta de 1776. Em 1797, já sobrepunha-se, com 5.000 exemplares vendidos, frente aos seus três rivais principais: *Critical Review* e *The British Critic*, com 3.500 exemplares cada, e o *Analytical Review*, com 1.500 (BUTLER, 2010: 132).

No início do século XIX, as resenhas ganharam maior destaque dentro dos periódicos ao passarem de notícias de publicação para ensaios razoavelmente extensos que objetivavam ser mais do que uma nota de lançamento. Inaugurando essa nova linha editorial, Sydney Smith (1771-1845), Henry Brougham (1778-1868), Francis Horner (1778-1817) e Francis Jeffrey (1773-1850) lançaram o primeiro número do *Edinburgh Review* em 10 de outubro de 1802. Nele os leitores encontraram 29 resenhas sobre economia, política, ciência e literatura, que oscilavam entre resenhas baseadas no assunto do livro, uma espécie de dissertação, e resenhas estritamente críticas.<sup>28</sup> O *Edinburgh* visava distinguir-se dentro do mercado editorial pela qualidade e extensão das resenhas publicadas e, para tanto, buscou remunerar os resenhistas acima do valor pago pelos demais periódicos. Outro ponto central em sua política editorial foi a independência em relação aos livreiros, o que garantia aos editores certa liberdade na escolha das obras que ganhariam destaque nas edições (HAYDEN, 1969: 9-11).

O alinhamento do *Edinburgh* com o partido *Whig*, apesar de bastante difundido dentro da historiografia, simplifica seu projeto editorial ao reduzi-lo a mero instrumento de um grupo político (CUTMORE, 2008: 5). Pode-se afirmar que, ao menos até 1808, a

---

<sup>28</sup> Para um panorama das principais funções e áreas de atuação dos fundadores do *Edinburgh Review*, ver HAYDEN, 1969: 13-17.

política editorial era evitar abordagens que privilegiassem qualquer partido, fosse esse *Tory* ou *Whig*, passando a imagem de um periódico de sentimentos liberais. Esse cenário sofreu algumas alterações em 1808, com a filiação de Brougham, responsável pela maior parte das resenhas publicadas em relação a assuntos políticos, ao partido *Whig*.<sup>29</sup> Apesar disso, o *Edinburgh* nunca se tornou um periódico estritamente *Whig* e essa associação é atualmente vista como reflexo de uma identificação errada do partido *Whig* com o liberalismo, quando, na verdade, o liberalismo existia em ambos os lados. Assim como os *Tories* não eram meramente revolucionários, os *Whigs* também, de forma alguma, eram os únicos a lutar por reformas sociais e políticas (HAYDEN, 1969: 20-21).

A proeminência do *Edinburgh* impeliu o editor John Murray a escrever, em setembro de 1807, a George Canning (1770-1827), então secretário de estado dos negócios estrangeiros, propondo a criação de um periódico rival (HAYDEN, 1969: 22). Pouco tempo antes, uma ideia similar havia chegado a Canning por intermédio do seu sobrinho, Stratford Canning (1786-1880), e seus amigos Henry Gally Knight (1786-1846) e Richard Wellesley (1787-1831). Canning simpatizava com o projeto e chamou William Gifford (1756-1826) para juntar-se a ele. Esses dois projetos acabaram resultando no *Quarterly Review*, publicado por John Murray (1778-1843) e editado por Gifford, sob a supervisão de George Canning. A proposta inicial, portanto, do *Quarterly Review* surgiu como um projeto conservador em defesa do *status quo* social, cultural e constitucional (CUTMORE, 2008: 7-9).

Walter Scott foi igualmente importante para a viabilização do *Quarterly* e para a participação de Southey nesse projeto, pois foi por intermédio dele que Southey começou a escrever para o periódico. Em 1808, considerava seriamente romper o elo com a editora Archibald Constable & Co. devido à excessiva agressividade política de um dos seus grandes sucessos editoriais e para o qual escrevia com regularidade, o *Edinburgh Review*. Scott julgava que Jeffrey incitava os resenhistas a escreverem artigos a favor de Napoleão e contra a política bélica britânica como forma de incentivar o descontentamento popular. Por outro lado, Scott pensava que por causa de razões políticas o seu projeto de publicação de uma miscelânea antiquária chamada *Rhadamanthus* ou *British Librarian* havia tido pouca receptividade por Constable (1774-1827) (CUTMORE, 2008: 12-13).

---

<sup>29</sup> Grande alarde causou a sua resenha de Don Pedro Cevallos, ver CUTMORE: 2008.

O *Quarterly Review* originou-se, assim, de uma teia de eventos que envolviam Scott, Murray, Gifford e os Canning e da certeza que partilhavam em relação aos malefícios que o *Edinburgh Review* causava na sociedade britânica do ponto de vista político, religioso e moral (CUTMORE, 2008: 18-19). O primeiro número do *Quarterly* foi publicado em fevereiro de 1809. A organização do seu conteúdo era bastante parecida com o do *Edinburgh*, ou seja, em suas primeiras edições continha até 20 resenhas, que, com o passar do tempo, foram reduzidas para cerca de 12, e igualmente evitava a publicação de cartas ou outras contribuições informais e voluntárias. Diferenciava-se do *Edinburgh* no maior destaque dado aos temas literários, sendo que, pelo menos, um terço dos artigos publicados no *Quarterly* era sobre livros literários – embora uma parte deles apenas discutisse reedições de clássicos em latim ou grego (BUTLER, 2010: 144). Apesar de ambos os periódicos manterem certo grau de independência política em relação aos partidos, ao que tudo indica, o *Quarterly* era mais engajado com as causas *Tories* que o *Edinburgh* com as causas *Whigs* (HAYDEN, 1969: 28).

Com o fim das guerras napoleônicas, em 1815, o *Quarterly* desenvolveu uma política literária mais ativa e uma ampla campanha com ótima aceitação em nome de valores conservadores, que durou até 1822 (BUTLER, 2010: 145). Nessa mesma época, o periódico expandiu sua recepção, alcançando com o número 36, lançado em 1818. Foram 13 mil cópias vendidas, um recorde de venda (CUTMORE, 2008: 73). O aumento da vendagem era um reflexo do reconhecimento do *Quarterly* como uma voz legítima em prol de uma nação britânica estável e independente, além de catalizador da crescente agitação radical que pedia por reformas. O periódico trazia sempre artigos de grande interesse do público, que abordavam as campanhas do Duque de Wellington, o exílio de Napoleão, os mármore de Elgin, a situação no interior da Inglaterra, emigração, a América e explorações ao redor do mundo, incluindo viagens ao Ártico (CUTMORE, 2008: 71-72).

Nas primeiras décadas do século XIX, o *Edinburgh Review*<sup>30</sup> e o *Quarterly Review*<sup>31</sup> eram os periódicos mais importantes, existindo, ao menos, mais outros setenta

---

<sup>30</sup> Para uma descrição detalhada do foco do *Edinburgh Review*, ou seja, que tipo de livros e em que assunto resenhava, ver BUTLER, 2010: 138-140. Hayden traça uma breve história da fundação do *Edinburgh Review* (HAYDEN, 1969: 8-9). É interessante notar, se bem que talvez não seja relevante, que alguns anos antes, em 1756, William Robertson, Hugh Blair, Adam Smith, entre outros, colaboraram em outro *Edinburgh Review*, que tinha como objetivo abordar livros publicados na Escócia e, de forma mais abrangente, promover padrões mais elevados dentro da cultura e literatura escocesas (O'BRIEN, 2005: 95).

periódicos entre 1802 e 1824, que contavam com resenhas de obras literárias em suas edições (ST CLAIR, 2007: 573; HAYDEN, 1969: 1). Entre 1812 e 1814, as vendas de ambos superaram 12 mil cópias anuais, com o *Quarterly* um pouco à frente (BUTLER, 2010: 144).<sup>32</sup> Southey era um dos escritores com maior destaque no *Quarterly*, seguido por jovens anglicanos, vários deles clérigos, como Reginald Heber, H. H. Milman, Richard Whately, e sobrinho de Coleridge, o advogado J. T. Coleridge (BUTLER, 2010: 146). Entre os anos de 1809 e 1824, Southey, John Wilson Croker e John Barrow foram os ancoras do periódico, sendo responsáveis por mais de 40% dos artigos publicados (CUTMORE, 2008: 67).

Devido ao seu papel central na esfera político-literário britânica e sua alta vendagem, o *Quarterly* era indiscutivelmente um excelente meio para Southey difundir suas opiniões sobre os mais diversos assuntos. Southey escrevia, majoritariamente, artigos sobre história, viagens, biografia, religião e problemas sociais (HAYDEN, 1969: 32). Entre esses, foram apontados como os mais bem recebidos pelo público o “Periodical Accounts, relative to the Baptist Missionary Society, &c” (1809), “Lives of Nelson” (1810), “Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions” (1811), “On the state of the poor” (1812), “Life of Wellington” (1815) e “Rise and Progress of Popular Disaffection” (1817) (CUTMORE, 2008: 65-66; SPECK, 2007: 169). Alguns dos artigos publicados por Southey no *Quarterly Review*, devido a excelente recepção, posteriormente viraram livros, como o *Life of Nelson* (1813), *Essays, Moral and Political* (1832) – coletânea em dois volumes que incluía os ensaios “On the State of the Poor, the Principles of Mr. Malthus’s Essay on Population, and the Manufacturing System” (1812), “The Poor” (1816), “Parliamentary Reform” (1816) – e *The Origin Nature & Object of the New System of Education* (1812) (PRATT, 2007: 152-153, 246).

A centralidade que o *Quarterly* ocupa dentro da vastidão dos escritos produzidos por Southey é indiscutível, mas é importante frisar que este não foi o único periódico para o qual Southey contribuiu, apesar de ter sido o que ficou por mais tempo como colaborador.<sup>33</sup> Southey também escreveu para o *Monthly Magazine*, entre 1796 e 1800, *Critical Review*, entre 1798 e 1801, *Annual Review*, entre 1808 e 1809, *Edinburgh Annual Register*, entre 1810 e 1813, *The Foreign Quarterly Review*, em 1827, e *Foreign*

---

<sup>31</sup> Para uma breve história da fundação do *Quarterly Review*, ver HAYDEN, 1969: 22-27, e para uma mais detalhada, que inclui detalhes sobre a fundação e anos iniciais do periódico, ver CUTMORE, 2008.

<sup>32</sup> É possível consultar um quadro detalhado da vendagem dos números 1 ao 60 do *Quarterly* em CUTMORE, 2008: 185-188.

<sup>33</sup> No final desta tese é possível encontrar uma lista com todos os ensaios publicados por Southey.

*Review*, entre 1828 e 1830. Dentre esses, apenas os publicados no *Monthly Magazine* foram assinados, com as iniciais T.Y, indicando que foram escritos por Robert Southey (CABRAL, 1959: 502).

Diversos estudiosos vêm destacando de forma significativa a participação de Southey no *Quarterly*, o que, de certa forma, ofusca a importância do que escreveu em outros periódicos. É perceptível que, por exemplo, no *Monthly Magazine* e no *Annual Review* Southey escrevia muito mais sobre assuntos ibéricos. Fora que os ensaios que Southey escrevia para o *Quarterly* sofriam constantes cortes e adendos, pois eram rigorosamente supervisionados por Gifford, já os que ele escrevia para os demais periódicos não eram editados. De qualquer forma, não pretendo fazer uma análise exaustiva desse material, mas trazê-lo de modo complementar para o entendimento dos horizontes discursivo e de preocupação de Southey que se articulam com a escrita da *History of Brazil*, sem esquecer que ele foi originalmente produzido em um contexto discursivo bastante diverso.

#### A FORTUNA CRÍTICA DE SOUTHEY E O ROMANTISMO

Em fins de 1800, Southey já havia publicado três coletâneas intituladas *Poems* (1795, 1797 e 1799), o livro de viagem *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* (1797) e o poema épico *Joan of Arc* (1798). Suas obras foram amplamente resenhadas pela imprensa periódica britânica, impulsionadas pelo seu radicalismo literário e político. Em 1797-1798 foi publicamente atacado pelo periódico conservador *Anti-Jacobin* e caricaturado por James Gillray com formas de um burro no condado da “Nova Moralidade” (PRATT, 2003-2004: s/d).<sup>34</sup>

Uma das caracterizações correntes de Southey dentro da historiografia mostra-o como um apostata que mudou de um radicalismo, na juventude, para um conservadorismo, na velhice. Essa afirmação foi utilizada diversas vezes contra Southey por seus contemporâneos. Essa suposta apostasia foi exposta ao ridículo com a publicação pirata do poema juvenil *Wat Tyler* (1817), escrito em 1794, um poema dramático, que abordava a grande rebelião sangrenta liderada por Wat Tyler, no século XIV, por causa do aumento de impostos, e refletia as opiniões políticas radical que Southey tinha em sua juventude. Era realmente um mistério para Southey como essa

---

<sup>34</sup> A caricatura está disponível para visualização no site: <http://pudl.princeton.edu/sheetreader.php?obj=7w62f8310>. Acesso em 15 jul. 2013.

obra havia sido impressa 23 anos depois de ser escrita, chegou a entrar na justiça para impedir a publicação, alegando que não havia vendido os direitos autorais, mas preferiu desistir da causa tendo em vista que era uma ação que envolvia perjúrio de alguma das partes. Assim, *Wat Tyler* acabou sendo publicado e vendido. Estima-se que a vendagem ficou em torno de 60 mil cópias, o que faria desse poema, ironicamente, a obra mais vendida de Southey (SPECK, 2006: 171). Diferentemente de seus adversários políticos, que buscavam enquadrá-lo como apostata, Southey enxergava a sua trajetória mais como uma mudança de opinião que eram “corretas em si mesmas e erradas apenas em sua direção”.<sup>35</sup> Acreditava que escrevia na década de 1810 com “o mesmo coração e com os mesmos desejos, mas com uma compreensão madura e estoques adequados de conhecimento”.<sup>36</sup> Para ele não existia uma passagem brusca de um radicalismo jacobino para um conservadorismo *Tory*, mas um desenvolvimento dos seus ideais de juventude (CRAIG, 2007: 3). A interpretação de que os denominados românticos eram radicais que tinham se tornado conservadores, embora mais idiossincráticos, serviu perfeitamente para justificar a suposta mudança abrupta de posição de Southey (CRAIG, 2007: 5).

O apagamento da importância de Southey no cenário político-intelectual britânico ocorreu principalmente após os vitorianos começarem a considerar o Romantismo como uma influência dominante no início do século XIX (SPECK, 2006: XVI).<sup>37</sup> Com isso, os aspectos de intervenção social de suas obras e dos escritores ditos românticos foram totalmente ignorados pela crítica do século XX e somente há poucas décadas vêm sendo recolocados como centrais na vida cultural de finais do século XVIII e início do XIX. Southey estava envolvido em diversas querelas e assuntos públicos, não sendo possível enquadrá-lo dentro da definição clássica do letrado romântico como um homem voltado para o espaço privado e introspectivo. A imaginação poética, por exemplo, ao invés de induzir o leitor a simples fuga para um mundo irreal, a seu ver, tinha um papel moralizante maior:

---

<sup>35</sup> Todas as traduções apresentadas no decorrer desta tese foram realizadas por mim, em caso contrário virá sinalizado o nome do tradutor. No original: “right in themselves, and wrong only in their direction”.

<sup>36</sup> No original: “the same heart and the same desires, but with a ripened understanding and competent stores of knowledge”.

<sup>37</sup> Para uma explicação da categoria Romantismo e dos elementos que a compõem, ver FERBER, 2010. Para uma análise detalhada de como o Romantismo foi significado e resignificado dentro da história das ideias, do *new criticism*, *old* historicismo e da importância de Freud na construção e análise do inconsciente dos românticos, ver HOGLE, 2010: 1-33.

O tipo de elogio que eu desejo que “Kehama” obtenha, e o real valor desse tipo de obra, é expresso no que [Sharon] Turner contou-me que sua esposa disse do poema quando ele a fez fechar o livro à meia-noite. “Poderia ter lido-o a noite inteira”, disse, “ela sentiu que ele *elevava as suas concepções e ocasionava um excitamento mental que a fez se sentir superior a si mesma*”. Esta é a sua utilidade; – nos tirar de nós mesmos, nos levar para o mundo das irrealidades, ocupar-nos com alguma coisa que não é imediatamente conectada com carne e sangue, *para elevar ao invés de afetar*, e nos fazer perceber nossos próprios poderes imaginativos em vez de nos referir constantemente a sentimentos comuns.

[Grosvenor] Bedford viu a resenha que [Walter] Scott escreveu sobre isso [Kehama], e, segundo o que ele disse, apesar de muito amigável, é, como a do “Cid”, muito superficial. Ele não vê nada além da história nua; o *sentimento moral* que a permeia lhe escapou. Eu não sei se Bedford será capaz de obter um parágrafo interpolado [dentro da resenha] abordando isso e mostrando que há alguma diferença entre uma *obra de alta imaginação e uma história de mero divertimento* (WARTER, 1856b: 306-307, grifos meus).<sup>38</sup>

A verdadeira poesia não buscava imbuir sentimentos outros em seus leitores, o que seria mera afetação, mas proporcionar uma agitação da mente capaz de produzir uma autorreflexão moral. Os interesses principais de Southey estavam nos debates públicos vigorosos e nas controvérsias políticas e literárias e não em uma vida privada contemplativa (PRATT, 2003-2004: s/d), pois considerava que seu principal papel como escritor era mostrar os princípios morais corretos aos seus leitores (BOLTON, 2007: 8). Nesse sentido, não partilho da caracterização dos escritos produzidos por Southey como marginais, em um “profundo isolamento social” (DIAS, 1974: 30). A interpretação de Southey como um intelectual à margem da sociedade não parece verdadeira, tendo em vista a sua grande inserção nos meios intelectuais da época.

Existia, do mesmo modo, na época vitoriana um pressuposto de que, de um lado, estariam os românticos, conservadores, idealistas e cultos, e do outro, os utilitaristas, progressistas, materialistas e incultos. A síntese da vida intelectual Oitocentista entre

---

<sup>38</sup> Carta a Thomas Southey, 5 de dezembro de 1810. Provavelmente o ano da carta em Warter está errado, consta 1812, quando o correto parece ser 1810, Cf: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEd.26.1836.html](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEd.26.1836.html). Acesso em: 1 abr. 2014. No original: “The sort of praise which I wish ‘Kehama’ to obtain, and the real value of such works, is expressed in what Turner tells me his wife said of the poem when he made her leave it off at midnight. ‘She could have read it all night’, she said, ‘she felt *it elevate her conceptions, and occasion an excitement of mind that made her feel superior to herself*’. This is their use; – to take us out of ourselves, to carry us into the world of unrealities, to busy us with some thing which is not immediately connected with flesh and blood, *to elevate rather than to affect*, and to make us perceive our own imaginative powers, instead of constantly referring us to ordinary feelings.

Bedford has seen the review which Scott has written of it, and which, from his account, though a very friendly one, is, like that of the ‘Cid’, very superficial. He sees nothing but the naked story; *the moral feeling* which pervades it has escaped him. I do not know whether Bedford will be able to get a paragraph interpolated touching upon this, and showing that there is some difference between *a work of high imagination and a story of mere amusement*”.

esses dois grandes blocos dificultou a valorização do aspecto de intervenção social como componente daquela sociedade. O Romantismo também foi uma categoria, por muitos anos, ligada apenas à poesia e, assim, os escritos em prosa dos “românticos” foram descartados como objeto de análise junto com a tradição de crítica social que continham. Apenas a partir da década de 1930 que as atenções foram voltadas para o discurso em prosa (CONNELL, 2005: 276-277). É preciso ter em mente que Southey forjava a sua identidade como um poeta e prosador orientado historicamente e politicamente e é nesse contexto que suas obras merecem ser entendidas, não como destacadas e imunes aos assuntos políticos da época (BAINBRIDGE, 2003: 82).

Uma vez que Southey não se encaixava na visão que os vitorianos tinham de um gênio romântico ocorreu a sua catalogação como poeta menor, além de ser praticamente esquecido como historiador. No processo de formação do cânone romântico, o tipo de literatura e perspectiva cultural que Southey representava foram excluídos, enquanto que poetas como William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, William Blake, John Keats, Lord Byron e Percy Shelley foram exaltados (PRATT, 2006b: XVIII). Essa reputação começou a mudar recentemente com o questionado dos parâmetros utilizados para construção e delimitação desse cânone (SPECK, 2006: XVI). A atribuição de centralidade a alguns poetas foi bastante diversa entre finais do XIX e início do XX. O “primeiro” cânone romântico era composto por Coleridge, Scott e Wordsworth, pois romântico estava atrelado à busca de inspiração na Idade Média. Contudo, posteriormente, o cânone foi redefinido com a marginalização de Byron e Scott e a rejeição do medievalismo. Segue-se o destaque de Wordsworth, que foi um pouco mais tarde substituído pelo surgimento e ascensão de Blake. Essas reconfigurações são sintomas da mudança de leitura do que seria o Romantismo. A interpretação que obteve maior durabilidade, contudo, foi a formulada na década de 1920 por Lascelles Abercrombie ao propor como a descoberta da verdadeira antítese do romantismo que, longe de ser um embate entre romantismo e classicismo, constitua-se como contraponto entre romantismo e realismo, incrustando no Romantismo uma tendência ao distanciamento da realidade (PERRY, 2001: 5-7).

Os vitorianos contribuíram de forma decisiva na construção do que veio a ser o Romantismo e na dicotomia entre estética e ciência supostamente inerente a esse movimento. Pensando sempre dicotomicamente, de um lado, existiriam homens inclinados à ciência racional, ao utilitarismo e à economia política, que, frequentemente,



eram liberais ou reivindicadores de reformas políticas. De outro, homens de inclinação romântica, apreensivos com a modernidade, hostis às tendências redutoras da ciência e aos raciocínios sem alma da economia política e, frequentemente, conservadores. Essa caracterização foi muito cara a geração posterior a de Southey e continua contribuindo para alimentar um conceito de pensamento e sensibilidade vitorianos (CONNELL, 2005: 5-8). O confronto entre imaginação e ciência econômica apesar de ser realmente mobilizado por Southey em seu livro *Sir Thomas More, or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (1829), foi amplificado posteriormente na construção de uma oposição mais fundamental entre, por um lado, literatura, estética e sentimento, e, por outro, ciência, utilidade e razão. Essas assertivas resultaram, já na década de 1820, em uma retórica influente que pregava a disjunção ideológica e de atitude entre duas culturas e que desembocou na avaliação vitoriana equivocada do Romantismo como uma cultura do sentimento (CONNELL, 2005: 11-12).

É interessante destacar, como contra exemplo da suposta cultura introspectiva romântica, o poema *Monody* (1797), composto por Coleridge sobre Thomas Chatterton, no qual enfatiza justamente o lado satírico de seus escritos, mostrando um Chatterton viril e enérgico, que escreveu sátiras furiosas ao invés de um poeta sentimental, melancólico e suicida, que supostamente seria muito mais atraente para jovens radicais tais como Coleridge e Southey (GROOM, 2006: 22). Igualmente Southey, na época em que editou os escritos de Chatterton como forma de angariar recursos para sua família, não destacou em momento algum a laconismo poético que esse autor supostamente teria.<sup>39</sup>

Ao lado da vertente de recontextualizar o Romantismo e deixá-lo mais poroso e diverso, existe outra que prefere seu abandono como instrumento efetivo de compreensão dos autores e de suas obras. O Romantismo, assim como outras grandes categorias, foi sendo esvaziado por causa da amplitude conceitual que propunha, vista como inapropriada para a análise detalhada de certos autores. Inicialmente, essa categoria foi usada por seus “fundadores” alemães para contrapor a literatura “moderna” a “clássica” e malgrado a grande repercussão que obteve no debate estético alemão, seu impacto no contexto britânico foi bastante limitado. É também digno de nota que

---

<sup>39</sup> Para uma discussão mais detalhada entre a polêmica entre Southey e Herbert Croft envolvendo a publicação da edição em benefício da irmã de Chatterton e implicações no desenvolvimento de uma identidade profissional entre os poetas, ver GOLDBERG, 2007. Para uma melhor exemplificação da argumentação em relação a um Chatterton romântico-lacônico, ver o quadro “The Death of Chatterton”: [http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Death\\_of\\_Chatterton](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Death_of_Chatterton). Acesso em: 1 abr. 2014.

nenhum escritor de início do século XIX, na Inglaterra, se autodenominou como romântico, sendo a palavra muito mais utilizada na época vitoriana (CRAIG, 2007: 5; FERBER, 2010: 7). Mesmo no final do século XIX ainda não existiam estudos que utilizassem a categoria Romantismo para explicar a obra de Southey, apesar da expressão Poetas do Lago já ter sido introduzida na análise das obras de Southey, Coleridge e Wordsworth (CRAIG, 2007: 5). No século XX, no entanto, experimentou-se um rápido crescimento de estudos sobre o Romantismo. Nesse momento, houve a aplicação do que se delimitou como Romantismo na análise da obra de Southey, assim como de Coleridge e Wordsworth, já ligados quase que de forma inseparável. Instaurou-se, assim, o paradigma do Romantismo como um movimento de pensamento social e político que abandonou seu apoio inicial à Revolução Francesa, com análises mecanicistas e racionalistas, em favor de abordagens orgânicas e históricas da sociedade (CRAIG, 2007: 5).

Como já assinalado, embora o enfoque na categoria Romantismo tenha sido extremamente influente na análise da produção literária da primeira metade do século XIX britânico, esse enfoque pode ser, na mesma medida, considerado problemático. A proposição de um pensamento romântico mostra-se enganosa principalmente porque cria a impressão de que havia um Iluminismo relativamente unificado, que foi suprimido por um Romantismo igualmente unificado (CRAIG, 2007: 4-6).<sup>40</sup> A categoria Romantismo, de fato, nos ajuda a entender a história da literatura, em um sentido bastante amplo, e a construção de seus cânones, mas não é efetiva como ferramenta analítica das obras escritas no início do século XIX. Em outras palavras, existe um objeto histórico de análise chamado Romantismo, mas apenas quando visto como elucidador da história da recepção literária (PERRY, 2001: 9). Por meio de sua análise, é possível verificar os diversos significados que teve, ao longo dos séculos, nos estudos literários e, assim, entender melhor a própria história da literatura como construção de uma identidade nacional atrelada a determinado cânone.

Outras questões também contribuíram para a fortuna posterior de sua obra. A disputa iniciada entre os filhos de Southey e sua segunda esposa, a poetisa Caroline Bowles, certamente pode ser vista como auxiliar na construção de Southey como uma

---

<sup>40</sup> David Craig cita como exemplo o trabalho de Edmund Alfred Cobban sobre Edmund Burke, de 1929, como possivelmente o trabalho mais influente que mostrava Southey, Coleridge e Wordsworth como críticos da Ilustração, e o de Crane Brinton, de 1926, que se debruçou sobre o conceito de Romantismo e marcou a noção de pensamento social e político romântico na história intelectual britânica (CRAIG, 2007: 5).

figura marginal em seu tempo. A maioria de seus filhos considerava o casamento com Bowles, celebrado em 1839, uma decisão precoce, pois não havia completado dois anos da morte de Edith Fricker, primeira esposa de Southey e mãe de seus filhos. Essa disputa familiar refletiu na qualidade das edições póstumas de seus escritos que acabaram sendo feitas de forma amadora e sem muito planejamento. O resultado final foi a publicação de obras sem um plano que buscasse valorizar e agrupar da melhor forma o material escrito por Southey ao longo de sua vida (PRATT, 2006a: 222-238).

Além disso, existiam algumas tensões entre Southey e Wordsworth que vieram à tona na época de seu falecimento. Wordsworth foi incumbido da escrita de alguns versos para serem gravados na efígie de Southey na igreja de Crosthwaite. Contudo, tais versos na medida em que ressaltaram a preocupação de Southey com assuntos da Igreja e do Estado, parecem ter relegado a um segundo plano a sua importância como poeta, não chegando a mencionar, nem sequer, o título de Poeta Laureado. Essa omissão pode ser interpretada como uma possível preocupação de Wordsworth com sua própria posteridade, pois evitaria ceder o papel de poeta preeminente entre os Poetas do Lago para Southey, sobre cuja poesia ele nutria sérias reservas de longa data (PRATT, 2006a: 221).

Desde sua criação, a alcunha Poetas do Lago, para se referir a Coleridge, Wordsworth e Southey, teve conotações de forte hostilidade, sendo largamente empregada para significar a adesão a falsos princípios poéticos e afetações de dicção. O surgimento dessa nova escola poética provavelmente foi propagado pela primeira vez por George Canning no primeiro número do *Anti-Jacobin; or Weekly Examiner*, de 20 de novembro de 1797. As primeiras associações eram feitas entre Southey e Coleridge e, apenas na década de 1800, com a segunda edição da *Lyrical Ballads*, o nome de Wordsworth juntou-se aos demais.<sup>41</sup> Em 1801 é possível verificar indícios, em uma resenha publicada no *Monthly Mirror*, que existia uma escola em que Wordsworth era o líder. Em 1802, Francis Jeffrey, ao escrever uma resenha desfavorável a *Thalaba, the Destroyer* (1801), poema épico de Southey, publicada no *Edinburgh Review*, afirmou que os três faziam parte de uma nova escola poética. A passagem do termo genérico nova escola poética para Poetas do Lago, provavelmente começou a ser feita depois da resenha de Jeffrey, de 1807, em que associou Wordsworth a um grupo que vivia nos

---

<sup>41</sup> A primeira edição do *Lyrical Ballads*, escrita por Coleridge e Wordsworth, foi publicada anonimamente.

lagos de Cumberland. A primeira vez que o termo Poetas do Lago foi empregado publicamente foi por John Taylor Coleridge, sobrinho de Coleridge, ao escrever uma resenha da segunda edição de *Remorse*, para publicação no *Quarterly Review* (COOK, 1977: 175-181).

Southey protestou veemente contra essas associações dizendo que não poderia existir “prova mais forte da falta de discernimento ou falta de sinceridade do que no agrupamento de três homens tão diferentes em estilo como Wordsworth, Coleridge e eu, em uma mesma categoria” (SPECK, 2006: 94).<sup>42</sup> E acrescentava que “é suficientemente ridículo ser, assim, ligado a Wordsworth, um homem que provavelmente despreza os meus talentos, tanto quanto os resenhistas desprezam o dele”.<sup>43</sup> O fato é que o termo foi largamente empregado – e continua sendo – para designar o trabalho dos três poetas e acabou por instaurar a premissa de que existia uma unidade intelectual entre eles (SPECK, 2006: 159). A expressão Poetas do Lago é também bastante controversa, há quem se valha do termo (CRAIG, 2007), que argumente que a denominação, apesar de ser negada por Southey, serve como indício de que seus contemporâneos enxergavam características em comum entre os três poetas (HALLER, 1966: 227-228) e os que a consideram artificial (HAYDEN, 1969: 122).

Reformulando e ampliando o entendimento do que seriam os Poetas do Lago, surgiu a tese de que não havia uma unidade restrita entre Coleridge, Wordsworth e Southey, mas um círculo literário, bem mais abrangente, centrado em Southey e Coleridge, que, além desses dois poetas, compreendia também Wordsworth, Charles Lloyd, Charles Lamb, Amos Cottle, Joseph Cottle e Robert Lovell. Eles formariam uma rede reconhecida tanto pelos seus integrantes quanto pelos seus contemporâneos imediatos, caracterizada pela prática da leitura e anotação dos manuscritos uns dos outros, pela contribuição direta aos poemas escritos, pelas dedicatórias de livros ou trabalhos individuais e pelas obras produzidas em conjunto. O estilo de escrita dos membros desse círculo seria, às vezes, tão parecido que quando a obra tinha sido escrita em parceria era difícil para o leitor identificar quem tinha escrito determinada parte. Os membros da rede Southey-Coleridge eram, portanto, linguisticamente conscientes do material que produziam e buscavam, através dessa rede, a autoafirmação de um projeto

---

<sup>42</sup> No original: “stronger proof of want of discernment or want of candour than in grouping together three man so different in style as Wordsworth, Coleridge and myself under one head”.

<sup>43</sup> No original: “it is ridiculous enough to be thus coupled with Wordsworth, a man who probably despises my talents as much as the Reviewers despise his”.

conjunto. Os primeiros usos, por exemplo, da voz passiva e do tempo progressivo de forma concomitante, incomum na poesia da época por ser considerada uma junção sintática pouco elevada, são registrados dentro do círculo Southey-Coleridge (PRATT; DENISON, 2000: 402-408).

A relação de Southey com Coleridge também não era livre de tensões. Não obstante o período em que Southey conheceu Coleridge e ambos decidiram fundar a pantisocracia ter sido extremamente valorizado pelos estudiosos de sua obra, é importante ressaltar que o envolvimento com esse projeto utópico foi bastante rápido, compreendendo os anos de 1794-1795, o início dos 20 anos de Southey. E mesmo neste período existiam muitas divergências entre Southey e Coleridge, não sendo difícil notar a diferença entre os dois poetas. Apesar de terem muito em comum em suas perspectivas perante a vida, eram, de fato, muito diferentes tanto no temperamento quanto intelectualmente (SPECK, 2006: 42).

O projeto utópico de construção de uma colônia de povoamento na mítica e intocada América do Norte foi denominado por Coleridge como pantisocracia, ou seja, um governo feito por todos. A ideia de estabelecer uma comunidade utópica em alguma região remota não civilizada era um desejo que Southey nutria mesmo antes de conhecer Coleridge, em junho de 1794. Imaginava uma ilha distante que seria isenta da injustiça econômica característica da sociedade em que vivia, onde todos pudessem participar de benesses sem distinção de classe e reinasse o vínculo comum de companheirismo entre um seleto grupo de homens virtuosos (MCKUSICK, 2000: 109).

Os principais trabalhos que sustentavam teoricamente esse projeto foram *Bounty* (1794) de Edward Christian, sobre a amotinação, e o *Account of the Pellew Islands* (1788) de George Keate (MCKUSICK, 2000: 104), além da teoria política fornecida pelos escritos de William Godwin e os conceitos psicológicos de David Hartley (SPECK, 2006: 43). A representação imaginária, presente nas duas primeiras obras, das ilhas do sul do Pacífico como lugares de exuberância mitológica e afastamento da política europeia contribuíram sensivelmente para despertar o interesse por esses novos horizontes de colonização. Southey e Coleridge olhavam essas ilhas exóticas como porto seguro para o entusiasmo revolucionário e terreno ideal para a projeção teórica da pantisocracia. Esses cenários idílicos foram transpostos para a América do Norte, local onde buscavam implementar sua colônia. A pantisocracia foi um projeto não apenas ligado às utopias, mas também ao descobrimento e à colonização do Novo Mundo e ao

interesse de desmistificação desses novos territórios constantemente vistos como paraísos na Terra. Coleridge e Southey sonharam em estabelecer uma colônia na Pensilvânia nos moldes do expansionismo europeu, intelectualmente justificada por uma ideologia de igualdade política e de liberdade religiosa, mas fundamentada em uma economia de exploração colonial (MCKUSICK, 2000: 107-108).<sup>44</sup>

Os movimentos utópicos e antiutópicos desse período baseavam-se no entendimento que a Grã-Bretanha estava passando por um processo de rápidas e profundas transformações sociais. Os valores e os costumes, naturalmente virtuosos, de uma sociedade, em grande parte, agrícola estavam sendo suplantados por maneiras mesquinhas e impessoais, dominadas pelo desejo de acúmulo de capital e difusão dos produtos de luxo. Em finais da década de 1790, as utopias perderam parte de sua força com as constantes defesas de projetos radicais e o importante tratado antiutópico de Thomas Malthus, *Essay on the Population* (1798). O abandono da pantisocracia pode ser relacionado ao abrandamento dos ideais revolucionários e radicais de Southey, contudo, algumas convicções presentes nesse projeto continuaram e levaram-o, inclusive, à polêmica com Malthus em um dos ensaios publicados no *Quarterly Review*. Southey, ao longo dos anos, manteve o discurso de desprezo à corrupção, de negação da sociedade e o elogio às virtudes da simplicidade, assim como deu continuidade ao debate em relação aos problemas dos itens de luxo e à importância de se refletir sobre a condição do pobre (CLAEYS, 2009: 88-89).

Por outro lado, um impasse central na pantisocracia estava relacionado ao recrutamento de trabalhadores braçais. Southey argumentava que não era nenhuma discriminação aliciar pessoas para isso, pois elas iriam contribuir, assim como ele, no que faziam de melhor. Não existiria, portanto, uma relação desigual entre as partes. Coleridge, porém, considerava a proposição de Southey como impraticável na medida em que a via como escravização mascarada de igualdade. A percepção de Southey sobre essas pessoas não era muito diferente da expressa, na *History of Brazil*, em relação a alguns escravos negros que viviam em grandes engenhos. Acreditava que “nestas fazendas eram os negros tratados como filhos de casa, e proporcionando-se lhes todos os gozos de que no seu estado de ignorância e degradação eram capazes” (SOUTHEY,

---

<sup>44</sup> Para um panorama das religiões e seitas na Grã-Bretanha no período entre 1776-1832, ver WEBB, 2009.

1862f: 374).<sup>45</sup> Com o projeto colonial pantisocrático, Southey e Coleridge buscavam escapar da corrupta sociedade europeia, mas acabaram por repetir preconceitos hierárquicos existentes dentro dessa comunidade imaginada (MCKUSICK, 2000: 125-127). Outro motivo de atrito foi o estatuto da mulher dentro da pantisocracia. Na opinião de Southey, somente mulheres casadas poderiam estabelecer-se na colônia utópica, muito embora tenha proposto, pouco tempo depois, a inclusão de algumas viúvas. Coleridge, contudo, não concordava que apenas casais em união sacramentada poderiam viver na nova colônia, pensava, assim como William Godwin, que o contrato matrimonial era apenas mais uma instituição social (SPECK, 2006: 47; MCKUSICK, 2000: 123-124).

A divergência sobre os deveres do matrimônio era motivo constante de insatisfação de Southey em relação ao comportamento de Coleridge com sua mulher e filhos, muitas vezes deixando-os totalmente ao cuidado dele, inclusive do ponto de vista financeiro. As convicções morais de Southey sobre a família eram bastante distintas das de Coleridge, sendo causa de atrito entre eles não apenas no projeto pantisocrático, mas ao longo da turbulenta amizade que partilharam.<sup>46</sup> Southey e Coleridge casaram com as irmãs Fricker – Edith e Sara –, em 1795, e, a partir de 1803, viveram juntos em Greta Hall, Keswick. Os Coleridge já habitavam a residência há mais ou menos três anos e calhou das famílias se juntarem, pois Sara precisava de companhia tendo em vista o vício em ópio de Coleridge e suas constantes ausências e, por outro, os Southey tinham acabado de perder um dos filhos e viviam em condições financeiras adversas (SPECK, 2006).

Por fim, destaco como elemento de contributo para a construção de um Southey marginal em sua sociedade, a opção didática feita dentro das Universidades britânicas por poemas breves e que fossem de fácil utilização no ensino da literatura inglesa. As melhores obras em verso de Southey são seguramente poemas épicos longos, de difícil entendimento rápido, e não faltavam bons curtos poemas de outros autores que estivessem mais de acordo com os propósitos do ensino (HAYDEN, 1969: 115).

É necessário deixar claro que não busco o enquadramento de Southey em qualquer outra “escola”, mas entender quais foram as linguagens mobilizadas na *History*

---

<sup>45</sup> No original: “The Negroes upon such estates were like children of the family, and enjoyed every comfort of which, in their state of ignorance and degradation, they were capable” (SOUTHEY, 1819: 744).

<sup>46</sup> Para uma análise do destaque dado por Southey às representações dos prazeres e virtudes da vida doméstica em suas poesias na década de 1790, ver SMITH, 1997.

*of Brazil* e o contexto discursivo em que se inseriam. No lugar, então, de enquadrar a *History of Brazil* no contexto romântico, mais vale recuperar alguns contextos específicos, seja da dinâmica do gênero histórico, seja das linguagens, mobilizados por Southey. Não obstante o movimento de revalorização dos escritos de Southey, em curso particularmente no cenário britânico no que concerne as suas obras poéticas, de fato é preciso observar que não existem muitos trabalhos sobre suas vastas e diversificadas obras historiográficas. Dentre todas, a *History of the Peninsular War* parece ter sido a que despertou menos interesse dos historiadores. Desconheço qualquer estudo específico sobre ela. A incompleta *History of Portugal* apenas nos últimos anos vem sendo estudada, em Portugal, por Alexandre Dias Pinto em seu doutorado na Universidade de Lisboa, sob o título *History of Portugal de Robert Southey: Edição e Estudo Genético e Historiográfico*. Saliento que todas as passagens citadas da *History of Portugal* foram retiradas da transcrição feita por Pinto dos originais que estão na Hispanic Society of America, em Nova Iorque. De forma diversa, a *History of Brazil* teve uma melhor fortuna crítica, além do célebre livro *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil*, de Maria Odila da Silva Dias, e de sua tese de mestrado “O Brasil na historiografia romântica inglesa. Um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott”, foi defendida em 2012, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Franca, a tese de Lilian Martins de Lima, *O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos*, que aborda, entre outras histórias do Brasil, a *History of Brazil* de Southey. Além desses trabalhos, André da Silva Ramos dedicou-se de forma mais abrangente a prosa de Southey na sua dissertação, defendida em 2013, na Universidade Federal de Ouro Preto, com o título *Robert Southey e a experiência da história de Portugal: conceitos, linguagens e narrativas cosmopolitas (1795-1814)*.

O “Capítulo I – Southey e os contextos que permeiam a *History of Brazil*” é, principalmente, uma introdução aos interesses de Southey, que julgo centrais, e que servem como um breve contexto para muitas questões levantadas na *History of Brazil*. Estudar a *History of Brazil* partindo de um horizonte mais amplo de interesses pode contribuir para diminuir análises descontextualizadas. Um aspecto central dessa obra e que raras vezes foi posto em discussão é o antiquariato, que teve particular importância na historiografia britânica Setecentista no que tange a composição das narrativas ilustradas. No século XVIII, as antiguidades regionais auxiliaram na descoberta dos



usos e costumes locais e passaram a ter centralidade nos estudos históricos, deixando de ser uma digressão da narrativa principal ou simples questão de curiosidade (SWEET, 2004: 26). Muito desse interesse pelos hábitos do dia-a-dia das sociedades foi incorporado pelos historiadores à narrativa dos costumes e das maneiras e também à teoria dos quatro estágios civilizacionais. Nesse mesmo horizonte se insere a valorização da erudição como componente de uma narrativa histórica apropriada. Tanto o antiquariato quanto a erudição parecem-me elementos e horizontes constituintes da historiografia – e dos escritos em geral – de Southey. Não é novidade que erudição e narrativa histórica que, antes do século XVIII caminhavam em polos opostos, tenham se fundido na historiografia britânica setecentista (MOMIGLIANO, 1954). É preciso deixar claro que não proponho uma interpretação de Southey como um antiquário – o que seria totalmente inapropriado –, mas elucidar elementos de sua narrativa que possam ajudar a produzir um entendimento sincrônico dos aspectos articulados em sua *History of Brazil*. Parece-me que a erudição e curiosidade antiquárias são alguns dos elementos importantes mobilizados por Southey ao longo dos três volumes dessa obra e que serão vastamente criticados pelos resenhistas britânicos da *History of Brazil* por contribuírem para uma narrativa minuciosa e longa da história colonial brasileira.

No decorrer do século XVIII e com o surgimento dos Estados Nações, é possível verificar um foco maior no recolhimento de vestígios sobre as histórias locais. As pesquisas antiquárias, em grande medida, estavam ligadas a um passado local normalmente situado em período pouco explorado pela historiografia até então, ou seja, o período vulgarizado como Idade Média. O interesse antiquário, assim, esteve também ligado ao gótico, enquanto estética e forma literária, e, no caso específico de Southey, à Península Ibérica. A parte deste capítulo denominada “O gótico e a Península Ibérica” indica como a época gótica da Espanha e de Portugal foi objeto de grande investigação e serviu como cenário de muitas das obras de Southey, constituindo-se como lugar privilegiado do surgimento do caráter nacional português. A seção “A Idade Média e o temperamento português” aborda justamente os elementos que Southey entendia como constituintes dessa nação e como eles foram observados ao longo da luta entre neerlandeses e portugueses, quando da invasão do nordeste brasileiro. Na parte final deste capítulo, “Pelo fim do passado feudal: Macaulay lendo Southey” busco salientar como o medievalismo de Southey, relacionado com sua admiração aos portugueses, permitiu uma crítica profunda ao modo de vida mercantilista e industrial que delineava-

se na Inglaterra que vivia. Saliento também as duras críticas feitas por Macaulay, em resenha publicada em 1830, a essa perspectiva, que acreditava estar ligada à empatia de Southey por universos exóticos e apaixonantes, e nutrida pelo seu gosto antiquário. Era impossível não relacionar os termos gótico, medieval e Península Ibérica com o catolicismo e é nessa linha que desenvolvo a argumentação na seção “A Idade Média e o catolicismo”. A religião e sua importância social é certamente um ponto central nas reflexões de Southey e as nuances positivas e negativas do catolicismo são elementos marcantes na *History of Brazil*. O catolicismo e suas superstições faziam parte do povo português e enquanto colonizadores transmitiram, a seu ver, essa religião bárbara e falsa ao solo americano. O objetivo central desse primeiro capítulo, portanto, foi servir como apresentação preliminar dos contextos discursivos que permearam os escritos de Southey e que considero elucidativos para a compreensão argumentativa da *History of Brazil*. A recuperação completa desse cenário discursivo, se possível, é totalmente inviável em uma tese. Busquei continuar esse longo caminho de desvelamento dos interesses de Southey e como eles se articularam diretamente com os temas de suas obras.

O “Capítulo II – Reviver ou reunir o passado: uma reavaliação da proposta historiográfica de Robert Southey” consiste em um movimento mais verticalizado de re colocação da historiografia de Southey em seu universo linguístico próprio. Não obstante o intrincado debate em relação ao Romantismo, a transposição dessa categoria como de relevância analítica para os estudos historiográficos, a meu ver, gerou muitos erros interpretativos no que toca a *History of Brazil*. O primeiro e único trabalho monográfico, em língua inglesa e portuguesa, sobre essa monumental obra historiográfica foi o já mencionado *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*, publicado em 1974, por Maria Odila da Silva Dias. Nesse livro, oriundo de sua tese de doutorado, Dias apresenta uma leitura da *History of Brazil* como precursora do Romantismo inglês e fundamentalmente preocupada com o reviver histórico (DIAS, 1974), tese já anteriormente esboçada na sua dissertação publicada nos *Anais do Museu Paulista* sob o título “O Brasil na historiografia romântica inglesa. Um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott” (CURLY, 1967). A discussão que busquei realizar foi de reavaliar a proposta historiográfica de Southey no sentido de contestar as afirmações de Dias no que tange a Southey ter produzido, com a *History of Brazil*, um

livro que buscava reviver o passado através de uma narrativa romântica. As minhas observações certamente passaram por uma discussão sobre o cânone romântico e sobre a flexibilidade que ele teve, o que alterava o próprio significado do que era o Romantismo, mas buscaram principalmente mostrar alguns erros de citação das fontes, no caso, cartas de Southey, contidos nos trabalhos de Maria Odila da Silva Dias.

Gostaria de elucidar a minha posição em relação ao emprego do vocábulo pintura como possível indício do viés romântico da historiografia southeyana. Claramente o vocabulário associado à pintura não foi privilégio de uma historiografia romântica britânica, datada classicamente entre 1789-1832, na medida em que, nas discussões estéticas do século XVIII, era bastante comum explicar a peculiaridade da literatura – inclusa da história – usando da metáfora estática da pintura. Poder-se-ia pintar um quadro que fosse, positivamente, uma representação fiel da natureza ou, negativamente, uma invenção do real (MEIER; GÜNTHER; ENGELS; KOSELLECK, 2013: 115-116). Inclusive, na célebre *History of America* (1777) de William Robertson, que irei tratar pontualmente mais adiante, podemos ler a seguinte passagem:

Assim eu terminei uma trabalhosa delineação do temperamento e maneiras das tribos não civilizadas espalhadas pelo vasto continente da América. Com isso, eu não aspirei rivalizar com os grandes mestres que pintaram e adornaram a vida selvagem, seja na ousadia do projeto, ou no brilho e beleza de sua coloração. Estou satisfeito com o mérito mais humilde de ter persistido com indústria paciente, em ter visto o meu assunto em muitas diferentes luzes, e em ter reunido de observadores mais precisos estas destacadas e, muitas vezes, minutas características, que talvez possam me permitir exibir um retrato que se assemelhe ao original (ROBERTSON, 1783b: 209).<sup>47</sup>

Seria um tanto quanto estranho tentar situar Robertson dentro do Romantismo ou, ao menos, partilhando do horizonte de preocupações românticas, porém, não é incomum encontrar retrato, quadro, panorama e pintura como sinônimos nos textos de Southey e Robertson. Na *History of Brazil* existem passagens como: “muitas particularidades (*details*) da vida selvagem ficaram já consignadas nestes tomos, cumpre traçar agora o quadro (*picture*) de um estado de sociedade, mais asqueroso ainda, se é possível, e mais vergonhoso para a pobre natureza humana” (SOUTHEY,

---

<sup>47</sup> No original: “Thus I have finished a laborious delineation of the character and manners of the uncivilized tribes scattered over the vast continent of America. In this, I aspire not at rivalling the great masters who have painted and adorned savage life, either in boldness of design, or in glow and beauty of their colouring. I am satisfied with the more humble merit of having persisted with patient industry, in viewing my subject in many various lights, and in collecting from the most accurate observers such detached, and often minute features, as might enable me to exhibit a portrait that resembles the original”.

1862e: 538).<sup>48</sup> A pintura era um esforço de realidade e aproximação com o que aconteceu no sentido de desviar, inclusive, da parcialidade marcada por uma visão estreita, não panorâmica. Esses vocabulários vêm sendo, nas últimas décadas, constantemente associados pela historiografia a uma proposta de presentificação do passado, porém, Southey esclarece qual seria, para ele, a experiência associada à pintura, quando descreve o modo de vida das pessoas que tinham cargos públicos e dos homens de comércio em Minas Gerais: “tinham em horror toda a espécie de estudo, passando horas e horas à janela, embrulhados em seus roupões de manhã, e dedicando aos negócios o menos tempo possível, de modo que o trabalho de um ano equivalia ao de trinta dias de seis horas cada um”. Esse estilo de vida corroborava para que houvesse “amplo lazer para a devassidão e mesquinhas intrigas a que eram miseravelmente dados. Tais eram os moradores brancos das vilas *nas cores carregadas com que têm sido pintados (painted)*”. (SOUTHEY, 1862f: 479, grifos meus).<sup>49</sup> Como já ressaltado, pelo trecho de Robertson, pintura estava associada a um retrato vibrante, que não deixava de estar relacionada à demonstração retórica e à força imaginativa contida nela. Southey afirmava, na *History of Portugal*, que “as características morais das pessoas [serão] pintadas mais acuradamente e *com mais facilidade de serem lembradas*” (WARTER, 1856a: 132-135, grifo no original).<sup>50</sup>

Essa interpretação é corroborada pela avaliação de Southey do livro de Henry Koster, *Travels in Brazil*, em ensaio para o *Quarterly Review*:

o espírito geral do livro, na verdade, é excelente; a forma mais parecida com o bom e velho estilo simples direto dos nossos melhores viajantes, do que com a tendência moderna de períodos agradáveis; e o assunto em sua maior parte igualmente curioso e divertido, apresentando uma pintura (*picture*) fiel de um estágio muito interessante no progresso da sociedade” (SOUTHEY: 1817b: 387).<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> No original: “Many details of savage life have been given in these volumes;.. a picture must now be presented of a state of society which is, if possible, more loathsome, and more disgraceful to poor human nature” (SOUTHEY, 1819: 423).

<sup>49</sup> No original: “as holding every kind of study in abhorrence; passing their hours at the windows, wrapt up in loose morning robes, and devoting the least possible time to business; so that their year's work is averaged at thirty days' employment, of six hours each” [...] “ample leisure for debauchery and petty intrigues, to which they are miserably addicted. Such are the White inhabitants of the towns, *in the dark colours with which they have been painted*” (SOUTHEY, 1819: 829, grifos meus)

<sup>50</sup> Carta a John May, Lisboa, 16 de dezembro de 1800. No original: “the moral features of the people more accurately and *rememberably painted*”.

<sup>51</sup> No original: “The general spirit of the book, indeed, is excellent; the manner more resembling the good, old, plain, straight-forward style of our best travellers, than the modern fashion of fine periods; and the matter for the most part equally curious and amusing, presenting a faithful picture of a very interesting stage in the progress of society”.

De forma semelhante argumentava na *History of Brazil*:

cumprir ter presentes as circunstâncias da sociedade circundada, em que se pretendia incorporar estes índios, e quem vir *ante si desenrolado esse painel (picture before him)*, terá por justificados os jesuítas (SOUTHEY, 1862d: 42-43, grifos meus).<sup>52</sup>

Como ficará mais claro no decorrer desta tese, acredito que Southey não fazia parte de uma historiografia que teria no reviver o passado através da pintura um de seus motes, de forma diversa alinhava-se mais com uma narrativa clara e simples, interessada em desvendar os costumes, maneiras e os aspectos curiosos que pudessem contribuir para a compreensão dos estágios das sociedades.

O subcapítulo “Reviver o passado? Southey, Macaulay e os horizontes da historiografia britânica na década de 1820” pretende auxiliar na percepção de como existia um verdadeiro fosso entre o horizonte e as propostas de Southey e Macaulay, membro da geração literária em ascensão na década 1820. Macaulay respondeu de maneira muito incisiva à resenha negativa feita por Southey da *Constitutional History of England*, de Henry Hallam, e, ao atacá-lo, desvela um novo parâmetro de escrita historiográfica em relação ao qual Southey, seguramente, não pertencia. Com essa querela objetivei demonstrar com mais clareza como é impossível enquadrar Southey dentro de uma historiografia do reviver histórico e, complementarmente, proponho que pensemos os seus escritos pela ótica do reunir (*collected*) o passado. Nas seções seguintes, “‘O estilo da antiguidade’: os homens oitocentistas e suas leituras da *History of Brazil*” e “Reunir o passado? a pesquisa histórica como fundamento da *History of Brazil*”, verticalizei ainda mais esse ponto, mostrando um Southey extremamente preocupado com a minúcia e os detalhes ao escrever história, ligando essa prática de escrita ao método antiquário britânico em desenvolvimento, ao menos, desde o século XVI.

Tendo em vista esse primeiro movimento de recontextualização, no “Capítulo III – entre selvagens e supersticiosos: a teoria dos estágios civilizacionais como contexto da *History of Brazil*” chamo a atenção para a primeira linguagem articulada por Southey que abordo nesta tese, ou seja, a linguagem do desenvolvimento do homem na Terra. Ao longo da *History of Brazil*, Southey se apropria da teoria dos estágios civilizacionais

---

<sup>52</sup> No original: “the circumstances of the surrounding society into which it was proposed that these Indians should be incorporated, must be considered, and when the reader shall have that *picture before him* he will hold the Jesuits justified” (SOUTHEY, 1817a: 364, grifos meus).

para explicar o estágio em que os nativos americanos se encontravam quando entraram em contato com os colonizadores e, posteriormente, como parte dos europeus degeneraram em solo americano. Além disso, argumentou sobre os problemas que via da influência bárbara ibérica e como os jesuítas, apesar de propagarem uma religião falsa, poderiam contribuir para o avanço dos indígenas em seu estágio civilizacional. Ao sustentar que a categoria Romantismo era um instrumento efetivo de análise da *History of Brazil*, a historiografia negligenciou aspectos fundamentais dessa obra, por não se enquadrarem dentro dos componentes canônicos de uma historiografia romântica. A teoria dos quatro estágios civilizacionais, e a interpretação que permitia sobre o progresso das sociedades, parece ter sido um desses horizontes discursivos negligenciados.

As primeiras produções escritas em língua inglesa acerca dos territórios do Novo Mundo foram impressas na segunda metade do século XVI e contavam com longas e diversas descrições do clima, da fauna, flora, dos habitantes e de tantos outros aspectos que pareciam intrigantes aos europeus. O objetivo principal dessas obras era fornecer o maior número possível de informações e dados geográficos dessa nova parte do globo terrestre. Era uma época, fundamentalmente, de mapeamento e reconhecimento do território (LIMA, 2012: 17-19). No decorrer da segunda metade do século XVII houve uma mudança de perspectiva em que as descrições naturais deram espaço a uma narrativa mais enfática dos êxitos alcançados após o estabelecimento dos colonizadores nos territórios descobertos. Junto com esse movimento existiu a predominância da palavra *improvement* nos textos produzidos como chave narrativa da atuação inglesa. Narrar o papel da Inglaterra no Novo Mundo significava narrar as benesses introduzidas, que permitiram “superar o estado selvagem do território, que se encontrava abandonado pelos seus habitantes nativos”. Tendo em vista esse abandono, era totalmente justificada a apropriação – efetiva ou cultural – desses espaços por parte dos ingleses (LIMA, 2012: 28-29). A partir do século XVIII, é possível verificar a publicação de obras “dedicadas a compreender o lugar da América na escrita da história e as questões filosóficas que permeiam esse processo – questões tais como a natureza do homem americano” (LIMA 2012: 33). O exemplo mais conhecido desse tipo de abordagem é a *History of America* (1777), de William Robertson, em que questões filosóficas acerca do mundo americano são abordadas por meio de “três eixos de discussão: as origens e o papel exercido pelos nativos desde a chegada dos europeus; as

atividades comerciais e a promoção do progresso entre os ingleses nas possessões americanas; e, por fim, uma longa especulação comparativa acerca da ação das monarquias espanhola e inglesa no Novo Mundo” (LIMA, 2012: 39). Nessa obra, Robertson ajudou a consolidar a argumentação em relação ao vício português e à necessidade de intervenção britânica, já que era desprovida dos vícios partilhados pelos povos ibéricos, inclusive a religião. A dicotomia apresentada, em sintonia com a Lenda Negra, sempre buscava ressaltar o atraso e os vícios de caráter da Espanha e de Portugal em relação à “condução de um governo e de uma administração pautada por normas e condutas legais – ainda em que pese as peculiaridades locais –, incumbida de promover o *melhoramento moral e material* nos territórios ocupados” (LIMA, 2012: 41-43, grifos no original). Os relatos produzidos durante esses séculos ajudaram a construir traços importantes da historiografia britânica sobre a América, que buscava entender a dinâmica do desenvolvimento das sociedades e via a influência do catolicismo no dia-a-dia dos habitantes do Brasil como um obstáculo para o progresso (LIMA, 2012: 46).

O interesse em conhecer e indicar o estágio civilizacional das nações, em seu sentido mais amplo, ia ao encontro da necessidade de conhecer as origens, para assim poder traçar a história, não apenas dos povos, mas também das coisas. Southey estava extremamente interessado em mapear, em detalhe, os costumes desenvolvidos para poder entender melhor o grau civilizacional das sociedades. “Ao considerar o assunto da alimentação animal”, por exemplo, Southey inqueria que “a única coisa que é difícil de explicar é por que aquilo que é considerado uma iguaria por um povo é rejeitado por outro no mesmo estágio de civilização (*stage of civilization*)” (SOUTHEY, 1822: 289).<sup>53</sup> Apesar de todo o maniqueísmo atribuído por alguns estudos à teoria dos quatro estágios da sociedade era visível que existiam muitas pluralidades que tornavam essa investigação bastante heterogênea e que não existia teoria sobre o progresso do homem sem pesquisa, que passava pelo conhecimento dos hábitos alimentares, das cerimônias, roupas e dos sentimentos.

De forma geral, esse mapeamento do outro – colonizador e colonizado – tinha como referencial a sociedade em que Southey estava inserido e os aspectos que considerava como mais importantes. Em um ensaio publicado no *Quarterly Review*, sobre o livro de Henry Koster, *Travels in Brazil*, Southey comparava o sertanejo aos

---

<sup>53</sup> No original: “In considering the subject of animal food” [...] “the only thing which is difficult to explain is, why that which is thought a delicacy by one people should be rejected by another in the same stage of civilization”.

homens que viveram nas Terras Altas escocesas: “um grande proprietário no Brasil é, em muitos aspectos, o que o chefe de um clã foi nas Terras Altas meio século atrás: mesmo nas cidades há pouca lei, no sertão não há nenhuma. Os sertanejos, portanto, tem todas as qualidades que nascem da ignorância e da independência, um governo remoto e uma religião devassa” (SOUTHEY, 1817b: 367).<sup>54</sup> Além de contribuir para um interesse profundo pelos costumes, a teoria dos estágios das sociedades proporcionava uma comparação entre civilizações bastante diferentes em tempo e espaço, assegurando a sua validade pela linearidade contida em suas bases. Todas as civilizações tinham passado ou passariam pelos estágios de caçador, pastor, agricultor e comerciante. O estudo do Novo Mundo e, em particular, do Brasil poderia fornecer elementos relacionados aos primórdios das sociedades que não eram mais visíveis na Europa.

Aliado a isso, outro elemento foi adicionado por Southey à linguagem do desenvolvimento do homem na Terra. Os jesuítas são apresentados como a única possibilidade concreta de retirar o indígena do estado de caçador-coletor e a expulsão da Companhia é, por isso, severamente criticada. A empreitada missionária era ainda mais importante porque os habitantes do Novo Mundo pareciam alimentar práticas selvagens, ou seja, moralmente menos de acordo com o viver em sociedade do que as perpetradas pelos rudes europeus. Enquanto delimitar as sociedades como baseadas na caça, pastoreio, agricultura ou comércio dizia sobre seu desenvolvimento econômico e seu modo de subsistência, identificá-las como selvagem, bárbara ou polida, enfatizava o seu progresso moral (MACLEOD, 2015: 364). Foram constantes as manifestações de Southey, ao longo da *History of Brazil* e em outros espaços, sobre as superstições e o fanatismo dos fiéis católicos.<sup>55</sup> Diversos foram os seus pronunciamentos públicos sobre a questão católica irlandesa, sempre correlacionando um suposto barbarismo irlandês

---

<sup>54</sup> No original: “a great proprietor in Brazil is, in many respects, what the head of a clan was in the Highlands half a century ago: even in cities there is little law, in the Sertam there is none. The Sertanejos therefore have all those qualities which arise from ignorance and independence, a remote government, and a profligate religion”.

<sup>55</sup> Já na introdução do primeiro volume Southey sinalizava a importância desse vocabulário: “A serie pois das suas aventuras; a descoberta de extensas regiões; os hábitos e superstições de tribos não civilizadas; os esforços de missionários, em quem a mais fria política dirigia o zelo mais fanático; o crescimento e a queda do extraordinário domínio que eles estabeleceram; e o progresso do Brasil desde os seus mesquinhos princípios até á importância que atualmente atinge, tudo isto são tópicos de não vulgar interesse” (SOUTHEY, 1862a: 6). No original: “The series therefore of their adventures; the discovery of extensive regions; the manners and superstitions of uncivilized tribes; the efforts of missionaries, in whom zeal the most *fanatical* was directed by the coolest policy; the rise and the overthrow of the extraordinary dominion which they established; and the progress of Brazil from its feeble beginnings, to the importance which it now possesses, these are topics of no ordinary interest” (SOUTHEY, 1810: 2).



com a manutenção de ritos católicos. Considerava que os “romanistas deveriam ser admitidos em qualquer cargo público de confiança, honra ou lucro, que não esteja conectado com o poder legislativo” (SOUTHEY, 1829a: XIII).<sup>56</sup> A incorporação de católicos ao Parlamento britânico, em sua opinião, era uma porta de entrada para o barbarismo que assolava os irlandeses e os demais países católicos.

Do ponto de vista da crença dos colonos portugueses, a história do catolicismo apresentava-se para Southey como repleta de fábulas inventadas para alimentar a superstição dos fiéis. Somam-se a esses problemas que a “história” dos selvagens passava por uma religião primitiva caracterizada como o simples produto de uma mente humana sem ajuda de ninguém e sem um guia. No século XVIII, a filosofia transformou a história da religião em uma história da mente filosófica, que teve início em um estado de natureza desenvolvendo-se no decorrer dos estágios civilizacionais (POCOCK, 2005: 15). A história da religião do selvagem brasileiro e do colono português configurava-se como a história da superstição em vários níveis uma vez que viviam em um estado de selvageria e barbarismo.

Parte da historiografia setecentista britânica definiu a história como o processo pelo qual a civilização foi produzida e os selvagens americanos não eram vistos como tomando os passos cruciais para deixar o estado de natureza, condição na qual sempre viveram, em direção a algum dos estágios de civilização mais avançados. A condição de selvagem poderia ser encarada como perpetuadora das qualidades mentais e dos costumes que ela mesma gerava e apenas a invenção de Deus ou a intervenção de pessoas civilizadas poderia libertá-los desse estado natural (POCOCK, 2005: 167-174). Nesse sentido podemos tentar entender o papel controverso que os jesuítas possuem na *History of Brazil*. Apesar de difundirem crenças católicas, entendidas como supersticiosas por Southey, tinham a chance de tirar o selvagem de seu estado inerte e desenvolver os princípios básicos de sociabilidade, como lei e propriedade. A religião católica professada pelos membros da Companhia ao invés de portar os indígenas ao estágio mais avançado da civilização europeia, conduziria-os ao estado bárbaro, que não era suficiente, mas, ao menos, era um progresso moral e poderia contribuir para dinamizar e fazer com o estado de caçador-coletor fosse rompido dando início a uma sociedade sedentária, agrícola e organizada.

---

<sup>56</sup> No original: “Romanists ought to be admitted to every office of trust, honour, or emolument, which is not connected with legislative power”.

No “Capítulo IV – A degeneração e a criação de novas raças e novas doenças: a mistura de raças e o clima tropical” apresento outra linguagem em articulação na *History of Brazil*, desta vez ligada à diversidade biológica e climática, que buscavam identificar as causas das transformações das plantas e dos animais, inclusive das compleições corporais humanas. A mudança de ar, temperatura e alimentação poderiam contribuir decisivamente para a degeneração ou florescimento das raças. O senso comum – e a medicina profissional – propagava que a compleição de cada pessoa poderia ser alterada pelo temperamento do seu corpo, constituído por meio da intrincada combinação entre humor, comida e ar. A possibilidade de o clima alterar o temperamento das pessoas que não eram nativas de certa região era uma crença bastante difundida desde o descobrimento da América e foi objeto de grande indagação pelos europeus de modo a formular mecanismos que pudessem contribuir para a sua fixação em solo americano. A possível degeneração do europeu era algo patente na medida em que o Novo Mundo – por causa do seu clima, temperatura, constelações e hábitos alimentares distintos – havia naturalmente gerado constituições distintas das europeias (EARLE, 2013: 22-23). Prova irrefutável era o indígena. Apesar da influência que o meio ambiente tinha sobre o corpo dos seres humanos ser uma ideia vastamente difundida, é necessário salientar que existiam defensores, principalmente crioulos espanhóis, de que as diferenças entre as raças europeia e americana não poderiam ser explicadas nem pela diferença do clima e nem pelas estrelas, pois o corpo humano era imune às influências do meio ambiente (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2006: 66-67). Contudo, essa explicação alternativa não esteve disponível para Southey ou não foi mobilizada por ele.

A linguagem sobre a diversidade biológica-climática não é apenas articulada por Southey como adjetivo dos malefícios sociais, mas é também apresentada para explicar a suscetibilidade de certas raças a algumas doenças e a mutação ocorrida em compleições diferentes, promovida pela mistura racial. O Novo Mundo era um espaço em que as raças negra, europeia e indígena eram mescladas, formando uma nova raça e onde as doenças europeias eram reconfiguradas. Para ser possível a criação de um indivíduo chamado de brasileiro seria, antes de tudo, necessária a sua sobrevivência biológica. Essa mistura das raças, na avaliação de Southey, era bastante positiva, principalmente, a da indígena com a portuguesa, que gerava o mameluco. Os paulistas, que eram mamelucos, foram apresentados na *History of Brazil* como os grandes

herdeiros do temperamento empreendedor português e da infatigabilidade indígena. Dentre as narrativas inglesas sobre o Novo Mundo, a efetividade do indígena enquanto agente que contribuiu para a difusão do ideal de melhoramento foi pouco ressaltada. Considerando toda a bibliografia inglesa produzida, é possível encontrar pouquíssima coisa sobre a parcela indígena da população brasileira (LIMA, 2012: 90). Em movimento diverso encontra-se a *History of Brazil*, que, além de explorar a sociedade indígena enquanto selvagem, uma forma clássica de abordagem das populações nativas, inseriu-a de forma decisiva para a efetiva expansão do território português. Dessa forma, argumentava Southey, enquanto os espanhóis, com sua política de castas, visivelmente degeneravam, os paulistas mantinham vivo o espírito português das grandes navegações. Caso essa mistura não tivesse ocorrido, provavelmente, o Brasil teria experienciado a mesma inércia que havia acometido o lado espanhol.

É bastante comum, ao focar no assunto da mistura entre as três raças que ocupavam o território brasileiro colonial, o lembrete do nome de Carl Friedrich Philipp von Martius como inaugurador da proposição dessa mistura (KODAMA, 2009; TURIN, 2013: 27-28). Pouco espaço tem obtido, porém, a proposta levantada por Southey algumas décadas antes de von Martius. Talvez isso seja facilitado pela centralidade que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) tem tido na historiografia e na colocação das soluções do problema da construção nacional no período pós-independência. Corroborando para a centralidade do IHGB, certamente, a hipótese de que os primeiros projetos de escrita da história do Brasil sob a ótica das histórias nacionais surgem apenas pós 1822, com maior ênfase na década de 1830, com a abdicação de D. Pedro I (ARAÚJO; PIMENTA, 2008: 92-93). Não obstante servir como excelente baliza para os escritores luso-brasileiros, essa cronologia certamente não abarca alguns estrangeiros, que já pensavam a história nacional brasileira há algumas décadas.

\*\*\*\*

Algumas iniciativas foram de fundamental importância para esta tese e não poderia deixar de remeter-me a elas. Existe um projeto, em curso, de publicação on-line da correspondência ativa de Southey anotada chamado *Collected Letters*, sob a organização de Lynda Pratt, Tim Fulford e Ian Packer. Dificilmente eu conseguiria ter tido acesso a toda essa documentação, que se encontra distribuída em muitos arquivos

pelo mundo, se não fosse esse projeto. Essa iniciativa e a do *Google Books* permitiram-me confrontar as cartas e os livros raros citados, por exemplo, ao longo da tese e dissertação de Maria Odila da Silva Dias e sem elas, muito provavelmente, grande parte deste trabalho não teria sido passível de realização.

Por fim, duas palavras sobre os trechos em inglês e as traduções citados. Na medida do possível, apresento aos leitores desta tese a única tradução disponível para o português da *History of Brazil*, ou seja, a de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro (1826-1888). Porém, algumas passagens ou não foram traduzidas pelo tradutor ou foram modificadas de forma que inviabilizaram a sua utilização. Algumas vezes a tradução de Oliveira e Castro não manteve fidelidade com a palavra no original, que é importante para minha análise, nesses casos, quando possível, busquei apresentar entre parênteses a palavra em inglês para que a continuidade semântica não fosse perdida. Também tiveram casos em que optei por completar o trecho suprimido na tradução, utilizando-me de colchetes. Outras poucas vezes eu refiz a tradução, pois a opção de tradução feita por Oliveira e Castro mudava de forma mais estrutural o trecho. Mesmo em casos em que o tradutor não optou por um sinônimo, eu também destaquei o termo em inglês devido à importância do léxico. Para a tradução dos trechos feitos por mim, procurei sempre buscar as alternativas presentes no dicionário Merriam-Webster (<http://www.merriam-webster.com/dictionary>), no Oxford Dictionaries (<http://www.oxforddictionaries.com>) e no *A New Dictionary of the English Language*, de Charles Richardson, edição de 1839, único dicionário de língua inglesa que consta no *Catalogue of the Valuable Library of the Late Robert Southey*. Por fim, e não menos importante, esclareço a opção de tradução que deu origem ao título desta tese. Muito frequentemente Southey empregou a palavra *collect* para representar o trabalho historiográfico que fazia. Optei por traduzir, em todas as instâncias, *collect* por reunir, objetivando salientar o caráter de reunir o passado presente na sua percepção do trabalho do historiador, que deveria, fundamentalmente, reunir os fragmentos dispersos do passado para poder escrever a história mais completa e minuciosa possível, um verdadeiro monumento do presente para o futuro.

## CAPÍTULO 1

### **SOUTHEY E OS CONTEXTOS QUE SÃO PERMEADOS PELA *HISTORY OF BRAZIL***

A história brasileira, por mais que contivesse suas peculiaridades, foi pensada dentro de um horizonte explicativo sobre o desenvolvimento das sociedades familiar aos britânicos oitocentistas e articulava linguagens historiográficas, em certo grau, possíveis de serem resgatadas através do mapeamento do cenário linguístico e discursivo que se inseriam. No intuito de alcançar esse objetivo, apresento neste capítulo, um conjunto de debates nos quais Southey participou de forma ativa e que dizem respeito diretamente à construção de seu interesse pelos países ibéricos e, como consequência, pelo Brasil. Obviamente isso não seria possível caso circunscrevesse a análise apenas ao texto, mesmo que longo, da *History of Brazil*. A meu ver, não existia um conjunto de elementos que eram de interesse estritamente historiográfico, mas um horizonte de interesses que se entrelaçavam em suas diversas obras. Por conseguinte, não faz sentido pensar na *History of Brazil* como um evento isolado na carreira de Southey, vale mais a pena pensá-la como articulada a um projeto de escrita da História do Império Português e nas preocupações que levaram Southey a ter esse projeto. Southey nunca teve um fascínio particular pelo Brasil, esse interesse foi construído como ramificação de outro maior. Seria possível, assim, estabelecer uma relação direta entre superstição, gótico, antiquariato, catolicismo, Península Ibérica e Brasil como em um horizonte de interesse comum e complementar.

### **O GÓTICO E A PENÍNSULA IBÉRICA**

Três formas narrativas básicas surgiram da revalorização do gótico e mantiveram-se dominantes durante as últimas décadas do século XVIII e a primeira metade do XIX. A primeira a ganhar extrema popularidade foi a balada medieval popular, um poema narrativo curto que transmitia experiências universais extremas como a paixão, o heroísmo, o terror e a morte. Depois houve a incorporação do longo romance em verso, em moda a partir da década de 1800 e, muitas vezes, composto de elementos da balada. Coincidindo com os dois, o romance histórico começou a servir como meio de organizar os incidentes sobrenaturais e personagens ou de introduzir baladas, materiais eruditos e elaboradas narrativas, todos sugerindo um processo de

transmissão, possível por causa da continuidade, que se dava ao longo do tempo ou em diferentes culturas (BUTLER, 2009: 335).

Southey certamente nutria interesses nessas formas narrativas surgidas, em grande medida, como resposta ao retorno do gosto pelo estilo gótico. Por volta de 1789, tinha claro o projeto de escrever um longo poema sobre as grandes religiões do mundo, focado em diferentes medievalismos, e também começou a aprender galês. As contribuições de Southey e de outros intelectuais para o debate ficaram mais importantes pós-1800, onde o sincretismo de Southey em relação a uma Idade Média envolta no islamismo apareceu plenamente em *Thalaba, the Destroyer* (1801) e em outras iniciativas que exploravam o País de Gales, a Espanha e as novelas teutônicas. Essas diversas novas publicações competiam em busca de leitores para poemas narrativos, preferencialmente localizados em lugares e tempos exóticos (BUTLER, 2009: 336-337). Southey nutria uma fascinação por práticas culturais não familiares e utilizava o exotismo de lugares estrangeiros para fazer a sua poesia mais excitante. Contudo, é igualmente verdade que frequentemente os considerava como aberrações que deveriam ser substituídas pelo modelo de governo e sociedade britânicos. Nesse sentido, o interesse de Southey pelo outro não significava apenas um interesse pelo excêntrico, mas uma forma de lidar indiretamente com a história e a sociedade britânicas. Por causa de seu radicalismo juvenil, seria difícil para Southey escrever sobre assuntos mitológicos ou históricos ingleses e a alternativa, consciente ou não, foi criticar a falta de adequação das outras raças e culturas (BOLTON, 2007: 4-5).

O antiquariato e as inúmeras pesquisas sobre as antiguidades regionais, que desembocaram posteriormente na construção das origens e da identidade inglesa, contribuíram para um reflorescimento do gótico e de sua importância no cenário intelectual britânico. A pluralidade de significados que este termo adquiriu, contudo, é devedora das mudanças históricas e transformações que levaram a incorporação de diversos significados (GAMER, 2006: 9-10). O substantivo e o adjetivo gótico foram usados, até a segunda metade do século XVIII, de forma bastante indiscriminada para significar barbárie e ausência das características definidoras da civilização romana (SWEET, 2004: 240). Em finais do XVIII e início do XIX, o gótico ainda não havia ganhado estabilidade semântica suficiente – se é que isso aconteceu em algum momento – e mesmo a ficção gótica era muito menos uma tradição com um significado e uma identidade genérica que um domínio constituído ou estruturado por relações muitas

vezes antagonicas entre diferentes escritores e obras (WATT, 1999: 6). Gótico só parece ter se tornado um termo denominando um gênero literário nas primeiras duas décadas do século XIX, apesar da erosão de seu prestígio e das conotações medievais já presentes em finais do século XVIII. Assim, Horace Walpole no *Castle of Otranto: A Gothic Story* (1764) e Clara Reeve no *Old English Baron: A Gothic Story* (1777) referiam-se ao gótico não como um gênero, mas usaram o termo no intuito de chamar a atenção para a estética gótica enquanto oposta ao gosto clássico e moderno. Além disso, no caso específico de Reeve, o uso do termo gótico remontava também aos godos ancestrais da Inglaterra e, portanto, carregava consigo associações étnicas e culturais que ajudaram na construção das oposições entre anglo-germânico e mediterrânico-oriental, entre indústria e indolência, e entre liberdade e tirania. A esses significados foram acrescentados a celebração da arte e da literatura medievais, elogios à cultura de cavalaria, exaltações da piedade dos godos, o patriotismo, o respeito pelas mulheres e o amor pela liberdade, como traços inerentes a sociedade inglesa (GAMER, 2006: 49).

Dentro da literatura, o prólogo de Thomas Percy ao seu *Tragedy of Jane Shore* (1714) teve grande importância ao agrupar escritores medievais com os “antigos”, em vez de, como era comum, com os “modernos” (DUGGETT, 2010: 4). Esse modo de entendimento do gótico enquanto um passado disponível e não como um presente imperfeito trouxe à tona a sua revalorização enquanto composição. A repulsa e adoção do gótico dentro da prosa e poesia ocasionaram movimentos muito peculiares em finais do século XVIII e início do XIX. Os ataques hostis à ficção gótica, por exemplo, podem ser vistos nas resenhas de Samuel Coleridge, publicadas entre 1794 e 1798, e no prefácio de William Wordsworth a segunda edição do *Lyrical Ballads* (1798). Nessas ocasiões o gótico era estigmatizado como um gênero juvenil e feminino que reproduzia a forma juvenil-feminina de ver o mundo. Contudo, nessa mesma época, Coleridge publicou *Christabel* (1797-1800) e *The Rime of the Ancient Mariner* (1797-1798) e Wordsworth o seu *Fragment of a Gothic Tale* (1797), *Borderers* (1796-1797) e várias as baladas que inseriam o sobrenatural (1798-1800), todos fortemente influenciados pelo gótico. Esta justaposição entre repulsa e incorporação aponta para uma ambivalência maior em relação ao gótico que se estende para além de casos isolados e que inscreve o gótico enquanto forma poética e gênero atuante em finais do XVIII e início do XIX (GAMER, 2006: 10-11).

Nesse período, a história do gótico está intrinsecamente ligada à legitimação de projetos poéticos que se denominavam contrários ao sobrenatural, aos estímulos vulgares e violentos da ficção e do drama góticos, a inserção de fantasmas, assassinatos, bandos de ladrões e os efeitos assombrosos da superstição e da guerra (GAMER, 2006: 91). Essa estratégia de alinhamento com a crítica literária, exemplificada nos textos de Coleridge e Wordsworth, realizada a partir da rejeição das características literárias góticas, contudo, não significou o abandono dos materiais que permitiam a escrita gótica, por exemplo, nas baladas. A inclinação antiquária pela balada medieval e pelo romance métrico de cavalaria seriam um resgate do interesse de finais do século XVIII pelo entusiasmo religioso e pela superstição. Ao invés de ter acontecido um descarte dos assuntos góticos por serem muito baixos, houve uma separação dos *materiais góticos* da experiência de leitura que a escrita gótica fornecia habitualmente e preservou-se o uso do primeiro (GAMER, 2006: 126).

Em consonância com essa separação estava boa parte do projeto de Walter Scott, que envolvia uma grande apropriação e reformulação de materiais góticos populares em uma forma histórica, nacional, masculina e poética respeitável. O poder de evocação da ficção gótica encontrou o seu fundamento no antiquariato, que lhe permitia alcançar uma acurácia minuciosa, unindo os leitores a um passado histórico autêntico. Para Scott, o *Historical Doubts on the Reign of King Richard the Third* (1768), de Walpole, “são um exemplo agudo e curioso de como a pesquisa minuciosa antiquária pode abalar a nossa fé nos fatos asseverados mais incisivamente pela história geral” (*apud* GAMER, 2006: 165-168).<sup>57</sup> A pesquisa antiquária versava sobre as minúcias na medida em que elas contribuíam para o entendimento e contestação da história e, nesse sentido, não eram em nada tidas como acessórias.

Por outro lado, também é possível ver o esforço de construção de uma identidade a partir da crítica ao gótico como um indício de que os escritos de finais do século XVIII e início do XIX eram intrinsecamente góticos. O movimento, então, seria de reforma dentro do gótico ao invés de separação (DUGGETT, 2010: 6-7). A partir de meados da década de 1790 até pelo menos o início dos anos 1830, a cultura britânica seria conscientemente e eminentemente gótica e os escritos de Southey foram determinantes na construção desse cenário (DUGGETT, 2010: 8). O estilo gótico se

---

<sup>57</sup> No original: “are an acute and curious example how minute antiquarian research may shake our faith in the facts most pointedly averred by general history”.



reconectava aos recursos genuínos da língua e através dele seria possível fazer da poesia inglesa algo verdadeiramente novo (DUGGETT, 2010: 11-12).

Não é de surpreender que os aspectos góticos e os antiquários do que, em algum instante, se denominou como primeira geração romântica (Southey, Coleridge e Wordsworth) tenham sido encobertos pela crítica literária ao focar demasiadamente em outras características que seriam mais “típicas” do Romantismo. Os vitorianos tanto apelidaram esses autores de românticos quanto resumiram gótico ao conto de terror. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que foi um acidente dentro da história literária que a poesia do início do século XIX não ficou conhecida como sendo um reflorescimento do gótico, assim como aconteceu na arquitetura (SPOONER; MCEVOY *apud* DUGGETT, 2010: 5-6).

Por muito tempo, a arquitetura gótica do período medieval tardio era vista como imperfeita por causa do excesso de detalhes e ornamentação, e suas esculturas grotescas fugiam do decoro arquitetônico da época. Essa caracterização do gótico enquanto grotesco e imperfeito começou a mudar quando passou a existir um entendimento crescente que a arquitetura gótica deveria ser julgada em seus próprios termos e não de acordo com as regras clássicas. Houve uma mudança de perspectiva em que o gótico passou de um estilo grotesco e imperfeito para símbolo de particularidade nacional e detentor que traços estilísticos únicos. O gótico também foi definido, muitas vezes, como um estilo inglês por excelência, só sendo encontrado neste território ou em lugares em que monumentos arquitetônicos nesse padrão foram construídos pelos ingleses (SWEET, 2004: 240). Dentro dessa perspectiva, discorria Southey sobre qualquer viajante estadunidense que pisasse na Inglaterra:

A riqueza, os confortos domésticos, os refinamentos e as graças da vida, que têm se estendido para as partes mais remotas da ilha [i.e. a Inglaterra], excitam nele prazer ao invés de admiração, porque para essas coisas ele também está preparado e pode tê-las visto existindo em tão alto grau, só que não tão geralmente difundidas, na maior parte dos Estados Unidos. Nestas coisas, como em nossas artes, ciência e literatura, ele vê, se não o que os americanos são, o que eles podem esperar ser; enquanto que em tudo que se relaciona com os recursos nacionais e o poder nacional a comparação pode evocar um sentido de antecipação ambicioso, talvez de rivalidade. Mas coloque-o na Catedral de Iorque, ou na Abadia de Westminster, e ele já não pensa em comparar a Inglaterra com a América; os *religio loci* se fazem sentir; despertam nele um sentimento ancestral que estava antes inconsciente, e ele então começa a entender que, nos pensamentos e emoções que nos levam de volta para eras passadas e conectamos com as gerações que se foram, há algo mais suave, mais salutar para o coração e mais elevado também do que em todas as antecipações com as quais uma nação jovem

e emuladora olha avante para o futuro. Ouvimos mais do que um americano dizer que vale a pena cruzar o Atlântico para ver algumas das nossas catedrais.

O orgulho com que hoje consideramos estes monumentos imponentes da antiguidade é uma prova de melhoria nacional em relação ao sentimento, bem como ao gosto e ao conhecimento. Houve uma estranha insensibilidade à sua beleza como obras de arte até o último reinado, mas isso não era peculiar à Inglaterra (SOUTHEY, 1826c: 305).<sup>58</sup>

O olhar para o gótico era um olhar para um passado que não apenas constituía os ingleses, mas que transferia quem quer que visse esses monumentos para um passado e conectava-os aos seus ancestrais. Não era difundida em finais de XVIII, essa ideia de comemoração pública em que locais históricos tinham sua validade como cenários a serem revisitados. Durante o século XIX tornou-se senso comum que a história não seria apenas algo a ser narrado, mas também uma experiência a ser evocada (PHILLIPS, 1996: 322). O monumento que resistiu ao tempo tinha uma força de experiência capaz de ser transmitida muito maior do que qualquer relato escrito. Southey claramente não ficou insensível à valorização positiva do gótico e, em uma de suas cartas escritas de Bath, em 1792, reconhecia seu fascínio pela arquitetura gótica:

É bem possível que nossa região ocidental reivindique sua atenção – temos em Somersetshire três cidades (as quais nenhum outro município na Inglaterra tem e das quais você só viu Bath. Eu fui [nas cidades de] Wells e Wokey durante toda a segunda-feira passada, mas *eu não irei antecipar, pela descrição, o prazer que você encontrará em visitar um dos mais belos edifícios Góticos da Inglaterra. A caverna, a Abadia de Glastonbury e o [rochedo] Glastonbury Tor irão te agradar, mas nós vimos juntos a Abadia de Battle e depois disso quais ruínas na Inglaterra podem ser mencionadas como dignas de comparação?*<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> No original: “The wealth, the domestic comforts, the refinements and the elegances of life, which have extended themselves to the remotest parts of the island, excite in him pleasure rather than admiration, because for these also he is prepared, and may have seen them existing in as high a degree, only not so generally diffused, in the better part of the United States. In these things, as in our arts and science and literature, he sees, if not what the Americans are, what they may hope to be; while in whatever relates to national resources and national power, the comparison may call forth a sense of ambitious anticipation, perhaps of rivalry. But place him in York Minster, or Westminster Abbey, and he no longer thinks of comparing England with America; the *religio loci* makes itself felt; it awakens in him an ancestral feeling of which he was before unconscious, and he then begins to understand that, in the thoughts and emotions which carry us back to past ages, and connect us with the generations which are gone, there is something more soothing, more salutary for the heart, and more elevating also, than in all the anticipations with which a young and emulous nation looks onward to the future. We have heard more than one American say that it is worth crossing the Atlantic to see some of our cathedrals.

The pride with which we now regard these stately monuments of antiquity is one proof of national improvement in feeling as well as in taste and knowledge. There was a strange insensibility to their beauty as works of art till the last reign: but this was not peculiar to England”.

<sup>59</sup> Grifos meus. Carta a Thomas Davis Lamb, 31 de julho de 1792. Disponível em:

[http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_One/HTML/letterEEEd.26.20.html#1](http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_One/HTML/letterEEEd.26.20.html#1)

No original: “our western country may well claim your attention – we have in Somersetshire three cities (which no other county in England has & of which you have only seen Bath. I saw Wells & Wokey hole Monday last but *will not anticipate by a description the pleasure you will find in visiting one of the finest*

Por outro lado, chocava-o as diversas modificações feitas nas catedrais durante o século XVIII, que deturpavam os monumentos para adequá-los ao gosto da época:

Essas mentes altamente talentosas que podem resistir ao contágio do falso gosto são poucas em qualquer geração; mas há categorias inteiras que não estão dentro da esfera de sua influência. Enquanto que os Town e os Wits, como eles se chamavam, consideravam todas as obras da idade das trevas (aquelas de arquitetos, cronistas e poetas) como completamente bárbaras, essas categorias estavam em um estado mais saudável, e, portanto, mais gracioso: as suas opiniões não eram sofisticadas; eles consideravam estas obras de seus antepassados com admiração e reverência; e, em vez de exaltar seus próprios tempos acima de todas as idades anteriores, eram conscientes da verdade humilhante que eles não deveriam deixar nenhum desses monumentos para a posteridade. O temperamento da mente que leva homens a depreciar e difamar o que deveriam admirar é um pecado adquirido. Admiração é como devoção, um sentimento natural, bem como generoso; e os homens devem ser corrompidos antes de tornarem-se vaidosos, exigentes e irreligiosos (SOUTHEY, 1826c: 307).<sup>60</sup>

O fato é que os poemas e romances de finais do XVIII e início do XIX compartilhavam o gosto pelo gótico, mas a história da literatura tendeu a separar esse interesse em dois blocos opostos em que os românticos e bons dialogavam com os poetas nacionais antigos, e os góticos e ruins insistiam nas histórias de terror (SPOONER; MCEVOY *apud* DUGGETT, 2010: 5-6). Nesse horizonte de revalorização do passado através das antiguidades antiquárias e do gótico, entendido não apenas como um legado arquitetônico, mas também de virtudes como a cavalaria e o patriotismo, e do resgate das superstições religiosas, é que eu gostaria de situar grande parte da produção e interesse de Southey. O gosto pelo gótico certamente informou uma série de publicações de Southey tanto na literatura e na cultura ibérica medievais quanto em seus escritos sobre a história da literatura inglesa (DUGGETT, 2010: 7). Além disso, Southey apreciava muito a obra de Matthew Gregory Lewis, autor do romance gótico *The Monk* (1796), e o *Faerie Queene* (1590) de Edmund Spenser, um dos seus livros

---

*Gothic buildings in England. the cavern & Glastonbury Abbey & Tor will please you but we saw Battle Abbey together & after that what ruins in England are to be mentioned as worthy of comparison?"*

<sup>60</sup> No original: "Those highly-gifted minds which can resist the contagion of false taste are few in any generation; but there are whole classes who are not within the sphere of its influence. While the Town and the Wits, as they called themselves, regarded all the works of the dark ages (those of architects, chroniclers and poets alike) as altogether barbarous, these classes were in a healthier, and therefore a more gracious state: their opinions were unsophisticated; they regarded these works of their forefathers with admiration and reverence; and, instead of exalting their own times above all preceding ages, they were conscious of the humiliating truth that they should leave no such monuments to posterity. The temper of mind which leads men to depreciate and vilify what they ought to admire is an acquired sin. Admiration is like devotion, a natural as well as a generous feeling; and men must be corrupted before they become vain, and fastidious, and irreligious".

prediletos, sendo que ele mesmo escreveu diversos poemas, de maior ou menor extensão, que são claramente inscritos dentro da revalorização do gótico. Em 1791, Southey publicou, além do poema gótico *To Horror*, um romance *Harold, or the Castle of Morford*, muitas vezes classificado como uma novela em prosa. *Harold* é uma adaptação da história de Robin Hood e contém muitas passagens em estilo gótico que são claramente inspiradas na obsessão de Southey por *Le Morte D'Arthur*, de Sir Thomas Malory e *Faerie Queene*, de Spenser (SPECK, 2006: 18). A abordagem do gótico permitia a Southey incrementar seus estudos comparativos de mitologia e superstições, que podem ser encontrados no seu *Common-place Book* e diversas outras obras publicadas.

Minha proposta principal é que as obras publicadas por Southey estavam, de forma geral, inseridas também nesse contexto antiquário e gótico, de interesse profundo pelo passado medieval e pela Península Ibérica. Exemplos marcantes são o épico *Roderick, the Last of the Goths* (1814) e a própria *History of Portugal*. O gótico criou raízes profundas na cultura britânica e podemos ver como já estava razoavelmente estabelecido enquanto parte da própria história inglesa através do artigo publicado na *Gentleman's Magazine's*<sup>61</sup> sobre o fogo que consumiu parte da Abadia de Westminster, em 15 de outubro de 1834. Considerada um assunto britânico e antiquário, a eminência de sua perda foi sentida pelo redator “como se um vínculo fosse arrebatado na minha existência nacional”, como se estivesse presenciando a destruição do “paládio da monarquia inglesa”, o “gigante da época gótica” (*apud* DUGGETT, 2010: 39).<sup>62</sup> O gótico estava da mesma forma presente em aspectos menos salientados pela historiografia, como no uso da tipografia gótica por Wordsworth, Southey e tantos outros letrados. Wordsworth empregava a tipografia gótica, em alternância com uma mais moderna e sóbria, em seus poemas como forma de desconstruir o leitor moderno e reconstruí-lo dentro de um cenário gótico (DUGGETT, 2010: 174). A estética gótica apresentava as obras e seu contexto aos leitores de forma direta. Além da *History of Brazil*, Southey fez questão da tipografia gótica nos títulos de diversas obras de sua autoria como *Roderick*, *Madoc*, *The Book of the Church*, *Essays*, *Moral and Political*, *History of the Peninsular War*, *Sir Thomas More, or Colloquies on Progress and Prospect of the Society*, entre outras.

---

<sup>61</sup> Southey tinha vários volumes da *Gentleman Magazine*, cf SOUTHEY, 2011 .

<sup>62</sup> No original: “as an antiquary and a British subject” [...] “as if a link would be burst asunder in my national existence” [...] “palladium of the English monarchy” [...] “giant of the Gothic age”.

O gótico também foi uma das respostas à Revolução Francesa<sup>63</sup> ao buscar o *ethos* de um período anterior ao século XVIII. Uma das chaves de entendimento do *Reflections on the Revolution in France* (1790), por exemplo, de Edmund Burke, propõe que o livro seria uma resposta gótica ao retratar a Revolução Francesa como a sentença de morte à era do cavalheirismo e opor a lenta mudança no temperamento nacional inglês, quase intocado desde o século XIV, ao experimentalismo vivaz de uma França demasiadamente ilustrada.<sup>64</sup> A partir da caricatura desses caracteres nacionais contrastantes, fluíram muitas das posteriores tentativas ideológicas de posicionar a Grã-Bretanha como um antídoto gótico (e livre) para a França pós-revolucionária (DUGGETT, 2010: 8). A viagem de Southey, em 1796, para Portugal contribuiu para dissipar parte do conflito com o mundo britânico e estreitar seus laços com a Inglaterra, como declarou: “aprendi a agradecer a Deus por ser inglês, pois, embora, as coisas não sejam tão boas lá como no Eldorado, elas são melhores do que em qualquer outro lugar” (HALLER, 1966: 176).<sup>65</sup>

Tão importante quanto a Revolução Francesa para a redefinição dos componentes britânicos nacionais foi a campanha napoleônica na Península Ibérica. As reflexões que surgiram com a invasão da Península contribuíram para a mudança da postura de Southey em direção a um alinhamento maior com o regime constituído na Inglaterra. Complementarmente, a argumentação de uma política gótica progressiva em seus escritos era parte de um movimento britânico e europeu maior deflagrado pela rebelião espanhola contra Napoleão (DUGGETT, 2010: 22). A questão da tradição nacional e de seu uso nas nações modernas tornou-se cada vez mais importante na medida em que a guerra com a França intensificava-se. Os vinte anos de conflito com a França contribuíram fortemente para a perda da hegemonia do classicismo e fomentou um nacionalismo mais cultural orientado em direção ao medievalismo. Para além da construção do passado e da identidade nacional britânica, existia também a associação entre Napoleão e o classicismo, que reforçou o gótico enquanto um estilo essencialmente britânico e antigaulês (DUGGETT, 2010: 34).

A Sociedade dos Antiquários de Londres já havia, em 1800, sugerido que o gótico deveria ser “propriamente [...] chamado de arquitetura inglesa, pois se não teve

---

<sup>63</sup> Para um aprofundamento da importância da Revolução Francesa nesse período ver DUFF, 2010: 23-34.

<sup>64</sup> Para uma discussão sobre o florescimento da agenda gótica do *Reflections* de Burke, ver DUGGETT, 2010: 46-49.

<sup>65</sup> No original: “I have learned to thank God that I am an Englishman; for though things are not so well there as in Eldorado, they are better than anywhere else”.

sua origem nesse país, certamente chegou à maturidade aqui”.<sup>66</sup> O trabalho do arquiteto, jornalista e membro dessa Sociedade, John Carter, propicia uma metonímia dessa cultura ao reivindicar a arquitetura gótica como puramente inglesa. Em 1814, Carter publicou o segundo volume do seu estudo monumental intitulado *Ancient Architecture of England* tendo como convicção de que seria mais uma contribuição para a causa geral contra as inovações francesas (DUGGETT, 2010: 34-35). O gótico, seja na arquitetura ou na literatura, construía-se nessa dupla via em que hora servia como repositório das origens dos verdadeiros valores britânicos – ligados ao medievalismo – ora como arma de ataque contra uma França neoclássica e excessivamente moderna.

As traduções que Southey realizou do *Amaudis of Gaul* (1803), *Palmerin of England* (1807) e da *Chronicle of the Cid* (1808) podem ser lidas como formas de “intervenção” favorável ao lado espanhol na Guerra. Southey publicou a *Chronicle of the Cid*, miscelânea de textos medievais sobre o herói espanhol, no intuito de ser um belo texto que tratava das questões espanholas atuais. Southey esperava que o poema, um “pedaço, o mais antigo e curioso, da história cavalheiresca que ainda existe” pudesse ser de alguma serventia no auxílio do que considerava como a atual cruzada constitucional contra Napoleão (*apud* DUGGETT, 2010: 112).<sup>67</sup> A posição da Espanha frente a Napoleão foi encarada por Southey como mais um ato de oposição dentro da tradição espanhola de resistência e reconquista, tradição essa que era um legado gótico.

De fato, Southey parece ter, conscientemente, escolhido focar nos componentes góticos da mitologia da reconquista espanhola. *Roderick, the Last of the Goths* (1814) nasceu de um projeto, reconfigurado, de escrita de um poema sobre Pelágio, representante das origens míticas espanholas, e, segundo Southey, membro “[d]essa raça mais antiga e heroica”, que resistiu aos romanos, cartagineses, gregos e godos.<sup>68</sup> O poema, contudo, acabou tendo seu foco redefinido para o da queda e redenção do rei visigodo Roderick (*apud* DUGGETT, 2010: 115). *Roderick* é, assim, a versão de Southey da lendária invasão moura da Espanha de 711. O auge do poema ocorre quando Roderick testemunha a aclamação de Pelágio como rei da Espanha, evento que funda a monarquia espanhola e simboliza o triunfo completo da nação e de seus novos valores depois da invasão muçulmana (BAINBRIDGE, 2003: 179).

---

<sup>66</sup> No original: “properly [...] called English architecture, for if it had not its origin in this country, it certainly arrived at maturity here”.

<sup>67</sup> No original: “most ancient and most curious piece of chivalrous history in existence”.

<sup>68</sup> No original: “that most ancient and heroic race”.

O investimento britânico na nuance gótica da guerra desembocou em várias respostas de poetas bastante diferentes. Tanto Southey, como Walter Savage Landor – *Count Julian* (1812) – e Walter Scott – *The Vision of Don Roderick* (1811) – escolheram especificamente a lenda gótica de Roderick como assunto para suas obras. A questão principal, contudo, é que a revolta espanhola contra Napoleão foi largamente representada como um restabelecimento de uma antiga ordem gótica e cavalheiresca na Espanha e na Grã-Bretanha (DUGGETT, 2010: 115-116), sendo o uso alegórico do mito de Pelágio para representar a invasão francesa da Península Ibérica razoavelmente comum no período (HUDSON, 1943). Essa associação entre passado e presente foi feita de forma totalmente consciente por Southey. Em 1809, escrevia em uma carta que “estou a ponto de começar outro [poema] sobre Pelágio, o pai dos reis espanhóis, – um assunto há muito tempo escolhido, mas que se tornou especialmente interessante para mim agora por causa da sua aplicabilidade para a situação atual da Espanha” (*apud* KNIGHT, 1887: 88).<sup>69</sup>

Mais próximo ainda da questão Ibérica esteve o projeto de Southey de escrever a *History of the Peninsular War* (1823-1832). A escrita dessa história baseou-se no material que Southey já havia escrito para o periódico *Edinburgh Annual Register*, nos anos de 1810-1813, totalizando cerca de 30% do que foi publicado na *History of the Peninsular War* (CURRY, 1975: 124). O método de Southey na escrita dessa história não diferia muito do empregado na *History of Brazil*, ou seja, registrou os eventos da guerra nos mínimos detalhes, fazendo pausas para descrever cada cidade ou vila e tudo que dizia respeito a sua história, arquitetura, lenda ou aspecto interessante ligado a ela. Igualmente incluiu, na íntegra, uma série de declarações e documentos em vez de resumir brevemente o conteúdo. Southey, como previsto, muitas vezes se perdia em detalhes antiquários e históricos, não analisando, como era esperado pelos leitores, os princípios das táticas e estratégias militares. Esses aspectos contribuíram para que a obra de referência sobre as Guerras Peninsulares não fosse a sua *History of the Peninsular War*, mas a *History of the War in the Peninsular and the South of France* do general Sir William Napier, publicada entre 1828 e 1840 (CURRY, 1975: 123-124).

Articulados ao gótico e ao passado medieval estavam também as virtudes cavalheirescas na composição, por exemplo, da *History of Portugal*. Southey não

---

<sup>69</sup> No original: “I am on the point of beginning another [poem] upon Pelágio, the father of the Spanish kings, – a subject long since chosen, but made especially interesting to me now from its applicability to the existing state of Spain”.

conseguiu concluir o que poderia ser uma história da pré-Península ou dos antigos povos que povoaram o território conhecido posteriormente como Portugal e Espanha, mas existe um conjunto de notas denominado “Collectanea Hispanica” e “Collectanea Gothica”, que indicam que esse projeto havia sido iniciado. O primeiro conjunto ocupa dezoito páginas de informações sobre os lusitanos e o último foca o período de dominação visigótica da Península Ibérica (PINTO, 2007: 62). Apesar de não constituírem um conjunto de informação ordenado, essas coletâneas são indício que, de uma forma ou de outra, a temática da Hispânia e do gótico não haviam perdido espaço dentro das preocupações e interesses de Southey, além de reforçar a ligação intrínseca existente entre o gótico e a visigótica Península Ibérica.

A *History of Portugal* também está carregada de códigos e mecanismos da linguagem literária que remetem ao medievalismo – com seus cavaleiros e batalhas – privilegiando anedotas e curiosidades em detrimento do que, atualmente, parecem ser fatos históricos mais relevantes (PINTO, 2006: 72). A história de Portugal teria, antes de tudo, um valor paradigmático, inserindo-se dentro do tópico do nascimento e queda de nações e impérios. Southey acreditava que sua empreitada poderia ser justificada, pois “nenhum país, no seu nascimento, jamais mostrou ações mais brilhantes, ou deu uma lição mais importante na sua queda” (*apud* SAGLIA, 2010: 57). A *History of Portugal*, ao que todas as referências indicam, ficou inacabada em catorze livros de anotações, divididos, na grande maioria das vezes, pelo nome dos reis portugueses desde Afonso VI de Leão e Castela (1040-1109) até Fernando I (1367-1383).<sup>70</sup>

Southey também escreveu, para compor a *History of Portugal*, o capítulo “The Moors” em que faz a associação entre o gótico e os verdadeiros valores cristãos. Southey argumentava que quando os maometanos invadiram a Espanha esperavam encontrar “a mesma covardia e intolerância estúpida que eles desprezavam aos cristãos orientais, e esse erro foi fatal. Eles encontraram o valor gótico e o gênio gótico, um povo cujas paixões e fanatismo foram inflamados e guiados pela habilidade dos líderes”.<sup>71</sup> Para Southey, existiam “formas góticas de liberdade”, que surpreenderam os invasores. Contudo, no reinado de Afonso VI de Leão e Castela, houve uma mudança importante introduzida pela segunda esposa de Afonso, sintomaticamente lembrada

---

<sup>70</sup> Para uma descrição pormenorizada do aspecto físico e do conteúdo da *History of Portugal*, ver PINTO, 2007.

<sup>71</sup> No original: “the same cowardice & stupid bigotry which they despised in the Eastern Xtians, & this error was ruinous. they found Gothic valour & Gothic genius, a people whose passions & fanaticism were inflamed & guided by the craft of the leaders”.



apenas pelo adjetivo francesa, ao estabelecer o “ritual católico no lugar do antigo gótico”.<sup>72</sup> O capítulo dedicado ao reinado de Afonso é completamente focado nas batalhas e intrigas palacianas, principalmente no que se refere à virada efetuada por sua esposa francesa – ao trocar a religião gótica pela católica romana – quando ele estava ausente. No relato de Southey deste reinado, muito ao estilo tacitista em relação à influência perversa feminina nos assuntos públicos, a rainha francesa (*French Queen*) foi a responsável pela supressão dos rituais góticos em face aos da Igreja Católica Romana. Afonso casou-se com a “intolerante francesa, e consentiu em introduzir o ritual católico e com ele a tirania católica, de onde, posteriormente, procedeu, em sucessão legítima o despotismo, a desolação, a desgraça e a queda da Espanha”.<sup>73</sup> Ao suprimir os rituais góticos, ligados a liberdade e a valentia, em privilégio do Romano, a Espanha e Portugal inauguravam a sua história de declínio. E, mais uma vez, o responsável direto pelo declínio dessas nações eram os franceses, que iniciaram uma era de tirania e despotismo com a introdução do catolicismo e a destruição dos valores góticos ancestrais.

Embora o gótico nunca tenha deixado de ser associado a uma retórica da liberdade inata, houve esforços constantes para expurgar o passado distante do seu potencial democrático e assimilá-lo, ao invés disso, à narrativa exemplar da força militar. Esse esforço estava presente também em *Roderick, the Last of the Goths*. Em seu *Harold* (1791), Southey objetivou tornar Ricardo I mais democrático ao associá-lo a Robin Hood e seu bando, porém, em *Roderick* o foco foi deslocado para a redenção da linhagem espanhola visigoda via defesa dos mouros e de seus aliados. Southey retratou os heroicos godos de forma a criar um paralelo entre eles e os patriotas espanhóis que se opunham a Napoleão (WATT, 1999: 54-55). Assim, e de forma não surpreendente, Wordsworth agradeceu Southey pelo envio de *Roderick, the Last of the Goths*, seu poema épico que alegorizava o esforço heroico britânico na guerra que envolvia a Espanha e Portugal (DUGGETT, 2010: 183).

Se a cruzada era contra Napoleão e os ideais representados pela França, não se deve perder de vista que isso também indicava uma apologia ao comportamento da Grã-Bretanha contra a invasão da Península Ibérica. Em 1821, ao receber a notícia da

---

<sup>72</sup> No original: “Gothic forms of freedom” [...] “Romish ritual in place of the old Gothic”.

<sup>73</sup> No original: “French bigot, & consented to introduce the Romish ritual & with it the Romish tyranny, from whence eventually proceeded, in legitimate succession the despotism, & desolation, & disgrace, & downfall of Spain”.

publicação da tradução francesa de *Roderick*, Southey contrapunha o poema diretamente à cultura francesa, dizendo que “me surpreenderia muito se, depois de tudo o que foi feito para prepará-lo ao gosto francês, em tudo tão completamente *antigálico no estilo, no sentimento e na composição*, encontrasse alguma aprovação na França” (*apud* KNIGHT: 1887: 203, grifo meu).<sup>74</sup>

*Roderick* seria, fundamentalmente, uma narrativa transhistórica que se mascara como investigação da influência do passado sobre o presente, mas que tem como meta real confirmar essa influência ao procurar antecipações, ligações e semelhanças entre passado e presente. Southey buscava identificar Portugal e Espanha dentro de uma mesma unidade original denominada Hispânia, em que só é possível de ser compreendida através dos pormenores da Ibéria medieval. Em *Roderick* ocorre, assim, a redução das futuras comunidades nacionais em dois significativos adjetivos: fiel (*faithful*) e valente (*brave*). A obra é uma representação que busca especificamente a antiguidade ibérica e a existência de uma essência, que transcende tempo e espaço, ou história e geografia, mas que ao mesmo tempo os ultrapassa completamente (SAGLIA, 2010: 59, 63-65).

## A IDADE MÉDIA E O TEMPERAMENTO PORTUGUÊS

Do mesmo modo que ocorreu com o gótico, a relação com a Idade Média, no século XVIII, foi bastante complexa e ambivalente, tendendo por vezes à aversão. Muitos enxergavam esse período como repleto de um barbarismo totalmente incompatível com o ideal de uma sociedade polida e comercial. Era tida como uma época envolta em superstições católicas, em que vigoravam a opressão feudal, o retrocesso comercial e na qual o conhecimento e as artes atrofiaram e foram negligenciados. Contudo, foi impossível ignorar a Idade Média, visto que foi nessa época que se formou a constituição inglesa e ocorreu o desenvolvimento do direito comum (SWEET, 2004: 231). Na época da Revolução Francesa, essa antiga antipatia pela Idade Média, por ser um período de subjugação feudal ou de superstição católica, já estava sendo desfeita. Ao invés disso, criou-se uma imagem da Idade Média como a idade de ouro da cultura cavaleiresca, um período de valentia guerreira e virtude no

---

<sup>74</sup> No original: “It would surprise me greatly if, after all that has been done to trim it to the French taste, anything so completely *anti-Gallican in style, feeling, and composition*, should meet with any approbation in France”.

qual as artes floresceram e a sociedade prosperou. Essa mudança de interpretação pode ser vista como uma reação conservadora em relação às rápidas mudanças que foram se tornando cada vez mais evidentes na economia e sociedade britânica (SWEET, 2004: 262).

Devido às tentativas de entendimento de como houve a transição de uma sociedade feudal para uma comercial, a Idade Média passou de uma figuração obscura dentro da história da humanidade para ser integrada ao progresso do homem dentro da sociedade (SWEET, 2004: 231). Pode-se dizer que se mantinha uma relação superficial, no século XVIII, com o passado medieval baseada em noções de cavalaria e superstição monacal ou exibições exageradas de tirania feudal e ilegalidade. Apesar disso, o gosto pelo gótico tornou a Idade Média mais atraente como um período de investigação antiquária ou histórica e contribuiu para um maior interesse em abordagens mais eruditas do passado medieval sobre as quais o historiador do século XIX poderia construir seus escritos (SWEET, 2004: 232). O estudo das antiguidades medievais instaurou, assim, um novo valor estético para o sublime e o pitoresco, a fascinação por tudo que lembrasse o gótico, e também contribuiu para dar novo vigor ao cavalheirismo como um culto da honra e virtude guerreiras (SWEET, 2004: 238). Nesse contexto de valorização das virtudes cavalheirescas, podemos entender a insistência de Southey em chamar o Rio Amazonas de Orellana, para “render justiça à memória de um homem, restituindo-lhe a sua bem merecida honra” (SOUTHEY, 1862a: 157).<sup>75</sup> A figura do cavaleiro, enquanto descobridor de novas terras, ajudou a difundir a ideia do acúmulo de conhecimento como uma expansão de virtudes cavalheirescas, bastante comum nos tratados de cosmografia ibérica do século XVI e retificada por diversos ingleses (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2006: 10).

Como salientado, o desenvolvimento do território sul-americano, para Southey, seguia, em linhas gerais, um movimento similar ao ocorrido na Europa, inclusive no que dizia respeito à constituição dos seus limites territoriais. Quando Southey afirmava que Domingo Martínez de Irala dividiu o Rio da Prata em *repartimientos* “como nas outras conquistas se havia feito, sistema pelo qual se repartiam as terras e a sua população indígena entre os senhores europeus, como à própria Europa sucedera outrora debaixo dos seus conquistadores góticos e eslavônios” (SOUTHEY, 1862a: 246, grifos meus)

---

<sup>75</sup> No original: “rendering justice to his memory, by thus restoring to him his well-deserved honour” (SOUTHEY, 1810: 102).

colocava a história brasileira dentro dos parâmetros de desenrolar da história universal e também reafirmava a importância do período gótico para a formação dos estados nacionais.<sup>76</sup>

A revalorização do gótico esteve extremamente ligada ao entendimento de que na Idade Média ter-se-iam formado virtudes elevadas. A mineração, por exemplo, foi vastamente criticada por Southey na *History of Brazil* por causa do lucro fácil obtido pelos garimpeiros, requerendo pouco esforço físico, pois a mão-de-obra era escrava, ou investimento intelectual. Assim,

Afirma-se que nunca naquela capitania [de Minas Gerais] se vira um homem branco, por ínfima que fosse a classe a que pertencesse, tomar nas mãos um instrumento agrícola! Deploravelmente ruim era na verdade o estado da sociedade, e como não seria assim, *onde nada havia que exaltasse o caráter como nos tempos feudais*, nada que o depurasse como nas partes ilustradas das Europa, nada que o fortificasse como entre os homens que tinham explorado e conquistado estas mesmas regiões? (SOUTHEY, 1862f: 478, grifos meus).<sup>77</sup>

Nesse contexto de revalorização de virtudes situadas em um tempo medieval baseadas no cavalheirismo, na valentia e na honra que gostaríamos de situar a interpretação de Southey do povo ibérico como bárbaro e atrasado, porém, detentor de virtudes não comerciais importantes. Para Southey, a degeneração do espanhol no Paraguai, por exemplo, iniciou-se quando “a guerra deixou de ser a sua ocupação” e “as qualidades de soldado dos conquistadores decaiu em inação”. Sobrou apenas “a ferocidade de seus caracteres”, que era empregada “em insurreições insignificantes, tumultos e assassinatos; as descobertas estavam paradas, toda a empresa (*enterprize*) cessou e o espírito militar foi perdido”. Assim, “na maior parte do Novo Mundo eles [os espanhóis] tinham degenerado, mas em lugar nenhum a degeneração era tão grande como no Paraguai”. Foi nesse exato momento que a tribo indígena dos abipones tornou-se um povo equestre por meio da domesticação dos cavalos, constituindo-se forte adversário dos espanhóis (SOUTHEY, 1822: 292-293).<sup>78</sup> Southey parecia confirmar a

---

<sup>76</sup> No original: “as in the other Conquests,.. a mode by which the country and its native population were portioned out among their European masters, *as Europe itself had formerly been under its Gothick and Slavonick conquerors*” (SOUTHEY, 1810: 172, grifos meus).

<sup>77</sup> No original: “The state of society indeed is deplorably bad; and how should it be otherwise, *where there was nothing to elevate the character, as in feudal times*; nothing to refine it, as in the enlightened parts of Europe; nothing even to strengthen it, as among the men, by whom these very regions were explored and won?” (SOUTHEY, 1819: 828, grifos meus).

<sup>78</sup> No original: “war had ceased to be his pursuit” [...] “the soldierly qualities of the conquerors had rusted in inaction” [...] “the ferocity of their character” [...] “in petty insurrections, and broils and murders; discoveries were at a stand, there was an end of all enterprize, and the military spirit was lost”

interpretação do Deão de Córdoba que causas morais se conectavam com a degeneração dos espanhóis, ocorrida durante o século XVII. Os espanhóis haviam abandonado os costumes ousados e simples de seus antepassados, a frugalidade, e a estima à guerra, todas essas substituídas pela efeminação, pelo luxo, pela intemperança e indolência. Essa mudança de hábitos tolhia a coragem do temperamento espanhol (SOUTHEY, 1819: 894). O caráter nacional ibérico ligado às virtudes cavaleirescas e fundado na honra esteve diretamente relacionado ao comportamento dos conquistadores espanhóis e portugueses na América do Sul e na composição da herança que deixariam para suas colônias. Existia uma ligação direta entre o interesse de Southey pelo passado medieval ibérico e o seu entendimento da formação das virtudes ibéricas, que, posteriormente, seriam trazidas para solo brasileiro. Essas virtudes eram entendidas pela ótica do cavaleiresco, valores despertados nas cruzadas medievais e que ressurgiram nos movimentos de expansão de Portugal e Espanha para a África, Índia e o Novo Mundo (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2006: 3).

Ao longo da *History of Brazil*, Southey distingue vários tipos de colonos dentre a população portuguesa residente na América Portuguesa. Após a descoberta do Brasil, Portugal decidiu começar a ocupação desse território, “sendo dois criminosos os primeiros europeus que se deixaram nas suas praias”. A política de enviar degradados às colônias era comum e Southey não a enxergava como um mal em si, acreditava que bem regulada poderia gerar bons resultados, principalmente sendo Portugal um país pequeno e sem grande população. Contudo, as relações desses degradados europeus “com os selvagens não produziram senão males: todos se tornaram piores; os antropófagos (*cannibals*) adquiriram novos meios de destruição, os europeus novas práticas de barbaridade”. Os colonos europeus “perderam esse horror humano aos banquetes sanguinários, que, malvados como eram, haviam sentido ao princípio: aqueles esse respeito e veneração de *uma raça superior*, sentimento que em bem de todos se podiam ter cultivado” (SOUTHEY, 1862a: 48-49, grifos meus).<sup>79</sup> A qualidade moral do colonizador era um ponto importante, pois dava continuidade ou não a valores que

---

[...] “in most parts of the New World they had degenerated, but no where was the degeneracy so great as in Paraguay”.

<sup>79</sup> No original: “the first Europeans who were left ashore there were two convicts” [...] “their intercourse with the savages produced nothing but mischief: each made the other worse; the cannibals acquired new means of destruction, and the Europeans new modes of barbarity” [...] “were weaned from that human horror at the bloody feasts of the savages, which ruffians as they were they had at first felt, and the natives lost that awe and veneration *for a superior race* which might have been improved so greatly to their own advantage” (SOUTHEY, 1810: 23-24, grifos meus).

considerava corretos, além de garantir a saída do estado selvagem juntamente com o progresso da sociedade.

Não faltaram, por exemplo, elogios de Southey aos colonos açorianos, que não foram expulsos de Portugal e apresentavam um quadro moral, a seu ver, mais interessante ao Brasil. A colonização da Província do Rio Grande do Sul colhia bons frutos, pois “não era a ociosidade o vício de nenhuma classe de homens, e os descendentes dos antigos colonos dos Açores eram de elevada estatura (tendo-se a sua natureza acomodado bem ao clima), bons trabalhadores, inteligentes lavradores, probos e bem comportados” (SOUTHEY, 1862f: 523-524).<sup>80</sup> Os colonizadores portugueses nascidos nos Açores são, sem sombra de dúvidas, os mais bem avaliados por Southey, principalmente pela sua índole moral. Eles distinguiam-se dos demais pelo seu asseio, “*usando de bom linho e tendo sempre mui limpas as casas, sobre terem conservado a sua indústria os soldados e os aldeões desta raça e até os mais pobres habitantes da vila*” (SOUTHEY, 1862f: 517, grifos meus).<sup>81</sup> Igualmente os colonizadores da cidade de Macapá, sendo de maioria açoriana, destacavam-se “tanto na moral como na indústria” (SOUTHEY, 1862f: 361).<sup>82</sup> Southey acreditava existir uma ligação direta entre a ausência ou não cumprimento das leis e a prosperidade de um local (SOUTHEY, 1819: 76, 85) e as virtudes de seus habitantes contribuíam diretamente para a possibilidade de cumprimento das leis e, com isso, de efetiva prosperidade.

Existiam características morais que eram transmitidas, via exemplo ou via cruzamento biológico, que assegurariam um futuro promissor ao Brasil. A colônia portuguesa de Mazagão, no Marrocos, por exemplo, mantinha o “antigo caráter português” e quando aproximadamente 18 mil habitantes embarcaram para fundar a homônima cidade no Brasil, trouxeram consigo “costumes polidos e hábitos militares”. Porém, essa tão profícua emigração, segundo Southey, acabou sucumbindo, pois “também era desfavorável a situação, reinando as febres terrivelmente naquela costa, poluída a atmosfera com a grande quantidade de matérias putrefatas depositadas pelo rio, e pelo lodo alternadamente exposto à ação da água salgada e da doce”. Dessa forma,

---

<sup>80</sup> No original: “Idleness was not the vice of any class of men there; and the descendants of the colonists from the Azores are described as of great stature (the climate having agreed with them well), good labourers, intelligent farmers, upright and orderly” (SOUTHEY, 1819: 866).

<sup>81</sup> No original: “*by their cleanliness from the other Portuguese: the soldiers, the peasantry, and even the poorest towns-people of this race, wore good and clean linen, and their houses were remarkable for neatness; they had retained also their industry*” (SOUTHEY, 1819: 860, grifos meus).

<sup>82</sup> No original: “they had the advantage both in industry and morals” (SOUTHEY, 1819: 734).

em apenas vinte anos metade dos colonos não mais existiam, “sucumbindo provavelmente a maior parte à moléstia endêmica” (SOUTHEY, 1862f: 180).<sup>83</sup>

A colonização era uma empreitada que requeria tanto resistência das constituições físicas das raças transplantadas a um novo clima quanto virtudes morais, formadas em cada povo europeu a partir das guerras travadas, principalmente, no período gótico-medieval. Existia uma relação direta entre guerra e formação das virtudes nacionais e do patriotismo, que tinham sido compostos, na perspectiva de Southey, na época medieval:

*Nas passadas eras de barbaridade (barbarous ages) se formavam as instituições e costumes de todos os países com referência à guerra, sendo esta quem associava os homens. Já lá vão os males desses séculos, mas os sentimentos e virtudes que eles no seu turbulento correr chamaram à existência devem as mais nobres nações da Europa as suas melhores e mais ativas características. Mostrará o futuro qual há de ser o caráter das nações que não passaram por esta depuração (discipline), mas o que até agora se tem visto não permite aguardar grandes coisas (SOUTHEY, 1862f: 410, grifos meus).*<sup>84</sup>

Se, por um lado, a guerra havia se tornado um assunto prescrito para a narrativa histórica, por outro, era patente para Southey a sua importância enquanto formadora do caráter nacional. Não fazia Southey um convite à guerra, mas pensava que sem um inimigo a sociedade se acomodava e poderia degenerar ao invés de alcançar um estágio civilizacional superior. Por meio do confronto direto com o outro, os costumes eram delimitados, as virtudes desenvolvidas e a dava-se, por fim, a formação de uma nação com características próprias. Seu diagnóstico sobre a estagnação ocorrida na colônia de Portel, no rio Xingu, que, por causa da ausência de medo de invasões inimigas “ia o povo caindo nesse degrau (*stage*) intermediário da vida, em que parecem estagnadas as faculdades, e o progresso da civilização suspenso” (SOUTHEY, 1862f: 364-365) está relacionada com essa visão sobre a guerra.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> No original: “old Portuguese character” [...] “polished manners and military habits” [...] “the situation too was unfavourable; for fevers prevail dreadfully upon that coast, where the atmosphere is tainted by the great quantity of wreck which the river throws up, and by the ooze, which is alternately exposed to the action of salt and of fresh water” [...] “and probably the larger part had fallen victims to the endemic disease” (SOUTHEY, 1819: 589-590).

<sup>84</sup> No original: “in barbarous ages heretofore, the institutions and habits of all countries were formed with reference to war, war being the motive by which men were associated. The evil of those ages is passed; but to the feelings and virtues which they evolved in their turbulent course, the noblest European nations owe their best and proudest characteristics. It remains to be seen hereafter what will be the character of those nations who have passed through no such discipline: from all that has hitherto appeared, the inference is not favourable” (SOUTHEY, 1819: 773, grifos meus).

<sup>85</sup> No original: “were falling into an intermediate stage of life, in which the faculties appear to stagnate, and the progress of civilization to be suspended” (SOUTHEY, 1819: 736).

O Brasil claramente não havia tido um período gótico cronologicamente similar ao europeu, porém, não seria estranho pensar que a história colonial pudesse equivaler a ele tendo em vista a organização social – muitas vezes apresentada, por Southey, como feudal – e as lutas travadas em seu interior. É nessa perspectiva que eu gostaria de abordar a guerra entre neerlandeses e portugueses pela ocupação do nordeste brasileiro e o destaque dado por Southey a João Fernandes Vieira como sintetizador das virtudes (e vícios) portuguesas. Tal disputa territorial foi um dos momentos principais no qual Southey delineou o que entendia como caráter nacional português e holandês, deixando claro o que pensava ser o legado colonial pretendido por ambos os países. Southey alegava que, em 1654, após o tratado com os neerlandeses e o fim da guerra, Fernandes Vieira recebeu as chaves dos armazéns e fortes de Recife e entregando-as ao General Francisco Barreto de Meneses “se pode dizer que das mãos de João Fernandes Vieira recebeu Francisco Barreto aquela cidade, e a coroa de Portugal o seu império do Brasil” (SOUTHEY, 1862c: 328).<sup>86</sup> Com esse relato do verdadeiro espírito português Southey também objetivava demonstrar como “com tanta ignorância e falsidade têm os portugueses, e especialmente os portugueses americanos, sido acusados de frouxidão e indolência (*listless and spiritless inactivity*)” (SOUTHEY, 1862e: 463).<sup>87</sup>

Sustento, em suma, que existia uma apologia por parte de Southey ao tempo cavalheiresco em que o caráter militar, juntamente com suas virtudes, era exortado. Relatando um pacto selado entre os abipones e os espanhóis em que não haveria combate noturno entre eles, Southey salientava: “este acordo foi mais na forma do que no *espírito dos tempos cavalheirescos*. Os abipones não tinham nenhuma dessa coragem que se manifesta na procura e no desafio do perigo, e eles tinham tão pouco *daquela honra que eleva e enobrece o caráter militar*” (SOUTHEY, 1822: 300, grifos meus).<sup>88</sup> A guerra, quando feita com as virtudes e os fins corretos, elevava a moral de seus participantes e estimulava o patriotismo. Se praticada de forma contrária, contribuía para uma “incessante guerra de pilhagem, em que parecem consistir as maiores delícias do homem nos degraus (*stages*) semibárbaros do seu progresso” (SOUTHEY, 1862a:

---

<sup>86</sup> No original: “may it be said, that from the hands of Joam Fernandes Vieira, Francisco Barreto received that city, and the Crown of Portugal its empire of Brazil” (SOUTHEY, 1817a: 242).

<sup>87</sup> No original: “so ignorantly and so falsely have the Portugueze, and more especially the American Portugueze, been accused of a listless and spiritless inactivity” (SOUTHEY, 1819: 362).

<sup>88</sup> No original: “This agreement was more in the manner than in the *spirit of chivalrous times*. The Abipones had none of that courage which shows itself in seeking and braving danger, and they had as little of that *honour which elevates and ennobles the military character*”.



264).<sup>89</sup> Para Southey, claramente, existia um espírito nacional português (SOUTHEY, 1810: 443) e a retomada do nordeste invadido e conquistado pelos neerlandeses, fez com que as virtudes desse povo, em especial a honra, o patriotismo e a valentia pudessem se destacar.

#### *A valentia portuguesa e os milagres do catolicismo: o resgate de Pernambuco*

Na época da conquista de Pernambuco e de parte do nordeste brasileiro pelos neerlandeses, Portugal estava sob o domínio espanhol marcado pela União Ibérica (1580-1640). Na perspectiva de Southey, a inércia (*supineness*) espanhola em relação às suas colônias, nessa época, não apenas trazia prejuízos para elas, mas também ao Brasil (SOUTHEY, 1810: 455). A Coroa espanhola exalava uma inércia apática e indolente, que reduzia as qualidades mentais e morais de seus súditos.<sup>90</sup> Southey acreditava que a falta de presteza com que atendeu ao pedido de reforços militares dos pernambucanos, em 1633, uma prova da falta de cuidado com que a Espanha tratava o Brasil. Mesmo sendo a cavalaria de grande auxílio aos portugueses, por dá-lhes vantagem incontestável em relação aos invasores neerlandeses, Matias de Albuquerque obteve somente uma companhia – entre 60 e 250 homens –, sendo que apenas vinte tinham montaria (SOUTHEY, 1810: 489). Em vão os brasileiros pediam ajuda à Corte de Madri, que “persuadida, ou afetando-se persuadida de que não tardariam os holandeses a cansar-se de uma conquista, tão obstinadamente disputada, parecia [...] com a sua inércia (*supineness*) querer entrega-la a eles” (SOUTHEY, 1862b: 247).<sup>91</sup> Em suma, Southey acreditava que “jamais houve colônias tão cruelmente descuidadas pelo seu Governo” (SOUTHEY, 1862b: 274).<sup>92</sup>

Mesmo diante da derrota para os neerlandeses, os portugueses residentes em Pernambuco continuaram lutando para reverter a situação de julgo que se encontravam, sendo que “os que se conservaram fiéis suportaram com heroica constância (*heroic constancy*) as privações, morrendo de inanição no seu posto” (SOUTHEY, 1862b:

---

<sup>89</sup> No original: “incessant predatory warfare which seems to constitute the highest enjoyment of man in the semi-barbarous stages of his progress” (SOUTHEY, 1810: 496).

<sup>90</sup> Para a definição de *supineness*, ver <http://www.merriam-webster.com/dictionary/supineness?show=0&t=1410440556>. Acesso 11 set. 2014.

<sup>91</sup> No original: “believing or affecting to believe that the Dutch would soon be weary of maintaining a Conquest which was so obstinately disputed, seemed by its supineness to yield it to them” (SOUTHEY, 1810: 490).

<sup>92</sup> No original: “never were colonies more cruelly neglected by their Government” (SOUTHEY, 1810: 501).

297).<sup>93</sup> Porém, Southey alegava que, devido à falta de apoio da Corte espanhola, alguns portugueses optaram por “submeterem aos holandeses, preferindo todo e qualquer governo ao ingrato da Espanha” (SOUTHEY, 1862b: 298-299).<sup>94</sup> Essa postura, salientava, não condizia com a regra tendo em vista que eram um povo valente, patriota e com um caráter nacional pujante. Quando abandonaram Pernambuco, assim o fizeram mais por “falta de direção do que de *coragem*” tendo em vista que não tinham se preparado para a invasão dos neerlandeses. Todavia, quando estavam escondidos na floresta, “era a voz dos bravos (*brave*) a que se escutava, que só *esses davam conselhos, recaindo o comando sobre aqueles que a natureza criara para mandar*”. Além disso, Matias de Albuquerque os exortava dizendo que “*os holandeses conquistavam por lucro e não pela glória, que cobiçavam Pernambuco pelo açúcar e tabaco que produzia*” (SOUTHEY, 1862b: 208-209, grifos meus).<sup>95</sup> Na visão de Southey, os portugueses distinguiam-se dos neerlandeses em suas virtudes e carregavam consigo a honra e a glória do reino de Portugal. Diferentemente do que acontecia com os novos conquistadores, que invadiam o Brasil apenas por vantagens comerciais, os portugueses tinham na colonização a tarefa de exaltar o caráter nacional e propagar o que consideravam a verdadeira religião. Não obstante todas as demonstrações de valentia e dos esforços realizados por parte dos portugueses, Pernambuco foi conquistada. Quando isso aconteceu, argumentava Southey, alguns portugueses “destituídos de todo o sentimento de patriotismo” (*had no sense of patriotism*) ao invés de deixarem de ter relações comerciais com os neerlandeses e os forçarem à inanição, os ajudavam vendendo seus produtos ao inimigo (SOUTHEY, 1810: 475; 1862b: 215).

A luta entre neerlandeses e portugueses, em grande medida, serviu como cenário para demonstração do caráter nacional português e, em certa medida, do neerlandês no momento em que Southey não só contrapõe os objetivos colonizadores das duas nações, como deixa claro que os portugueses eram pautados pela glória e honra de Portugal, sendo um povo patriota, fiel à sua religião e valente nos momentos de guerra. Em 1635, por exemplo, o comandante Sigismundus Van Schoppe havia assegurado a proteção dos

---

<sup>93</sup> No original: “they who remained faithful bore their sufferings with heroic constancy, and many men died at their posts for want of food” (SOUTHEY, 1810: 512).

<sup>94</sup> No original: “become subject to the Dutch, and preferring any government to the ungrateful one of Spain” (SOUTHEY, 1810: 514-515).

<sup>95</sup> No original: “ill management than to *any want of courage*” [...]“it was *the voice of the brave* which was heard, for then none *but the brave gave counsel; and those men took the lead whom Nature had qualified to take it*” [...]“*the Dutch made conquests for gain and not for glory that they coveted Pernambuco for the sugar and tobacco which it produced*” (SOUTHEY, 1810: 472, grifos meus).

novos súditos portugueses, dada pela capitulação, porém “cometeram os conquistadores as mais atrozes crueldades contra esta *brava gente (brave people)*”. Todos os que possuíam alguma propriedade foram obrigados a pagar uma quantia em dinheiro para salvar suas vidas, porquanto foram considerados como traidores do Príncipe de Orange. Com essa medida, “levantaram os holandeses a melhor de vinte e oito mil coroas, e foi assim que no oriente e ocidente tornaram tão infame a sua história, e detestáveis os seus nomes” (SOUTHEY, 1862b: 291-292, grifos meus).<sup>96</sup> Não bastassem os rumores de que os neerlandeses perseguiram qualquer um que tinha posses em busca de seu dinheiro, Southey afirmava que, em 1643, o governador Maurício de Nassau, “enraivecido com a última perda sofrida”, “deu expansão ao mais feroz espírito de vingança. Vinte e cinco portugueses de S. Luiz entregou este desalmado aos selvagens do Ceará que os devorassem, e cinquenta mandou para a Barbada, onde como escravos se vendessem aos ingleses” (SOUTHEY, 1862c: 50-51).<sup>97</sup>

Southey argumentava que os neerlandeses eram “os mais desumanos dos senhores, e cuja causa decaía visivelmente” (SOUTHEY, 1862c: 240).<sup>98</sup> Ao contrário dos portugueses, que sempre foram um povo valente, “os holandeses sempre foram um povo cruel; eles têm, portanto, desonrado a si mesmos em casa, e não há nenhuma nação cuja história colonial é tão imperdoavelmente e inexpiavelmente vergonhosa para a natureza humana” (SOUTHEY, 1810: 525-526).<sup>99</sup> Os neerlandeses, segundo Southey, invadiram o Brasil por motivo tão torpe quanto os espanhóis haviam conquistado seus territórios na América: “impacientes de colher o produto de suas conquistas andavam os holandeses, que só por amor do açúcar e do tabaco haviam invadido o Brasil” (SOUTHEY, 1862b: 324).<sup>100</sup> Os portugueses eram diferentes de “muitos holandeses e

---

<sup>96</sup> No original: “the most atrocious cruelties were exercised upon these *brave people* by the conquerors” [...] “the Dutch raised twenty eight thousand crowns; and it is by such means that they have rendered their history as infamous, and their names as detestable in the East and in the West” (SOUTHEY, 1810: 508-509, grifos meus).

<sup>97</sup> No original: “enraged at the last loss which he had sustained, gave way to the most ferocious spirit of vengeance. Five and twenty Portuguese of S. Luiz he delivered to the savages from Seara, to be devoured by them; and he sent fifty to Barbadoes, to be sold as slaves to the English” (SOUTHEY, 1817a: 38).

<sup>98</sup> No original: “the most inhuman of masters, and whose cause was now manifestly sinking” (SOUTHEY, 1817a: 178).

<sup>99</sup> Trecho suprimido por Southey na segunda edição do Volume 1 e, portanto, não consta na tradução para o português já que foi feita tendo como base a segunda edição. No original: “the Dutch have always been a cruel people; they have thus dishonoured themselves at home, and there is no nation whose colonial history is so inexcusably, and inexpressibly disgraceful to human nature”.

<sup>100</sup> No original: “The Dutch were impatient to reap the produce of their conquests; it was for the sake of raising sugar and tobacco that they had invaded Brazil” (SOUTHEY, 1810: 526-527).

outros estrangeiros [que] eram aventureiros desesperados tão baldos de *patriotismo como de probidade*” (SOUTHEY, 1862c: 72, grifos meus).<sup>101</sup>

A caracterização dos luso-brasileiros envolvidos na guerra contra os neerlandeses como pessoas valentes e patriotas é corrente na *History of Brazil*. Em 1637, por exemplo:

Seguiu-se uma *valente* (*brave*) porém desordenada sortida; [Felipe] Camarão distinguuiu-se como sempre, e sua mulher, agora conhecida pelo cristão e nobre nome de D. Clara, a cavalo lhe pelejou ao lado. À testa dos negros ostentou Henrique Dias a costumada *bravura* (*bravery*). Uma bala o feriu no punho esquerdo, e, julgando-a envenenada, mandou amputar a mão, dizendo que uma lhe bastava para *servir a seu Deus e o seu rei*; para se vingar cada dedo lhe teria lugar de mão, e antes queria morrer de uma vez do que consumir muito tempo na cura. A perda dos portugueses, que pela quantidade não foi grande, foi terrível pela qualidade, que os poucos que caíram eram *valentes* (*brave*) e sabiam cumprir o seu dever (SOUTHEY: 1862b: 329-330, grifos meus).<sup>102</sup>

Nesta passagem, a importância do amálgama das raças, que discutirei mais adiante e que compõem o ideal da nacionalidade brasileira, já é visível pelo destaque conferido ao indígena Felipe Camarão e ao negro Henrique Dias.<sup>103</sup> Além disso, o adjetivo valente, ao lado de patriota, foi constantemente utilizado por Southey para definir uma das virtudes tidas pelos portugueses e pelos que lutaram ao seu lado na guerra contra os neerlandeses. Imbuído do verdadeiro caráter português, o governador-geral Pedro da Silva, em um dos confrontos com os neerlandeses, “ao bem público sacrificava a própria hierarquia” ao enviar em seu lugar Giovan Vincenzo Sanfelice, Conde de Bagnuoli, para defender o posto (SOUTHEY, 1862b: 362).<sup>104</sup> Mesmo tendo alcançado a vitória, os militares repreenderam a conduta do governador-geral julgando o seu “proceder por um *falso padrão de honra*”. Não obstante, a Corte soube reconhecer a sua postura, “declarando que *pusera ele um exemplo digno de imitar-se*. Altamente louvável foi em verdade este comportamento; só um sábio assim podia pensar, só um

---

<sup>101</sup> No original: “Many of the Dutch, and other foreigners, [that] were adventurers of desperate fortunes, alike devoid of *patriotism and of honesty*” (SOUTHEY, 1817a: 55, grifos meus).

<sup>102</sup> Na segunda edição consta igualmente *brave*, sendo uma opção do tradutor a utilização do adjetivo “valente” no lugar de “bravo”. No original: “A *brave* but disorderly sally was made; Cameram as usual distinguished himself, and his wife, now known by the Christian and ennobled name of Dona Clara, fought on horseback by his side. Henrique Diaz, at the head of the Negroes, displayed his wonted *bravery*; he received a ball in the left wrist, and conceiving that the bullet was poisoned had the hand amputated; one was enough, he said, to serve his God and his King with; and to take vengeance for himself, every finger would do the work of a hand. The loss was not great in numbers but it was heavy in effect, for the few who fell were *brave* men who did their duty” (SOUTHEY, 1810: 531, grifos meus).

<sup>103</sup> Agradeço a Temístocles Cesar por ter chamado a minha atenção para essa via interpretativa desta passagem.

<sup>104</sup> No original: “sacrificed his own rank to the public good” (SOUTHEY, 1810: 554).

*valente (brave)* assim proceder” (SOUTHEY, 1862b: 371, grifos meus).<sup>105</sup> Dotados das virtudes portuguesas, os pernambucanos luso-brasileiros “prosseguiram na guerra com essa infatigável perseverança, que nada podia subjugar, e que portanto também por força havia de afinal vencer todos os obstáculos” (SOUTHEY, 1862c: 315).<sup>106</sup>

No cenário de inércia da Coroa espanhola em relação ao domínio português na América, é que Southey eleva a figura de João Fernandes Vieira como um dos grandes sintetizadores do caráter português. Quando o natural de Funchal Fernandes Vieira, com apenas 17 anos, soube da necessidade de novos recrutas para combater a invasão neerlandesa, se candidatou ao serviço, sendo que, de imediato, vinte pessoas seguiram o seu exemplo. Inclusive, “alguns dos mesmos homens que haviam recentemente desertado do forte, porque o achavam indefensável, voltavam agora, tendo *vergonha* de que outros o defendessem, e *adquirindo coragem pela simpatia (sympathy) tão facilmente como eles tinham da mesma maneira aprendido covardia*” (SOUTHEY, 1810: 470, grifos meus).<sup>107</sup> A simpatia com Fernandes Vieira despertava, pelo exemplo, a coragem que estava esquecida nesses homens. João Fernandes Vieira, que havia inicialmente submetido aos neerlandeses, “tão valentemente (*bravely*) se assinalara na defesa do forte de S. Jorge” (SOUTHEY, 1862c: 87)<sup>108</sup> e, ao lado de André Vidal de Negreiros, “entre os portugueses um dos mais valentes (*bravest*), judiciosos e melhores” (SOUTHEY, 1862c: 93), foi figura decisiva na guerra contra os invasores neerlandeses.<sup>109</sup>

Southey se refere constantemente às pessoas que lutaram contra os neerlandeses como patriotas imbuídos de um dever nacional com a honra portuguesa e com a propagação da religião católica, em disputa mortal contra os hereges e diabólicos protestantes. André Vidal de Negreiros é delineado por Southey como “um desses homens superiores a todas as considerações de egoísmo, e títulos, honras e riquezas

---

<sup>105</sup> No original: “his conduct by a *false standard of honour*” [...] “and declared that *he had set an example worthy of imitation*. Highly indeed is such conduct to be praised; none but a wise man could have so felt, and none but a *brave* one could have so acted” (SOUTHEY, 1810: 559, grifos meus).

<sup>106</sup> No original: “carried on the war with that unweariable perseverance which nothing could subdue, and which therefore could not fail at length to overcome all obstacles” (SOUTHEY 1817a: 232).

<sup>107</sup> O trecho, inalterado na segunda edição, sofreu significativas mudanças na tradução (Cf. SOUTHEY, 1862b: 205). No original: “some of the very men who had lately deserted from this post, because they thought it indefensible, returned to it now, being *ashamed* that others should defend it, and *gathering courage from sympathy as easily as they had in the same manner learnt cowardice*”.

<sup>108</sup> No original: “had distinguished himself so *bravely* in the defence of Fort St. Jorge” (SOUTHEY, 1817a: 65).

<sup>109</sup> No original: “one of the *bravest, wisest, and best* of the Portuguese” (SOUTHEY, 1817a: 69).

nada eram a seus olhos quando se tratava de servir a pátria” (SOUTHEY, 1862c: 96).<sup>110</sup> Para que uma pessoa pudesse ser considerada patriota ela, antes de tudo, deveria pensar no bem estar exclusivo de seu país, abdicando de seus desejos e ambições. Patriota é constantemente usado por Southey como sinônimo de portugueses, luso-brasileiros ou de quem quer que tenha lutado contra os neerlandeses:

Outra vez rompeu o fogo das emboscadas, mas agora iam já os holandeses preparados para isto, e dirigindo as balas para o sítio da onde partiam os tiros, fizeram morder a terra a muitos dos *portugueses (patriots)*. Aqui foi ferido João Paes Cabral, fidalgo do nome e provavelmente da linhagem do descobridor do Brasil. Queriam os seus leva-lo do campo, mas ele clamou “Não é nada! A eles outra vez” *Viva a fé de Cristo!*” e avançando para a ação, recebeu segundo tiro, que imediatamente o prostrou sem vida [...] Espada numa mão e crucifixo a outra, atiraram-se agora os padres aonde andava mais ferida a batalha. Absolvendo os moribundos, ouviam a apressada confissão dos vivos, e pelejavam com todo *o ardor de generoso patriotismo, e toda ferocidade de zelo inveterado* (SOUTHEY, 1862c: 146-148, grifos meus).<sup>111</sup>

Patriota é tão vastamente utilizado por Southey para se referir aos portugueses que lutaram contra os neerlandeses, que Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, tradutor luso-brasileiro da *History of Brazil*, chegou a apropriar-se dessa similitude ao traduzir *patriots* por portugueses.

D. João IV, na visão de Southey, “*como português e como católico*, simpatizava [...] com os pernambucanos no *seu patriotismo e na sua dedicação à fé romana*”, considerava-os em alto nível, porém sentava-se “no mal seguro trono de um país enfraquecido e exausto, sem nada que o sustentasse, além *do afeto e espírito do povo*” (SOUTHEY, 1862c: 246, grifos meus).<sup>112</sup> Southey delineou o português como católico fervoroso e altamente patriota, com um senso de dever ao seu país inabalável. Fernandes Vieira e Vidal eram “desinteressados” (*disinterested*) e de um “dedicado

---

<sup>110</sup> No original: “one of those men who are above all selfish considerations; rank, honours, and emoluments were as nothing in his eyes when placed in competition with *the service of his country*” (SOUTHEY, 1817a: 71, grifos meus).

<sup>111</sup> No original: “The ambushes again opened upon them; but they were now prepared for this: they poured in their fire toward the place from whence the shot proceeded, and many of the *patriots* fell. Here Joam Paez Cabral was wounded, a man of noble family, of the name, and probably the lineage, of the discoverer of Brazil. His men would have borne him from the field; but he exclaimed ‘It is nothing... at them again! *Christ's faith for ever!*’ and advancing again to the fight, he received a second shot, which was instantly mortal [...] The Priests then hastened to the hottest of the fight, with the sword in one hand and the crucifix in the other. They absolved the dying, they heard the hasty confession of the living, and they fought with all the *ardour of generous patriotism, and all the ferocity of inveterate zeal*” (SOUTHEY, 1817a: 109-100, grifos meus).

<sup>112</sup> No original: “*as a Portugeze and a Catholic*” [...] “sympathized with the Pernambucans in *their patriotism and in their devotion to the Romish faith*” [...] “he was seated upon the insecure throne of a weak and exhausted country, and had nothing but the *spirit and affection of the people to support him*” (SOUTHEY, 1871a: 182, grifos meus).

patriotismo” (*devoted patriotism*) que os faziam pensar apenas em Portugal e na importância da vitória sobre os neerlandeses para esse reino (SOUTHEY 1817a: 199; 1862c: 269). Nem a submissão imposta pela Espanha poderia abalar a “coragem” (*courage*) e o “orgulho” (*pride*) dos portugueses (SOUTHEY 1817a: 213; 1862c: 289). Era indiscutível, para Southey, que “é na verdade a *virtude da nacionalidade* uma das que os portugueses possuem no grau mais subido” (SOUTHEY, 1862e: 456, grifos meus).<sup>113</sup> Em sua opinião, “a honra de Portugal” era “sentimento ao qual nenhum português é insensível” (SOUTHEY, 1817a: 568),<sup>114</sup> pois mesmo quando estiveram “os portugueses, como nação, no meio da corrupção de todas as suas instituições, sempre conservaram um alto senso de *honra nacional*” (SOUTHEY, 1819: 691, grifos meus).<sup>115</sup>

Conquanto selado o tratado entre Portugal e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, de acordo com o qual a Capitania de Pernambuco era reconhecida como domínio português, ainda existiam ruídos entre as partes, motivados pelo descumprimento de trechos do tratado. Porém, mesmo se isso não tivesse ocorrido, argumentava Southey, era certo que “teriam os pernambucanos levantado contra um jugo pesado e intolerável, sendo mais que provável que Portugal, por seus *princípios religiosos e brios nacionais*, ajudasse os insurgentes”. Por um lado, fora possível a João Fernandes Vieira obter apoio graças à sorte desesperada dos conjuradores, “mas por outro lado também nada menos do que *o nobre princípio do patriotismo* o poderia ter feito, a ele e aos seus conterrâneos, perseverar através de tantas dificuldades e decepções tão contínuas” (SOUTHEY 1862c: 340-341, grifos meus).<sup>116</sup> No final, era impossível aos neerlandeses, na opinião de Southey, manter suas conquistas do Brasil, pois “*povo de tão resoluta nacionalidade como o português, e em semelhante país não*

---

<sup>113</sup> No original: “The *virtue of nationality*, indeed, is one which the Portuguese possess in the highest degree” (SOUTHEY, 1819: 356, grifos meus).

<sup>114</sup> Não apresento a tradução portuguesa, pois há inserções no texto original. No original: “the honour of Portugal” [...] “a feeling to which no Portuguese is insensible”.

<sup>115</sup> Não apresento a tradução portuguesa, pois há modificações no texto original. No original: “the Portuguese, who, as a nation, amid the corruption of all their institutions, have ever retained a high sense of *national honour*”.

<sup>116</sup> No original: “that the Pernambucans would have risen against a heavy and a galling yoke, and it is more than probable that *Portugal, from its religious principles and its national spirit*, would have aided and abetted the insurgents” [...] “but on the other hand, nothing short of the *high principle of patriotism* could have enabled him and his countrymen to persevere through so many difficulties, and such continual disappointments” (SOUTHEY 1817a: 249-250, grifos meus).

*há forças humanas que o domem*” (SOUTHEY, 1862d: 425, grifos meus).<sup>117</sup> “*A língua, a religião, os costumes, o caráter e o orgulho nacional portugueses eram outros tantos obstáculos, fortes em si mesmos, e na sua união insuperáveis*” aos neerlandeses (SOUTHEY, 1862c: 75, grifos meus).<sup>118</sup>

Na opinião de Southey, “se havia família portuguesa da qual mais do que qualquer outra se poderia esperar *fidelidade pura e não corrompido patriotismo*, era a de Freire de Andrade” (SOUTHEY, 1862e: 347, grifos meus).<sup>119</sup> Assim, caracterizava Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão-general do Estado do Maranhão e Grão-Pará, como um homem de índole fora do comum (SOUTHEY, 1817a: 630), que, inspirado pela leitura da biografia de seu tio Jacinto Freire de Andrade, escrita por D. João de Castro, formou seu caráter, “acalentando nele esse brio pundonoroso, esse escrupulizar no dever, essa altiva lealdade, esse nobre desinteresse, e essa estrita piedade (*piety*) que tanto o distinguiram” (SOUTHEY, 1862d: 370).<sup>120</sup> A mesma piedade e devoção ao catolicismo era vista em Felipe Camarão que sabendo

que ia ser atacado fez os seus preparativos tanto militares como religiosos, *com talento e devoção igualmente característicos*. Trazia ele sempre consigo um relicário, com um crucifixo esmaltado de um lado e a imagem da Virgem do outro. Tomando-o na mão pôs-se a orar muito tempo diante dele, *com tão manifesta e ardente devoção, que depois se atribuiu a vitória à sua piedade como ao seu gênio militar* (SOUTHEY, 1862c: 209, grifos meus).<sup>121</sup>

Diferentemente do corrente vocábulo fanatismo (*bigotry*), utilizado durante grande parte do século XVIII pelos protestantes para referirem-se aos fiéis da Igreja Católica Romana, Southey emprega, muitas vezes, zelo (*zeal*) e piedade (*piety*) para

---

<sup>117</sup> No original: “*a people of such determined nationality as the Portugeze, in such a country, are invincible by any human force*” (SOUTHEY, 1817a: 659, grifos meus).

<sup>118</sup> No original: “*the language, the religion, the manners, the national character, and the national pride of the Portugeze, presented so many obstacles, strong in themselves, and in their union insuperable*” (SOUTHEY, 1817a: 57, grifos meus).

<sup>119</sup> No original: “*if there was one Portugeze family more than any other from which pure loyalty and uncorrupted patriotism might have been expected, it was that of Freyre de Andrada*” (SOUTHEY, 1819: 268, grifos meus).

<sup>120</sup> No original: “*and cherish in him the punctilious honour, the conscientious sense of duty, the proud loyalty, the noble disinterestedness, and the strict piety by which he was characterized*” (SOUTHEY, 1817a: 616-617, grifos meus)

<sup>121</sup> No original: “*He [Camarão] was aware that he should be attacked, and had made all his preparations, military and religious, with skill and devotion equally characteristic. He carried always about him a Relicary, which had a crucifix enamelled on the one side, and on the other the figure of the Virgin; taking this in his hand, he prayed before it for a long time, with such apparent and fervent devotion, that the victory was afterwards attributed as much to his piety as to his military genius*” (SOUTHEY, 1817a: 155, grifos meus).



referir-se a manifestação da fé dos portugueses, principalmente no que concernia aos missionários jesuítas. Dentro desse horizonte, Fernandes Vieira foi descrito por Southey como um bem sucedido senhor de engenho, que:

Durante toda esta carreira de próspera fortuna chegara ele a conhecer a fundo a força e fraqueza dos holandeses, e tendo *o coração [fixo] em libertar o Brasil das mãos destes hereges, nem a doméstica felicidade nem a prosperidade mundana lhe puderam tirar de diante dos olhos este grande objeto*. A par de muitas qualidades boas, e algumas verdadeiramente grandes, era *João Fernandes Vieira cegamente votado às superstições romanas, e o seu horror à heresia e o receio dos progressos que ela pudesse fazer entre o povo católico, ainda vieram fortificar-lhe mais a resolução patriótica* (SOUTHEY, 1862c: 89, grifos meus).<sup>122</sup>

A fé católica, ao longo da guerra, tem extrema importância ao imbuir o fiel tanto da certeza de que está lutando pela difusão da religião verdadeira – já que os neerlandeses eram protestantes – quanto de estimular um transe divino que ratifica e aumenta a valentia e o patriotismo de seus seguidores. Existem, a meu ver, dois eixos argumentativos principais seguidos por Southey na definição do caráter nacional português, um ligado ao patriotismo e a honra da conquista de um império surpreendentemente vasto tendo em vista o tamanho territorial e contingente populacional português, e outro ligado ao fervor religioso, que impelia esses homens a conquistas aparentemente impossíveis. A expulsão dos neerlandeses personificava essa perseverança portuguesa na medida em que se tinha um contingente militar reduzido (e vencedor) contra a potente Companhia das Índias Ocidentais. A fé, se não movia montanhas, ajudava esses homens de forma decisiva a movê-las.

Não existia motivador maior do que a fé católica, observada tanto na insurreição contra os neerlandeses, quanto nas empreitadas catequizantes dos jesuítas, que se expunham ao contato imprevisível com os índios, muitos dos quais canibais. A colonização portuguesa, na visão de Southey, foi impulsionada pela fé católica e pela certeza de que estariam levando a religião revelada e a salvação à América. Assim falava sobre os perigos que corria Fernandes Vieira, em 1645, ao organizar um novo ataque ao governo de Nassau:

---

<sup>122</sup> No original: “During this career of prosperous fortune he had made himself thoroughly informed of the strength of the Dutch, and of their weakness; *his heart was fixed upon the deliverance of Brazil from these heretics, and neither domestic happiness nor worldly prosperity made him lose sight of this great object*. With many good qualities, and many great ones, *Joam Fernandes Vieira was blindly devoted to the Romish superstitions; and his abhorrence of heresy, and his dread of the progress which it might make among a catholic people, strengthened the patriotic resolution which he had formed*” (SOUTHEY, 1817a: 66, grifos meus).

Este risco não podia ele deixar de claramente o ver, e um dia que a consciência do perigo o oprimia com mais do que o costumado peso, *recolhido ao seu oratório, derramou o coração em orações ante um crucifixo que estava diante de um painel da Trindade. O fervor com que então se votou à causa da sua pátria, e a fé católica com que implorava o Deus Trino e Encarnado, cujas imagens tinha diante dos olhos, inspiraram-lhe a confiança que implorava. Saiu do oratório num estado de tranquila resolução*, e pôs-se desde essa hora a sondar os numerosos hóspedes que se lhe sentavam à mesa hospitaleira (SOUTHEY, 1862c: 92-93, grifos meus).<sup>123</sup>

A mediação do sagrado feita pelas capelas, imagens, pelos crucifixos e por todo o aparato visual disponibilizado pelo catolicismo alimentava o transe religioso e o sentimento de predestinação de seus fiéis. A mensagem divina recebida por Fernandes Vieira, quando ele e os demais conjuradores estavam prontos para a insurreição contra os neerlandeses, foi decisiva em sua ação:

*Milagres se tinham feito para anima-los a abandonar assim as suas casas. Tinha João Fernandes uma capela dedicada a santo Antônio, e cerca de um mês antes do dia do santo, achou a pessoa que a tinha a seu cuidado, abertas de manhã as portas, que fechara bem à noite, levando consigo as chaves. Nada havia sido furtado, nem se encontravam sinais de ter ali alguém entrado. Repetiu-se na segunda e terceira noite o mesmo prodígio, e o sacristão agora plenamente convencido de andar aqui intervenção sobrenatural, foi referir o caso a vários padres, que afetaram ver nisto uma peça pregada pelos vizinhos. Passou o bom homem toda a noite à vela para averiguar a coisa: ninguém apareceu, e de manhã estavam as portas abertas. Deu-se agora a João Fernandes conhecimento do milagre noturno que se operava na sua capela, e admitindo-se ainda a possibilidade de haver quem possuísse uma chave falsa, fecharam-se as portas na presença de muitas pessoas, e ele selou a fechadura com o seu próprio sinete. De manhã acharam-se como de costume as portas abertas e o selo intacto. Fácil como tudo isto era de fazer-se, passou por milagroso. Daqui inferiram alguns que o santo os convidava a sair a campo, patentear os seus desígnios e começar sem mais demora a boa obra; outros, descobrindo no portento alegoria mais determinada, queriam que com este sinal estivesse o patrono manifestando a sua intenção de proteger os portugueses leais, e como que mostrando que sempre o encontrariam com as portas abertas às suas orações. Houve ainda terceiro partido, que divergia dos outros dois; era um sinal, diziam, de que deviam segurar suas pessoas e famílias e abandonar as casas. Para que não restasse dúvida de que era esta a interpretação genuína, veio novo prodígio confirmá-la. No mesmo dia, estando-se a dizer missa na capela, caiu aos pés do santo o dossel, que sobre o altar se via diante da sua imagem. Todos concordaram à uma que era isto uma advertência, para que, desarmada a capela, e removidos os haveres de cada um, se retirassem* (SOUTHEY, 1862c: 115-117, grifos meus).<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> No original: “This danger he could not but distinctly perceive; and one day when the sense of the risk pressed upon him with more weight than usual, *he retired into his oratory, and poured out his heart in prayer to a Crucifix which stood before a picture of the Trinity. The earnestness with which he then devoted himself to the cause of his country and the catholic faith, while he implored the protection of the triune and incarnate Deity whose images were there before him, produced the confidence for which he prayed. He left the oratory in a state of calm determination, and began from that hour to sound the numerous guests who frequented his table*” (SOUTHEY, 1817a: 68-69, grifos meus)

<sup>124</sup> No original: “*Miracles had been performed to encourage them, and prepare them for thus outlawing themselves.* Fernandes had a chapel dedicated to S. Antonio: about a month before the Saint's holy-day, the person whose business it was to take care of this chapel found the doors open in the morning, though

Essas manifestações do divino, inscritas nos relatos históricos desde ao menos Heródoto, corroboravam com a hipótese de Southey de que a religião professada pela Igreja Católica era politeísta na medida em que os santos e as diversas figurações, por exemplo, da Virgem Maria enquanto Nossa Senhora realizavam ações que cabiam apenas a deuses. Southey chega mesmo a afirmar que Nossa Senhora do Rosário era uma deusa da idolatria papista (SOUTHEY, 1819: 823). Essas descrições não apenas permitem uma analogia com as consultas aos oráculos ou mesmo com os sonhos proféticos, fortemente presentes nas religiões politeístas greco-romanas, mas evidenciam o atraso e as falsas mentiras do catolicismo. Por outro lado, era inegável que os milagres incentivavam a valentia e o patriotismo e que a força portuguesa estava constantemente ligada às crenças católicas. Nessa mesma ocasião em que houve a manifestação de Santo Antônio, Frei Manoel do Salvador “*com o verdadeiro sentimento português, recordou a antiga glória de Portugal, e os heroicos feitos dos avoengos, dissertando com suspeita ingenuidade largamente sobre os recentes milagres obrados por santo Antonio à vista de todos*”. Para essas pessoas, “*cuja piedade, patriotismo e superstição estavam excitados até o último ponto*”, discursou o Frei, até que “os fies saíram da igreja, derramando lágrimas de generosa alegria, e votando-se de novo à causa da sua pátria e da sua religião” (SOUTHEY, 1862c: 117-118, grifos meus).<sup>125</sup>

---

he had locked them over night, and taken home the keys. Nothing had been stolen, nor did it appear that any person had entered. The same prodigy happened the second and the third morning; the sexton now fully believed it to be supernatural, and related it to several priests, who affected to consider it as a trick played upon him by some of his neighbours. He watched at night to ascertain this; no person appeared, and still the doors were open at morning. *Joam Fernandes was now made acquainted with the miracle which occurred nightly at his chapel; as the possibility of some person's possessing another key was still suspected, the doors were locked in the presence of a number of persons, and he sealed up the key-hole with his own signet. At morning the doors as usual were found open, and the seal unbroken. Easily as all this was done, it past for miraculous.* Some inferred that the saint encouraged them to take the field, avow their designs, and begin the good work without farther delay; others discovering a closer allegory in the portent, maintained that he signified by this token his intention of protecting the faithful Portuguese, shewing that they would always find him with the door open to their prayers. A third party differed from both; it was a sign, they said, that they ought to secure themselves and their families, and leave their houses. *Lest there should be any doubt that this was the true interpretation, a second prodigy confirmed it; on the same day, while they were attending mass in the chapel, the canopy which was over the altar before the saint's image, fell upon the altar, at his feet. It was universally admitted that this was a warning for them to strip the chapel, remove their effects, and retire*” (SOUTHEY, 1817a: 86-87, grifos meus).

<sup>125</sup> No original: “*with right Portuguese feeling, [...] reminded them of Portugal's old fame, and the heroic achievements of their ancestors; and he dwelt with suspicious ingenuity upon the recent miracles which S. Antonio had performed before their eyes*” [...] “*their piety, their patriotism, and their superstition were wrought to the highest pitch*” [...] “*they left the church weeping with emotions of generous joy, and devoting themselves anew to the cause of their country and their faith*” (SOUTHEY, 1817a: 88, grifos meus).

A guerra contra os neerlandeses, em especial, objetivava a retomada territorial de Pernambuco e de outras partes do nordeste brasileiro, mas também constituía-se como uma cruzada santa na medida em que era uma “guerra contra os hereges” (*war against the heretics*) (SOUTHEY, 1817a: 96, 1862c: 128). Não havia dúvida para os portugueses que venceriam a batalha, pois Deus estava do lado deles e demonstrava isso a todo o momento:

Exaustos de fadiga afrouxaram, e a força fresca do inimigo, acoessando-os de perto, rechaçou-os das emboscadas, e penetrou no terreno interior. *Foi agora que um padre postado ao lado de João Fernandes elevou um crucifixo, e com alto brado clamou por Cristo, conjurando-o pela sua cruz e paixão, e pelas dores que curtiu sua Virgem Mãe aos pés daquela cruz, que não sofresse que os inimigos da sua fé, que tantas vezes lhes haviam profanado os templos, e vilipendiado as imagens dos seus santos, triunfassem sobre os que pela honra dele combatiam; porém que, visto ser sua própria a causa, desse aos portugueses a vitória sobre seus tiranos inimigos, para que se desenganasse o mundo de que jamais faltava o auxílio do céu aos que pugnavam pela glória de Deus. E pôs-se a exortar os seus conterrâneos que se batessem como homens e fizessem votos pela vitória.* [...] Outra vez pareciam os portugueses ceder ante a superioridade do número, e tornou a força muscular dos seus amigos, que mais perto se achavam, a ser necessária para ter mão em João Fernandes, que queria atirar-se à batalha, em quanto eles com suas vozes o conjuravam em nome de Deus a não expor uma vida de que tudo dependia. O novo converso Moraes bradou que se cantasse a Salve Rainha em honra da Mãe de Deus. *Caindo de joelhos entoou João Fernandes o hino; as tropas fizeram coro, e terminou o cântico com clamores de vitória, que o inimigo recuando cedia ante esta última e decisiva repulsa* (SOUTHEY, 1862c: 149-151, grifos meus).<sup>126</sup>

Grande parte do sucesso das batalhas travadas pelos portugueses estava relacionada à devoção religiosa. Os milagres e intervenções divinas em pleno cenário de batalhas, cingidamente descritos por Southey, tanto na *History of Brazil*, quanto na

---

<sup>126</sup> No original: “They [the Portuguese] gave way from mere exhaustion; and the fresh force of the enemy pressing upon them, drove them from each of the ambushes, and made way into the inner glade. *It was now that a priest standing beside Joam Fernandes elevated the crucifix, and with a loud voice called upon Christ, adjuring him by his cross and passion, and by the anguish which his Virgin Mother endured at the foot of that cross, that he would not permit the enemies of his holy faith, who had so often profaned his temples, and defaced the images of his saints, to triumph over those who were fighting for his honour; but that as the cause was his own, he would give the Portugeuze the victory over their tyrannical enemies, that the world might know how the assistance of heaven never was wanting to those who were engaged in the cause of God. Then he exhorted his countrymen to fight manfully, and make vows for their good success.* [...] The Portugeuze seemed once more to be yielding to numbers, and the bodily strength of his nearest friends was again required to hold back Fernandes from the battle, while they called upon him in God’s name not to expose a life upon which every thing depended. The new convert, Moraes, cried out that they should sing *Salve Regina*, in honour of the Mother of God. *Joam Fernandes, falling upon his knees, began the hymn; the troops caught the strain, and joined in : . . they concluded with shouts of victory, for the enemy now gave way, and retired from this last and decisive repulse*” (SOUTHEY, 1817a: 111-112, grifos meus).

*History of Portugal*, davam o tom da história ibérica. Assim, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, conde de Azambuja, quando se viu sem recursos que o ajudassem,

Estacionou uma lancha armada e duas canoas ligeiras a observar o inimigo, e voltando ao forte pôs o bastão de comandante com grande solenidade nas mãos de Nossa Senhora da Conceição, suplicando-a que sobre si tomasse a defesa daquela praça, que os fiéis portugueses tinham dedicado ao seu nome, e colocado debaixo do seu especial padroado. *Neste ato de idolatra devoção beberam os soldados quiçá mais confiança do que se lhes houvessem duplicado o número*, sendo crível que apelando para esta *superstição* fosse tanto a própria fé como a política que guiou Azambuja (SOUTHEY, 1862f: 168-169, grifos meus).<sup>127</sup>

A mitologia católica, como diria Southey (SOUTHEY, 1817a: 10), contribuía para a mitificação da história, não existindo história ou vitória sem a intervenção divina, seja na aprovação do vencedor seja através da mediação do sagrado. A história dos portugueses e, por conseguinte, a história do Brasil era uma história da superstição e da religião na medida em que esses aspectos interviam diretamente no modo como os homens se comportavam:

Cara como custou aos *patriotas*, não é estranho que no estado de exaltação em que se achavam, e com os princípios da sua crença, fantasiassem eles deve-la a *intervenção milagrosa*. Homens contundidos por balas perdidas, afirmavam que a Virgem ou qualquer santo da sua devoção amortecera a força do pelouro; e outros, que haviam sido feridos, por milagre o tinham igualmente haverem escapado à morte. *Tão fácil era ao general acreditar nestas coisas, como a eles imagina-las: a política e a superstição davam pronto curso a quanto conto se inventava, e a imprudência dos padres tudo autenticava*. O milagre dos pães e dos peixes foi parodiado para a batalha do monte das Tabocas. Durante o último ataque não tinham os *patriotas*, disse-se, senão dois arráteis de pólvora, nem outras balas além das que na mesma ocasião se fundiam de pratos de estanho; com tudo dispararam mais de mil tiros e ainda sobrou pólvora e bala (SOUTHEY, 1862c: 154, grifos meus).<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> No original: “He [D. Antonio] stationed an armed boat and two light canoes to observe the enemy; and returning to the settlement, he delivered his Commander's staff with great solemnity into the hands of N. Senhora da Conceicam, and intreated her to take upon herself the keeping of that place, which the faithful Portugeze had dedicated to her name and placed under her especial patronage. *The soldiers probably derived more confidence from this act of idolatrous devotion, than they would have felt if their numbers had been doubled*; and it may be believed that D. Antonio was influenced as much by his own faith, as by policy, when he thus appealed to their *superstition*” (SOUTHEY, 1819: 580, grifos meus).

<sup>128</sup> No original: “Deeply as it was felt by the *patriots*, it is not strange if in their state of feeling, and with their principles of belief, they fancied themselves beholden to *miraculous assistance*. Men whom a spent ball had bruised, affirmed that the Virgin or some patron saint had deadened the force of the blow; and others who were wounded, accounted it equally a miracle that they had not been slain. *Their leader was as likely to believe such things as they were to imagine them: policy as well as superstition gave ready currency to every tale that was devised, and the impudence of the priests authenticated all*. The miracle of the loaves and fishes was parodied for the battle of Monte das Tabocas. During the last attack, it was said, the *patriots* had only two pounds of powder, and no other balls than what were made for the occasion

Extirpar os milagres e fábulas dos confrontos contra os neerlandeses ou de qualquer outra instância da história luso-brasileira era retirar parte de sua inteligibilidade. Nesse contexto em que o fabuloso constitui parte fundamental da história, insere-se também a busca pela preservação do passado mitológico das nações, que, apesar de fantasioso, revelaria os costumes e o temperamento de épocas remotas. Na seção da *History of Portugal* denominada “Fabulous History”, Southey escreveu sobre as origens bíblicas e mitológicas de Portugal, onde o sobrenatural emerge e o leitor está ciente que entrou no reino da ficção. A história fabulosa de Portugal, em parte, deve ser entendida como uma história milagrosa e puramente imaginária, mas, mesmo assim, válida, que se inseria dentro de uma tradição de escrita da história portuguesa (PINTO, 2012: 4-6). Por outro lado, essa tradição se remetia a uma prática ancestral, historiográfica ou não, de preservação do passado. Como o próprio Southey deixou claro ao se referir ironicamente ao nascimento do primeiro rei português Afonso Henriques: “Os fundadores de um império devem, naturalmente, nascer de forma milagrosa”.<sup>129</sup> Mesmo não acreditando nesses elementos como verdadeiros, Southey os relatava não só porque com a escrita da história fabulosa poderia colocar Portugal dentro da tradição de escrita da história mítica dos grandes impérios, mas também porque ilustravam as origens do espírito do povo português. Tendo isso em vista, Southey afirmava que “a fabulosa história de Tubal será brevemente dada. Conforme Milton fez com as nossas fábulas britânicas; – e as ficções vãs de um país têm tanto direito a ser preservadas como os de outro”. Para a escrita da história de Portugal, “as revoluções romanas que ocorreram são irrelevantes: o objeto é um retrato dos costumes vigentes. Do período gótico, os mouros, e os vários estados cristãos que cresceram sobre suas ruínas”, além da história eclesiástica (WARTER, 1856a: 132-135).<sup>130</sup> O estado de Portugal e do Brasil, no século XIX e nos anteriores, estava diretamente relacionado com essa tradição de interpretação religiosa da história e ignorá-la ou torná-la contemporânea significava perder parte dela. Essas fábulas heróicas indicavam

---

from pewter plates; yet they fired more than a thousand shot, and powder and ball were left” (SOUTHEY, 1817a: 114, grifos meus).

<sup>129</sup> No original: “The founders of an empire must of course be miraculously born”.

<sup>130</sup> Carta a John May, Lisboa, 16 de dezembro de 1800. No original: “The fabulous history from Tubal to be briefly given. So Milton did with our British fables; – and the vain fictions of one country have as much right to be preserved as those of another. All that is known of the nations to be collected from classical writers” [...] “The Roman revolutions that occurred are irrelevant: the object is a picture of the prevailing manners. Of the Gothic period, the Moors, and the various Christian states that grew upon their ruins”.

características trans-históricas da identidade nacional portuguesa e configuravam-se como o local onde seria possível encontrar os traços e as marcas do temperamento português, que ressurgiam em outros momentos de sua história (PINTO, 2012: 11). Southey acreditava firmemente que

A história fabulosa de todos os países é uma parte de sua história, e não deveria ser omitida por historiadores posteriores e mais esclarecidos; porque acreditou-se nisso em algum momento, e enquanto acreditava-se nisso, influenciava a imaginação, e, portanto, em algum grau, as opiniões e o temperamento do povo (SOUTHEY, 1845: 21-22).<sup>131</sup>

As fábulas, anedotas e mesmo os milagres, apesar de inverossímeis, não deveriam ser excluídas pelo seu caráter de revelação epocal. Southey estava na esteira de uma “longa tradição historiográfica crítica que sustentava que mesmo as fábulas antigas não deviam ser descartadas, mas sim interpretadas como referências veladas a realidades históricas do passado” (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011: 63). Nesse sentido, argumentava, na *History of Brazil*, que “*algumas anedotas contadas a respeito deste homem [Domingos Fagundes] pelos dois historiadores desta Guerra, um dos quais era abade beneditino e o outro frade, são por demais características do estado da legislação e da moral, para serem aqui omitidas*” (SOUTHEY, 1862c: 123, grifos meus).<sup>132</sup> Southey também escreveu longamente sobre o príncipe Teobaldo não desejar que o Padre Antônio Vieira deixasse Portugal em direção ao Maranhão. Vieira veio para o Brasil como que por um acaso na medida em que, a pedido de seu filho, D. João o havia proibido de embarcar, mas, por causa de um incidente qualquer, Vieira embarcou achando que o monarca havia consentido com a sua partida. “Todas estas circunstâncias são curiosamente características tanto do espírito e costumes do século e do país, como das ilustres personagens a quem se referem”, e não lhe facultava extirpá-las de sua história (SOUTHEY, 1862d: 171).<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> No original: “The fabulous history of every country is a part of its history, and ought not to be omitted by later and more enlightened historians; because it has been believed at one time, and while it was believed it influenced the imagination, and thereby, in some degree, the opinions and the character of the people”.

<sup>132</sup> No original: “*Some anecdotes of this man [Domingos Fagundes], which are related in his honour by the two historians of this war, one a Benedictine abbot, and the other a friar, are too characteristic of the state of law and of morals to be omitted here*” (SOUTHEY, 1817a: 92, grifos meus).

<sup>133</sup> No original: “The whole circumstances are curiously characteristic of the mind and manners of the age and country, as well as of the illustrious personages to whom they relate” (SOUTHEY, 1817a: 464).

Da mesma maneira, acreditava que os supostos milagres realizados e alcançados deveriam ser trazidos ao leitor, mas não como verdades: “milagres conectados à história eu mantenho, porque eu não vou retirar o ornato da tela sem adorno, e porque Afonso Henriques tem tanto direito de ter seus milagres registrados como Rômulo” (WARTER, 1856a: 132-135).<sup>134</sup> A história do Brasil, no que dizia respeito aos milagres e fábulas fortemente conectados com o catolicismo, não distanciava-se da narrativa da história de Portugal. Os milagres dos jesuítas em suas missões não deveriam deixar de ser relatados, pois “o sistema e caráter dos Jesuítas, e da Igreja a que pertencem, *não ficariam bem representados, se a história rejeitasse sempre fábulas como esta*” (SOUTHEY, 1862c: 379-380, grifos meus).<sup>135</sup>

O católico que narrava essas fábulas incitadas pela sua religião muitas vezes não percebia a falsidade do relato, pois acreditava nele (SOUTHEY, 1819: 575). Porém, o historiador protestante deveria ser diferente dele e do pagão, que apesar de todas as diferenças, tinham suas histórias cercadas de signos e sinais prodigiosos, meios pelos quais os deuses e santos conversavam com os terrestres. Assim, denunciava Southey que muitos desses milagres eram facilmente explicados e não precisava-se ir muito longe, como era o caso de Manoel Felix de Lima, que:

escapou, diz ele, milagrosamente, mas qualquer que seja a parte que ele a Nossa Senhora da Conceição queira assignar na sua preservação durante aquele ano de fome, é fora de dúvida que algum quinhão neste milagre deve caber a setenta caixas de marmelada de Taubaté, que consumiu, tendo-lhe custado 3 ½ oitava de ouro cada uma (SOUTHEY, 1862e: 398).<sup>136</sup>

São, na verdade, raras as vezes em que Southey esclarece ao leitor que o milagre, apesar de conectado a determinado santo, tinha uma explicação mais simples. Deixava nas mãos de seus leitores protestantes (ou não) a interpretação dessas

---

<sup>134</sup> Carta a John May, Lisboa, 16 de dezembro de 1800. No original: “Miracles connected with the history I retain, because I will not strip off the embroidery from a bare canvas, and because Affonso Henrique has as much claim to have his miracles recorded as Romulus”.

<sup>135</sup> No original: “The system and character of the Jesuits, and of the church to which they belong, *would not be fairly represented if such fables as these were always rejected from history*” (SOUTHEY, 1817a: 278, grifos meus).

<sup>136</sup> No original: “He [Manoel Felix de Lima] escaped, he says, by miracle; but whatever part he may assign to N. Senhora da Conceição in preserving him through that year of famine, something is certainly to be ascribed to seventy boxes of marmalade from Taboate, which he consumed, and which cost him three and a half *oitavas* each,.. in the whole rathet more than two pounds weight of gold” (SOUTHEY, 1819: 310).



intervenções divinas para não extirpar a importância profunda que a religião católica tinha no caráter nacional português.

## IDADE MÉDIA E O CATOLICISMO

Para a maioria dos protestantes, os mosteiros e as abadias, e mesmo as igrejas e catedrais góticas, representavam a idolatria e superstição do catolicismo. As ruínas monásticas eram um lembrete salutar da corrupção e da ganância da Igreja Católica, servindo para representar o triunfo da Reforma (SWEET, 2004: 238). A antipatia protestante em relação ao catolicismo – não obstante uma simpatia residual em relação a alguns aspectos que jugavam mais positivos da igreja pré-Reforma como a piedade e filantropia – sempre existiu (SWEET, 2004: 232). Southey, principalmente no que se refere aos seus escritos poéticos, desempenhou um papel crucial na história do gótico no que diz respeito à transição de um antiquariato de meados do século XVIII para um medievalismo. Juntamente com Walter Scott e Samuel Taylor Coleridge, Southey ajudou a criar o gosto pelo romance da Idade Média que esteve tão presente na imaginação estética e religiosa dos vitorianos. O estilo gótico de Southey, contudo, não esteve ligado à nostalgia ou ao exclusivo entretenimento de seus leitores, mas foi produto de um paradoxo inerente ao protestantismo (FRANKLIN, 2011: 34). O repúdio racional da superstição havia criado uma separação desconfortável da crença no sobrenatural como o centro da fé cristã. Southey, durante sua estadia em Portugal, em 1800, escreveu:

O Princípio Católico durará talvez mais tempo [que o das demais religiões], e promete continuar como uma instituição política, quando todos os seus adeptos rirão desse absurdo. Destrua suas ordens monásticas, case seus sacerdotes, e o resto será um belo espetáculo de marionetes, com os ídolos, o incenso, o politeísmo, e a pompa do paganismo (*apud* COTTLE, 1848: 224).<sup>137</sup>

Pode-se notar, contudo, uma relativização dessas críticas por parte de Southey em seu *Letters from England: by Don Manuel Alvarez Espriella* (1807) em que adota o ponto de vista de um católico espanhol que critica o Estado inglês. Em seu *The Book of*

---

<sup>137</sup> Carta a Joseph Cottle, Cintra, julho de 1800. No original: “The Catholic Principle will, perhaps last the longest; and bids fair to continue as a political establishment, when all its professors shall laugh at its absurdity. Destroy its monastic orders, and marry the priests, and the rest is a pretty puppet show, with the idols, and the incense, and the polytheism, and the pomp of paganism”.

*the Church*, Southey volta novamente a acusar o catolicismo de herdar do paganismo cerimônias degradantes e o dualismo entre o corpo e a alma (FRANKLIN, 2011: 34).

Além do *The Book of the Church*, é possível notar uma caracterização das crenças católicas em obras como *St Romuald* e na própria *History of Brazil*. São obras marcadas pela sua tentativa de penetrar a tangibilidade e literalidade do catolicismo. *St Romuald*, por exemplo, conta a história de um padre que era tão santo que seu rebanho decide estrangulá-lo. Imbuídos da certeza de sua canonização, os membros de sua igreja decidem matá-lo antes que ele morresse de outra forma e acabassem ficando sem as suas relíquias. Pode-se dizer que existe, na obra de Southey, um conflito entre um movimento de repulsa e atração em relação ao catolicismo, que, por exemplo, pode ser visto claramente nas assertivas de Southey em relação aos jesuítas na *History of Brazil* (FRANKLIN, 2011: 25).

Ao chegar pela primeira vez, em 1796, em Portugal, Southey escreveu, em sua *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, sobre seu grande espanto em relação à intolerância da Igreja Católica, vista, em grande medida, na Inquisição, e em seu encorajamento da superstição. Apesar de não existir igualdade de direitos entre anglicanos e não anglicanos no início do século XIX, Southey estava familiarizado com um cenário de maior tolerância religiosa do que o experimentado em Portugal, o que contribuiu de forma decisiva para a consolidação de sua repulsa pelo catolicismo. O seu tio Herbert Hill, por exemplo, que atuava como capelão em Lisboa e o recebeu durante a sua estadia, exercia atividades religiosas de forma bastante controlada dentro da feitoria inglesa tendo em vista que era proibida a edificação de igrejas que não fossem católicas. A primeira Igreja Anglicana em terras lisboetas data de 1889. Hill exercia a sua função apenas entre o grupo de agentes comerciais britânicos ou negociantes residentes na cidade e realizava serviços para cidadãos britânicos que estivessem no país (CURRY, 1975: 33).

Southey punha em cheque aspectos teológicos e doutrinários do catolicismo, assim como discutia ou reprovava a prática dos seus fiéis. O principal problema do catolicismo peninsular, em sua visão, advinha da ignorância dos fiéis sobre as outras religiosidades, a excessiva credulidade, que os induzia a ver indícios sobrenaturais em toda a parte, e a devoção beata, que abarcava toda a sociedade, inclusive os próprios monarcas. O clero retrogrado também incentivava a censura religiosa, o medo em seus

fiéis e intrometia-se constantemente nos negócios do Estado, resultando em perseguições e na proliferação do espírito de intolerância (CABRAL, 1959: 180-181).

Southey continuou, em maior ou menor grau, hostil ao catolicismo durante toda a sua vida. Achava uma religião particularmente perigosa pela sua capacidade de converter fiéis devido ao seu apelo aos sentimentos das pessoas. Ambas as viagens de Southey a Portugal confirmaram suas expectativas de que o Estado despótico e a Igreja Católica eram culpados pelo atraso desse país. Em Portugal, acreditava que a “superstição é apresentada em todos os seus esplendores e todos os seus terrores”. O catolicismo, em sua opinião, era “uma excelente religião para um entusiasta – para quem pode deixar que seus sentimentos permaneçam acordados e opiar a sua razão”.<sup>138</sup> Embora tenha admitido que existiam sinais de melhora em alguns centros urbanos, em geral, todas as classes eram ignorantes e o progresso estava estagnado, pois existia um controle muito grande da imprensa, o que dificultava a liberdade de expressão, e sem a possibilidade de realização de uma investigação livre era praticamente impossível que a verdade emergisse e que a sociedade se desenvolvesse. Southey considerava que deveria existir uma reforma na Igreja Católica para remover todos os cânones que sancionassem a perseguição, expurgar os santos do calendário, abolir a inquisição, estabelecer a tolerância e a admissão da falibilidade da Igreja. O anticatolicismo de Southey, em um primeiro momento, pode parecer um simples preconceito, mas seu posicionamento era baseado na crença de que o catolicismo era a antítese da liberdade e do progresso. Southey defendida uma religião de Estado como o baluarte da razão, liberdade, tolerância e do progresso e o catolicismo lhe pareceria exatamente o oposto disso (CRAIG, 2007: 88-89).

A relação de Southey com a religião, de forma geral, e com o catolicismo, em particular, esteve marcadamente presente em seus escritos. Southey tinha uma visão bastante heterodoxa da religião e enxergava em sua utilidade a justificativa de sua existência. Em sua opinião, as principais funções da religião seriam a promoção da moralidade, da educação e da ordem (CRAIG, 2007: 79). No contexto brasileiro, esperava que a religião católica pudesse corrigir os aspectos viciosos da moral dos que residiam além-mar, porém avaliava que “a religião da Igreja romana, que satisfeita com a casca de *cerimônias supersticiosas*, e a palha de *supersticiosas obras*, especa o seu

---

<sup>138</sup> No original: “superstition is presented in all its splendours and all its terrors” [...] “It is a fine religion for an enthusiast – for one who can let his feelings remain awake, and opiate his reason”.

império com as mais atrevidas artes de *impudent impostura*”. Na perspectiva de Southey, o catolicismo, ao longo dos séculos, não foi se tornando uma religião que incentivasse a tolerância e a liberdade religiosa, mas instigava em seus fiéis um instinto de superstição fundado em falsos milagres e falsas revelações divinas. Quando da Guerra entre neerlandeses e portugueses, por exemplo, afirmava que “*as artimanhas com que João Fernandes persuadiu os Pernambucanos de terem os Santos tomado a prol deles parte ativa na luta, eram tiradas das práticas de uma Igreja que desde os primeiros séculos da sua história até ao dia de hoje, tem sistematicamente charlataneado com a crédula humanidade*”. Acreditava que todas as ordens monásticas rivalizavam entre si para ver “qual inventaria mais fábulas com que exagerar os merecimentos de seus respectivos fundadores e santos”, onde “nem as *mais extravagantes ficções do romance podem em monstruosidade competir com estas lendas que, criadas pelo povo eram aprovadas pela Inquisição e ratificadas pela Igreja*” (SOUTHEY, 1862d: 455, grifos meus).<sup>139</sup>

Não obstante esse fanatismo inerente ao catolicismo, era claro para Southey que os missionários jesuítas haviam realizado um trabalho com os indígenas sul-americanos que merecia louvor. No período em que eles estiveram no Brasil, salientava, muitas ordens religiosas combatiam “com virulenta animosidade os seus esforços a bem dos índios, odiavam-nos as outras ordens tanto por seu *zelo*, como por sua superior influência, mas igualá-los em reputação não o podiam”. O problema que enxergava nos jesuítas não era um problema moral, mas um problema religioso na medida em que era fundado nos dogmas e práticas da Igreja Católica Romana. Ao invés de apenas celebrarem as extraordinárias iniciativas de seus missionários, enchiam seus relatos de aparatos sobrenaturais. Em sua opinião, isso tinha acontecido com a via do padre José de Anchieta que foi apresentado

como candidato à santidade, e Simão de Vasconcelos, provincial do Brasil e historiador da província escreveu uma história ou antes romance da vida deste homem, em que *a sabedoria do missionário, os talentos e serviços do estadista, os trabalhos*

---

<sup>139</sup> No original: “But it was the religion of the Romish Church, which contents itself with the husk of *superstitious ceremonies* and the chaff of *superstitious works*, and supports its empire by the boldest arts of *impudent imposture*” [...] “*The tricks by which Joam Fernandes persuaded the Pernambucans that the Saints had actually engaged in their behalf, were borrowed from the practices of a Church, which from the earliest ages of its history to the present day, has systematically juggled with the credulity of mankind*” [...] “in inventing fables, to exaggerate the merits of their respective Founders and Saints” “the wildest fictions of romance are not *more monstrous than these legends*, which were believed by the people, approved by the Inquisition, and ratified by the Church (SOUTHEY, 1817a: 681, grifos meus).

*insanos do metodizador de uma língua bárbara*, formam a parte mais secundária da narrativa, olhados pelo biógrafo como coisas de menor momento: *o grosso do livro enchem-no milagres* (SOUTHEY, 1862d: 455-456, grifos meus).<sup>140</sup>

Existiam muitas “extravagâncias a que no Brasil se levava a superstição católica”, pois “ao domínio sobre nós mesmos, que requer a divina filosofia, substituíra-se *um sistema de atormentamento próprio fundado no maniqueísmo*, e não menos repugnante aos sentimentos e contrário à razão do que as práticas dos fanáticos orientais”. Não obstante os cânones e concílios da Igreja católica “*suas práticas eram do politeísmo e da idolatria*” (SOUTHEY, 1862d: 468-469, grifos meus).<sup>141</sup> A apreciação de Southey do catolicismo é, portanto, sempre ambivalente na medida em que oscila entre a denúncia de práticas que incentivavam a credulidade e o fanatismo, repletas de santos e milagres, e laudatória da coragem e zelo devotada aos indígenas pelos jesuítas.

O obscurantismo religioso, existente desde a fundação do reino de Portugal, era um temperamento que enxergava como transhistórico do povo português, que levava à credice ou à superstição. Southey não traçou um panorama positivo da Idade Média portuguesa, mas inferia que seria uma época de costumes bárbaros, que não foram superados com o passar dos anos, repleta de violência e crueldade. Em sua análise, o povo português seria suscetível a aceitar a tirania devido a constante opressão política e social sofrida e o autoritarismo recorrente, que pautavam o espírito de submissão, obediência e passividade (PINTO, 2012: 12).

Em sua apreciação dos elementos que constituíam o temperamento português, Southey parece estar conectado com a tradição da lenda negra, mito criado e alimentado, sobretudo, pelas nações da Europa protestante e que imputava à Península Ibérica um conjunto de práticas caracteristicamente negativas, como costumes bárbaros, crueldade, avareza, intolerância e perseguição religiosa. Nesse contexto, o grande

---

<sup>140</sup> No original: “with virulent animosity their exertions in behalf of the Indians, and hated them as much for their *zeal* as for their superior influence; but they were unable to rival them in reputation” [...] “a candidate for Saintship; and Simam de Vasconcellos, the Provincial of Brazil and historian of the Province, wrote a history or rather a romance of his life, in which *his wisdom as a missionary, his labour in acquiring and methodizing a barbarous language, and his abilities and services as a statesman*, form the least part of the narrative, and are regarded by the biographer as the least important: *miracles make up the bulk of the book*” (SOUTHEY, 1817a: 682, grifos meus).

<sup>141</sup> No original: “*extravagancies to which the Catholic superstition was carried in Brazil*” [...] “the self-government which divine philosophy requires, it had substituted a *system of selftorture, founded upon Manicheism, and not less shocking to the feelings or repugnant to reason*, than the practices of the eastern Yogues” [...] “*its practices were those of Polytheism and Idolatry*” (SOUTHEY, 1817a: 689-690, grifos meus).

destaque dado à mitologia e às lendas na *History of Portugal* indicariam também o desejo de reforçar em seus leitores, notadamente britânicos, uma imagem da mentalidade obscurantista católica portuguesa (PINTO, 2006: 71).

O gótico, entendido como um medievalismo, tornou possível demonizar o catolicismo e suas crenças baseadas na dimensão sobrenatural da religião. Em seu *Vindiciae Ecclesiae Anglicanae* (1826), Southey lembrou como, durante uma visita a Portugal no inverno 1795-1796, entendeu o catolicismo como “uma mitologia não menos selvagem e fantasiosa do que qualquer uma dessas coisas que a minha imaginação tenha sido empregada”<sup>142</sup> e caracterizava o que via como “grotesco”, fascinantemente “lendário”, assim como exótico e estranho. Aspectos esses que podem apenas ser encontrados nas grandes religiões do mundo e sobre as quais pretendia escrever poemas épicos (FRANKLIN, 2011: 28; SOUTHEY, 1826a: 8). Acredito que a *History of Brazil* deve ser entendida dentro destes grandes projetos, épicos ou não, de empatia e repulsa pelas práticas católicas e por um mundo medieval e português que havia sido corrompido pelo fanatismo religioso.

Não obstante as constantes tensões com a Igreja Anglicana, Southey temia os efeitos sociais de seu declínio. Como demonstrava a sua atuação exemplar na Idade Média, ela poderia ser muito mais do que um agente de controle, atuando como realizadora de uma comunidade espiritual e igualitária (FRANKLIN, 2011: 28). A revalorização do medieval dava-se pela exploração da Idade Média como o período originário de certas características nacionais. Nesse movimento de retorno ao passado e crítica ao abandono dele no presente, Southey escreveu o *Thomas More or Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (1829), que tinha como um dos propósitos principais comparar as ideias medievais e modernas sobre a sociedade (COBBAN *apud* FRANKLIN, 2011: 28). A conclusão de Southey, de forma nenhuma surpreendente, era que a época medieval era melhor do que a contemporânea em diversos aspectos. A resposta de Thomas Babington Macaulay, vista logo adiante, põe à mostra que essa interpretação estava longe de ser hegemônica.

A análise de Southey dos efeitos da Reforma, em longo prazo, na sociedade inglesa é bastante ambígua por causa da sua compreensão de que os conflitos religiosos desse período estavam intimamente ligados a uma crítica histórica à ascensão do

---

<sup>142</sup> No original: “a mythology not less wild and fanciful than any of those upon which my imagination was employed”.

comércio e das manufaturas. Na década de 1790, Southey tendia, de forma geral, ao entendimento de que os conflitos religiosos, do século XVI, embora representassem uma repreensão necessária às corrupções da Igreja, haviam sido profundamente prejudiciais para a política e cultura da Inglaterra pós-elisabetana. O século XVI, para Southey, anunciava, com pesar, o fim da sociedade feudal paternalista. A ascensão da sociedade comercial e a marcha da indústria da manufatura foram expostas por Southey como consequências remotas da dissolução da comunidade feudal, que levavam a um entendimento do homem como uma simples máquina produtora de bens (CONNELL, 2005: 244-246). Não obstante, era claro para ele que um sistema comercial “dentro de certos limites, é essencial para o cultivo, melhoramento e a prosperidade de uma nação; e [que] nenhuma nação pode se tornar nem altamente civilizada nem permanentemente poderosa sem manufaturas” (SOUTHEY *apud* CONNELL, 2005: 272).<sup>143</sup> Porém, o progresso da sociedade quebrava laços e remodelava certas virtudes que considerava centrais ao temperamento inglês. A apreciação de Southey da Idade Média não apenas ajudava a construir a empatia e repulsa que nutria pela cultura ibérica e seu passado e presente obscurantista, mas também estava interligada ao presente e futuro da sociedade comercial inglesa.

#### **PELO FIM DO PASSADO FEUDAL: MACAULAY LENDO SOUTHEY**

*Thomas More or Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (1829) foi lançado quando Southey já tinha se estabelecido na vida intelectual e escrito grande parte de sua obra. Por outro lado, a crítica de Thomas Babington Macaulay a esse livro deve ser pensada como forjada por um homem que despontava, desde 1824, na vida pública (OTTEN, 1969: 33). Tinha tudo para ser uma crítica geracional, e foi explorando essa temática de que a sua geração deveria superar – e talvez até mesmo já houvesse feito isso – não apenas as ideias ultrapassadas de Southey, mas também o seu gosto, que Macaulay construiu a sua crítica. Southey, em sua opinião, era “um *homem de letras*” deslocado de seu tempo, “*os primeiros vinte anos do século XVI teriam precisamente lhe agradado*. Eles forneceria exatamente a quantidade de excitação

---

<sup>143</sup> No original: “within certain bounds it is essential to the cultivation and improvement and prosperity of a nation; and [...] no nation can become either highly civilized or permanently powerful without manufactures” [...] “growth of commercial wealth, the increase of our naval and military establishments, and the progress of education among the middle orders” “had never been more happily constituted”.

intelectual que ele requer. O instruído lia pouco e escrevia demasiadamente. Um estudioso era tido em alta estima” (LORD MACAULAY, 1848: 256, grifos meus).<sup>144</sup>

A resenha avassaladora de Macaulay, impressa no *Edinburgh Review*, foi republicada diversas vezes, inclusive em seu livro de ensaios, e certamente contribuiu bastante para a sua popularidade. Macaulay iniciou a sua carreira política como Membro do Parlamento em 1830 e tornar-se-ia secretário do *Board of Control* da Índia, entre 1832 e 1833. Os contemporâneos dessa resenha também não sonhavam que a *History of England from the Accession of James II* (1848-1861), em cinco volumes, viria a ser publicada e muito menos que seria um dos livros britânicos de história mais aclamados e populares, com mais de 14.000 caixas completas vendidas apenas na Grã-Bretanha (STUCHTEY, 1999: 30). As notórias diferenças políticas e analíticas entre Southey e Macaulay não devem obscurecer a admiração que Macaulay nutria por Southey. Macaulay era um assíduo leitor de Southey, que foi, de diferentes maneiras, um modelo importante tanto para seus escritos históricos quanto ensaísticos. As traduções que Southey publicou do *Amadis of Gaul*, *Palmerin of England* e do *Chronicle of the Cid* forneceram as raízes do interesse de Macaulay no gênero novela e contribuíram para a decisão de aprender espanhol em 1831. A *Life of Nelson* estava na lista feita por Macaulay de livros essenciais que deveriam ser ensinados nas escolas da colonizada Índia e, além disso, considerava que Scott, Wordsworth e Southey ocupavam o mais alto degrau da fama literária (GHOSH, 1997: 367).

Os *Colloquies* foi originalmente concebido como um texto escolar, que se chamaria *Book of the State*, para ser usado dentro do sistema de ensino de Andrew Bell juntamente com o *Book of the Church* (CONNELL, 2005: 262). Nos dois volumes desse livro, Southey descreve um diálogo entre Montesinos – seu alterego – e o falecido Thomas More – mártir canonizado pela Igreja Católica – em Keswick. Preocupado com os rumos de sua terra natal, More retorna “como os pais que mesmo estando no estado de bem-aventurança ainda observam atentamente com amor paternal os filhos que eles deixaram na terra” (SOUTHEY, 1829a: 17).<sup>145</sup> Montesinos e More fazem uma série de curtos passeios diários que começam e terminam em Greta Hall. O cenário apresentado nos diálogos é de valorização do círculo familiar e do convívio doméstico, ressaltando

---

<sup>144</sup> No original: “a man of letter” [...] “The first twenty years of the sixteenth century would have exactly suited him. They furnished just the quantity of intellectual excitement which he requires. The learned few read and wrote largely. A scholar was held in high estimation”.

<sup>145</sup> No original: “as parents who are in bliss regard still with parental love the children whom they have left on earth”.



os elementos que Southey considerava como formadores do temperamento inglês. Em contraposição a uma narrativa de aventura ou de entusiasmo pelo novo, o leitor é introduzido na regularidade da paisagem costumeira e na rotina do dia-a-dia, reforçando a percepção de Southey que uma nação seria fundamentalmente erguida por meio da continuidade histórica perpetrada pelos elos locais (WOHLGEMUT, 2003-2004).

Montesinos é o arquétipo de um homem de letras, um “herdeiro de qualquer coisa que tenha sido descoberta pelo trabalho que preserva ou criada por um gênio inventivo”, e, portanto, alguém capaz de conservar e transmitir uma herança vital, a literária, a única adequada para servir como contrapeso moral e intelectual em relação às forças do comércio (SOUTHEY, 1829b: 344).<sup>146</sup> Os *Colloquies* abrangem, ao mesmo tempo, uma variedade bastante grande de opiniões políticas e sociais de Southey e um louvor ao medievalismo, que desempenhara um papel significativo na política e cultura da Grã-Bretanha de meados do século XIX (CONNELL, 2005: 259, 264). Nesse livro, Southey expõe de forma bastante incisiva seu viés anti-industrial e antiurbano, criticando a destruição dos monumentos britânicos antigos e o crescimento da sociedade urbana. Existia um radicalismo anticomercial que desembocava na aversão à cidade e ao poder destrutivo do comércio, principalmente no que dizia respeito ao bem-estar do pobre (GALLAGHER, 2012: 79). A sociedade urbana, com seu rápido crescimento e constante inovação, há muitos anos vinha sofrendo constantes críticas. Os antiquários, por exemplo, colocavam-na como a verdadeira antítese dos valores associados à continuidade (SWEET, 2004: 296-297). Southey reforçou esse entendimento, inclusive, em sua vida prática ao recusar-se a viver em Londres, mesmo com todas as facilidades literárias proporcionadas, e preferir a pequena Keswick. Nessa época, o impacto social da industrialização era comumente descrito como a perda de um antigo mundo rural de segurança e prosperidade, enterrado pela miséria e degradação da nova sociedade de massas das cidades (STEVENSON, 2009: 134-136).

Nos *Colloquies*, a defesa do passado feudal contra um presente comercial afastava-se das narrativas do progresso que vinculavam o progresso comercial ao progresso da sociedade em geral. Montesinos salientava aos seus leitores que o progresso não é tão linear como suposto já que certas nações melhoraram, enquanto outras regrediram. Argumentava, inclusive, que a Inglaterra pré-romana tinha sido

---

<sup>146</sup> No original: “inheritor of whatever has been discovered by preserving labour, or created by inventive genius”.

superior, em muitos aspectos, à de seu tempo. As classes trabalhadoras, em particular, se alimentavam melhor, se vestiam melhor e tinham suas casas quase em grau de paridade com as que conhecia. Além disso, as pessoas eram mais religiosas e mais contentes. Para Southey, o advento do sistema comercial não beneficiava a nação coletivamente, como economistas políticos gostavam de sugerir, pelo contrário, ao destruir a relação tradicional entre senhor feudal e vassalo trouxe novos tipos de pobreza e desespero à humanidade (WOHLGEMUT, 2003-2004).

O papel destacado do comércio não era nenhuma novidade no século XIX, os questionamentos levantados por Southey chamavam a atenção para o fato de que o desenvolvimento do comércio na Grã-Bretanha estava ofuscando outras práticas e o espírito comercial tornando-se a força fundamental na sociedade em que vivia (HOUGHTON, 1985: 183). O grande problema, a seu ver, era que o sistema comercial teria rompido os laços naturais e as afeições domésticas. Os *Colloquies* apresentam uma visão nostálgica de uma Inglaterra antiga, agrária, mergulhada na continuidade histórica e na ligação local, contra a crescente industrialização do campo inglês e a pressão urbana liderada pela Reforma. Ao invés de entender as críticas de Southey à industrialização britânica via Romantismo (HOLLANDA, 1974), proponho encará-las dentro do horizonte de estima não apenas do passado e de suas formas de continuidade, mas também de alguns valores medievais, que sustentavam o discurso moralista de Southey e que são de fundamental importância para o entendimento de sua valorização do patriotismo, da honra e da valentia portuguesas.

A crítica de Macaulay aos *Colloquies* esconde-se atrás das supostas deficiências literárias da obra, mas o cerne de suas críticas está relacionado à valorização de Southey do mundo feudal em detrimento do contemporâneo. Os *Colloquies* constituem-se como uma contribuição provocante e influente dentro do debate político da época ao traçar uma série de comparações históricas bastante desfavoráveis entre a Inglaterra contemporânea e a do período da Reforma, assim como contribuir para a expressão de um pesar nostálgico da sociedade tradicional feudal. A *Edinburgh Review* trazia ideias entusiasmadas sobre os benefícios da sociedade comercial e era uma defensora de longa data da reforma constitucional moderada. Southey, nesse sentido, apresentou a oportunidade perfeita para a crítica, que teve em Macaulay seu agente (CONNELL, 2005: 1-2).

Não é de surpreender que Macaulay tenha discordado das afirmações contidas nos *Colloquies* já que concebia a história como o desenrolar de uma narrativa ininterrupta e linear do progresso e, com isso, não seria possível, como Southey afirmava, que o passado feudal tivesse sido superior ao presente comercial. A interpretação da história proposta no livro, para Macaulay, deturpava o verdadeiro estado das coisas, pois o “Sr. Southey não apresenta um único fato para sustentar esses pontos de vista; e, como nos parece, existem fatos que levam a uma conclusão muito diferente” (LORD MACAULAY, 1848: 230).<sup>147</sup> Como descrito pelos registros e estatísticas de mortalidade, “podemos afirmar com alguma plausibilidade que as pessoas vivem por mais tempo porque elas são mais bem alimentadas, têm residências melhores, se vestem melhor, e são mais bem atendidas quando ficam doentes; e que essas melhorias são devedoras do aumento da riqueza nacional que foi produzida pelo sistema de manufatura” (LORD MACAULAY, 1848: 231).<sup>148</sup> Macaulay concordava que o progresso englobava algumas pausas e retrocessos, mas sua direção geral ia ao encontro da melhoria da sociedade: “nós vemos a riqueza das nações aumentarem, e todas as artes da vida se aproximando cada vez mais perto da perfeição” (*apud* WOHLGEMUT, 2003-2004).<sup>149</sup> Afirma que “a história da Inglaterra é enfaticamente a história do progresso” (*apud* STUCHTEY, 1999: 33).<sup>150</sup>

O jovem Macaulay pensava que Southey não deveria ter abandonado “os departamentos da literatura em que ele poderia distinguir-se para fazer preleções ao público sobre ciências das quais ele tem ainda todo o alfabeto para aprender” (LORD MACAULAY, 1848: 217, grifos meus).<sup>151</sup> Apesar de ter opiniões, Southey não tinha a capacidade de raciocínio para dar-lhes autoridade: “uma cadeia de associações é para ele o que uma cadeia de raciocínio é para outros homens [...] o que ele chama de suas opiniões, são de fato apenas seus gostos, [...] a razão não tem lugar de forma alguma”,

---

<sup>147</sup> No original: “Mr. Southey does not bring forward a single fact in support of these views; and, as it seems to us, there are facts which lead to a very different conclusion”.

<sup>148</sup> No original: “We might with some plausibility maintain that the people live longer because they are better fed, better lodged, better clothed, and better attended in sickness; and that these improvements are owing to that increase of national wealth which the manufacturing system has produced”.

<sup>149</sup> No original: “We see the wealth of nations increasing, and all the arts of life approaching nearer and nearer to perfection”.

<sup>150</sup> No original: the history of England is emphatically the history of progress”.

<sup>151</sup> No original: “those departments of literature in which he might excel, and to lecture the public on sciences of which he has still the very alphabet to learn”.

“ele parece não saber o que é um argumento” (LORD MACAULAY, 1848: 218).<sup>152</sup> Macaulay tenta desconstruir a efetividade das propostas de Southey através do descrédito de suas proposições como não fundamentadas na razão da ciência política. Southey escreveria sobre assuntos políticos como se estivesse escrevendo poesia, pois lhe faltaria uma “mente lógica” (*logical head*). A provocação de Macaulay era claramente uma estratégia para diminuir Southey e sua capacidade de atuação social. Ao contrário da imagem que Macaulay buscou construir, Southey era bastante familiarizado com o tema, tendo criticado largamente o livro de Thomas Malthus, *An Essay on the Principle of Population* (1798), que, depois do *Wealth of Nations* (1776), de Adam Smith, foi o primeiro grande trabalho a abordar problemas sociais e econômicos. Ao dispensar esse tratamento redutor e ridículo das peculiaridades metodológicas do *Colloquies* e enquadrar Southey como membro de uma geração superada pela sua própria falta de atualização nas questões contemporâneas, os interesses de visibilidade de Macaulay eram mais facilmente alcançados (CONNELL, 2005: 25-41, 259; GALLAGHER, 2012).

Quando Macaulay ressaltou a falta de compreensão sobre economia política de Southey, colocava um sério problema, ou seja, que a visão política de Southey não era “uma questão de ciência”, mas “uma questão de gosto e impressão” (LORD MACAULAY, 1848: 225).<sup>153</sup> Dessa forma,

Seria absurdo ler as obras de um escritor desse tipo visando à instrução política. O máximo que se pode esperar de qualquer sistema promulgado por ele é que pode ser esplêndido e comovente, que pode sugerir imagens sublimes e agradáveis. Seu projeto de filosofia é um mero devaneio, uma criação poética, como a caverna Domdaniel,<sup>154</sup> o Swerga ou Paladon,<sup>155</sup> e, de fato, esse carrega uma semelhança considerável com essas visões deslumbrantes. Como elas, existe algo de invenção, de grandeza e brilho. Mas, como elas, é grotesco e extravagante, e viola perpetuamente até mesmo a probabilidade convencional, que é essencial para o efeito das obras de arte (LORD MACAULAY, 1848: 220).<sup>156</sup>

---

<sup>152</sup> No original: “A chain of associations is to him what a chain of reasoning is to other men [...] what he calls his opinions, are in fact merely his tastes, [...] reason has no place at all” e “He does not seem to know what an argument is”.

<sup>153</sup> No original: “a matter of science” e “a matter of taste and feeling”.

<sup>154</sup> Caverna mítica retomada por Southey, em *Thalaba*, do *Livro das mil e uma noites* (MARZOLPH; LEEUWEN, 2004: 707).

<sup>155</sup> Swerga é um dos mundos do hinduísmo, também grafado como Swarga ou Svarga. Kehama, no *The Curse of Kehama*, visita esse mundo. Paladon que, na verdade, deveria vir grafado como Padalon também é uma referência ao *The Curse of Kehama*, sendo na mitologia hindu o lugar dos espíritos que partiram. <http://www.mythologydictionary.com/hindu-mythology.html>. Acesso em: 30 jan. 2014.

<sup>156</sup> No original: “It would be absurd to read the works of such a writer for political instruction. The utmost that can be expected from any system promulgated by him is that it may be splendid and affecting, that it may suggest sublime and pleasing images. His scheme of philosophy is a mere day-dream, a poetical

Neste momento, interessava a Macaulay caracterizar Southey como um poeta razoavelmente bem-sucedido para poder articular a associação entre a boa recepção de sua poesia com a ausência de uma “cabeça lógica”. Aliado a isso, retirava todo o conteúdo de intervenção social que a poesia de Southey sempre esteve relacionada, isolando a poesia a uma composição exclusivamente imaginativa, que falava sobre mitologias deslocadas da realidade contemporânea. Com isso, para Macaulay, era inevitável que Southey tivesse falhado na composição da *Life of Wesley* (1820) e também na *History of the Peninsular War* (1823-1832),<sup>157</sup> pois tratavam de “assuntos que exigiram todas as qualidades de um historiador filosófico”.<sup>158</sup> Uma exceção em seus escritos em prosa dizia respeito ao *Life of Nelson* (1813), apenas porque “não existiam refinados enigmas do coração humano para ler, nenhuma teoria para propor, nenhuma causa oculta para desenvolver, nenhuma remota consequência para prever”.<sup>159</sup> Por ser a história de uma pessoa que efetivamente esteve viva, “a necessidade de ser fiel ao curso real dos acontecimentos salvou o Sr. Southey daquelas falhas que deformam o plano original de quase todos os seus poemas, e que até mesmo suas belezas inumeráveis de detalhes dificilmente compensam” (LORD MACAULAY, 1848: 221).<sup>160</sup>

Southey parece nunca ter respondido às críticas de Macaulay publicamente. Contudo, a *Fraser's Magazine* dedicou um artigo à polêmica Macaulay-Southey, destacando que Macaulay além de ser um homem jovem, orgulhoso e possuir “uma boa lábia” tinha seu ego insuflado por seus patronos *Whigs*.<sup>161</sup> O resenhista punha em cheque a interpretação de Macaulay ao afirmar que Southey era respeitado não apenas porque as pessoas concordavam com ele, mas porque “acreditam nele, e são influenciadas por seus escritos, a partir da convicção profunda e sincera de sua

---

creation, like the Dom-daniel cavern, the Swerga, or Padalon; and indeed it bears no inconsiderable resemblance to those gorgeous visions. Like them, it has something of invention, grandeur, and brilliancy. But, like them, it is grotesque and extravagant, and perpetually violates even that conventional probability which is essential to the effect of works of art”.

<sup>157</sup> Macaulay iniciou a leitura da *History of the Peninsular War*, mas alega que nunca conseguiu ultrapassar o primeiro volume (TREVELYAN, 1876: 459).

<sup>158</sup> No original: “subjects which required all the qualities of a philosophic historian”.

<sup>159</sup> No original: “There were no fine riddles of the human heart to read, no theories to propound, no hidden causes to develop, no remote consequences to predict”.

<sup>160</sup> No original: “The necessity of adhering to the real course of events saved Mr. Southey from those faults which deform the original plan of almost every one of his poems, and which even his innumerable beauties of detail scarcely redeem”.

<sup>161</sup> No original: “the gift of the gab”.

verdade”.<sup>162</sup> Chega mesmo a sugerir que Southey provavelmente tinha esquecido mais do que Macaulay já havia aprendido em sua vida inteira e que, diferente dele, a forma de escrita de Southey não era “complicada e entrelaçada a metafísicas”.<sup>163</sup> Pelo contrário, a “História geral [...] tem sido o ramo de estudo favorito do Sr. Southey e ‘*História é Filosofia ensinada através do exemplo*’”.<sup>164</sup> Em suma, o artigo se propunha negar as reivindicações de Macaulay, insistindo que Southey era um pensador de um conhecimento magistral em relação a uma ampla gama de assuntos, em comparação, Macaulay nada mais era do que “um charlatão e pseudo-filósofo”.<sup>165</sup>

Muitas das críticas de Southey à economia política estavam relacionadas ao seu entendimento de que ela contrapunha-se à moral (WINCH, 2009: 314, 319). Muitos dos que pensavam como Southey, viam nos conteúdos morais e religiosos, em todas as formas de literatura, como antídoto para a anarquia social instaurada pelo espírito comercial. Esse solvente universal diluía as antigas relações entre as pessoas, os laços locais e o amor, inclusive familiar, que unia o mais fraco ao mais forte (CONNELL, 2005: 237). Parecia claro para vários dos seus contemporâneos, que a importância do trabalho de Southey residia fundamentalmente na sua retidão moral e em sua luta contra a decadência religiosa. A influência mais abrangente de suas obras parece estar no campo da moral, enquanto um moralista público (CRAIG, 2007). Esse aspecto é muito bem salientado por um dos resenhistas da *History of Brazil*, o clérigo anglicano Reginald Heber, ao contrapor Southey a William Robertson: “os personagens individuais do Sr. Southey possuem um interesse e valor muito superior aos de Robertson”, “isso se deve, no entanto, em parte a este hábito de ver as ações em detalhe e, em parte, nós devemos quase que imaginar, a um entusiasmo do sentido moral, superior a esse possuído pelo seu antecessor”.<sup>166</sup> Principalmente como um escritor moral que, “o Sr. Southey deixará atrás de si um nome que poucos de seus

---

<sup>162</sup> No original: “they have believed in him, and been influenced by his writings, from the thorough and heartfelt conviction of their truth”.

<sup>163</sup> No original: “knottiness and metaphysical intertwistings”.

<sup>164</sup> No original: “General history [...] has been Mr. Southey’s favourite branch of study and ‘*History is Philosophy teaching by example*’”.

<sup>165</sup> Sigo aqui a argumentação de CRAIG, 2006: 113-114. No original: “a quack and pseudo-philosopher”.

<sup>166</sup> No original: “Mr. Southey’s individual characters possess an interest and value far superior to those of Robertson” [...] “It is partly, however, owing to this habit of viewing actions in detail, and partly, we should almost imagine, to a keenness of the moral sense, superior to that possessed by his predecessor”.

contemporâneos irão igualar” (HEBER, 1811: 473).<sup>167</sup> Para além de todas as imperfeições de suas obras e polêmicas que geraram,

No momento, se quisermos ensinar as mentes da juventude um sentido altivo da dignidade nacional, um zelo temperado na causa da liberdade e um ódio viril para com todas as espécies de opressão ou crueldade, se desejamos elevar dentro delas a admiração pelo mérito individual, que fala aos sentimentos, e estimular a emulação do soldado ou do cidadão, bem como do estadista ou general, e tornar o estudo da história na escola, não só da política nacional, mas de virtudes privadas: se, em suma, desejamos produzir tais homens na Inglaterra, como a Inglaterra no momento precisa que a preservem, poucos melhores manuais podem ser encontrados do que as obras de Robert Southey (HEBER, 1811: 473).<sup>168</sup>

Não foi por acaso a publicação e ótima recepção do *Selections from the prose Works of Robert Southey, Esq. LL.D. Poet Laureate, &c. &c. chiefly for the use of schools and young persons* (1832).<sup>169</sup> Ao mesmo tempo em que Southey foi se constituindo como prosador de relevante papel dentro do cenário intelectual britânico, em parte por suas atuações polêmicas e constantes ligadas à política e/ou à religião, a sua posição enquanto moralista foi sendo reforçada. Não se deve, portanto, subvalorizar esse aspecto de seus escritos, que influenciaram decisivamente tanto na escolha de certos tópicos para o debate, quanto na abordagem deles. A importância que via nos jesuítas e nas diversas expedições missionárias, por exemplo, está intrinsecamente conectada à centralidade da moral e da religião para o bem estar das populações.

---

<sup>167</sup> No original: “Mr. Southey will leave behind him a name which few of his contemporaries will have equaled”.

<sup>168</sup> No original: “At present, if we wish to educate in the minds of youth a lofty sense of national dignity, a temperate zeal in the cause of freedom, and a manly hatred for every species of oppression or cruelty, if we desire to raise in them that admiration of individual merit, which speaks to the feelings, and stimulates the emulation of the soldier or the citizen, as well as the statesman or general, and makes the study of history at school, not only of national politics, but of private virtues: if, in short, we wish to breed up such men in England, as England now most needs to preserve her, few better manuals can be found than the works of Robert Southey”.

<sup>169</sup> Sobre a recepção e origem da obra ver *THE NEW*, 1832: 19; *THE MUSEUM*, 1832: 297-299; *SOUTHEY*, 1855: 505; *THE LITERARY*, 1832: 119. Apenas por curiosidade esclareço que LL.D. refere-se ao título de doutor *honoris causa* recebido por Southey pela Universidade de Oxford, em 1820 (SPECK, 2006: 181-182).

## CAPÍTULO 2

### **REVIVER OU REUNIR O PASSADO?: UMA REAVALIAÇÃO DA PROPOSTA HISTORIOGRÁFICA DE ROBERT SOUTHEY**

Na segunda metade do século XVIII, existia tanto uma pluralidade de possibilidades de como ser um historiador quanto de como escrever história.<sup>170</sup> Isso significa dizer que também existiam diversas espécies de historiografias erguidas a partir da combinação feita entre alguns elementos – narrativa, erudição, filosofia –, assunto escolhido e sua abordagem, que definiam o tipo de história escrita (PHILLIPS, 1996). Os historiadores clássicos greco-romanos continuavam a inspirar os historiadores ditos modernos com suas diferentes formas historiográficas, se bem que com menor prestígio em relação aos componentes narrativos. O significado antigo de história – e isso unia quase que plenamente a historiografia clássica – abarcava de forma central a narrativa da ação, que, para ser melhor realizada, precisava ser escrita por um historiador que tivesse sido testemunha ocular dos eventos e ele mesmo um homem de ação apto a entender os mecanismos em jogo (POCOCK, 2001: 7-8). Essas narrativas eram pensadas muito mais em relação ao presente e preocupadas com a moral do que com uma verdade tal como entendemos atualmente.<sup>171</sup> A história era escrita no presente e para o presente, era uma narrativa eminentemente da ação, focada na exemplaridade e cabia ao historiador julgar o que deveria ou não ser imitado e preservado.

Na historiografia greco-romana tanto os cidadãos como a própria cidade faziam parte efetivamente da história, pois a performavam. Contudo, nas narrativas modernas ambos passaram a ser apenas atores metafóricos dentro dessa narrativa na medida em que a história tornou-se uma macronarrativa e as cidades serviram apenas como pano de fundo para as ações políticas e morais. Essa mudança de perspectiva gerou impactos na definição e no papel do historiador, assim como no que se entendia por história. O historiador passou a ser muito mais um analista político ou um teórico, que poderia ter uma gama variada de respostas para a questão da validação de sua narrativa, do que um historiador moral (POCOCK, 2001: 9). Não obstante a reivindicada mudança de foco do dever moral do historiador para uma perspectiva analítica, o papel regulador do

---

<sup>170</sup> É também possível abordar o surgimento do conceito moderno de história através da explicação fornecida por KOSELLECK, 2004.

<sup>171</sup> O historiador latino Tácito, por exemplo, entendia que a verdade do trabalho historiográfico estava intrinsecamente ligada ao ornamento de sentença *demonstratio*, ou seja, à capacidade de exprimir verbalmente um acontecimento de forma que as ações pareçam estar transcorrendo e as coisas pareçam estar diante dos olhos. Desse ponto advém a importância do exemplo – ao invés da prova –, que serve para demonstrar uma tese ou juízo dentro da retórica. Cf. VARELLA, 2008.



historiador em relação ao que deveria ser celebrado ou condenado nunca foi abandonado por completo. Nesse sentido, julgando o aspecto moral das ações de Charles Poncet de Brétigny, quando da sua iniciativa de promover assentamentos em Caiena, Berbice e no Suriname, Southey sentenciava que “cruel por natureza caiu nessa insânia em que a embriagues do poder absoluto precipita as índoles perversas, *foi merecidamente morto pelos selvagens*” (SOUTHEY, 1862e: 17, grifos meus).<sup>172</sup> Para poder cumprir apropriadamente um de seus papéis, que era julgar o passado, Southey necessitava do maior número possível de informações. Em sua opinião, por exemplo, no que dizia respeito à Inconfidência Mineira, “impossível é determinar sem mais amplo e exato conhecimento das circunstâncias” as ações de Dom Pedro de Almeida, em 1720 (SOUTHEY, 1862e: 207).<sup>173</sup> Relatar assuntos controversos com estrita imparcialidade, sem diminuir, nem esconder nada, era um dever do historiador (SOUTHEY, 1817a: 252). Porém, mais do que ter visto as ações, para julgá-las era necessário reunir os vestígios do passado, em sua quase totalidade através da pesquisa.

A história entendida como a narrativa da ação humana tornou-se rival da macronarrativa que contava como a sociedade civil passou por sucessivos estágios e como cada um desses estágios transformou-se ou foi substituído pelo seu sucessor (POCOCK, 2001: 17). A percepção da sociedade como um movimento em direção às maneiras talvez tenha sido a grande mudança introduzida pela história filosófica. O estudo das maneiras faria com que a sociedade civil fosse capaz de absorver e controlar a ação humana. Com isso, uma “sociedade comercial, caracterizada pela Troca incessante de bens e serviços, morais e materiais, entre seus membros, era aquela em que as ‘boas maneiras’ e a ‘polidez’ poderiam reinar sem preocupação, e a filosofia era entendida como conversação sociável” (POCOCK, 2001: 19-20).<sup>174</sup> A macronarrativa das sociedades civis constitui-se como a abordagem do declínio às trevas do barbarismo e da religião e a posterior emergência de uma sociedade civil capaz de superar ambos os malefícios. O tema central dessa macronarrativa era centrado na história do declínio das sociedades ao estado de barbarismo e religião e buscava contar como foi possível

---

<sup>172</sup> No original: “being cruel by nature, and under no restraint, he fell into that madness which the possession of absolute power induces in wicked dispositions; and having escaped one mutiny among his own people, *he was deservedly killed by the savages*” (SOUTHEY, 1819: 13, grifos meus)

<sup>173</sup> No original: “it would be impossible to judge without fuller details of the circumstances” (SOUTHEY, 1819: 160)

<sup>174</sup> No original: “commercial society, characterized by the incessant Exchange of goods and services, moral and material, between its members, was that in which ‘manners’ and ‘politeness’ could reign undisturbed, and philosophy was perceived as the sociable conversation”.

escapar dessa condição. A narrativa do Estado e das maneiras, juntas, produziram a macronarrativa da filosofia da história (POCOCK, 2001: 20-21).

A *History of Brazil*, de um ponto de vista estrutural, teve a sua escrita vinculada as interpretações vigentes sobre o desenvolver da história universal em que as sociedades passavam por estágios civilizacionais de forma a aperfeiçoarem-se. Com isso, não apenas se pautou como uma narrativa de superação, mesmo que incompleta e imperfeita, do estado de barbarismo e religião em que a sociedade colonial brasileira se encontrava, como transmitia uma parcela de experiência repetida ao colocar a história brasileira dentro do cenário universal de desenvolvimento das sociedades. E como a história desenvolvia-se, em linha gerais, tendo um ritmo comum, a comparação dava-se em um plano não apenas de referencialidade europeia de hábitos e costumes, mas também de movimentos históricos similares. Na perspectiva de Southey, uma igreja na Bahia, por exemplo, foi construída por meio da utilização de mármore importado da Europa, assim como “em épocas anteriores os nossos reis anglo-normandos importaram a pedra de Caen deles” (SOUTHEY, 1819: 795).<sup>175</sup> Existia uma estrutura narrativa mais ou menos fixa e uma ciclicidade histórica que permitiam a comparação entre períodos tão diferentes e que servia para ilustrar o estágio em que determinada sociedade estava em relação ao desenvolvimento civilizacional da humanidade. Da mesma forma que a construção de edificações religiosas com materiais resistentes ligava uma determinada sociedade a certo período histórico, a forma como o corpo do Sargento Mor de Buenos Aires foi disputado pelos portugueses, em 1736, era comparada com a animosidade que “os gregos e os troianos estavam acostumados a exibir em ocasiões como essa” (SOUTHEY, 1819: 292) no intuito de circunscrever a prática do tratamento dos mortos na guerra também a determinado estágio das sociedades.<sup>176</sup>

A nova relação da história com a etnografia, via teoria dos quatro estágios civilizacionais, também foi decisiva ao propor que as sociedades organizavam-se em uma sequência mais ou menos estável e autônoma onde, por meio da comparação do progresso das diferentes sociedades entre si, seria possível medir as taxas de variação histórica. Igualmente era possível explicá-las, até certo ponto, se houvesse a comparação entre o estado de uma dada sociedade com o estado do mundo naquele mesmo momento. Localizar o estágio de uma sociedade dentro de a história da

---

<sup>175</sup> No original: “in earlier times our Anglo-Norman Kings imported their Caen-stone”.

<sup>176</sup> No original: “the Greeks and Trojans were wont to display upon like occasions”.

humanidade seria estabelecer a sua idade ou época, no sentido mais completo e, portanto, estabelecer a sua compreensão mais profunda como uma cultura ou uma situação histórica. Chegava-se assim a conclusão de que o temperamento humano estava profundamente condicionado ao estado da sociedade em que ele nascia. Daqui por diante o entendimento moral deveria levar em conta não apenas o motivo das situações, mas o estágio ou época em que essas situações tinham sido vividas (CHANDLER, 2009: 358-361).

Durante as duas últimas décadas do século XVIII, o interesse pela teoria dos quatro estágios atingiu o seu apogeu, ganhando inclusive diversas reformulações e adaptações (MEEK, 2010: 177).<sup>177</sup> De forma geral, os revisionismos subsequentes atenuaram a importância do modo de subsistência dentro dessa explicação do desenvolvimento das sociedades, tornando-a uma parte, entre tantas outras, da explicação do todo (MEEK, 2010: 198). Southey apropriou-se largamente da teoria dos estágios civilizacionais para analisar a sociedade brasileira colonial, pautando-se na comparação dos costumes e das maneiras dos povos indígenas e dos colonizadores para situar o estágio civilizacional dessa sociedade. Na Província de Santa Catarina, por exemplo, “era sinal de distinção trazer as unhas compridas, especialmente nos dedos polegares, costume comum de muitos *paises nos degraus (stages) bárbaros e semibárbaros da sociedade*” (SOUTHEY, 1862f: 517, grifos meus).<sup>178</sup>

Dentro desse contexto historiográfico, é importante salientar que a erudição era habitualmente considerada como um qualificativo para a liderança social na medida em que, sem ela, seria difícil desenvolver as capacidades cognitivas que evitavam o falso e o fabuloso. Ou seja, a erudição de um historiador influenciava diretamente na qualidade da sua intervenção social uma vez que servia de instrumento de controle da verdade (ALLAN *apud* O’BRIEN, 2005: 97). Um grande símbolo de erudição, mesmo que muitas vezes tidos como pouco útil para a vida pública, eram os antiquários. Se considerarmos que o “antiquariato desenvolvia uma forma de história nacional baseada em particularidades ao invés de teorias, em artefatos como ‘reuníveis’ ao invés de

---

<sup>177</sup> Johann Gottfried von Herder, por exemplo, ao analisar o impacto dos diferentes modos de subsistência na mente dos homens empregou as categorias de caçador, pescador, pastor, agricultor e comerciante. O *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*, de Herder, foi traduzido para o inglês em 1800 sob o título *Outlines of a philosophy of the history of men* (MEEK, 2010: 194). Southey tinha uma edição de 1803 deste livro (SOUTHEY, 2011).

<sup>178</sup> No original: “It was a mark of distinction to have long nails, especially upon the thumb, .. a custom common to many different countries in the *barbarous and semi-barbarous stages of society*” (SOUTHEY, 1819: 860-861, grifos meus).

evidência decifrável” (MANNING, 2012: 47-8),<sup>179</sup> talvez fossem levados à conclusão que seria uma contradição entre os termos propor que Southey tivesse, ao mesmo tempo, se apropriando da teoria dos quatro estágios civilizacionais e dotado a *History of Brazil* de uma narrativa antiquária. Contudo, é inegável que o interesse pelas maneiras e pelos costumes, ou seja, tudo que dizia respeito ao dia-a-dia das sociedades, foi um legado antiquário. Os termos etnografia e antropologia, e mesmo muitos de seus equivalentes, só foram usados amplamente em meados do século XIX (BURKE, 2007: 231), antes a designação genérica “maneiras e costumes” era a regra. A reunião de artefatos, feita pelos antiquários, era o que sustentava empiricamente a etnologia realizada na teoria dos quatro estágios. Essa teoria – enquanto modelo para a explicação do desenvolvimento do homem na Terra – serviu como possibilidade narrativa para o entendimento do indígena brasileiro como representante de uma cultura selvagem, atrasada e “no primeiro estágio de civilização” (SOUTHEY, 1819: 716).<sup>180</sup>

Em finais do século XVIII, a presença dos antiquários e das publicações antiquárias têm lugar de relevo na cultura inglesa. Quando a primeira geração de poetas românticos foi retirada de seu contexto discursivo e literário para a realização de estudos individuais houve o esquecimento de que essa cultura também dialogava com o passado, com homens como John Brand (1744-1806), Joseph Ritson (1752-1803), Francis Douce (1757-1834) e William Hone (1780-1842) (BUTLER, 2009: 335). Southey possuía obras de todos esses antiquários, além da de muitos outros (Cf. SOUTHEY, 2011). O antiquariato fazia parte de um reflorescimento histórico mais amplo que ocorreu nas últimas décadas do século XVIII na Grã-Bretanha e em outras partes da Europa (BUTLER, 2009: 335). O interesse pelas antiguidades regionais não foi algo restrito aos denominados antiquários, alastrou-se pela cultura britânica e tinha considerável destaque quando da publicação da *History of Brazil*. Igualmente, o material antiquário utilizado por Southey para a fundamentação de sua escrita, como anotações, notas e o próprio enredo de suas baladas e poemas maiores era bastante vasto, incluindo a leitura de *Survey of Cornwall* (1723) de Richard Carew, *Church History of Brittany* (1668) de Serenus Cressy, *Cambrian Biography* (1803) de William Owen e *Supplement to Richard Polwhele’s History of Cornwall* de John Whitaker

---

<sup>179</sup> No original: “The collection of artifacts” [...] “a progressive enterprise that supported the empirical principles of Enlightenment” [...] “antiquarianism accumulated a form of national history based in particularities rather than theories, in artifacts as ‘collectables’ rather than decipherable evidence”.

<sup>180</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “in the first stage of civilization”

(1804) (PRATT, 2010: 212-213). De um ponto de vista da macronarrativa da história brasileira, essa busca pelos vestígios do passado levou a um profundo alargamento do gênero história e, em última instância, quase todos os assuntos, se não todos, poderiam ser incorporados. Nessa colcha de retalhos, que é a *History of Brazil*, o leitor encontrará abordagens que vão desde o morcego vampiro, as pragas de insetos, o peixe boi, passando pela longa explicação sobre a mandioca, seu cultivo e beneficiamento e diversas curiosidades, como a do padre que chegou a uma tribo, convertida ao catolicismo, em que seu chefe tinha batizado todos os homens de Jesus e todas as mulheres de Maria (SOUTHEY, 1810: 134-135; 616; 230-235; 390).

Este capítulo tem por objetivo principal enquadrar Robert Southey em um novo contexto discursivo, diverso do habitual contexto romântico, visando melhor compreender a sua posição historiográfica, principalmente no que diz respeito à *History of Brazil* (1810-1819). No cenário brasileiro, as reflexões de Maria Odila da Silva Dias, principalmente graças ao *O fardo do homem branco* (1974), tornaram-se hegemônicas para o entendimento dessa obra historiográfica. Nesse livro, assim como em sua dissertação, Dias apresenta a *History of Brazil* como uma obra precursora do Romantismo inglês e fundamentalmente preocupada com o reviver histórico. Sustento, ao longo deste capítulo, uma hipótese diversa que situa Southey dentro de outra realidade discursiva relacionada com a pesquisa documental e a monumentalização do passado. O meu propósito, portanto, não foi realizar uma revisão completa do livro ou mesmo da dissertação de Dias, que, a meu ver, exigiria um trabalho monográfico, mas uma análise pontual de algumas partes desses escritos que serviram para comprovar a sua hipótese de que a preocupação historiográfica central de Southey era reviver o passado empaticamente.

#### **REVIVER O PASSADO? SOUTHEY, MACAULAY E OS HORIZONTES DA HISTORIOGRAFIA BRITÂNICA NA DÉCADA DE 1820**

As obras em prosa e em verso de Southey foram fortemente marcadas pelo uso da história, com tendência a recuar com grande profundidade no passado para melhor explicar e “traçar a ordem moral das coisas na história do mundo”.<sup>181</sup> Em 1813, Southey assegurava que “nenhum homem jamais teve mais interesse do que eu tive em olhar

---

<sup>181</sup> No original: “to trace the moral order of things in the history of the world”.

para trás, na direção da história da raça humana, ou em olhar para frente, para o seu melhoramento, e coletando a luz do passado, como o foco de um espelho, arremessá-lo perante mim para que talvez eu veja o futuro” (*apud* STOREY, 2006: 91).<sup>182</sup> O entendimento de Southey sobre a história lhe permitiu localizar a origem dos problemas que o mundo enfrentava em um passado remoto, fazendo do passado o local privilegiado para entendimento do presente. Essa “diretriz” narrativa básica southeyana acarretou que tanto a *History of Brazil* como diversas outras obras que escreveu buscaram traçar a origem do estado da sociedade e as diversas soluções ou figurações que os problemas que lhe eram contemporâneos tiveram em diferentes épocas e lugares (CRAIG, 2006: 107).<sup>183</sup>

O tom quase maniqueísta de algumas de suas obras, projetadas para iluminar de forma efusiva as possíveis ameaças e produzir uma resposta construtiva rápida, intencionava criar a sensação de um perigo palpável e da necessidade de uma luta religiosa para combatê-lo. As inúmeras imagens de doença e decadência na prosa de Southey dão o tom visceral de seus avisos sobre os perigos políticos. Embora essas preocupações tenham sido relativizadas pela fé na Providência, que asseguraria o progresso moral em algum momento, não existia nenhuma garantia de que as nações não entrariam em processo de declínio. A ascensão e queda de uma determinada nação poderiam ser explicadas pelos seus feitos e, assim, se as comunidades obedecessem à vontade de Deus, o progresso continuaria, mas o contrário poderia significar o declínio ou mesmo a extinção de uma nação. Os escritos de Southey não eram apenas conscientemente partidários, mas também se propunham como a defesa da ordem contra o caos (CRAIG, 2006: 109).

A importância da continuidade para a explicação social e histórica de uma nação, para Southey, também estava ligada à construção de uma narrativa linear, que pretendia ser um verdadeiro registro do passado, evitando digressões autorais – e muitas vezes analíticas – no texto. Southey não era um entusiasta do que chamou de história

---

<sup>182</sup> As passagens são de duas cartas, respectivamente, WARTER 1856b: 358, de 1 de julho de 1814, e WARTER 1856b: 53, de 31 de março de 1813. No original: “No man has ever taken more interest than I have done in looking back into the history of the human race, or in looking forward to their amelioration, and collecting the light of the past as in the focus of a mirror, to fling it before me that I may see into the future”.

<sup>183</sup> Craig cita outros exemplos que vão de acordo com essa argumentação. Em uma de suas resenhas, Southey argumenta que a Inglaterra não tinha um “espírito” nacional verdadeiro por causa dos partidarismos que existiam desde a Idade Média e, em outra, situa o espírito de dissidência antes da reforma para mostrar que o objetivo desse preceito sempre foi a derrubada do que já estava instituído (CRAIG, 2006: 107).

filosófica, pois julgava que as histórias produzidas por alguns historiadores segundo essas diretrizes tinham tendência determinista – dentre estes elegeu François Guizot como, possivelmente, o mais habilidoso – e acreditava que as generalizações feitas excluía a complexidade factual a fim de disfarçar as suas inclinações políticas (CRAIG, 2007: 136-137). Esses historiadores acabavam por “levar ao extremo a influência das causas gerais, considerando os homens como plenas criaturas das circunstâncias em que eles são colocados, e tendo-os muito mais como marionetes de uma necessidade fatal, do que como seres responsáveis livres para escolherem entre o bem e o mal” (SOUTHEY, 1828b: 196).<sup>184</sup>

Se buscássemos definir um “alinhamento” historiográfico em que Southey estaria inserido este certamente não estaria em sintonia com o cânone historiográfico britânico já que os grandes escritores setecentistas – como David Hume e William Robertson – favoreceram em suas narrativas o universal ao invés do peculiar (PHILLIPS, 1989: 119). Southey igualmente não poderia ser enquadrado – caso esse fosse o objetivo – dentro de uma “nova” historiografia que tinha na evocação do passado o propósito central da história. No decorrer da análise de duas resenhas-ensaios que Southey e o jovem Thomas Babington Macaulay publicaram, respectivamente, no *Quarterly Review* e no *Edinburgh Review* – os dois principais periódicos britânicos da época – na década de 1820, espero, em um primeiro momento, por à mostra uma parte do universo discursivo mobilizado por ambos os escritores no intuito de salientar a diferença de seus projetos historiográficos.<sup>185</sup> Em um segundo momento, o debate torna-se um pouco mais específico sobre a historiografia produzida por Southey, tida atualmente como empática e preocupada com o reviver histórico.

A divergência teórica-historiográfica entre Southey e Macaulay é bastante visível na análise das resenhas que produziram do livro *The Constitutional History of England from the Accession of Henry VII to the Death of George II*, de Henry Hallam.<sup>186</sup> As resenhas críticas de obras publicadas em periódicos como o *Quarterly* e

---

<sup>184</sup> No original: “carry the influence of general causes too far, considering men as entirely the creatures of the circumstances wherein they are placed, and regarding them rather as the puppets of a fatal necessity, than as accountable beings, to whom it has been free to choose between good and evil”.

<sup>185</sup> Na mesma época, Macaulay se envolveu deliberadamente em mais duas outras polêmicas, uma com Robert Montgomery e outra com Michael Sadler (SULLIVAN, 2009: 78).

<sup>186</sup> Essa não foi a única ocasião em que ambos escreveram resenha de um mesmo livro. No final de 1831, Macaulay fez uma avaliação favorável do *Some Memorials of John Hampden, his Party and his Time*, escrito por George Grenville Nugent, para a *Edinburgh review*, enquanto, em 1832, Southey fez uma negativa para o *Quarterly Review* (Vol. 47). Southey também já havia entrado em desavenças com Lord Nugent por causa da resenha do livro de Hallam: SPECK, 2006: 219. Macaulay também escreveu uma

o *Edinburgh* eram muito mais do que simples juízos das obras recentemente lançadas, eram verdadeiros ensaios abrangentes sobre temas explorados no livro em questão. A resenha de Southey foi publicada no *Quarterly Review* de janeiro-março de 1828 e contava com assustadoras 66 páginas. Poucos meses depois, Macaulay estampou a sua defesa a Hallam – e seu ataque a Southey – em 73 páginas da edição de setembro do *Edinburgh Review*. Henry Hallam, assim como Macaulay, contribuía regularmente para o *Edinburgh* com resenhas e fazia parte da ala *Whig*. Dentre suas obras, o *Constitutional History* foi a que teve maior destaque entre seus contemporâneos.

Macaulay não deixou de expressar a sua insatisfação com a análise de Southey da *Constitutional History*. Em sua opinião, Hallam “resume com uma imparcialidade calma, firme, não virando nem para direita nem para a esquerda, não evitando falar sobre nada, não exagerando nada” (LORD MACAULAY, 1848: 116).<sup>187</sup> Fato que iria “desgostar particularmente essas pessoas que, em suas especulações sobre política, não são pensadores, mas amadores”. O homem de extremos, crítico da posição de Hallam, “em cada partidário furioso ele vê ou o que ele é agora ou o que ele foi antigamente, o pensionista que é, ou o jacobino que foi”, sempre “incapaz de compreender um escritor que, constantemente ligado a princípios, é indiferente em relação a nomes e emblemas, e que julga as personalidades com gravidade uniforme, não completamente sem as tintas do cinismo, mas livre do mais leve toque de paixão, espírito de partido ou capricho (LORD MACAULAY, 1848: 117, grifos meus).<sup>188</sup>

Macaulay nem precisaria nomear Southey como sendo o homem de extremos a que referia tendo em vista os elementos introduzidos em seu texto, suficientes para que

---

resenha, em 1830, do *The Pilgrim's Progress, with a Life of John Bunyan*, que consiste de uma breve biografia de Bunyan, de 100 páginas, que serve de introdução ao *Pilgrim's Progress*. Sobre a Vida escrita por Southey, Macaulay observou: “The Life of Bunyan is, of course, not a performance which can add much to the literary reputation of such a writer as Mr. Southey. But it is written in excellent English, and, for the most part, in an excellent spirit. Mr. Southey propounds, we need not say, many opinions from which we altogether dissent; and his attempts to excuse the odious persecution to which Bunyan was subjected have sometimes moved our indignation. But we will avoid this topic. We are at present much more inclined to join in paying homage to the genius of a great man than to engage in a controversy concerning church-government and toleration” (LORD MACAULAY, 1848: 408). A avaliação do livro, como um todo é muito positiva, também devido ao reconhecimento por Macaulay da importância do trabalho de Bunyan.

<sup>187</sup> No original: “He sums up with a calm, steady impartiality, turning neither to the right nor to the left, glossing over nothing, exaggerating nothing”.

<sup>188</sup> No original: “particularly disgust those people who, in their speculations on politics, are not reasoners but fanciers” [...] “In every furious partisan he sees either his present self or his former self, the pensioner that is, or the Jacobin that has been” [...] “he is unable to comprehend a writer who, steadily attached to principles, is indifferent about names and badges, and who judges of characters with equable severity, not altogether untinged with cynicism, but free from the slightest touch of passion, party spirit, or caprice”.



qualquer contemporâneo reconhecesse Southey em sua descrição.<sup>189</sup> A caracterização do pensamento de Southey como extremista, tendo a forte inclinação jacobina juvenil sido suplantada por um conservadorismo na idade adulta, é típica da época e muito comum aos leitores desses periódicos. Southey também era, de fato, um pensionista do Estado devido ao seu posto de Poeta Laureado, o que só agregou mais força às críticas em relação a sua suposta apostasia política.

Tendo em vista as diferenças interpretativas dos rumos da sociedade passada ou presente, não é nenhuma surpresa que os ensaios de Southey e Macaulay tenham avaliações muito diversas sobre a qualidade da obra de Hallam. Contudo, o que interessa em especial é a definição feita nesses ensaios por ambos do ofício do historiador e de suas práticas.

Parte considerável da resenha de Southey contém ataques aos julgamentos feitos por Hallam das ações de homens de destaque na política britânica como Henrique VII, Carlos I, Thomas Cranmer e William Laud. Segundo Southey, as análises incorretas de Hallam evidenciam que “o livro é a produção de um partidário resoluto; apresentando não a história em si, mas o que é chamado de filosofia da história, e é para ser recebido com a maior suspeita, *porque diz respeito a deduções e não aos detalhes*”.<sup>190</sup> A *Constitutional History* não seria fruto de pesquisa acurada dos fatos, mas mera dedução, sem fundamento algum, da história. Em sua opinião, Hallam fazia parte do conjunto de escritores que preferiam dividir a história em partes – política, militar, religiosa, literária, comercial etc. – e que, com isso, obscureciam “sua conexão mútua, sua influência e dependência” (SOUTHEY 1828a: 194-195, grifos meus).<sup>191</sup> A história, contudo, seria lida, em sua opinião, com mais prazer e lembrada com mais facilidade se o historiador seguisse a “ordem natural da narração [...], que procede de acordo com o curso do tempo e eventos, e registra as coisas como elas são, misturadas nas preocupações múltiplas da sociedade”.<sup>192</sup> Qualquer obra de história estaria necessariamente subjugada à cronologia pelo simples fato de que “o labirinto poderoso

---

<sup>189</sup> É certo que Macaulay conhecia a crítica de Southey a Hallam: “He [Southey] has treated Mr. Owen of Lanark, for example, with infinitely more respect than he has shown to Mr. Hallam or to Dr. Lingard; and this for no reason that we can discover, except that Mr. Owen is more unreasonably and hopelessly in the wrong than any speculator of our time” (LORD MACAULAY, 1848: 224).

<sup>190</sup> No original: “The book is the production of a decided partisan; presenting not the history itself, but what is called the philosophy of history, and to be received with the more suspicion, *because it deals in deductions and not in details*”.

<sup>191</sup> No original: “Their mutual connexion, their influence and dependence”.

<sup>192</sup> No original: “natural order of narration [...] which proceeds according to the course of time and events, and records things as they are intermingled in the multifold concerns of society”.

dos assuntos humanos não existe sem um plano e que os caminhos de Deus são justificados pelo curso da Providência” (SOUTHEY, 1828a: 199).<sup>193</sup> Ao ignorar o plano cronológico traçado pela Providência, o historiador estaria automaticamente reorganizando e modificando o curso e a interpretação da história.

Na avaliação de Southey, Hallam também estaria errado por estar de acordo com a máxima francesa que preceituava que “para ser um bom historiador, não se deve ter nenhuma religião, nenhum país, nenhuma profissão, nenhum partido”.<sup>194</sup> Exceto pela ligação política, os demais vínculos enriqueceriam a obra histórica, caso o historiador tivesse “uma sã consciência e uma intenção correta”. O historiador:

se apresenta para a sua tarefa, não como um advogado com o objetivo de trazer à luz certas partes do caso, para quem sabe favorecer o lado que o contratou, e manter outras na escuridão; *mas imbuído da certeza de uma responsabilidade mais séria e um dever maior. Ele exporá fielmente os fatos que cuidadosamente reuniu, e quando isso é realizado com um julgamento sólido, a melhor história será aquela que contém o máximo de detalhes* (SOUTHEY, 1828a: 197, grifos meus).<sup>195</sup>

Visto que a fundamentação da história seria dada por meio dos fatos e não das generalizações, a principal tarefa do historiador não estaria na seleção de partes da história e nem mesmo na interpretação – vistas como indesejadas por Southey – mas na *reunião* dos fatos e na sua exposição detalhada. A obra histórica seria considerada imparcial não por causa da anulação do historiador enquanto agente social, mas pelo seu comprometimento com a história e pela sua retidão moral. Dessa forma, a convicção religiosa seria igualmente importante para quem desejasse escrever história, já que “quanto mais religioso um historiador é mais imparciais serão suas afirmações, mais caridosa a sua disposição, mais abrangente a sua visão, mais esclarecida a sua filosofia”. O historiador deveria estar atento para o fato de que “apenas na religião é que a verdadeira filosofia pode ser encontrada; a filosofia que contempla o homem em todas

---

<sup>193</sup> No original: “the mighty maze of human affairs is not without a plan; and that the ways of God are vindicated by the course of Providence”.

<sup>194</sup> No original: “Pour être bon historien, il ne faudroit être d’aucune religion, d’aucun país, d’aucune profession, d’aucun parti”. Southey teve conhecimento dessa perspectiva história pela obra de Horace Wapole *Memoirs of King George II* (1822), escrita na década de 1750. O Abade de Raynal postulava algo extremamente próximo disso em sua *Histoire philosophique des deux Indes* (1781) (Cf. CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011: 75).

<sup>195</sup> No original: “sane conscience and an upright intention” [...] “comes to his task, not like an advocate with the purpose of bringing forward such parts of the case as may favour the side on which he is retained, and of keeping others in the shade; *but under the sense of a more serious responsibility, and a higher duty. He will faithfully state the facts which he has carefully collected, and when this is performed with a sound judgment, the best history will be that which contains the fullest details*”.

as suas relações e em toda a sua natureza; que se baseia no conhecimento da natureza e que é derivada d’Ele que é o Começo e o fim” (SOUTHEY, 1828a: 197-198, grifos meus).<sup>196</sup> A religião seria uma filosofia muito mais útil ao historiador ao fornecer princípios morais para o entendimento do homem e não prendê-lo a avaliações contemporâneas. No entendimento de Southey, a *Constitutional History* teria sido uma obra imparcial caso Hallam tivesse sido um historiador com convicções religiosas e tivesse buscado o entendimento da história através do percurso traçado pela Providência, ao invés de dedicar-se a generalizações que apenas objetivavam disfarçar escolhas pessoais.

A resenha de Macaulay da *Constitutional History* diferenciava-se radicalmente da de Southey não apenas pela avaliação positiva – já esperada – da obra, mas pela completa mudança de vocabulário no que tange ao universo historiográfico. Em sua opinião, o historiador ideal seria aquele capaz de combinar imaginação e razão no intuito de criar uma “história viva” que tornasse o “passado presente” e trouxesse o “distante para perto”.<sup>197</sup> Razão e imaginação seriam faculdades igualmente importantes ao historiador, apesar de considerar que a última havia sido negligenciada nos últimos séculos. A parte racional da história apresentava aos leitores verdadeiros mapas em que o historiador aferia “com precisão as dimensões, as distâncias e os ângulos”. Em outro polo, situavam-se as obras históricas imaginativas nas quais o leitor encontrava a “paisagem pintada” diante dos seus olhos (LORD MACAULAY, 1848: 113-114).<sup>198</sup> A boa história, para Macaulay, seria a fusão entre o ensaio e o romance histórico, deveria combinar o olhar de escultor de Walter Scott, que buscava “dar uma imagem clara e vívida de sua forma externa”, e o de anatomista de Hallam, que tinha como sua tarefa “dissecar o assunto até seu mais íntimo recôndito, e pôr a nu diante de nós todas as molas do movimento e todas as causas da decadência” (LORD MACAULAY, 1848: 115).<sup>199</sup> A “história, ao menos em seu estado de perfeição ideal, é uma mistura de poesia e filosofia. Ela grava verdades gerais na mente por meio de uma representação viva de

---

<sup>196</sup> No original: “*The more religious an historian is, the more impartial will be his statements, the more charitable his disposition, the more comprehensive his view, the more enlightened his philosophy*” [...] “In religion alone is true philosophy to be found; the philosophy which contemplates man in all his relations, and in his whole nature; which is founded upon a knowledge of the nature, and which is derived from Him who is the Beginning and the end”.

<sup>197</sup> No original: “living history” [...] “past present” [...] “distant near”.

<sup>198</sup> No original: “with accuracy the dimensions, the distances, and the angles” [...] “painted landscape”.

<sup>199</sup> No original: “give an express and lively image of its external form” [...] “dissect the subject to its inmost recesses, and to lay bare before us all the springs of motion and all the causes of decay”.

personalidades e incidentes específicos” (LORD MACAULAY, 1848: 113).<sup>200</sup> Em sua resenha, Macaulay aponta a fusão entre razão e imaginação como o grande desafio narrativo vivido pelo historiador na década de 1820. Em suma, o historiador ideal deveria superar o divórcio entre a racionalidade dos historiadores analíticos e o poder evocador do romance histórico (PHILLIPS, 2000: 41).

Parte de sua teoria sobre a historiografia imaginativa tinha sido explicada mais longamente na edição anterior do *Edinburgh Review*.<sup>201</sup> Ao longo do seu manifesto sobre o verdadeiro historiador e a correta escrita historiográfica, Macaulay reivindicava Heródoto como o mais antigo e o melhor entre os “historiadores românticos” pela sua “animação, sua ternura de um coração simples, seu maravilhoso talento para a descrição e diálogo e o puro fluxo agradável de sua linguagem” (MACAULAY, 1840: 179).<sup>202</sup> A história imaginativa de Heródoto havia fabricado um verdadeiro “estilo narrativo”, que “conta tudo dramaticamente”, tornando impossível para o leitor distinguir onde se encontra a verdade no relato, pois “as ficções são tão parecidas com os fatos, e os fatos tão parecidos com as ficções” (MACAULAY, 1840: 181).<sup>203</sup> Em sua opinião, na época em que Heródoto vivia, a filosofia estava em sua infância e a prosa era muito pouco difundida, o que contribuiu de forma direta para que “o interesse na narrativa e a beleza do estilo fossem ajudados pelo efeito de composição da recitação, – pelo esplendor do espetáculo –, pela poderosa influência da simpatia” (MACAULAY, 1840: 182).<sup>204</sup>

Assim, a rusticidade da sociedade grega e sua tendência imaginativa permitiram ao temperamento poético chegar à perfeição (OTTEN, 1969: 36). Contudo, após a Guerra do Peloponeso, a Grécia passou por grandes mudanças, “onde milhares de intelectos aguçados e prontos eram constantemente empregados em especular sobre as qualidades das ações e sobre os princípios do governo, [sendo] impossível que a história mantivesse seu caráter antigo”. Após isso, a história tornou-se “menos conversa banal e pitoresca, mas muito mais acurada e um pouco mais científica” (MACAULAY, 1840:

---

<sup>200</sup> No original: “History, at least in its state of ideal perfection, is a compound of poetry and philosophy. It impresses general truths on the mind by a vivid representation of particular characters and incidents”.

<sup>201</sup> O ensaio de Macaulay era para ser uma resenha do livro *The Romance of History, England* de Henry Neele, mas Macaulay não analisa e nem cita o livro em nenhuma linha.

<sup>202</sup> No original: “romantic historians” [...] “animation, his simple-hearted tenderness, his wonderful talent for description and dialogue, and the pure sweet flow of his language”.

<sup>203</sup> No original: “style of narration” [...] “tell everything dramatically” [...] “the fictions are so much like the facts, and the facts so much like the fictions”.

<sup>204</sup> No original: “the interest of the narrative, and the beauty of the style, were aided by the imposing effect of recitation, – by the splendor of the spectacle, – by the powerful influence of sympathy”.

186).<sup>205</sup> Com o desenvolvimento da razão e a proeminência da filosofia, a imaginação e o estilo foram suplantados como dignidades da história.

Mudanças igualmente significativas ocorreram durante os séculos posteriores, as quais contribuíram para o avanço da filosofia e da razão, e desembocaram no ofuscamento completo da imaginação na escrita da história na época moderna. Os melhores historiadores caíram na armadilha da razão, acreditando “na arte de deduzir um princípio geral dos fatos” e distorcendo “fatos para atender princípios gerais” (MACAULAY, 1840: 217).<sup>206</sup> No entendimento de Macaulay, a boa história não seria produzida nem através da dedução baseada em um conjunto limitado de eventos, nem através da exaustão dos detalhes. A manipulação histórica só poderia ser evitada através do efeito do todo propiciado pela vivacidade narrativa gerada pela seleção dos aspectos principais da época.

Os historiadores não deveriam se preocupar com “as artes da controvérsia” que levavam apenas a “negligenciar miseravelmente a arte da narração, a arte de interessar as afeições e apresentar quadros à imaginação”. A dignidade da história não estava nas discussões acaloradas, nem na descoberta de princípios gerais, mas no impacto de seus cenários. Enquanto os historiadores não entenderem a importância da imaginação, enquanto pensarem que “rebaixa a dignidade dos homens que descrevem as revoluções das nações, debruçar-se sobre os detalhes que constituem o encanto da biografia”, Macaulay profetizava que suas histórias continuariam “não lidas nas prateleiras de bibliotecas ostentatórias” (MACAULAY, 1840: 221).<sup>207</sup>

Macaulay via na negligência da imaginação o grande problema dos historiadores contemporâneos que, concentrando-se em fatos e datas, produziam uma história árida e sem vida. A faculdade da imaginação, apesar de ligada ao ficcional, comportaria uma verdade diferente da razão, uma verdade do coração humano, que fornecia ao historiador particulares e vivacidade capazes de contribuir para a criação de um efeito nas emoções de seus leitores (OTTEN, 1969: 40-42). A razão obviamente era

---

<sup>205</sup> No original: “still, where thousands of keen and ready intellects were constantly employed in speculating on the qualities of actions, and on the principles of government, it was impossible that history should retain its old character” [...] “less gossiping and less picturesque; but much more accurate, and somewhat more scientific”.

<sup>206</sup> No original: “in the art of deducing general principal from facts” [...] “facts to suit general principles”.

<sup>207</sup> No original: “the arts of controversy” [...] “miserably neglect the art of narration, the art of interesting the affections, and presenting pictures to the imagination” [...] “beneath the dignity of men who describe the revolutions of nations, to dwell on the details which constitute the charm of biography” [...] “unread on the shelves of ostentatious libraries”.

importante para o trabalho histórico, pois permitia “extrair a filosofia da história, dirigir nosso julgamento dos eventos e dos homens, traçar a conexão de causas e efeitos e extrair dos acontecimentos dos tempos passados as lições gerais de moral e sabedoria política” (LORD MACAULAY, 1848: 114),<sup>208</sup> mas os historiadores deveriam igualmente trazer a imaginação de volta à história, lançarem mão de estratégias retóricas e descritivas empregadas no romance histórico para tornarem suas histórias mais vívidas. O historiador deveria lembrar que a verdade literária existia apesar de ser construída de forma diferente, ou seja, através de associações imaginativas presentes na poesia (OTTEN, 1969: 36).

A evocação do passado, para Macaulay, seria alcançada com maior facilidade com uma “criteriosa seleção, rejeição e arranjo, [que] dá a verdade aqueles encantos que são usurpados pela ficção” (LORD MACAULAY, 1866: 158).<sup>209</sup> Em suma, a imaginação deveria:

tornar o passado presente, trazer o distante para perto, nos colocar na sociedade de um grande homem ou no cume que contempla o campo de uma grande batalha, cobrir com a realidade da carne humana e do sangue dos seres que estamos demasiadamente inclinados a considerar como tendo personificado as qualidades em uma alegoria, chamar nossos antepassados diante de nós com todas as suas peculiaridades da linguagem, costumes e roupas, nos mostrar novamente as suas casas, nos colocar em suas mesas, vasculhar seus roupeiros antiquados, explicar os usos de suas mobílias pesadas, *essas partes do dever que propriamente pertencem ao historiador foram apropriadas pelo romancista histórico* (LORD MACAULAY, 1848: 113).<sup>210</sup>

O historiador teria permitido ao romancista histórico invadir e dominar seu território, usurpando a imaginação e transformando-a em componente exclusivo da ficção e deixando a história incompleta e desnuda. As alegações de Macaulay sugerem que a ficção teria se apropriado dos recursos históricos na forma do romance histórico e, conseqüentemente, anulado a evocação como propósito central da história (PHILLIPS, 1989: 119, 128). Muitos dos termos mobilizados por Macaulay pertenciam ao

---

<sup>208</sup> No original: “to extract the philosophy of history, to direct our judgment of events and men, to trace the connexion of causes and effects, and to draw from the occurrences of former times general lessons of moral and political wisdom”.

<sup>209</sup> No original: “by judicious selection, rejection, and arrangement, he gives to truth those attractions which have been usurped by fiction”.

<sup>210</sup> No original: “To make the past present, to bring the distant near, to place us in the society of a great man or on the eminence which overlooks the field of a mighty battle, to invest with the reality of human flesh and blood beings whom we are too much inclined to consider as personified qualities in an allegory, to call up our ancestors before us with all their peculiarities of language, manners, and garb, to show us over their houses, to seat us at their tables, to rummage their old-fashioned wardrobes, to explain the uses of their ponderous furniture, *these parts of the duty which properly belongs to the historian have been appropriated by the historical novelist*”.

vocabulário da crítica literária de finais do século XVIII e não faziam parte das discussões sobre história, mesmo se pensássemos na teoria patológica aristotélica. O vocabulário da teoria literária, que colocava sentimento e imaginação no centro da literatura, foi incorporado conscientemente por Macaulay na sua crítica à historiografia contemporânea como uma literatura que negligenciava as artes da narração, de interessar as afeições e de apresentar quadros à imaginação. Os escritores de história deveriam reconhecer a amplitude da obra histórica para que fosse possível surgir o grande historiador que, com uma imaginação disciplinada, pudesse unir mais uma vez a representação acurada com a instrução vívida (PHILLIPS, 1989: 121).

Estariamos, então, diante de uma verdadeira aporia caso estivéssemos de acordo com a interpretação tradicional do romantismo britânico como um movimento que teria vigorado entre as décadas de 1780-1830 e dos poetas românticos como reconhecedores da centralidade da imaginação para a literatura e, por derivação, para a história (PHILLIPS, 1989: 121). O poeta da chamada primeira geração romântica Robert Southey não parecia se preocupar muito em escrever uma história viva e, diferentemente de Macaulay, em nenhum momento articulou os vocabulários associados à imaginação e ao sentimento como relevantes para a historiografia. De forma irônica, Macaulay parece defender a historiografia que Maria Odila da Silva Dias legou a Southey, expondo de forma clara o total descompasso que existe entre o que Southey pensava que fazia e as linhas mestras do Romantismo.<sup>211</sup> Em seu livro e na sua dissertação, Dias busca entender a *History of Brazil* pelo prisma da historiografia romântica e concluiu que Southey teria “uma concepção essencialmente intuitiva e sensível da história, o que lhe permitiria, aliás, desenvolver um método todo imaginativo de revivência empática do passado” (DIAS, 1974: 60).

Apesar de a *History of Brazil* ser tida pela historiografia, de forma geral, como a primeira obra completa de história do Brasil publicada, ainda não obteve uma grande variedade de estudos. Sua importância não reside apenas na construção do Brasil enquanto um país com uma história própria, ainda que fortemente devedora de Portugal, mas também para o entendimento das práticas e concepções históricas fundadoras da historiografia enquanto prática discursiva. Como já mencionado, fora do cenário brasileiro não existe nenhuma obra dedicada a analisar a *History of Brazil*, sendo a maioria dos estudos sobre Southey voltados para seus escritos poéticos. Ao analisar

---

<sup>211</sup> Southey também publicou a *History of the Peninsular War* entre os anos de 1823 e 1832.

ambas as publicações de Dias, o conceito de *reviver* é posto claramente pela autora como peça chave no entendimento da proposta historiográfica de Southey. O sentimento de reviver o passado, dessa forma, seria o efeito principal que as longas descrições feitas na *History of Brazil* objetivavam produzir em seu leitor.

Ao longo das análises de Dias, principalmente na dissertação publicada nos *Anais do Museu Paulista*, existem diversas citações de Southey, traduzidas livremente pela autora, que são postas como comprovação de sua hipótese. Contudo, quando as passagens em inglês foram verificadas, algumas divergências substanciais entre a tradução feita e o que está escrito nos originais são bastante visíveis. Como já dito, explorar todas as passagens de forma exaustiva acarretaria um trabalho monográfico que visasse apenas a comparação dos trechos, dada a complexidade e variedade das adaptações feitas. São inúmeros os casos em que citações são trazidas fora de seu contexto, adaptadas sem nenhuma indicação ou mesmo informações erradas são apresentadas, ao ponto de Dias afirmar que Southey mencionava David Hume enquanto, na verdade, Southey referia-se ao historiador Robert Henry (DIAS, 1974: 78-79; Cf. SOUTHEY, 1828a: 194).<sup>212</sup> Com isso, optei por realizar a escolha de algumas passagens exemplificadoras dessa questão.

Quando Dias descreveu as propostas de Southey e Walter Scott para a história, afirmou que ambos entendiam que “escrever a história subentendia ainda certa atividade afetiva, e de simpatia com os homens do passado,— atividade subjetiva a que deveria corresponder um estilo peculiar de narrativa”. Como comprovação de sua proposição, cita a tradução das palavras de Southey em uma carta a John May:

não se tratava apenas de preencher uma cronologia, mas de reviver, de reencarnar os modos e os temperamentos dos homens (CURLY, 1967: 13).<sup>213</sup>

Contudo, Southey escreveu a May as seguintes palavras:

mas eles [os dramaturgos e romancistas] prestam atenção apenas à cronologia e deixam de lado os costumes e o pensamento do período (SOUTHEY, 1855: 107).<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> Sobre a polêmica entre Gilbert Stuart e Robert Henry, ver THE POPULAR, 1841: 421. Diferentemente do que consta em VARELLA, 2014: 595, quando afirmei que a menção era a obra de Henry Hallam.

<sup>213</sup> Apesar de não constituir uma citação de mais de três linhas, julguei necessário destacar esse trecho pelo seu valor analítico.

<sup>214</sup> A carta, na verdade, é de 14 de dezembro de 1798 e não 15 de dezembro, como indica Dias. No original: “but they [dramatist and novelists] only pay attention to the chronology, and not to the manners or mind of the period”.



Quando existe a possibilidade de cotejar os dois trechos, é possível ver claramente a discrepância entre o que foi originalmente escrito em inglês e a tradução. Não se pode fazer esse movimento dentro do texto de Dias tendo em vista que são raros os casos em que apresenta ao seu leitor o texto original. Além disso, as cartas e demais fontes citadas pela autora, até pouco tempo, ou encontravam-se exclusivamente nos arquivos ingleses ou eram edições raras do século XIX. Mesmo tendo em consideração que o trecho apresentado acima se trata de uma tradução livre para a língua portuguesa, a diferença de significado das duas frases é patente. Não existe dúvida de que ambas as citações referem-se à mesma carta, mas a adaptação realizada foi tão grande que só é possível distinguir que se trata da carta citada por Dias pela data e destinatário da mesma, assim como pela permanência de algumas palavras na tradução, que constavam no original. Como se pode ver através da comparação dos dois trechos, ao reescrever a carta de Southey, Dias inseriu as palavras “reviver” e “reencarnar”, que condizem com a sua hipótese argumentativa, dentro do horizonte discursivo de Southey a fim de criar o efeito de verdade para sua proposição.

Dias indica também quais seriam os requisitos essenciais para o verdadeiro historiador na perspectiva de Southey: “o dom de reproduzir com fidelidade os costumes de outros tempos; um estilo apto a transmitir a atmosfera, o espírito de outra época e a capacidade de ressuscitar uma realidade extinta e, pois, de impressionar e prender os leitores”. Dessa forma, “para que [a narrativa] fosse completa, algo deveria ser acrescentado à objetividade e ao rigor crítico de uma obra histórica, pois os fatos deviam despertar os sentimentos do leitor a fim de ficarem gravados em sua memória” (CURLY, 1967: 15). Logo no final dessa frase insere uma nota de rodapé em que cita as palavras de Southey como balizadoras de sua análise: “‘...to be understood, and felt and remembered...’ (Carta de Southey a Mr. Ebenezer”.<sup>215</sup> Ao que tudo indica, a citação do original em inglês de Southey, avalizaria a proposta da autora em relação ao reviver histórico, contudo, quando se analisa um fragmento maior da carta tal proposição parece não se sustentar. Na carta citada, Southey se referia ao estilo do poema *Madoc* e argumentava que:

---

<sup>215</sup> Tradução nossa: “...para ser entendido, sentido e lembrado...”

minha norma de escrita, seja para prosa ou verso, é a mesma, e pode ser brevemente especificada. Isto é, primeiro, me expressar com a maior perspicuidade possível, segundo, ser o mais conciso possível e, terceiro, o mais impressionante possível. Essa é a forma para ser entendido, sentido e lembrado (SOUTHEY, 1855: 267).<sup>216</sup>

Em momento algum Southey toca no assunto do “despertar os sentimentos do leitor” ou em “ressuscitar uma realidade extinta”, pois provavelmente seus pensamentos estavam mais preocupados com o impacto retórico que poderia causar nos seus leitores do que com a proposta historiográfica dita romântica de reviver o passado.<sup>217</sup> A descontextualização das palavras de Southey é um artifício utilizado com frequência nos dois textos de Dias no intuito de adaptar as proposições de Southey às suas hipóteses de pesquisa.

Dando continuidade ao seu argumento de que Southey seria o precursor de uma nova historiografia, essencialmente romântica e profundamente preocupada com o reviver histórico, Dias apresenta a tradução livre de mais uma carta de Southey: “uma coisa sobretudo hei de tentar escrevendo história, entrelaçar tanto quanto possível na narrativa, os estudos e os modos da época, de sorte a aproximar-me nesse ponto, mais dos velhos cronistas do que dos modernos historiadores”.<sup>218</sup> A citação das palavras traduzidas de Southey é o que permite à autora afirmar que: “tinham [Southey e Scott] a intenção de reviver os hábitos, os sentimentos e a mentalidade dos velhos tempos sem relegá-los, como Hume, para apêndices e notas”.<sup>219</sup> Pesquisando a carta na íntegra, pude verificar o argumento de Southey mais claramente:

Uma coisa, particularmente, eu devo tentar realizar ao escrever história – tecer as maneiras dos tempos, tanto quanto for possível ser feito, dentro da narrativa, ao invés de encher o livro com capítulos de anexo e, neste ponto, parecer mais com os velhos cronistas que com os historiadores modernos (ROBBERDS, 1843: 342).<sup>220</sup>

---

<sup>216</sup> No original: “my rule of writing, whether for prose or verse, is the same, and may very shortly be stated. It is, to express myself 1<sup>st</sup>, as perspicuously as possible; 2<sup>nd</sup>, as concisely as possible; 3<sup>rd</sup>, as impressively as possible. This is the way to be understood, and felt, and remembered”.

<sup>217</sup> Para uma explicação dos usos da retórica e de seu papel na historiografia romana, principalmente na taciteana, ver VARELLA, 2008.

<sup>218</sup> As três citações que seguem da obra de Dias se referem à CURLY, 1967: 13-14. Essa primeira passagem também é citada em DIAS, 1974: 73. Contudo, o trecho traduzido por “entrelaçar tanto quanto possível na narrativa, os estudos e os modos da época” é modificado para “entrelaçar tanto quanto possível na narrativa os estilos e os maneirismos da época”. Dias não apresenta o original em inglês.

<sup>219</sup> Ao fim desse trecho, Dias cita em nota de rodapé a seguinte parte da carta que havia traduzido anteriormente: “to weave the manners of times, as far as possibly can be done, into the narrative, instead of crowding the volume with appendix chapters”.

<sup>220</sup> No original: “One thing I shall especially attempt in writing history – to weave the manners of times, as far as possibly can be done, into the narrative, instead of crowding the volume with appendix chapters; rather, in this point to resemble the old chroniclers than the modern historians”.

Existe uma diferença sutil, mas importante, dos trechos traduzidos por Dias e a carta em si. Southey parece apenas elucidar que não pretendia incluir apêndices em sua obra e, para não ter que recorrer a essa estratégia, tentaria entrelaçar ao máximo as maneiras na narrativa o que, de fato, deixou a *History of Brazil* bastante longa e repleta de muitos detalhes. Novamente não existe a incorporação do conceito, que parece mais uma categoria apropriada por Dias da literatura sobre o Romantismo, de reviver ao vocabulário utilizado por Southey. A possibilidade de a erudição gerar um tipo de presentificação do passado já foi anteriormente ressaltada (ARAÚJO, 2006a: 324).<sup>221</sup> Apesar disso, é importante frisar que não existe uma equação perfeita entre descrição e reviver o passado, tendo em vista que nem toda descrição tem esse caráter epifânico e, fundamentalmente, não visa este fim. As descrições produzidas por Southey devem ser entendidas no contexto mais amplo das disputas sobre as formas de escrita da história e do papel da erudição e do antiquariato na historiografia.

Em momento algum conseguimos delimitar uma passagem na qual Southey afirme que sua historiografia estaria preocupada com o reviver histórico. Pelo contrário, todos os indícios que tenho são de que sua fixação pelas descrições detalhadas não se refere ao desejo de reviver o passado, mas é manifestação de um erudito que acreditava que a tarefa do historiador era *reunir* a documentação existente sobre o assunto.<sup>222</sup> Quando Southey escrevia o terceiro volume da *History of Brazil* se deparou com a falta de informações sobre alguns anos que sua obra abordava e pensou “ali, então, eu certamente deveria exibir uma descrição dos costumes etc..., e a minha principal dificuldade será manter o livro dentro de seus limites, pois, por amar o máximo de informação, a prolixidade de assuntos (não de costumes) é o pecado que mais comumente me acomete” (LEÃO, 1943: 54).<sup>223</sup> Sua narrativa tendia, devido às suas inclinações eruditas e sua concepção de história, a longas descrições e amplo conjunto de informações.

O interesse britânico pelo mundo social e a crescente curiosidade em relação a aspectos anteriormente subjugados pela centralidade que a narrativa política tinha no discurso histórico parecem ter ajudado na revalorização da erudição como componente

---

<sup>221</sup> Uma argumentação também nesse sentido, mas de forma bastante distinta, pode ser encontrada em BANN, 1994: 129-152.

<sup>222</sup> A monumentalidade da biblioteca de Southey, com 14.000 títulos quando veio a falecer, é mais um aspecto revelador de seu interesse erudito. Cf. HUMPHREYS, 1978: 9.

<sup>223</sup> Carta a Henry Koster, sem data. No original: “so there of course I must bring in the picture of manners etc..., and the main difficulty will be to keep within the limits of the volume, for loving the fullest information myself, prolixity of matters (not of manners) is the sin which most easily besets me”.

da história. O fascínio pelos costumes e hábitos em geral, assim como pelos detalhes intrigantes adquiriram um tom de investigação filosófica entre os eruditos (MOMIGLIANO, 2004a: 96). Por outro lado, os eruditos e antiquários nutriam certa predileção pelo mistério que envolvia a Antiguidade, em parte devido às lacunares informações que existiam sobre esse período e pelo desejo de reunir fragmentos que um dia poderiam montar uma totalidade. Para que isso fosse possível era fundamental a tarefa da descrição exhaustiva (MOMIGLIANO, 2004a: 90). Ao erudito, a história dos selvagens brasileiros certamente pareceria tão obscura e cheia de mistérios quanto a remota história europeia, apresentando-se como um desafio irrecusável.<sup>224</sup>

A defesa da unidade do chamado período Romântico foi corrente após a década de 1920 e fortemente balizada pelas histórias literárias comparativas que reforçavam a existência de ideais-chaves que teriam se perpetuado por um longo período em diversos contextos nacionais (HOGLE, 2010: 6). Nesse processo camaleônico de identificação e construção das ideias centrais do Romantismo e do seu cânone, muitas interpretações foram feitas e propostas. O debate sobre o Romantismo certamente continuará dentro da história literária, mas gostaria de chamar a atenção para outro elemento que parece elucidar alguns aspectos da historiografia southeyana, ou seja, as resenhas – algumas vezes críticas, outras elogiosas – da *History of Brazil*. Essas resenhas não corroboram de forma alguma a proposição de Dias de que “a *História do Brasil* de Southey foi em sua época uma obra pioneira da nova narrativa e da visão imaginativa da história”, que estava “na vanguarda da historiografia romântica” (CURLY, 1967: 52, 102).

#### **“O ESTILO DA ANTIGUIDADE”: OS BRITÂNICOS OITOCENTISTAS E SUAS LEITURAS DA *HISTORY OF BRAZIL***

A erudição caminha, diversas vezes, ao lado do antiquariato e um aspecto marcante da *History of Brazil* é, sem dúvida, a erudição que Southey possuía em relação aos assuntos abordados. Não é apenas nessa obra que podemos vislumbrar o prazer de Southey na escavação antiquária e no recolhimento de informações anedóticas. Esse gosto também está presente nas inúmeras notas explicativas de seus poemas épicos *Joan*

---

<sup>224</sup> Vale a pena salientar que a Sociedade dos Antiquários do Norte mostrou interesse desde o início da criação do IHGB em manter correspondência com esse Instituto visando realizar um trabalho comparativo entre as diversas partes das Américas, que tinham uma história que não se enquadrava dentro da tradição europeia, e o velho continente. Cf. GUIMARÃES, 2000: 128.

of Arc (1796), *Thalaba: the Destroyer* (1801), *Madoc* (1805), *The Curse of Kehama* (1810) e *Roderick, the Last of the Goths* (1814). Em algumas de suas cartas, é possível perceber como assuntos possivelmente banais, como a descoberta de uma caverna cheia de esqueletos, o imbuía de um espírito antiquário,<sup>225</sup> chegando mesmo a escrever para a revista *Monthly Magazine* na busca de informações sobre o período em que os tipos de sepulturas encontradas nessa caverna eram comuns.<sup>226</sup> O interesse pelas antiguidades regionais contribuiu para a descoberta da história recente pelos antiquários em suas buscas pela fundação das identidades regionais (SWEET, 2004: XX-XXI.). A *History of Brazil*, por tratar de uma região geográfica muito peculiar e pouco explorada pela literatura, oferecia aos leitores e ao historiador elementos de grande curiosidade. Também não faltaram descrições extremamente detalhadas dentro dessa obra, aspectos centrais de diversas críticas.

Arnaldo Momigliano em seu artigo “A tradição herodoteana e tucidideana” apontou duas tradições historiográficas opostas nascidas na Grécia e fundadoras de um cisma dentro da historiografia que perdurou até a época moderna (MOMIGLIANO, 2004b). A hipótese de Momigliano é que grande parte da historiografia Ocidental se organizou a partir da ruptura instaurada na Antiguidade Clássica entre uma historiografia baseada no modelo de Heródoto e outra no de Tucídides. Existiria, dessa forma, uma ampla continuidade de questionamentos impostos pela historiografia desde a sua “fundação”. A tradição advinda de Heródoto seria marcadamente composta pelo antiquariato e pela erudição, onde relatos de diversos tipos eram inseridos sem nenhuma restrição baseada no decoro do que deveria ou não ser escrito. Essa narrativa repleta de curiosidade e ausência de foco tinha a experiência em viagens como fonte principal. Quase que em simétrica oposição, a historiografia tucidideana foi construída, onde as ações políticas e militares prevaleceriam no relato e o interesse difuso estaria excluído, formando, assim, uma dignidade para a história fundamentada na narração desses seletos eventos. A historiografia, para Momigliano, era um campo autônomo que, desde o princípio, desenvolveu-se com questões próprias, valorizando sempre o método crítico como legitimador da verdade (MOMIGLIANO, 2004b: 67).

---

<sup>225</sup> Lynda Pratt também chegou a mesma conclusão do caráter antiquário, “popular antiquarianism”, da carta que Southey enviou ao *Monthly* pedindo informações sobre a catacumba, ver PRATT, 2010: 203.

<sup>226</sup> Carta ao editor da *Monthly Magazine*, 28 de janeiro de 1797.

Cf. [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_One/HTML/letterEEed.26.196.html](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_One/HTML/letterEEed.26.196.html). Acesso em 19 fev. 2015.

Essa dicotomia fundadora das linhas gerais da historiografia é relativizada por Mark Salber Phillips ao analisar a questão da multiplicidade de gêneros que rondavam a narrativa política ao longo do século XVIII. Além do antiquariato, a história conjectural, religiosa, dos costumes, da ciência, da literatura, a biografia, a memória e o romance certamente ofereciam alternativas de assunto à história que não fosse política (PHILLIPS, 1996: 299). O antiquariato é, assim, encarado por Phillips como um dos gêneros que se entrelaçaram à história no século XVIII e não como uma tradição reincorporada a história, como propunha Momigliano. O fundamental, contudo, é que ambos os autores concordam que o antiquariato não só estava à disposição da história como existiu uma efetiva incorporação de suas práticas e temas a essa.

A palavra “antiquário” ganhou um tom pejorativo antes de século XVII como forma de designar uma pessoa obcecada pelo passado e seus detalhes, que, ao não conseguir distanciar-se dele, era igualmente incapaz de julgá-lo e criticá-lo (SWEET, 2004: XIII). Essa imagem excêntrica do antiquário teve sua cristalização no romance *The Antiquary* (1816) de Walter Scott. Nesse romance o personagem Jonathan Oldbuck, colecionador de “reliquias” do passado, entulha sua casa com grande número de livros, manuscritos e objetos dos mais variados tipos. A materialidade do passado é vista como um fetiche que se estende ao próprio local onde os acontecimentos tiveram sua história associada (HENRIQUES, 2001: 3). A caricatura de Scott não era isenta de fundamentação, pois “os antiquários assumiram amplamente serem obcecados por minúcias, pela recuperação de fatos particulares e eventos insignificantes; detalhes que não poderiam ter qualquer influência sobre a grande narrativa e, na verdade, serviram para afastar-se dela” (SWEET: 2004: 4).<sup>227</sup> O antiquário William Borlase, em seu livro *Antiquities Historical and Monumental of the County of Cornwall* (1769), propunha que:

A verdadeira atividade de um Antiquário é *reunir* o que está disperso, desdobrar completamente o que já está descoberto, examinar os pontos controversos, resolver o que é duvidoso e, pela autoridade dos Monumentos e Histórias, lançar luz sobre os costumes, as Artes, a Língua, Política e Religião das épocas passadas (*apud* SWEET, 2004: XIV, grifo meu).<sup>228</sup>

---

<sup>227</sup> No original: “Antiquaries were widely assumed to be obsessed with minutiae, with the recovery of particular facts and insignificant events; details which could have no bearing upon the grand narrative and indeed served to detract from it”.

<sup>228</sup> No original: “The proper business of an Antiquary is to *collect* what is dispersed, more fully to unfold what is already discovered, to examine controverted points, to settle what is doubtful, and by the authority

Southey, assim como Borlase, orgulhava-se do seu trabalho de reunir (*collect*) – e não de analisar – os materiais do passado para a escrita da *History of Brazil*: “minha História do Brasil, no entanto, continua no prelo; e *você ficaria surpreso caso visse os materiais que eu reuni para compô-la*” (SOUTHEY, 1850b: 111, grifos meus).<sup>229</sup> A distinção entre o que seria do domínio do historiador e do antiquário é uma separação por vezes bastante tênue, sendo talvez possível afirmar que enquanto o historiador escreve em ordem cronológica, o antiquário escreve em ordem sistemática e enquanto o historiador produz fatos que servem para ilustrar ou explicar certa situação, o antiquário reuni tudo que está conectado a certo assunto, quer ajudem ou não a resolver um problema (MOMIGLIANO, 1950: 286). A diferença firmar-se-ia em dois pilares: a sequência narrativa e o objetivo do aparato documental, sendo o último menos passível de relativização do que o primeiro.

A princípio, é possível que o leitor da *History of Brazil* seja ludibriado pela suposta linearidade seguida na obra, contudo, essa impressão logo se desfaz ao longo da leitura ao perceber-se uma narrativa não exatamente linear, mas organizada em vários blocos, divididos em capítulos, contados separadamente. Como é extremamente comum, Southey volta no tempo para explicar outra parte da história, assim existem capítulos onde encontram-se tanto a história das missões jesuíticas no Paraguai, quanto o estado do Maranhão. A organização dos capítulos segue, de forma geral, uma ordem cronológica, mas a abertura de um novo capítulo pode significar o início de uma nova temática e uma regressão no tempo.

No século XVI, a delimitação dessas duas áreas de estudo era bastante clara. A história versava exclusivamente sobre os eventos da Antiguidade Clássica, era escrita em uma forma narrativa linear e tratava de questões relativas à filosofia e à ética. Os assuntos subsequentes à queda do Império Romano eram explorados pela crônica, tida como uma forma inferior de literatura por não possuir a profundidade intelectual característica da história. Enquanto o cronista narrava a história oficial moderna, a descoberta dos múltiplos vestígios deixados pelo período pós-romano das localidades regionais era objeto de investigação do antiquário. Essa distinção, contudo, tornou-se

---

of Monuments and Histories, to throw light upon the manners, Arts, Language, Policy and Religion of the past Ages”.

<sup>229</sup> Carta a Charles Wynn, Keswick, 20 de maio de 1815. No original: “My History of Brazil, however, gets on in the press; and *you would be surprised were you to see the materials which I have collected for it*”.

bastante complexa no século XVIII, extrapolando a dicotomia construída de que a narrativa estava para a história, assim como a descrição para o antiquariato, existindo desde o século XVII antiquários reivindicando que produziam uma narrativa histórica e não uma coleção de fatos aleatória (SWEET, 2004: 1).

O gosto e o reconhecimento da importância dos escritos antiquários pareciam estar razoavelmente consolidados na Inglaterra do século XVIII. Muito do sucesso de periódicos como o *Gentleman's Magazine* (1731-1907)<sup>230</sup> pode ser atribuído diretamente ao antiquariato marcante em suas páginas e pela habilidade em convencer seus leitores que as ruínas, as tradições e os documentos locais poderiam validar, rever ou mesmo colocar em xeque noções sobre a origem e identidade britânicas (GAMER, 2006: 176). Em 1823, William Hazlitt, no *Edinburgh Review*, descreveu sarcasticamente o *Gentleman's* como um repositório agradável de “antiguidades inúteis” (*useless antiquity*) e “restos duradouros” (*lingering remains*), que abordava com bastante entusiasmo “o antigo estilo gótico” (*the antient Gothick Stile*) de “nossos ancestrais saxões” (*our Saxon Ancestors*) (apud DUGGETT, 2010: 35). Os leitores eruditos do *Gentleman* estavam principalmente interessados na ampla gama de questões denominadas “antiguidades populares”, uma espécie de história cultural que abarcava baladas, costumes, superstições e palavras oriundas de dialetos (BUTLER, 2010: 131). O antiquariato popular, em linhas gerais, era o estudo da cultura nacional britânica, que incluía o estudo do inglês, galês, gaélico e irlandês como línguas vernáculas, de suas tradições orais e escritas, e também as crenças, costumes e festividades regionais. O antiquariato popular existia como uma prática erudita britânica, ao menos, desde o século XVI. A utilização do adjetivo popular ajuda a distinguir o tipo de material utilizado pelo antiquariato popular do de outro tipo, focado no estudo do clássico, religioso e oriental (BUTLER, 2009: 35). Esse interesse pelas antiguidades populares estendeu-se e ganhou frutos com o lançamento do *Blackwood's Edinburgh Magazine*, fundado em abril de 1817, que contava com seção dedicada apenas às antiguidades, chamada “Antiquarian Repertory”, povoada pelos mais diversos materiais escoceses (BUTLER, 2010: 148).

Southey reconhecia a importância da história local entendida como um interesse pela história, tradições e costumes locais, que mesmo pertencendo a uma localidade pequena podem tornar-se interessantes e serem resgatados, com legitimidade, do

---

<sup>230</sup> Southey tinha muitas edições do *Gentleman*, de 1732 a 1830, SOUTHEY, 2011: 56.



esquecimento (PRATT, 2010: 208). O interesse antiquário de conhecer as origens dos territórios e a importância que os vestígios de um passado bastante longínquo tinham como indício do movimento global de surgimento e declínio das civilizações contribuíram para que Southey escrevesse a subseção intitulada “Antiguidades pernambucanas” na *History of Brazil*. Destacava que, em uma das expedições dos neerlandeses à procura de minas preciosas, Elias Herckmann descobriu

*Vestígios de algum povo esquecido, que teria sido senhor do país antes da raça atual de selvagens, mas de quem nem a mais vaga tradição se conserva. Achou duas grandes pedras, perfeitamente redondas, conhecidamente arredondadas por mão de homem, e por mão de homem também postas uma sobre a outra, ficando a maior por cima; mediam dezesseis pés de diâmetro, sendo tal a altura, que do chão não podia um homem chegar ao meio. No dia seguinte topou com outras pedras de tal magnitude, que à força humana parecia impossível havê-las movido; erguidas estavam à guisa de altares, comparando-as Herckmann com certos monumentos de Drent na Bélgica. Na mesma região do país descreve Koster uma pedra de balanço. Aqui pois se encontram no Brasil antiguidades da mesma natureza das da Bretanha e do norte da Europa, referindo o mesmo viajante existirem no leito do rio Paraíba pedras escritas. Rochedos esculpidos com figuras de animais, do sol, da lua e das estrelas, sinais hieroglíficos, e se a um Franciscano pouco curioso podemos dar crédito, com caracteres também, têm-se encontrado recentemente na Guiana, a parte mais selvagem da América do Sul, e até agora a menos explorada. São interessantíssimos estes fatos, posto que confundam a curiosidade que excitam, e suscitem pensamentos humilhantes e melancólicos* (SOUTHEY, 1862d: 416-418, grifos meus).<sup>231</sup>

O antiquariato alimentava um desejo vago e, por vezes, melancólico do passado como um santuário nostálgico de estabilidade e segurança (SWEET, 2004: 78-79). Com os antiquários, estabeleceu-se uma relação empática com o passado histórico fundamentada no prazer especial da historicidade do tempo, em que a obscuridade do assunto, muitas vezes, impunha um desafio intelectual prenhe de deleite (SWEET, 2004: 32-33). Assim como Stonehenge, o amontoado rochoso descoberto em

---

<sup>231</sup> No original: “*vestiges of some forgotten people who possessed the country before the present race of savages, and of whom not even the most vague tradition had been preserved. He found two huge perfectly round stones, manifestly rounded by art, and placed by art one upon another, the largest being uppermost; they were sixteen feet in diameter, and the thickness such that a man standing on the ground could scarcely reach to the middle: and on the following day he came to some other stones, of such magnitude that it seemed impossible for any human strength to have moved them; they were piled up like altars, and Herckmann compares them to some monuments at Drent in Belgium. In the same part of the country Mr. Koster describes a rocking stone. Here then in Brazil are found antiquities of the same kind as those in Britain and in the North of Europe; and it appears from the same traveller that written rocks exist in the bed of the river Paraíba. Rocks sculptured with the representations of animals, of the sun, moon, and stars, with hieroglyphical signs, and if an incurious Franciscan may be trusted, with characters also, have been recently found in Guyana, the most savage part of South America, and hitherto the least explored. These facts are highly interesting, though they baffle the curiosity which they excite, and lead to humiliating and melancholy thoughts*” (SOUTHEY, 1817a: 652, grifos meus).

Pernambuco chamava a atenção ao não ser possível chegar a um consenso sobre suas origens, onde a especulação era alimentada pela ausência de formas precisas de datação, como o Carbono 14, restava a comparação histórica como forma de delimitação do estágio da sociedade em que esses monumentos foram erguidos. Southey estava convicto, “não poder isto ser obra de povo algum existente é fora de dúvida, pois que não era costume de nenhuma tribo conhecida erigir tais monumentos, e Herckmann tinha na sua companhia alguns petignares, filhos exatamente desta parte do país” (SOUTHEY, 1862d: 417).<sup>232</sup> Era nítido, para Southey, que essas rochas vistas em Pernambuco eram vestígios de uma civilização mais avançada, que não existia mais no Brasil, não obstante o pouco interesse que parecem ter despertado em outros historiadores. Monumentos desse tipo poderiam mudar a narrativa da história brasileira, que ao invés de ser iniciada com povos selvagens teria começado, na verdade, com civilizações avançadas. O que restou seria apenas a degeneração selvagem da civilização, como demonstrava o relato de um dos tupinambás:

Atentamente ouvida uma exposição do sistema cristão, disse um velho tupinambá aos franceses, que as mesmas doutrinas ali tinham sido pregadas, tantas luas havia que o número se não podia recordar, por um estrangeiro vestido como eles, e também bárbaro. Suas palavras não tinham sido escutadas, e após ele veio logo outro, que entregou uma espada como sinal de maldição. A memória disto, ajuntou o narrador, passou de pais a filhos. *O que há aqui mais singular é a referência a tempos anteriores à época da espada; onde quer que se descobre alguma tradição de uma idade de ouro, implica ela conjuntamente um reconhecimento e uma prova de degradação da raça* (SOUTHEY, 1862a: 324, grifos meus).<sup>233</sup>

Por outro lado, como um bom antiquário, Southey colocava como problema central a preservação da memória do passado e a sua garantia de continuidade no futuro (SWEET, 2004: 277). E acrescentava que a existência “de tais monumentos numa parte da América, onde nenhum vestígio da antiguidade se supunha existir, é fato de tal gravidade, que não será fora de propósito transcrever a passagem original [de Barlaeus].

---

<sup>232</sup> No original: “That this was not the work of any existing people is certain, because it was not the custom of any known tribes to erect such monuments; and Herckmann had in his company some Petiguaires, natives of this very part of the country” (SOUTHEY, 1817a: 653).

<sup>233</sup> No original: “An old Tupinamba, after listening attentively to an exposition of the Christian system, told the French the same things had been preached there so many moons ago that the number could not be remembered, by a stranger appavelled as they were, and having a beard. Their fathers gave no heed to his words, and there came another soon after him who delivered them a sword as a symbol of malediction. The memory of this, he said, had been handed down from father to son. *What is most worthy of notice here, is the reference to times before the age of the sword; wherever a tradition of a golden age is to be traced, it is at once an acknowledgement and proof of degradation in the race*” (SOUTHEY, 1810: 229, grifos meus).

*Itaque devitatis muntium acclivibus [...]*” (SOUTHEY, 1862d: 417).<sup>234</sup> A habilidade em juntar e classificar evidências e a preferência por documentos originais foram algumas das principais contribuições antiquárias para a reformulação dos parâmetros da verdade dentro da história (MOMIGLIANO, 1950: 313) e ambas foram largamente praticadas por Southey na *History of Brazil*.

O trabalho que os antiquários buscavam desempenhar era importante não apenas para a crítica dos vestígios do passado, mas também para trazer à tona os elementos de um passado nacional completamente esquecido. O antiquariato esteve diretamente ligado à construção e à descoberta das imagens nacionais por causa da busca empreendida pelo passado das nações particulares (SWEET, 2004: XXI). Em um primeiro momento apoderaram-se de uma vasta gama de bens culturais, como inscrições e esculturas, que dificilmente poderiam ser organizados de forma satisfatória em gêneros reconhecidos, tal como a história. Igualmente existiam informações que não compunham qualquer campo de investigação disponível e, por isso, incatalogável enquanto conhecimento específico. Esse tipo de conhecimento, ainda não delimitado era, muitas vezes, chamado de “curioso” (POCOCK, 2001: 14). Para que pudesse ser de alguma utilidade futura, pensava Southey, esse conhecimento curioso necessitava ser primeiramente catalogado. A forma como os animais reagem as cores, em sua opinião, era “curiosíssimo e merece mais investigação”. Alertava que “nós sabemos muito pouco sobre a maneira pela qual os animais são afetados por cores, e esse pouco é apenas conhecido popularmente”. Portanto, “quando mais observações desse tipo forem feitas e classificadas, [mais fácil] elas poderão levar a alguma consequência de utilidade prática” (SOUTHEY, 1815: 185).<sup>235</sup>

Esse entendimento do curioso como algo que merece ser catalogado também mostrou-se no relato de Southey sobre a cidade de Córdoba, onde “um fato curioso na história natural” havia acontecido. O rio Pucara tinha grande variedade de peixes, porém, uma tempestade de granizo destruiu todas as espécies, exceto uma. Esse fenômeno parecia ter se repetido

---

<sup>234</sup> No original: “of such monuments in a part of America where no vestige of antiquity had been supposed to exist, is a fact of such importance that it is proper to give the original passage [from Barlaeus], *Itaque devitatis muntium acclivibus [...]*” (SOUTHEY, 1817a: 652).

<sup>235</sup> No original: “highly curious and deserves farther investigation” [...] “We know but little of the manner in which animals are affected by colours, and that little is only known popularly” [...] “When more observations of this kind have been made and classified, they may lead to some consequences of practical utility”.

enquanto o major Gillespie estava naquele país. Em meados de março, houve uma tempestade terrível, acompanhada de pedras de granizo de tamanho incomum; e na manhã seguinte as margens do rio, de ambos os lados, estavam cheias de peixes, alguns muito acima, e outros ao nível da água, a destruição foi tão completa, que a pesca, na qual ele e seus companheiros de prisão até então tinham encontrado excelente lazer, a partir desse dia terminou. Os peixes não poderiam ter sido lançados em terra firme por qualquer tempestade, por mais que violenta, a menos que eles fossem trazidos para a superfície da água por motivo de doença ou morte. Pelas pedras de granizo, de qualquer magnitude, eles não poderiam ter sido feridos,— contra elas, de fato, a água era uma proteção tão eficaz como em relação à chuva. Se o efeito fosse elétrico, casos como esse seriam certamente mais comuns; mas não vimos nenhum terceiro exemplo em nossa leitura. É possível que a convulsão na atmosfera tenha estado conectada com qualquer descarga subterrânea? Barão Humboldt traria para consideração de tal fato, uma extensão do conhecimento pouco menos surpreendente que o intelecto digressivo e intuitivo que torna o conjunto de seus saberes válidos. *Aquele que é ignorante da ciência física, pode ainda ser útil à ciência relatando fatos para a consideração daqueles que são capazes de raciocinar sobre eles* (SOUTHEY, 1822: 283-284, grifos meus).<sup>236</sup>

Essa relação com um passado aberto, não catalogado e repleto de fatos curiosos, é descrita por Southey durante a redação do primeiro volume da *History of Brazil*.<sup>237</sup>

No processo [de escrita] da minha História alguns *fatos curiosos* sobre o início da navegação foram trazidos à tona. Eu encontrei a bússola e o quadrante sendo usados nos mares da Índia antes que qualquer navio europeu tenha chegado a eles, e, o que me surpreende mais, [tinham] o mesmo conhecimento de como medir a profundidade da água que temos em nossos próprios mares em 1400, assim como atualmente, o que é muito estranho, pois essa prática implica uma longa série de experiências registradas. *Quanto mais eu lia, mais eu encontrava a necessidade de ir a autores antigos para obter informações*, e a triste ignorância e a desonestidade de nossos vangloriosos historiadores. Se Deus quiser, e apenas me der vitalidade, saúde e vista, *mostrarei como a história deveria ser escrita e mostrarei um tipo de honestidade infatigável como o mundo jamais viu até agora. Eu poderia fazer algumas tríades históricas, à maneira dos meus velhos amigos galeses, e a primeira talvez funcionasse assim: Os três requisitos para um historiador – indústria, julgamento, gênio; a*

---

<sup>236</sup> No original: “curious fact in natural history” [...] “while Major Gillespie was in that country. In the middle of March there was a dreadful thunderstorm, accompanied with hail-stones of unusual size; and on the following morning the banks of the river, on both sides, were strewn with fish, some far above, and others level with the water, the destruction being so entire, that the fishing, in which he and his fellow-prisoners till then had found excellent sport, was from that day at an end. Fish could not be cast ashore by any storm, however violent, unless they were brought to the surface of the water by sickness or death. By hail-stones alone, of any magnitude, they could not have been injured,—against them, indeed, the water was as effectual a protection as against rain. If the effect were electrical, instances would surely be more common; but no third example has occurred in our reading. Is it possible that the convulsion in the atmosphere may have been connected with any subterraneous discharge? Baron Humboldt would bring to the consideration of such a fact, an extent of knowledge scarcely less surprizing than the excursive and intuitive intellect which renders the whole of his acquirements available. *One who is ignorant of physical science, may yet be serviceable to science in thus relating facts for the consideration of those who are able to reason upon them*”.

<sup>237</sup> Contudo, não é possível precisar a qual história Southey estava se referindo, o mais provável é que fosse a História do Império Português.

*paciência para investigar, o discernimento para selecionar, o poder de inferir e animar* (SOUTHEY, 1850a: 242, grifos meus).<sup>238</sup>

No decorrer de suas pesquisas, causava-lhe estranhamento a descoberta da utilização de alguns equipamentos de navegação na Índia antes mesmo do contato com o povo europeu. Entretanto, talvez lhe causasse mais estranhamento perceber que os “orgulhosos historiadores” não passavam de pessoas ignorantes e desonestas, que não mencionavam essas curiosidades que lhe pareceriam essenciais. Esse trabalho minucioso de busca e coleta de documentos aparece constantemente como um aspecto que conferia grande valor às suas obras. A abrangência dos materiais reunidos para escrita de suas histórias, de fato, parecem ter conferido grade orgulho a Southey:

Assim que este trabalho [História da Guerra Peninsular] estiver fora das minhas mãos eu serei capaz de imprimir a História de Portugal sem impedir o trabalho mais rentável. *É sobre isso que desejo que minha reputação descansa*. Como poeta, eu sei onde eu fiquei aquém; e eu consultei apenas os meus próprios sentimentos, é provável que eu não escreva poesia nunca mais, – não por estar satisfeito com o que tenho feito, mas por saber que eu não posso esperar fazer algo melhor. Talvez eu tenha dado todo o meu coração e mente a isso, como eles eram na juventude, mas eles já não estão mais à minha disposição. *Como historiador eu chegarei mais perto da minha marca. Por causa da pesquisa completa, de fato, e da variedade de materiais, eu acredito que a História de Portugal nunca será ultrapassada* (SOUTHEY, 1850b: 111, grifos meus).<sup>239</sup>

A questão principal de Southey, e que lhe renderia uma biblioteca com quase 700 títulos apenas sobre a história ibérica, era certamente a reunião e sistematização do material já produzido em uma única unidade denominada história. Seu trabalho era, em

---

<sup>238</sup> Carta a Thomas Southey, 17 de dezembro de 1803. No original: “In the process of my History some curious facts respecting early navigation have come to light. I find the needle and the quadrant used in the Indian seas before any European vessel had ever reached them; and, what surprises me more, the same knowledge of soundings in our own seas in 1400 as at present, which is very strange, for that practice implies a long series of registered experiences. *The more I read, the more do I find the necessity going to old authors for information, and the sad ignorance and dishonesty of our boasted historians. If God do but give me life, and health, and eyesight, I will show how history should be written and exhibit such a specimen of indefatigable honesty as the world has never yet seen. I could make some historical triads, after the manner of my old Welsh friends, which the first might run thus: The three requisites for an historian – industry, judgment, genius; the patience to investigate, the discrimination to select, the power to infer and to enliven*”.

<sup>239</sup> Carta a Charles Wynn, Keswick, 20 de maio de 1815. No original: “As soon as this work is off my hands I shall be able to put the History of Portugal to press without impeding the more profitable work. *It is on this that I should wish to rest my reputation*. As a poet I know where I have fallen short; and did I consult only my own feelings, it is probable that I should write poetry no more, - not as being contented with what I have done, but as knowing that I can hope to do nothing better. I might were my whole heart and mind given to it, as they were in youth; but they are no longer at my own disposal. *As an historian I shall come nearer my mark. For thorough research, indeed, and range of materials, I do not believe that the History of Portugal will ever have been surpassed*”.

grande medida, entendido como de pesquisa e compilação histórica e, nesse sentido, não diferia muito da proposição de William Borlase, que salientava como o primeiro dever do antiquário “reunir o que está disperso”.<sup>240</sup>

Parece-me claro, contudo, que a compilação sofreu um grande golpe com a preponderância das filosofias da história no século XVIII e Southey foi profundamente criticado por produzir uma narrativa excessivamente detalhista para o gosto de alguns dos seus leitores. Por outro lado, a combinação entre história filosófica e o método de pesquisa antiquário esteve entre os objetivos a serem cumpridos pelos historiadores do século XIX, desde que as assertivas apriorísticas, inerentes à abordagem generalizante do historiador filosófico, e a mentalidade antiquária, ávida por classificação e detalhes irrelevantes, fossem evitadas (MOMIGLIANO, 1950: 311). O equilíbrio entre as partes parece não ter sido perfeito para alguns desses leitores de Southey que julgavam ter havido pouca generalização e muito detalhe.

Outra forma correntemente empregada nos trabalhos antiquários, mas nem sempre livre de controvérsia dentro da historiografia, é a nota de rodapé.<sup>241</sup> Vista como auxiliar na sustentação dos argumentos enquanto provas evidenciais, a nota de rodapé – de preferência longa e minuciosa – era parte indispensável do trabalho antiquário. Por outro lado, o historiador de formação clássica tendia a considerá-la como uma interrupção indesejada e inadequada do fluxo narrativo. A nota de rodapé diminuía a força do argumento, distraía o leitor e, muitas vezes, figurou como um excesso de erudição pedante (SWEET, 2004: 13).

Essa rejeição por parte da historiografia da nota de rodapé já não era tão preeminente na segunda metade do século XVIII, visto que David Hume foi reprimido por Horace Walpole por não utilizar nota de rodapé no primeiro volume de sua *History of England*. Junto com a consolidação do conceito moderno de história, o chamado aparato de erudição e a própria crítica documental foram ganhando mais espaço entre os deveres de um bom historiador. Assim, a polêmica sobre a nota de rodapé, já indispensável ao trabalho historiográfico, descolou-se para o lugar mais apropriado que ela deveria ser disposta no texto. Historiadores como David Hume ou William

---

<sup>240</sup> No original: “collect what is dispersed”.

<sup>241</sup> Para uma discussão mais ampla sobre a origem e emprego das notas de rodapé ver GRAFTON, 1998 e para uma específica, sobre as notas de rodapé na *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen, ver BATALHONE JÚNIOR, 2011. Um dos resenhistas britânicos da *History of Brazil* salientou que as notas de rodapé, contidas na obra no fim de cada página, deveriam vir ao final do volume para não “interrupt his [the reader] attention during the thread of a narrative” (LOWE, 1812: 351).

Robertson, buscando não quebrar a coerência narrativa e integridade textual de suas histórias, as inseriam no final dos capítulos. Antiquários, que não tinham tais escrúpulos, colocavam-nas na parte inferior, logo abaixo do texto (SWEET, 2004: 6).

Southey não só utilizou de diversas notas de rodapé ao longo da *History of Brazil*, inseridas logo na parte de baixo da página, e notas de fim, que fecham os volumes, como incluía notas explicativas até em seus poemas. Um excelente exemplo disso é *Madoc* (1805), publicado após dezesseis anos de intermitente trabalho e várias reformulações. Esse poema épico é considerado um dos mais espetaculares elefantes brancos da poesia inglesa por confundir o leitor com sua longa composição – em dois espessos volumes –, por ter um enredo sobrecarregado com modelos literários e fontes antiquárias, exibir heróis e vilões unidimensionais e apresentar o choque incongruente entre um País de Gales medieval e um México pré-hispânico. O segundo volume do poema, por exemplo, contém 240 páginas e apenas 97 são dedicadas ao verso, as restantes 143 páginas são preenchidas exclusivamente por notas, que ilustram a leitura enciclopédica de Southey no que concerne ao antiquariato galês<sup>242</sup> e às crônicas do século XVI espanhol (LEASK, 2006: 133).

Na *History of Brazil*, em particular, normalmente os comentários sobre divergências interpretativas são reservados para as notas de rodapé, apesar de algumas vezes aparecerem no corpo do texto. As informações duvidosas também são preferivelmente apresentadas em nota, como a hipótese de que os indígenas conheciam a mesma teologia dos portugueses, ou seja, a católica, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral (SOUTHEY, 1810: 396-397). As notas de fim são vastamente compostas de curiosidades, longas transcrições de trechos no original, observações anedóticas, comparações entre o contexto brasileiro e mundial.

Os antiquários se deleitavam no processo de identificar e juntar o quebra-cabeça do passado. As marcas do tempo deixadas por meio das antiguidades evidenciavam a ruptura temporal entre presente e passado, que só eles, com sua experiência acumulada, poderiam recuperar (SWEET, 2004: 277). Existia por parte dos antiquários um reconhecimento do passado como qualitativamente diferente do presente e, mais que isso, apenas através da erudição é que seria possível recuperar esse passado que não mais vigorava. Southey estava imbuído deste mesmo espírito ao afirmar que era a

---

<sup>242</sup> São diversas as cartas em que Southey relata suas leituras incessantes sobre o País de Gales.

pessoa mais bem qualificada para realizar a escrita da história do Brasil, pois não haveria ninguém que conhecesse melhor este assunto.

Para um entendimento adequado da *History of Brazil* é fundamental que primeiro seja possível levar a sério os interesses de Southey em relação ao antiquariato e as questões etnográficas, presentes em sua prosa e poesia. Southey, em 1812, esclarecia que:

*Eu não sei como que, em minha juventude, as mitologias e superstições de várias nações instalaram-se decididamente na minha imaginação e criaram fundas raízes nela, de modo que, antes dos 20 anos de idade, um dos meus numerosos planos era este de expor a ficção mais marcante de cada uma delas em um longo poema. Thalaba e Kehama são os frutos desse plano inicial. Madoc participa dele, mas apenas incidentalmente. Se eu tivesse ganhado dinheiro, assim como reputação com esses poemas, a série completa estaria concluída (HOLLAND; EVERETT, 1855: 333, grifos meus).<sup>243</sup>*

Vale lembrar que não apenas a descoberta das cidades soterradas de Herculano e Pompeia trouxe novos fascínios aos estudiosos da história, mas as traduções do hindu e do sânscrito para o inglês, assim como novas descobertas territoriais, contribuíram para a incorporação de outras culturas e deuses no horizonte de interesse europeu (LEASK, 2009: 338). A fascinação de Southey em relação às superstições e mitologias religiosas pode ser pensada não apenas em relação aos seus escritos poéticos, mas como uma inclinação particular e característica do conjunto de sua obra. Inclinação que também afetou no destaque dado e na forma como os jesuítas e suas missões pelo Brasil e Paraguai foram descritas na *History of Brazil*, sempre presando pelo vasto leque de superstições adotadas, e as descrições detalhadas dos costumes e práticas indígenas.

As resenhas oitocentistas publicadas sobre a *History of Brazil* oferecem uma oportunidade não apenas de descoberta, mesmo que parcial, dos problemas e debates em relação à composição de histórias, mas como os leitores dessa obra receberam e avaliaram a narrativa southeyana. Elas se localizam em uma junção que nos permite ponderar tanto a forma quanto o conteúdo da obra, mesmo que em uma análise não muito profunda, e são peças privilegiadas ao trazerem suas impressões intuitivas de leitura sobre o estilo e os componentes da narrativa histórica (HAYES, 1968). Localizei

---

<sup>243</sup> Carta a James Montgomery, 26 de março de 1812. No original: “*I know not how it was that in my youth the mythologies and superstitions of various nations laid strong hold on my imagination and struck deep root in it; so that before I was twenty, one of my numerous plans was that of exhibiting the most striking fiction of each in a long poem. Thalaba and Kehama are the fruits of that early plan. Madoc partakes of it, but only incidentally. If I had gained money as well as reputation by these poems, the whole series would ere this have been completed*”.



cinco avaliações críticas do primeiro volume da *History of Brazil*, que estamparam os periódicos britânicos *Quarterly Review* (1810), *Eclectic Review* (1810), *Critical Review* (1811) e as retardatárias resenhas publicadas no *Annual Register* (1812) e *Monthly Review* (1812). As contribuições, como de praxe, foram publicadas anonimamente e sabe-se a autoria apenas das resenhas do *Quarterly Review*, escrita por Reginald Heber,<sup>244</sup> e do *Monthly Review*, escrita por Joseph Lowe.<sup>245</sup> Três resenhas sobre o segundo volume da obra foram identificadas: *Critical Review* (1817), *The European Magazine and London Review* (1817) e *Quarterly Review* (1818), dentre as quais apenas é possível afirmar que Heber continuou resenhando o livro para o *Quarterly*.<sup>246</sup> Nenhuma resenha do terceiro volume foi encontrada.

As resenhas britânicas sobre a *History of Brazil* são unânimes quando à minúcia das informações e a ausência de panoramas na obra. De fato, o projeto inicial de Southey – talvez por estar em um patamar exclusivamente teórico – propunha a escrita de apenas um volume, que acabou sendo estendido para três volumes com não menos de 600 páginas cada um (SOUTHEY, 1855: 183).<sup>247</sup> Deve-se levar em conta que, mesmo após a publicação do primeiro volume, Southey não tinha um plano narrativo claro tendo em vista que pretendia terminar a obra no segundo volume.<sup>248</sup> Quanto maior o número de documentos e informações reunidos, mais longa ficava a *History of Brazil*, que seguia seu fluxo sem qualquer eixo regulador externo.

Esses resenhistas também revelam a escrita southeyana como tendo um *estilo da antiguidade*, caracterizado pela familiaridade com cronistas e escritores antigos, que, por situarem-se em anterioridade temporal, não escreviam de acordo com o gosto narrativo oitocentista. O emprego de vocábulos extemporâneos, assim como a falta de

---

<sup>244</sup> Southey desconfiava que a resenha havia sido escrita por Heber e a avaliava positivamente: “I do not know who reviewed the Brazil, but I guess it was Reginald Heber. [...] On the whole I could not have desired a more favourable reviewal [sic], nor one in which the temper of the reviewer should, in the main, join better with my own. As for what he says concerning a change in my way of thinking, he does not perceive that it is the times that have changed most”. Carta a Thomas Southey, 5 de dezembro de 1810. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1836.html#back5](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1836.html#back5). Acesso em 19 fev. 2015.

<sup>245</sup> Autorias indicadas, respectivamente, em <http://www.rc.umd.edu/reference/qr/index/08.html> e CUTMORE, 2008: 131; e MADDEN, 2002.

<sup>246</sup> Autoria indicada em CUTMORE, 2008: 149.

<sup>247</sup> Carta a Thomas Southey, Keswick, 12 de setembro de 1804.

<sup>248</sup> No original: “A second volume will compleat the history of Brazil”. Carta a John Murray, 26 de maio de 1810.

Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1779.html#back8](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1779.html#back8). Acesso em: 10 out. 2014.

generalizações e panoramas são apontados como sintomas desse estilo narrativo. Todos os resenhistas, em maior ou menor grau, indicavam que a *History of Brazil* continha muitos detalhes e informações descritas com minuciosidade. A resenha publicada no *Annual Register*, por exemplo, adotou um caráter bastante favorável à obra, inserindo vários extratos selecionados da *History of Brazil*, mas sem uma avaliação muito densa dos temas. Ao elogiar o livro, o resenhista afirmava que “no restante deste volume, o Sr. Southey detalha, *com muita minúcia*, a invasão do Brasil pelos holandeses” (*THE ANNUAL*, 1825: 747, grifos meus) ou que mudava o foco da narrativa “para dar *detalhes minuciosos e altamente interessantes* sobre a descoberta do rio da Prata” (*THE ANNUAL*, 1825: 743, grifos meus).<sup>249</sup> O resenhista do *Critical Review* também notou, quase com as mesmas palavras e sem grande alarde, o estilo descritivo minucioso de Southey ao enfatizar que “o restante deste volume é, em sua maior parte, ocupado por uma exposição *bastante detalhada* da invasão holandesa em 1623” (*THE CRITICAL*, 1811: 41).<sup>250</sup>

Se os resenhistas do *Annual Register* e do *Critical Review* não encararam a narrativa minuciosa articulada por Southey de maneira negativa, o mesmo não pode ser dito dos demais críticos. Esses pareciam concordar com a avaliação de William Robertson de que “em uma história geral da América, seria altamente impróprio descrever a condição de cada *insignificante comunidade* ou investigar todas as *minuciosas circunstâncias* que contribuem para formar o caráter de seus membros. Tal investigação levaria a *detalhes de extensão imensurável e cansativa*” e, fundamentalmente, não era necessária, pois “as qualidades que pertencem às pessoas de todas as diferentes tribos são tão semelhantes, que elas podem ser pintadas com as mesmas características” (ROBERTSON, 1783b: 46).<sup>251</sup> O resenhista do *Eclectic Review* estava bem menos inclinado a apreciar a *History of Brazil*, principalmente por considerar a colonização espanhola como objeto por excelência quando se trata dos descobrimentos no Novo Mundo. Diagnosticava que “as façanhas dos aventureiros, que

---

<sup>249</sup> No original: “In the remainder of this volume Mr. Southey details, with *much minuteness*, the invasion of Brazil by the Dutch” [...] “in order to give *minute and highly interesting details* of the discovery of the river Plata”.

<sup>250</sup> No original: “the remainder of this volume is for the most part taken up by an account, *very much in detail*, of the Dutch invasion in 1623”

<sup>251</sup> No original: “In a general history of America, it would be highly improper to describe the condition of each *petty community*, or to investigate every *minute circumstance* which contributes to form the character of its members. Such an inquiry would lead to *details of immeasurable and tiresome extent*. The qualities belonging to the people of all the different tribes have such a near resemblance, that they may be painted with the same features”.

são aqui registradas, e os incidentes relacionados a eles, de modo algum mereciam uma *delineação tão precisa e minuciosa*, como o Sr. S. julgou apropriado fornecer”.<sup>252</sup> Em sua opinião, Southey não deveria ter desperdiçado tanto trabalho – e tantas páginas – em um assunto secundário, mas, de qualquer forma, não havia escrito “um livro maçante ou inútil”, sendo prova suficiente de seu gênio ter “sido capaz de conduzir tão completamente a atenção do seu leitor através de tal *série de detalhes sem importância e monótonos*” (*THE ECLECTIC*, 1810: 789, grifos meus).<sup>253</sup>

Inferia também que a *History of Brazil* continha “*uma variedade de informações curiosas e importantes*”, inclusive desconhecidas, sobre os jesuítas e que foram “*detalhadas* pelo Sr. Southey, embora uma melhor exposição, sobre o todo, pudesse ter sido fornecida sem muita dificuldade” (*THE ECLECTIC*, 1810: 798-799, grifos meus).<sup>254</sup> O resenhista exemplificava a sua opinião, argumentando que

em meio a *todos os detalhes*, por exemplo, que dizem respeito às tribos selvagens que abundam na obra, *nenhuma assistência é fornecida ao leitor no sentido de generalizar o fenômeno da vida selvagem; raramente algum auxílio que trace as causas das peculiaridades entre tribos diferentes*, que sua narrativa faz menção; nenhuma tentativa de *ilustrar os períodos iniciais da raça humana* é feita, visto que são exibidas nessas circunstâncias desfavoráveis (MADDEN, 2002: 149-150, grifos meus)

Uma narrativa que comunicava detalhadamente os costumes e maneiras das tribos papanazes, tobaiares e outras dezenas não interessava ao leitor britânico se não viesse acoplada a generalização da vida selvagem e da explicação da diversidade dos costumes. Nesse sentido, “longas declarações e explicações” poderiam “*ser mais instrutivas e também mais interessantes que muitas repetições de detalhes que dizem respeito a tribos particulares*”. O resenhista avaliava que teria sido de grande utilidade aos leitores se Southey tivesse “extraído reflexões compreensivas” sobre o assunto “brevemente expressado” (MADDEN, 2002: 149-150, grifos meus).<sup>255</sup> O critério de

---

<sup>252</sup> No original: “the exploits of the adventurers, which are here recorded, and the incidentes connected with them by no means merited *so accurate and minute a delineation*, as Mr. S. has thought proper to furnish”.

<sup>253</sup> No original: “a dull or useless book” [...] “he has been able so completely to carry his reader’s attention through such a *train of unimportant and monotonous details*”

<sup>254</sup> No original: “*a variety of curious and important particulars*” [...] “*detailed* by Mr. Southey; though a better account, upon the whole, might have been supplied without much difficulty”.

<sup>255</sup> No original: “Amidst *all the details*, for example, respecting tribes of savages with which the work abounds, *no assistance is offered to the reader in generalizing the phaenomena of savage life; scarcely any in tracing the causes of the peculiarities among different tribes*, of which his narrative makes mention; no attempt is made to *illustrate the springs of human nature*, as exhibited in those unfavourable circumstances” [...] “lengthened statements and explanations” “*they would have been more instructive*”

Southey ao escrever história era perceptível, havia juntado várias informações, utilizado de fontes autênticas e não havia deixado de mencionar nada de interesse para a história do Brasil. Contudo, não poderia dizer que Southey havia sido “dotado com as qualidades mais importantes de um grande historiador”, pois “*as perspectivas compreensivas do grande filósofo não parecem predominar em sua mente*”. Obviamente Southey era altamente qualificado para tornar-se um grande historiador, “mas com suas boas intenções, com sua indústria e seus talentos para a composição, poderíamos desejar que *sua profundidade e originalidade de pensamento* fossem ainda mais evidentes” (MADDEN, 2002: 149, grifos meus).<sup>256</sup>

As colocações de Joseph Lowe sobre a *History of Brazil* foram ainda mais agudas, realçando a dicotomia entre uma história panorâmica e outra minuciosa. Chamou-lhe a atenção “a forma peculiar do Sr. Southey de escrever história” que buscava “*utilizar poucas reflexões genéricas e relatar com escrupulosa precisão e minuciosidade o surgimento dos eventos destacados, observando geralmente a ordem do acontecimento*”.<sup>257</sup> Além disso, “os comentários que ele se permite fazer são apenas aqueles que surgem do assunto da narrativa; *um percurso que é muito diferente do feito pelos escritores que concentram um conjunto de fatos para a ilustração de uma doutrina previamente definida*” (MADDEN, 2002: 151, grifos meus).<sup>258</sup> Lowe caracterizou a forma de escrever história de Southey como avessa a generalizações, repleta de detalhes e com raro apelo analítico. Southey havia pecado ao não ter selecionado e organizado sua narrativa de forma a produzir um sentido claro à história narrada, gerando um excesso de informação desnecessário. O resultado era que os leitores da *History of Brazil* acabavam não sabendo o que fazer ou como interpretar tantos dados apresentados sem nenhum sentido intrínseco. Fora “que o *Sr. Southey realmente adentrou excessivamente em detalhes no que diz respeito ao gosto da*

---

*and more interesting, too, than so much repetition of the details respecting the particular tribes*” [...] “comprehensive reflections drawn” [...] “shortly expressed”.

<sup>256</sup> No original: “To say this, is to pronounce no ordinary panegyric; and yet we see no indication, in the present work, that Mr. Southey was endowed with the most important qualities of a great historian. *The comprehensive views of the great philosopher do not appear to predominate in his mind.* We are far from presuming to say that he is not entitled to rank, and rank highly, among enlightened men. But with his good intentions, with his industry, and his talent for composition, we could wish that *his depth and originality of thinking* were still more conspicuous”.

<sup>257</sup> No original: “Mr. Southey’s peculiar manner of writing history” [...] “His plan is to be *sparing of general reflections*, and to relate with scrupulous accuracy and minuteness the occurrence of detached events, observing generally the order of their date”.

<sup>258</sup> No original: “The remarks which he permits himself to make are only those which arise out of the subject of the narrative; *a course which is very different from that of the writers who concentrate a body of facts for the illustration of a previously-conceived doctrine*”.

*geração atual*: a qual espera algo que seja mais que uma sucessão de objetos e acontecimentos, descritos com clareza e especificidade, mas não trazidos em um conjunto capaz de produzir um efeito por combinação” (MADDEN, 2002: 151, grifos meus).<sup>259</sup>

Alguns contemporâneos de Southey esperavam uma narrativa panorâmica e generalizante da sociedade, que apresentasse uma síntese do Brasil e não apenas um conjunto infinito de informações sobre esse território e suas diversas tribos indígenas. Seus leitores não eram, como ele, especializados no assunto para saber como interpretar tantas informações e se interessar pelas particularidades dessa história, mas pessoas que buscavam, através da leitura da obra, obter um conhecimento sistematizado – e rápido – sobre o Brasil. Buscavam também encontrar uma filosofia da história, entendida tipicamente como a história da sociedade humana em uma perspectiva cosmopolita, elucidando as leis gerais do desenvolvimento histórico comuns a todas as sociedades, escrita em grande escala e com pouca necessidade de detalhes, que o gosto antiquário tanto poderia orgulhar-se (SWEET 2004: 4).

Na opinião de alguns de seus resenhistas, Southey apresentava uma historiografia que em nada era condizente com as expectativas da época, que preferia ser informada por meio de generalizações dos fenômenos históricos realizados a fim de instruir o leitor sobre um determinado tópico.<sup>260</sup> Por outro lado, sua renomada fama literária gerou grandes expectativas sobre a realização narrativa de seu livro e seus resenhistas viram essas expectativas totalmente frustradas quando leram e reconheceram nessa história um conjunto minucioso de informações sem nenhum fio condutor e sem um estilo que elevasse a obra ao patamar que lhe estava reservado. Além da preocupação com a investigação e apresentação detalhada da história, era uma característica do trabalho antiquário não misturar as reflexões do autor à narrativa, deixando aos leitores a tarefa de tirarem suas próprias conclusões (SWEET, 2004: 19). Se levarmos a sério as proposições das resenhas que saíram sobre a *History of Brazil* no

---

<sup>259</sup> No original: “Without entering into any general discussion of the best mode of writing history, we must say that *Mr. Southey has gone greatly too far into particular detail for the taste of the present generation*: which expects something more than a succession of objects and occurrences, clearly and specifically described, but not brought together so as to produce effect by combination”.

<sup>260</sup> Southey era consciente de que a *History of Brazil* não teria grande popularidade, mas tinha como sua missão escrevê-la. “But I am far from regretting that so much time and labour has been bestowed upon a subject for which few English readers (such as readers are now) can be expected to feel much interest. No other person could have brought the same industry and the same advantages to the task” (LEÃO, 1943: 56).

que diz respeito a falta de um plano narrativo explicativo que apresentasse ao leitor um panorama interconectado dos fatos narrados, Southey também se aproximaria dos antiquários no que diz respeito ao papel secundário que a filosofia da história teve na sua historiografia. Southey parece optar pela mesma falta de interpretação que os antiquários preferiam ter. O antiquário John Brand, quando da publicação, em 1789, de sua *The History and Antiquities of the Town and County of the Town of Newcastle upon Tyne* (1789) sofreu uma crítica parecida a de Southey.<sup>261</sup> Um dos resenhistas de sua obra elogiou seu trabalho de organização dos materiais relacionado à história e às antiguidades dessa cidade, contudo, não poderia chamar essa obra de uma história, pois Brand não tinha apresentado uma descrição geral e interconectada dos assuntos, mas simplesmente reunido diversos materiais e os organizado tematicamente, deixando ao leitor a tarefa de formar a sua própria interpretação.<sup>262</sup>

Por mais correta que tenha sido as informações dadas por Southey, a forma como concebeu e realizou a sua história distanciava-se bastante do gosto dos seus possíveis leitores da década de 1810. Lowe, por exemplo, teria aprovado seu esforço caso ele tivesse visto com mais frequência na *History of Brazil* “uma espécie desses pontos de vista gerais” comuns aos historiadores contemporâneos (LOWE, 1812: 347).<sup>263</sup> Em sua opinião, o plano narrativo de Southey distanciava-se radicalmente dos escritores que adotavam uma perspectiva compreensiva da história ao apresentar “fatos com quase nenhuma reflexão intercalada”. Isso porque “o plano do Sr. Southey é confirmado, em grande medida, pela autoridade dos antigos e, entre nós, pelo recente exemplo do Sr. Fox”. Em suma, “o leitor que folhear as páginas escritas pelo Sr. Southey em busca de uma *descrição deslumbrante*, irá sentir uma decepção quase tão grande quanto a que um admirador fervoroso da guerra encontraria ao trocar um retrato lisonjeiro de uma campanha desenhado por um escritor que *deixa sua imaginação à vontade pelo simples diário sem adorno de uma testemunha ocular profissional*” (LOWE, 1812: 346, grifos meus).<sup>264</sup>

---

<sup>261</sup> Southey tinha o *Observations on Popular Antiquities* (1777), de Brand, SOUTHEY, 2011: 24.

<sup>262</sup> Resenha publicada no *Analytical Review*, vol. 5, em 1789.

<sup>263</sup> No original: “a specimen of those general views”.

<sup>264</sup> No original: “facts with scarcely any reflections interspersed” [...] “Mr. Southey’s plan is confirmed in great measure by the authority of the antients, and among ourselves by the recent example of Mr. Fox” [...] “the reader who turns over Mr. Southey’s pages, in quest of *dazzling description*, will experience nearly such a disappointment as the ardent admirer of war would find on exchanging the flattering picture of a campaign drawn by a writer who lets *loose his imagination*, for the *plain unadorned journal of a professional eye-witness*”.

O resenhista do *Eclectic* concordava, em certa medida, com as críticas de Lowe também no que dizia respeito à ausência não só de descrições ofuscantes, mas também da capacidade básica de ensinar e entreter que toda história deveria ter. Estava seguro em afirmar que “nós consideramos a história do Brasil, de longe, como o [ramo] menos calculado para *divertir ou instruir*” e desencorajava Southey a continuar seu projeto de escrita da história de Portugal, pois “é de pouca utilidade para *ilustrar a história da sociedade* na Europa, em apresentar quaisquer *manifestações curiosas da natureza humana em indivíduos*, em *oferecer lições* aos outros pela sabedoria que tem dirigido o seu governo ou em *exercitar a imaginação e a paixão* pela magnitude dos eventos exibidos” (*THE ECLECTIC*, 1810: 788, grifos meus).<sup>265</sup> Em suma, a história brasileira, assim como toda a história portuguesa, não preenchia os requisitos básicos como argumento apto a instruir e divertir os ingleses oitocentistas. Southey deveria evitar cair em outro erro ao escolher como próximo assunto histórico a história portuguesa, que não fornecia material para a escrita de uma história conforme o gosto da época.

Southey parece não ter feito por completo a fusão entre o antiquariato e a narrativa histórica acarretando no descompasso narrativo entre sua obra e o gosto ou expectativa dos leitores de história britânicos dos anos de 1810 (MOMIGLIANO, 1954). E talvez o próprio Southey concordasse com as críticas recebidas. Sua narrativa tendia, devido às suas inclinações eruditas, a longas descrições e a um amplo conjunto de informações que não obtiveram, por uma escolha deliberada, um fio condutor organizador e aparente.<sup>266</sup> O descompasso entre os resenhistas e Southey em relação ao que caracterizava a dignidade da história, situa-os em horizontes discursivos bastante diferentes. Enquanto Southey baseava a dignidade de sua história na reunião antiquária de informações, os resenhistas preferiam acreditar, como leitores formados no século

---

<sup>265</sup> No original: “we regard the history of Brazil as by far the least [branch] calculated either *to amuse or instruct*”, “is of little use in *illustrating the history of society* in Europe, in presenting any *curious displays of human nature in individuals*, in *affording lessons* to others by the wisdom which has directed her government, or in giving an *exercise to the imagination and passion* by the magnitude of the events it exhibits”.

<sup>266</sup> Lilian Martins de Lima chegou à mesma conclusão ao analisar as resenhas da *History of Brazil*: “Uma boa parte dos resenhistas acusam Southey de construir uma narrativa exageradamente detalhista, enfadonha e sem pretensões filosóficas. A descrição de minúcias do cenário brasileiro, a utilização de termos indígenas requeria, na opinião de alguns letrados, um leitor tão especializado quanto o próprio autor das narrativas. Outra característica que chamou a atenção dos ingleses foi a vastidão da obra, afinal três grossos volumes dedicados ao Brasil, pareceu para alguns, um exagero ou, então, um exercício de vaidade do autor que, naquela época, já era reconhecido por seus coetâneos como a pessoa mais bem informada sobre temáticas luso-brasileiras da Inglaterra. O afimco com o qual se dedicou à escrita da história do Brasil mereceu elogios dos letrados, mas, a bem da verdade, a divulgação da obra no século XIX inglês mais suscitou polêmicas do que o reconhecimento – reconhecimento que durante tanto tempo Southey buscou” (LIMA, 2012: 136).

XVIII, que a validade da história estava, na verdade, na generalização filosófica (PHILLIPS, 2000: 36). Assim, devido à ausência daquele “olhar que conecta e penetra”, Southey havia realizado “mais o trabalho de um cronista” do que o de historiador (HEBER, 1818: 127-128 ).<sup>267</sup>

A carência de visões amplas e gerais sobre o assunto e de recapitulações panorâmicas foram associadas pelos resenhistas ao estilo de escrita de Southey e sua familiaridade com uma literatura não moderna. A resenha do *Annual Register* tinha chamado à atenção dos leitores à prosa de Southey ao salientar que o livro era “desfigurado por uma eventual *inusualidade* de estilo” (*THE ANNUAL*, 1825: 748).<sup>268</sup> O resenhista do *Eclectic* enxergava uma simplicidade no estilo narrativo de Southey que, às vezes, beirava a familiaridade coloquial, mas não poderia negar que “*expressões inusuais*, ocasionalmente, apresentam-se, mas não importunamente, nem são esses defeitos muito comum” (*THE ECLECTIC*, 1810: 796, grifos meus).<sup>269</sup> Lowe chegou a elencar algumas dessas inusualidades de estilo, indicando que os leitores da *History of Brazil* “irão encontrar com frequência certas palavras como *spake* ao invés de *spoke*; *bare* ao invés de *bore*; *lack* ao invés de *want*; *alway*; *pavais*; *religioner*; – *to win a town* ou *to win stores*, etc etc.” (LOWE, 1812: 351).<sup>270</sup>

Um elemento que poderia passar despercebido a muitos que passassem os olhos rapidamente na edição da *History of Brazil* foi enfatizado por Lowe como um aviso de “que este livro não é redigido de acordo com a forma em moda de hoje em dia; e realmente *na dicção, assim como no método* o Sr. Southey descobre não pouca predileção pelas *crônicas de outros tempos*”. Uma “*black letter* na página de rosto (**H**istory of **B**razil)” era indício suficiente de que a obra que estava diante dele não tratava-se de uma composição que seguia os parâmetros de escrita e gosto daquela época (LOWE, 1812: 351, grifos no original).<sup>271</sup>

De forma complementar, Heber apontava que Southey escrevia com uma “*eventual inusualidade e afetação do estilo da antiguidade*”, “um pouco de

---

<sup>267</sup> No original: “of that connecting and pervading glance”, “the work of a chronicler”.

<sup>268</sup> No original: “defaced by occasional quaintness of style”.

<sup>269</sup> No original: “*quaint expressions* occasionally present themselves, but not obtrusively; nor are these blemishes very general”.

<sup>270</sup> No original: “will frequently meet with such words as *spake* for *spoke*; *bare* for *bore*; *lack* for *want*; *alway*; *pavais*; *religioner*; – *to win a town*, or *to win stores*, &c. &c.”.

<sup>271</sup> No original: “by a *black letter* title-page (*History of Brazil*) that this book is not composed in the fashionable manner of the present day; and truly *in diction, as well as in method*, Mr. Southey discovers no small predilection for the *chronicles of other times*”



simplicidade, alguns arcaísmos e um estilo em sua maior parte fundado na nossa bela versão das Escrituras” (HEBER, 1811: 471, grifos meus).<sup>272</sup> Certamente arcaísmos e vocábulos não usuais tinham seu reconhecido valor dentro da escrita poética, “mas por que em simples prosa e em narrativa comum, ‘coronal’ faz com que *coranet* desapareça do seu lugar estabelecido?” (HEBER, 1811: 472).<sup>273</sup> As inusualidades de estilo da prosa de Southey, segundo Heber, estavam em sintonia com sua familiaridade com os clássicos ingleses mais antigos, que desembocava em uma narrativa de “páginas que requerem quase um glossário e de ornamentos que lembram as rugas artificiais usadas pela senhora triplamente coroada no Tatler”.<sup>274</sup>

Essa mesma “familiaridade com crônicas antigas” acabou induzindo Southey a adquirir um *estilo da antiguidade* e em falhar na tarefa que lhe era esperada de apresentação panorâmica da história do Brasil.<sup>275</sup> Esse defeito

é um impedimento real, não apenas para a popularidade, mas para a *utilidade geral* de uma composição histórica – A falta de visões amplas e gerais de seu assunto, e dessas recapitulações panorâmicas, que servem como um lugar de descanso para a atenção e trazem, de uma só vez, à frente da observação do leitor a harmonia relativa dos objetos que ele passou nos detalhes. A generalidade dos historiadores modernos decaiu em um extremo contrário e nos deu ensaios sobre temas históricos ao invés de uma história real e autêntica. – *O Sr. Southey, por outro lado, dá-nos seus fatos como ele os encontra, e faz pouco esforço para uni-los em um arranjo conectado ou lúcido. Nada pode exceder a precisão de seu detalhe ou a vida e o espírito de suas representações, mas estas cenas brilhantes passam por cima da cabeça como isoladas e dissociadas, como as sombras de uma lanterna mágica ou como reis visionários em Macbeth, sem Banquo para conectá-los e identificá-los* (HEBER, 1811: 472, grifos meus).<sup>276</sup>

---

<sup>272</sup> No original: “occasional quaintness, and affectation of the style of antiquity”, “A little homeliness, a few archaisms, and a style for the most part founded on that of our beautiful version of the Scriptures”.

<sup>273</sup> No original: “but why in plain prose, and in ordinary narrative, is ‘coronal’ to drive out *coranet* from its established place?”. Southey estava ciente deste aspecto de sua escrita, mas pensava que as notas iriam “drenar toda inusualidade” (SOUTHEY, 1850a: 133). Carta a Charles Wynn, Lisboa, 21 de fevereiro de 1801. No original: “drain off all quaintness”.

<sup>274</sup> No original: “pages which almost require a glossary, and from ornaments which remind us of the artificial wrinkles worn by the triple crowned lady in the Tatler”. O terceiro e último volume da *History of Brazil* contém uma espécie de glossário, intitulado “Explanation of such Portuguese, Spanish, and other Foreign Words, as are used in the Text”.

<sup>275</sup> No original: “familiarity with ancient chronicles”.

<sup>276</sup> No original: “is a real impediment, not only to the popularity, but to the *general usefulness* of an historical composition – The want of broad and general views of his subject, and of those bird’s eye recapitulations, which serve as a resting place to the attention, and bring at once before the reader’s observation the relative harmony of the objects he has gone through in detail. The generality of modern historians have fallen into a contrary extreme, and have given us rather essays on historical subjects, than real and authentic history. – *Mr. Southey, on the other hand, gives us his facts as he finds them, and takes little pains to unite them in a connected or lucid arrangement. Nothing can exceed the accuracy of his detail, or the life and spirit of his representations; but these glowing scenes pass over the mind as insulated and disjointed as the shadows of a magic lantern, or as visionary kings in Macbeth, without a Banquo to connect and identify them*”.

A *History of Brazil* era, sem dúvida, uma história verdadeira, no sentido da pesquisa e da argumentação, mas faltava-lhe a utilidade tolhida pela falta de generalização e de panoramas explicativos. Southey sofria do pecado incomum entre os historiadores modernos de apresentar os detalhes e esquecer a visão panorâmica e o fio condutor. Heber, assim como grande parte dos seus críticos, pensava que era preciso alcançar um equilíbrio entre a minúcia e a precisão dada pelos detalhes, e as generalizações que tornavam o relato algo além de reunião de fatos e que não seria preciso “abrir mão das vantagens que são possuídas por uma superior precisão e o interesse que ele [Southey] nunca deixa de excitar em fatos particulares, e a conduta dos indivíduos particulares” para trazer especulações gerais à obra (HEBER, 1811: 473).<sup>277</sup>

Southey parecia não entender profundamente as críticas de seus resenhistas sobre a falta de panorama em sua história, quando, por exemplo, alegava que Reginald Heber “está errado em reclamar da falta de panoramas retrospectivos e generalizantes. O lugar para o primeiro é no fim da guerra holandesa, – para este último, na conclusão da obra. Toda a síntese que esse volume [primeiro] requeria ou admitia está na segunda metade do décimo capítulo”.<sup>278</sup> Analisando essa parte mencionada por Southey, a seção “Estado do Brasil nesta época”, percebe-se um fosso entre o entendimento de Southey e dos resenhistas sobre panorama. Nesta parte da obra, encontram-se mais informações pouco sistemáticas e curiosas do que exatamente um panorama genérico. Sobre a cidade de Salvador, por exemplo, apresenta um senso, uma listagem da quantidade de armamento, composição do clérigo, quantidade de igrejas, quantidade de engenhos de açúcar nos arredores dessa cidade, criação de gado, de cavalos, de vacas, de laranjas, de limões, de palmeiras, de cacauzeiros, de romã e de melões. Além de curiosidades sobre as formigas, o cupim ou broca, como se dava a plantação de café, de chá e de gengibre. Como a embira poderia substituir o linho, singularidades sobre o cipó, a existência nesses mares de macaco marinho, peixes e frutos do mar e pedras preciosas, e como as

---

<sup>277</sup> No original: “without relinquishing the advantages which are possessed by superior accuracy, and the interest he never fails to excite in particular facts, and the conduct of particular individuals”.

<sup>278</sup> No original: “He is wrong in complaining of the want of retrospective & generalizing views. The place for the former is at the close of the Dutch war, – for the latter at the conclusion of the work. All the summary that this volume required or admitted exists in the latter half of the tenth chapter”. Carta a John Rickman, 5 de janeiro de 1811. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1850.html#back2](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1850.html#back2). Ver também: Carta a Thomas Southey, 5 de dezembro de 1810. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1836.html](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1836.html) e Carta a William Gifford, 4 de janeiro de 1811. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1849.html#back3](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1849.html#back3). Acessos em: 19 fev. 2015.

peças na Bahia se vestiam. O restante do capítulo segue a mesma linha de descrição para as demais cidades e capitânias.

\*\*\*\*

Um capítulo à parte nessa história é a arrasadora resenha publicada por John Lockhart da *Life of Wesley*, em 1824, na *Blackwood's Edinburgh Magazine*.<sup>279</sup> A crítica de Lockhart não se restringe ao livro que havia sido recentemente lançado, indo muito além ao fazer uma avaliação do legado de Southey no intuito de retratá-lo negativamente como um homem fora de sua época. Argumentava que:

Tivesse Southey florescido *quarenta ou cinquenta anos atrás* e escrito metade do que escreveu em nosso tempo, poderia ter sido classificado *nem. con.* [i.e., unanimemente] como o melhor dos críticos modernos, dos historiadores modernos, talvez até dos poetas modernos. O calor de seus sentimentos e do fluxo de seu estilo teriam lhe permitido jogar todos os prosadores daquele tempo na sombra – *Sua vasta erudição ter-lhe-ia rendido a veneração de uma época em que a erudição era venerável* – Seu poder imaginativo teria levantado-o como uma águia sobre os versificadores, que então divertiam o público com seus ecos fracos de humor, de sentido e dos números dos Papas. [...] *Como é diferente o caso real!* (LOCKHART, 1824: 208, grifos meus).<sup>280</sup>

O realce dado por Lockhart à palavra moderno em sua avaliação, quando se referia aos críticos, historiadores e poetas, é bastante significativo da contraposição que objetivava construir na medida em que reforça o caráter extemporâneo da prosa de Southey, localizando-a como pertencente aos escritos produzidos em 1774-1784. Seria uma época apropriada ao sucesso de seus escritos, pois sua vasta erudição seria reconhecida pelos seus pares como venerável. Lockhart busca a mesma caracterização, que perpassa todas as resenhas – inclusive a crítica de Macaulay –, de Southey como um homem fora de seu tempo que cultivava virtudes já fora de moda e, assim, estava fadado a produzir relatos anacrônicos em relação ao gosto de seus contemporâneos resenhistas.

---

<sup>279</sup> Lima indica que, apesar de não ser uma resenha da *History of Brazil*, seria “a crítica mais contundente feita a narrativa sobre o Brasil de Southey” (LIMA, 2012: 138).

<sup>280</sup> No original: “Had Southey *flourished forty or fifty years ago*, and written half as well as he has written in our time, he might have ranked *nem. con.* with the first of modern critics, of modern historians, perhaps even of modern poets. The warmth of his feelings and the flow of his style would have enabled him to throw all the prosers of that day into the shade – *His extensive erudition would have won him the veneration of an age in which erudition was venerable* – His imaginative power would have lifted him like an eagle over the versifiers who then amused the public with their feeble echoes of the wit, the sense, and the numbers of Pope. [...] *How different is his actual case!*” Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?view=image;size=125;id=uc1.32106019922480;page=root;seq=1>.

Esse descompasso temporal entre Southey e seus possíveis leitores, na opinião de Lockhart, produziria um efeito devastador em sua obra, pois “não há nada em comum com ele e as pessoas deste mundo”, suas “elucubrações não produzem nenhum efeito sobre o espírito do tempo”. Segundo ele, Southey não passava de um dos resenhistas, e não o mais influente, do *Quarterly Review*, uma pessoa que produzia “ensaios metade antiquários, metade em prosa” (LOCKHART, 1824: 208-209).<sup>281</sup>

O fracasso que acompanhava seus escritos políticos, também seria visto nos históricos, pois “todas as suas *volumosas* obras históricas são, comparativamente falando, fracassos. Sua História do Brasil é a produção mais ilegível do nosso tempo. *Dois ou três elefantes em quarto sobre uma única colônia portuguesa!*”. Não fazia sentido “cada pequeno coronel, capitão, bispo, frade, discutido em tanta extensão como se fossem tantos Cromwells ou Loyolas – e por quê? – apenas por causa desta razão muito simples, que o Sr. Southey é um *excelente erudito português* e tem uma excelente biblioteca portuguesa” (LOCKHART, 1824: 290, grifos meus).<sup>282</sup> Lockhart pensava que “Southey deveria ter vivido nos tempos das 2.000 páginas em fôlio, colunas triplas e duplos índices” (LOCKHART, 1824: 290).<sup>283</sup> A prolixidade de Southey é vista por Lockhart como uma espécie de emulação ao historiador Edward Hyde, primeiro Conde de Clarendon.<sup>284</sup> Em sua opinião, era impossível compreender a “infeliz noção que [Southey] tem dentro de sua cabeça, de escrever *à la* Clarendon. Clarendon é um dos primeiros clássicos ingleses e um dos primeiros autores históricos que o mundo pôde se orgulhar, mas ninguém pode negar que ele é, apesar de tudo, um escritor muito prolixo” (LOCKHART, 1824: 210).<sup>285</sup>

Os vastos fôlios com numerosas informações foram substituídos por uma narrativa mais enxuta que mostrasse uma visão panorâmica do relatado. Lockhart pensava que qualquer historiador de verdade, “seja ele um Hume, um Clarendon, um Du

---

<sup>281</sup> No original: “There is nothing in common to him and the people of this world” [...] “essays half antiquarianism, half prosing”.

<sup>282</sup> No original: “All his *bulky* historical works are, comparatively speaking, failures. His History of Brazil is the most unreadable production of our time. *Two or three elephant quartos about a single Portuguese colony!*” [...] “Every little colonel, captain, bishop, friar, discussed at as much length as if they were so many Cromwells or Loyolas – and why? – just for this one simple reason, that Dr Southey is an *excellent Portuguese scholar*, and has an excellent Portuguese library”.

<sup>283</sup> No original: “Southey should have lived in the days of 2000 page folios, triple columns, and double indexes”.

<sup>284</sup> Macaulay também critica a falta de narratividade de Clarendon (MACAULAY, 1840: 222).

<sup>285</sup> No original: “some unhappy notion he has got into his head, of writing *à la* Clarendon. Clarendon is one of the first English classics, and one of the first historical authors the world can boast; but nobody can deny that he is, nevertheless, a most prolix penman”.

Retz ou um Tácito, não teria encontrado nenhuma dificuldade em concentrar tudo o que realmente pode ser dito, para qualquer propósito, sobre Wesley, Zinzendorf, Whitefield e todo o resto em, no máximo, cinquenta páginas” (LOCKHART, 1824: 210).<sup>286</sup> Southey, ao contrário, havia escrito dois volumes, que beiravam 500 páginas, apenas sobre Wesley. *A Life of Wesley* era um absurdo tão ininteligível que criava o paradoxo de apesar de existir uma biografia de Wesley, “não existe nenhuma Vida dele adaptada para os propósitos do leitor comum ou composta com qualquer referência às ideias de qualquer extenso corpo de homens educados” (LOCKHART, 1824: 210).<sup>287</sup> Ao fim, o resenhista concluía que o grande defeito da vida de Wesley foi a “*massa cansativa de coisas supérfluas*, que o Laureado fabricou para sobrepor o seu admirável material” (LOCKHART, 1824: 210, grifos meus).<sup>288</sup>

É sempre difícil precisar quando a crítica faz um julgamento balizado das obras literárias ou quando ela se utiliza de um senso comum e transfere elementos socialmente construídos como negativos para o que está analisando. Apesar disso, acredito poder afirmar que existia uma intenção deliberada em caracterizar a prosa de Southey dentro de uma tradição que valorizava a erudição, escrevia grossos volumes sobre assuntos não necessariamente em voga e com um tom de prolixidade que remetia à fundação da historiografia inglesa. Vale a pena ressaltar que o mencionado Clarendon compõe parte da historiografia seiscentista inglesa que vem sendo classificada como mantenedora de um modelo de escrita que valorizava a experiência presente e com foco nas preocupações públicas, como a política e a religião (GHOSH, 1997: 358) Por outro lado, Lockhart sugere que a escrita de Southey seria mais adequada a uma sociedade erudita anterior, situada entre as décadas de 1770 e 1780. Contudo, nessa época historiadores como Hume, Robertson e Gibbon são aclamados pelas suas narrativas ilustradas e, exceto no que diz respeito a Gibbon, pouco disso teve relação com a erudição. O que gostaria de sugerir é que talvez Lockhart estivesse se referindo a uma tradição historiográfica não muito explorada dentro das pesquisas atuais. A análise mais detalhada da historiográfica britânica é algo que se faz urgente para um entendimento mais complexo das disputas discursivas em jogo nesse período. Com isso, seria possível

---

<sup>286</sup> No original: “either a Hume, or a Clarendon, or a Du Retz, or a Tacitus, would have found no difficulty in concentrating all that really can be said, to any purpose, about Wesley, Zinzendorf, Whitefield, and all the rest of these people, in, at the most, fifty pages”.

<sup>287</sup> No original: “there exists a Life of him adapted for the purposes of the general reader, or composed with any reference to the ideas of any extensive body of educated men whatever”.

<sup>288</sup> No original: “*wearisome mass of superfluous stuff* with which the Laureate has contrived to overlay his admirable material”.

superar o foco no triunvirato britânico canônico, que vem sendo repetido quase como um mantra nos circuitos historiográficos atuais como a historiografia setecentista por definição.

Esses exemplos da recepção da *History of Brazil* em momento algum citam o caráter de reviver histórico que segundo Dias seria tão marcante nessa história. Por outro lado, corroboram com a minha hipótese de que a descrição minuciosa feita pelo poeta laureado estava ligada à erudição e não ao Romantismo, se é que atualmente ainda podemos chamar tal fenômeno com essa nomenclatura. Embora Dias aponte aspectos relevantes da *History of Brazil*, seu trabalho não tinha como se beneficiar da renovação historiográfica que indicou os limites de grandes categorias como “Romantismo” para descrever o que então ocorria. Sérgio Buarque de Hollanda, concordando com a interpretação produzida por sua discípula, ressaltou no prefácio do *O fardo do homem branco* as palavras de mais um leitor da história de Southey. Apontou que Francisco Adolfo de Varnhagen, na segunda edição de sua *História Geral do Brasil*, sinalizava que “a falta de unidade, e de ordem ou nexos, e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo acerca dos índios), [...] são causa de sua pouca popularidade” (HOLLANDA, 1974: XV). Varnhagen repetia, talvez sem saber, seis décadas depois as mesmas críticas que haviam sido impressas nos periódicos britânicos.

### **REUNIR O PASSADO? A PESQUISA HISTÓRICA COMO FUNDAMENTO DA *HISTORY OF BRAZIL***

Caso a discussão em relação à recepção da *History of Brazil* não fosse prolongada, seríamos erroneamente induzidos a pensar que esta obra foi um elefante branco historiográfico, rechaçada pela crítica literária e um fracasso de público. Não obstante as severas apreciações recebidas, a vasta pesquisa e a autenticidade das informações expostas por Southey renderam grandes elogios à obra. Essas observações foram reverberadas desde a quase laudatória resenha publicada no *Annual Register*, que indicava ter havido “uma variedade tão grande de informações bem selecionadas e autênticas” nessa história (*THE ANNUAL*, 1825: 748, grifos meus),<sup>289</sup> até a mais mordaz avaliação. Joseph Lowe não concordava inteiramente com o modo de escrever a história de Southey, mas apesar disso estava bastante consciente “do valor que deve ser dado à sua vasta erudição e seu espírito incansável de pesquisa: qualidades que no

---

<sup>289</sup> No original: “such a variety of well selected and *authentic* information”.

entanto impopulares podem existir em um livro, permitirem a um autor prestar *serviço duradouro para a causa da verdade e lançar as bases de, pelo menos, uma eventual reputação*” (LOWE, 1812: 337, grifos meus).<sup>290</sup>

As avaliações críticas da *History of Brazil* apontam que essa obra foi escrita segundo uma tendência narrativa diversa das histórias panorâmicas, mas também põem em relevo a centralidade da pesquisa e da erudição, avessas à maioria dos leitores apressados oitocentistas. O resenhista do *Eclectic* apontou um momento na *History of Brazil* em que parece ter havido a combinação entre erudição e o gosto narrativo oitocentista: “nenhuma parte do trabalho do Sr. Southey é mais *curiosa* do que aquela que diz respeito ao assunto horrível do canibalismo; *um detalhe no quadro das nações selvagens* que os historiadores, em geral, parecem ter *se esquivado*” (*THE ECLECTIC*, 1810: 797, grifos meus).<sup>291</sup> O canibalismo era um tema, ao mesmo tempo, curioso e delicado na sociedade europeia, tendo sido por muito tempo considerado como pertencente ao reino da fantasia. A qualidade da pesquisa realizada por Southey, contudo, permitia que o canibalismo americano fosse tratado adequadamente, jogando alguma luz a um assunto não pouco controverso. O resenhista do *Eclectic* acreditava inclusive que “em nenhum lugar, tanto quanto sabemos, as circunstâncias que pertencem a esta propensão horrível [o canibalismo] são *tão plenamente e tão autenticamente detalhadas*, como nas páginas diante de nós” (*THE ECLECTIC*, 1810: 797, grifos meus).<sup>292</sup> Heber também considerava que “o mundo estava profundamente em débito com [Southey], não apenas pelo entretenimento racional” que a obra produzia, mas também pelos progressos importantes no entendimento das tribos indígenas. Southey havia lançado “para o vão exagero a forma pela qual o caráter indígena tem sido exaltado ou difamado”, sua narrativa não apresentava nem “sonhos de uma raça distinta e inferior do resto da humanidade, incapaz de contar além do número três, imberbe e imbecil, nem [...] uma comunidade impecável de sábios e heróis” (HEBER, 1811: 464).<sup>293</sup>

---

<sup>290</sup> No original: “the value which ought to be attached to *his extensive erudition and indefatigable spirit of research*: qualities which, however unpopular may be the form of a book, enable an author to render a *lasting service to the cause of truth, and to lay the basis of at least an eventual reputation*”.

<sup>291</sup> No original: “no part of Mr. Southey’s work is more *curious* than that which relates to the horrid subject of cannibalism; a particular in the *picture of savage nations*, from which historians in general appear to *have shrunk*”.

<sup>292</sup> No original: “that no where, as far as we know, are the circumstances belonging to this horrible propensity [the cannibalism] *so fully and so authentically detailed*, as in the pages before us”.

<sup>293</sup> No original: “the world is deeply indebted to him, not only for the rational entertainment”, “to the idle exaggeration with which the Indian character has been extolled or vilified”, “no dreams of a race distinct

Outro aspecto que despertou bastante interesse dos leitores resenhistas e que estava diretamente relacionado aos costumes dos selvagens americanos foi a experiência de Hans Staden como prisioneiro dos canibais tupinambás. Ao longo das centenas de páginas do primeiro volume da *History of Brazil*, “entre os vários aventureiros, o único indivíduo, nesta história, que qualquer incidente de *notável singularidade* ocorre é Hans Stade [sic] [...]” (*THE ECLECTIC*, 1810: 791, grifos meus).<sup>294</sup> A maioria dos resenhistas, seguiu a mesma linha interpretativa e argumentativa esboçada por Southey na *History of Brazil*, apresentando um resumo sobre os costumes dos selvagens americanos, principalmente do que dizia respeito ao ritual do canibalismo. Apesar de não ser um elemento que será explorado, é digno de nota que o crítico do *Eclectic*, que chegou a dedicar metade da sua resenha exclusivamente às circunstâncias vividas pelo “pobre Hans”, certamente leu esse périplo com um interesse patético bastante acentuado.

O que me interessa mais de perto é que os resenhistas, mesmo inferindo os muitos aspectos fora de moda e defeitos de composição da *History of Brazil*, afirmaram que a obra se destacava fundamentalmente pela capacidade de pesquisa e por causa da erudição de Southey. Como afirmava o resenhista do *Annual Register*, Southey havia se valido “diligentemente de *toda a informação autêntica* que ele pôde adquirir e que através de uma *comparação cuidadosa* destes *materiais*, produziu uma publicação muito interessante” (*THE ANNUAL*, 1825: 739, grifos meus).<sup>295</sup> Em suma, apesar de tratar-se de publicação imperfeita, era um “registro altamente valioso” (LOWE, 1812: 351).<sup>296</sup>

Grande parte dos resenhistas acreditava que a qualidade investigativa da obra sobrepunha-se à *History of America* de William Robertson e impugnava “com extremo fundamento a *disposição para a pesquisa* [desse] historiador muito popular” (LOWE, 1812: 350, grifos meus).<sup>297</sup> A inclinação para a pesquisa era a qualidade historiográfica que distinguia Southey de seu antecessor na escrita da história dos povos indígenas. O resenhista do *Annual Register* avaliou igualmente de forma muito positiva o

---

and inferior from the rest of mankind; unable to count beyond the number three; beardless and imbecile; nor [...] a faultless community of sages and heroes”.

<sup>294</sup> No original: “among all the various adventurers, the only individual, in whose history any incidents of *remarkable singularity* occur is Hans Stade [sic]”.

<sup>295</sup> No original: “diligently availed himself of *every authentic information* which he could procure; and, by a *careful comparison of this materials*, has produced a highly interesting publication”.

<sup>296</sup> No original: “a highly-valuable record”.

<sup>297</sup> Nota de rodapé: “with too much foundation, *the character for research* of a very popular historian”.



levantamento de documentos autênticos realizado, ressaltando também as imprecisões da pesquisa de Robertson indicadas por Southey na *History of Brazil*: “em uma nota (p. 638-639) inserida na passagem que investiga a língua das tribos brasileiras e seus meios e poderes de acerto de contas, encontramos com uma severa, mas não injusta, crítica ao célebre historiador, Sr. Robertson” (*THE ANNUAL*, 1825: 747).<sup>298</sup> Considerava que “tal crítica, como esta do Sr. Southey, em relação a um escritor cujas obras têm encantado por tanto tempo o público, merece ser conhecida, especialmente porque o Sr. S. tem viajado por quase o mesmo terreno” (*THE ANNUAL*, 1825: 748).<sup>299</sup> Em sua opinião, as críticas ao estilo e ao conteúdo da *History of Brazil* acabaram suplantando questões muito mais relevantes, como o grande trabalho de pesquisa documental que serviu de suporte para corrigir as imperfeições sobre as tribos selvagens. Conscientes ou não, os resenhistas sugerem as possíveis armadilhas de uma escrita panorâmica envolvente.

As reservas que Southey mantinha em relação ao trabalho investigativo de Robertson eram bastante anteriores à publicação da *History of Brazil*. Em 1803, ao dar continuidade às suas pesquisas sobre questões marítimas, Southey comentava com um de seus correspondentes que havia encontrado indícios que indicavam “o uso da bússola mais de um século antes do que indicava a pobre cronologia” e que era levado a pensar que “Robertson deveria ter encontrado essa informação, pois para escrever sua introdução ao [The History of] Charles V., sem ler essas Leis, é uma das mil e uma omissões pelas quais ele deveria ser chamado de desonesto, enquanto seus livros forem lidos” (SOUTHEY, 1850a: 318, grifos meus).<sup>300</sup>

Na perspectiva de Southey, um dos erros cometidos por Robertson em sua *History of America* estava relacionado com a avaliação da capacidade cognitiva do indígena. Robertson afirmava que ele não era capaz de contar par além de cinco:

**O Sr. Robertson, neste assunto como em muitos outros, no que ele chama de sua História da América, é culpado de tais omissões e conseqüentes deturpações, a ponto de eu não ter dúvidas ou que ele não tenha lido alguns dos mais importantes documentos a que se refere ou que ele escolheu não noticiar os fatos que são**

---

<sup>298</sup> No original: “In a note (p. 638-639) on a passage which investigates the language of the Brazilian tribes, and their modes and powers of reckoning, we meet with a severe, yet not unfair critique on the celebrated historian, Dr. Robertson”.

<sup>299</sup> No original: “Such criticism, as this of Mr. Southey, on a writer whose works have so long delighted the public, deserves to be made known, especially as Mr. S. has travelled over nearly the same ground”.

<sup>300</sup> Carta a John Rickman, Keswick, 22 de março de 1805. No original “The passage certainly carries the use of the needle a century further back than the poor chronology” “Robertson ought have found it; for to write his introduction to Charles V., without reading these Laws, is one of thousand and one omissions for which he ought be called rogue, as long as his volumes last”.

**encontrados lá porque eles não estavam em conformidade com as suas próprias opiniões preconcebidas.** Um exemplo notável ocorre em relação a um meio monetário. Quando ele menciona as sementes de cacau, que eram usadas como dinheiro no México, e diz, “isso parece ter sido o mais longe que os americanos tinham avançado em direção à descoberta de qualquer expediente para substituir o uso do dinheiro.” Agora, é dito pelo próprio Cortes, que quando ele estava prestes a fazer um canhão, ele tinha cobre suficiente, mas faltava-lhe estanho; .. e tendo comprado todos os pratos e panelas, que ele poderia encontrar entre os soldados, começou a perguntar entre os nativos. Ele, então, descobriu que, na província de Tachco, *pequenos pedaços de lata, parecidos com moedas finas, eram utilizados como dinheiro*, lá e em outros lugares. E isso o levou a descoberta das minas de onde isso foi retirado. **Estas são as palavras do espanhol**, .. *Quiso nuestro Señor, que tiene cuidado y siempre lo ha tenido, de proveer en la mayor priesa, que tope entre los Naturales de una Provincia que se dice Tachco, ciertas Peceçuelas de ello, a manera de Moneda muy delgada, y procediendo por mi pesquisa hallé, que en lo dicha Provincia, y aun en otras, se trataba por moneda. Carta, 4. § 17. Barcia, t. 1. p. 149.* A reputação desse autor deve repousar em sua História da Escócia,.. se essa puder ampará-la. Seus outros trabalhos são **gravemente deficientes** (SOUTHEY, 1810: 639, grifos meus em negrito)<sup>301</sup>

Southey considerava-se um historiador diferente de Robertson principalmente pela pouca pesquisa realizada e, por conseguinte, o excesso de omissões e erros que suas histórias continham. O legado de Robertson não se destacava pela acurácia de suas informações e o exaustivo levantamento de fontes, mas pela excelência com que realizou a sua composição, perfeitamente em sintonia com o gosto estilístico da época. Apesar da historiografia recente sobre a obra de Robertson indicar o grande trabalho de pesquisa documental realizado por ele, não deixa de frisar que Robertson fez escolhas interpretativas muito sérias e conscientes. No que fiz respeito à *History of Scotland* (1759), por exemplo, não obstante os constantes avisos de David Hume de que, com a publicação do *Burghley State Papers*, em 1759, existia documentação suficiente para

---

<sup>301</sup> Trecho suprimido, como todas as notas de fim de volume, da edição em português da *History of Brazil*. A tradução, portanto, é minha. No original: “**Dr. Robertson, who, on this, and many other subjects, in what he calls his History of America**, is guilty of such omissions, and consequent misrepresentations, as to make it certain, either that he had not read some of the **most important documents** to which he refers, **or that he did not chuse to notice the facts which are to be found there, because they were not in conformity to his own preconceived opinions.** A remarkable example occurs respecting a circulating medium; when he mentions the cacao nuts, which were used as money in Mexico, and says, ' this seems to be the utmost length which the Americans had advanced towards the discovery of any expedient for supplying the use of money.' Now, it is said by Cortes himself, that when he was about to make cannon, he had copper enough, but wanted tin ; .. and having bought up all the plates and pots, which he could find among the soldiers, he began to enquire among the natives. He then found, that in the province of Tachco, *little pieces of tin, like thin coin, were used for money*, there and in other places. And this led him to a discovery of the mines from whence it was taken. **These are the words of the Spanish**,.. *Quiso nuestro Senor, que tiene cuidado y siempre lo ha tenido, de proveer en la mayor priesa, que tope entre los Naturales de una Provincia que se dice Tachco, ciertas Peceçuelas de ello, a manera de Moneda muy delgada, y procediendo por mi pesquisa hallé, que en lo dicha Provincia, y aun en otras, se trataba por moneda. Carta, 4. § 17. Barcia, t. 1. p. 149.* The reputation of this author must rest upon his History of Scotland,.. if that can support it. His other works are **grievously deficient**”.

provar que Mary I da Escócia estava envolvida na conspiração Babington, que objetivava assassinar Elizabeth I e torná-la rainha da Inglaterra, Robertson nunca incluiu essa informação em sua história (O'BRIEN 2005: 120-121). Outro caso exemplar aconteceu na *History of America*, onde Robertson, conhecedor do espanhol e da historiografia espanhola, preferiu ater-se a interpretação francesa de Corneille de Pauw, no *Recherches philosophiques sur les américains* (1768), e de George-Louis Leclerc, conde de Buffon, no *Histoire naturelle* (1747), sobre a história da América ao invés de utilizar o material de seus correspondentes espanhóis ou mesmo da historiografia de língua espanhola. Robertson distribuiu diversos questionários entre os habitantes da América espanhola e tinha consigo informações que contestavam a tese de Buffon em relação à inferioridade dos ameríndios, mas preferiu o silêncio (LENMAN, 2008: 198-208).

O resenhista Reginald Heber avaliava que “nenhum autor poderia ter sido previsto para continuar, com perspectiva maior de sucesso, a tarefa de escrever a história americana que Robertson deixou inacabada”, assim como ninguém seria “mais bem adequado para *corrigir e suprir através de minúcia superior, zelosa pesquisa e pintura vívida da natureza e dos costumes*, o frio e muitas vezes *impreciso esboço* desse sensato e agradável, mas, certamente, *superficial escritor*” (HEBER, 1811: 454, grifos meus).<sup>302</sup> Em sua opinião, Southey era certamente um historiador superior a Robertson, apesar de não ter a mesma fama do escocês, demonstrava “uma honestidade não superada por ninguém; e uma *extensão e variedade de informações* marcadas com o *zelo desta laboriosa e quase esquecida precisão* que nos leva de volta aos dias mais austeros dos estudos ingleses”.<sup>303</sup> Robertson e Southey seriam historiadores diferentes e teriam produzido historiografias diferentes principalmente porque Robertson “escreveu apenas para efeito e nos deu as somas sem os seus itens: o resultado foi impreciso, de fato, mas sempre continuará popular”, enquanto que Southey oferecia aos seus leitores apenas os itens, sem nenhuma generalização deles, em uma narrativa comprometida com a

---

<sup>302</sup> No original: “No author could be fixed upon to continue, with greater prospect of success, the task of American history which Robertson left unfinished; and none is better adapted *to correct and supply, by superior minuteness, zealous research, and lively painting of nature and manners*, the cold, and *often inaccurate outline* of that sensible and pleasing, but, certainly, *superficial writer*”.

<sup>303</sup> No original: “an honesty surpassed by none; and an extent and *variety of information* marked with the stamp of that *industrious and almost forgotten accuracy* which brings us back to the severer days of English study”.

verdade entendida enquanto presente na história em si, uma verdade não interpretativa (HEBER, 1811: 473).<sup>304</sup>

Voltando às insistentes palavras de Lowe sobre a existência de um gosto geracional em relação à escrita da história, contrariado por Southey ao escrever a *History of Brazil*, diferentemente do que os seus leitores poderiam ser levados a crer, afirmava: “*nós discordamos, no entanto, do gosto predominante e estamos dispostos a olhar com predisposição favorável o escritor que evita a pintura e traz verdade e realidade diante dos olhos de seus leitores em seu traje mais simples*”. Em sua opinião, Southey estaria junto com os demais escritores que privilegiavam em sua narrativa a apresentação da verdade e da realidade histórica sem grandes ornamentos ou recursos estilísticos. Acreditava, portanto, que “*da pena de tão diligente investigador seja possível confiar, com segurança, na fidelidade das informações enumeradas*”. Fundamentalmente, o que tinha sido salientado como defeito da obra, ou seja, a falta de seleção e organização do material em um conjunto acessível cognitivamente ao leitor comum, não excluía a importância da tarefa de investigar e trazer informações verdadeiras. Isso porque “*se a extensão da pesquisa do historiador não deve conhecer outro limite que não seja o circunscrito na extensão dos materiais autênticos, a exposição de suas provisões ao público deve ser guiada por uma regra muito diferente*”. A maioria dos leitores desejava “*um escritor que julgue, assim como investigue para eles; e eles ficarão satisfeitos ao encontrar detalhes secundários adicionados em notas no final do texto ou citados na margem, enquanto que no texto eles olham apenas para uma seleção de circunstâncias suficiente para dar-lhes uma concepção clara dos principais fatos e características*” (LOWE, 1812: 347, grifos meus).<sup>305</sup>

A caracterização de Lowe do historiador ideal reforça um parâmetro de escrita fundamentado tanto na habilidade de investigação e coleta de material autêntico, quanto em sua capacidade de selecioná-lo, arranjá-lo e sintetizá-lo em um conjunto narrativo

---

<sup>304</sup> No original: “Robertson wrote only for effect, and gave us sums without their items: the result was inaccurate indeed, but will always continue popular”.

<sup>305</sup> No original: “*We differ, however, from the prevailing taste, and are disposed to look with favourable prepossession on the writer who avoids painting, and brings truth and reality in the plainest garb before the eyes of his readers*”, “*from the pen of so diligent an investigator, we may safely rely on the fidelity of the enumerated particulars*”, “*If the extent of the historian's research ought to be such as to know no other limit than the range of authentic materials, the exposition of his stores to the public is to be guided by a very different rule*”, “*a writer to judge as well as to investigate for them; and they will be satisfied to find collateral details subjoined in the notes, or cited in the margin, while in the text they look only for such a selection of circumstances as may suffice to give them a clear conception of leading facts and characteristics*”.

linear. A *History of Brazil* apresentava-se como uma obra ilegível aos leitores pela sua narrativa não seletiva. Deve-se, contudo, colocar em questão a diferença de horizonte de perspectiva entre Southey e seus críticos tendo em vista que ele não parece ter considerado a *History of Brazil* como uma obra de divulgação da história brasileira.

Entre os anos de 1809 e 1813, Southey contribuiu para a *Edinburgh Annual Register* na escrita do se propunha ser os anais da história contemporânea da Europa.<sup>306</sup> Nessa época, recebeu censuras, muito parecidas com as inferidas sobre a *History of Brazil*, quanto à minúcia das informações e a conseqüente extensão do seu relato. No primeiro volume, relativo ao ano de 1808, escreveu aproximadamente 250 mil palavras, mas no segundo volume a quantidade de palavras praticamente triplicou. O próprio editor, John Ballantyne, tentou persuadi-lo a cortar algumas páginas, mas tendo falhado em sua missão, se viu obrigado a justificar por escrito aos assinantes do anuário esse incontornável impasse (SPECK, 2006: 142). Southey pensava que:

*À acusação de falta de condensação eu posso melhor responder: o [presente] número está sobre a mesma escala que o seu antecessor e seu tamanho é devido à maior quantidade de matéria que o ano oferecia. [...] Eu acredito que a censura implica um elogio ao trabalho, pois significa que as pessoas desejam ler o livro, mas ainda não querem dar tanto tempo a ele, como requer a sua extensão. Ora, os “Annual Registers” até o momento não foram lidos: eles são declaradamente antes obras para referência do que para a leitura e, portanto, quanto mais minuciosos forem, melhor responderão à finalidade para a qual foram concebidos. Se, portanto, aquele que lê o livro agora pensa que essa é uma tarefa que dura muito tempo, quem consultá-lo daqui a dez anos não estará disposto a censurá-lo em relação a isso (WARTER, 1856b: 250, grifos meus).*<sup>307</sup>

A escrita narrativa minuciosa – e volumosa – apresentava-se como uma característica da prosa histórica de Southey. Os críticos, ao apontarem isso como negativo normalmente argumentavam que o leitor comum preferiria uma história mais tutelada. De forma diversa, Southey justificava o objetivo de sua obra não de forma a servir de instrução para o grande público, mas para ser uma obra de referência para a posteridade. O *Edinburgh Annual Register*, assim como a *History of Brazil*, eram

---

<sup>306</sup> Southey utilizou de diversos materiais pesquisados para a escrita da parte histórica da *Edinburgh Annual Register* em sua *History of the Peninsular War* (SPECK, 2006: 153).

<sup>307</sup> Carta a Charles Wynn, Keswick, 4 de fevereiro de 1812. No original: “To the charge of want of compression I can better reply: the volume is upon the same scale as its predecessor, and its bulk is owing to the greater quantity of the matter which the year afforded. [...] I believe the censure is one which implies a compliment to the work; for it means that people wish to read the book, and yet do not wish to give so much time to it as the length requires. Now “Annual Registers” have hitherto not been read: they are professedly works rather for reference than for reading; and therefore the more minute they are, the better they answer the purpose for which they are designed. If, therefore, he who reads the book now thinks it too long, he who consults it ten years hence will not be disposed to censure it upon that score”.

“declaradamente antes obras para referência do que para a leitura”. A natureza de um anuário, assim como de uma história, acreditava Southey, pedia que o maior número de informação fosse reunido e se a crítica ao seu trabalho apontava que isso havia ocorrido, significava que o tinha realizado adequadamente.

A queixa sobre a extensão do *Edinburgh Annual Register* lhe foi apresentada “como sendo um mal grave”, mas, de maneira oposta, pensava que, além de tais críticas não o influenciarem em absolutamente nada, considerava-as injustas, pois “em uma história deste tipo, o trabalho do *analista* não é tanto considerar a *diversão* de sua própria época, mas a *informação* de quem está para vir depois dele” (KNIGHT, 1887: 143, grifos meus).<sup>308</sup> A história, em sua opinião, não era um passatempo, que deveria ser adaptada ao gosto do leitor, mas um gênero literário que requeria grande precisão e o maior levantamento documental possível. Southey não partilhava do entendimento que tinham alguns de seus leitores da história como uma composição panorâmica, que contribuía para o divertimento pessoal e que deveria ser narrada segundo a brevidade do gosto da época. O descompasso entre Southey e alguns leitores da sua prosa histórica residia no entendimento diverso do que seria um livro de história e seu público. Erravam em suas críticas ao imaginar que Southey escrevia para o público comum e que tinha como meta instruí-los e entretê-los. Southey estava seguro que essa não era a sua tarefa, não visava tornar a história brasileira uma moda, difundi-la entre os círculos letrados ingleses, mas *reunir* um conjunto sólido de material em uma *compilação* que pudesse lutar e vencer o tempo.

Se alguns leitores não apreciavam o que escrevia, ele, em seu turno, pensava que

Sou mais bem pago para o que vale menos, e se eu consultasse apenas o meu próprio interesse, não deveria deixar nada para a posteridade, mas empregar-me totalmente em escrever tais ensaios desconexos que aparecem dentro dos limites de uma resenha e, por isso, não invadem demais *o lazer de um leitor moderno* (KNIGHT, 1887: 143, grifos meus).<sup>309</sup>

---

<sup>308</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 28 de setembro de 1811. No original: “In a history of this kind it is the business of the *annalist* not so much to regard the *amusement* of his own age as the *information* of those who are to come after him”.

<sup>309</sup> Southey se refere aos ensaios que escrevia para a revista *Quarterly review*. Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 28 de setembro de 1811. No original: “I am best paid for what is worth least; and if I consulted merely my own interest, should leave nothing for posterity, but employ myself wholly in writing such desultory essays as come within the limits of a review, and therefore do not trespass too much upon the *leisure of a modern reader*”.

Em última instância, o tempo que os leitores oitocentistas estavam dispostos a empregar na leitura de histórias era incompatível com o tempo requisitado por um livro que buscava constituir-se como referência ao invés de entreter. A apreciação do leitor moderno, nesse sentido, não pareceria ter grande impacto na perspectiva de escrita adotada por Southey.

Heber intuía a proposta de Southey, quando escreveu a sua resenha do segundo volume da *History of Brazil*:

Mas, ainda que nós mesmos tenhamos nos esquivado da tarefa de detalhar esta longa guerra de mensagens e pequenas batalhas, nós não estamos de forma alguma dispostos a lamentar que o Sr. Southey as tenha detalhado, mesmo levando em consideração a extensão que isso tenha sido feito, proporcional ao seu amor para com os portugueses e seu respeito pela sua bravura. *É certo que detalhes, que se relacionam com as primeiras sortes de um império tão grande como o Brasil, devam um dia aparecer, que devam ser resgatados dos analistas obscuros e manuscritos obscuros em que foram previamente enterrados. É certo que a América do Sul deve ter tido seu Dionísio de Halicarnasso, antes que o lapso dos anos tenha destruído os seus monumentos antigos e o instruído tenha sido rebaixado a preencher seus períodos mais remotos com conjecturas ou invenções.* Quando o tempo tiver transmitido às margens do Plata e Orellana uma fé pura e um sistema mais eficiente de educação, quando a liberdade e a educação florescerem no Brasil, essas páginas do Sr. Southey talvez guarneçam os seus guerreiros e estadistas com precedentes nacionais de bravura e patriotismo, com razões para um orgulho ingênuo e com marcos contra os erros que escravizaram seus antepassados ilustres. *Nestes detalhes o Sr. Southey talvez não tenha escrito para a popularidade ou interesse dos dias de hoje, mas ele não escreveu em vão.* Ele “lançou a sua semente sobre as águas” e depois de muitos dias passados, a sua colheita de renome irá surgir, crescer verde e amadurecer (HEBER, 1818: 104-105, grifos meus).<sup>310</sup>

As obras historiográficas de Southey, inclusive a *History of Brazil*, eram entendidas como um legado para as futuras gerações, escrito com cuidadosa minúcia de modo a não deixar que nada de importante escapasse e acabasse se perdendo com o

---

<sup>310</sup> No original: “But, though we ourselves have shrunk from the task of detailing this long war of posts and skirmishes, we are by no means disposed to regret that Mr. Southey has detailed it even at the length to which his love for the Portuguese and his respect for valour have carried him. It is well that details, which relate to the early fortunes of an empire so considerable as Brazil must one day become, should be rescued from the obscure annalists and obscurer manuscripts in which they were previously buried. It is well that South America should have had its Dionysius of Halicarnassus, before the lapse of years had destroyed its ancient monuments, and the learned had been reduced to fill up its earlier periods with conjectures or inventions. When time shall have conveyed to the shores of the Plata and the Orellana a purer faith and a more efficient system of education; when liberty and learning shall flourish in Brazil; these pages of Mr. Southey may furnish their warriors and statesmen with national precedents of valour and patriotism, with reasons for an ingenuous pride, and with landmarks against those errors which enslaved their illustrious ancestors. In these details Mr. Southey may not have written for present popularity or present interest, but he has not written in vain. He has ‘cast his seed on the waters,’ and after many days are come and gone, his harvest of renown will spring up, and grow green, and ripen”.

passar do tempo. Para tal tarefa era mais importante *reunir* do que *reviver* o passado. Assim explicava Southey nas últimas linhas da *History of Brazil*:

*Com que cuidado foi composta a obra, e com quão longa e diligente pesquisa de materiais, facilmente o perceberão os leitores inteligentes: o mais censório dentre eles não será mais rigoroso para com os inevitáveis defeitos deste trabalho, do que o sou eu mesmo. Mas se o valor de uma obra histórica está na proporção da massa dos fatos que ela incorporou, da fidelidade com que são relatados, e da adição que dali resulta para a soma de conhecimentos gerais, posso afirmar a respeito desta história, imperfeita como é, que a tais respeito não tem ela sido muitas vezes igualada, nem facilmente será excedida. Popular não pode ela ser no país em que a escrevo, tão remoto o assunto e tão extensa a obra; mas leitores competentes sei que há de encontrá-los, e ao mundo a entrego com indiferença quanto ao seu acolhimento imediato, e inteira confiança na aprovação dos homens para quem a escrevi, e dos séculos, a que a lego (SOUTHEY, 1862: 539-540, grifos meus).*<sup>311</sup>

A *History of Brazil* foi pensada para ser um monumento escrito para o qual as gerações futuras pudessem olhar e guardar os acontecimentos pretéritos. Esse monumento deveria ser construído não com o auxílio da interpretação e seleção dos fatos ocorridos, mas pela *compilação* das fontes. História, para Southey, era quase sinônimo de anais na medida em que buscava ser o relato preciso dos acontecimentos e não interpretação da própria história, no sentido de identificar seu fio condutor. Descrevia sintomaticamente o seu trabalho de compor a *History of Brazil* como o de um escritor de anais, um “annalist”, julgava que essa obra “à qual *muito trabalho assim como escrupulosa pesquisa* tem sido aplicados, como jamais foi ou será dado quando se trata de *compilação histórica*” (HOLLAND; EVERETT, 1855: 334, grifo meu).<sup>312</sup> Em 1819, quando saiu o último volume da *History of Brazil*, Southey escrevia que estava próximo “do fim do trabalho mais longo e mais árduo” de toda a sua vida e para o qual havia dedicado dez longos anos. Naquele momento, acreditava que “nenhuma história

---

<sup>311</sup> No original: How *carefully it has been composed, and with what long and diligent research*, the judicious reader may perceive: the most censorious one will not be so sensible of its inevitable imperfections as I myself. *But if the value of an historical work be in proportion to the store of facts which it has first embodied, to the fidelity with which they are recorded, and to the addition which thereby is made to the stores of general knowledge*, then may I affirm of the present History, imperfect as it is, that in these respects it has not often been equalled, and will not easily be surpassed. *Popular it cannot be, because of the remoteness of the subject, and the extent of the work*; fit audience however I know that it will find; and I deliver it to the world with *proper indifference as to its immediate reception, in full reliance upon the approbation of those persons for whom it has been written, and of those ages to which it is bequeathed* (SOUTHEY, 1819: 879, grifos meus).

<sup>312</sup> Carta a James Montgomery, Keswick, 26 de março de 1812. No original: “upon which *as much labour and scrupulous research* has been bestowed as ever was or will be given to *historical compilation*”.



jamais foi antes *compilada*, com tal diligência infatigável, a partir de documentos dispersos” (KNIGHT, 1887: 186, grifo meu).<sup>313</sup>

A *reunião* da documentação, a solidez de sua história do ponto de vista da pesquisa documental, era o que sustentaria a *History of Brazil* durante os séculos e não, como sustenta Dias, uma visão empática-romântica do passado que objetivava revivê-lo. Em uma de suas cartas, Southey reconhecia que “para mim, a melhor escultura em comparação com uma pintura parece ser uma fria abstração”:

Mas, por outro lado, há uma durabilidade no mármore que afeta minha mente de uma maneira muito forte [...] e neste mundo de *decadência e mudança* é consolador contemplar qualquer coisa sobre a qual o tempo não tem nenhum poder. *Portanto, se, como Canova, eu pudesse ter escolhido entre as duas artes, eu teria, como ele, confiado a minha fama ao mármore ao invés da tela* (KNIGHT: 1887: 207, grifos meus).<sup>314</sup>

Southey escolheu a dureza e longevidade do mármore, ao invés da impermanência da pintura e de suas tintas. A *History of Brazil* não deve ser entendida como uma obra de pintura sobre tela, mas como uma obra em mármore, que deve sua durabilidade à pesquisa documental. Southey certamente pensava nesses termos quando iniciava as pesquisas sobre a história do império português, que teve como única publicação a *History of Brazil*. Utilizava da mesma metáfora para se referir ao levantamento documental que realizava em Lisboa: “agora eu só empilho mármore: o edifício deve ser construído na Inglaterra, mas devo voltar novamente para a pedreira”. O futuro leitor dessa história “vai encontrar meu estilo simples e curto e de significado condensado, – simples como um edifício dórico, e, espero, de durabilidade eterna” (SOUTHEY, 1850a: 133).<sup>315</sup> A aceleração do tempo histórico sentida por meio da voracidade do tempo, era respondida por Southey em termos de monumentalização do passado.

---

<sup>313</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 8 de fevereiro de 1819. No original: “of a long and most arduous labour” [...] “I believe no History was ever before *compiled* with such unwearable diligence from scattered documents”.

<sup>314</sup> Carta a Sir George Beaumont, Keswick, 8 de outubro de 1822. No original: “To me the finest sculpture compared with a picture seems like a cold abstraction” [...] But on the other hand there is a durability in marble which affects my mind very strongly [...] and in this world of *decay and change* it is consolatory to contemplate anything over which time has no power. *Therefore if, like Canova, I could have chosen between the two arts, I should, like him, have trusted my fame to marble rather than to canvas*”.

<sup>315</sup> Carta a Charles Wynn, Lisboa, 21 de fevereiro de 1801. No original: “Now I only heap marble: the edifice must be erected in England; but I must return again to the quarry” [...] “You will find my style plain and short, and of condensed meaning, – plain as a Doric building, and, I trust, of eternal durability”. Os editores da *Collect Letters* indicam que Southey estaria se referindo à inacabada *History of Portugal*.

As resenhas publicadas sobre a *History of Brazil* são um indício de como os leitores liam e viam essa obra dentro do cenário historiográfico britânico e o que eles buscavam encontrar ao ler história.<sup>316</sup> Mesmo considerando que as observações dos resenhistas certamente estão fundamentadas em um horizonte pré-construído, onde certas nomenclaturas são utilizadas, algumas vezes, como indicativo de uma valoração positiva ou negativa, isso não as desvalida como análise efetiva da obra de Southey. Muitas das resenhas, inclusive, utilizam os mesmos termos na avaliação da *History of Brazil*, como, por exemplo, “volumoso” (*bulky*) para salientar o tamanho da obra ou “inusualidade” (*quaintness*) ou “inusual” (*quaint*) para indicar o estilo de escrita de Southey. Contudo, são fortes os indícios de que uma parte significativa dos leitores de história desejavam informações diferentes ou menos prolixidade sobre o Brasil do que Southey apresentou. O descompasso entre a expectativa e a experiência de leitura de Southey e alguns de seus leitores não estava relacionado apenas ao seu estilo de escrita – minucioso e enfadonho – e à abrangência do relato, mas também pode ser interpretado como um sintoma de uma divergência teórica mais profunda relacionada ao papel social da história. Enquanto os leitores trabalhavam com um horizonte típico do século XVIII, em que termos como ensinar e entreter eram constantemente invocados para legitimar a importância social das obras de história, Southey avaliava a história em termos enciclopédicos e monumentais, como uma obra de referência. Em que medida Southey estaria em descompasso com seu tempo por um atraso – escrevendo como um cronista – ou por antecipação – privilegiando a pesquisa documental – não nos cabe dizer. Não obstante, Southey parece ter acertado ao pensar que a *History of Brazil* era um “trabalho sobre a qual minha reputação pode descansar com segurança” (WARTER, 1856c: 132).<sup>317</sup>

---

<sup>316</sup> É digno de nota que é incomum uma história do Brasil, nessa época, receber tantas resenhas, fato talvez explicado pela centralidade de Southey no cenário literário britânico. Diferente da *History of Brazil* de Southey, a de Grant e Henderson não obtiveram resenhas, apenas anúncios de lançamento em periódicos. Cf. LIMA, 2012: 147. Pudemos verificar, contudo, que o livro de Grant foi resenhado no *Monthly Review*, vol. 64, de 1811.

<sup>317</sup> Carta a Longman and Co., 07 de maio de 1819. No original: “work upon which my reputation may safely rest”.

### CAPÍTULO 3

#### ENTRE SELVAGENS E SUPERSTICIOSOS: A TEORIA DOS ESTÁGIOS CIVILIZACIONAIS COMO CONTEXTO DA *HISTORY OF BRAZIL*

[O último volume da *História do Brasil*] contém muito assunto curioso, contendo *estágios da sociedade* que até agora tinham obtido pouca atenção, *mas que são eles importantes no nosso conhecimento da história do homem e da sociedade* (WARTER, 1856c: 110).<sup>318</sup>

Em 1822, no *Quarterly Review*, Southey noticiava com grande alegria o lançamento da tradução inglesa intitulada *An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay*, do seu admirado jesuíta Martin Dobrizhoffer (1717-1791). A tradução do latim, realizada por Sara Coleridge (1802-1852) – filha de Samuel Coleridge –, contou com seu incentivo direto (LOW, 2006: 107). Esse livro não apenas abordava “a história dos [...] costumes e aventuras” da tribo indígena dos abipones, mas era considerado por Southey “de quantos livros sobre a vida selvagem o mais curioso e em todos os aspectos o mais interessante” (SOUTHEY, 1868e: 507).<sup>319</sup> Avaliava o livro dessa forma, pois:

*Não há partes da história mais interessante do que aquelas que se relacionam com as transições de um estágio de sociedade para outro.* Quando as nações desenvolvem-se progressivamente, cada passo do progresso tem alguma vantagem – algumas virtudes peculiares a isso; algo que, ao mesmo tempo em que nos deleita, excita algo como o remorso que isso tenha ocorrido [...] Mas, nessa parte da América do Sul que estamos agora a tratar [i.e., o Chaco], as transições não foram para o melhor: *entre os índios, a mudança foi de um modo de vida selvagem para outro; entre os espanhóis, de um arrojado e aventureiro para uma brutalidade estagnada* (SOUTHEY, 1822: 292, grifos meus).<sup>320</sup>

Aproveitando-se do tom apocalíptico constantemente reivindicado quando travava da história sul-americana, Southey abordava o progresso das sociedades referendando que o movimento ideal da história dava-se por estágios – excluindo

<sup>318</sup> Carta a Walter Savage Landor, Keswick, 3 de janeiro de 1819. No original: “contains much curious matter, containing *stages of society* which have hitherto obtained little notice, *but are important links in our knowledge of the history of man and of society*”.

<sup>319</sup> No original: “the history of [...] manners and fortunes” [...] “of all books relating to savage life the most curious, and in every respect the most interesting” (SOUTHEY, 1819: 397).

<sup>320</sup> No original: “*There are no parts of history more interesting than those which relate to the transitions from one stage of society to another.* When nations are progressive, every step of the progress has some advantages – some virtues peculiar to itself; something which, while it delights us, excites something like regret that it should have passed away. [...] But in that part of South America of which we are now treating, the transitions were not for the better: *among the Indians, the change was from one mode of savage life to another; among the Spaniards, from a bold and adventurous to a stagnant brutality*”.

possíveis benesses nas revoluções –, que gradualmente iriam substituindo rudes hábitos em prol de refinadas maneiras. Porém, a experiência colonizadora no Chaco demonstrava que, mesmo após séculos, os indígenas mantinham-se na mesma situação, exceto talvez por algumas mudanças, que pouco contribuíram para a sua civilização. Igualmente o destino do colonizador não parecia muito profícuo tendo em vista a degeneração de suas virtudes que o haviam colocado no privilegiado papel de civilizador. Southey tinha um interesse profundo na missão civilizacional para um mundo não civilizado e a tudo que dizia respeito à carência de civilização encontrada em alguns povos (CRAIG, 2007). Essa fascinação, contudo, não desembocou em uma compreensão idealizada do selvagem enquanto fruto de um estágio social livre de vícios. Julgava que “nem por um momento me iludi: nem mesmo na presunção da juventude, quando pela primeira vez eu li Rousseau” (SOUTHEY, 1829a: 45).<sup>321</sup> No decorrer do século XVIII, as noções de selvageria ajudaram a construir a crítica à sociedade contemporânea através da ideia do bom selvagem. Contudo, a vulgarização dos relatos e artefatos sobre o nativo americano e seu comportamento, principalmente no que se refere ao canibalismo, estimularam a emergência de uma nova teoria do desenvolvimento da sociedade através da ideia do ignóbil selvagem (MEEK, 2010: 3).

A teoria dos estágios civilizacionais difundiu um padrão de desenvolvimento da história do homem que permitia ao historiador delimitar o estágio em que certa sociedade se encontrava por meio da descoberta de seu modo de subsistência, que mudava de acordo com o crescimento populacional e o esgotamento dos recursos naturais. Criou-se, assim, uma teoria do progresso social em que a caça e a coleta de vegetais foram substituídas pelo pastoreio, que, por sua vez, foi sucedido pela agricultura. O último estágio foi definido como o comercial, em que o progresso da opulência trouxe consigo o refinamento das maneiras e uma sociedade civilizada. Esse plano explicativo, resultado de um grande interesse pela sociedade e pela etnografia, foi concebido como uma tentativa de elucidar a questão de como algumas sociedades tinham atingido a civilização, enquanto outras definhavam na barbárie ou mesmo na selvageria (CRAIG, 2007: 142-143).

Para Southey, os indígenas haviam degenerado, pois “o pecado os fez originalmente cair ao estado bravio (*savage state*)” (SOUTHEY 1862e: 504, grifos

---

<sup>321</sup> No original: “never for a moment deluded me: not even in the presumptuousness of youth, when first I perused Rousseau”.

meus).<sup>322</sup> A degeneração dos indígenas se mostrava verdadeira quando contemplava os diversos povos não europeus que viviam ao longo do Globo Terrestre. De fato, os habitantes do Taiti, por exemplo,<sup>323</sup> praticavam o infanticídio e o canibalismo, estando, lamentavelmente, enganado quem quer que os tenha apresentado como exemplos de inocência selvagem. Assumir que o estado selvagem era o estado de natureza era um “absurdo completamente nu”, pois o homem selvagem era um “animal degenerado”.<sup>324</sup> O mesmo poderia ser comprovado através da análise dos costumes dos indígenas brasileiros, os quais são apresentados na *History of Brazil* como dotados “de instintos tão cruéis quanto os daqueles europeus envolvidos na descoberta e ocupação dos territórios do Novo Mundo” (LIMA, 2012: 124). Os relatos da vida selvagem na América e na Polinésia não ofereciam uma visão do que seria a humanidade antes da corrupção, mas são eles mesmos exemplos de outras formas de corrupção, ficando claro para Southey que, “no princípio, o mundo todo não era como a América” (CRAIG, 2007: 142-143).<sup>325</sup>

A degeneração, na perspectiva de Southey, não era inata ao temperamento do nativo americano, não era um fenômeno relacionado a “qualquer inferioridade genérica”, mas “deve ser explicada por circunstâncias locais” (SOUTHEY, 1862d: 54).<sup>326</sup> Essas circunstâncias locais foram minuciosamente descritas por Southey e mescladas ao horizonte interpretativo fornecido pela teoria dos estágios das sociedades de modo a permitir a delimitação e explicação do estágio da sociedade, seja nativa, miscigenada ou europeia, que vivia no Brasil, no Rio da Prata e parte do Paraguai. Nesse horizonte de delimitação das sociedades em bárbaras, selvagens ou civilizadas, a *History of America* (1777), escrita por William Robertson, foi decisiva para a construção dos povos indígenas americanos como vivendo em um estado selvagem (POCOCK, 2005: 186). A abordagem sociológica e etnográfica, baseada na descrição

---

<sup>322</sup> No original: “through *sin* they have originally lapsed into the *savage state*” (SOUTHEY, 1819: 394, grifos meus)

<sup>323</sup> Para um estudo aprofundado sobre a visão de Southey sobre o Taiti e da mudança na caracterização dessa colônia de Éden para um lugar vicioso, ver BOLTON, 2007: 113-165.

<sup>324</sup> Carta a John Rickman, 15 de janeiro de 1806.

No original: “stark naked nonsense” [...] “degenerated animal”. Disponível em: [http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEed.26.1147.html](http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEed.26.1147.html). Acesso em: 19 fev. 2015.

<sup>325</sup> A assertiva que “in the beginning all the World was America” foi escrita por John Locke no seu *Two Treatises of Government* (1689). Cf.: MEEK, 2010: 3. No original: “It followed that in the beginning all the world was not America”.

<sup>326</sup> No original: any generic inferiority” [...] “must be accounted for by local circumstances” (SOUTHEY, 1817a: 372).

do modo de subsistência e de como esse afetava os costumes e maneiras dos povos, passou a ser prescritiva para explicar o estado da população não apenas da Europa, mas também do Novo Mundo. Southey continuou explorando as maneiras e os costumes dos selvagens, realizando um significativo alargamento dos tópicos e esmiuçando as peculiaridades de diversas tribos sem, contudo, deixar de apontar seus modos de subsistência, que se desenvolviam de acordo com estágios previstos.

Robertson dedicou-se a escrita da história do Novo Mundo que havia sido colonizada pelos espanhóis e pelos britânicos (Estados Unidos), mas dentro dessa grande América ainda faltava ser contada a “história” dos selvagens brasileiros descobertos com a colonização portuguesa. Tal tarefa foi assumida por Southey, que reconhecia a diversidade dos estágios civilizacionais que existiam sincronicamente em solo brasileiro. Se, por um lado, os indígenas viviam de acordo com um estado selvagem, Southey não via nos bárbaros colonizadores portugueses uma melhor sorte já que estes ainda figuravam no estado de barbarismo, em certo sentido, associado à religião católica. Apesar das reticências que Southey mantinha em relação à história filosófica, enquanto uma narrativa baseada em princípios pré-estabelecidos que servissem para demonstrar uma hipótese, não deixou de se beneficiar de seus frutos. A teoria dos quatro estágios civilizacionais foi um dos produtos gerados a partir da tomada de consciência de que existiria um processo histórico global com regularidades. Esse esquema interpretativo sofreu lances que mudaram alguns de seus componentes, isso significa dizer que a teoria dos estágios civilizacionais à disposição de Southey não era a mesma empregada por Robertson. Porém é possível perceber que esse era um horizonte importante na medida em que existem trechos em que Southey usa claramente o vocabulário dos modos de subsistência como é o caso da narração de uma expedição pelo rio Pilcomayo. Após verificarem que não existia profundidade suficiente para continuar a navegação:

Patino e Niebla, portanto, procederam com parte dos companheiros nos barcos; e, de acordo com seus cálculos, subiram mais de mil quilômetros adiante *até que chegaram a uma tribo avançada consideravelmente em relação ao estado selvagem. Eles eram agricultores; eles criavam ovelhas e faziam um bom pano de lã e eles tinham cavalos em grande número* (SOUTHEY, 1819: 197, grifos meus).<sup>327</sup>

---

<sup>327</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “Patino and Niebla therefore proceeded with part of the company in the boats; and according to their computation, ascended more than a thousand miles further, *till they came to a tribe considerably advanced beyond the savage state. They were*

São inúmeros os exemplos nesse sentido, como a afirmação de que sete freguesias próximas ao rio Quecuéné eram “habitadas pela maior parte ou exclusivamente por índios *no primeiro degrau da civilização (first stage of civilization)*” (SOUTHEY, 1862f: 340, grifos meus)<sup>328</sup> ou que os papanazes, agacês e yapirues eram tribos de “caçadores e pescadores” (*hunters and fishers*) (SOUTHEY, 1810: 39, 67, 123).

A classificação de uma sociedade exigia, antes de tudo, a identificação de seu modo de subsistência, porém, para Southey, era igualmente importante entender os matizes dentro de cada estágio, fazendo com que o mapeamento dos sinais civilizacionais – que passavam pelas vestimentas, pelos hábitos alimentares, pela religião, pelas relações sociais, pela língua, entre tantas outras coisas – tivessem grande relevo na *History of Brazil*. Esses sinais diriam não apenas sobre o progresso econômico e social dessas sociedades, mas também do seu progresso moral. No século XVII, por exemplo, a tribo mais rude entre os índios da etnia guarani era a cayagua, sendo possível verificar “alguns vestígios de um estado melhor, de que haviam decaído” já que “preparavam uma boa bebida de mel, e de ortigas faziam as mulheres um fio, de que para si trançavam vestidos” (SOUTHEY, 1862d: 55-56).<sup>329</sup> Os vestígios que remetiam a práticas civilizadas englobavam a manutenção de uma bebida de gosto refinado, que não era produzida, aparentemente, para rituais que incentivavam o consumo excessivo de álcool, e a manufatura de seus ornamentos, além de não andarem nus, já haviam consolidado a arte do tecer e do fiar.

A proposta deste capítulo é analisar, de maneira detalhada, como a articulação da linguagem do desenvolvimento social do homem na Terra, por meio da teoria dos quatro estágios, serviu de pano de fundo, na *History of Brazil*, para o exame das populações que viviam no Brasil, rio da Prata e Paraguai. Além disso, busco verificar a importância atribuída por Southey aos jesuítas nesse processo de civilização do indígena, ou seja, em que medida homens, em sua opinião, representantes de uma religião fanática e supersticiosa contribuíram para o abandono do modo de vida

---

*agriculturists; they reared sheep and made a good cloth of the wool, and they had horses in great numbers*”.

<sup>328</sup> No original: “inhabited chiefly or wholly by *Indians in the first stage of civilization*” (SOUTHEY, 1819: 716, grifos meus).

<sup>329</sup> No original: “some traces of a better state from which they had fallen” [...] “They prepared a good beverage from honey, and the women made a thread from nettles, with which they netted clothing for themselves” (SOUTHEY, 1817a: 373-374).

selvagem. O selvagem, a seu ver, se deixado ao seu próprio cuidado corria o risco de extinção, principalmente porque muitos casais de indígenas tinham apenas um filho, havia grande demanda de sua mão de obra na demarcação das fronteiras e eram tratados com muita precariedade nas expedições para as quais eram recrutados. Com isso, enquanto os colonizadores portugueses se multiplicavam, os indígenas definhavam, “pois que é a vida selvagem sempre desfavorável à população” (SOUTHEY, 1862e: 491).<sup>330</sup>

Os lênguas, por exemplo, eram um dos povos que mantinham o costume, bastante difundido, de criar apenas um filho, e, em 1794, restavam em apenas 14 homens e 8 mulheres, que foram viver junto com os espanhóis ou em outras tribos. Essa prática, portanto, significou a extinção desse povo: “*Tal é a sorte dos selvagens: [...] os que rejeitam a civilização quando posta ao seu alcance, se escapam a outros agentes de destruição, perecem pelos artifícios de seus próprios corações, a que abandonam*” (SOUTHEY 1862e: 504, grifos meus).<sup>331</sup> Se, por um lado, os próprios indígenas, de forma geral, não estimulavam o crescimento populacional, indispensável para a passagem a um estágio civilizacional mais avançado, por outro, o clima também parecia não contribuir para que isso acontecesse sem intermediários. Pensando na história da sociedade europeia, era comum chegar-se a conclusão de que o estágio caçador-coletor era efêmero já que para mantê-lo indefinidamente era necessário um local sempre fértil e com inverno não rigoroso (MEEK, 2010: 182). Não era incomum nos relatos, principalmente sobre o Brasil, a avaliação da extrema fertilidade do solo e do calor constante. O clima tropical, portanto, poderia contribuir para a permanência infinita das tribos sul-americanas no estágio caçador-coletor tendo em vista a sua ótima condição climática e, ainda por cima, poderia transformar o civilizado europeu em selvagem por causa, inclusive, dessa facilidade germinativa, que relaxava a moral e o espírito empreendedor. Dessa forma, na visão de Southey, a melhor tutela que os indígenas poderiam ter para conseguir ultrapassar essa inércia era a dos jesuítas, pois:

Nenhuma habilitação para o seu ofício faltava a estes missionários. Eram tão zelosos da salvação das almas; tinham-se desprendido de todos os laços que nos ligam à vida, e assim não só não temiam o martírio como antes o ambicionavam. Acreditavam do íntimo da alma na verdade do que pregavam, e estavam eles mesmos convencidos de

---

<sup>330</sup> No original: “for savage life is always unfavourable to population” (SOUTHEY, 1819: 384).

<sup>331</sup> No original: “*Thus it is with savages;.. [...] and they who reject civilization when it is placed within their reach, if they escape from other agents of destruction, perish by the devices of their own hearts, to which they are abandoned*” (SOUTHEY, 1819: 394, grifos meus).



que aspergindo um selvagem moribundo, e repetindo sobre ele uma fórmula de palavras, que lhe eram ininteligíveis, o remiam-no de tormentos eternos, a que de outra sorte estava inevitavelmente, e, segundo as noções que tinham da justiça divina, merecidamente condenado (SOUTHEY, 1862a: 355).<sup>332</sup>

O missionário é totalmente preparado e apto para o ato humanitário de civilização do indígena, ao contrário do conquistador ibérico, principalmente o espanhol, que aparece na *History of Brazil* como despreparado para civilizar na medida em que encara a descoberta de novos territórios como exclusiva possibilidade de enriquecimento. Existia uma tendência dentro da historiografia europeia de agrupar as práticas colonizadoras adotadas por Portugal e pela Espanha como obscurantistas e atrasadas.<sup>333</sup> A categoria Lenda Negra, sistematizada por Julián Juderías, em 1912, surgiu como reação à caracterização realizada por outros povos europeus, principalmente protestantes, da Espanha como um país atrasado, repleto de ignorância, superstição e fanatismo religioso e incapaz de tornar-se moderno (GREER; MIGNOLO; QUILLIGAN, 2007: 1). Muito desse estado, argumentava-se, era devedor da falta de pureza dos espanhóis e portugueses, que tiveram seu sangue misturado com o dos mouros – árabes e inferiores –, que produziu um caráter nacional europeu de segunda classe. Esses preconceitos foram resumidos no difundido aforismo “a África começa nos Pirineus” (GREER; MIGNOLO; QUILLIGAN, 2007: 7-8). Existiam duas instâncias básicas articuladas dentro da Lenda Negra, uma que dizia respeito ao problema da integração da Espanha dentro da Europa e outra que dizia respeito à valorização do regime colonial espanhol (CÁRCEL, 1989: 4). Ainda que o termo Lenda Negra tenha sido formulado em relação ao caso espanhol, o conjunto de práticas que ele abarca pode ser entendido como ligado à Península Ibérica. Além disso, diversas histórias de Portugal, publicadas ao longo do século XVIII e XIX, consistiam, na verdade, em histórias conjuntas de Portugal e da Espanha (MACEDO, 1973), auxiliando na construção de uma identidade comum entre os dois países. Como Southey já indicava: “até o tempo do Conde Henrique, tudo o que diz respeito à Espanha refere igualmente a Portugal; e, de fato, a descrição de um povo precisa de pouca alteração

---

<sup>332</sup> No original: “were every way qualified for their office. They were zealous for the salvation of souls; they had disengaged themselves from all the ties which attach us to life, and were therefore not merely fearless of martyrdom, but ambitious of it; they believed the idolatry which they taught, and were themselves persuaded that by sprinkling a dying Savage, and repeating over him a form of words which he did not understand, they redeemed him from everlasting torments, to which he was otherwise inevitably, and according to their notions of Divine justice, justly destined” (SOUTHEY, 1810: 252-253).

<sup>333</sup> Sobre a época em que a decadência de Portugal teria iniciado, suas manifestações, causas e consequências, ver MATOS, 1998.

para parecer-se com a do outro” (WARTER, 1856a: 132-135).<sup>334</sup> Esse intrincado inter-relacionamento, algumas vezes efetivo no plano administrativo, foi estendido às práticas coloniais dos dois países nas Américas, cristalizadas como uma “colonização de exploração”.

Além de delimitar o estado do indígena como selvagem, a *History of America*, de Robertson, é também a história do fracasso espanhol em concretizar a fase de melhoria social inaugurada pelas Descobertas no Novo Mundo. Ao invés de criar condições para que suas colônias avançassem para um novo estágio civilizacional, argumentava Robertson, a Espanha instaurou um sistema econômico e uma hierarquia social que se assemelhavam ao feudalismo. Os primeiros conquistadores e colonos deixaram-se seduzir pela riqueza fácil e concentraram, erroneamente, seus esforços na mineração. Dessa forma, a empreitada civilizatória, mais produtiva e relacionada à melhoria da agricultura e do comércio, ficou em segundo plano. Robertson não tinha dúvidas de que a experiência colonial espanhola era, em longo prazo, desvantajosa para ambos os lados, pois o enriquecimento rápido e fácil tornava o espanhol preguiçoso e incapaz de explorar o mercado colonial, e as colônias sofriam com a falta de desenvolvimento econômico e social (O'BRIEN, 2005: 155-156). Robertson acreditava que os espanhóis estavam apenas interessados no estabelecimento de colônias para a extração de ouro e prata, sendo o desenvolvimento do comércio e da agricultura totalmente secundário. Essas práticas levaram à criação de sistemas de governo baseados na escravidão e na superstição ao invés das mais sadias tolerância e liberdade civil. Em outras palavras, para Robertson, o império espanhol tinha sido fundado na ilusão mercantilista de que o ouro era a verdadeira riqueza, uma ilusão que ao mesmo tempo incentivou a exploração e resultou em desumanidades terríveis (PHILLIPSON, 2008: 62-63).

Essa tradição interpretativa do legado ibérico certamente mesclou-se a experiência – nem sempre positiva – de Southey sobre esse território e corroborava para a sua avaliação negativa de suas práticas coloniais, a ponto de afirmar que os romanos teriam realizado com facilidade a tarefa de civilizar a tribo guaicuru, o que se mostrava impossível aos espanhóis. Os guaicurus aprendiam rápido o comércio e dedicavam a essa atividade o mesmo prazer que à guerra (SOUTHEY, 1810: 125). Os nativos não

---

<sup>334</sup> Carta a John May, Lisboa, 16 de dezembro de 1800. No original: “till Count Henrique's time, all that regards Spain equally regards Portugal; and, indeed, a description of one people now needs little alteration to resemble the other”.

foram rapidamente civilizados pela incapacidade do espanhol nesse processo. Os espanhóis são retratados por Southey como conquistadores e não como civilizadores. Parecia indiscutível, para Southey, que os espanhóis haviam degenerado no Novo Mundo. Caso exemplar era o dos que viviam nas estâncias no Paraguai e no rio da Prata, que abandonando os hábitos civilizados, chegaram a um estado digno de ser chamado de selvagem. A seu ver, o temperamento (*character*) espanhol formado no século XVI, “prudente no conselho, vigoroso na ação, frio, expedito, resoluto, inflexível”, já encontrava poucos representantes em finais do século XVIII (SOUTHEY: 1862f: 257).<sup>335</sup> Enquanto a intrepidez e valentia portuguesa eram mantidas pelos paulistas, Southey considerava a solitária figura de D. Pedro Zeballos como um dos poucos representantes do “espanhol da tempera antiga, sagaz, valente, resoluto, ambicioso, desapiedado, não cuidadoso dos meios por que conseguiria os seus fins” (SOUTHEY, 1862f: 75).<sup>336</sup> Os ibéricos tinham qualidades muito parecidas quando iniciaram a colonização do Novo Mundo, contudo, com o passar dos séculos, o espanhol tinha degenerado e o português, de forma inversa, tinha conseguido manter sua iniciativa (*enterprize*) e valentia através da mistura com o nativo americano. O paulista é o descendente e herdeiro direto do que havia de melhor no caráter português.

#### **A TEORIA DOS ESTÁGIOS CIVILIZACIONAIS E A *HISTORY OF AMERICA* DE WILLIAM ROBERTSON**

Os bretões não eram selvagens, quando os romanos os invadiram e os melhoraram. Eles já estavam muito avançados no estágio bárbaro da sociedade, usando metais, gado doméstico, transporte com rodas e dinheiro; um governo estabelecido e sacerdócio regular, estavam conectados com os seus companheiros druidas no continente e não eram ignorantes das letras (SOUTHEY, 1829a: 46).<sup>337</sup>

---

<sup>335</sup> No original: “continued for two centuries to explore the country; months and years would these persevering adventurers continue among the woods and mountains, hunting slaves, or seeking for gold and jewels after the reports of the natives; [...] for the House of Braganza, the richest mines, and largest portion of South America, the finest region of the whole habitable earth” [...] “wise in council, vigorous in action, cool, prompt, decisive, and inflexible” (SOUTHEY, 1819: 650-651, grifos meus).

<sup>336</sup> No original: “Spaniard of the old stamp, sagacious, brave, resolute, ambitious, unmerciful, and careless by what means he brought about his ends” (SOUTHEY, 1819: 504).

<sup>337</sup> No original: “The Britons were not savages when the Romans invaded and improved them. They were already far advanced in the barbarous stage of society, having the use of metals, domestic cattle, wheeled carriages, and money, a settled government, and regular priesthood, who were connected with their fellow Druids on the continent, and who were not ignorant of letters”.

Em sintonia com o revisionismo em relação ao Romantismo, encontra-se também a reformulação da relação existente entre os literatos do início do século XIX, os ditos românticos, e seus antecessores imediatos. Os escritores de início do século XIX certamente não realizaram um movimento conscientemente oposto às formas de expressão da Ilustração (BROWN, 2010: 35). A comparação dicotômica entre Romantismo e Ilustração – ou Iluminismo – levou ao entendimento do Romantismo como um novo espírito de época, fundamentalmente reacionário, que surgia como resposta à excessiva racionalidade ilustrada. Esse entendimento de saturação epistêmica pautou grande parte das discussões sobre o Romantismo, que focaram principalmente em argumentos psicológicos, do gênio e da imaginação, que seriam mais importantes para o entendimento de uma época classicamente aclamada como a era do lirismo e da criatividade autoral (SISKIN, 2012: 101; 114).

Conquanto, não parece ter existido uma ruptura completa entre as questões, debates e interpretações forjadas, principalmente, na segunda metade do século XVIII e o que foi escrito nas primeiras décadas do século seguinte (BROWN, 2010: 35-37). Como fica claro a partir de uma análise da *History of Brazil*, existiam elementos importantes de continuidade entre Southey e Robertson no que dizia respeito à análise da sociedade colonial ibérica, via teoria dos quatro estágios civilizacionais, e à caracterização negativa da experiência colonizadora, principalmente no que dizia respeito à espanhola.<sup>338</sup>

Pode-se dizer que existiram diversas antecipações da teoria dos quatro estágios civilizações, que vão desde Dicearco de Messina até Hugo Grotius, mas nenhuma delas colocou o modo de subsistência como fator basilar para o desenvolvimento da sociedade civil e de seus costumes e suas maneiras. A característica fundamental da teoria dos estágios civilizacionais é, portanto, a ligação direta entre o modo de subsistência e o estágio civilizacional de uma sociedade. As investigações sobre a origem da propriedade, a história providencialista e a querela entre antigos e modernos foram debates particularmente importantes para a formação da teoria dos quatro estágios, na metade do século XVIII (MEEK, 2010: 26). A descrição realizada dos povos selvagens, que viviam em muitos lugares da América, como um exemplo do estado de natureza, foi uma das contribuições mais importantes para o desenvolvimento

---

<sup>338</sup> Essa mesma teoria também foi objeto de grandes discussões no cenário francês, mas, como ficará mais claro no decorrer de nossa argumentação, o debate travado na Escócia parece ser mais importante para entender o horizonte de escrita de Southey. Para o caso francês, ver MEEK, 2010: 68-98.

da teoria dos quatro estágios, pois permitiu o entendimento de que o estado de natureza não era estático, mas em movimento, e que os homens foram, antes de tudo, caçadores e coletores (MEEK, 2010: 9-16). O providencialismo divino foi igualmente relevante ao postular que Deus, mesmo obtendo o poder sobre a história, não poderia interferir constantemente no mundo dos homens por meio de fenômenos sobrenaturais e intervenções diretas. Nesse sentido, restava ao historiador procurar pelas causas remotas a fim de descobrir as disposições secretas de Deus (MEEK, 2010: 23-24). Aliado a isso, o embate entre antigos e modernos contribuiu para a formação da teoria dos estágios civilizacionais ao questionar a superioridade dos clássicos greco-romanos no que dizia respeito à literatura, filosofia, às artes e ciências contemporâneas. Esse questionamento conduziu à naturalização do entendimento do presente como superior e, conseqüentemente, mais civilizado que o passado (MEEK, 2010: 26) e contribuiu para a tomada de consciência da historiografia das diferentes fases em que a história europeia havia passado desde a antiguidade clássica. Começou-se, assim, a traçar as mudanças sistêmicas na civilização (POCOCK, 2001: 10).

A história do Brasil, como grande parte da história do Novo Mundo, não se enquadrava no modelo narrativo disponibilizado pela historiografia europeia para a explicação do desenvolvimento do homem na Terra, pois trazia à tona um estado social nunca antes registrado. A história dos selvagens deveria ser escrita sobre diferentes princípios da do homem civilizado tendo em vista que, apesar de viverem, predominantemente, como caçadores e coletores, tinham em seus costumes e maneiras marcas de uma barbárie tão grande que só poderia ser chamada de selvagem.<sup>339</sup> Existia uma diferença importante entre selvagens e bárbaros, em que os últimos foram classicamente definidos como aqueles que estavam fora da fronteira de determinado império. Um povo também poderia ser considerado bárbaro se tivesse sido governado por reis como se fosse escravo – como era o caso dos persas – ou se tivesse vivido em vilas e acampamentos na floresta ou em lugares descampados – como os alemães e godos (POCOCK, 2005: 11-12). Existia, portanto, uma variedade semântica bastante ampla para bárbaro, ampliada ainda mais com o passar dos séculos e o alargamento dos contextos em que era mobilizada. Enquanto a história dos bárbaros está ligada a Heródoto e a tradição greco-romana, que passa pela *Germânia* de Tácito, em que os

---

<sup>339</sup> A. P. Leme Lopes apresenta um excelente panorama sobre o surgimento da história natural da humanidade, cf. LOPES, 2011: 158-170.

povos não falantes do grego ou, posteriormente, do latim eram enquadrados como bárbaros, a história dos selvagens se mostrou como um fértil campo investigativo com a descoberta do Novo Mundo. Durante o século XVIII, os selvagens do Novo Mundo foram incluídos na história filosófica ao integrarem a narrativa do desenvolvimento da sociedade civil e de seus costumes e maneiras (POCOCK, 2005: 157-158).

Barbarismo e selvageria foram igualmente associados aos homens que ainda não tinham alcançado ou talvez fossem incapazes de alcançar o objetivo natural da vida de viver em cidades e dispor de virtudes políticas e sociais enquanto pré-condições para se autogovernarem e governarem os outros (POCOCK, 2005: 158). Selvagem é um termo neolatino significativamente mais recente do que bárbaro, embora tenha existido dentro da mitologia grega para caracterizar humanos primitivos ou pré-sociais. Os ciclopes ou titãs eram selvagens, pois vagavam em pequenos grupos e não tinham os atributos de sociabilidade, incluindo lei e sistema de governo, encarados como sinais de humanidade. Sociabilidade foi tão longamente identificada com humanidade que o termo selvagem esteve constantemente associado às práticas contrárias a natureza, tais como canibalismo, incesto e sodomia (POCOCK, 2005: 159).

Após a descoberta do Novo Mundo e da certeza de que os seus habitantes eram seres humanos e não monstros, houve a necessidade de integrá-los à história sacra e à filosofia aristotélica da natureza.<sup>340</sup> O Novo Mundo exigia uma nova história, em um sentido filosófico e narrativo, e a historiografia foi pressionada por essa nova demanda (POCOCK, 2005: 161). Os americanos, de forma geral, viviam em pequenas sociedades de coletores e caçadores onde não existia uma estrutura de governo, nem o manejo do cavalo, do aço ou da pólvora, que tornavam os europeus habilitados para atuar na história. Tendo em vista o não cumprimento desses e de outros requisitos, não foi muito difícil caracterizar os americanos como selvagens. O selvagem não possuía nenhum dos atributos civilizacionais mais simples – como o arado – e nem existiam indícios que iria desenvolvê-los. Puxado por bois e cavalos, o arado era visto pelos europeus como condição essencial para o aumento da produtividade da terra e, conseqüentemente, do excedente de produção, além de servir como instrumento para marcar o limite entre um vizinho e outro, criando uma propriedade visível e definida (POCOCK, 2005: 173). O entendimento de que não existia o conceito de propriedade na cultura indígena facilitou

---

<sup>340</sup> Para um aprofundamento de como se deu o processo de reconhecimento dos indígenas como povos que faziam parte do mesmo sistema de desenvolvimento social que os europeus, ver em especial o capítulo “In the beginning all the world was America”, MEEK, 2010: 37-67.

a legitimação da colonização da América por parte de seus conquistadores. Como o indígena não era proprietário da terra em que vivia, poderia ser conduzido a outro local mais apropriado ao colonizador. Por não serem um povo agrícola, não tinham desenvolvido o conceito de propriedade e, como salientava Southey, “da propriedade nascera o patriotismo” (SOUTHEY, 1862a: 90).<sup>341</sup>

Apesar do conceito de selvagem constituir de forma decisiva a filosofia do progresso da sociedade, esse estado da sociedade não fazia parte da narrativa da história europeia. A história do Velho Mundo começava com os bárbaros pastores e a condição de selvagem vinha antes disso (POCOCK, 2005: 187). Não existiria uma fase desse tipo para ser narrada na história europeia e enquanto o estado selvagem foi expulso dessa história, o progresso da sociedade foi expulso da história da América pré-colombiana. Havia um consenso formulado de que a passagem de uma sociedade de caçadores, para de pastores, para de agricultores e depois para de comerciantes e cidadãos polidos – movimento que consistia o progresso da sociedade em si – tinha ocorrido apenas na Europa (POCOCK, 2001: 328). Esse horizonte discursivo foi importante para a formulação da macronarrativa nacional brasileira na medida em que propiciou a escrita de uma história de luta não apenas da civilização contra o barbarismo, mas também contra a selvageria. Southey estava consciente da diferença entre um estado bárbaro e selvagem na medida em que, de forma geral, apontava que os indígenas brasileiros viviam em um estado selvagem e os demais habitantes ainda em uma sociedade cristã bárbara envolta em superstições e fábulas (SOUTHEY, 1817a: 380).

Na segunda metade do século XVIII, filósofos e cientistas sociais concluíram que os princípios de sociabilidade respeitados pelos americanos indicavam uma sociedade selvagem, sem demonstrar muito interesse em desenvolver essa apreciação dentro da narrativa das histórias nacionais. William Robertson<sup>342</sup> foi o primeiro a testar e refinar a teoria dos quatro estágios civilizacionais em uma história detalhada da América (PHILLIPSON, 2008: 64). Robertson empregou, de forma inédita em sua *History of America* (1777), o vocabulário da teoria dos quatro estágios, salientando a relação direta entre modo de subsistência e estágio civilizacional. Segundo ele, “em todas as investigações relativas às atuações dos homens, quando unidos em sociedade, o

---

<sup>341</sup> No original: “Property has produced patriotism” (SOUTHEY, 1810: 54)”.  
<sup>342</sup> Para detalhes sobre a vida e carreira de Robertson, com ênfase na sua liderança no estabelecimento da Igreja da Escócia (*Church of Scotland*) e da Universidade de Edimburgo, ver BROWN 2008: 7-35.

primeiro objeto de atenção deve ser o seu modo de subsistência” (ROBERTSON, 1783b: 95).<sup>343</sup> A partir do momento em que Robertson propôs que “entre estas [pequenas tribos independentes], embora com alguma diversidade em seu temperamento, sua maneira e instituições, o estado da sociedade era quase idêntico, e tão extremamente rude, que a denominação de *Selvagem* pode ser aplicada a todas elas” (ROBERTSON, 1783b: 45-46, grifo no original),<sup>344</sup> os primeiros habitantes do Novo Mundo atenderam definitivamente por selvagens e o termo bárbaro foi reservado, de forma geral, para o rude europeu (POCOCK, 2005: 186). Ao provar que o estágio selvagem havia existido entre os nativos americanos, Robertson abriu um novo horizonte interpretativo sobre o Novo Mundo, que não era mais analisado tendo como contraponto comparativo cidades como a Roma antiga (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011: 62-63). Os povos do Novo Mundo só poderiam ser tomados como em mesmo grau civilizacional que os europeus na medida em que ganhassem atributos de sociabilidade suficientes para poderem ser chamados, ao menos, de bárbaros.

A teoria dos estágios civilizacionais foi desenvolvida como um sistema de referência histórica em que seria possível revelar os princípios e perversões subjacentes às leis naturais, que operavam a história, através de uma análise comparada das diferentes sociedades. Como foi frisado por Robertson, “mas não é através da teoria ou de conjecturas que a história sentencia no que diz respeito ao estado ou caráter das nações. Ela produz fatos que são a fundação de cada julgamento que venture pronunciar” (ROBERTSON, 1783c: 159).<sup>345</sup> A teoria dos estágios das sociedades não era um modelo pré-fabricado pronto para ser utilizado de forma indiscriminada (MEEK, 2010: 239). Utilizar-se dos modos de subsistência como base teórica para a explicação do progresso do homem não significava, portanto, corromper a história, mas produzir macronarrativas através da comparação dos fatos das sociedades particulares. A história desenvolvia-se em estágios capazes de serem mapeados como sistemas organizados e que explicavam o desenvolvimento das sociedades (O’BRIEN, 2005: 133-134). Robertson, na *History of America*, imbuíu essa teoria explicativa de uma forma

---

<sup>343</sup> No original: “in every inquiry concerning the operations of men, when united together in society, the first object of attention should be their mode of subsistence”.

<sup>344</sup> No original: “among these [small independent tribes], though with some diversity in their character, their manner and institutions, the state of society was nearly similar, and so extremely rude, that the denomination of *Savage* may be applied to them all”.

<sup>345</sup> No original: “but it is not by theory or conjectures that history decides, with regard to the state or character of nations. It produces facts as the foundation of every judgment which it ventures to pronounce”.



narrativa ao subscrever que a mudança moral e material é qualitativa e que a Europa possuía inata superioridade cultural, tendo em vista que foi a primeira parte do mundo a chegar à fase comercial (O'BRIEN, 2005: 135-136). Dentre os triúmviros da historiografia setecentista britânica, Robertson é o historiador que nos interessa de modo direto tanto pelas críticas de Southey à sua *History of America*, postas em relevo no “Capítulo 2 – Reviver ou reunir o passado?: uma reavaliação da proposta historiográfica de Robert Southey”, quanto pelo horizonte discursivo inaugurado para a escrita da história das Américas.

Robertson escreveu três histórias que, de forma geral, debruçaram-se sobre características institucionais e culturais das nações no intuito de situá-las em estruturas narrativas amplas. A seu ver, a validade da história nacional relacionava-se com a sua possibilidade de inserção na história universal, observando sempre a tradição escocesa que entendia a história como exemplificação de uma liderança social ativa e responsável (O'BRIEN 2005: 98-100). Nesse contexto, a tarefa mais importante do historiador era fornecer uma narrativa que preparasse o terreno para uma avaliação do caráter moral e político dos homens públicos e ensinar a seus leitores os princípios da política, auxiliando a examinar os problemas que estavam envolvidos na preservação do bem público (PHILLIPSON, 2008: 57). Na avaliação de Robertson, caso se colocasse a história da Escócia perante a história da Europa, “muitas passagens obscuras da nossa história”, por exemplo, “podem ser postas em uma luz clara; e onde a maior parte dos historiadores tem visto apenas o efeito pode-se descobrir as causas” (*apud* O'BRIEN, 2005: 122).<sup>346</sup> Robertson julgava que as tensões permanentes entre as identidades escocesa e inglesa só poderiam ser recuperadas dentro de uma perspectiva europeia abrangente. Nesse sentido, seu interesse pela história da América pode ser entendido enquanto dentro de um horizonte europeu de referência em que o local só era relevante quando considerado como integrante desse grande quadro (O'BRIEN 2005: 94).

A primeira de uma série de histórias publicada por Robertson foi a *History of Scotland* (1759), em dois volumes, com a impressionante marca de catorze edições em apenas três décadas (O'BRIEN, 2005: 97). Essa obra deixava clara sua concepção de história acumulativa, mas ainda não estava em perfeita sintonia com o vocabulário do modo de subsistência (O'BRIEN, 2005: 101). Em 1764, após o sucesso estrondoso da

---

<sup>346</sup> No original: “many dark passages in our history may be placed in a clear light; and where the bulk of historians have seen only the effect, we may discover the causes”.

*History of Scotland*, Robertson foi nomeado Historiador Real da Escócia<sup>347</sup> a fim de escrever uma história da Inglaterra, que, todavia, nunca escreveu (O'BRIEN, 2005: 99). Acabou por redigir a *History of the Reign of Charles V* (1769), publicada em quatro volumes, que buscava principalmente elucidar como os povos europeus, no século XVI, foram conduzidos à civilização prescrita pela providência divina. O livro é uma investigação sociológica do processo de aperfeiçoamento europeu e tenta chegar a formulações gerais sobre as causas das mudanças sociais ocorridas (O'BRIEN, 2005: 130-131).

A *History of America* (1777) foi a última história escrita por Robertson e, como as anteriores, teve grande sucesso entre seus contemporâneos, com seis edições no intervalo de dezesseis anos. Nela buscou, sobretudo, realizar a fusão entre a grande narrativa cosmopolita, em que situava uma história particular dentro de uma perspectiva universal, e a pesquisa sociológica (O'BRIEN, 2005: 130-131). O plano inicial de Robertson era escrever a história das três Américas, mas com o alvorecer do movimento de independência estadunidense, acabou reconfigurando o projeto e deixando a conclusão dessa parte, já iniciada, para uma ocasião mais apropriada. Grande parte dos três volumes, contudo, é dedicada à análise da colonização espanhola, principalmente no México, Peru e Caribe, sob a justificativa do modelo de colonização espanhol ter servido como parâmetro para as demais iniciativas expansionistas. A América portuguesa e os assentamentos de diversas nações europeias nas ilhas das Índias Ocidentais também foram deixados em aberto por Robertson, que, no prefácio, comprometia-se a abordá-los futuramente (ROBERTSON, 1783a: V-VI). A *History of America* foi a história escrita por Robertson que mais se aproximou das preocupações e métodos da teoria dos estágios civilizacionais escocesa, em particular no que diz respeito aos livros IV e VII (O'BRIEN, 2005: 153). Como já salientado, Robertson escreveu outras histórias, mas esse recurso explicativo não foi, em tamanha intensidade, central para contar a história europeia. Em sua opinião, um cenário diferente mostrava-se para a escrita da história americana:

Na América, o homem aparece sob a forma mais rude em que podemos concebê-lo subsistir. Contemplamos comunidades apenas começando a unirem-se e é possível examinar os sentimentos e as ações dos seres humanos na infância da vida social, enquanto eles sentem, mas imperfeitamente, a força de seus laços e abandonam raramente sua liberdade nativa. Esse estado de simplicidade primeva, que era

---

<sup>347</sup> Para uma explicação das características e da história desse cargo, ver HAY, 1951.

conhecido em nosso continente apenas pela descrição fantasiosa de poetas, realmente existiu no outro (ROBERTSON, 1783b: 45).<sup>348</sup>

A descoberta do Novo Mundo permitiu o conhecimento de um estágio da sociedade que não se tinha relato, pois mesmo o rude alemão ou os citas, descritos pelos romanos, poderiam ser considerados estando em certo grau de civilização (ROBERTSON, 1783b: 48). É preciso deixar claro, contudo, que Robertson não se refere ao comércio como um estágio do desenvolvimento do homem na Terra e também é verdade que ele estava longe de ser um apóstolo inabalável da doutrina do progresso. Robertson refere-se também, e muitas vezes, aos nativos das Américas utilizando o termo rude e não selvagem. Contudo, existe a ideia explícita na *History of America* de que os povos que vivem da caça e da pesca – notadamente a maioria dos ameríndios, exceto, em alguma medida, as populações do México e Peru – são os menos civilizados de todos, sendo possível inferir que o estado civilizacional em que o modo de subsistência era baseado na caça e na coleta de vegetais era o mais imperfeito de todos (MEEK, 2010: 143).

O livro IV da *History of America* descreve e explica o nível de desenvolvimento dos nativos mais primitivos de acordo com a teoria dos quatro estágios. Com exceção dos astecas, maias e incas, as demais populações nativas são exemplos imaculados do estágio de caçador, delimitado pelo seu modo de subsistência (O'BRIEN, 2005: 157). A maioria das tribos americanas, para Robertson, estava no estágio de caçador-coletor, ocupava partes muito pequenas do território e vivia bastante separada de outras tribos, por considerarem inimigo aquele que habitava perto. Eram rivais na disputa por subsistência. Além disso, acreditavam que deveria existir certa rotatividade em relação ao local em que viviam, contribuindo para o nomadismo. As populações indígenas, apesar de cultivarem a mandioca e outros produtos, não eram predominantemente agrícolas, pois não existia nem a apropriação da terra, nem a ideia de propriedade (ROBERTSON, 1783b: 112). Os agricultores, que faziam da terra sua propriedade assim como fonte de produtos, adquiriram direitos e construíram leis para que os caçadores fossem excluídos de uma sociedade fundada na agricultura (POCOCK, 2005:

---

<sup>348</sup> No original: “In America, man appears under the rudest form in which we can conceive him to subsist. We behold communities just beginning to unite, and may examine the sentiments and actions of human beings in the infancy of social life, while they feel but imperfectly the force of its ties, and have scarcely relinquished their native liberty. That state of primeval simplicity, which was known in our continent only by the fanciful description of poets, really existed in the other”.

168). Essa mudança no modo de subsistência não havia ocorrido nas Américas e “a partir dessa descrição do modo de subsistir entre as rudes tribos americanas, a forma e o gênio de suas instituições políticas podem ser deduzidas, e somos capazes de traçar várias circunstâncias de distinção entre elas e as nações mais civilizadas” (ROBERTSON, 1783b: 111).<sup>349</sup> Após a *History of America*, ao menos, a comparação tornou-se um método consolidado de entendimento das tribos indígenas, ou seja, através da descrição e posterior comparação entre os hábitos, instituição etc. dos selvagens e dos civilizados, seria possível ao historiador chegar a conclusões sobre o estado civilizacional do primeiro. Entender o modo de subsistência, com isso, era extremamente importante, pois:

a inclinação e as maneiras dos homens são formadas por sua situação e surgem do estado da sociedade em que vivem. No momento em que começa a variar, o caráter de um povo deve mudar. Na proporção em que o estado da sociedade avança em direção ao aperfeiçoamento, suas maneiras são refinadas, seus poderes e talentos são convocados. Em cada parte da Terra, o progresso do homem tem sido quase o mesmo e podemos traçar seu curso que vai da rude simplicidade da vida selvagem até quando ele obtém a indústria, as artes e a elegância da sociedade polida (ROBERTSON, 1783b: 27).<sup>350</sup>

A abordagem de Robertson pode ser entendida como a combinação de dois discursos sobre o homem primitivo. O primeiro tratava da maneira em que o desenvolvimento das sociedades se dava, e foi fornecido pela teoria dos estágios civilizacionais, e o segundo era a tese que afirmava a imaturidade ou degeneração do nativo do Novo Mundo. As avaliações negativas feitas por Robertson sobre os indígenas, advindas da análise do modo de subsistência, são reforçadas pelas suas convicções na imaturidade ou degeneração da América e na superioridade da Europa (O'BRIEN, 2005: 160).

Em sua procura por padrões comuns e afinidades culturais nas histórias das nações europeias e de suas colônias, Robertson encontrou a mão de Deus organizando a história (O'BRIEN 2005: 95). No entanto, o determinismo providencialista contido na *History of America* levou a uma intensificação do empirismo tendo em vista que a

---

<sup>349</sup> No original: “From this description of the mode of subsisting among the rude American tribes, the form and genius of their political institutions may be deduced, and we are enabled to trace various circumstances of distinction between them and more civilized nations”.

<sup>350</sup> No original: “[...] the disposition and manners of men are formed by their situation, and arise from the state of society in which they live. The moment that begins to vary, the character of a people must change. In proportion as it advances in improvement, their manners refine, their powers and talents are called forth. In every part of the earth the progress of man hath been nearly the same, and we can trace him in his career from the rude simplicity of savage life, until he attains the industry, the arts, and the elegance of polished society”.

vontade e os propósitos divinos somente poderiam ser revelados através do exame minucioso do tecido causal dos eventos (ALLAN *apud* O'BRIEN, 2005: 123). A história, para Robertson, era acessível à investigação racional porque Deus quase sempre agia através de causas mais ou menos perceptíveis (O'BRIEN, 2005: 125). Não é de estranhar, portanto, que a identificação das causas dos fenômenos históricos tenha sido sua grande obsessão. Southey também entendia que existia um sistema de leis da natureza e da sociedade, dentro do qual as civilizações nasciam, floresciam e declinavam, identificável mediante observação de certas práticas cotidianas. O Brasil tinha sido, na opinião de Southey, “descoberto por acaso e ao acaso abandonado, é pela indústria e empreendimento individual, e *pela ação das leis comuns da natureza e da sociedade*, que esse império cresceu e floresceu” (SOUTHEY, 1810: 1, grifos meus).<sup>351</sup> Existiriam, dessa forma, leis externas que orientavam as mudanças ocorridas na sociedade brasileira. Proponho que essas leis estavam intrinsecamente ligadas à teoria dos estágios das sociedades na medida em que essa fornecia o cenário que norteava a classificação das nações dentro dos graus civilizacionais.

Robertson estava profundamente interessado em mapear as causas que levavam a certos fenômenos, que eram sempre múltiplas e complexas, não existindo causa única para determinada condição social. Com isso, além da importância do modo de subsistência, Robertson também dedicava ao clima grande relevância para o entendimento do estado civilizacional de cada sociedade. A posição geográfica em relação à linha do Equador era essencial para a definição da situação e do caráter dos povos, sendo, em sua opinião, o clima temperado o mais apto para o desenvolvimento do homem. Obviamente a influência do clima poderia ser mitigada através da indústria, mas, no caso da América, isso não tinha ocorrido, pois o selvagem “como uma planta, ou um animal, é formado pelo clima em que ele é colocado, e sente toda a força de sua influência” (ROBERTSON, 1783b: 211).<sup>352</sup> Assim:

O estado não cultivado do Novo Mundo afetava não só a temperatura do ar, mas a qualidade da sua produção. O princípio da vida parece ter sido menos ativo e vigoroso lá do que no antigo continente. [...] Os animais que pertencem originalmente a esta região do globo parecem ser de uma raça inferior, nem tão fortes, nem tão ferozes, como

---

<sup>351</sup> Não utilizei a tradução feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, pois o trecho foi modificado para a segunda edição da *History of Brazil*. No original: “discovered by chance, and long left to chance, it is by individual industry and enterprize, and by operation of the common laws of nature and society, that this empire has risen and flourished”.

<sup>352</sup> No original: “like a plant, or an animal, he is formed by the climate under which he is placed, and feels the full force of its influence”.

os do outro continente. [...] A maioria dos animais domésticos, com os quais os europeus abasteceram as províncias onde se instalaram, degeneraram no que diz respeito tanto ao tamanho ou à qualidade, em um país cuja temperatura e solo parecem ser menos favoráveis para o fortalecimento e a perfeição da criação de animais (ROBERTSON, 1783b: 16-18).<sup>353</sup>

No Novo Mundo, os animais mais nobres – pois com os répteis e insetos acontecia o contrário – tinham compleição inferior à dos europeus. Além disso, observava-se que os advindos de um continente civilizado não mantinham as suas características originais, degenerando. Essa afirmação será de extrema importância para Southey, que não apenas seguirá, em grande medida, essa afirmação de que, quando trazidos para o Brasil, alguns animais degeneravam, como a estenderá inclusive para os vegetais e para os próprios colonos. O *topos* da degeneração, seja moral ou física, para explicar os fenômenos do mundo da natureza e dos ligados ao homem é constantemente reivindicado por Southey na construção da macronarrativa sobre a história brasileira.

Não era, portanto, nenhuma novidade no início do século XIX observar o modo de subsistência e as maneiras dos naturais do Novo Mundo para delimitar o seu estágio dentro do processo civilizatório. A teoria dos estágios civilizacionais como contexto linguístico explicativo do desenvolvimento da sociedade estava bastante consolidada, principalmente após Robertson, que afirmava:

O povo de Bogotá subsistia principalmente pela agricultura. A ideia de propriedade foi introduzida entre eles e os seus direitos, garantidos por leis, transmitidos pela tradição e observados com muito cuidado. Eles viviam em grandes cidades. Eles estavam vestidos de forma decente e as suas casas talvez pudessem ser chamadas de cômodas, quando comparadas com as das pequenas tribos entorno deles (ROBERTSON, 1783b: 123).<sup>354</sup>

Os nativos que viviam em Bogotá, para Robertson, encontravam-se no estágio de agricultores, conhecendo o conceito de lei e propriedade, mas não apenas isso. Aparecem como indícios de civilização a extensão das comunidades, como se vestiam e

---

<sup>353</sup> No original: “The uncultivated state of the New World affected not only the temperature of the air, but the qualities of its productions. The principle of life seems to have been less active and vigorous there, than in the ancient continent. [...] The animals originally belonging [to] this quarter of the globe appear to be of an inferior race, neither so robust, nor so fierce, as those of the other continent. [...] Most of the domestic animals, with which the Europeans stored the provinces wherein they settled, have degenerated with respect either to bulk or quality, in a country whose temperature and soil seem to be less favourable to the strength and perfection of the animal creation”.

<sup>354</sup> No original: “The people of Bogota subsisted chiefly by agriculture. The idea of property was introduced among them, and its rights, secured by laws, handed down by tradition, and observed with great care. They lived in large towns. They were clothed in a decent manner, and their houses may be termed commodious, when compared with those of the small tribes around them”.

o grau de conforto que desfrutavam em suas habitações. A relação entre o modo de subsistência, o estágio civilizacional e as maneiras tornou-se indissociável.

As maneiras dos selvagens eram encaradas por Southey como vestígios que provavam o estado degenerado das tribos ameríndias. Os calchaquis, em sua opinião, eram um exemplo claro de que havia existido uma civilização mais desenvolvida no território americano antes da chegada dos povos europeus. O domínio da tecelagem, da lã e da manipulação do cobre eram “vestígios de uma civilização da qual tinham degradado” (SOUTHEY, 1819: 395).<sup>355</sup> As descrições feitas por Southey das várias tribos americanas mostram a diversidade desses indícios civilizacionais, que sugeriam o estado mais ou menos desenvolvido de cada tribo dentro de um mesmo estágio de caçadores e coletores. Esses sinais civilizacionais são repetidos ao longo de toda a *History of Brazil* quando se aborda a sociedade indígena. Os que aparecem com maior frequência são: a capacidade dos povos de se organizarem em comunidades, sejam elas pequenas ou grandes, e abandonarem o nomadismo; a utilização de roupas ou ornamentos; como era baseada a sua dieta em relação ao que comiam e bebiam, e como comiam e bebiam o que consumiam; a condição da mulher; e a expressão dos sentimentos. Todos esses tópicos serão abordados ao longo deste capítulo de forma esparsa.

Existia uma grande matização da selvageria, entendida como ausência dos costumes e maneiras civilizados. “De todas as tribos brasileiras a mais selvagem e terrível”, segundo Southey, vivia nas capitâneas de Ilhéus e Porto Seguro e era conhecida pelo nome de aimorés:

*não tinham nem vestidos nem habitações. Nus como animais, como animais se deitavam a dormir pelas florestas, e como brutos corriam de gatas por entre sarçais, através dos quais impossível era segui-los. Na estação chuvosa dormiam debaixo de árvores, alcançando-lhes apenas o engenho a formarem com os ramos uma espécie de tejadilho* (SOUTHEY, 1862a: 396-397, grifos meus).<sup>356</sup>

Faltavam aos aimorés atributos sociais dos mais básicos, como moradia e vestimenta. Sem a primeira era impossível iniciar o processo de socialização das tribos,

---

<sup>355</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “vestiges of a civilization from which they had degraded”.

<sup>356</sup> No original: “of all the Brazilian tribes the most savage, and the most terrible” [...] “They had neither garments nor habitation. Naked as beasts, they laid down like beasts in the woods, and like beasts could run upon hands and feet through thickets, where it was not possible to follow them. During the rainy season they slept under the trees, and had just skill enough to form a roofing with the boughs” (SOUTHEY, 1810: 281-282, grifos meus).

pois nem sequer possuíam uma organização urbana que pudesse ser chamada de vila. A importância da vestimenta estava intimamente relacionada com a necessidade de se esconder o corpo nu e torná-lo apto ao convívio social, realçada pelo constante emprego da expressão “decentemente vestidos” (*decently clothed*), por Southey.<sup>357</sup> Salientava que o missionário jesuíta Cipriano Baraza, quando estava afastado dos moxos, começou “a aprender a tecer para de volta poder instruí-los numa das primeiras artes da vida civilizada, induzindo-os a vestirem-se como primeiro passo para a civilização” (SOUTHEY, 1862e.: 259, grifos meus).<sup>358</sup> Ter uma vestimenta, mesmo que manufaturada de forma simples, era indispensável ao convívio social na medida em que escondia o ultrajante corpo nu.

A partir do início do século XVII, iniciou-se um processo de marginalização do corpo dentro da cultura Ocidental ao reprimir-se fortemente, por exemplo, a exposição pública das funções naturais, como o escarro e a defecação, e o apresentar-se nu diante de outra pessoa, tidas como indesejáveis socialmente. A apresentação e gestão do corpo estavam, cada vez mais, sujeitas a regras e rituais mais rígidos em que mesmo no deitar-se para dormir era esperado que a pessoa permanecesse vestida (HATTY; HATTY, 199: 19). O selvagem apresentava ao europeu o inverso dessa imagem ideal do corpo quando exibia seus apetites e desejos e mostrava seus órgãos genitais sem nenhum pudor.

O índio nu era um problema em relação a sua própria salvação, para além de ser uma tentação aos missionários e colonizadores, já que a nudez, na perspectiva cristã, desafiava a lei natural. Manuel de Nóbrega, em carta de 1552, explicitava que “parece que andar nu é contra a lei da natureza e quem a não guarda peca mortalmente”. Houve inúmeros pedidos de roupa para vestir os índios, contudo, as provisões não eram suficientes e não foi difícil chegar à conclusão que seria muito útil para a salvação do índio trabalhar no cultivo e manejo do algodão, seja esse trabalho escravo ou benévolo. Dessa forma, ele poderia prover as suas roupas, evitando os constrangimentos de batismos e freqüentações à igreja de pessoas nus, e contribuir para a salvação da sua alma. A roupa, junto com o aprendizado dos sacramentos, civilizava o indígena (ZERON, 2011: 17-20).

---

<sup>357</sup> Por exemplo: SOUTHEY, 1810: 118; 589.

<sup>358</sup> No original: “[...] began to learn *weaving*, that he might instruct them[os Moxos] on his return in *one of the first arts of civilized life*, and induce them to clothe themselves, as the first step towards civilization (SOUTHEY, 1819: 199, grifos meus).



Nesse sentido, também as deformações, as tatuagens e desenhos cravados no corpo indígena apareciam como sinais corporais do descompasso das maneiras entres os dois povos, indicando que o indígena estava em um estado social inferior ao do europeu. Southey esclarecia que:

a vaidade, que em um país altamente melhorado leva muitos à ruína, é um grande civilizador entre as pessoas em um estado semibárbaro. Entre os selvagens, o colar vem antes da folha de figo – a elegância vem primeiro, mas segue a *decência*; o quase crescido Cupido e as Graças serão vestidos; as mulheres vão para o exterior e *se misturam na vida social dentro de casa para exibirem seu vestido*, – e as fábricas de algodão, que envenenam a saúde e a moral dos fabricantes na Inglaterra, *estão a melhorar os costumes e a moral do Brasil e acelerar a civilização da América do Sul* (SOUTHEY, 1817b: 369, grifos meus).<sup>359</sup>

Sociabilidade era sinônimo de civilização e quanto maiores fossem os aparatos de sociabilidade desenvolvidos pelos indígenas, mais fácil poderiam chegar ao estado civilizado. Uma premissa básica para isso era a formação de cidades, organizadas de forma a permitir o contato das pessoas. É constante a referência de Southey à enorme distância que existia entre as tribos que habitavam o Brasil e o Paraguai, realçando a dificuldade de influência e contato pacífico entre os indígenas de forma a cooperarem e desenvolverem hábitos civilizacionais (SOUTHEY, 1810: 164-165). Igualmente “*uma causa, que aos índios retardava o progresso, era a prática de mudarem frequentemente de habitações*”, “não o faziam por que estivesse exausto o terreno adjacente, mas por suporem que a mudança de residência era essencial à saúde, e [pela superstição de] que, se abandonassem os hábitos de seus avôs, pereceriam” (SOUTHEY, 1862a: 351-352, grifos meus).<sup>360</sup> De forma inversa, Southey poderia afirmar que “os peruanos e o povo da Nova Espanha não eram selvagens”, pois “nenhuma cidade selvagem jamais conteve oito mil casas” (SOUTHEY, 1810: 154-155).<sup>361</sup>

Os guanás “*viviam arrebanhados (they were gregarious)*, contendo cada rancho doze famílias, e suas aldeias, que contavam muitos destes *currais humanos*, eram

---

<sup>359</sup> No original: “Vanity, which in a highly improved country leads so many to ruin, is a great civilizer among people in a semi-barbarous state. Among savages the necklace comes before the fig-leaf,— finery goes first, but *decency* follows; the half-grown Cupids and Graces will be clothed; the women will *go abroad, and mingle in company at home, to display their dress*,—and the cotton mills which are poisoning the health and morals of the manufacturers in England, *are improving the manners and morals of Brazil, and accelerating the civilization of South America*”.

<sup>360</sup> No original: *one cause which retarded their improvement was the practice of frequently removing their habitations*” [...] “adjoining soil had been exhausted, but from a persuasion that change of abode was essential to health; and a superstition, that if they departed from the custom of their forefathers they should be destroyed” (SOUTHEY, 1810: 250, grifos meus)

<sup>361</sup> Trecho excluído da tradução portuguesa. No original: “The Peruvians and the people of New Spain were not savages”, pois “no savage town ever contained eight thousand houses”.

cercadas de paliçadas com quatro portas que regularmente se fechavam e guardavam de noite” (SOUTHEY, 1862d: 57, grifos meus).<sup>362</sup> Contudo, tornar-se gregário era apenas um dos passos para o viver em sociedade. Os sacociés, xaquesses e chaneses, por exemplo, eram “[tribos sociáveis e não gregárias] (*social, not gregarious tribes*) [...], tendo antes cada família a sua habitação própria, das quais conteria a aldeia umas oitocentas” (SOUTHEY, 1862a: 199, grifos meus).<sup>363</sup> A falta de capacidade de organização dos indígenas de modo a reagir a invasão dos colonizadores espanhóis é um dos frutos da sociedade selvagem em que viviam (SOUTHEY, 1822: 291). Contudo, quando a vida sedentária era apresentada ao indígena, ele sabia reconhecer as suas vantagens. Foi o que aconteceu com os aimorés que viviam em Itaparica. Após a redução jesuítica em que viviam ser dispersa, alguns deles retornaram para a floresta e para seus parentes: “tais eram porém os *cômodos da vida sedentária (comforts of domestication)* que eles frequentemente voltavam, trazendo outros” (SOUTHEY, 1862b: 53, grifos meus).<sup>364</sup> Os indígenas, quando experienciavam os confortos da vida civilizada, nesse caso a não nômade, não queriam retornar necessariamente aos hábitos anteriores. O mesmo reconhecimento foi tido pelos aimorés de Ilhéus: “o efeito que sobre aqueles selvagens produziu a vista e a experiência dos *cômodos da vida civilizada*, foi tal qual o haviam esperado os jesuítas: correu a notícia, e bem depressa se formaram dois aldeamentos contendo um mil e duzentos aimorés e o outro quatrocentos” (SOUTHEY, 1862b: 55-56, grifos meus).<sup>365</sup>

É possível encontrar a teoria dos estágios civilizacionais guiando o levantamento dos costumes e maneiras que serão apresentados ao leitor da *History of America* ou da *History of Brazil*, porém é notável que existiam diferentes níveis de detalhamento quando se contempla ambas as histórias. Explorando um dos tópicos de grande curiosidade na época sobre os indígenas, ou seja, a sua religião, Robertson enfatizou a necessidade de selecionar como foco de investigação apenas as duas doutrinas principais sobre as quais a religião indígena era, em sua opinião, balizada: “a essência

---

<sup>362</sup> No original: “*They were gregarious*; every hut contained twelve families; and their *villages*, which comprised many of these *human hives*, were palisadoed, having four gates, which were regularly closed and watched at night” (SOUTHEY, 1817a: 374-375, grifos meus).

<sup>363</sup> No original: “*were social, not gregarious tribes, each family having its own habitation*. The settlement contained about eight hundred” (SOUTHEY, 1810: 135-136, grifos meus).

<sup>364</sup> No original: “but such were *the comforts of domestication*, that they frequently returned, bringing others with them” (SOUTHEY, 1810: 387, grifos meus).

<sup>365</sup> No original: “The effect produced upon them by seeing and *experiencing the comforts of settled life* was as great as the Jesuits expected: they spread the tidings, and two villages were soon formed, the one containing twelve hundred Aymores, the other four” (SOUTHEY, 1810: 389, grifos meus).

de Deus” e “a imortalidade da alma”, “deixando opiniões subordinadas e os detalhes de superstições locais a pesquisadores mais minuciosos” (ROBERTSON, 1783b: 167).<sup>366</sup> O grau de descrição e detalhamento dos costumes indígenas é uma diferença essencial que é preciso, o quanto antes, ter em mente entre as macronarrativas de Robertson e Southey. Se Robertson buscava efetuar uma descrição panorâmica, Southey visava uma descrição minuciosa dos costumes dos nativos americanos. A descrição panorâmica, em última instância, permitia a comparação e delimitação do grau de civilização dos povos, possível porque o ser humano “vem originalmente da mão da natureza, é em todos os lugares o mesmo”. Portanto, “depois de contemplar as rudes tribos americanas nessas várias luzes, depois de ter um panorama de seus hábitos e costumes a partir de tantas posições diferentes, nada resta a não ser formar uma estimativa geral de seu temperamento, comparado com a de nações mais polidas” (ROBERTSON, 1783b: 193).<sup>367</sup> A descrição detalhada dos costumes e maneiras dos indígenas feitas por Southey, talvez por não ter a necessidade de fazer esse panorama que comprovava os estágios das sociedades, anteriormente realizado por Robertson, tendia a uma narração exaustiva dos costumes, chegando a abordar não menos do que 60 tribos indígenas que viviam dentro do território brasileiro, paraguaio e argentino, pois “as variedades de caráter e maneiras entre as tribos selvagens são tão grandes como entre as nações civilizadas” (SOUTHEY, 1819: 204).<sup>368</sup> A grande quantidade de detalhes sobre o modo de vida das tribos indígenas levou a uma saturação da teoria dos estágios civilizacionais na medida em que o panorama e a classificação das sociedades – seja como caçadores, pastores, agricultores ou comerciantes – não respondia plenamente a necessidade de descrição complexa das sociedades indígenas nativas. Essa mudança de perspectiva analítica promoveu, em grande medida, uma secundarização, na *History of Brazil*, do modo de subsistência em detrimento do mapeamento dos costumes.

Não é possível negar que, assim como Robertson, Southey tivesse como horizonte final de análise a comparação. A descrição dos costumes e das maneiras seria também uma forma de interligar as sociedades no sentido de reunir as características

---

<sup>366</sup> No original: “the being of God” [...] “the immortality of the soul” [...] “leaving subordinate opinions, and the detail of local superstitions, to more minute inquirers”.

<sup>367</sup> No original: “comes originally from the hand of nature, is every where the same” [...] “After contemplating the rude American tribes in such various lights, after taking a view of their customs and manners from so many different stations, nothing remains but to form a general estimate of their character, compared with that of more polished nations”.

<sup>368</sup> No original: “the varieties of character and, manners among savage tribes, are as great as among civilized nations”.

que as uniam e que foram destruídas pelo tempo, e produzir uma analogia que permitisse elucidar alguns aspectos sobre o grau de civilização das sociedades que existiram em diferentes espaço e tempo. Essa possibilidade comparativa entre sociedades aparentemente um tanto distantes e diferentes permitia, por exemplo, a formulação de Southey sobre a inhóspita situação da Aldeia dos Abacaxis:

onde o jesuíta F. João de S. Paio outrora tinha reunido mil índios, mais de dois terços da população havia sido morta, em parte, de fato, pela varíola e pelo sarampo, mas em parte também por um mal mais permanente de um lago próximo, que é regularmente preenchido na época das cheias e durante o restante do ano fica estagnado e seca. *Um grau de civilização elevado como a do antigo Egito, deve ser atingido antes que tais circunstâncias físicas possam ser superadas* (SOUTHEY, 1819: 351, grifos meus).<sup>369</sup>

Os gregos também foram lembrados por Southey quando dissertava sobre os abipones: “*como os gregos da Época Homérica, consideravam o maior de todos os males permanecer insepulto; e, portanto, deleitavam-se em fazer flautas e trombetas dos ossos de seus inimigos e copos de seus crânios*” (SOUTHEY, 1819: 404, grifos meus).<sup>370</sup> As sociedades em geral seguiam uma direção bastante estável que permitia a comparação entre elas de modo a identificar o estágio civilizacional em que se encontravam, deixando o traço de características que só seriam encontradas em estágios mais ou menos civilizados. Essa estabilidade advinha da existência de leis que regiam o mundo natural e social e da partilha da mesma natureza humana por todos que viam no planeta Terra.

Observar as maneiras dos povos permitia, igualmente, a comparação de fenômenos não registrados de forma escrita, como mostrava o caso dos bororos: “se uma de suas mulheres fosse capturada por portugueses, toda a sua família iria segui-la voluntariamente à escravidão. *Esse apego às suas mulheres, que é tão raro entre os selvagens, parece indicar que eles eram da mesma raça que os goyas*” (SOUTHEY, 1819: 309-310, grifos meus).<sup>371</sup> O interesse pelos costumes e pelas maneiras auxiliava

---

<sup>369</sup> No original: “where the Jesuit F. Joam de S. Payo had once collected a thousand Indians, more than two thirds of the population had been cut off, partly indeed by the small pox and measles, but partly also by the more permanent evil of a near lake, which is regularly filled in the season of the floods, and during the remainder of the year stagnates and is dried up. *A degree of civilization high as that of ancient Egypt, must be attained before such physical circumstances can be overcome*”.

<sup>370</sup> No original: “*Like the Greeks of the Homeric age, they held it the greatest of all evils to be unburied; and therefore they delighted in making flutes and trumpets of their enemies bones, and drinking cups of their skulls*”.

<sup>371</sup> No original: “if one of their women were captured by the Portugueze, all her family would voluntarily follow her into bondage. *This attachment to their women, which is so rare among savages, seems to indicate that they were of the same race as the Goyas*”.

em um melhor entendimento das tribos brasileiras dentro da teoria dos estágios civilizacionais na medida em que oferecia indícios não registrados pela escrita para classificação das sociedades. Era por meio deles que Southey pôde afirmar que o relato das viagens feitas por Orellana e Frei Gaspar de Carvajal ao longo do rio Amazonas, e que contribuiu para o surgimento da lenda do El Dorado, era falso:

Não é provável que estas tribos possuíssem ouro algum, pois que nenhuma das do Maranhão estava assaz adiantada para dele fazer uso. Em toda a parte onde os índios americanos se serviam deste metal, encontraram-se habitações fixas, hábitos e vida sedentária, governo regular, sacerdotes reunidos em corporação, e uma religião cerimoniais. Tribos nômadas apanharão um grão de ouro, como fariam com uma pedra de cor, e o trarão pelo seu brilho; mas não de deixar de ser errantes para dele fazerem chapas ou utensílios (SOUTHEY, 1862a: 134, grifos meus).<sup>372</sup>

Existiam, portanto, elementos de comparação, que muitas vezes só poderiam ser trazidos à narrativa com uma abordagem mais detida do modo de vida e organização indígena. Robertson claramente não tinha como objetivo a descrição exaustiva das tribos indígenas, porém não deixava de apontar algumas singularidades dessas sociedades, como a curiosa ausência de janelas em suas moradias. Entretanto, interrompe seu relato para frisar que “seguir os viajantes em outras circunstâncias minuciosas de sua descrição, não está apenas abaixo da dignidade da história, mas seria estranho ao objeto de minhas pesquisas” (ROBERTSON, 1783b: 158).<sup>373</sup> Acreditava que a descrição era a base para poder formar uma análise do dado e o que não poderia ser agrupado para explicar de maneira sistemática a organização da sociedade tinha um valor e interesse menor. Southey parecia divergir na medida em que o olhar do viajante, em que descrevia tudo com detalhes, preponderou na *History of Brazil*.

A literatura de viagem sobre os indígenas americanos teve grande importância na determinação dos aspectos que seriam mais enfatizados na teoria dos quatro estágios, quando pensada em relação direta com o Novo Mundo e o desenvolvimento das sociedades que lá se encontravam (MEEK, 2010: 3). É notório o grande impacto que as variedades discursivas apresentadas pelos relatos de viagem tiveram em obras de ficção,

---

<sup>372</sup> No original: “It is nor probable that these tribes had any gold,.. none of the tribes on the Maranham were so far advanced as to use it. Wherever the American Indians used gold, stationary habitations were found, habits of settled life, a regular government, a confederated priesthood, and a ceremonial religion. Wandering tribes will pick up a grain of gold, like a coloured stone, and wear it for its beauty; but they must cease to be erratic before they fabricate it into trinkets or utensils” (SOUTHEY, 1810: 84-85, grifos meus).

<sup>373</sup> No original: “to follow travellers in other minute circumstances of their description, is not only beneath the dignity of history, but would be foreign to the object of my researches”.

como a *Viagem de Guliver e Robison Crusoe* (YOUNGS, 2013: 38). Não é estranho, portanto, que as obras históricas tivessem que responder não apenas ao interesse dos leitores pelo tipo de descrição encontrada nesses relatos, mas também ao indiscutível problema de que esses relatos de viagem – publicados sobre diversos nomes, mas que eram fruto de uma experiência *in loco* –, muitas vezes, compunham parte considerável do acervo documental do historiador. Certos conteúdos e mesmo a forma de apresentá-los tiveram grande ajuda das narrativas de viagem para serem consolidados como foco de interesse. A abordagem feita do rio Amazonas, na *History of Brazil*, é bastante devedora de narrativas de viajantes exploradores como Gaspar Carvajal e Walter Raleigh no que diz respeito à descrição geográfica e etnográfica, que abarcava inclusive o mito das amazonas (WHITEHEAD, 2010: 125). Esses relatos de viagem, profundamente imbuídos de histórias fantasiosas, auxiliavam na construção das temáticas de interesse, ao despertar a curiosidade do leitor para certos assuntos, e também serviam de material para as obras de síntese posteriores. O mito das amazonas, assim como o do El Dorado, construídos a partir desses relatos, tinham tanta força persuasiva que Southey, mais de dois séculos depois, ainda respondia sobre eles na *History of Brazil*, dando descredito ao último e não duvidando por completo da possibilidade do primeiro. Mesmo havendo similaridades entre a descrição das amazonas americanas e as da antiguidade, pensava que “nem por isso se torna menos provável a existência destas: e contudo forçoso é admitir que a verdade possível se antolha suspeita pela sua semelhança com a fábula conhecida” (SOUTHEY, 1862b: 457-458).<sup>374</sup> O mito das amazonas, enquanto mulheres resistentes à opressão sofrida nas tribos indígenas, parece que perdurou por longos séculos, pois Fernandes Pinheiro, na tradução da *History of Brazil* remete à memória sobre as amazonas escrita por Antônio Gonçalves Dias, publicada em 1855, no número 18 da *RIHGB*, como comprovação cabal da sua inexistência (SOUTHEY, 1862b: 454).

Havia casos em que as narrativas de viagem não apenas norteavam os tópicos e sua abordagem, mas também eram quase que exclusivamente as únicas fontes desses. Caso exemplar é o livro de Hans Staden, que serve como fonte maior, exceto por uma ou outra passagem, de um capítulo inteiro da *History of Brazil*. O livro de Staden não apenas informa o conteúdo que será transmitido, mas serve de pré-estrutura narrativa em relação à forma de apresentação. Muitas narrativas seiscentistas de viagem

---

<sup>374</sup> No original: “their existence is not the less likely for that reason, and yet it must be admitted that the probable truth is made to appear suspicious by its resemblance to a known fable” (SOUTHEY, 1810: 608-609).

definiram uma estrutura para a imaginação europeia, empregada pela maioria dos escritores subsequentes, em que figuravam a vasta e intrincada natureza da terra e dos rios, a presença alusiva de povos nativos – enigmáticos quando não hostis, que desafiavam a morte por meio de flechas envenenadas ou festas canibais – e a atração por descobertas maravilhosas, quer dos impérios nativos de mulheres, das ligações fluviais insuspeitas, cidades de ouro ou maravilhas da natureza (WHITEHEAD, 2010: 127). Nessas intrincadas visões da natureza tropical, descobriam-se também os nativos que eram, muitas vezes, confundidos com a natureza em si ou indistinguíveis dela por representarem uma enorme barreira para a expansão colonial (LANGFUR, 2006: 289). A história do indígena está também ligada à história do território na medida em que a descrição topográfica encontrava, como que por acaso, esses habitantes. As tribos aparecem, inúmeras vezes, nas narrativas sobre o Novo Mundo apenas pelo fato de estarem dentro do território que os colonizadores chegaram. A história do selvagem se mistura, assim, com a topografia do território.

Esse cenário pré-configurado pelas narrativas de viagem está presente em diversas instâncias da *History of Brazil* e aliou-se com a narrativa dos costumes e maneiras na tentativa de oferecer um retrato do estágio civilizacional das sociedades. Nesse emaranhado de informações, torna-se natural a composição de um relato muitas vezes desconexo e com uma quantidade espantosa de detalhes. Southey, diferentemente de Robertson, não queria traçar um panorama da história do Brasil, mas erigir um monumento à posteridade que contivesse o maior número de informações possíveis. Por um lado, Southey distanciava-se de Robertson ao avaliar os detalhes e as aventuras propostos pela narrativa de viagem, por outro, essa mesmo gênero ajuda-o a aproximar-se de Robertson em relação à abordagem das maneiras dos povos selvagens. Ambos descrevem inúmeras diferenças entre os selvagens e os civilizados, como os utensílios, as roupas, os ornamentos, as casas, a alimentação, a dança, enfim, os costumes e as maneiras. Se Robertson inaugurou ou não uma tradição de abordagem da sociedade selvagem através da identificação do estágio civilizacional em que se encontrava, mediante a descrição de certos aspectos tidos como sinalizadores de civilização, é difícil de precisar, mas certamente contribuiu, e muito, para a difusão desse modelo social-etnográfico-comparativo de pesquisa. A partir do levantamento inicial realizado por Robertson da sociedade indígena e da prescrição de certos elementos como fundamentais para a análise do estado selvagem, é que Southey desenvolveu a sua

narrativa do desenvolvimento das sociedades pré-colombianas e do estado em que se encontravam. Assim como o relato de seu predecessor, o de Southey aparece sempre referenciado aos costumes europeus, pois estava à procura dos sinais de civilização e a sociedade europeia era tida como a única a ter chegado ao grau mais avançado de desenvolvimento. Essa referencialidade possibilitou mensurar o grau de civilização dos povos que passou em revista. Nesse contexto é que o leitor atual da *History of Brazil* encontra passagens aparentemente estranhas que apontam para a ausência de, por exemplo, guardanapos entre os selvagens e o emprego de diversas palavras extremamente pejorativas. Impostor (*juggler*) e conjurador (*conjuror*), por exemplo, são constantemente empregadas para se referir aos curandeiros indígenas. Southey tinha a convicção que seria melhor ter “uma nação cristã e civilizada” (*a Christian and civilized nation*) do que selvagens nômades e sem conhecimento das letras, da pintura, escultura, dança, música, e tantos outros benefícios permitidos por uma sociedade civilizada (SOUTHEY, 1825: 4). Tendo essas bases como referência é que analisou a história colonial brasileira.

### **O REFINAMENTO DAS PAIXÕES DO SELVAGEM**

O casamento de Fernando VI com Maria Barbara, na perspectiva de Southey, trouxe grandes benefícios para o Brasil e Portugal com a consolidação do Tratado dos Limites de 1750. Esse “casamento feliz” (*happy marriage*), que possibilitou o controverso tratado, não seguia as regras da influência, pois a aliança entre os cônjuges era embasada na simpatia: “também ela era doente, tanto mais disposta assim a *simpatizar* com as enfermidades do marido, que a seu turno ainda mais a prezava e admirava pela equanimidade com que a via suportar longos e habituais padecimentos” (SOUTHEY, 1862f: 1-2, grifos meus).<sup>375</sup> Certamente essa empatia potencializada pelo sofrimento partilhado por ambos, não era argumentação comum na linguagem taciteana, já que advinha do repertório sentimental, forjado principalmente nos romances ao longo do século XVIII. Esse vocabulário simpático é mobilizado também no prefácio da *History of Brazil*, em que Southey argumentava que lhe era difícil despertar a simpatia em seus leitores já que “tenho que falar de selvagens tão desumanos que pouca *simpatia*

---

<sup>375</sup> No original: “She too was an invalid, and could thus the better *sympathize* with her husband's infirmities; and he on his part loved and admired her the more for the equanimity with which she endured long and habitual sufferings” (SOUTHEY, 1819: 442-443, grifo meu)



nos podem inspirar os *sofrimentos* por que tiveram de passar” (SOUTHEY, 1862a: 6).<sup>376</sup> A simpatia era um recurso historiográfico vastamente utilizado para harmonizar os interesses na medida em que o entendimento dos sentimentos das pessoas é possível através dela. A simpatia era o componente que transcendia o julgamento e tornava as paixões inteligíveis (MULLAN, 2002: 55).

Por outro lado, o sentimento, enquanto um refinamento do pensamento e como resultado verbalizado da capacidade de sentir (VAN SANT, 2004: 4), era, sem dúvida, um dos tantos indícios de que uma pessoa ou povo era civilizado. Assim, para explicar a falta de ação do governo espanhol para colocar em prática o Tratado dos Limites, Southey propunha que, enquanto em Portugal, essa demora tinha suas causas no terremoto de 1755, na tentativa de assassinato do rei e na perseguição aos jesuítas, na Espanha, isso ocorria “em consequência dos grandes padecimentos e morte lenta da rainha Maria Barbara, e do mortal abatimento em que o rei caiu, com *o coração despedaçado* por esta perda. Sobreviveu ele, como todos quantos o tratavam haviam previsto, alguns meses apenas” (SOUTHEY, 1862f: 73-74, grifos meus).<sup>377</sup> Dentro dessa linha argumentativa foi bastante comum a caracterização do selvagem americano como desprovido de sentimento. A essa aposta interpretativa, Southey reage dizendo que, apesar de existirem fontes que afirmavam que “pouca afeição natural se percebia” nos caetés e do exemplo dado de que “um, que sendo escravo dos portugueses, atirou a filha ainda criança ao rio, por que chorava. Este fato único só provaria brutalidade individual, mas refere-se como exemplo do *insensível caráter* genérico” (SOUTHEY, 1862a: 78, grifos meus).<sup>378</sup> Possuir sensibilidade perante o mundo constituía-se como o primeiro passo para o refinamento dos sentimentos humanos, característicos de uma sociedade civilizada, na medida em que a expressão do sentimento é uma marca de civilidade e de polimento de suas maneiras (VARELLA, 2012: 94).

O gênero conjectural, no qual se insere a teoria dos estágios civilizacionais, sistematizou a discussão generalizada das maneiras em que o historiador buscava

---

<sup>376</sup> No original: “I have to speak of savages so barbarous that little *sympathy* can be felt for any *sufferings* which they endured” (SOUTHEY, 1810: 1, grifos meus).

<sup>377</sup> No original: “by the miserable sufferings and slow death of Queen Maria Barbara, and the deadly decline into which the King sunk, *broken-hearted for her loss*. He survived her, as had been foreseen by all who were about his person, only a few months” (SOUTHEY, 1819: 502, grifos meus).

<sup>378</sup> No original: “there was little natural affection to be perceived” [...] “one who was a slave to the Portuguese, and threw his child into the river because she cried. The single fact would prove nothing more than individual brutality; but it is mentioned as an example of their general *unfeeling nature*” (SOUTHEY, 1810: 44-45, grifos meus).

representar o dia-a-dia em toda a sua diversidade. Aliado ao estudo comparativo das maneiras e dos costumes, surgiu uma psicologia filosófica da mente humana (PHILLIPS, 2000: 173). Para Southey, não existia diferença entre o homem civilizado e o selvagem que não fosse a capacidade que o primeiro possuía de explorar as suas faculdades mentais. O selvagem não era desprovido dessas faculdades, apenas as tinha em estado dormente, como demonstra a análise de Southey da satisfação que os pais indígenas tinham em ver seus filhos aprendendo a ler e escrever: “ao vê-los dessa forma, elevados acima de suas próprias condições, evidenciou-se que eles mesmos estavam sendo elevados acima do estado selvagem no qual suas melhores faculdades até então permaneciam adormecidas” (SOUTHEY, 1822: 296).<sup>379</sup> Os selvagens e os homens civilizados partilhavam, portanto, de uma natureza humana que os uniam (SOUTHEY, 1810: 219).

Uma das características das histórias conjeturais era demonstrar a evolução das faculdades mentais humanas, utilizando de diversos exemplificadores para comprovar o desenvolvimento da mente (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011: 127). Para Southey, a língua dos nativos americanos, em consonância com o que ocorria com outros aparatos civilizacionais, mostrava-se em seu estado mais rude. A língua, da mesma forma que o homem, precisava de tempo para assentar, não poderia viver em contínua mudança e, para tanto, precisava cristalizar-se em sua forma escrita, pois as línguas não escritas estão sujeitas a eternas mutações (SOUTHEY, 1819: 389-390). A escrita era tida por Southey como um sinal do desenvolvimento das faculdades intelectuais dos indígenas e também como instrumento capaz de alterar essa realidade na medida em que deveriam aprender “uma [língua] europeia que lhes poria ao alcance os meios da instrução intelectual e religiosa” (SOUTHEY, 1819: 397-399; 1862f: 220).<sup>380</sup> Era dever dos colonizadores fazer “a substituição de uma língua bárbara por outra europeia e civilizada (*cultivated*)” (SOUTHEY, 1862e: 475).<sup>381</sup>

Segundo Robertson, a constituição do nativo americano apontava uma incapacidade para o trabalho pesado. Tarefas que um europeu realizaria com extrema facilidade eram impossíveis de serem completadas, mesmo quando tirados de sua

---

<sup>379</sup> No original: “at seeing them thus raised above their own condition, evinced that they themselves were rising above the savage state in which their better faculties had hitherto lain dormant”.

<sup>380</sup> No original: “an European language, which would put the means of religious and intellectual instruction within their reach” (SOUTHEY, 1819: 622).

<sup>381</sup> No original: “to introduce an European and cultivated language in place of a barbarous one” (SOUTHEY, 1819: 372).

natural indolência: “esta fraqueza de constituição era universal entre os habitantes dessas regiões da América que estamos inspecionando e pode ser considerada como característica da espécie de lá”, “uma prova de certa debilidade em sua compleição ainda mais impressionante é a insensibilidade dos norte-americanos para os encantos da beleza e o poder do amor” (ROBERTSON, 1783b: 55).<sup>382</sup> Salientava que “em todas as partes do Novo Mundo os nativos tratam suas mulheres com frieza e indiferença. Elas não são nem objeto dessa afeição delicada que tem lugar na sociedade civilizada, nem desse desejo ardente, conspícuo entre as nações rudes” (ROBERTSON, 1783b: 57).<sup>383</sup> Infelizmente chegava à conclusão de que “essa é uma ideia muito refinada para um selvagem, e sugerida por uma *delicadeza de sentimentos e afeição que lhe é estranha*” (ROBERTSON, 1783b: 58, grifos meus).<sup>384</sup>

A catalogação do indígena como selvagem levou, em certos aspectos, a sua desumanização em que, por não ser um homem civilizado, não possuía os atributos de membros de uma sociedade comercial e polida e, certamente, a delicadeza dos sentimentos era um desses atributos essenciais. A forma como os selvagens tratavam o sexo oposto, “como um ser inferior, com desdém” era, no entendimento de Robertson, e de parte das gerações futuras, prova cabal de que esses eram desprovidos de sentimento, pois “desprezar e degradar o sexo feminino é característico do estado selvagem em todas as partes do globo” (ROBERTSON, 1783b: 90).<sup>385</sup> A condição da mulher dentro da sociedade era um tema com vasta repercussão dentro do cenário intelectual britânico e que continuou pujante por longas décadas. Basta lembrar, como exemplo de sua atualidade no início do século XIX, os numerosos debates suscitados com *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), escrito por Mary Wollstonecraft. Esse horizonte interpretativo do selvagem como um ser humano destituído de paixões possíveis de serem refinadas a ponto de tornarem-se sentimentos polidos e, portanto, que não tinha nenhuma afeição à família e submetia o sexo feminino a uma posição indigna na

---

<sup>382</sup> No original: “This feebleness of constitution was universal among the inhabitants of those regions in America which we are surveying, and may be considered as characteristic of the species there” e “a proof of some feebleness in their frame still more striking, is the insensibility of the Americans to the charms of beauty, and the power of love”.

<sup>383</sup> No original: “in every part of the New World the natives treat their women with coldness and indifference. They are neither the objects of that tender attachment which takes place in civilized society, nor of that ardent desire conspicuous among rude nations”.

<sup>384</sup> No original: “That is an ideia too refined for a savage, and suggested by a delicacy of sentiment and affection to which he is stranger”.

<sup>385</sup> No original: “as an inferior, with disdain” [...] “To despise and to degrade the female sex, is the characteristic of the savage state in every part of the globe”.

sociedade, como veremos mais adiante, é uma possibilidade interpretativa combatida por Southey em vários aspectos. Efetuar uma análise da sociedade indígena significava também mapear a sensibilidade das tribos para poder julgar a capacidade do selvagem de tornar-se civilizado.

Um problema constante para a civilização do indígena era o costume de comer carne humana. Southey, contrariando o que muitos autores defendiam, afirmava que “tinham os selvagens aprendido a olhar a carne humana como a mais preciosa das iguarias” não por causa de uma ausência de humanidade, mas porque “o maior sabor vinha-lhes sempre da vingança satisfeita; *e era este sentimento*, e o pundonor a ele ligado” que tornava tão difícil o combate ao canibalismo. Como selvagens que eram, “*da vingança tinham os indígenas brasileiros feito a sua paixão predominante*, exercendo-a pelo mais mesquinho motivo, para com o que davam pasto e força a uma propensão já por si assaz forte” (SOUTHEY, 1862a: 315-316, grifos meus).<sup>386</sup> O canibalismo era, portanto, um sinal dos sentimentos que predominavam na sociedade indígena, que, diferente da civilizada, tinha a vingança como seu guia.

Entre os diversos povos do Mundo existiam vários tipos de canibalismo, que não o praticado de modo selvagem, pois o que definia a selvageria do canibalismo não era a prática em si, mas o motivo e o significado que a envolviam. Os *bataks*, da ilha de Sumatra, “*comem carne humana; mas comem-a legalmente – são canibais por lei*”. Eram um povo que notoriamente praticava o canibalismo, “como uma espécie de cerimônia; como um modo de mostrar a sua repulsa a certos crimes, por meio de uma punição ignominiosa; e, ocasionalmente, mas muito raramente, como uma exibição selvagem de vingança e insulto aos seus desafortunados inimigos”. Essas cerimônias aconteciam principalmente em caso de adultério, um crime considerado capital (SOUTHEY, 1826b: 109, grifo no original). Portanto, parte do canibalismo dos *battas* não pode ser considerado selvagem, pois não tinha a vingança como mote.<sup>387</sup>

Outro tipo de canibalismo era o dos *tapuias*. Enquanto “os *tupis* devoravam seus inimigos como o maior sinal de ódio, os *tapuias* comiam os seus próprios mortos como

---

<sup>386</sup> No original: “They had learnt to consider human flesh as the most exquisite of all dainties” [...] “they derived their highest flavour from revenge; *and it was this feeling*, and the sense of honour connected with it that”. “The native Brazilians had made *revenge their predominant passion*, exercising it upon every trifling occasion, to feed and strengthen a propensity which is of itself too strong” (SOUTHEY, 1810: 222-223, grifos meus).

<sup>387</sup> No original: “they *do* eat human flesh; but they eat it legally—are cannibals by law. [...] as a species of ceremony; as a mode of showing their detestation of certain crimes, by an ignominious punishment; and occasionally, but very rarely, as a savage display of revenge and insult to their unfortunate enemies”.

última demonstração de respeito (*love*)”. Assim, os pais comiam seus filhos e guardavam-se os ossos dos entes queridos para serem triturados e oferecidos, como o presente mais precioso nas festas de casamento (SOUTHEY, 1862b: 41-42).<sup>388</sup> Neste caso, mais uma vez tem-se a distinção da prática canibal pelo sentimento que a motiva, colocando em evidência a importância de pautar os sentimentos sociais também dentro de um horizonte civilizacional. Uma sociedade selvagem deixava-se dominar pelo ódio e pela vingança, sentimentos expurgados da sociedade civilizada.

A indiferença para com os idosos, doentes e mortos era também uma evidência afetiva clara da brutalidade desses povos. “O mais singular costume dos lênguas”, observava Southey, “referia-se a moléstias e morte”:

Quando estava algum a expirar, arrastavam-no pelas pernas para fora de sua cabana, [para que] não fosse morrer dentro, levando-o a cinquenta passos de distância. Ali abriam uma cova por causa da limpeza, deitavam-no de costas, acendiam-lhe uma fogueira de um lado, punham-lhe do outro um vaso com água, e deixavam-no [para] que morresse em paz.

Em momento algum cuidavam do doente, os lênguas poderiam até olhar para ele a certa distância, mas “não para ministrar socorros ou prestar qualquer ofício de *caridade*, nem para exprimir algum *sentimento de humana simpatia*, mas para ver se dera o último arranco” (SOUTHEY, 1862e: 503, grifos meus).<sup>389</sup> Falta-lhes sentimento perante o próximo, capacidade inerente a todo ser humano civilizado. Os moxos igualmente enterravam seus mortos e “nos funerais poucas cerimônias se observavam; abriam os parentes uma cova, acompanhavam até lá o corpo, dividiam entre si o espólio do finado, e *esqueciam-no*”. Entre os retoronhos, pechuyos e guarayos, que “*manifestavam [...] seu sentimento pelos mortos*”, prevalecia, contudo, “singular costume”, “consumido o corpo, desenterravam os ossos, e reduziam-nos a pó, de que misturando com milho preparavam um bolo, oferecer ou participar do qual era o maior

---

<sup>388</sup> No original: “the Tupis devoured their enemies as the strongest mark of hatred, the Tapuyas ate their own dead as the last demonstration of love” (SOUTHEY, 1810: 379-383).

<sup>389</sup> No original: “The most singular custom of the Lenguas” [...] “related to sickness and death” [...] “When any one appeared to be near his end, they dragged him by the legs out of his hut, lest he should die there, and haled him some fifty paces off; made a hole there for the sake of decent cleanliness, laid him on his back, kindled a fire on one side, placed a pot of water on the other, and left him to expire” [...] “not to administer assistance, not to perform any office of human charity, not to express any sense of human sympathy,.. but to see whether he had breathed his last” (SOUTHEY, 1819: 393, grifos meus).

sinal de amizade” (SOUTHEY, 1862e: 264, grifos meus).<sup>390</sup> Entre os tupinambás, “uma das mais negras sombras do temperamento dos selvagens, era mostrarem-se *insensíveis* aos doentes, esquecendo-se até de dar-lhes de comer, quando reputavam desesperado o caso, de modo que muitos morriam de fome, que escapariam talvez da moléstia”. Não era nem mesmo necessário que estivessem mortos para serem encaminhados para sepultamento, e “a vista do sepulcro devia provocar um salutar esforço da natureza, quando este era possível ainda, mas o fato implica também ter havido alguém que *sentindo compaixão*, procurava salvar o padecente” (SOUTHEY, 1862a: 348-349, grifos meus).<sup>391</sup>

A ausência de sentimento também dominava o trato dos selvagens com as suas crianças. No Taiti, por exemplo, cerca de dois terços de todos os bebês eram mortos e na América do Sul muitas tribos adotavam o infanticídio como um método eficaz de controle populacional (CRAIG, 2007: 144). Durante o século XVIII, a condição da mulher ajudava a determinar, para muitas pessoas, o grau de civilidade de qualquer sociedade. A ênfase na liberdade cultural feminina, que não tinha tido precedentes na história, foi acompanhada por um desejo de restringir o papel social da mulher ao doméstico e maternal, demonizando figuras de mães selvagens canibais ou infanticidas que violavam a ideia de uma natureza feminina naturalmente cuidadora (ORR, 1999: 133). Junto com o movimento de ojeriza ao infanticídio, caracterizado como digno de nações sejam orientais, bárbaras ou selvagens, e de uma compreensão de que um estado de sociedade mais avançado não comportaria a morte de uma criança, seja por excesso populacional ou qualquer outra convenção social, consolidou-se a ideia de que evitar a maternidade era uma violação da natureza feminina (ORR, 1999: 146). Assim, afirmava Southey, que os guaicurus “matavam todas as crianças disformes, ilegítimas, ou gêmeas, provavelmente pela ideia de que por força haviam de sair fracas” e que o “costume ainda mais bárbaro era o de não criar uma mãe mais do que um filho, procurando abortar, ou matando todos os outros logo depois de nascidos” (SOUTHEY,

---

<sup>390</sup> No original: “*with little ceremony*: the relations dug a grave, and accompanied the body thither; then divided the property of the deceased, and appeared to forget him” [...] “manifested their feeling for the dead” [...] “*a remarkable custom*: when the body had mouldered they dug up the bones, reduced them to powder, and mingling it with maize, composed a sort of cake, which they considered it the strongest mark of friendship to offer and partake” (SOUTHEY, 1819: 204, grifos meus).

<sup>391</sup> No original: “It is among the worst parts of their character, that they were *unfeeling* to the sick, and when they thought the case hopeless, neglected to give them food, so that many died rather of want than of disease” [...] “The sight of the grave would occasion a salutary effort of nature, when recovery was possible; but this fact also implies that there were some who *felt compassion*, and endeavoured to preserve them” (SOUTHEY, 1810: 247-248, grifos meus).

1862a: 177).<sup>392</sup> Southey acreditava que “por motivos de egoísmo, ou superstição, é o infanticídio vulgar entre *nações bárbaras ou semicivilizadas (uncivilized and semi-barbarous nations)*”.

De forma geral, “são as crianças do sexo feminino particularmente as vítimas, pela dificuldade com que as mulheres proveem à própria subsistência”, sendo verificado entre algumas tribos americanas que “frequentemente se vê a mãe matar a filhinha recém-nascida como um ato de compaixão (*compassionate love*), *tão miserável é ali a sorte da mulher*” (SOUTHEY, 1862d: 58, grifos meus).<sup>393</sup> Assim:

*a castidade, como a compaixão, é uma das virtudes da civilização; as sementes estão dentro de nós, mas não vão crescer sem cultura. O costume [dos tupis] de arrebanharem-se conjuntamente em dormitórios grandes e não divididos produziu um óbvio e pernicioso efeito: toda a decência foi destruída por isso; uma lascívia ilimitada foi a consequência, e isso, por sua vez, levou ao mais repugnante de todos os ultrajes contra a natureza humana. Se um homem estava cansado de sua esposa ele a dava para se casar com outra pessoa, e pegava tantas quantas quisesse [...] Os maridos parecem não ter conhecido o ciúme; isso não pode, talvez, existir sem amor; e o amor também é um refinamento (SOUTHEY, 1810: 241, grifos meus).*<sup>394</sup>

Parece claro que os sentimentos dos selvagens, assim como seus costumes e modo de vida, não eram polidos. A crueldade, para Southey, era uma das marcas da selvageria e o ciúme (*jealousy*), sentimento bárbaro, incapacitava a vivência em sociedade (SOUTHEY, 1810: 117; 1819: 756). É importante ter em mente que desde, ao menos, meados do século XVIII existia um interesse profundo pelos sentimentos na medida em que “uma descrição de um mundo social e moral deve ser uma descrição dos

---

<sup>392</sup> No original: “destroy all deformed children, all illegitimate ones, and all twin, probably from a notion that they must needs be feeble” [...] “a custom yet more barbarous, and far more singular, is, that a mother rears only one child; either procuring abortion, or killing the rest as soon as born” (SOUTHEY, 1810: 118-119).

<sup>393</sup> No original: “infanticide is common among *uncivilized and semi-barbarous nations*, from motives of selfishness or of superstition” [...] “female infants are peculiarly the victims, because of the difficulty with which women can provide for their own support” [...] “the mother frequently puts her new-born daughter to death, as an act of compassionate love,.. *so miserable there is the condition of woman*” (SOUTHEY, 1817a: 375, grifos meus).

<sup>394</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “*Chastity, like compassion, is one of the virtues of civilization; the seeds are in us, but will not grow up without culture. Their custom of herding together in large and undivided dormitories produced an obvious and pernicious effect: all decency was destroyed by it; universal lewdness was the consequence, and this in its turn led to the most loathsome of all outrages against human nature. If a man was tired of a wife he gave her away, and he took as many as he pleased [...] The husbands seem to have known nothing of jealousy; it cannot, perhaps, exist without love; and love also is a refinement*”.

movimentos das paixões” (HUME *apud* MULLAN, 2002: 24).<sup>395</sup> Nesse contexto que gostaria de situar os interesses de Southey pelos sentimentos ou ausência deles dentro das sociedades selvagens. Robertson já observava na *History of America*:

a fim de completar a *história da mente humana* e atingir um perfeito conhecimento de sua natureza e operações, devemos contemplar o homem em todas as diversas situações onde ele foi colocado. Devemos segui-lo em seu progresso através dos diferentes estágios da sociedade, à medida que avança gradualmente a partir do estado infantil da vida civil para a sua maturidade e declínio. Devemos observar, em cada período, como as *faculdades de seu entendimento se desdobraram*, devemos prestar atenção aos esforços de sua potência ativa, olhar *os movimentos da afeição* como eles surgem em seu peito e assinalar para onde eles tendem e com que ardor são exercidos (ROBERTSON, 1783b: 43-44, grifos meus).<sup>396</sup>

As paixões são verdadeiros meios de socialização e civilização, que podem facilmente ser transmitidos ao próximo, passando de uma pessoa para outra (MULLAN, 2002:23-24). O sentimentalismo é a expressão de uma ansiedade cultural em relação à natureza das relações sociais. A linguagem do sentimento era utilizada como recurso de representação dos laços sociais necessários em que a sociabilidade é dependente da capacidade de comunicar as paixões e os sentimentos. Sociabilidade depende do tráfego, não só de opiniões, mas de sentimentos harmoniosamente organizados e, nesse contexto, sentimento poderia significar tanto julgamento – no sentido de opinião – quanto afeição (MULLAN, 2002: 2; 7-8). A linguagem do sentir é, portanto, universal.

O homem selvagem em seu estado de natureza não havia ainda desenvolvido o sentimento – próprio de uma sociedade em estado mais avançado – e permanecia dominado pelos sentidos: “vivendo quase [como] animais no estado da natureza, tinham os seus sentidos essa agudeza que destroem os hábitos da vida civilizada” (SOUTHEY, 1862a: 351).<sup>397</sup> As faculdades desenvolvidas pela civilização e pela selvageria eram outras, ligadas ao modo de vida e as necessidades de cada sociedade. Existiria certo contraponto entre o domínio dos sentidos, necessários para os que não viviam

---

<sup>395</sup> No original: “a description of a social and moral world must be a description of the movements of passions”.

<sup>396</sup> No original: “In order to complete the *history of the human mind*, and attain to a perfect knowledge of its nature and operations, we must contemplate man in all those various situations wherein he has been placed. We must follow him in his progress through the different stages of society, as he gradually advances from the infant state of civil life towards its maturity and decline. We must observe, at each period, how the *faculties of his understanding unfold*, we must attend to the efforts of his active power, watch the *motions of affection* as they rise in his breast, and mark whither they tend, and in what ardour they are exerted”.

<sup>397</sup> No original: “Living almost like animals in a state of nature, their senses had that acuteness which the habits of civilized life destroys” (SOUTHEY, 1810: 249).



protegidos pelos artefatos criados pelo progresso da sociedade e o conforto de uma vida sedentária, e os sentimentos refinados dos que viviam sem os dispensáveis instintos primevos. O homem tinha, como todos os animais, passado por um processo de domesticação que levou ao abandono dos sentidos em prol dos sentimentos. Caminho esse que parecia tão natural, quanto o dos estágios civilizacionais. Os guaicurus, segundo Southey, não tinham nem música nem canções, produzidas pelo refinamento, mas “manifestando contudo *viva sensibilidade ao ouvirem sons doces*: escutam com excessivo deleite uma cantiga portuguesa, e se é melancólica a toada, arranca sempre *lágrimas às mulheres*” (SOUTHEY, 1862f: 284, grifos meus).<sup>398</sup>

O mundo selvagem mostrava-se diferente do civilizado, pois nele não apenas os sentidos reinavam, mas a paixão revelava-se como desejo e não como sentimento refinado. A selvageria americana também dava seus sinais na opressão do sexo feminino, principalmente quando manifestava-se enquanto falta de afeto entre os integrantes de uma família. Southey concordava com o entendimento comum em sua época de que a forma como as mulheres eram tratadas constituía um indicador do nível de civilização: “quanto mais brutal a tribo, tanto pior é sempre o tratamento das mulheres”. Em sua avaliação, por exemplo, “a muitos respeitos eram os tupinambás *uma raça melhorada: às mulheres cabia um tanto mais do que o seu equitativo quinhão no trabalho, mas não eram tratadas com bruteza, nem era no todo desgraçada a sua sorte*” (SOUTHEY, 1862a: 341, grifos meus).<sup>399</sup>

As mulheres não só tinham um papel restrito nessas sociedades, mas também eram reduzidas a uma espécie de concubinas, quando a poligamia era permitida. A monogamia era um sinal de civilização no sentido que também dizia respeito à forma como as mulheres eram tratadas. Southey acreditava que, ao contrário do que acontecida nas sociedades civilizadas, muitas tribos selvagens preferiam a poligamia (CRAIG, 2007: 144). “Neste notável e importante ponto, diferiam os guaicurus da maior parte dos selvagens”, “não podia o homem ter mais do que uma esposa ao mesmo tempo, embora lhe fosse lícito mudar de consorte, quantas vezes quisesse, é isto contudo melhor do que

---

<sup>398</sup> No original: “yet they manifest a *lively sensibility to sweet sounds*: they listen to a Portuguese song with exceeding great delight; and if the air be melancholy, it always draws *tears from the women*” (SOUTHEY, 1819: 673, grifos meus).

<sup>399</sup> No original: “the more brutal the tribe, the worse always is the treatment of the women” [...] “the Tupinambas were in many respects *an improved race; their wives had something more than their due share of labour, but they were not treated with brutality, and their condition was on the whole happy*” (SOUTHEY, 1810: 242, grifos meus) (SOUTHEY, 1810: 242, grifos meus).

a poligamia nem escravizar as mulheres, razão talvez por que são tratadas com respeito” (SOUTHEY, 1862a: 177-178).<sup>400</sup>

O problema da poligamia merecia atenção por estar ligado às relações entre homem e mulher, enquanto uma família, enquanto seres sociais, na medida em que reduzia tudo a luxúria, destruindo ambas as relações, basais da sociedade. A importância dada a sexualidade estava ligada a poligamia na medida em que o comportamento social, nesse caso ligado à reprodução, interferia diretamente no bem estar social. Para Southey algumas sociedades tendiam a piorar por causa de “algum princípio de deterioração fatal e inseparavelmente ligado às suas instituições: tais são por exemplo a poligamia entre os muçulmanos, o sistema de casta onde quer que prevalece” (SOUTHEY, 1862f: 482).<sup>401</sup>

Na *History of Portugal*, Southey salientou igualmente os perigos sociais introduzidos pela poligamia. O “grande e desastroso erro” do islamismo, argumentava, era a poligamia: “onde muitas mulheres são permitidas, nem a afeição conjugal, nem paterna, nem fraterna podem existir”. A família era controlada, assim, pelo medo, alimentando o despotismo. A existência de um governo despótico privado fatalmente conduziria a um despotismo na esfera pública (SOUTHEY, 2013 mimeo).<sup>402</sup> Assim:

os estímulos perpétuos da poligamia trazem uma debilidade prematura e não natural. A extensão do harém é a medida da riqueza e importância de quem o possui. Todas as paixões são absorvidas pela voluptuosidade, toda a felicidade centrada na satisfação de um apetite. As mulheres só são instruídas em libertinagem, a relação entre os sexos é totalmente sexual, a sensualidade torna-se a característica de um povo inteiro, e a humanidade é desgraçada por crimes os mais repugnantes e detestáveis. Isso, então, é a causa primária e geral do despotismo oriental e sua conseqüente inferioridade (SOUTHEY, 2013 mimeo).<sup>403</sup>

---

<sup>400</sup> No original: “In this remarkable and important point the Guaycurus differed from most other savages” [...] “it is merely having wives in succession, instead of many at once: because they change as often as they chuse; yet this custom is better than polygamy; the women are not enslaved by it, and it is probably owing to this cause that they are treated with respect” (SOUTHEY, 1810: 119).

<sup>401</sup> No original: “some principle of deterioration fatally and inseparably connected with their institutions; such as polygamy among the Mahommedans, and the system of casts, wherever it prevails” (SOUTHEY, 1819: 831).

<sup>402</sup> No original: “great & ruinous error” [...] “where many wives are permitted neither connubial, nor paternal, nor brotherly affection can exist”.

<sup>403</sup> No original: “the perpetual stimulations of polygamy bring on a premature & unnatural debility. The extent of the harem is the measure of its possessors wealth & consequence. All passions are absorbed in voluptuousness, all happiness centered in the indulgence of one appetite. Women are only instructed in wantonness, the intercourse of the sexes is wholly sexual, sensuality becomes the characteristic of a whole people, & humanity is disgraced by crimes the most loathsome & detestable. This then is the primary & general cause of oriental despotism & consequent inferiority”.

Obviamente que se tratando de uma sociedade bastante diversa da encontrada nas Américas, não necessariamente quer dizer que a poligamia seja a causa de qualquer comportamento social presente nos trópicos. Porém, o trecho salienta a importância que Southey atribuía às relações conjugais e familiares em sua visão moral das sociedades e como elas poderiam contribuir para o melhoramento e refinamento das relações sociais.

Todos esses fatores elencados reforçavam o entendimento de Southey que o estado selvagem era um estado de degeneração e não de nobreza. A selvageria e o barbarismo eram momentos em que a natureza humana estava corrompida (CRAIG, 2007: 145). Na *History of Brazil*, Southey sugeriu vários motivos que poderiam explicar o retrocesso da sociedade em geral. A falta de influência exercida por um mundo civilizado, especialmente a influência civilizadora do comércio era um desses fatores de grande importância e articulados principalmente em relação à colonização e herança portuguesa. Contudo, esse não era o único motivo para a degeneração, existiam outros casos em que estava intimamente ligada à poligamia, que corrompia as afeições sexuais e sociais, ou à escravidão e ao sistema de castas, que sufocavam a ambição e o desenvolvimento. Em última análise, a natureza do governo e, especialmente, a religião eram considerados por Southey como fatores integrantes no processo de melhoramento de uma nação (CRAIG, 2007: 146-147). Antes de explorar melhor a relação da religião, em especial dos jesuítas, com o desenvolvimento das sociedades, gostaria de chamar a atenção para o processo de degeneração dos selvagens e dos estancieiros espanhóis, que tinha ocorrido, na perspectiva de Southey, em parte da sociedade colonial.

#### **ALIMENTANDO A CIVILIZAÇÃO: SELVAGENS E ESTANCIEIROS**

A prescrição, feita por William Robertson, dos costumes e das maneiras como componentes centrais da escrita da história do Novo Mundo possibilitou a introdução do selvagem à história da humanidade através do mapeamento de seu modo de vida e posterior comparação com outras civilizações. Privilegiando-se desse alargamento da investigação histórica, amplamente efetuado em meados do século XVIII, Southey realizou uma etnologia bastante ampla dos indígenas que residiam nos atuais territórios do Brasil, da Argentina e do Paraguai na medida em que apresentou ao seu leitor, principalmente no primeiro volume, uma descrição de não menos do que 60 tribos, abordadas separadamente de acordo com o seu encontro com os colonizadores. Como

expus na seção anterior, de forma geral, os aspectos apresentados por Southey das tribos indígenas convergem no interesse por elementos relacionados ao modo de subsistência, à dieta, ao local onde viviam e como se organizavam, às vestimentas e aos adereços, à produção de manufatura – indício de desenvolvimentos das artes – e à língua. Gostaria de chamar a atenção, nessa parte da tese, para o destaque da alimentação dentro da articulação da teoria dos estágios civilizacionais feita por Southey, em total sintonia com debates iniciados com a descoberta e colonização do Novo Mundo, que questionavam sobre a importância da comida para a sobrevivência e/ou não degeneração do colonizador, assim como para a civilização do indígena. A alimentação não se restringia a uma necessidade biológica do homem, podendo carregar um complexo sistema simbólico de significados sociais, éticos, estéticos, entre outros (CARNEIRO, 2003: 1).

A comida era uma forma não apenas de evidenciar o estágio civilizacional de uma sociedade, através do tipo de alimento consumido, mas também era encarada pelos primeiros colonizadores como remédio contra a tendência à morte que experimentavam no Novo Mundo. O medo de morrer ou de degenerar por causa do clima insalubre contribuiu para que alimentos básicos da dieta europeia, como o pão, vinho e a carne, fossem vistos como auxiliares à preservação da saúde. Esse entendimento, característico dos primeiros colonizadores, não perdeu sua validade por completo ao longo da colonização e ajudou a por em relevo o papel da alimentação para as discussões sobre a saúde do colonizador, o corpo indígena e a colonização de povos distantes (EARLE, 2010: 688).

Durante os séculos XVI e XVII, existia um receio patente de que habitar um meio ambiente não familiar entre pessoas não familiares talvez alterasse não apenas os costumes, mas os próprios corpos das pessoas (EARLE, 2010: 688). Como exploro mais detidamente no “Capítulo 4 – A degeneração e a criação de novas raças e novas doenças: a mistura de raças e o clima tropical”, o clima era um dos fatores que os europeus creditavam mudanças na saúde e no temperamento, mas ele não estava isolado enquanto agente modificador do equilíbrio corporal. Existiam diversas outras instâncias que contribuíam para delimitar o que seria uma constituição europeia. A comida esteve no centro de muitos debates acerca da diferença entre europeus e ameríndios, que estruturavam os esforços europeus para a compreensão das Américas e de seus habitantes (EARLE, 2010: 689). Caso muito particular, por exemplo, era o dos crioulos

na América espanhola, que mesmo sendo filhos de europeus, e, com isso, fisicamente idênticos aos espanhóis, por terem nascidos na América eram considerados de uma raça diversa. Eram diferentes não pelo aspecto fisionômico, mas por terem nascido em um clima diferente, o que não só alterava as suas constituições e temperamento, mas inclusive os nutria com alimentos diversos dos europeus, tornando-os não espanhóis.

Era comum que escritos sobre a colonização, principalmente entre os séculos XVI e XVII, concordassem que os europeus, quando começavam a comer outros alimentos que não os próprios de sua dieta, geravam um sangue novo, que produzia um novo humor e que, por sua vez, criava novas habilidades e condições. A mudança na alimentação, como a mudança no clima, era susceptível de provocar uma mudança no corpo e temperamento das pessoas (EARLE, 2010: 693). A teoria humoral ofereceu uma alternativa para explicar a inquietação colonizadora sobre a diferença entre os corpos indígenas e europeus, que, mesmo vivendo sob o mesmo céu e sobre a mesma terra, teimavam em não serem iguais. Com isso, dizer que o clima ou as estrelas mudavam o temperamento e a constituição de um ser humano não era suficiente para explicar essa dessemelhança, e foi quando se recorreu também à dieta. Eles eram diferentes uns dos outros, pois comiam comidas diferentes (EARLE, 2010: 695).

Desde o século XVI, existia o encorajamento dos indígenas, por parte dos colonizadores e missionários, a adotarem hábitos europeus, sendo altamente desejável que houvesse uma europeização do que comiam, bebiam, vestiam e também da sua moral e dos hábitos de higiene (EARLE, 2010: 708). As plantas europeias eram introduzidas no Novo Mundo não apenas por causa do paladar europeu, que as valorizava, mas também como tentativa de não alterar a dieta e, conseqüentemente, o humor dos colonizadores e, de forma inversa, civilizar os indígenas pelo estômago. A carne, o pão de trigo, o vinho e o azeite eram sustentáculos da dieta ibérica e, muitas vezes, apontados pelos colonizadores como alimentos primordiais para a sobrevivência do colonizador no Novo Mundo (EARLE, 2013). Porém, exceto por alguma carne de caça, nenhum desses alimentos poderia ser encontrado imediatamente nas novas possessões. Por mais que a justificava do consumo de certos alimentos pela teoria hipocrática-galênica dos humores tenha perdido boa parte de sua força argumentativa em finais do século XVIII e início do XIX, muito por causa da grande experiência colonial acumulada sobre o corpo, e tenha sido muito pouco articulada por Southey, a diretriz alimentar considerada saudável – composta fundamentalmente por ingredientes

e modos de preparo europeus – passou a responder por civilizada e contribuiu para que a comida permanecesse como aspecto central das sociedades. A dieta, quando aliada a teoria dos quatro estágios, não dizia mais tanto sobre a mutabilidade do corpo, mas sobre o estado civilizacional das sociedades.

No que concerne os benefícios da passagem de uma sociedade de caçadores e coletores para uma sociedade agrícola, são inúmeros os exemplos, na *History of Brazil*, em que a ausência de vegetais e temperos na dieta é indicadora de deficiência civilizacional. Uma culinária não baseada na agricultura, mas no acaso, era vista pelos escritores coloniais europeus como fundamentalmente não civilizada, pois passava por uma ingerência do meio ambiente (EARLE, 2013: 82). Os aimorés, por exemplo, na abordagem de Southey, encontravam-se, como a maioria das tribos americanas, no estágio de caçadores e coletores, comendo frutas silvestres que recolhiam e matando animais que encontravam na natureza (SOUTHEY, 1810: 282). Sociedades no estágio caçador-coletor não poderiam beneficiar-se das benesses advindas de uma sociedade formada por agricultores em que a alimentação ganhava certo refinamento e ares de convívio social. Os goaitacaza guazu também “subsistiam principalmente, se não inteiramente de carne e peixe, que colocavam sobre as brasas, e comiam logo que estava quente, não importando se estivesse cru dentro”.<sup>404</sup> A alimentação mostrava, nesse caso, vários aspectos da selvageria como a preponderância de uma dieta carnívora que não incorporava vegetais, obviamente ausente por não tratar-se de sociedade agrícolas, e a falta de refinamento com que o alimento era preparado, sem tempero – incluindo o sal – e com uma cocção desleixada. O modo de subsistência, com isso, contribuiu para trazer a dieta dos povos como plano central de indicação do estágio de civilização na medida em que uma sociedade deveria necessariamente tornar-se agrícola para poder não mais ter sua vida governada pelo acaso e refinar os seus costumes, assim como o seu gosto.

Além disso, o impacto, na América, gerado pela introdução do gado e do cavalo na alimentação e nos costumes dos indígenas, dos colonizadores e de seus descendentes foi tópico de grande destaque e curiosidade por parte de Southey, sendo não apenas retomado ao longo da *History of Brazil*, mas também compondo todo o “Capítulo 38: Efeitos da introdução do gado europeu – Tribos equestres”. No sertão do Brasil,

---

<sup>404</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “subsisted chiefly, if not entirely upon flesh and fish, which they laid upon the coals, and ate as soon as it was hot, careless whether it were raw within” (SOUTHEY, 1817a: 666).

Southey alegava que as pessoas não sabiam nada de horticultura e que poderiam melhorar bastante o método de preparo de suas comidas. O cultivo de plantas, assim como a culinária eram artes das mais humanizadoras. Alguns abusos na dieta, que em seu tempo eram vistos com extremo desprestígio, como a alimentação forçada do pato para produção de *foie gras*, praticada na França, “tende, nos estágios iniciais da sociedade, devido ao aumento do conforto doméstico, à melhoria do homem bárbaro” (SOUTHEY: 1817b: 369-370).<sup>405</sup> Essa tendência, contudo, não se mostrou efetiva no que dizia respeito aos estancieiros do Paraguai e do Prata, que visivelmente degeneravam em todos os aspectos da vida civilizada mesmo estando no estágio de pastoreio, mais avançado do que o de caçador-coletor. Igualmente, algumas tribos que viviam no banco norte do rio da Prata quando adquiriram cavalos e bois, não foram alçadas aos cômodos da vida civilizada, mas “tendo a posse desses animais, de que o homem civilizado tira tantos dos seus confortos, só servido a estes selvagens para os fazer esquecer as poucas artes anteriormente exercidas” (SOUTHEY, 1862e: 533).<sup>406</sup>

Southey argumentava que, no século XVIII, a situação dos estancieiros paraguaios era deprimente. Por um lado, ocorreu uma degeneração nos costumes dos estancieiros facilitada pela organização das estâncias e por uma dieta baseada na carne. Southey espantava-se com essa degeneração já que “não havia parte da América do Sul que entre os seus conquistadores tivesse tantos homens de família nobre como o Paraguai; nenhum país do Novo Mundo, exceto talvez a Flórida, tanto desdisse das concebidas esperanças, nenhures teve lugar degeneração tão profunda” (SOUTHEY, 1862e: 548).<sup>407</sup> Por outro, com a introdução do gado na América, foi inevitável que os índios que não faziam parte das Reduções tivessem contato com esse novo alimento fazendo com que travassem guerra com os espanhóis para conseguirem sequestrar algumas cabeças de gado. Esse litígio, dado pela carne animal, foi reconfigurado quando várias tribos indígenas, inclusive os mbaias e os abipones, começaram a ter acesso a cavalos e a ganhar preponderância na região. Foi nesse momento que, vendo a perda do espírito aventureiro por parte dos espanhóis, os indígenas tornaram-se povos

---

<sup>405</sup> No original: “tends, in the earlier stages of society, by increasing domestic comforts, to the improvement of barbarous man”.

<sup>406</sup> No original: “the possession of those animals from which civilized man derives so many of his comforts, has only made these savages forget the few arts which they formerly exercised” (SOUTHEY, 1819: 417).

<sup>407</sup> No original: “no part of South America had so many men of noble family among its conquerors as Paraguay; no part of the New World, Florida perhaps excepted, so much deceived their hopes, and nowhere has so through a degeneracy taken place” (SOUTHEY, 1819: 431).

equestres, atacaram as cidades espanholas e teriam mesmo dizimado todas elas caso os jesuítas não houvessem chegado para pacificá-los (SOUTHEY, 1819: 376-378, 380, 441).

Não obstante, se a história de um povo civilizado era marcada pela alimentação dada por certas comidas, ela era igualmente definida pela exclusão de outras. Os cayaguas, por exemplo, considerados por Southey como os mais rudes da raça guarani, viviam exclusivamente da caça e quando não achavam alguma presa contentavam-se “com cobras, ratos, formigas, minhocas, e toda a casta de répteis e vermes” (SOUTHEY, 1862d: 55),<sup>408</sup> todos esses alimentos vetados a qualquer pessoa em estágio civilizado. A carne humana, igualmente, foi reiteradas vezes sublinhada como um dos alimentos que deveriam estar fora do horizonte das nações civilizadas. O combate ao canibalismo, julgava Southey, era um dos mais difíceis de serem travados por causa dos sentimentos de vingança e honra associados a ele: “era opinião geral entre os índios influir sobre a coragem a qualidade da carne que comiam, e talvez fosse esta uma das causas da antropofagia (*cannibalism*)” (SOUTHEY, 1862f: 527).<sup>409</sup> Deveria haver não apenas um refinamento das paixões, mas também do gosto no que dizia respeito à comida na medida em que o que os habitantes comiam dizia muito sobre a sua inserção na sociedade civilizada. O canibalismo dos aimorés é inclusive salientado como mais selvagem por servir à alimentação e não como prática ritualística (SOUTHEY, 1862a: 397-398). Existia uma relação direta entre dieta e as identidades locais, em que as diferenças eram articuladas através de ideias sobre as diferenças na dieta e seu impacto cultural (BEWELL, 1999: 134-138). No caso específico de Southey, essas diferenças eram salientadas segundo padrões de civilização e barbárie, presentes na teoria dos estágios da sociedade, e articuladas seguindo as diretrizes gastronômicas europeias.

A origem da carne – se humana, de seres peçonhentos ou de nobres animais europeus – era um elemento que ajudava a identificar o tipo de dieta – selvagem, bárbara ou civilizada – das sociedades em geral. Também era claro que a dieta dos indígenas – povos selvagens em sua maioria –, muitas vezes era predominantemente carnívora. No Novo Mundo, porém, outro tipo de fenômeno acontecia com europeus ou

---

<sup>408</sup> No original: “with snakes, mice, pismires, worms, and any kind of reptile or vermin” (SOUTHEY, 1817a: 373).

<sup>409</sup> No original: “It was a general opinion among the Indians, that their courage was influenced by the quality of their meat,.. and this may have been one of the causes of cannibalism” (SOUTHEY, 1819: 412). Para um panorama do surgimento da palavra canibalismo e de sua predominância em relação à antropofagia para denominar o ato de seres humanos comerem outros da mesma espécie, nas Américas, ver MOTOHASHI, 1999.



seus descendentes que viviam em estâncias no Paraguai e no Prata, que tinham sua alimentação baseada apenas na carne animal, voltando a uma prática de sociedades de caçadores-coletores. Essas pessoas, na perspectiva de Southey, tinham degenerado. A introdução de legumes na dieta, típica de uma sociedade de agricultores, não havia sido efetuada nas estâncias paraguaias pelo excesso de gado: “*Aqui se escarnece dos Europeus que comem legumes e hortaliça, pasto de cavalos*, dizem estes miseráveis, que são *meramente carnívoros*”. Não apenas tinham sua dieta similar a dos indígenas, mas também a forma como cozinhavam o alimento e partilhavam-o eram sinais dessa degeneração: “*À moda dos selvagens* assam a carne num espeto de pau fincado a prumo no chão, *comendo-a sem sal cada qual quando tem fome, não a horas certas, nem em refeições sociais*” (SOUTHEY, 1862e: 539, grifos meus).<sup>410</sup> Não apenas o que se come é importante para perceber os hábitos alimentares de uma população, mas quando, onde, como e com quem se come também são dimensões constantemente em foco na tarefa de mapear as civilizações (CARNEIRO, 2003: 2). Os estancieiros, na visão de Southey, tinham degenerado por negarem as benesses da civilização e voltar a um estágio civilizacional tido como inferior. Essa caracterização pejorativa da preponderância da carne já havia sido realçada por Robertson ao afirmar que “animais carnívoros são, por natureza, solitários e antissociais, eles não saem para ir à caça em bandos, mas deleitam-se naqueles lugares isolados da floresta onde podem vagar e destruir sem serem perturbados. Uma nação de caçadores assemelha-se a eles tanto na ocupação, quanto no gênio” (ROBERTSON, 1783b: 112).<sup>411</sup>

A dimensão da comida não estava exclusivamente no que a pessoa ingeria, mas também no ambiente que a circundava e que conduzia seus hábitos e costumes. No Paraguai, os bois e cavalos, no entendimento de Southey, tinham sido uma verdadeira praga para os estancieiros, não apenas porque a dieta deles era centrada na carne, mas porque as estâncias, como grandes propriedades sem vizinho ou igreja por perto, levavam os seus habitantes a crescerem selvagememente entre as pastagens. O estancieiro não tinha educação e a única que seu filho recebia dizia respeito ao manejo e abate de vacas, que o embrutecia ao invés de refiná-lo. Existia um embrutecimento das pessoas

---

<sup>410</sup> No original: “*They ridicule Europeans for eating pulse and greens, which they say are horse’s diety, ... for this wretches are merely carnivorous*”. “*Like the savages, they roast their meat upon a skewer fixed upright in the ground, and eat it without salt, each when he is hungry, not at any stated hour, nor in social meals*” (SOUTHEY, 1819: 423-424, grifos meus).

<sup>411</sup> No original: “*Beasts of prey are by nature solitary and unsocial, they go not forth to the chase in herds, but delight in those recesses of the forest where they can roam and destroy undisturbed. A nation of hunters resembles them both in occupation and in genius*”.

provocado pelo que comiam na medida em que da relação com o meio ambiente e com os animais é que provinha grande parte do seu sustento: “tão brutais como os de Paraguai e Prata não são os guardadores de gado (*herdsmen*) do Rio Grande: *não sendo exclusivamente carnívoros, também não são meros carniceiros*” (SOUTHEY, 1862f: 525-526, grifos meus).<sup>412</sup> Os pastores do lado brasileiro não eram como os paraguaios, pois continuavam nutrindo a civilizadora arte do cultivo vegetal fortalecendo, portanto, a sua humanidade perante os seres vivos.

Na perspectiva de Southey, o gado selvagem (não domesticado), que se espalhava facilmente pelas pastagens paraguaias e argentinas, tinha gerado mudanças tão profundas quanto as produzidas pela descoberta das minas de ouro e diamante em Minas Gerais, e “cuja prodigiosa multiplicação modificara os hábitos de vida tanto da população índia como da crioula” (SOUTHEY, 1862e: 478).<sup>413</sup> A introdução do gado “em uma terra onde antes da descoberta nenhuns existiam daquela espécie, veio alterar até as características físicas do país. Desapareceram as plantas bulbosas e as numerosas espécies de pitas ou *caraguatás* que antes cobriam as planícies” (SOUTHEY, 1862e: 480, grifo no original).<sup>414</sup> O gado destruía a paisagem nativa e alterava “tanto o mundo vegetal como o dos insetos, adquiriram novos hábitos os animais indígenas do país, não só as aves mas também as bestas feras” (SOUTHEY, 1862e: 480).<sup>415</sup> Após a mudança na composição da paisagem, seguia-se a mudança nos hábitos e costumes. Porém, o gado não era necessariamente uma praga, pois poderia ser um “grande meio de civilização, onde ele se não multiplica tanto e tão facilmente que torne o povo meramente carnívoro” (SOUTHEY, 1862f: 327).<sup>416</sup> Isso era, na opinião de Southey, precisamente o que havia ocorrido no Paraguai:

À abundância de bois e cavalos se tem com razão atribuído a grande e geral degradação (*degradation*) tanto de espanhóis como de índios. Necessariamente

---

<sup>412</sup> No original: “The herdsmen of Rio Grande are not *so brutal* as those of Paraguay and the Plata: *they are not merely carnivorous, and consequently mere butchers*” (SOUTHEY, 1819: 867, grifos meus).

<sup>413</sup> No original: “new habits of life, both in the Indian and Creole inhabitants, were induced by their prodigious increase” (SOUTHEY, 1819: 374).

<sup>414</sup> No original: “in a land where none of the same genus had existed before the discovery, altered even the *physical features of the country*. The bulbous plants and the numerous kinds of aloes (*pitas* or *caraguatas*) with which the plains were formerly overspread” (SOUTHEY, 1819: 376, grifos meus).

<sup>415</sup> No original: “the insects as well as the vegetable world was affected, and the indigenous animals of the country, birds, as well as beasts of prey, acquired new habits” (SOUTHEY, 1819: 376-377).

<sup>416</sup> No original: “There was no want of industry [...] they had brought cattle there, a great means of civilization, where they do not multiply so fast and so easily as to make the people merely carnivorous” (SOUTHEY, 1819: 705-706).

desfavorável à civilização, nenhures se viu a vida pastoral rebaixar e embrutecer tanto o homem como nos países criadores da América do Sul (SOUTHEY 1862e: 537).<sup>417</sup>

O estado das pessoas que viviam nas estâncias, mesmo que diferisse largamente do das tribos selvagens, havia se tornado, em sua essência, muito similar. Os espanhóis tinham adquirido os hábitos dos selvagens ao invés de civilizá-los. Como os indígenas, não existia a proximidade de vizinhos que tanto contribuía para a prosperidade do local. O estágio da sociedade estancieira era “mais asqueroso ainda, se é possível, e mais vergonhoso para a pobre natureza humana” que o selvagem (SOUTHEY 1862e: 538).<sup>418</sup> O mobiliário dos estancieiros, como o dos indígenas, era bastante escarço, consistindo de um barril de água, um chifre, que usavam para beber líquidos, espetos de madeira e um pote de cobre para ferver água para o mate. Crânios de gado e de cavalos tornavam-se assentos e a cama era um simples pedaço de couro cru. Como os indígenas, dormiam todos em um mesmo local: “em igual estado de *bestial imoralidade* se acham as chamadas espanholas, dormindo de ordinário num só quarto a família inteira, e afirmando Azara ser raro chegar *intacta* aos oito anos uma rapariga” (SOUTHEY, 1862e: 538, grifos meus).<sup>419</sup> As estâncias no Paraguai normalmente mediam entre 16 e 20 quilômetros quadrados, e “no meio a tão vastos domínios têm suas choças os guardadores de gado (*herdsmen*), de modo que sem vizinhança, sem natural formação de aldeia, nenhum progresso (*improvement*) é possível” (SOUTHEY, 1862e: 538).<sup>420</sup> A configuração das estâncias, muito parecida com a das aldeias indígenas, facilitava a degeneração dos espanhóis dada por causa do excesso de carne bovina à disposição.

O estágio civilizacional em que o modo de subsistência preponderante era o pastoreio encontrava-se, dentro da teoria dos quatro estágios, em posição inferior ao da agricultura. Era estranho, para Southey, portanto, que esses povos herdeiros de sociedades mais desenvolvidas não vissem no cultivo do solo oportunidade de melhoramento e continuassem sendo pastores:

---

<sup>417</sup> No original: “The great and general degradation, both of the Indians and Spaniards, has justly been attributed to the abundance of kine and horses. The pastoral life is necessarily unfavourable to civilization; but nowhere has it been found so compleatly to debase and brutalize man as in the grazing countries of South America” (SOUTHEY, 1819: 421-422).

<sup>418</sup> No original: “if possible, more loathsome, and more disgraceful to poor human nature” (SOUTHEY, 1819: 423).

<sup>419</sup> No original: “The women who are called Spaniards are in the same state of *bestial immorality*;.. the whole family commonly sleep in one room; and it is affirmed by Azara, that scarcely a girl among them remains *undebauched* by the time she is eight years old” (SOUTHEY, 1819: 423, grifos meus).

<sup>420</sup> No original: “In the midst of such a domain the herdsmen have their huts,.. so that there is no neighbourhood, no natural growth of villages, no possible improvement” (SOUTHEY, 1819: 423).

Nas vizinhanças do Prata *desprezava o povo a agricultura*, dizendo não ser necessário num país em que de carne só se podia viver. No Paraguai porém eram lavradores mais de metade dos habitantes, e quase todos os índios convertidos. Contudo, ali mesmo ninguém queria ser agricultor, podendo ser criador, nem havia quem servisse como jornaleiro agrícola podendo achar emprego como guardador de gado. Notável exemplo este da força do prejuízo, e do império de hábitos ociosos e viciosos, pois que *o caseiro (husbandman) gozava de cômodos desconhecidos ao pastor, ficando acima dele em costumes, moralidade, decência, em quanto respeita à civilização ou a ela conduz, em tudo exceto na estima pública. Iam-lhe à mesa raízes, frutas, legumes, hortaliça e carne, tinha alguns conhecimentos culinários, que são uma das artes civilizadores [sic]; e tomava por conseguinte parte nos prazeres de uma refeição em companhia. E a agricultura produzia também a vizinhança* (SOUTHEY, 1862e: 544, grifos meus).<sup>421</sup>

A passagem para uma sociedade agrícola, na perspectiva de Southey, só produziria benefícios às pessoas, inclusive estimulava o convívio social entre uma família ou grupo advindos da alimentação. A rudeza escondia-se em práticas alimentares que não haviam sido transformadas de mera necessidade fisiológica em prática de socialização. Os iaros, por exemplo, eram conhecidos por “*não serem sociais as suas refeições, comendo cada qual quando tem vontade*” (SOUTHEY, 1862e: 532, grifos meus).<sup>422</sup> O mesmo observava-se entre os moxos. Das 29 tribos que habitavam entre 10 e 15 graus de latitude sul “estavam em diferentes graus de progresso, a partir do ínfimo estado da vida selvagem, contando-se os moxos entre as mais rudes”, pois, entre outras coisas, “*as refeições não tinham lugar a horas fixas do dia, mas quando aparecia mantimento, que consistia principalmente em raízes e peixe*” (SOUTHEY, 1862e: 261, grifos meus).<sup>423</sup>

---

<sup>421</sup> No original: “The people near the Plata held agriculture in contempt, saying that it was not necessary in a country like theirs, where they could live upon meat alone. But in Paraguay more than half the inhabitants were agriculturalists, and almost all the converted Indians. Yet even there no man would become a cultivator if he had means of becoming a grazier, nor would any persons engage as agricultural labourers, if they could get employment as herdsman. This is a remarkable instance of the force of prejudice, and the prevalence of idle and vicious habits; *for the husbandman enjoyed comforts to which the herdsman was a stranger, and was raised above him in manners, morals, decency, in whatever is connected with civilization, or leads to it...* in every thing except public estimation. *His table was served with roots, fruits, pulse, and greens as well as meat; he had some knowledge of cookery, which is one of the civilizing arts; and partook, in consequence, the cheerfulness of a social meal. Agriculture produced neighbourhood also*” (SOUTHEY, 1819: 427-428, grifos meus).

<sup>422</sup> No original: “*their meals are not social; every one eats when he likes*” (SOUTHEY, 1819: 416, grifos meus).

<sup>423</sup> No original: “in many grades of progression, from the lowest state of savage life... the Moxos were among the rudest” [...] “*Their meals were taken, not at stated times of the day, but whenever they could find food, which consisted chiefly of roots and fish. They feasted upon fish when the frost killed them in the stagnant waters: nor was this prey the less acceptable for being putrid, the fire, they said, rendered it good*” (SOUTHEY, 1819: 201, grifos meus).

Os benefícios adquiridos por uma sociedade de agricultores eram visíveis em diversas instâncias, que perpassavam a dieta, a organização urbana e mesmo favoreciam a socialização dos indivíduos. Os temperos, os legumes e as frutas, principalmente a uva, contribuíam para a civilização do homem. Assim lamentava Southey que:

Em princípios do século décimo sétimo se cultivavam muitas vinhas e com grande proveito nas cercanias da Assunção a ponto de se exportar vinho para Buenos Aires; hoje só se encontram *algumas vides criadas em ramadas por causa da fruta*. Quer o pouco desculpar *esta decadência de tão importante ramo de agricultura*, atribuindo-as aos estragos causados por quadrupedes e insetos, esquecendo que tanto uns como outros deviam existir nos tempos dos antepassados, quando floresciam as vinhas. Devemos pois buscar as verdadeiras causas na preguiça inata dos habitantes e no fato deles, como índios e negros, *perdendo a delicadeza do paladar ao passo que se embruteciam, preferirem ao vinho os espíritos ardentes* (SOUTHEY, 1862e: 545, grifos meus).<sup>424</sup>

O vinho era um dos grandes símbolos de civilização, não só porque era cultivado em sociedades agrícolas ou comerciais, mas também porque simbolizava um refinamento no gosto. A dieta não era entendida apenas como comida, mas abarcava também a bebida e perpassava, inevitavelmente, os alcoólicos (ABREU, 2011: 156). Contudo, advertia Southey, “a embriagues” era “o pecado mais vulgar entre homens selvagens, ou semicivilizados” (SOUTHEY, 1862d: 30).<sup>425</sup> Os mochos, “acérrimos bebedores”, preparavam “um licor de raízes fermentadas. Em certas ocasiões reuniam-se em choças para esse fim erguidas, dançavam desenfreadamente todo o dia, e embriagavam-se, concluindo de ordinário a festa com sangrentas rixas” (SOUTHEY, 1862e: 261-262).<sup>426</sup> A bebida também deveria ser consumida enquanto viver em sociedade, mas as sociedades não civilizadas desconheciam o potencial socializante do álcool deixando-se inebriar e enfurecer na sua utilização. A intoxicação causada pela bebida também alterava o estado físico das pessoas, podendo levar a uma desarmonia

---

<sup>424</sup> No original: At the beginning of the seventeenth century, wines were cultivated about Asumpcion to a great extent, and with great success, so that wine was exported to Buenos Ayres: there are now *only a few stocks trained on trellices for the sake of the fruit*. The people attempt to excuse themselves *for the decay of this important branch of husbandry* by ascribing it to the ravages of beasts and insects, .. forgetful that beasts and insects must equally have existed in the time of their forefathers, when the vineyards flourished. The true causes are to be found in their own rooted idleness, and in the fact, that, like Indians and Negroes, *losing the finer powers of taste as they become brutified, they prefer ardent spirits to wine* (SOUTHEY, 1819: 428-429, grifos meus).

<sup>425</sup> No original: “Drunkenness” [...] “the sin which most easily besets savage and half-civilized man” (SOUTHEY, 1817a: 354).

<sup>426</sup> No original: “were profuse drinkers” [...] “a liquor from fermented roots. At certain times they assembled in bowers erected for the occasion, danced riotously all day long, became inebriated, and usually concluded the feast by a bloody fray” (SOUTHEY, 1819: 202).

dos humores, desencadeando o sentimento de raiva. A embriagues dos selvagens era, portanto, fatal à civilização, pois incentivava práticas contrárias às civilizadas:

Na manhã bebem todos os espíritos que possuem, e *nesse estado de feroz embriaguez que estas bebidas produzem*, põem-se a beliscar uns aos outros a carne dos braços, pernas e coxas, quanto podem abarcar os dedos, cravando espetos de polegada em polegada de distância desde o tornozelo até ao quadril, e do punho até o ombro (SOUTHEY, 1862f: 218-219, grifos meus).<sup>427</sup>

Os guanás, por outro lado, eram considerados uma das raças mais adiantada em civilização, inclusive porque “a bebida dos guanás era ou a água ou o sumo da cana de açúcar fervido e não fermentado, e sendo um povo sóbrio, viviam unidos entre si e respeitados dos vizinhos” (SOUTHEY, 1862d: 57, 59, grifos meus).<sup>428</sup> Ao invés de alimentarem o temperamento belicoso, suscitado pelo álcool, os guanás reforçavam os laços de amizade com as tribos vizinhas. Não se poderia chegar à civilização sem o abandono das práticas não baseadas no respeito e cooperação entre as pessoas com as quais se partilhava o território e, nesse sentido, a ausência de bebidas destiladas pouco refinadas era um elemento favorável ao desenvolvimento.

A passagem para uma sociedade de agricultores poderia contribuir com o refinamento do que os índios comiam ou bebiam, como tinha ocorrido com os yucunas, um “*povo agrícola [...] e por isso acostumados a uma vida fixa*, e não fazendo uso da mandioca senão debaixo da forma de tapioca, o que indica *gosto algum tanto apurado (refinement in taste)*”(SOUTHEY, 1862f: 346).<sup>429</sup> A vida sedentária, condição primeira para poder cultivar o solo, contribuía também para que os índios ficassem mais dóceis através da domesticação dos animais: “criavam aves algumas das tribos sedentárias; entre estas progredia a população sempre mais dócil e menos feroz que as hordas errantes que do acaso confiavam a subsistência” (SOUTHEY, 1862d: 53).<sup>430</sup> Desde os primeiros relatos sobre a colonização, no século XVI, a falta de experiência na criação

---

<sup>427</sup> No original: “In the morning they drink all the spirits in their possession; and in that *state of ferocious drunkenness which drams produce*, one operates upon another, by pinching up the flesh of his arms, legs, and thighs, as largely as his fingers can command, and running skewers through at inch distances, from the ancle to the fork, and from the wrist to the shoulder” (SOUTHEY, 1819: 620-621, grifos meus).

<sup>428</sup> No original: “The drink of the Guanans was either water, or the juice of the sugar-cane boiled and unfermented; *thus being a sober people, they were united among themselves and respected by their neighbours* (SOUTHEY, 1817a: 374. 376, grifos meus).

<sup>429</sup> No original: “were an *agricultural people, therefore accustomed to a settled life: they used mandioc in no other form than that of tapioca, which indicates some refinement in taste*” (SOUTHEY, 1819: 721, grifos meus).

<sup>430</sup> No original: “Some of the settled tribes reared poultry; among these the population was progressive, and they were always found more docile and less ferocious than the hordes who lived a wandering life, and depended upon chance for their whole subsistence” (SOUTHEY, 1817a: 372).

de animais, que passava pela domesticação desses tanto para abate quanto para uso doméstico, era vista como evidência de que os americanos eram menos civilizados do que os europeus. Afinal, os animais domésticos eram tidos como absolutamente essenciais para a sociedade humana (EARLE, 2013: 82).

A domesticação dos animais era também uma domesticação de si mesmo, uma espécie de humanização coletiva. Assim, próximo do rio Itapocu, habitavam os guaranis, “uma das tribos mais numerosas e adiantadas. Cultivavam a mandioca e o milho, que lhes davam duas colheitas por ano; criavam aves e patos, e tinham papagaios em casa” (SOUTHEY, 1862a: 163).<sup>431</sup> O que tinha ocorrido nas estâncias no Paraguai e no Prata era justamente o inverso do movimento em direção à civilização, ao invés de domesticarem o gado, este, muitas vezes, vivia em condições selvagens, criado solto e capturado como uma besta fera. A agricultura e a domesticação dos animais são também apontadas por Southey como um sinal de avanço civilizacional no que tange a tribo mapais: “uma tribo mais avançada em *escravidão (servitude) e civilização*. O povo tinha de servir os chefes, como os servos da gleba nos tempos feudais, eram *agricultores*; faziam uma espécie de prados e tinham *domesticado* a lhama” (SOUTHEY, 1862a: 234, grifos meus).<sup>432</sup> Igualmente o povo chiriguana “é o mais adiantado de todos os da raça guarani” e “vivem em habitações fixas, e criam ovelhas (provavelmente vicunhas) por amor da lã tão somente, abstendo-se muitos de comerem-lhes a carne com receio de se tornarem lanígeros” (SOUTHEY, 1862d: 55).<sup>433</sup> Em outra tribo, no rio Guaporé, “*havia fornos [para ser uma padaria], sendo a presença de uma grande ave domesticada deitada no seu ninho mais uma prova de vida fixa e costumes menos rudes*” (SOUTHEY, 1862e: 404, grifos meus).<sup>434</sup> Uma sociedade civilizada era, em larga medida, uma sociedade domesticada em que as pessoas seguiam condutas morais rígidas e não comiam seus semelhantes.

---

<sup>431</sup> No original: “one of the most numerous and most improved tribes. They cultivated mandioc and maize, of which they had two harvests in the year; they reared fowls and ducks, and kept parrots in their houses” (SOUTHEY, 1810: 107).

<sup>432</sup> No original: “a tribe far more advanced towards *servitude and civilization*. The people were compelled to serve their Chiefs, like the peasants in Germany, they were *cultivators*; they made a sort of mead, and had *tamed* the llama (SOUTHEY, 1810: 163-164, grifos meus).

<sup>433</sup> No original: “are the most improved of all the Guarani race” [...] “live in settled habitations, and rear sheep, (probably the vicuna) for the sake of the wool, many of them abstaining from the flesh, under a belief that such food would make them woolly” (SOUTHEY, 1817a: 373).

<sup>434</sup> No original: “was fitted up *with ovens for a baking house; and the appearance of a large domesticated bird sitting upon its nest, was another proof of settled life and improved manners*” (SOUTHEY, 1819: 315, grifos meus).

Não há dúvida que o modo de subsistência de qualquer estágio civilizacional determinava a ausência de certos atributos de civilização. Dentre um povo caçador e coletor raramente seria encontrado uma sociedade que cultivasse ervas aromáticas ou mesmo a videira. Por outro lado, havia certa tendência das sociedades à barbárie na medida em que não apenas os estancieiros degeneravam tendo uma dieta baseada na carne como os melhoramentos alimentares introduzidos pelos neerlandeses, quando da conquista do Recife, pareciam não sobreviver ao tempo. Eles “*cultivavam plantas culinárias* que depressa se propagaram por todos os quintais, indo parar a todas as [*sic*] cozinhas, mas veio a guerra por termo à *horticultura*, parecendo este benefício não ter sido senão passageiro” (SOUTHEY, 1862d: 420, grifos meus).<sup>435</sup> Igualmente “*plantaram com feliz resultado grande número de vides*, colhendo muita uva, de que faziam um vinho para exprimir a excelência do qual diz Piso que não era inferior ao de Creta” (SOUTHEY, 1862d: 420, grifos meus).<sup>436</sup> A fragilidade da agricultura, que sucumbia facilmente com a introdução de alimentos de obtenção mais fácil e menos trabalhosa, como o gado, e mesmo a sua ausência em sociedades não estacionárias, ajudou Southey a construir, por meio da alimentação das pessoas, uma história de luta contra a barbárie, perigo eminente em todas as nações, não importando o quanto civilizadas pudessem estar.

## **OS JESUÍTAS NO BRASIL: OS PROBLEMAS DO CATOLICISMO**

A junção entre civilização e comércio foi uma das tarefas mais bem executadas pela historiografia oitocentista inglesa, ficando marcada na história brasileira a vinda da Família Real e o conseqüente afrouxamento das limitações comerciais impostas por Portugal, como o momento em que o Brasil deu um passo decisivo à civilização. Ao longo dos séculos XVIII-XIX, consolidou-se a leitura da colonização portuguesa como dificultadora da sociedade comercial devido ao pouco estímulo às práticas comerciais e à manutenção de outras denominadas de antiquadas. Esse diagnóstico da herança portuguesa, feito pela historiografia britânica, era baseado na centralidade do comércio como fator de expansão cultural e catalizador do refinamento das paixões, dado por

---

<sup>435</sup> No original: “They cultivated culinary herbs, which were soon propagated in every garden, and found their way into every kitchen; but the war put an end to *horticulture*, and this benefit seems to have been only transient” (SOUTHEY, 1817a: 655, grifos meus).

<sup>436</sup> No original: “They reared vines with great success, procured a succession of grapes, and made a wine the excellence of which is expressed by saying that it was not inferior to the Cretan” (SOUTHEY, 1817a: 655, grifos meus).



meio do contato com as pessoas e coisas. Esses aspectos foram articulados no que vem sendo chamado de linguagem do humanismo comercial (POCOCK, 2003b; VARELLA, 2013: 481-482). É possível afirmar que Southey, ao longo da *History of Brazil*, articulou essa linguagem, entendida enquanto possibilidade explicativa do grau de desenvolvimento civilizacional das nações, e agregou a ela elementos da teoria dos estágios civilizacionais. Enfatizava, por exemplo, que, no Novo Mundo,

a tendência [tem] sido para a separação e para uma espécie de selvagem independência. Em Pernambuco teria esta tendência tornado cada geração mais *bárbara do que a anterior, se a civilizadora influência do comércio, estendendo-se da costa para todas as partes, não houvesse contrabalançado este natural processo*. Graças a esta influência encontravam-se nas fazendas desta província *as decências e até os cômodos da vida*, que debalde se buscariam entre os miseráveis semisselvagens do Paraguai e do Prata (SOUTHEY, 1862f: 410-411, grifos meus).<sup>437</sup>

É corrente em trabalhos que tratam da historiografia britânica oitocentista sublinhar a importância do comércio como horizonte civilizador das nações (DIAS, 1974: 4-5; LIMA, 2012: 130), porém existia uma resistência da parte de Southey aos valores do humanismo comercial, contida, por exemplo, em suas críticas à sociedade inglesa contemporânea, abordadas no “Capítulo 1 – Southey e os contextos que permeiam a *History of Brazil*” (CONNELL, 2005: 257; DIAS, 1974: 81-108). Southey relativizava as benesses do comércio quando referia-se a sociedades desenvolvidas, porém, sua força como agente civilizador nas demais sociedades em estágios civilizacionais primários era indiscutível. Em finais do século XVIII, as sociedades missionárias ajudaram a construir o entrelaçamento entre cristianismo, comércio e civilização (YOUNGS, 2013: 57). O expansionismo colonial além de ser justificado pelas melhorias advindas do livre comércio, também poderia ser pela expansão da verdadeira religião, que levava consigo a revelação dos desígnios divinos. Nas primeiras décadas do século XIX, o Império Britânico estava começando a ser definido como a missão de cristianizar e civilizar os nativos (FULFORD, 2001). A expansão colonial britânica foi acompanhada do desenvolvimento de uma nova justificativa do Império, que ia além da esfera comercial, e a vitória da Grã-Bretanha sobre a França parecia

---

<sup>437</sup> No original: the tendency has been towards segregation, and a sort of savage independence. This tendency in Pernambuco would have rendered each generation more *barbarous than the last, if the natural process had not been counteracted by the civilizing influence of commerce, extending rapidly to all parts from the coast*. Owing to this influence, *decencies and even comforts*, were found upon the *Fazendas*, or cattle-estates, in this part of Brazil, which would be looked for in vain among the wretches of Paraguay and the Plata (SOUTHEY, 1819: 773-774, grifos meus).

mostrar a escolha divina sobre qual país e religião deveriam liderar o mundo na difusão das benesses da civilização e do cristianismo (CRAIG, 2007: 165).

Civilização, para Southey, era um conceito amplo que englobava duas faces bastante importantes e distintas: a existência de uma complexa organização social e o avanço de práticas morais. A identificação de um deles em uma sociedade não significava que o outro necessariamente existisse, como mostrava o exemplo da Índia. Enquanto era possível encontrar uma civilização organizada de forma complexa, era difícil enquadrar os indianos como partilhando de civilização enquanto avanço das práticas morais. Os habitantes das sociedades não civilizadas, por um lado, careciam de uma vida sedentária, de um governo estável, de sacerdotes organizados em grupos e de um cerimonial religioso e, do outro, compactuavam com a violência e a crueldade (CRAIG, 2007: 144-145). Considero que a religião, na *History of Brazil*, foi articulada como elemento mais fundamental nesse complexo processo de aquisição dos atributos das sociedades civilizadas do que o comércio, pois ter uma religião organizada era central para a emergência de qualquer sociedade da selvageria (CRAIG, 2007: 159).

Os jesuítas aparecem, na *History of Brazil*, como possibilidade concreta de retirada do nativo americano tanto do estágio selvagem, através da reforma de seus costumes, quanto do estágio de caçador e coletor, através da introdução de um sistema religioso organizado. Os padres que andavam pelas cidades de modo itinerante, por exemplo, “batizavam e casavam, prestando inquestionavelmente um grande serviço, com conservarem as fórmulas essenciais à sociedade civil”. Mesmo se tratando, em sua opinião, de uma religião idólatra, como a católica, era infinitamente melhor “do que a absoluta irreligiosidade” (SOUTHEY, 1862f: 415).<sup>438</sup> Southey fazia questão de lembrar que os jesuítas tinham vindo ao Brasil porque “um zelo leal e sincero [...] animava” D. João III “de derramar a sua religião por entre os pagãos; e o cristianismo, ainda quando desfigurado e aviltado pela superstição, é sempre pelos preceitos morais [e domésticos] intrínsecos e dele inseparáveis, uma grande e poderosa alavanca da civilização, um grande e inestimável benefício” (SOUTHEY, 1862a: 302, grifos meus).<sup>439</sup> Southey

---

<sup>438</sup> No original: “baptize and marry, and are unquestionably useful in keeping up forms which are essential to civil society, and even in supporting a blind and ignorant belief,.. for the corruptions of the idolatrous Church of Rome, gross and monstrous as they are, are better, far better, than utter irreligion” (SOUTHEY, 1819: 777).

<sup>439</sup> No original: “was truly and righteously anxious to spread his religion, such as it was, among the Heathen; and Christianity, even when so disfigured and defiled, is still, from those moral and domestic precepts which are inseparable from it, a great and powerful engine of civilization, a great and inestimable blessing” (SOUTHEY, 1810: 214, grifos meus).

acreditava firmemente que a Igreja, quando baseada nos princípios do cristianismo, era uma das formas de impedir o retorno da superstição e do entusiasmo. Apesar de suas polêmicas com religiosos do anglicanismo, tinha convicção que a Igreja Anglicana, uma religião de Estado, era um corpo político que se justificava pela sua utilidade dentro da sociedade e não por ser a detentora da verdade universal (CRAIG, 2007: 99-100).

Sociedades que almejavam tornarem-se civilizadas, antes de tudo, deveriam ter um corpo eclesiástico organizado. Southey afirmava ser indispensável a introdução, na colônia, da língua, do sistema de governo e da religião da metrópole para um projeto civilizatório eficiente na medida em que esses fatores criavam as bases para a liberdade e o desenvolvimento, assim como nutriam o sentimento de pertencimento entre as diversas populações nativas. Com isso, afirmava que:

Se os carijós se tivessem tornado um grande povo, como os mexicanos e peruanos, ter-se-ia a primeira classe desses impostores [, os curandeiros,] levado à ordem de médicos, a segunda à de magos, e a terceira teria sido a dos sacerdotes, divisão que vigorou entre os antigos egípcios (SOUTHEY, 1862f: 153-154).<sup>440</sup>

As sociedades indígenas americanas, com exceção dos maias, astecas e incas, para Southey, não possuíam nem uma complexa organização social nem era possível observar dentro delas grande avanço em relação às práticas morais. De forma geral, eram tribos nômades, que viviam da caça e da colheita esporádica de alguns vegetais, dando a impressão que eles, por si só, ou demorariam séculos para conseguir sair do estágio selvagem ou permaneceriam nele para sempre. A introdução dos missionários jesuítas dentro das aldeias indígenas foi, na perspectiva de Southey, certamente uma forma bastante eficaz de civilizar os indígenas, apesar de todas as ressalvas que acompanhavam essa afirmação, e só não foi levada a cabo por causa da expulsão da ordem pelo Marquês de Pombal. Os jesuítas, enquanto uma ordem da Igreja Católica Romana, e todos aqueles que os seguiam em sua religião, eram considerados por Southey como homens supersticiosos e praticantes de uma religião idólatra. Os missionários tiveram grande relevo na narrativa da história do selvagem americano efetuada na *History of Brazil* também porque Southey acreditava que existia uma

---

<sup>440</sup> No original: “If the Carijos, like the Mexicans and Peruvians, had become a great people, the first class of these impostors would have matured into an order of medical men; the second into an order of Magicians; and the third would have been their Priests,.. a division which appears to have obtained among the ancient Egyptians” (SOUTHEY, 1819: 568, grifos meus).

ligação direta entre sacerdócio organizado e a passagem para um modo de vida civilizado:

*A principal causa dos tupis não estarem mais avançados era o estado de seus Pajés. Os católicos, que não veem nada além da obra do Diabo em todas as religiões exceto a sua; e os filosofistas, que não veem nada além de erro e decepção em qualquer religião que seja, já competiram entre si na representação dos efeitos horríveis do sacerdócio. No entanto, quando o homem foi degradado ao estado selvagem, foi somente por meio do sacerdócio que, até agora, tem sido recuperado. Quando a América foi descoberta, a civilização de suas diferentes nações estava justamente de acordo com o grau de poder e respeitabilidade que seus sacerdotes possuíam; e essa autoridade do sacerdócio não foi a consequência de um estado aperfeiçoado da sociedade, mas a causa disso.*

Enquanto o Sacerdote continuar sendo um mero impostor, as pessoas continuarão Selvagens; seu triunfo é apenas a ascensão da astúcia vulgar sobre a força do corpo, e embora ele seja temido, ele não é respeitado. Mas quando um espírito com autoridade surge, ele, ligando fábulas antigas e verdades vagamente-lembradas com os dispositivos de sua própria imaginação, estabelece as bases de um sistema mitológico, a partir desse momento o aperfeiçoamento de sua tribo começa. O ritual de adoração cria artes para seu embelezamento e sustentação; hábitos de uma vida sedentária criam raízes logo que um templo é fundado, e a cidade cresce em volta do altar. Os homens que são separados para o serviço dos deuses, e que estão isentos de todas as ocupações comuns, sendo considerados como superiores aos outros homens, logo aprendem a considerar-se assim, e, na realidade, tornarem-se assim. Eles têm tempo livre para adquirir conhecimentos e para pensar em prol do povo: é entre os sacerdotes, em todos os países, que os rudimentos da ciência têm surgido, e nenhuma nação, até agora, emergiu de um estado selvagem até que ela tivesse um sacerdócio regular (SOUTHEY, 1810: 251-252, grifos meus).<sup>441</sup>

É indiscutível que existem vários elementos importantes para efetivar a saída da selvageria, mas, para Southey, o principal deles era o sacerdócio. Os jesuítas, portanto, não obstante serem representantes e profetizarem uma prática religiosa supersticiosa, baseada em uma mitologia politeísta, poderiam contribuir de forma decisiva para a

---

<sup>441</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “*The main cause why the Tupis were not farther advanced was the state of their Payes. The Catholics, who see nothing but the work of the Devil in all religions except their own; and the Philosophists, who see nothing but error and deception in any religion whatsoever, have vied with each other in representing the horrible effects of priestcraft. Yet when man has been degraded to the savage state, it is only by priestcraft that he has ever yet been reclaimed. When America was discovered, the civilization of its different nations was precisely in proportion to the degree of power and respectability which their priests possessed; and this authority of the priesthood was not the consequence of an improved state of society, but the cause of it. As long as the Priest continues a mere juggler, the people continue Savages; his triumph is but the ascendancy of vulgar cunning over bodily strength, and though he is feared he is not respected. But when a more commanding spirit arises, who, connecting old fables and dimly-remembered truths with the devices of his own imagination, lays the foundation of a mythological system, from that moment the improvement of his tribe begins. A ritual worship creates arts for its embellishment and support; habits of settled life take root as soon as a temple is founded, and the city grows round the altar. The men who are set apart for the service of the Gods, and who are exempted from all ordinary occupations, being considered as superior to other men, soon learn to consider themselves so, and in reality become so. They have leisure to acquire knowledge, and to think for the people: it is among them in all countries that the rudiments of science have sprung up, and no nation has ever yet emerged from a savage state till it had a regular priesthood*”.

mudança no estágio civilizacional dos indígenas na medida em que diversos fatores que envolviam o sacerdócio eram a causa do aperfeiçoamento das sociedades. Em suma, uma sociedade nunca chegaria à civilização sem um clero organizado.

Os jesuítas também aparecem na *History of Brazil* como um dos poucos a terem entendido a necessidade de despertar as faculdades adormecidas dos naturais da América e são, pela sua dedicação e zelo, um dos grandes exemplos morais dessa história. A caridade era uma das virtudes espalhada pelos jesuítas, que mostrava a experiência verdadeira da fé. Quando não existia mais nenhum recurso aos enfermos, como aconteceu na epidemia de varíola em 1665,

os religiosos da Igreja romana procedem com uma caridade heroica que lhes dá direito tanto à admiração como a gratidão da humanidade. Podem então esquecer-se e perdoar-se-lhes as loucuras, os erros e os males, de que as suas instituições são causa; o espírito de religião, que em outras épocas se esconde entre momices, ou perverte em princípios nocivos e danosos, arremessa de si as peias, mostrando-se desassombrado e impoluto em toda a sua beleza e força (SOUTHEY, 1862d: 287).<sup>442</sup>

Na resenha do livro de Hallam, Southey já salientava a caridade como uma das boas características trazidas pela religião e que ajudava o historiador em seu exercício na medida em que proporcionava um entendimento mais caridoso das pessoas e da natureza humana. Além do interesse profundo de Southey pelas religiões, contribuiu para o destaque dos jesuítas na *History of Brazil* a própria possibilidade de narrar a história do desenvolvimento da história brasileira, que deixava a selvageria através da colonização e da conversão religiosa ao catolicismo (e suas práticas bárbaras). Os julgamentos morais, permitidos por esse tipo de abordagem, facilitaram a exposição de seu código moral, que encorajava qualidades como decência, dever, piedade e pureza (BOLTON, 2007: 6). A influência que a religião tinha nos parâmetros morais seguidos pelas pessoas, na visão de Southey, era enorme. Os jesuítas chegaram ao Brasil com a tarefa não apenas de civilizar os selvagens, mas também os próprios portugueses que haviam sido abandonados pela Coroa no Novo Mundo:

*Maiores dificuldades encontravam os padres no proceder dos seus compatriotas, do que nos hábitos e disposição dos indígenas. No meio século que a colonização do Brasil ficara entregue ao acaso, tinham os colonos vivido quase sem lei, nem religião.*

---

<sup>442</sup> No original: “Religioners of the Romish Church act with an heroic charity which entitles them to the admiration as well as the gratitude of mankind. The follies, the errors, and the evils to which their institutions give rise may then be forgotten or forgiven; for the spirit of religion, which at other times is concealed under mummeries, or perverted into a noxious and destructive principle, casts off its trammels, and appears unencumbered and unpolluted in its beauty and its strength” (SOUTHEY, 1817a: 554).

Muitos nunca mais se haviam confessado nem tinham comungado desde que estavam no país; os mandamentos da Igreja não se cumpriam por falta de clero que administrasse os sacramentos, e *com as cerimônias se iam esquecido os preceitos morais*. Crimes aliás fáceis de se reprimirem no princípio, tinham com a frequência degenerado *em hábitos*, agora já por demais indivíduos, em quem se podia fazer reviver o *senso moral*, mas na grande maioria estava ele aniquilado (SOUTHEY, 1862a: 361-362, grifos meus).<sup>443</sup>

Southey admirava uma religião racional, que civilizaria o outro pela força do exemplo e, nesse sentido, os jesuítas eram, em sua opinião, incontestavelmente mais bem sucedidos que as demais ordens. No *The Tale of Paraguay* (1825), por exemplo, a história dos abipones, relatada pelo jesuíta Martin Dobrizhoffer, serve como inspiração para um romance poético que promovia o colonialismo missioneiro como um modelo a ser seguido pela Grã-Bretanha. As reduções jesuíticas lembravam também as linhas gerais da comunidade pantisocrática idealizada por Southey e ajudavam a inculcar, por meio do catolicismo, uma moralidade civilizada nos nativos (FULFORD, 2001). As reduções eram comunidades utópicas estabelecidas segundo o bem comum, porém, os jesuítas “não queriam adiantá-los na civilização, mas amansa-los, tornando-os o mais dóceis que fosse possível”. Tratar os indígenas como incapazes de conduzirem a si mesmos e como uma espécie inferior eram alguns dos erros cometidos, “por quanto sendo o fim dos jesuítas reter o seu povo em estado de perpétua tutela, eram os índios vigiados com o mesmo cuidado que crianças debaixo da mais estreita disciplina colegial” (SOUTHEY, 1862d: 27-28).<sup>444</sup> A evangelização do selvagem ficava bastante comprometida quando a conversão era feita através da imposição de uma fé, deixando de lado a leitura da Bíblia e a independência de pensamento.

Contrariando as afirmações de Gibbon, Southey atestava que o cristianismo tinha nascido “não em tempos sombrios, nem entre um povo bárbaro; mas na época mais esclarecida do mundo antigo, e entre as únicas pessoas que desde o início tinham continuado a professar, como uma nação, a crença em Deus, para ser adorado em

---

<sup>443</sup> No original: “*The Fathers had greater difficulties to encounter in the conduct of their own countrymen than in the customs and disposition of the natives. During the half century that the colonization of Brazil had been left to chance, the colonists were almost without law and without religion. Many settlers had never either confessed or communicated since they entered the country,.. the ordinances of the Church were neglected for want of a Clergy to celebrate them, and the moral precepts had been forgotten with the ceremonies. Crimes which might easily at first have been prevented, had thus become habitual, and the habit was now too strong to be overcome. There were indeed individuals in whom the moral sense could be recovered; but in the majority it had been utterly destroyed*” (SOUTHEY, 1810: 257, grifos meus).

<sup>444</sup> No original: “their object was not to advance them in civilization, but to tame them to the utmost possible docility” [...] “For as the aim of the Jesuits was to keep their people in a state of perpetual pupillage, the Indians were watched as carefully as children under the most vigilant system of school-discipline” (SOUTHEY, 1817a: 333-335; 352).

espírito e verdade, quando todo o resto da humanidade era idólatra” (SOUTHEY, 1825: 6).<sup>445</sup> Com a queda do Império Romano, o cristianismo teve a missão de espalhar a civilização aos bárbaros invasores. Porém, com o passar do tempo, degenerou em despotismo papal, sendo resgatado apenas com a Reforma e contribuindo para o estabelecimento de diferentes níveis de civilização em todo o continente europeu. A Escócia, por exemplo, era tida por Southey como uma nação pacífica ordenada e moral, enquanto que a Itália e Espanha tiveram seu desenvolvimento retardado pela dominação da Igreja sobre a vida civil (CRAIG, 2007: 151).

A degeneração do catolicismo em fanatismo e idolatria era visível, para Southey, na loucura de muitos de seus sacerdotes. Não faltaram exemplos de clérigos com atitudes que beiravam a insanidade na *History of Brazil*, como o Governador do Paraguai, Bispo Bernardino de Cardenas, que ao invés de encontrar na religião fonte de revelação é enlouquecido por ela. Se, na análise de Southey, os selvagens eram desprovidos de sentimentos refinados, os jesuítas e os demais católicos eram supersticiosos que poderiam, facilmente, experimentar a loucura. Há muito séculos a loucura já vinha sendo entendida, dentro de um contexto religioso, como um meio para a expressão divina e uma forma de comunicação com os mortais (PORTER, 2008: 250). Talvez as intermináveis lutas religiosas entre Deus e o Diabo pela alma dos seres humanos, protagonizadas na Reforma e da Contra Reforma (PORTER, 2008: 251), tenha despertado em Southey um sentimento de repugnância em relação ao fanatismo. No século XVIII, o fanatismo despertado pelo entusiasmo religioso já era entendido como uma causa comum de loucura (PORTER, 2008: 251). É constante a associação, na *History of Brazil*, entre fervor religioso e loucura, como a alegação de que a Companhia de Jesus tinha tido sua origem na extravagância e na loucura (*extravagance and madness*) (SOUTHEY, 1819: 614) e que, apesar da grande admiração que nutria pelo Padre Antonio Vieira, Southey não poderia deixar de notar que ele era louco.<sup>446</sup> Em uma das disputas contra os neerlandeses, as mulheres luso-brasileiras ajudaram na resistência a invasão, pois “sabiam os horrores que as esperavam se os holandeses vencessem; *elas estavam enlouquecidas (maddened) à visão do Crucifixo*” (SOUTHEY,

---

<sup>445</sup> No original: “not in dark times, nor among a barbarous people; but in the most enlightened age of the ancient world, and among the only people who from the beginning had continued to profess, as a nation, the belief of God, to be worshipped in spirit and in truth, when all the rest of mankind were idolaters”

<sup>446</sup> Carta a Herbert Hill, 30 de janeiro de 1811. Disponível em: [www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.1860.html#back19](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.1860.html#back19)

1817a: 168, grifos meus).<sup>447</sup> Um dos relatos mais marcantes da loucura religiosa é a vida do padre João de Almeida, que devido à idade avançada de 82 anos, foram-lhe retirados o cilício e o azorrague e por isso:

Soia ele pedir aos outros pelo amor de Deus lhe prestassem *um cilício, ou um açoite*, exclamando: “Que meios tenho agora com que aplacar o Senhor! Que hei de fazer para me salvar!” Tais são as palavras que uma *Igreja corrompida substituiu à fé em Cristo* e aos deveres do genuíno cristianismo. Nem se considere este como mero caso de *individual loucura*; em quanto Almeida viveu foi objeto de reverência e admiração não só para o povo baixo do Rio de Janeiro, mas para pessoas de todas as classes (SOUTHEY, 1862d: 464-465, grifos meus).<sup>448</sup>

As falsas religiões causavam a degeneração social, uma vez que um povo quando regredia à idolatria facilitava a deificação de tiranos e aumentava o poder que os sacerdotes tinham sobre as pessoas. Esse era um fenômeno global para Southey, pois a maioria das religiões criadas alimentava a degeneração moral, subjugava as pessoas e impedia o melhoramento.<sup>449</sup> Southey acreditava que

[o] homem é por natureza um animal religioso, e se os elementos [da religião] não são inatos a ele (como eu estou convencido de que são) a doença o tornaria assim. Você verá que todos os selvagens conectam superstição com doença. – alguma causa que eles não podem nem compreender nem controlar afeta-os penosamente, – e a solução constante é sempre apaziguar um espírito ofendido ou afastar um maligno. Mesmo em sociedades esclarecidas você encontrará homens que acreditam mais facilmente no que *temem* do que no que têm esperança. As religiões, portanto, que pressagiam a danação e que impõem privações e autotortura sempre foram mais populares do que qualquer outra. Quanto da diversão dos nossos meninos consiste em suportar a dor, – crianças crescidas gostariam de fazer o mesmo tendo um motivo diferente, – você persuadirá mais facilmente um homem a usar ceroulas na cabeça, açoitar-se ou balançar em cima de um gancho, do que a conformar-se com as regras simples da moralidade e do bom senso. Terei que investigar este assunto ao escrever sobre o espírito do catolicismo, que fornece uma boa ilustração disso, assim como as práticas dos hindus.<sup>450</sup>

---

<sup>447</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “knew what horrors awaited them if the Dutch should conquer; they were maddened at the sight of the Crucifix”.

<sup>448</sup> No original: He used to entreat others for the love of God to lend him a *cilice or a whip*, exclaiming, What means have I now wherewith to appease the Lord! What shall I do to be saved!.. Such are the works which a *corrupt Church has substituted for faith in Christ*, and for the duties of genuine Christianity. Nor must this be considered as a mere case of *individual madness*; while Almeida lived he was an object of reverence and admiration, not only to the common people in Rio de Janeiro, but to persons of all ranks (SOUTHEY, 1817a: 687, grifos meus).

<sup>449</sup> Craig argumenta que *Madoc* exemplifica essa crença de Southey: CRAIG, 2007: 149.

<sup>450</sup> Carta a John Rickman, 15 de janeiro de 1806:

[http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1147.html](http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1147.html). No original: “[the] man is by nature a religious animal, & if the elements [of religion] were not innate in him (as I am convinced they are) sickness would make him so. You will find that all savages connect superstition with disease. – some cause which they can neither comprehend nor control affects them painfully, – & the uniform remedy always is to appease an offended Spirit or drive away a malignant one. Even in enlightened societies you will find that men more readily believe what they *fear* than what they



O catolicismo era, para Southey, uma religião do medo, da superstição e do fanatismo. Era, com isso, difícil aos missionários protestantes neerlandeses, no nordeste, competir com os católicos, pois “a teologia de Calvino (*Lutheran theology*) não tinha com que suprimir a falta de Santos e imagens, rosários, cruzes, círios e água benta, bonecada e pompa teatral de um sistema em que fora difícil dizer qual das duas coisas, esperteza ou perversidade, leva as lampas à outra” (SOUTHEY, 1862b: 382-383).<sup>451</sup> Em sua opinião, o controle das práticas sociais perniciosas, como o assassinato, tornava-se difícil em sociedades católicas, onde tudo era perdoado pela confissão e absolvição, que retiravam a culpa do fiel (SOUTHEY, 1810: 327-329). Como os demais católicos, os jesuítas praticavam uma:

religião idólatra e corrupta; necessariamente intolerante por causa de suas pretensões de infalibilidade; necessariamente hostil à melhoria por causa de sua intolerância; e necessariamente prejudicial à moral por causa da prática da confissão e do celibato que impôs a seu clero; .. uma religião que, por seus abusos, leva mentes investigativas à infidelidade e ao ateísmo, enquanto cria o ignorante na mais grosseira superstição (SOUTHEY, 1819: 878).<sup>452</sup>

Por outro lado, os jesuítas contribuíram para a efetivação de uma vida sedentária entre os indígenas, pois em qualquer lugar que iniciassem uma missão faziam os “*neófitas [sic] erguer[em] na aldeia uma capela*, que ainda que tosca, os prendia à localidade, e estabeleciam *uma escola para as crianças*, que catequisavam na sua própria língua” (SOUTHEY, 1862a: 360, grifos meus).<sup>453</sup> Ensinavam os indígenas a ler e escrever, se bem que a maioria dos que eram introduzidos nessas artes eram

---

hope. Religions therefore which threaten damnation, & which impose privations & self-torture have always been more popular than any other. How many of our boys amusements consist in bearing pain, – grown children like to do the same from a different motive, – you will more easily persuade a man to wear a hair cloth drawers, to flog himself, or swing upon a hook, than to conform to the plain rules of morality & common sense. I shall have to look into this subject when writing of the spirit of Catholicism, which furnishes as good an illustration as the practices of the Hindus”.

<sup>451</sup> No original: “Lutheran theology had nothing wherewith to supply the deficiency of Saints and Images, beads, crosses, tapers, and holy water, the puppet-work and pageantry of a system, of which it would be difficult to say whether there has been most wisdom or most wickedness displayed in its structure” (SOUTHEY, 1810: 567).

<sup>452</sup> Trecho excluído da tradução em português. No original: “idolatrous and corrupt religion; necessarily intolerant, because of its claims to infallibility; necessarily hostile to improvement, because of its intolerance; and necessarily injurious to morals, because of the practice of confession, and the celibacy which it has imposed upon its Clergy ;.. a religion, which by its abuses provokes enquiring minds to infidelity and atheism, while it nurses up the ignorant in the grossest superstition”.

<sup>453</sup> No original: “they made the converts erect a church in the village, which, however rude, fixed them to the spot, and the established a school for the children, whom they catechised in their own language” (SOUTHEY, 1810: 256, grifos meus).

designados para cargos públicos, religiosos ou ligados à saúde (SOUTHEY, 1817a: 345). Os jesuítas também tentavam evitar o concubinato e a escravidão: “Nobrega e seus companheiros nobremente recusaram administrar os sacramentos da Igreja aos que retinham índias por meretrizes e índios por escravo”, pois era “um crime cometido contra a natureza humana” (SOUTHEY, 1862a: 362).<sup>454</sup> Contudo, “até a parte mais humana e mais religiosa do povo entendia ser de toda a justiça compelir os índios a trabalhar para os portugueses, em recompensa da instrução que recebiam” (SOUTHEY, 1862d: 396).<sup>455</sup> Não obstante as falhas, que não eram poucas, os jesuítas tinham um sábio governo em relação aos indígenas (SOUTHEY, 1810: 385), baseando a sua relação com os nativos mais no zelo do que no entusiasmo religioso, levada a cabo com um “ardor heroico” (*heroic ardour*) e “inabalável” (*unabating ardour*) (SOUTHEY, 1817a: 308; 316). Southey acreditava que “sejam quais forem os motivos de ambição que aos jesuítas do Paraguai se possam imputar nos seus dias de prosperidade, é fora de dúvida que nesta época *nada senão o zelo podia atuar sobre eles, ou animá-los nos árduos trabalhos por que passaram*” (SOUTHEY, 1862c: 377, grifos meus).<sup>456</sup> Era claro, porém, que as reduções eram baseadas em um regime totalmente despótico, “*mas também jamais existiu outra sociedade em que o bem-estar temporal e eterno dos súbditos fosse o único fito do governo*. Erravam, é verdade, os governantes grosseiramente no padrão que de um e de outro se haviam proposto, mas apesar disso merecem a maior admiração *a santidade do fim, e o heroísmo e a perseverança com que se procurava conseguí-lo*” (SOUTHEY, 1862d: 38-39, grifos meus).<sup>457</sup> Os jesuítas eram uma espécie de paulistas piedosos, que se embrenhavam no interior para criar as suas reduções e catequisar populações inteiras.

A expulsão dos jesuítas, para Southey, mesmo levando em consideração a boa intenção do Marquês de Pombal, foi desastrosa para os povos indígenas. Se a conduta

---

<sup>454</sup> No original: “Nobrega and his companions refused to administer the sacraments of the Church to those persons who retained native women as concubines, or men as slaves” [...] “a crime committed against human nature” (SOUTHEY, 1810: 258).

<sup>455</sup> No original: “Even the humaner and more religious part of the community thought it perfectly right that the Indians should be compelled to labour for the Portuguese, in gratitude for the instruction which they received” (SOUTHEY, 1817a: 637-638).

<sup>456</sup> No original: “Whatever motives of ambition may be imputed to the Paraguay Jesuits in the days of their prosperity, certain it is that *nothing but zeal could have actuated them at this time, or supported them through the arduous labours which they underwent*” (SOUTHEY, 1817a: 276, grifos meus).

<sup>457</sup> No original: “*but never has there existed any other society in which the welfare of the subjects, temporal and eternal, has been the sole object of the government: the governors, indeed, erred grossly in their standard of both; but, erroneous as they were, the sanctity of the end proposed, and the heroism and perseverance with which it was pursued, deserve the highest admiration*” (SOUTHEY, 1817a: 360-361, grifos meus).

desses missionários era reprovável em diversas instâncias, muitas delas salientadas na *History of Brazil*, a sua ausência criou um problema ainda maior. Esse ato irresponsável do governo português, segundo Southey, acarretou na perda de alguns atributos de sociabilidade que os indígenas adquiriram graças aos esforços de seus mentores espirituais. Após essa medida, houve um retrocesso no processo civilizatório desses povos, pois não foram introduzidos outros missionários e nem os próprios indígenas eram capazes de dar continuidade aos ensinamentos e as habilidades passadas pelos jesuítas. Nenhuma outra coisa poderia ter trazido uma “destruição total” (*utter destruction*) para essas tribos e tudo por causa da:

diferença mais característica entre os missionários papistas e os reformados. Os romanistas não introduziram a Bíblia. Eles construíram sobre a areia; a tempestade veio, e o prédio caiu. Os convertidos não tinham nada sobre o que repousar a sua crença, quando seus governantes espirituais foram chamados de volta. Tivessem os jesuítas promovido um corpo de cristãos inteligentes e confiado a eles as evidências de sua fé, essa fé teria sobrevivido à conduta diplomática que foi derrubada com a derrubada deles, e os índios do Paraguai existiriam atualmente como uma nação cristã e civilizada. Mas a conduta da igreja papista é negar às pessoas as escrituras sagradas que foram escritas para nossa instrução: em nenhum país católico as pessoas são autorizadas a lê-las, observá-las criticamente, aprender com elas e digeri-las internamente, e quando ouvem uma parte delas quando são lidas, é numa língua que eles não entendem (SOUTHEY, 1825: 4).<sup>458</sup>

O grande problema da expulsão dos jesuítas estava intrinsecamente ligado ao processo de civilização do selvagem na medida em que assim que as virtudes da civilização eram perdidas, todas as paixões e a crueldade típicas da vida selvagem ressurgiam rapidamente (CRAIG, 2007: 152). Após a expulsão dos jesuítas, “não tardaram porém os índios a sentir-se emancipados *de toda a disciplina moral*” (SOUTHEY, 1862f: 318, grifos meus).<sup>459</sup>

---

<sup>458</sup> No original: “most characteristic difference between the Romish and the Reformed missionaries. The Romanists did not introduce the Bible. They built upon the sand; the storm came, and the building fell. The converts had nothing left whereon to rest their belief, when their spiritual rulers were called away. Had the Jesuits raised up a body of intelligent Christians, and trusted them with the evidences of their faith, that faith would have survived the system of policy which was overthrown in their overthrow, and the Indians of Paraguay would at this day have existed as a Christian and civilized nation. But the system of the Romish church is to withhold from the people those holy scriptures which were written for our instruction: in no Catholic countries are the people permitted to read, mark, learn, and inwardly digest them, and when they hear a portion of them read, it is in a language which they do not understand”.

<sup>459</sup> No original: “the Indians soon discovered that they were emancipated from all *restraint of moral discipline*” reincorporando a suas vidas os vícios da embriaguez e da incontinência sexual (SOUTHEY, 1819: 699, grifos meus).

#### CAPÍTULO 4

#### **A DEGENERAÇÃO E A CRIAÇÃO DE NOVAS RAÇAS E NOVAS DOENÇAS: A MISTURA DE RAÇAS E O CLIMA TROPICAL**

A apologia à mistura entre as diferentes raças feita por Robert Southey na *History of Brazil* não é um tema novo de estudo. Maria Odila da Silva Dias explorou, de forma bastante circunscrita, a importância dessa questão na medida em que associou a mistura racial ao suposto imperialismo de Southey. A seu ver, a missão civilizadora – o fardo do homem branco que o título de seu livro alude – “implicava no direito de destruir civilizações e culturas atrasadas, que eram obstáculos ao progresso de outros povos. Tratar-se-ia para eles [conservadores – como Southey – ou reformadores radicais utilitaristas] de um dever humanitário de destruição”. No entendimento de Dias, o resultado da mistura racial proposto na *History of Brazil* acarretaria o predomínio “do cristianismo, da civilização europeia e do poder inglês” (DIAS, 1974: 120-121; 123). Certamente Southey achava a ocupação do território americano pelos europeus legítima, mas porque levava à população nativa os benefícios da verdadeira religião e possibilitava a sua inserção no conjunto das sociedades civilizadas (CRAIG, 2007: 165). Southey não era um implacável destruidor de culturas não europeias, nem um relativista cultural *avant la lettre*, mas achava que “a ordem da natureza é que os animais devem dar lugar ao homem, e, entre os homens, o selvagem ao civilizado”. O que deveria ser um processo natural, em sua opinião, lamentavelmente era, algumas vezes, levado a cabo por meio da violência (SOUTHEY, 1809: 312).<sup>460</sup>

Proponho que a importância da argumentação em relação à mistura racial desenvolvida por Southey não estava fundamentalmente ligada às práticas imperialistas britânicas, mas à possibilidade de desenvolvimento e colonização do Brasil. Não existiria, nesse sentido, um imperialismo do homem branco, como sugere Dias, pelo contrário, Southey sugere que a colonização do Brasil era bem sucedida, inclusive, pela felicidade do cruzamento das raças, que permitiu ao europeu não sucumbir às adversidades e diferenças do Novo Mundo. Sem a mistura dos componentes das raças europeia, negra e indígena, a natureza provavelmente devoraria o biologicamente inapto colonizador.

---

<sup>460</sup> No original: “It is the order of nature that beasts should give place to man, and among men the savage to civilized”.

Gostaria de esclarecer que optei pela utilização da palavra mistura (*mixture, intermixture, blend*) ao me referir à mistura (*mixture, intermixture, blend*) das raças, por serem termos que constavam no horizonte linguístico de Southey. Dias, ao contrário, povoa o léxico de Southey com as palavras mestiçagem e miscigenação para se referir à mistura de raças, além das anacrônicas classe, capitalismo e colonização comercial. O verbete miscigenação (*miscegenation*), por exemplo, ganhou entrada em dicionários de língua inglesa apenas na segunda metade do século XIX, claramente em sintonia com as novas teorias raciais científicas, para definir o cruzamento entre pessoas consideradas de diferentes raças.<sup>461</sup> O conceito de raça empregado por Southey é sensivelmente diferente do atual, no qual as raças são divididas de acordo com a cor da pele e ainda persiste uma hierarquia entre elas. Em inícios do XIX, raça era um conceito social que ajudava a normatizar as diferenças humanas, mas não classificá-las de acordo com padrões delimitados pela biologia (SMEDLEY, 2007: 2). Portanto, dentro de um contexto relacionado às doenças e à sobrevivência, raça foi empregado para explicar porque os indivíduos ou grupos particulares ficavam doentes, pareciam ser resistentes a certas doenças ou disseminavam epidemias. Como no Brasil ocorria uma importante mudança na alimentação, nos hábitos e no clima em relação ao que o europeu ou mesmo o africano estava acostumado, era natural que uma nova raça, que pudesse reestabelecer esse equilíbrio entre homem e ambiente, viesse a ser constituída.

Diversos pesquisadores da obra de Southey já salientaram a importância do uso metafórico de vocábulos ligados à linguagem da doença – como “infectado” (*infected*), “contagioso” (*contagious*) e “pestilento” (*pestilential*) – tiveram em seus escritos, de modo geral (CRAIG, 2007), e como, em particular, a varíola foi uma doença que recebeu sua atenção privilegiada (FULFORD, 2001). Inclusive, ao longo de seus principais artigos no *Quarterly Review*, Southey utilizou a linguagem da doença e da infecção para remeter-se aos problemas relacionados à divergência de opinião na política, à decadência moral e ao cisma religioso, que considerava que afetavam a Grã-Bretanha naquela época (CONNELL, 2005: 247). Southey, certamente, utilizou desse sentido metafórico dos termos relacionados à doença para narrar aspectos da história brasileira e das missões que ficavam nas proximidades com a Argentina e o Paraguai. Em sua opinião, por exemplo, o Paraguai era infestado (*infested*) pelos índios agacês e a

---

<sup>461</sup> Ver verbete “*miscegenation*” do Oxford Dictionary: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/miscegenation?q=miscegenation>. Acesso em: 29 mar. 2014.

permanência das sete cidades que ficavam na divisa do Uruguai com o Brasil como parte do território brasileiro teria sido fácil caso esse não houvesse sucumbido à doença (*disease*) chamada febre revolucionária endêmica (*endemic revolutionary fever*), ou seja, a independência (SOUTHEY, 1810: 117; 1822: 323).

Porém, ainda não foi investigada, na *History of Brazil*, a existência de uma linguagem da diversidade biológica-climática, entendida enquanto um discurso explicativo estável relacionado não apenas à forma que as doenças surgiam, eram modificadas e transferidas, mas também às estratégias para se permanecer saudável, que serviu de pano de fundo para a necessidade da mistura inter-racial e sua avaliação positiva. Diferentemente do que propõe a medicina contemporânea, nas primeiras décadas do século XIX, a explicação teórica para o desenvolvimento das doenças nos corpos humanos e a sua mutabilidade centrava-se no clima e na compleição corporal de cada indivíduo para a cura dos enfermos, e não em microrganismos. A compleição corporal ou constituição de cada indivíduo era definida pela interação do seu humor particular com o clima ou “ar” em que vivia e a alimentação praticada. Além disso, era consenso que exercícios, o sono ou a vigília, a evacuação (que incluía a sangria), e as emoções, tinham impacto considerável na saúde e no temperamento humanos (EARLE, 2010: 694). Segundo a teoria humoral hipocrática, o corpo humano continha uma mistura de quatro fluídos – a bile negra, a bile amarela, o sangue e a fleuma– e, apesar de cada indivíduo ter a sua própria compleição, era razoavelmente consensual que certas raças tinham tendência a gerar indivíduos de certo temperamento. Os espanhóis, por exemplo, eram comumente vistos como donos de um temperamento colérico, resultado da preponderância da bile amarela (EARLE, 2010: 691). O conhecimento que Southey tinha das práticas médicas era exclusivo da leitura e de sua própria experiência enquanto enfermo, em momento algum construiu sua análise citando Hipócrates ou mesmo Galeno, prática muito comum entre os escritores não diplomados em medicina (EARLE, 2013: 48-49). A teoria dos quatro humores, se bem que com algumas reformulações, foi um dos princípios centrais da medicina ocidental até grande parte do século XIX, onde a saúde ou doença dependia do equilíbrio entre os humores e o mundo externo.<sup>462</sup> Dentro desse entendimento da medicina, a doença seria o resultado de um desequilíbrio interno causado, principalmente, pelo clima ou pela alimentação (ALLAMEL-RAFIN; LEPLÈGE; MARTIRE JUNIOR, 2011: 18-19).

---

<sup>462</sup> <http://ocp.hul.harvard.edu/contagion/humoraltheory.html>. Acesso em: 19 fev. 2015.

A teoria dos germes, desenvolvida entre 1870 e 1900, que associa a maioria das doenças com entidades específicas, não estava disponível como horizonte explicativo para Southey. Assim, o leitor da *History of Brazil* sente vários estranhamentos argumentativos ao longo da obra como a aproximação entre o processo de fabricação do cauim – uma bebida alcoólica –, que Southey chamava de imundo (*filthy process*), e o surgimento de uma doença parecida com a lepra, que cobria o corpo dos índios manicicas com escamas. A semelhança com a doença observada entre os habitantes das ilhas ao sul do Oceano Pacífico, que fabricavam uma bebida utilizando processo de fermentação bastante similar, mas com outra raiz, o levava a questionar-se: “é, então, a doença produzida pela *saliva*, .. pelas secreções de um corpo humano levadas para dentro do organismo de outro? A transfusão de sangue saudável e a transplantação de um dente sadio têm produzido consequências fatais” (SOUTHEY, 1819: 890, grifo no original).<sup>463</sup>

Era comum, nas primeiras décadas do século XIX, atribuir doenças não a microrganismos, mas a agentes externos que alteravam o equilíbrio interno de um indivíduo, sendo que a doença poderia transformar-se em outra ou manifestar-se de forma diferente em pessoas diferentes. Apenas a partir da segunda metade do século XIX, a doença foi preponderantemente pensada como existindo fora do corpo, antes disso o foco no diagnóstico estava nos sintomas e “as doenças eram vistas como uma sucessão aberta de eventos que poderiam seguir ampla variedade de trajetórias” (EDLER, 2006: 384). As doenças individuais e epidêmicas não eram a resposta do corpo humano a um agente causador da doença, mas, em vez disso, eram o resultado da susceptibilidade e interações individuais com o ambiente em que viviam. Southey acreditava que a doença no fígado era endêmica nos pobres brasileiro, assim como o era a nos olhos em relação aos estrangeiros, “porém a moléstia mais terrível no Brasil era uma úlcera maligna no ânus: o melhor remédio era ópio. Se não se atalhava depressa a úlcera no seu progresso, tornava-se fatal, nem houve jamais gênero de morte mais ascoroso, ou mais doloroso” (SOUTHEY, 1868a: 465-466).<sup>464</sup> Essa doença, atualmente considerada o maculo (BAIDA; CHAMORRO, 2011: 7) ou a febre amarela (SOUZA,

---

<sup>463</sup> Trecho suprimido, como todas as notas de fim de volume, da edição em português da *History of Brazil*. A tradução, portanto, é minha. No original: “is then the disease produced by the *saliva*,.. by the secretions of one human body taken into the system of another? The transfusion of healthy blood, and the transplantation of a sound tooth, have produced fatal consequences”.

<sup>464</sup> No original: “But the most tremendous disease in Brazil was a malignant ulcer of the *anus*: opium was the best medicine, but unless the ulcer was speedily stopt in its progress, it proved fatal, and no form of death was ever more loathsome or more painful” (SOUTHEY, 1810: 328).

2011: 86), era digna de diversas interpretações no início do XIX. Os portugueses a chamavam mal do bicho, “pois as pessoas de Portugal gostam muito desta teoria das doenças, a qual atribui a elas serem o empreendimento de animálculos”, essa teoria teria levado “um velho médico alemão, o Dr. Choistianus Franciscus Paulinus, a escrever um livro, *De Morte Verminosa*;.. um trabalho igualmente ingênuo e repugnante”. Por outro lado, argumentava Southey, M. de Jussieu<sup>465</sup> supôs que seria uma gangrena no reto e Jean-Baptiste Labat a representava como infecciosa (*infectious*), sendo transmitida para diversos lugares através de expedições navais (SOUTHEY, 1810: 647).<sup>466</sup>

A teoria miasmática da doença consistia na crença de que essa era causada pela decomposição de matéria vegetal, animal e de diversos tipos de resíduos, que causavam mau cheiro e mau ar, e se espalhavam em pessoas suscetíveis de acordo com suas raças.<sup>467</sup> Um miasma poderia ser um ecossistema pequeno ou associado a uma grande área geográfica, como os trópicos, também poderia ser o resultado temporário de alguma perturbação, como uma enchente, ou poderia ser permanentemente associado a um lugar específico, como o pântano (BEWELL, 1999: 33). Em Ilhéus, por exemplo, Southey apontava que “*ocasiona [doenças febris] a perpétua humidade*, e contudo se acontece haver quinze dias de sol, seca e racha o barrento solo, tornando-se *bom tempo uma calamidade*” (SOUTHEY, 1862d: 431, grifos meus).<sup>468</sup> O modelo dominante de transmissão de doenças epidêmicas não era o contágio, mas a contaminação, e como acreditava-se que as pessoas ficavam doentes, direta ou indiretamente, por causa dos miasmas, produzidos pelos lugares onde elas viviam, os lugares mais que as pessoas é que necessitavam ser curados (BEWELL, 1999: 30). Não apenas as chuvas, o vento e o calor, aliados à geografia do Rio de Janeiro, contribuíam, na visão de Southey, para seu clima não saudável, “supunha-se que a forma como *os enterros* eram feitos era outra

---

<sup>465</sup> Muito provavelmente o botânico Joseph de Jussieu, irmão de Antoine Laurent de Jussieu e Bernard de Jussieu.

<sup>466</sup> Trecho suprimido, como todas as notas de fim de volume, da edição em português da *History of Brazil*. A tradução, portanto, é minha. No original: “for the Portuguese people are fond of that theory of diseases, which ascribes them to be the action of animalculae” [...] “an old German physician, Dr. Choistianus Franciscus Paulinus, has written a book, *De Morte Verminosa*; .. a work equally credulous and loathsome”.

<sup>467</sup>

<http://ocp.hul.harvard.edu/contagion/concepts.html>

e

<http://ocp.hul.harvard.edu/contagion/publichealth.html>.

<sup>468</sup> Na tradução feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro aparece “dolorosas moléstias” ao invés de “doenças febris”. No original: “*the perpetual moisture occasions aguish diseases*; and yet if there happen to be a fortnight of sunshine, the clayey soil parches and cracks, and *fine weather becomes a serious calamity*” (SOUTHEY, 1817a: 664, grifos meus).



causa que *contaminava o ar*”.<sup>469</sup> Era costume, entre os brasileiros, não enterrar os mortos em cemitérios, preferindo as Igrejas como solo sagrado, porém os que não podiam ser enterrados lá, eram dispostos nos cemitérios “empilhando-se [...] os corpos uns sobre os outros, sem caixões, e mal cobertos por algumas enxadas de terra” (SOUTHEY, 1862f: 464).<sup>470</sup> Para Southey, algumas das doenças que rondavam os habitantes do Rio de Janeiro advinham de seu ar contaminado. Essa suposta falta de cuidado portuguesa com a higiene pública é constantemente salientada, sendo, inclusive, alvo de grande crítica e espanto durante suas viagens ao Reino. A preocupação de Southey com práticas consideradas insalubres estava em consonância com um tipo de medicina que pode ser chamada de urbana, que preocupava-se em analisar tudo o que, no espaço urbano, poderia levar à doença (ABREU, 2011: 138). De forma totalmente diversa, Southey salientava que os neerlandeses, quando da conquista e ocupação de Recife, introduziram grandes melhoramentos nesse aspecto, pois “um povo acostumado a tão grande limpeza na pátria, não podia tolerar a imundície de uma cidade portuguesa, e assim eram as ruas do Recife regularmente varridas” (SOUTHEY, 1862d: 420). A constante referência, seja na *History of Brazil* ou em outras instâncias, à imundície do espaço público luso-brasileiro estava, em grande medida, relacionada ao problema de saúde pública que essa falta de cuidado sanitário poderia gerar.

Ao menos desde a Antiguidade Clássica era aceita a teoria de que existiam duas formas de geração espontânea, a heterogênese, em que havia a produção de um ser vivo a partir de matéria igualmente viva, e a abiogênese, em que havia a produção de um ser vivo a partir de matéria não viva. Porém, já no século XVIII, a abiogênese não tinha mais respaldo científico, permanecendo válida a explicação via heterogênese durante boa parte do século XIX (ALLAMEL-RAFFIN; LEPLÈGE; MARTIRE JUNIOR, 2011: 141). O ambiente poderia produzir doenças na medida em que o pensamos dentro da teoria da geração espontânea via heterogênese. Existia, portanto, uma climatologia médica em que a qualidade do ar, associada a outras instâncias climáticas, contribuía de forma direta à proliferação de doenças (ALLAMEL-RAFFIN; LEPLÈGE; MARTIRE JUNIOR, 2011: 41). A segunda viagem de Southey para Portugal, por exemplo, foi realizada de acordo com uma prescrição médica em que a mudança de ar seria essencial

---

<sup>469</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: “The mode of *interment* was supposed to be another cause which *contaminated the air*”.

<sup>470</sup> No original: “piled one upon another in a crowded space, all without coffins, and scarcely covered by a few shovels-full of mould” (SOUTHEY, 1819: 815).

para a recuperação de sua saúde.<sup>471</sup> A alteração do ambiente externo buscava beneficiar a sua compleição com um clima temperado mais quente, pois havia sido diagnosticada uma inadequação, mesmo que temporária, entre a constituição física de Southey e o clima em que vivia. Em casos mais extremos, como o do português Antonio de Albuquerque, “cuja saúde sofrera com o clima do Pará”, era tido como necessário retornar ao clima ou a morte seria eminente (SOUTHEY, 1862e: 89).<sup>472</sup> É fundamental, portanto, frisar que o adoecer era um fenômeno geográfico na medida em que era determinado pelo ambiente ou clima em que as pessoas viviam e um fenômeno racial na medida em que a raça e/ou complexidade corporal tornavam determinado indivíduo mais ou menos suscetível a certas doenças.

A hidrografia brasileira foi constantemente abordada na *History of Brazil*, inclusive com descrições detalhadas do Rio Amazonas – sempre denominado Orellana – e do Rio Guaporé, em que longas expedições de descoberta territorial aconteciam. A geografia era uma forma de Southey apresentar os relevos e a diversidade que constituíam o território que narra. A geografia física mostrava um espaço territorial novo, mas também comparável, em que, por exemplo, a visão do alto do Distrito proibido dos diamantes, graças aos ornamentos da riqueza e do poder que poderiam lá ser vistos em sua forma mais dispendiosa e orgulhosa, em seu entendimento, produzia descrições compatíveis com as encontradas em novelas orientais, e:

*como os Alpes de Saboia, com matas de arbustos a crescer por entre as ervas, e uma espécie de musgo alvacentos a vestir a superfície, onde não está cavada de fresco ou coberta de recentes ruínas: .. uma cena de alpina grandeza e desolação alpina, mas a um respeito de mais do que alpina beleza, pois maravilhosamente claras são as águas; a cair em lençóis, em fios, em cataratas e todas a demandar, por subterrâneos canais às vezes, os quatro rios maiores que em si as reúnem (SOUTHEY, 1862e: 368, grifos meus).*<sup>473</sup>

---

<sup>471</sup> “Grosvenor I think seriously of going abroad. my complaint, so am I told by the opinion of many medical men is wholly a diseased sensibility – (mind you – physical sensibility –) disordering the functions now of the heart – now of the intestines – & gradually debilitating me. climate is the obvious remedy.”. Carta a Grosvenor Charles Bedford, 25 de dezembro de 1799.

[http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Two/HTML/letterEEd.26.468.html#back2](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Two/HTML/letterEEd.26.468.html#back2). Acesso em: 19 fev. 2015.

<sup>472</sup> “whose health had suffered from the climate of Para” (SOUTHEY, 1819: 71).

<sup>473</sup> No original: “like the Alps of Savoy, with brush wood growing among the grass, and a sort of grey moss which clothes the surface wherever it is not newly scarred, or covered with recent wreck ... a scene of Alpine grandeur and Alpine desolation, but in one respect of more than Alpine beauty, for the waters are beautifully clear; they fall in sheets, in threads, in cataracts, and make their way, sometimes by subterranean channels, to the four larger rivers which carry off the waters of the district” (SOUTHEY, 1819: 284, grifos meus).

A comparação com os Alpes saboianos não deixa de estar em um contexto comum ao século XIX de busca da beleza em que a descrição das paisagens coloniais era feita de modo a adaptarem-se às ideias europeias do belo, do sublime e do pitoresco. A importância do gosto pelo pitoresco para o aumento de descrições de paisagem e da inserção do vocabulário da pintura certamente contribuíram bastante para a entrada desse tipo de registro nos relatos históricos (YOUNGS, 2013: 42-43). Porém, não se deve negligenciar que o mapeamento da paisagem brasileira dizia também respeito à identificação de lugares saudáveis ou insalubres. As paisagens eram construções sociais e um dos principais meios de representação (BEWELL, 1999: 34; 28). E, nesse contexto, Southey apontava a cidade de Crato como “a mais abundante e deliciosa região do Ceará; *eram contudo endêmicas aqui certas moléstias dos olhos e das pernas (provavelmente elefantíase)*” (SOUTHEY, 1862f: 394, grifos meus).<sup>474</sup> Esse artifício de descrição minuciosa do território como forma de perceber os distúrbios mórbidos advindos das condições físicas diversas estava, na primeira década do século XIX, bastante difundido. O *Enfermidades endêmicas da capitania do Mato Grosso*, escrito por volta de 1791 por Alexandre Rodrigues Ferreira, por exemplo, apresentava esse mesmo recurso ao descrever, primeiramente, os aspectos físicos dessa capitania para depois analisar as condições de salubridade da região (PÔRTO; KODAMA, 2008: 15).

A paisagem, para além de seu viés estético-narrativo, apresentava-se também como uma forma de mapear a viabilidade da colonização de determinadas áreas. Para quem tivesse como perspectiva a emigração ou mesmo práticas comerciais temporárias, a salubridade de determinado lugar era um fator de grande importância, pois estava diretamente relacionado às chances de sobreviver nesse novo território (LISBOA, 2013: 134-135). Assim, Southey, após descrever aspectos geográficos da cidade de Fortaleza, apontava que existiam “públicos edificios pequenos porém aseados, e bem calculados para seus respectivos fins, assim como *dava a vila mostras de maior prosperidade e mais alta civilização, do que fora de esperar das circunstâncias da província*” (SOUTHEY, 1862f: 393, grifos meus).<sup>475</sup>

---

<sup>474</sup> No original: “the most abundant and delightful part of Seara; *but affections of the eyes and legs (probably elephantiasis) were endemic there*” (SOUTHEY, 1819: 760, grifos meus).

<sup>475</sup> No original: “three Churches, a Governor's Palace, a Town-hall and Prison, a Treasury, and a Custom-house; these public buildings were small, but neat, and well adapted for their respective uses, and the town bore marks of greater prosperity, *and higher civilization, than might have been expected from the circumstances of the province*” (SOUTHEY, 1819: 759, grifos meus).

Era bastante consensual, no início do século XIX, que alguns tipos de doença eram característicos de certos lugares ou de certas épocas do ano. Cabo Verde, por exemplo, foi constantemente marcado na *History of Brazil* pelo seu “clima pestilento” (*pestilential climate*) implacável, que não cedia mesmo quando se esperava uma “época saudável” (*healthy season*) para desembarcar no território (SOUTHEY, 1810: 308). Nesse local, “notoriamente não saudável” (*notoriously unhealthy*) (SOUTHEY, 1817a: 619), a sorte de Francisco de Orellana, como de muitas outras pessoas, tinha começado a mudar:

Ficou três meses em Tenerife, e dois em Cabo Verde, *onde deixou noventa e oito homens mortos e cinquenta por inválidos*. Seguindo com três navios, achou ventos ponteiros, que o detiveram até que a bordo se acabou a água; e se não tivessem sido as grandes chuvas, *todos teriam perecido*. Neste aperto *voltou um navio atrás com setenta homens e onze cavalos a bordo, e nunca mais dele se soube*. Os dois restantes entraram afinal no rio [Amazonas]. Procuraram-se viveres em algumas ilhas perto da foz, e ali quis a gente desembarcar para refrescar-se a si e aos cavalos, mas Orellana não consentiu, dizendo que o país era muito povoado. Cerca de cem léguas mais acima, fez alto a expedição, para construir um bergantim; eram escassas as provisões, e *morreram mais cinquenta e sete homens, que não estavam, como os seus camaradas anteriores, afeitos (seasoned) ao clima, nem habituados às povoações do Novo Mundo* (SOUTHEY, 1862a: 154, grifos meus).<sup>476</sup>

A morte era uma possibilidade eminente para os aventureiros e colonos em suas travessias de descoberta e povoação de novos territórios, podendo sucumbir por diversos fatores, muitos deles ligados ao clima e às doenças formadas pelos miasmas. Ao longo da colonização do Novo Mundo, o conceito relacionado de aclimação foi empregado para explicar como recém-chegados a climas particulares ou regiões geográficas ficavam doentes mais facilmente do que indivíduos mais aclimatados, por já viveram em uma determinada área ou clima por mais tempo. Acreditava-se que a partir do momento em que os recém-chegados eram aclimatados, eles não ficavam doentes

---

<sup>476</sup> No original: “He stopt three months at Teneriffe, and two at the Cape de Verds, *where ninety-eight of his people died, and fifty were left behind as invalided*. They proceeded with three ships, and met with contrary winds, which detained them till their water was gone; and had it not been for heavy rains *all must have perished*. *One ship put back in this distress with seventy men and eleven horses on board, and was never heard of after*. The remaining two reached the river [Amazonas]. They procured food at some islands near the mouth, and would have landed there to refresh themselves and the horses, but Orellana would not permit this, saying the country was well peopled. Having ascended about an hundred leagues, they stopt to build a brigantine; provisions were scarce here, and *fifty-seven more of the party died*. *These men were not, like his former comrades, seasoned to the climate, and habituated to the difficulties of the New World*” (SOUTHEY, 1810: 100, grifos meus).

com tanta facilidade.<sup>477</sup> Assim, os espanhóis, após destruírem os fortes construídos pelos seus vizinhos no Igatomy,

abandonaram o [seu] próprio, *por causa das febres malignas, que ali reinavam anualmente* de princípios de fevereiro até abril, apesar de nunca serem acometidos desta moléstia os que a alguma distância do rio se estabeleciam, sendo tal a fertilidade do solo terrão, que teria induzido um povo mais industrioso a experimentar se não seriam remediáveis à força do trabalho e arte as causas locais do mal, ou se não poderia a mesma gente *aclimatar-se (acclimated)* com o tempo (SOUTHEY, 1862f: 264-265, grifos meus).<sup>478</sup>

Existiria uma paisagem da doença, ligada à geografia ou à topografia médica, que precisava ser curada para que a civilização pudesse prosperar. Igualmente era possível, se bem que não para todos, adaptar-se a novos climas e superar as doenças existentes seja por meio da modificação da natureza seja pela aclimação dos homens. Essas proposições de Southey são muito próximas das defendidas, em sua época, por Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), que atribuía aos organismos características de flexibilidade e variabilidade e reconhecia as influências modificadoras do meio, se bem que desse pouco destaque ao clima como agente modificador, preferindo os hábitos (CAPONI, 2007: 23). Southey não rejeitava a importância dos hábitos para a adaptação das espécies, como indica sua afirmativa de que “*de tão perseguidas nos rios próximos de Belém, tinham as tartarugas aprendido a usar de cautela*. Antes de desembarcar à tarde para por seus ovos, mandavam uma sentinela” para verificar a situação do local (SOUTHEY, 1862d: 409, grifos meus).<sup>479</sup> Entretanto, o clima parece ser, em sua opinião, mais importante que os hábitos para propagação das espécies e raças.

Atualmente o termo aclimação é correntemente empregado para indicar a mudança metabólica que ocorre nos corpos humanos ao trocarem de ambiente. Esse fenômeno fisiológico ocorre, por exemplo, quando uma pessoa que vive em uma altitude ao nível do mar se muda para uma sensivelmente mais elevada. A aclimação, usualmente, ocorre em um curto período de tempo e não é transmitida aos descendentes. Para Southey, contudo, aclimação era um fenômeno biológico diverso. O verbo

---

<sup>477</sup> ocp.hul.harvard.edu/contagion/concepts.html

<sup>478</sup> No original: “abandoned their own, *because of the malignant fevers which prevailed there annually*, from the beginning of February until April; yet they who settled at a little distance from the river were not attacked by the disease; and the extraordinary fertility of the soil would have induced a more industrious people to try, whether the local causes of the evil were not remediable by industry and art, and whether they themselves might not in time *become acclimated*” (SOUTHEY, 1819: 658, grifos meus).

<sup>479</sup> No original: “*The tortoises had been so much molested in the rivers near Belem, that they had learnt caution*; before they landed at evening to deposit their eggs they sent a centinel forward to spy the land” (SOUTHEY, 1817a: 646, grifos meus)

aclimatar (*acclimate*) teve seu primeiro emprego em língua inglesa registrado em 1792.<sup>480</sup> Ao longo das décadas seguintes seu destaque foi notório no contexto europeu e brasileiro, indicando grande interesse nos estudos sobre as influências climáticas nos organismos (ANDERSON, 1992: 135; LISBOA, 2013; CAPONI, 2007). Porém, na década de 1810, não existia uma preponderância semântica do termo, que, às vezes, era considerado como estrangeirismo devido a sua etimologia francesa. Muitos preferiam o saxônico naturalizar (*naturalize*), sendo que Southey emprega os dois verbos, na *History of Brazil*, de forma indistinta, se bem que dê preferência ao francesismo.

É notória a caracterização dos trópicos como lugar de grande fertilidade e crescimento excessivo (BEWELL, 1999: 34-35). Esse tópico, vastamente explorado ao longo da colonização do Novo Mundo, e que, inclusive, levou a inquirições sobre a possibilidade dos novos territórios descobertos serem o Jardim do Éden, teve grande destaque muito por causa da articulação entre fertilidade do solo e a natureza providencial da colonização americana. A fertilidade do solo, que contribuía para a abundância de comida para os colonizadores, era entendida como uma prova da vontade divina que a colonização fosse efetuada. Em suma, era visto como desejo divino o Novo Mundo ter sido descoberto pelos colonizadores ibéricos, que espalhariam a fé católica entre os povos pagãos da América (EARLE, 2013: 102-103).

Na *History of Brazil*, Southey não deixou de compartilhar dessa tradição discursiva ao frisar que, como havia notado Manoel Guedes Aranha, as pessoas “não multiplicavam tão depressa no Pará como no Maranhão, *de onde, tão fecundo era o clima*, poderia ter-se povoada a América inteira, se não houvesse faltado os meios de subsistência” (SOUTHEY, 1862d: 411, grifos meus)<sup>481</sup> ou mesmo que existia no Maranhão “um bicho de seda indígena, cujo casulo é *três vezes maior do que o do europeu*” (SOUTHEY, 1862f: 382-383, grifos meus).<sup>482</sup> Essa paisagem tropical, ambiente de agricultura fértil, havia adquirido vários matizes no início do século XIX, principalmente por causa da articulação do conceito de degeneração para explicar a mudança ocorrida nos seres vivos naturais do Brasil após a chegada dos europeus, ou nos seres vivos europeus ou europeizados, quando trazidos para os trópicos.

---

<sup>480</sup> Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/acclimate>. Acesso em: 21 jul. 2014.

<sup>481</sup> No original “did not multiply so fast in Para as in Maranham, *where the clime was so fecundant*, that if there were but means of support, all America might be peopled from thence” (SOUTHEY, 1817a: 648, grifos meus).

<sup>482</sup> No original: “a native silkworm here, whose cone is *thrice the size of the European one*” (SOUTHEY, 1819: 751, grifos meus).

Um ambiente poderia influenciar não apenas no equilíbrio ou no desequilíbrio corporal dos seres humanos, mas também dos vegetais e demais seres vivos. Nesse sentido, as plantas se adaptavam, como os animais, na medida em que respondiam a alguns climas como mais ou menos propícios ao seu desenvolvimento (BEWELL, 1999: 33). Dentro desse contexto discursivo, Southey descreve a degeneração ocorrida em alguns seres do reino vegetal trazidos do Velho Mundo: “todas as plantas esculentas de Portugal tinham sido lá [no Ceará] introduzidas e cultivadas com sucesso: *só a cebola diminui (dwindles) e degenera (degenerates)*. [...] A videira produz frutos duas ou três vezes por ano, mas *encontra algo não favorável ao crescimento no clima (climate), pois a uva nunca amadurece completamente*” (SOUTHEY, 1819: 763, grifos meus).<sup>483</sup> O mesmo fenômeno acontecia com outras espécies: “*era o marmelo a única fruta europeia que se naturalizara (naturalized), ela tinha diminuído (dwindled) no tamanho e perdido seu sabor*”.<sup>484</sup> A adaptação é um processo que modifica as características iniciais dos seres vivos.

As plantas, enquanto seres vivos com compleições distintas, esbarravam, como os homens, de raças e compleições variadas, no clima para proliferar ou mesmo viver em seu estado pleno, ou seja, não degenerado. Contudo, os mundos animal e vegetal poderiam degenerar por completo ou apenas em alguns aspectos ao serem transplantados, como Southey alega que tinha acontecido no Maranhão:

mais depressa do que na Europa se multiplica aqui o gado, mas é um pouco mais pequeno (*diminished*), nem a carne é tão boa. Também das ovelhas e cabras se diz que são mais prolíficas aqui do que no país da onde foram introduzidas, tendo da mesma forma degenerado (*degenerated*) no tamanho (SOUTHEY, 1862f: 382-383).<sup>485</sup>

Todos os seres vivos passavam por um processo de aclimatação ou de adaptação, que poderia resultar em sua fixação permanente naquele local ou em sua extinção. A

---

<sup>483</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter cortes significativos para a minha análise. No original: “All the esculent plants of Portugal had been introduced there, and cultivated with success: *the onion alone dwindles and degenerates*. [...] The vine produces fruit twice or thrice a year, but *finds something ungenial in the climate*, for the grape never ripens thoroughly” (SOUTHEY, 1819: 763, grifos meus). Southey também observa a dificuldade que plantas como a bétula, o abeto, entre outras, tiveram para se desenvolver na Islândia (SOUTHEY, 1812: 70-71).

<sup>484</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter cortes significativos para a minha análise. No original: “*The quince was the only European fruit which had been naturalized; it had dwindled in size, and had lost its flavor*” (SOUTHEY, 1819: 803, grifos meus).

<sup>485</sup> No original: “Cattle multiply there faster than in Europe; but their size is somewhat diminished, and the meat is not so good. Sheep and goats are said also to be more prolific than in the country from whence they were introduced; and in like manner, to have in some degree degenerated” (SOUTHEY, 1819: 751).

importância dos termos adaptação e degeneração na *History of Brazil* coloca em evidência que, para Southey, a vida “era obtida, jamais garantida” (EDLER, 2011: 34). Curiosamente, o indígena, devido às intervenções do projeto de colonização português, mesmo sendo natural da terra, também teve que adaptar-se. Quando o índio era conduzido para alguma redução jesuítica, por exemplo, ele também sofria um processo de aclimatação, que o levaria, supostamente, em direção à civilização. Esses novos hábitos civilizacionais poderiam ter influência drástica em alguns indivíduos, levando-os inclusive à morte, como era o caso dos indígenas recém-recrutados nas expedições: “reforços foram ao longo do tempo trazidos da floresta, mas destes novos convertidos uma grande proporção sempre morria durante a adaptação (*seasoning*): a mudança total de hábitos, dieta e circunstâncias externas, e talvez a forte excitação mental, eram mais do que podiam suportar” (SOUTHEY, 1822: 286).<sup>486</sup> O adoecer e o morrer mantinham “referência direta com o temperamento e a estrutura peculiar de um indivíduo – sua constituição física, seu dinamismo fisiológico e psicológico”, sendo que os agentes naturais externos poderiam contribuir, de modo circunstanciado ou preponderante, apenas em situações específicas e de maneira isolada, “para produzir uma situação que, eventualmente, conduziria a um estado mórbido” (EDLER, 2001: 929-930). A mudança, portanto, efetuada em relação ao modo de vida dos indígenas pelos jesuítas exigia que os naturais do Novo Mundo tivessem que adaptar não somente seus costumes e maneiras, mas também em relação à nova dieta e ao novo clima que estavam surgindo.

A raça, o clima e as doenças estão interligados na *History of Brazil* à temática da colonização na medida em que essa era um processo de adaptação tanto do colono quanto do natural, o indígena. O objetivo principal deste capítulo consiste em colocar em evidência a interconexão entre a mistura racial, iniciada pela colonização europeia do Brasil, e a possibilidade de sobrevivência dessa nova raça, ao mesclar-se de forma a imunizar-se de doenças. Tanto o colonizado índio, quanto o colonizador europeu sofreram severamente com doenças, que, em alguns casos, dizimaram, de uma só vez, milhares de pessoas. É preciso ter em mente que a colonização não era vista apenas como uma iniciativa militar, mas também biológica e ecológica (BEWELL, 1999: XI). Nesse sentido, a formação do brasileiro será abordada tendo em vista a teoria da mistura

---

<sup>486</sup> No original: “Reinforcements were from time to time brought in from the woods, but of these new converts a large proportion always died in seasoning: the total change of habits, diet, and external circumstances, and perhaps the strong mental excitement, being more than they could bear”.



e aclimação das raças e das doenças, fugindo do foco comum de abordagem metafísica do surgimento do brasileiro e do caráter nacional.

A necessidade natural da mistura das raças advém, principalmente, das novas condições climáticas oferecidas nos ambientes descobertos. No Brasil, segundo Southey, os europeus não conseguiriam sobreviver sem que houvesse a mistura com o sangue indígena, pois ele fornecia a adaptabilidade ao clima que o sangue europeu não possuía. As doenças do Velho Mundo afetavam os indígenas de forma avassaladora, assim como os europeus só sobreviveriam às intempéries americanas com a mistura com o selvagem. Na segunda parte deste capítulo, será abordado, de forma mais pontual, o processo de aclimação ao novo clima que teria que ser travado tanto pelo reino animal, quanto vegetal, pois apenas na superação, dada através da mistura, é que seria possível vencer a natureza e estabelecer uma nova raça.

#### **CLIMA E ACLIMAÇÃO: A LINGUAGEM DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA-CLIMÁTICA NA *HISTORY OF BRAZIL***

Porcos, dólares espanhóis e ratazanas não são as únicas comodidades e incômodos que realizaram a circunavegação e podem ser encontradas onde quer que os navios europeus tenham chegado. As doenças também encontram o seu caminho de uma parte do mundo habitado para a outra, onde quer que seja possível a elas existir (SOUTHEY, 1829a: 57-58).<sup>487</sup>

Salientar a força germinativa das plantas foi algo bastante comum quando observadores oitocentistas escreveram sobre a natureza tropical brasileira, tornando-se uma espécie de lugar comum associar a fertilidade do solo à dificuldade dos habitantes prosperarem pelo trabalho árduo, visto que os meios necessários à subsistência eram oferecidos quase que de forma espontânea. Southey reiterou esse horizonte discursivo, apesar de relativizá-lo constantemente, e reforçava, em ensaio publicado no periódico *Quarterly Review*, como as características naturais de um país, caso fossem muito favoráveis, poderiam trazer grande prejuízo ao seu desenvolvimento civilizacional:

---

<sup>487</sup> No original: “Pigs, Spanish dollars, and Norway rats are not the only commodities and incommo-  
dities which have performed the circumnavigation, and are to be found wherever European ships have touched.  
Diseases also find their way from one part of the inhabited globe to another, wherever it is possible for  
them to exist”.

Nesses países muito agradáveis, onde a terra produz os seus frutos espontaneamente, os habitantes têm-se abandonado aos vícios mais repugnantes e perniciosos, tornando-se a cada ano mais selvagens e miseráveis, e, em poucas gerações, irão, sem dúvida, ser extintos, se deixados a si mesmos (SOUTHEY, 1812: 84-85).<sup>488</sup>

Essas linhas remetiam à condição dos habitantes das ilhas ao sul do Oceano Pacífico, contudo, o mais importante é a associação feita entre paisagens idílicas e férteis e a proliferação de práticas moralmente viciosas, que, muitas vezes, estavam relacionadas ao envolvimento sexual não comprometido dos colonizadores com mulheres nativas. Nessas sociedades permeadas pelo vício, afloravam doenças sexualmente transmissíveis, sintoma do fracasso moral daquela empreitada civilizadora.

A sífilis consistiu em uma dessas doenças que, diversas vezes, foi reivindicada para apontar o estado moral das sociedades. Devido à concomitância entre a primeira grande epidemia de sífilis na Europa e a viagem de Cristovão Colombo, alimentou-se a hipótese de que a sífilis era uma doença endêmica das Américas. Não obstante a origem da sífilis ainda permanecer ponto obscuro, seu caráter venéreo, inicialmente identificado, continua como uma de suas principais marcas, sendo, portanto, há muitos séculos, relacionada ao pecado e percebida como punição divina à transgressão moral efetuada por meio de relações sexuais extraconjugais ou tidas antes do casamento (BOTELHO, 2013: 236; NETO; SOLER; BRAILE; DAHER, 2009: 127-128). A sífilis também era facilmente confundida com a gonorreia até Philippe Ricord estabelecer a diferença entre as duas doenças na década de 1830, contribuindo para a forte associação entre a sífilis e uma sociedade sexualmente permissiva (BOTELHO, 2013: 305). Na província de Santa Catarina, por exemplo, Southey seguia a advertência de Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) e afirmava que era “tão comum a sífilis, que indicava um deplorável estado de moralidade” (SOUTHEY, 1862f: 519) facilitado pelo clima quente predominante em todo o Brasil (Cf. LANGSDORFF, 1976-1977: 116).<sup>489</sup>

Por mais que a sífilis fosse bastante reivindicada como evidência do estado moral das sociedades, a capacidade de adaptação e modificação dessa doença, e de muitas outras, em novas constituições e novos climas ganhou grande destaque com a exploração de regiões nunca antes navegadas. Guilherme Piso (1611-1678) foi um dos

---

<sup>488</sup> No original: “In those delicious countries, where the earth brings forth her fruits spontaneously, the inhabitants have abandoned themselves to the most loathsome and pernicious vices, are becoming every year more savage and miserable, and, in a few generations, will, undoubtedly, be extinct, if left to themselves”.

<sup>489</sup> No original: “syphilis is said to have been so common, as to indicate a deplorable state of morals” (SOUTHEY, 1819: 862).

principais escritores a registrar a nosologia e a profilaxia das doenças encontradas no Brasil colonial. Southey ajuizava sua *Historia Naturalis Brasiliae* (*História Natural do Brasil*) de grande valor,<sup>490</sup> mas confundiu algumas proposições sobre a sífilis encontradas nesse livro. Piso argumentava que existiam, ao menos, dois tipos de *lues* ou sífilis, uma endêmica do Brasil, denominada *lues indica* ou *bubas*, e outra europeia, a *lues gálica*, introduzida em território brasileiro apenas com a chegada do europeu colonizador (PISO, 1957: 118-121). Piso, portanto, deixava claro que existiam diversos gêneros de sífilis e não confirmava a origem exclusivamente americana dessa doença na medida em que existiam variedades originárias de diferentes regiões do mundo. Tendo isso em vista, Southey, erroneamente, pensava concordar com o médico e naturalista que a sífilis “é originalmente uma doença americana, modificada por *transplantação* (*transplantation*) para a constituição europeia;.. uma opinião que está de acordo com suas observações [de Piso] sobre os efeitos físicos produzidos pela *mistura* (*mixture*) das diferentes raças” (SOUTHEY, 1810: 328, grifos meus).<sup>491</sup> A sífilis “era *uma velha doença assumindo uma nova forma através da passagem de uma raça para outra*”<sup>492</sup> Nessa confusão de informações, Southey altera a gênese da sífilis, porém, mantém intacto o argumento, bastante presente até meados do século XIX, que o surgimento de novas doenças poderia dar-se também por transplantação a novas constituições e que existia uma ligação entre essa mudança e o cruzamento entre raças diferentes.

Tendo em vista que a mistura entre as novas e velhas raças era eminente em um mundo colonizado, era importante aos envolvidos nas empreitadas colonizadoras saber como novas doenças, como supostamente seria a sífilis, se comportariam ao serem transplantadas a novas constituições e climas e, igualmente, a forma de combatê-las. Na perspectiva de Southey, aconteciam, no Novo Mundo, dois fenômenos diversos em relação às doenças. O primeiro deles dizia respeito à modificação da doença por transplantação a novas constituições físicas, observada em europeus e nativos. O

---

<sup>490</sup> O livro, publicado em 1648, foi escrito em coautoria com Georg Marggraf (1610-1644), porém, Southey refere-se a grande maioria das vezes apenas a Piso provavelmente por remeter-se a partes da obra escrita pro ele. A parte inicial do livro, denominada *De Medicina Brasiliensi*, foi escrita por Piso e a final, *Historia rerum naturalium Brasiliae*, por Marggraf.

<sup>491</sup> A seguinte passagem foi excluída da tradução em português. Na primeira edição constava em nota de rodapé, na segunda passou a ser nota de fim. No original: “is originally an American disease, modified by *transplantation* to the European constitution; .. an opinion which agrees with his remarks upon the physical effects produced by the *mixture* of different races”.

<sup>492</sup> Grifos meus. Carta a John King, 06 de fevereiro de 1809. Disponível em:

[http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEEd.26.1576.html#back9](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEEd.26.1576.html#back9).

Acesso em: 21 jul. 2014. No original: “was *an old disease assuming a new form by passing from one race to another*”.

segundo estava relacionado à mistura das raças na medida em que “a mistura (*mixture*) e cruzamento (*intermixture*) de três raças diversas, europeia, americana e africana, tinha engendrado novas moléstias (*diseases*), ou pelo menos novas compleições (*constitutions*), com que tanto se modificavam as enfermidades antigas, que o mais hábil físico ficava perplexo à vista de desconhecidos sintomas” (SOUTHEY, 1862a, p. 464-465).<sup>493</sup> Existia, portanto, com a colonização e o cruzamento entre as diferentes raças, tanto uma mudança nas doenças existentes como a formação de novas.

Da observação do meio vegetal derivava grande parte do entendimento de como o ser humano se comportaria ao ser transplantado para ambientes diversos daquele em que nascera e se adaptara. Southey pensava que, no Brasil, “não há exemplo de terem os homens brancos sofrido tão pouco na sua natureza física, *transplantados* além dos limites que lhes foram assinados” (SOUTHEY, 1862a: 467, grifo meu).<sup>494</sup> De outra forma, era também bastante comum dentro dos projetos colônias o envio e recebimento de espécies para estudo biológico. Nessas trocas de informações, muitas espécies brasileiras foram levadas para estudo em centros de pesquisa europeus da época, porém, mais importante do que isso, do Velho Mundo foram trazidos diversos tipos de plantas para serem introduzidos no Brasil e, assim, poder verificar a sua capacidade de adaptação a um ambiente distinto do original. Portanto, essa “era uma atividade importante na medida em que se acreditava que o clima e o meio eram fatores determinantes nas diversas conformações das espécies, bem como nas suas diversas atribuições” (GESTEIRA, 2004: 14). Apesar de menos importante nesse cenário, não devemos esquecer que o mapeamento botânico era essencial para garantir novos monopólios aos colonizadores (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2006: 7).

Os reinos animal e vegetal estavam interligados pelo princípio de reação ao clima em que viviam. Se a doença mudava de acordo com o clima para o qual era transplantada – o que abarcava também uma mudança de corpo, na medida em que cada indivíduo era entendido como compondo um “clima” próprio – o mesmo fenômeno acontecia com as plantas e os animais. Como salientava Piso:

---

<sup>493</sup> No original: “that the mixture and intermixture of three different races, the European, American, and African, had produced new diseases, or at least new constitutions, by which old diseases were so modified, that the skilfullest physicians were puzzled by new symptoms” (SOUTHEY, 1810: 327).

<sup>494</sup> No original: “in no other instance have white men suffered so little in their physical nature by *transplantation* beyond those limits which have been assigned them” (SOUTHEY, 1810: 329, grifo meu).

É digno de observação que tantas árvores notáveis, arbustos e ervas, com exceção de poucas, na forma, nas folhas e frutos se mostrem diferentes dos vegetais do Velho Mundo. O mesmo se nota nas aves, nos animais e peixes, nos insetos alados ou não alados. *Como se, pela diversidade de climas, aparecessem diferenças não só nos homens, como também nos animais e nos vegetais, e isto não tanto pela colaboração dos astros, como pela força do sol e pelo caráter peculiar do solo* (PISO, 1957: 48, grifos meus).

A noção de clima, no século XVII, estava profundamente ligada aos astros na medida em que se referia às mudanças celestes e sua influência sobre o mundo natural e geográfico (EDLER, 2011: 31). O solo e o clima uniam-se aos astros para a geração de espécies e raças diversas das europeias e contribuía para a mutabilidade delas quando da transplantação. Os climas tinham força quase que preponderante em relação às espécies de vida, podendo também decidir sobre as doenças que acometeriam as pessoas. Segundo Piso:

as modernas navegações do Novo Mundo confirmam que, *assim como variam os hábitos e gêneros de vida dos povos segundo os diversos climas do mundo, assim também diferem as doenças e os gêneros de morte; e assim como as antigas doenças costumam extinguir-se, do insólito giro e inclinação dos astros, nem como do clima da terra austral, soem gerar-se novas. Algumas passam a outras regiões do mundo, outras não; umas, por causa da mudança do sistema de vida, deixaram de grassar* (atestam os autores acerca do Egito) (PISO, 1957: 72, grifos meus)

Portanto, o clima de determinado local poderia contribuir para a proliferação ou erradicação de determinada doença, como era o caso da que acometeu, segundo Southey, o filho mais velho do Governador e Capitão-General do Brasil Marquês das Minas: “Não tinha a peste cedido inteiramente, e a fortuna foi não ser ela *de natureza que pudesse ser transportada (transported) para a Europa*” (SOUTHEY, 1862e: 22).<sup>495</sup> Os portugueses, nesse caso, foram felizes, pois o navio que partiu com o enfermo do Brasil aportara em suas costas trazendo uma doença que não era capaz de se adaptar ao novo clima.

Existia uma ambiguidade no clima, que poderia trazer tanto doença ao saudável, quanto promover a cura ou estender a vida dos enfermos. Como já salientava Piso, “a fama de salubridade do [Brasil] atraiu da Espanha, das Índias e outros lugares remotos, não poucos velhos e outros homens de saúde menos próspera” (PISO, 1957: 49). O Brasil era igualmente considerado por Southey como um “país salubre, onde é tão vulgar a longevidade, que muitas pessoas chegam aos cem anos” (SOUTHEY, 1862f:

---

<sup>495</sup> No original: “The pestilence had not wholly subsided; and fortunate it was that it was not of *a nature to be transported to Europe*” (SOUTHEY, 1819: 17, grifos meus).

468).<sup>496</sup> Inúmeros indígenas passavam da idade de 100 anos e o clima brasileiro, às vezes, parece ser um bálsamo para os que desejavam uma vida longa. O Padre Antonio Vieira, por exemplo, foi um dos europeus abençoados pela mudança de ares, pois “o almo clima (*climate*) da Bahia aliviara Vieira de todas as enfermidades (*maladies*), exceto da que é incurável, a velhice, prolongando a sua existência mortal até ao extraordinário termo de noventa anos” (SOUTHEY, 1862e: 45).<sup>497</sup> Também Sir William Temple, no “Of Health and Long Life”, citado por Southey, questionava-se se existia alguma coisa “no clima do Brasil mais propícia à saúde que em outros países”, pois diversos europeus, desenganados pelos médicos em relação a sua sobrevivência, quando chegavam nesse país, viviam por mais vinte ou trinta anos (SOUTHEY, 1819: 898).<sup>498</sup>

Não existiu, portanto, um rompimento epistemológico profundo entre o entendimento que escritores do século XVII-XVIII tinham sobre a importância do clima para a constituição das pessoas e como as doenças, o reino vegetal e animal respondiam a essa mudança e o de Southey, em início do século XIX. Concordavam também que o cruzamento entre as diversas raças gerava novas compleições, que, como enxertos, carregavam aspectos diferentes do cruzamento original. De acordo com Piso:

além de que o céu, as estações do ano, a diversidade das águas e dos alimentos e o gênero de vida de todo em todo diferente mudam sem dúvida os temperamentos, acresce também *o cruzamento das várias nações*. Assim os europeus coabitam com mulheres americanas, geram Mamelucos; com etiopisas, Mulatos; e os americanos, fazendo-o com as negras africanas, os denominados Cabocles. [...] *Como se não só degenerassem os vegetais e animais transplantados, mas também os povos levados para outras regiões e misturados a nações estrangeiras perdessem a índole nativa*, tal como os rios que, entrando no mar salgado, perdem a doçura própria das águas (PISO, 1957: 72, os grifos em itálico são meus).

A mistura das raças mostrava-se como inevitável devido ao intercuro afetivo entre as raças europeia, americana e africana, mas Piso, em sua análise, deixa entrever certa negatividade nessa mistura. Essa dimensão não existe nas proposições de Southey, onde o cruzamento era entendido como imperativo para uma povoação bem sucedida do

---

<sup>496</sup> No original: “healthy country, where longevity is so common, that many persons of all colours reach the age of one hundred” (SOUTHEY, 1819: 819).

<sup>497</sup> No original: “The genial climate of Bahia had relieved Vieyra from all maladies, except the incurable one of old age; it prolonged his mortal existence to the extraordinary term of fourscore and ten” (SOUTHEY, 1819: 34).

<sup>498</sup> Trecho suprimido, como todas as notas de fim de volume, da edição em português da *History of Brazil*. A tradução, portanto, é minha. No original: “in the climate of Brazil more propitious to health than in other countries”.

Brasil na medida em que o colonizador, por mais que bem adaptado, não sobreviveria sem a ajuda da mistura com as demais raças. A mistura das raças não produzia degeneração, em um sentido negativo, mas adaptação biológica. O desafio de colonizar um território tão vasto como o brasileiro e com tantos climas diferentes impunha-se e a mistura racial foi a resposta encontrada por Southey para superar as doenças e as adversidades climáticas, já que a aclimação era sempre incerta.

Na opinião de Southey, as doenças, nativas ou não, acometiam, preponderantemente, os estrangeiros, como, por exemplo, havia acontecido com os neerlandeses no nordeste brasileiro, chegando ao ponto de um marinheiro, “*na sua aversão a uma ilha [a Ilha de São Tomás] que a tantos bravos causara a morte, pedi[r] que o não sepultassem em terra tão maldita*, mas que o atirassem ao mar a dez ou doze léguas de distância” (SOUTHEY 1862c: 17-18, grifos meus).<sup>499</sup> Os marinheiros certamente eram uma classe (des)privilegiada quando se pensava em doenças, pois deveriam aclimatar-se aos lugares em que viajavam por força de sua profissão ou, fatalmente, sucumbiriam a elas. Caso desse gênero tinha acontecido, segundo o relato de Southey, na capitania da Bahia, onde várias pessoas foram vítimas de uma pestilência (*pestilence*), que já tinha matado 2 mil pessoas no Recife:

Aqui morriam de vinte a trinta pessoas diariamente, e dentre duzentas que adoeceram num dia, apenas duas escaparam, tão geralmente mortal era a moléstia. Uma única casa não passou sem ter algum doente, e algumas ficaram inteiramente desertas. No campo nem foi tão geral nem tão destruidora a peste. *Atacava ela exclusivamente a raça branca e entre esta particularmente os marítimos; eram pela maior parte europeus e talvez que individuos e familia se achassem mais ou menos expostos conforme estivessem também mais ou menos aclimatados*. Muitos anos já depois de ter a moléstia deixado de ser *endêmica*, ainda caíam vítimas dela estrangeiros que de outros países ou do sertão vinham a qualquer das cidades em que havia raivado o flagelo (SOUTHEY, 1862d: 329-330, grifos meus).<sup>500</sup>

---

<sup>499</sup> No original: “*in his hatred of the island [Ilha de São Thomas] which had caused the loss of so many brave men, he desired that he might not be buried in so cursed a country*, but that they would throw him overboard ten or twelve leagues from land” (SOUTHEY, 1817a: 13, grifos meus).

<sup>500</sup> No original: “From twenty to thirty persons died daily;.. of two hundred who sickened in one day, only two persons recovered, so generally did it prove mortal. Not a house escaped without some sick, and in some houses not an individual. In the country it was neither so general nor so destructive. *The disease exclusively affected the white race, and of them more particularly the sailors; they were mostly Europeans, and perhaps individuals and families were liable to it in proportion as they were more or less acclimated*. For many years after it had ceased to be *endemic*, strangers who came from other countries, or from the interior to any of the cities where it had raged, still fell victims (SOUTHEY, 1817a: 586, grifos meus).

Essa mesma doença, não nomeada, deixava “isento do contágio os negros e todas as raças mistas (*mixed race*)” (SOUTHEY, 1862d: 331).<sup>501</sup> Postula-se que os africanos, quando trazidos para o Brasil como escravos, tinham muitas das mesmas imunidades que os europeus devido ao longo intercuro entre os dois continentes e que também teriam resistência à boa parte das doenças endêmicas ao clima tropical, como a malária. Possuíam, portanto, vantagem imunológica tanto em relação aos europeus quanto aos nativos da América (KIPLE, 2008: 30-31).

É notória a hipótese de que muitos ameríndios sucumbiram rapidamente às doenças do Velho Mundo por causa da falta de imunidade em relação a elas. Porém, para Southey, a diminuição da população indígena, como vimos, também dizia respeito ao costume de algumas tribos de criar apenas um filho, ao infanticídio, às guerras e ao canibalismo. Aliado a esses fatores, a mudança no modo de subsistência foi crucial, pois expunha o índio às doenças: “em despeito de tudo prosseguia a obra da despovoação, por quanto vivendo espalhados e errantes só andavam os naturais expostos à perniciosa influência da atmosfera, reunidos em grandes aldeamentos, também ao contágio ficavam sujeitos” (SOUTHEY, 1862e: 272).<sup>502</sup> Com a criação dos aldeamentos, a proliferação das doenças também foi facilitada. A passagem para uma sociedade sedentária trazia consigo a facilidade epidêmica característica das populações organizadas. Por outro lado, “consequência da grande e repentina mudança de uma vida errante para outra fixa, causaram as moléstias terríveis estragos entre os conversos” (SOUTHEY, 1862c: 384, grifos meus).<sup>503</sup> A compleição indígena era adaptada a certo equilíbrio que foi quebrado com a sedentarização, como era o caso dos cayaguas, em que “foram muito infelizes os jesuítas, e se logravam atrair alguns às reduções, era tal o efeito de uma vida estacionária e talvez do ar livre e da luz, que eles, na frase do jesuíta [Nicolás del] Techo, *morriam como plantas que criadas às sombra não podem suportar o sol*” (SOUTHEY 1862d: 56, grifos meus).<sup>504</sup> Deste modo,

---

<sup>501</sup> No original: “the negroes and every variety of the mixed race were exempt from the contagion” (SOUTHEY, 1817a: 587).

<sup>502</sup> No original: “Still however the work of depopulation was going on: for in their scattered and wandering modes of life the natives were only liable to the unwholesome influence of the atmosphere; but when collected into large settlements, they were exposed to infection also” (SOUTHEY, 1819: 209-210, grifos meus).

<sup>503</sup> No original: “Great ravages were made among the converts by diseases, consequent upon the great and sudden change from a roving to a settled life” (SOUTHEY, 1817a: 281, grifos meus).

<sup>504</sup> No original: “the Jesuits were very unsuccessful: when any of them were persuaded to enter the Reductions, the effect of a stationary life, and perhaps of the open air and light, was such, that, in Techo's



*há causas físicas pelas quais se torna frequentemente mortal a transição do estado selvagem para o domesticado. Não pode a construção animal suportar uma mudança total e repentina de alimentos, hábitos e ocupações. Se não são apanhadas novas, morrem as aves antes de se costumarem ao cativo; e a diferença por que elas passam no seu modo de subsistência, dificilmente será maior do que essa que sofre o homem passando de uma vida errante para outra fixa. A frequente mudança de ares parece ter sido quase indispensável a uma raça que nunca jamais fora sedentária* (SOUTHEY, 1862d: 398, grifos meus).<sup>505</sup>

Era como se os indígenas deixassem de ser aclimatados ao Brasil após a mudança para as missões e a consequente alteração na dieta e nos costumes. Eles tinham uma compleição adaptada a determinado modo de vida, que era alterado ao serem introduzidos aos hábitos europeus. O corpo dos indígenas respondia da mesma forma aos mesmos princípios do adoecer que os demais corpos (EARLE, 2013: 171).

A importância do clima e do meio – e não esqueçamos do tradicional capítulo dos discípulos hipocráticos sobre os ares, as águas e os lugares – era uma questão maior que envolvia não apenas a salubridade do local já que, segundo Southey, “*saudáveis como são os ares (air) do Brasil, tornavam-se fatais a muitos, cujos hábitos (habits) de vida e costumes haviam sido contraídos em temperatura (temperature) diferente, como às próprias plantas, diz Piso, é frequentemente fatal a mudança embora transplantadas (transplantation) para solo mais rico e mais feliz clima*” (SOUTHEY, 1862a: 464, grifos meus).<sup>506</sup> Logo, um clima salubre e favorável não necessariamente seria benéfico a compleições que foram adaptadas a outra temperatura e que, por causa dela, adquiriram certos hábitos. O consumo diário de carne e vinho, por exemplo, deveria ser evitado pelo europeu recém-chegado ou brasileiro nato que desejasse ter uma velhice feliz no Brasil (SOUTHEY, 1810: 327). Explicava Piso, que “os alimentos do gênero dos nutrientes ou dos calefacientes, se forem regulados, enchem os corpos de sangue e calor. Se o não forem, costumam gerar humores frios e aquosos” (PISO, 1957: 58).

---

words, they died like plants which grow in the shade, and will not bear the sun” (SOUTHEY, 1817a: 374, grifos meus).

<sup>505</sup> No original: “*There are physical causes why a transition from the wild to the domesticated state should frequently prove destructive. The animal frame cannot with impunity bear a sudden and total alteration of diet, habits, and occupations. Unless birds are taken young they die before they can be accustomed to captivity; and even the difference which is thus made in their manner of subsistence is scarcely greater than that which man endures in passing at once from a wandering to a domesticated life. Frequent change of air seems to have been almost indispensable to a race who had never been stationary*” (SOUTHEY, 1817a: 638-639, grifos meus).

<sup>506</sup> No original: “*Wholesome as the air of Brazil is, it proved hurtful to many persons whose habits both of life and living had been formed in different temperature; even, says Piso, as plants will frequently die in transplantation, though their removal may have been to a richer soil and happier climate*” (SOUTHEY, 1810: 327, grifos meus).

É crucial, portanto, o destaque dado por Southey aos hábitos como reflexo de um comportamento adaptado ao clima. Climas diferentes geravam hábitos e costumes diversos e para aclimatar-se era necessário a mudança dos hábitos benéficos para outra temperatura, caso contrário o corpo seria visitado pela doença. Não é possível afirmar com precisão como, na perspectiva de Southey, o processo de aclimação acontecia e quais os elementos indispensáveis para uma aclimação bem sucedida, porém parece verdadeiro que se deveria buscar uma adequação dos hábitos passados com os necessários ao novo clima, mantendo os que traziam benefício à saúde. Os neerlandeses, por exemplo, conseguiam aplacar a insalubridade da cidade de Recife, experimentando

menor dano do que se lhes vaticinara, menor talvez do que outro qualquer povo experimentaria, servindo o *seu passadio (diet)*, mais substancial do que o dos portugueses, e o *hábito de fumar* para neutralizar os perniciosos efeitos das exalações miasmáticas, sobre acharem-se também os *corpos (constitutions)* desde muito habituados a semelhante atmosfera. As mulheres porém sofriam muito com a *mudança do clima*, por não beberem nem fumarem, e, como ao princípio sucedera com as portuguesas, *criavam muito poucos filhos*, sendo para elas uma necessidade ter *amas índias ou negras*, que nunca desmamavam a criança antes do fim do segundo ano, e até poucas vezes tão cedo (SOUTHEY, 1862d: 421, grifos meus).<sup>507</sup>

Os neerlandeses foram, portanto, beneficiados pelo hábito de fumar e por uma dieta mais adequada as suas condições climáticas no Recife. Suas compleições eram já previamente adaptadas ao miasma pantanoso, porém, não impedia que suas mulheres tivessem dificuldade de procriar a espécie, sendo necessário que raças mais bem aclimatadas, como a indígena e a negra, ajudassem para ser possível a subsistência das novas gerações. Portanto, sem as amas índias e negras os neerlandeses, mais cedo ou mais tarde, tenderiam a ser extintos e, lembrava Southey:

nos primeiros tempos poucas crianças chegavam a criar as portuguesas; de três não escapava uma; mas afinal aprenderam dos selvagens, *a prescindir do peso dos cueiros e faixas, a deixar a cabeça livre, fazer frequente uso de banhos frios, e não se considerou mais o clima como mortífero para os recém-nascidos*. Nestas coisas e no conhecimento das ervas, que é o mais que nos podem ensinar, pouco temos por ora aprendido dos selvagens (SOUTHEY, 1862a: 466, grifos meus).<sup>508</sup>

---

<sup>507</sup> No original: “less injury than had been predicted,.. probably less than any other people would have done: *their diet*, which was more generous than that of the Portugeuze, and *their habit of smoking*, serving to counteract the pernicious effects of marsh exhalations, and *their constitutions* also being habituated to such an atmosphere. Their women, however, suffered greatly from the *change of climate*,.. for they neither drank nor smoked ; and, as was the case at first with the Portugeuze women, *they reared very few children*. They found it necessary to have *Indian or Negress nurses*, whose custom it was never to wean the infant till the end of the second year, and rarely so soon” (SOUTHEY, 1817a: 656, grifos meus).

<sup>508</sup> No original: At first the Portugeuze women reared very few of their children, not one in three; *but they learnt at last from the Savages to throw aside the load of swaddling clothes, to leave the head bare, and*

Se, por um lado, era necessário abrir mão de hábitos consolidados como saudáveis para os climas de origem, por outro, existiam lugares mais propícios e menos propícios para a compleição europeia. As proximidades da povoação de Santo Antônio, na capitania de Rio Negro, eram vistas por Southey como totalmente inóspitas ao europeu, enquanto o indígena era extremamente bem adaptado:

impunemente ali não residem europeus, por causa da *insalubre atmosfera*. Não é de esperar que o Japura obtenha população branca enquanto os Rios Negro e Branco a não tiverem excessiva, mas já *a civilização principiou entre os naturais que vêm ao mundo com constituições (constitutions) adaptadas ao lugar do seu nascimento* (SOUTHEY, 1862f: 346).<sup>509</sup>

Caso contrário acontecia na cidade do Rio de Janeiro em que a compleição europeia era mais bem adaptada do que a nativa: “*europeus sentiam menos os maus efeitos da atmosfera do que os nativos, que nenhuma quantidade de gerações parecia aclimatar*”.<sup>510</sup> Essa dificuldade de aclimação das gerações nascidas na cidade advinha, boa parte, de sua dificuldade em se adaptar ao meio ambiente. De fato, “salubre (*healthy*) não era a cidade, edificada em terreno baixo, apenas acima do nível do mar, deixando-se estagnar [em pântanos] à volta por toda a parte as águas que por detrás dela desciam das montanhas”.<sup>511</sup> O inverno era “a estação mais doentia (*unhealthy*), bem que, se eram os pântanos a causa, deveriam no verão ser mais perceptíveis os efeitos: mas era que no inverno não faltava calor que atuasse sobre esses pântanos, e mais continuamente, por serem menos frequentes as chuvas” (SOUTHEY, 1862f: 463).<sup>512</sup> O

---

*use cold affusion freely, and the climate was then no longer complained of as destructive to infant life. In these things, and in the knowledge of herbs, which are all that they can teach us, we have yet learnt little from our intercourse with Savages* (SOUTHEY, 1810: 327-329, grifos meus).

<sup>509</sup> No original: “Europeans cannot reside there with impunity, because of the *unwholesome atmosphere*. It is not to be expected, that the Japura should obtain any White population, till the delightful country about the Rios Negro and Branco shall be fully peopled; *but civilization has begun among the native inhabitants, who bring with them into the world constitutions adapted to their birth-place*” (SOUTHEY, 1819: 721-722, grifos meus).

<sup>510</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter alterações significativas para a minha análise. No original: *It was remarked, that Europeans felt the ill effects of the atmosphere [do Rio de Janeiro] less than the natives, whom no length of generations seemed to acclimate*” (SOUTHEY, 1819: 815, grifos meus).

<sup>511</sup> No original: “The city was not healthy: it is built upon low ground, scarcely above the level of the sea; and the waters which descend from the great mountains behind it were allowed to stagnate in marshes round about on every side” (SOUTHEY, 1819: 815).

<sup>512</sup> No original: “the most unhealthy season; though if the marshes were the cause, it might have been thought that the effects would be most perceptible during the summer: but the heat in winter is sufficient to act upon the marshes, and acts upon them more continually, because rain is much less frequent than in the summer”.

miasma produzido no Rio de Janeiro era mais condizente com a compleição europeia, adaptada a regiões similares.

Além de considerar o desenvolvimento das doenças e dos seres humanos dentro de um parâmetro de explicação do reino vegetal, Southey também entendia que o adoecer era algo racialmente determinado na medida em que diferentes compleições teriam doenças diferentes (FULFORD, 2001: s.p.). Ressaltava que:

eu tenho uma espécie de teoria sobre essas doenças [as febres], que eu não entendo muito bem, – mas alguém irá, um dia desses. Elas são tão análogas aos vegetais, como se criassem raízes, crescessem, amadurecessem, e decaíssem. Aquelas que são eruptivas florescem e semeiam; pois as pústulas da varíola, & c. é [*sic*], para todos os efeitos, a flor da doença, ou a frutificação pela qual é perpetuada. Assim sendo, essas doenças, como vegetais, escolhem o seu próprio solo, – algumas plantas gostam de argila, outras de areia, outras de greda, *por isso a febre amarela não criará raízes em um negro, nem a framboesia em um homem branco*. É um palpite para uma nova teoria; ao mesmo tempo você verá verdade na analogia (SOUTHEY, 1850a: 257, grifos meus).<sup>513</sup>

O primeiro surto de varíola em território brasileiro ocorreu no Maranhão, em 1555, provavelmente por intermédio de colonos franceses (TOLEDO JR., 2006: 23). Como salientava Southey, “em princípios deste século [XIX] ainda se não praticava a vacina, não sendo isto provavelmente devido nem a ignorância nem a preconceito, *mas ao número dos negros, e à certeza de que se seguiria grande mortalidade entre eles de qualquer forma que se introduzisse a moléstia*” (SOUTHEY, 1862f: 519, grifos meus).<sup>514</sup> A variolização só foi praticada no Brasil em finais do século XVIII, pouco antes da descoberta da vacina por Edward Jenner (TOLEDO JR., 2006: 25). E assim, “*sofriam terrivelmente de bexigas os paulistas, talvez em consequência do seu sangue índio*. Quem ouvia declarar tal a sua moléstia, ficava tão prostrado como se fosse a sua

---

<sup>513</sup> Carta a Thomas Southey, 11 de fevereiro de 1804. No original: “I have a sort of theory about such diseases [fevers], which I do not understand myself, – but somebody or other will, one of these days. They are so far analogous to vegetables, as that they take root, grow, ripen, and decay. Those which are eruptive blossom and seed; for the pustules of the smallpox, &c. is, to all intents and purposes, the flower of the disease, or the fructification by which it is perpetuated. Now these diseases, like vegetables, choose their own soil, – some plants like clay, others sand, others chalk, *so the yellow fever will not take root in a negro, nor the yaws in a white man*. There is a hint for a new theory; you will see the truth of the analogy at once”.

<sup>514</sup> No original: “Inoculation was not practised at the beginning of the nineteenth century; this may probably have been owing neither to ignorance nor prejudice, *but to the number of Negroes, and the certainty that a great mortality would ensue among them, in whatever manner the disease might be introduced*” (SOUTHEY, 1819: 861-862, grifos meus).

sentença de morte que houvessem proferido” (SOUTHEY, 1862f: 512, grifos meus).<sup>515</sup> Nada melhor, portanto, para suprimir essa vulnerabilidade racial do que o cruzamento com outras que se mostravam não apenas mais aclimatadas, mas também imunes a certas doenças. Obviamente, esse processo, como bem demonstra a condição dos paulistas – mistura entre europeus e índios –, não produzia uma raça perfeita, mas, em certo sentido, mais resistente aos novos desafios históricos. Em suma, o indígena não sobreviveria à alteração do clima brasileiro e às novas doenças, assim como o europeu, por mais que se esforçasse, não poderia transformar o Brasil em uma nova Europa.

#### A COLONIZAÇÃO: A MISTURA DAS RAÇAS NA *HISTORY OF BRAZIL* E A FORMAÇÃO DO PAULISTA

*sempre o Brasil há de ser a herança de um povo lusitano. Estende-se o Brasil em comprimento por trinta e quatro graus de latitude, e na parte mais ancha a largura lhe iguala o comprimento. Ao transferir-se de Lisboa para aqui a sede do governo, muito divergiam entre si, segundo a latitude e altura das províncias e outras circunstâncias locais, os costumes e a condição dos moradores, mas por toda a parte era português o povo, português na linguagem, português nos sentimentos, e animosidades provinciais não as havia* (SOUTHEY, 1862f: 315).<sup>516</sup>

A mistura entre as raças era, sem sombra de dúvidas, algo bastante benéfico ao Brasil na perspectiva de Southey, “a mistura de raças que tem tido lugar, é conjuntamente um melhoramento físico e uma grande vantagem política” (SOUTHEY, 1862f: 329, grifos meus).<sup>517</sup> Portanto, autores que afirmavam existir uma indolência nos brasileiros, tanto por causa do clima quanto por causa da mistura entre as raças, estavam errados: “ao povo não faltava indústria, e de fato onde quer que a indolência é o vício dos brasileiros, procede ela não do caráter nacional, mas de algum baixo prejuízo

---

<sup>515</sup> No original: “The Paulistas suffered dreadfully from the small-pox,.. perhaps because of their Indian blood. Whosoever heard his malady pronounced to be this disease, was prostrated to such a degree that the declaration differed little from a sentence of death” (SOUTHEY, 1819: 856, grifos meus).

<sup>516</sup> No original: “Brazil will always be the inheritance of a Portuguese people. Brazil extends in length through thirty-four degrees of latitude; and its breadth, in the widest part, is equal to its length. When the seat of Government was removed thither from Lisbon, the manners and condition of its inhabitants differed widely, according to the latitude and altitude of the different provinces, and other local circumstances: but the people were everywhere Portuguese, in language and in feeling; and there existed no provincial animosities” (SOUTHEY, 1819: 696, grifos meus).

<sup>517</sup> No original: “the mixture of races which has taken place, is both a physical improvement, and a great political advantage” (SOUTHEY, 1819: 707, grifos meus).

relativo à escravidão” (SOUTHEY, 1862f: 402).<sup>518</sup> O problema maior, em sua perspectiva, em relação à escravidão era que ela era:

*causa de males tanto morais como físicos: o branco, que podia ajuntar com que comprar um ou dois escravos, entregava-se à indolência, como se fora um ente superior, vivendo à custa do trabalho do seu negro gado humano. A consequência era que adoecendo o negro, via-se o senhor imediatamente reduzido à mingua, e o escravo morrendo à necessidade e por falta de socorros e caridade, não raras vezes deixava após si o contágio, justo castigo dessa sociedade, de cujas iníquas instituições caíra vítima. Frequentemente desembarcavam os negros empestados, e também as negras, empregadas como amas, não raro transmitiam com o leite suas enfermidades. Em nenhuma parte do mundo existe a escravidão dos negros, sem produzir nos brancos a indolência, a licença e a desumanidade, vícios que consigo mesmos trazem o castigo na terra, sem que olhemos mais longe para as suas terríveis mas seguras consequências (SOUTHEY, 1862f: 464-465, grifos meus).*<sup>519</sup>

A análise de Southey, comum à época, apontava a escravidão como maléfica não apenas ao escravo negro que sofria com os maus tratos e sua condição subjugada, mas ao seu senhor branco que tornava-se uma pessoa inútil do ponto de vista social na medida em que o trabalho manual era visto como degradante. Onde quer que a escravidão existisse, o trabalho era considerado degradante ao homem livre (SOUTHEY, 1817a: 637). Existia, portanto, vícios e virtudes que poderiam ser trazidos pelo colonizador ou mesmo adquiridos ou potencializados em novas terras. O adoecimento do negro muitas vezes significava também o adoecimento de seu senhor ou de seus filhos, para os quais, muitas vezes, a mulheres negras serviam de amas de leite.

Se o recurso ao clima perdeu praticamente todo o seu valor para compreender a emergência de novas doenças na primeira década do século XX, o mesmo não pode se dizer das explicações sobre a condição moral dos indivíduos nascidos ou transplantados para zonas tropicais. Como sinalizava Hipócrates, o clima quente produziria pessoas tímidas, servis e supersticiosas, enquanto o clima temperado pessoas valentes e ousadas.

---

<sup>518</sup> No original: “There was no want of industry among the people: indeed, wherever indolence is the vice of the Brazilians, it proceeds from some vile prejudice, conected with slavery, not from the national character” (SOUTHEY, 1819: 766).

<sup>519</sup> No original: “*a source of physical as well as of moral evil: the White, who could just raise means to purchase one or two slaves, abandoned himself to indolence, as being one of a superior race, and trusted to the earnings of his human black cattle for subsistence. It followed, that when the Negro contracted any malady, the owner was immediately reduced to want, and became incapable of providing him either with medicine or with necessary food; and the slave, dying for want of help and charity, not unfrequently left the contagion of his disease behind him ;.. a just punishment upon that society, to the iniquitous institutions of which he had fallen a victim. The Blacks were frequently landed in an infectious state; and the Negresses, who were employed as nurses, sometimes communicated diseases with their milk. Negro slavery exists in no part of the world without producing indolence, licentiousness, and inhumanity in the Whites; and these vices draw after them their earthly punishment,.. to look no farther into their fearful, but assured consequences*” (SOUTHEY, 1819: 816, grifos meus).

Além do que as nascidas e criadas em climas temperados teriam uma maior atividade cerebral advinda das variações climáticas (CAPONI, 2007: 36-37). Na perspectiva de Southey, a afirmação de que os indivíduos nascidos entre os trópicos necessariamente seriam indolentes merecia ser matizada:

Nós dissemos que apenas a espécie humana degenera nesta ilha [de Sumatra]: – que eles são pequenos em estatura pode ser devido à raça da qual eles descendem; mas seus corpos enfraquecidos, sua indolência excessiva e a ausência total de esforço, são, evidentemente, *não devido a quaisquer efeitos debilitante do clima*. É verdade que os homens que podem ter meios de subsistência e suprir toda necessidade com pouca dificuldade em um país onde o calor é grande, se não opressivo, e onde há pouca ou nenhuma estabilidade em relação à propriedade, quase necessariamente dedicarão a maior parte do seu tempo a dormir e à ociosidade; e *é instinto natural do homem o evitar o trabalho, onde as necessidades da vida podem ser fornecidas sem isso e onde o calor do clima poderosamente dispõe à indolência* (SOUTHEY, 1826b: 104, grifos meus).<sup>520</sup>

Existia uma propensão do homem à indolência, alimentada ou controlada tanto pela fertilidade do solo quanto pelas condições climáticas que vivia. Nesse sentido, a moral de uma pessoa poderia ser transformada – para melhor ou para pior – através da mudança do clima (SOUTHEY, 1819: 737). Diagnóstico similar havia chegado, conforme salientou Southey, Dom Frei Caetano Brandão, em 1784, em relação aos habitantes da cidade de Belém do Pará. Afirmava que lá “só carecia de população para ser o jardim mais agradável do mundo”, porém, “os portugueses que *naquele tempo para ali iam da Europa, eram da mais baixa esfera, ficando, diz ele, mal ali chegavam, inficionados com a moléstia da terra, uma espécie de indolência dissoluta, tão daninha aos negócios mundanos como à moral e aos costumes*” (SOUTHEY, 1862f: 372, grifos meus).<sup>521</sup> A doença que infectava o colono mal chegava ao Brasil era inerente a natureza humana, não uma peculiaridade das zonas tórridas, porém, a facilidade com que os alimentos eram conseguidos e a qualidade moral dos colonizadores fazia com que ela se manifestasse com maior facilidade do que em regiões de cultivo mais difícil e

---

<sup>520</sup> No original: “We said that the human species alone degenerates on this island: – that they are small in stature may be owing to the race from which they sprung; but their enervated bodies, their excessive indolence and total want of exertion, are evidently not owing to any debilitating effects of climate. Men, it is true, who can gain a subsistence, and supply every want with little trouble, in a country where the heat is great, if not oppressive, and where there is little or no stability to property, will almost necessarily devote the greater part of their time to sleep and idleness; and it is this natural instinct of man to avoid labour, where the necessities of life can be supplied without it, and where heat of climate powerfully disposes to indolence”.

<sup>521</sup> “only wanted population to be made the loveliest garden in the world” [...] “the Portuguese who went thither from *Europe at that time were of the very lowest order, and as soon as they arrived they were infected, he says, with the disease of the land, ..a kind of dissolute laziness, as injurious to worldly concerns as to manners and morals*” (SOUTHEY, 1819: 742-743, grifos meus).

com colonizadores de índole firme. A colonização brasileira, principalmente no seu início, com a prática de enviar indivíduos não desejáveis na metrópole para a colônia, contribuía para que “os mesmos crimes que em Portugal eram frequentes, mais vulgares se tornaram no Brasil” (SOUTHEY, 1862a: 467).<sup>522</sup>

O entendimento de Southey de que o Brasil era preponderantemente um país com costumes e origens portuguesas vem sendo constantemente abordado pela historiografia, igualmente salientado é a sua apologia à continuidade – ou sua defesa do não rompimento brusco – dos laços entre a colônia e a metrópole (DIAS, 1974; LIMA, 2012). De forma geral, Southey enxergava a colonização como uma iniciativa que favorecia tanto o colonizador quanto o colonizado na medida em que, de um lado, abriam-se novas oportunidades comerciais e, de outro, existia a introdução de um sistema organizado de governo e outras formas de sociabilidade, típicas do mundo civilizado (BOLTON, 2006: 131). A colonização, quando realizada adequadamente, produzia uma relação familiar análoga a de cuidado que os pais têm com os filhos (CRAIG, 2007: 163). Southey via o caso brasileiro com bastante preocupação em relação à possível fragmentação do imenso território conquistado pelos portugueses e acreditava que não era apropriado, nem possível, que colônias dessa envergadura territorial pudessem restar para sempre sob o mesmo governo que o da metrópole. Contudo, “é desejável, em todo caso, que a separação deva ser adiada até que a colônia esteja tão avançada em civilização como o estado do qual se originou”. Antes de tornar-se independente, deveria haver na colônia conhecimento, amálgama das raças e melhoramento da moral (SOUTHEY, 1813: 394).<sup>523</sup> Assim como os indígenas brasileiros, que deixaram de se beneficiar da tutela dos jesuítas, expulsados pelas medidas do Marquês de Pombal, e que corriam o sério risco de retroceder no avanço civilizacional alcançado, as colônias poderiam experimentar o retrocesso, pois a história mostrava que “colonos que vivem no interior de cada novo país, afastam-se da civilização enquanto preparam o caminho para ela, vivem sem lei e sem religião” (SOUTHEY, 1820: 552).<sup>524</sup>

---

<sup>522</sup> No original: “The same crimes which were frequent in Portugal became more frequent in Brazil” (SOUTHEY, 1810: 329).

<sup>523</sup> No original: “it is desirable on every account that the separation should be delayed till the colony is as advanced in civilization as the parent state” [...] “its knowledge must be increased, its cast amalgamated, and its morals totally changed before it can, with any benefit to itself, or to the world, become an independent state”.

<sup>524</sup> No original: “backsettlers of every new country, receding from civilization themselves while they prepare the way for it, live without law and without religion”.



Southey era um crítico dos impérios antigos, assim como um defensor dos impérios que lhe eram contemporâneos. Mantinha grandes ressalvas à colonização ibérica na medida em que a considerava como representante de uma colonização que não tinha mais espaço, principalmente pela sua proposta de monarquia universal e o desejo de enriquecer-se através da exploração do ouro de suas colônias (CRAIG, 2007: 152). A conquista de um povo ou território poderia ser muito útil como forma de introdução da civilização, mas não se realizada segundo os parâmetros ibéricos. Southey acreditava que a colonização era a forma principal de civilizar e não via motivos para que isso não acontecesse: “seria um insulto ao leitor ter que provar o direito de conquista – o direito de conquistar canibais e assassinos de crianças! O direito de impedir sacrifícios humanos pela força”. Em última instância, a colonização seria a oportunidade para aqueles que haviam abandonado as leis da natureza se redimirem e não acabarem destruídos pelos seus próprios costumes nefastos (*apud* CRAIG, 2007: 155-156).<sup>525</sup>

A colonização não somente envolvia a introdução de práticas de governo e costumes civilizados, mas também abarcava o cruzamento entre as raças que se fundiam nesse novo território. E para que fosse possível dar continuidade a herança portuguesa em território americano, era necessário ao português, primeiro, superar o clima através da aclimação ou da mistura, principalmente, com o indígena. Na seção anterior expus como acredito que Southey entendia os efeitos produzidos pelo clima na conformação do brasileiro, resultando que “*debaixo de tão grande diversidade de clima, solo e circunstâncias*, seria presunção ou manifesta injustiça atribuir um caráter geral aos costumes e à moral do povo” (SOUTHEY, 1862f: 528, grifos meus).<sup>526</sup> O clima – enquanto meio ambiente – estava diretamente relacionado com o estabelecimento e formação dos hábitos e da moral de um povo, mas também dizia respeito à possibilidade de sobrevivência das raças em ambientes diversos daqueles que estavam adaptadas. Em um ensaio publicado no *Quarterly Review*, em 1812, em que abordava conjuntamente os livros do mineralogista Sir George Mackenzie (1780-1848), *Travels in the Island of Iceland, during the Summer of the Year 1810*, e do botânico William Jackson Hooker (1785-1865), *Journal of a Tour in Iceland, in the Summer of 1809*, Southey parece

---

<sup>525</sup> No original: “would be insulting to the reader to prove the right of conquest – the right of conquering cannibals and child-murderers! The right of preventing human sacrifices by force”

<sup>526</sup> No original: “no general character of the manners and morals of a people, *under such differences of climate, country, and surrounding circumstances*, could be offered, without presumptuousness and manifest injustice” (SOUTHEY, 1819: 869, grifos meus).

sugerir que a mistura racial que se dava no Brasil com a colonização portuguesa também tinha acontecido na Europa, na época gótica:

Eles [os islandeses] tinham tomado posse de um país que era desabitado e ganhando-o, assim, por meio da ocupação ao invés da conquista, os grandes males do sistema feudal não existiam entre eles. A escravidão era desconhecida entre os islandeses e eles evitaram aquelas idades de opressão e barbárie, *pelas quais todos os reinos góticos passaram em seu progresso, antes que os conquistadores e os conquistados fossem misturados (blended) em um só povo e uma língua comum tivesse sido produzida pela mistura entre si (intermixture)* (SOUTHEY, 1812: 51, grifos meus).<sup>527</sup>

Com isso, e mais uma vez, Southey insere a colonização brasileira dentro de um pano de fundo maior, que dizia respeito à história universal do homem na Terra. Assim como o desenvolvimento da sociedade brasileira seguia, de certa forma, um esquema narrativo baseado na teoria dos estágios civilizacionais, se bem que já bastante alterada, a mistura entre as raças e a consequente configuração de uma nova, não era um tópico sem precedente na escrita da história, já que os próprios povos europeus haviam passado por essa mistura quando dos reinos góticos.

Se o desenvolvimento dos povos e mesmo a mistura das raças não eram um fenômeno novo dentro da história da humanidade, a combinação entre os componentes dessa mistura certamente o eram e, por isso, poderiam formar um novo resultado, como era o caso dos mamelucos, raça derivada do cruzamento do europeu com o indígena. Não obstante todas as dificuldades geradas aos colonos europeus pelos seus hábitos e pelas suas constituições, em última instância, para Southey, não existia uma incompatibilidade entre a constituição europeia e o clima brasileiro, mas, certamente, tinha acontecido uma melhora nessa constituição ao ser modificada pela introdução, principalmente, do sangue indígena por meio da mistura entre colonizador e colonizado. Acreditava:

*que a raça (stock) europeia pode muito bem com o trabalho que nestes climas é necessário para o bem estar do homem, exuberantemente o provam as inauditas fadigas por que passavam os portugueses em busca de escravos que por eles fizessem esse trabalho. Eram os primeiros conquistadores da América os mais robustos e esforçados dos homens, assim como eram também os mais desumanos: nas colônias*

---

<sup>527</sup> No original: They [the Icelanders] had taken possession of a country which was uninhabited, and gaining it thus by occupancy instead of conquest, the great evils of the feudal system had no existence among them. Slavery was unknown among the Icelanders, and they escaped those ages of oppression and barbarism, through which *all the Gothic kingdoms past in their progress, before the conquerors and the conquered were blended into one people*, and a common language had been produced by the intermixture (SOUTHEY, 1812: 51, grifos meus).

*espanholas tinha havido grande e geral degeneração, mas no Brasil estava ainda em todo o seu viço o ardor das empresas, e não só se haviam aclimatado aqui no decurso do tempo os portugueses, mas graças à grande mistura de sangue indígena, tinham as constituições de nascença adaptadas ao clima em que nasciam* (SOUTHEY, 1862d: 404-405).<sup>528</sup>

Southey considerava o mameluco uma má raça (*bad breed*), não por qualquer imperfeição física, mas “porque aprenderam o mal de ambas as raças e o bem de nenhuma delas”.<sup>529</sup> Não existia, portanto, nenhuma degeneração em si no cruzamento das duas raças, mas uma degradação moral que os mamelucos herdaram do comportamento reprimível de ambos os lados do cruzamento. Apesar do comércio devastador que estavam envolvidos, os mamelucos paulistas mantinham a iniciativa característica do europeu, sendo predominantemente conhecidos pelo seu espírito aventureiro (SOUTHEY, 1817a: 567). Os paulistas eram herdeiros da intrepidez ibérica, que, em muitos lugares, havia sumido com o passar dos séculos. Southey propunha que enquanto “crescia uma raça de homens, ferozes sim e intratáveis, mas que com a *mistura do sangue indígena*, adquiriam uma atividade constitucional e incansável”, os espanhóis, no Paraguai, negligenciavam as descobertas feitas pelos primeiros conquistadores, deixavam que a mata tomasse conta dos caminhos já abertos e abandonavam os costumes e até mesmo a língua espanhola. Ou seja, os conquistadores espanhóis degeneravam em solo americano, sendo mérito dos paulistas “por dois séculos a explorar o país, meses e anos passavam estes obstinados aventureiros pelas florestas e serranias a caçar escravos ou a procurar ouro e prata, seguindo as indicações dos índios”. E, principalmente, foi por intermédio deles que foi assegurada “à casa de Bragança as mais ricas minas, e maior extensão da América do Sul, de toda a terra habitável a região mais formosa” (SOUTHEY, 1862a: 467-468, grifos meus).<sup>530</sup>

---

<sup>528</sup> No original: “*That men of European stock are perfectly capable of all the labour which in such climates is required for the well-being of man, is proved abundantly by the prodigious fatigues which the Portuguese underwent in seeking slaves to do this necessary labour for them. The first conquerors of America were the hardiest as well as the most inhuman of men: a great and general degeneracy had taken place in the Spanish colonies; but in Brazil the ardour of enterprize was unabated, and the Brazilians were not only acclimated by course of time, but owing to the great admixture of native blood their constitutions were originally adapted to the climate in which they were born*” (SOUTHEY, 1817a: 642-643, grifos meus).

<sup>529</sup> Carta a John May, 16 de novembro de 1809. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Three/HTML/letterEEed.26.1710.html#back13](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Three/HTML/letterEEed.26.1710.html#back13).

Acesso em 25 jul. 2014. No original: “because they learnt the evil of both races, and the good of neither”.

<sup>530</sup> No original: “race of men were growing up, fierce indeed and intractable, but who acquired from the *mixture of native blood*, a constitutional and indefatigable activity” (SOUTHEY, 1810: 330, grifos meus)

Os habitantes de São Paulo, conhecidos posteriormente como bandeirantes, eram um exemplo dos benefícios dessa mistura racial na medida em que grande parte dos paulistas era oriunda do cruzamento de brancos com índios:

Pela sua situação tinha a cidade como que cortadas as relações com as outras povoações: pouca ou nenhuma comunicação tinha com Portugal, e o comércio não o havia por falta de saídas, mas o solo era fertilíssimo e ameno o clima. A semelhante lugar deviam naturalmente afluir aventureiros, desertores e réus de polícia: aliaram-se eles com as índias e a *mescla (mixture) de sangue indígena, que por todo o Brasil foi grande, em nenhuma parte foi talvez maior do que aqui. Com este cruzamento (mixture) melhorou a raça, desenvolvendo-se o espírito de empresa europeu em constituições adaptadas ao país* (SOUTHEY, 1862c: 413-414, grifos meus).<sup>531</sup>

Southey afirmava, com clareza, que não existia nenhuma inferioridade racial nessa mistura, pelo contrário, era bastante benéfica ao combinar o espírito aventureiro europeu com a constituição indígena, que, por ser nativa, era mais bem adaptada ao clima e, com isso, mais resistente e mais capacitada à sobrevivência. Os índios eram, em sua opinião, uma raça dócil, que possuía inúmeras qualidades, como ser calma, inofensiva, asseada, acostumada com pouco e resistente à fadiga (SOUTHEY, 1819: 762). Essas últimas características haviam herdado os paulistas de seus ancestrais indígenas e lhes rendiam uma energia quase que inabalável, disposta a grandes empreendimentos. Os paulistas eram audaciosos, dotados de coragem, sem lei, remorso, e com um forte sentimento nacional (SOUTHEY, 1819: 348). Infelizmente, julgava Southey, a intrepidez paulista era frequentemente empregada em expedições de captura de índios para escravização e busca de minas de ouro.

A extração de ouro não havia produzido nem uma “indústria regular nem bons hábitos” na capitania de Minas Gerais, por exemplo, porém muitas regiões como Goiás e Mato Grosso permaneceriam não conquistadas e até inexploradas “se não fosse pelo espírito de empreendedor (*enterprize*) provocado pela paixão pelo ouro” (SOUTHEY, 1819: 820).<sup>532</sup> Era claro para Southey que ambas ocupações traziam malefícios, seja pela dizimação e sofrimento dos naturais seja pelo enriquecimento rápido através da

---

<sup>531</sup> No original: “The city was by it’s situation almost cut off from any intercourse with other towns: it had little or no communication with Portugal, no trade for want of outlets; but it had every advantage of soil and climate. To such a place adventurers, deserters, and fugitives from justice would naturally resort; they connected themselves with Indian women, and the mixture of native blood, which every where in Brazil was very great, was perhaps greater here than in any other part. This mixture improved the race, for the European spirit of enterprize developed itself in constitutions adapted to the country” (SOUTHEY, 1817a: 304, grifos meus).

<sup>532</sup> Não utilizei a tradução da *History of Brazil* feita por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro por conter cortes fundamentais para a minha análise. No original: “regular industry nor good habits” [...] “had it not been for the spirit of enterprize which the passion for gold called forth”.

mineração. Southey apontava que o caráter repreensível das ações dos paulistas estava relacionado, principalmente, aos efeitos da lei e da religião praticadas:

os mamelucos cresciam sem freio de *lei nem religião*. *Lei*, mal se pode dizer que existisse numa terra onde qualquer [um] praticava impunemente quantas mortes queria, e quanto *a religião, era suprida por uma grosseira idolatria, de tão pouca influência sobre os costumes dos seus aderentes, que estes, cometendo os mais horríveis e flagrantes crimes, continuavam a ter-se por bons católicos, alimentando a mais viva fé na Virgem Maria e nos santos do paraíso* (SOUTHEY, 1862c: 414, grifos meus).<sup>533</sup>

Nem os mamelucos, nem os indígenas eram inferiores, muito menos o europeu. A atitude desenfreada dos paulistas, que nada mais eram do que mamelucos, em busca de escravos e minas de ouro não residia em falha advinda da mistura das raças, mas do escasso cumprimento das leis e do culto de uma religião baseada na idolatria, que absolvía todas as faltas de seus fiéis por meio da confissão. Na medida em que a lei começasse a ser cumprida ter-se-ia um melhoramento do temperamento e da moral não apenas dos paulistas, mas de todos os residentes do Brasil (SOUTHEY, 1819: 871).

De acordo com Southey, duas circunstâncias especiais corroboravam para a caça aos índios. Os mamelucos aprenderam a odiar os indígenas por instigação de seus pais portugueses e também a julgarem-se superiores aos seus ancestrais, pois “pela sua crueldade serão os selvagens sempre olhados das raças mais civilizadas antes como bestas feras do que como homens, especialmente se são canibais como quase todas as tribos brasileiras” (SOUTHEY, 1862c: 416-417).<sup>534</sup> Assim, ao invés dessa nova espécie “ser um vínculo que unisse as duas raças, era [...] mais desesperadamente infensa aos naturais do que os próprios portugueses” (SOUTHEY, 1862a: 372).<sup>535</sup>

Por mais que Southey não pudesse deixar de salientar e reprimir algumas ações dos paulistas, era igualmente impossível deixar de notar que eram “uma raça de homens mais ardida (*enterprising*) ainda do que a dos primeiros conquistadores” (SOUTHEY,

---

<sup>533</sup> No original: “But the Mamalucos grew up without any restrictions of *law or of religion*. *Law* indeed can scarcely be said to have existed in a land where any man committed what murders he pleased with impunity; and for *religion ... its place was supplied by a gross idolatry, which had so little effect upon the conduct of its votaries, that while they were committing the most flagrant and flagitious crimes they believed themselves good catholics still, and had a lively faith in the Virgin Mary and the Saints*” (SOUTHEY, 1817a: 304-305, grifos meus).

<sup>534</sup> No original: “that savages will always for their cruelty be regarded by a more civilized race rather as wild beasts than as men, and especially if they are cannibals, like almost all the Brazilian tribes (SOUTHEY, 1817a: 306-307, grifos meus).

<sup>535</sup> No original: “being a link which should bind together the two races in friendly intercourse, was more desperately inimical to the natives than even the Portuguese themselves were” (SOUTHEY, 1810: 265-266).

1862c: 419).<sup>536</sup> Era inegável a importância exploratória dos mamelucos, que tornaram-se uma raça com iniciativa (*enterprize*), como seus pais portugueses, e altamente resistente ao clima, como suas mães indígenas. Na opinião de Southey, iniciativa (*enterprize*) era o que movia as nações em direção à prosperidade (SOUTHEY, 1819: 21). Não é de espantar, portanto, o elogio de Southey aos paulistas na afirmação de que “das classes baixas de S. Paulo se dizia que estavam muito adiantadas em civilização comparadas com as de qualquer povoação do Brasil, notando-se nas elevadas um nobre sentimento de nacionalidade”;<sup>537</sup> reinava o espírito altivo entre os paulistas (SOUTHEY, 1862f: 500-501).<sup>537</sup>

A condição de São Paulo, na época da vinda da Família Real, era fortemente devedora aos seus habitantes originários, os mamelucos. Na opinião de Southey, o sucesso da colonização portuguesa era fruto também de sua política colonial, que diferia radicalmente da espanhola, no que dizia respeito ao cruzamento das raças. Apesar das críticas à colonização ibérica, Southey não acreditava que ambas seguissem a mesma diretriz de forma unívoca. Enxergava a política colonial dos portugueses no Brasil em relação à mistura das raças como mais bem sucedida do que o sistema de castas imposto na América espanhola:

Posto porém que a este respeito [a imprensa] menos favorecido do que as colônias espanholas, era o Brasil mais feliz em ponto da mais alta importância. Não tinha ali semeado os germens da guerra civil a fatal distinção de castas, que tanto mal produziu na América espanhola e por força há de causar onde quer que prevalece. Era isto porém o resultado da necessidade, não dos mais sãos conselhos. Com o seu limitado território e escassa população não podia Portugal seguir a injusta e ciumenta política dos espanhóis, deprimindo os crioulos para tê-los mais sujeitos. Tão respeitado, tão elegível para todos os cargos era o mameluco, como o homem de sangue inteiro, como o natural da mãe pátria. Nenhuma lei degradava o mulato ou o negro livre, nem tão pouco a opinião pública o fazia. *E assim se ia operando silenciosamente essa amalgamação de castas e cores que quaisquer que sejam as convulsões por que tiver que passar o Brasil, o livrará da mais cruel das guerras civis* (SOUTHEY, 1862d: 471, grifos meus).<sup>538</sup>

---

<sup>536</sup> No original: “a race of men even more enterprizing than the first discoverers” (SOUTHEY, 1817a: 308).

<sup>537</sup> No original: “The lower ranks in S. Paulo are said to be in a very advanced state of civilization, when compared with those of any other town in Brazil; and the higher classes have an ennobling spirit of nationality” (SOUTHEY, 1819: 847).

<sup>538</sup> No original: “But though Brazil was in this circumstance less favored than the Spanish colonies, it was far more fortunate in a point of the highest importance. The seeds of civil war had not been sown there by that wicked distinction of casts, which has produced so much evil in Spanish America, and must produce evil wherever it prevails. This was the result of necessity,.. not of wiser councils. Portugal, with its limited territory and scanty population, could not pursue the unjust and jealous policy of the Spaniards, and depress the Creoles for the sake of holding them more completely in subjection. The Mamaluco was as much respected, and as eligible to all offices, as the man of whole blood, or as the native of the mother

Argumentava Southey que, em início do século XIX, já extinta a caça às tribos nativas, os índios “viam os brancos (*Portuguese*), não como invasores ou inimigos, mas como um povo arraigado (*rooted*) no país [...] convidando-os a partir com eles a terra como irmãos, e tomar parte nos cômodos e vantagens de uma vida fixa e segura”. A felicidade dos povos oriundos das misturas entre as raças advinha, em grande parte, da ausência de distinção de castas. Apesar de “como povo cristão e civilizado assumiam os portugueses uma superioridade que os índios sentiam e reconheciam”, isso “não como direito de casta (*cast*) [ou de cor] ou de conquista, mas como inerente ao seu estado de ilustração, convidando os índios a deixarem-se instruir, tornando-se membros livres da mesma sociedade em termos de perfeita igualdade”. Essa política portuguesa, na opinião de Southey, fez com que, “dentro em poucos anos todos os índios, acolhidos ao grêmio da civilização, prof[e]sassem a fé dos portugueses, e adota[ssem]-lhes a língua e os costumes, fundindo-se com eles num só povo” (SOUTHEY, 1862f: 497-498).<sup>539</sup> O resultado dessa prática colonial portuguesa, fruto, em parte, da falta de contingente populacional capaz de povoar o Brasil, fazia com que “a raça não branca (*mixed breed*), em todos os seus graus, isenta dessas odiosas incapacidades que nas colônias espanholas a degradava, e índios e negros tinham sido condecorados com honras e admitidos a cargos de autoridade e confiança” (SOUTHEY, 1862f: 97).<sup>540</sup> Nesse sentido, Southey pensava que a colonização portuguesa teria um melhor resultado, pois, eventualmente, surgiria uma população unida e coesa no Brasil (CRAIG, 2007: 158). A mistura das raças foi um ponto decisivo na interpretação de Southey sobre o Brasil ao ser alçada a posição crucial na formação do país (LIMA, 2012: 128-129). É impossível dizer que Southey considerava a colonização portuguesa um modelo a ser seguido por completo,

---

country. There were no laws to degrade the Mulatto, or the free Negro, nor were they degraded by public opinion. *And thus that amalgamation of castes and colors was silently going on which will secure Brazil from the most dreadful of all civil wars, whatever other convulsions it may be fated to undergo*” (SOUTHEY, 1817a: 691-692, grifos meus).

<sup>539</sup> No original: “saw the Portuguese, not as invaders and persecutors, but as a people rooted in the country [...], inviting them to partake the land with them as brethren, and participate in the advantages and comforts of a secure and settled life” [...] “Portuguese, as a civilized and Christian people, assert a superiority, which the Indians feel and acknowledge” [...] “not as belonging to their cast and colour, nor to the right of conquest, but to their state of knowledge; and they call upon the Indians to receive instruction, and to become free members of the same community upon equal terms” [...] “in the course of a very few generations, all the remaining Indians will come within the pale of civilization, receive the faith of the Portuguese, adopt their language and their usages, and be incorporated with them as one people” (SOUTHEY, 1819: 844-845).

<sup>540</sup> No original: “the mixed breed, in every shade of intermixture, were exempted from the odious disabilities by which they were debased in the Spanish colonies; and Indians and Negroes had been decorated with honours, and admitted to charges of authority and confidence” (SOUTHEY, 1819: 521).

contudo, Portugal era um país com valentes, fiéis e perseverantes homens. O Brasil teve a felicidade de ter sido colonizado por homens com virtudes tão louváveis.

O destaque dado na *History of Brazil* aos mamelucos paulistas não tem comparação com o recebido por qualquer outra mistura de raças. A espécie (*breed*) gerada pela mistura entre negros e indígenas, por exemplo, os caribocas são citados de passagem como sendo ordeiros, industriais e altamente respeitados (SOUTHEY, 1819: 841). A mistura entre brancos e negros, os mulatos, também tem papel secundário na *History of Brazil*. De fato, não apenas os mamelucos têm maior visibilidade como os indígenas, de forma geral, ocupam inúmeras páginas a mais do que os negros, que são mencionados por Southey muito pontualmente. A raça negra, para Southey, era mais resistente, trabalhadora ativa e inteligente que a indígena (SOUTHEY, 1819: 552). Enquanto os mamelucos eram encontrados com maior frequência no interior, a mistura entre portugueses e africanos preponderava no Recife e nas outras cidades costeiras. Na opinião de Southey, os mamelucos eram “mais bem apessoados que os mulatos, e de temperamento mais independente, pois que embora o negro despreze o índio, o mulato sempre olha para os seus parentes brancos com consciência d[e] inferioridade como se na pele trouxesse o ferrete da escravidão, enquanto que não pensava assim o mameluco” (SOUTHEY, 1862f: 428-429).<sup>541</sup> Muito se dizia da imoralidade dos mulatos, acusando-os de serem vingativos e dissolutos, que praticavam crimes de parricídio, incesto e de toda espécie, “não se vá porém supor que na cor da pele traga esta raça depravada uma levedura de malvadez, um pecado original privativo da composição do seu sangue”, lhes faltava apenas exemplo de presteza e bem dirigida iniciativa (*enterprize*) (SOUTHEY, 1862f: 480).<sup>542</sup> A cor preta da pele africana poderia ser entendida segundo a leitura feita por Aristóteles e Plínio de que essa derivava de uma mudança humoral na medida em que o calor do sol secava o corpo, que produzia um resíduo bilioso que escureceria a pele, ou também poderia ser entendida de acordo com a maldição de Cam, filho de Noé, relatada no Gênesis. O filho de Cam, Canaã, foi amaldiçoado por Noé para ser o “servo dos servos”, pois Cam não guardou o pudor de seu pai ao vê-lo dormindo nu. Essa sugestão de que a pele escura africana veio de uma maldição bíblica misteriosa

---

<sup>541</sup> No original: “are finer in person than the Mulattoes, and of a more independant character; for though the Negro despises the Indian, the Mulatto looks toward his White relations with a sense of inferiority, as if the brand of bondage were upon his skin; but the Mamaluco has no such feeling” (SOUTHEY, 1819: 787).

<sup>542</sup> No original: “But let it not be supposed, that this depraved race carry in the tint of their skin a leaven of wickedness, an original sin peculiar to the composition of their blood” (SOUTHEY, 1819: 830).



marca o corpo africano como fundamentalmente diferentes e inferir ao corpo do branco europeu (EARLE, 2013: 191-192). Provavelmente Southey conhecia ambas as interpretações sobre a coloração preta da pele africana e tentava combatê-las ao afirmar que a cor da pele nada dizia sobre uma raça.

A centralidade do indígena na mistura racial proposta por Southey talvez esteja relacionada à ambição colonizadora de civilizá-lo mediante certos ajustes em seu modo de vida, enquanto que transformar africanos em europeus não se mostrou como um projeto reivindicado por ninguém. Há muitos séculos, o africano vinha sendo entendido como parte de uma raça difícil de ser modificada, principalmente pela coloração da sua pele, ou mesmo entendia-se que não havia o que modificar, pois a característica força bruta associada ao africano era vista como algo positivo (EARLE, 2013: 193-201). Assim, o indígena ganhou papel de destaque na *History of Brazil* ao mesmo tempo em que as demais possibilidades de mistura raciais não foram postas em relevo, mas também não foram inferiorizadas.

## EPÍLOGO

### **A HISTÓRIA DA *HISTORY OF BRAZIL* ENTRE OS INTELLECTUAIS OITOCENTISTAS BRASILEIROS**

A ligação afetiva de Southey com Portugal é um ponto chave para o entendimento da importância que o Brasil obteve em seus estudos. Muito provavelmente não teria existido uma história do Brasil escrita por Southey caso esse não tivesse feito parte do Império Português. A experiência colonial era, no seu ponto de vista, algo fascinante, pois não apenas proporcionava a possibilidade de propagação das virtudes típicas nacionais como as testava em novos ambientes. Além disso, existia certo pessimismo de Southey em relação às mudanças que experienciava em seu tempo, que o levou a buscar em um passado, muitas vezes diverso do britânico, alternativas para uma retomada ou contraponto dos ideais que julgava mais apropriados para as sociedades civilizadas.

Ao longo desta tese objetivei apresentar um conjunto de conexões entre os interesses bastante amplos de Southey com algumas linguagens historiográficas em articulação na *History of Brazil*. Percebi em minhas leituras duas linguagens centrais em articulação nessa história. A mais conhecida de todas é, sem dúvida, a linguagem do desenvolvimento do homem na Terra, que, inclusive, continua sendo articulada em várias instâncias de nossa sociedade, reproduzindo os preconceitos e generalizações que tanto influenciaram e determinaram a história dos povos originários americanos e de seu continente. A comparação entre civilizações bastante diferentes no tempo e espaço foi relativizada graças ao entendimento historicizado do passado, mas continuamos em uma luta constante para superar a inata inclinação humana para detectar padrões e produzir generalizações de modo a ser possível a quebra efetiva da compreensão do desenvolvimento linear e progressivo das sociedades.

Por outro lado, a linguagem da diversidade biológica-climática, relacionada ao entendimento de como o meio ambiente que nos cerca interfere na possibilidade de nossa efetiva existência, vem sendo cada dia mais visitada tendo em conta as novas teorias sobre o aquecimento global. Quando mudamos o ambiente, mudamos a possibilidade e probabilidade de nossa espécie subsistir. O interesse que antes passava pelo conhecimento da influência das estrelas, temperaturas e altitudes no corpo humano se deslocara para o conhecimento de nosso próprio universo e da capacidade de conquistá-lo e povoá-lo. Nossos desejos estão agora em uma colonização interplanetária

e, por que não, intergaláctica. Não acreditamos mais que iremos mudar nossas compleições e humores alterando o que comemos, mas mantemos, de forma bastante diversa, a plena certeza na capacidade da dieta de desenvolver e facilitar muitas doenças predispostas geneticamente. Muitas vezes, essas doenças também são entendidas enquanto sofrendo mutação de indivíduo para indivíduo, como o vírus do HIV. A meu ver um dos aspectos mais importantes na recuperação dessas linguagens e no entendimento delas como totalmente mutáveis e flexíveis é, certamente, não apenas a compreensão do passado, mas das formas de continuidade linguística que nos cercam.

Para finalizar, gostaria de abordar uma última questão sobre a *History of Brazil* e que ainda não foi satisfatoriamente respondida pela historiografia. Trata-se da tardia tradução da obra para o português, publicada em 1862. Tendo em vista os diversos elogios dos letrados luso-brasileiros oitocentistas, é constante a indagação sobre a não tradução imediata da *History of Brazil* para o português, que demorou um pouco mais de meio século para ser publicada, contando a partir da publicação do primeiro volume. A *Histoire du Brésil* (1815), de Alphonse de Beauchamp (1769–1832), muito mais controversa do que a de Southey, por exemplo, teve um rápido projeto de tradução em 1817 (MEDEIROS, 2012: 62). A tradução da obra de Southey, ao que tudo indica encomendada pela Livraria Garnier, deve-se ao português naturalizado brasileiro, Luiz Joaquim de Oliveira e Castro (BLAKE, 1970a: 147). Não é possível precisar as circunstâncias em que o contrato entre as partes foi firmado, pois os arquivos da antiga editora Garnier foram transferidos para a Editora Itatiaia (HALLEWELL, 2005: 265), que se encontra, atualmente, fora de contato. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro fora tradutor de outras obras, doutor em direito, chefe da seção na repartição das terras públicas e depois redator do importante periódico *Jornal do Comércio* no que dizia respeito à parte do exterior (BLAKE, 1970a: 147-148).

Em 1860 já se sabia que estava concluída a tradução da *History of Brasil*, só restando ser impressa em Paris e enviada ao Rio de Janeiro para distribuição entre as províncias (DA SILVA, 1860: 468). A tradução levou vinte anos para esgotar a altíssima tiragem de 1.000 exemplares (HALLEWELL, 2005: 220). Lançada ao preço de 36 mil réis – mas poderia facilmente ser encontrada a 25 mil réis – e anunciada como vindo a “preencher uma falta sensível, e que descuido fora deixar existir por mais tempo” (DA SILVA, 1866: 6), recebeu uma nota de lançamento em diversos periódicos.

O *Correio Mercantil*<sup>543</sup> informava ao leitor que a edição inglesa da obra estava praticamente esgotada, sendo difícil conseguir algum exemplar, e quando era possível o preço não era nem um pouco convidativo, assim o Sr. Garnier “incontestavelmente presta um serviço aos brasileiros” (DA SILVA, 1866: 6). Ao louvor da obra se juntavam o *Diário do Rio de Janeiro*,<sup>544</sup> o *Correio da Tarde* e o *Correio Paulistano*, salientando sua qualidade, raridade e a facilidade que todos teriam na leitura em português, tendo em vista o difícil domínio do inglês pela população brasileira (DA SILVA, 1866: 7-8). Em um dos anúncios de subscrição da publicação, lia-se que “é geralmente reconhecida como a melhor história do Brasil a do ilustre poeta inglês Roberto Southey pela imparcialidade que dita a maior parte das vezes a sua elegante pena, bem como pelo judicioso uso que soube fazer dos preciosos documentos que teve à sua disposição” (CORREIO, 1861) A *Revista popular*, para a qual colaboravam tanto o Cônego Fernandes Pinheiro quanto Luiz de Oliveira e Castro e tinha como editor e proprietário B. L. Garnier, também tecia elogios ao afirmar que “entre os antigos historiadores do Brasil, Southey ocupa incontestavelmente o primeiro lugar” (REVISTA, 1861: 320). Como não poderia ser diferente, de forma geral, os anúncios sobre a tradução eram sempre muito positivos ao ponto de sancionarem que “um poeta inglês, Southey, é o único escritor que se tinha lembrado de imprimir uma boa história do Brasil. Ainda não houve um homem de inteligência que se lembrasse de publicar em nossa língua esse trabalho” (CORREIO, 1856). A tradução da Garnier vinha suprimir essa grande lacuna para a história brasileira.

Obviamente existiam possíveis atritos, de fácil percepção, entre o texto de Southey e os leitores luso-brasileiros, como os julgamentos depreciativos sobre a alegada superstição dos fiéis católicos e o excesso de supostos milagres alimentados por sua Igreja, que o próprio Cônego Fernandes Pinheiro, anotador da tradução de Southey, faz questão de corrigir em suas notas explicativas. A abordagem bastante crítica da religião católica na *History of Brazil*, assim, poderia ser tida como um dos elementos que teriam dificultado a recepção brasileira da obra. Em 1877, por exemplo, Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) apontava como um dos aspectos da falta de

---

<sup>543</sup> Edição de domingo, 17 de novembro de 1861.

<sup>544</sup> Principal redator Joaquim Saldanha Marinho. Rio de Janeiro, ano 41, edição 314, domingo, 17 de novembro de 1861. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170\\_02&pasta=ano%20186&pesq=southey](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20186&pesq=southey). Acesso em: 6 jan. 2015. Também foi noticiado nesse periódico a chegada de Paris dos volumes 2, 3 e 5 impressos.

popularidade da *History of Brazil* em território brasileiro a intolerância de seu autor em relação ao catolicismo (CEZAR, 2007a: 309). Por outro lado, o próprio Varnhagen foi acusado de ser antijesuíta, ao contrário de Southey, que apontou a importância decisiva dos missionários na civilização do Brasil (PEIXOTO, 1943: 97). Porém, as críticas de Varnhagen aos jesuítas e à inquisição parecem não ter se constituído como um problema na sua recepção (CEZAR, 2007b: 162), talvez por serem diferentes das de Southey em um ponto crucial, eram feitas por um católico, não por um protestante.

Dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual Southey era sócio honorário desde 1840 (IHGB, 1916: 153), foi publicada, em 1846, tradução de parte da *History of Brazil*. Era, na verdade, um pequeno extrato que versava exclusivamente sobre a Inconfidência Mineira. Sabe-se que a tradução do trecho foi empreendida pelo sócio do Instituto, José de Rezende Costa (1765-1841), que a ofereceu para avaliação e publicação na *RIHGB*. Alegando impossibilidade de escrita de suas memórias sobre a Inconfidência, Costa apresentou ao Instituto a tradução da obra de Southey acrescida de algumas notas. A tradução levou seis anos para ser publicada, provavelmente porque a Comissão responsável não acreditava “no fato de que o enforcamento de Tiradentes ocorrera em meio a uma autêntica festa popular, promovida pelas autoridades coloniais, onde se cantou até o *Te deum laudamos*” (GUIMARÃES, 1995: 515). Manifestações essas, como deixava claro o testemunho de Manuel Rodrigues da Costa (1754-1844), outro inconfidente, só foram obtidas pela prepotência dos governantes que impeliam o povo a tal demonstração de aprovação (COSTA, 1867: 298).

Além dessa tradução, mesmo que parcial da *History of Brazil*, existiram mais dois projetos que, ao que tudo indica, nunca foram publicados e constituíam-se igualmente de traduções fragmentadas dos três volumes. A primeira iniciativa parece ter sido a de Henry Koster (1793-1820), dada início quando morava em Itamaracá, em 1814. Koster propôs realizar a tradução do primeiro volume para um padre português com quem mantinha amizade. Porém, em meados de 1815, a tradução já era pensada para ser publicada em Lisboa e contou, inclusive, com consultas pessoais a coleção de Southey.<sup>545</sup> Não se sabe, no entanto, o motivo do projeto não ter sido levado a diante.

---

<sup>545</sup> Carta a John May, 22 de agosto de 1814. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.2473.html#back11](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.2473.html#back11). Carta a John Rickman, 16 de outubro de 1814. Disponível em: [http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.2488.html#back4](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.2488.html#back4). Carta a John Rickman, 17 de julho de 1815. Disponível em:

Além dessa tradução de Koster, Manoel José Pires da Silva Pontes, membro do IHGB, deixou para o Instituto, quando da sua morte, vários papéis, inclusive, uma tradução da *History of Brazil*, com notas e comentários (PORTO-ALEGRE, 1852: 523). Não conseguir ter acesso a obra, porém, afirmava-se que “é trabalho diverso do que escreveu depois o dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro” (BLAKE, 1970b: 141-142).<sup>546</sup> Essa tradução de algumas partes da *History of Brazil*, curiosamente, não se encontra no arquivo do IHGB, porém, é certo que Pontes a empreendia em 1845 e que Instituto tinha ciência disso.<sup>547</sup>

Em um pequeno artigo incentivado pela publicação da tradução da *History of Brazil*, André F. Lamas extratava diversas passagens de escritores nacionais e estrangeiros que elogiavam a história de Southey, entre eles estavam o Visconde de Cairu (1756-1835), José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), José Pedro Xavier Pinheiro (1846-1990), Varnhagen, Francisco Solano Constâncio (1777-1846), Alexander von Humboldt (1769-1859), Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), entre tantos outros. Todos, sem exceção, elogiavam a obra de Southey, apesar de, algumas vezes, indicarem a necessidade de retóricas. Contudo, somente Varnhagen, por motivos que nos parecem hoje devido à clara rivalidade, havia exposto que não haveria necessidade de uma tradução (LAMAS, 1862). Porém, o mesmo Varnhagen elogiou muito a obra de Southey, afirmando que, sem ter à disposição os arquivos portugueses, “fez o que pode, e ninguém naquela época faria melhor” (VARNHAGEN, 1844: 63). O livro de Southey, apesar de correto, na década de 1860, já era visto como fonte e não como síntese da história nacional brasileira. Era um belo ponto de partida para o futuro historiador nacional, que tinha acesso a muitas outras informações indisponíveis ao laureado. O redator do *Correio da Tarde*, por exemplo, sinalizava que, não obstante o mérito da obra, “isto não é ainda a nossa história” (CORREIO, 1855)

Esse problema tangenciava algumas das críticas feitas a Southey por José Inácio de Abreu e Lima, que considerava a *History of Brazil* “o primeiro corpo da nossa história, o mais completo que apareceu, e nisso consiste todo o seu merecimento”. Não obstante o elogio, advertia que essa história continha mais do que a história do Brasil, o

---

[http://www.rc.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Four/HTML/letterEEEd.26.2636.html#back7](http://www.rc.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Four/HTML/letterEEEd.26.2636.html#back7).

Acessos em: 01 fev. 2014.

<sup>546</sup> Para uma breve biografia de Manuel José Pires da Silva Pontes, era primo paterno de Rodrigo de Souza da Silva Pontes, ver GOMES, 2012: 103.

<sup>547</sup> Carta a Januário da Cunha Barbosa, Sumidouro de Mariana, 21 de dezembro de 1845. Arquivo do IHGB. Lata 177, documento 29.

leitor achava também “a de Buenos Aires em grande parte, a do Paraguai, e muitas relações intercaladas de descobrimentos interiores até o alto Peru pelo Oeste, e pelo Sul até o Chile”. O grande problema enxergado por Abreu e Lima era que essas digressões alteravam “sobremodo a ordem cronológica dos nossos acontecimentos, fazendo cair o autor em anacronismos miseráveis, que muito prejudicam a veracidade dos fatos” (ABREU E LIMA, 1844: 43). Caso Southey tivesse seguido estritamente a ordem cronológica dos acontecimentos e concentrado-se exclusivamente no que dizia respeito apenas ao Brasil, quem sabe, poderia ser uma grande história. De modo contrário, a história de Beauchamp, apesar de todas as críticas de plágio de Southey, teve a grande vantagem de dar “nova forma ao confuso e mal ordenado plano de Southey, e tornando por este meio muito mais agradável a leitura da obra, já reduzida a fatos nacionais, sem o apêndice de outros inteiramente estranhos, que transtornam a unidade da história sem aumentar o seu interesse” (ABREU E LIMA, 1844: 47). Era um fato que a história de Beauchamp havia sido mais bem sucedida, pois tinha duas traduções, uma em Portugal e outra no Brasil, “enquanto a de Southey ainda não mereceu esta honra até hoje, nem a terá de certo, se daqui por diante quisermos cuidar de nós, escrevendo sobre as nossas próprias coisas; o que é muito natural que aconteça, apesar dos Januários e Varnhagens das quatro partes do mundo” (ABREU E LIMA, 1844: 47).

Southey não apenas recebeu constantes elogios e algumas críticas sobre a qualidade de sua obra, composta no exterior e sem acesso a muitos documentos sigilosos guardados em arquivos, mas também serviu como espécie de patrono da independência brasileira ao ser reivindicado anonimamente pelo Visconde de Cairu como dando um voto filantrópico ao texto de sua autoria *Império do Equador na Terra de Santa Cruz* (1822), que tinha em seu frontispício as palavras, extraídas da *History of Brazil*: “Deus, na sua misericórdia, prepare os brasileiros para esta feliz mudança; e conceda que se estabeleça entre eles ordem, liberdade, sabedoria, e verdadeira piedade; e que floresçam por todas as gerações”. Obviamente, Southey não se referia à independência brasileira e, muito provavelmente, não proferiria palavras tão amistosas a um evento que, não negando a sua necessidade e percurso natural, certamente julgaria prematuro. Porém, o fundamental é que na perspectiva de Cairu, a *History of Brazil* era uma obra a ser reivindicada pelos brasileiros como narrativa de sua história nacional,

servindo novamente de epígrafe também para sua *História das principais sucessos políticos do Império do Brasil* (1827).<sup>548</sup>

Não apenas o reconhecimento brasileiro era de ser esperado, mas igualmente o português, tanto pela *History of Brazil* quanto pelos vários outros escritos sobre Portugal. Southey era membro honorário de diversas academias, entre elas a Academia Real Espanhola, Academia Real Espanhola de História, Instituto Real dos Países Baixos, Sociedade Cymmrodorion, Sociedade Histórica de Massachusetts, Sociedade Antiquária Americana, Academia Real Irlandesa, Sociedade Literária e Filosófica de Bristol, Instituição Metropolitana, Instituição Filomática, entre outras (SOUTHEY, 1829a). É de se estranhar que não tenha sido sócio da Academia das Ciências de Lisboa, que o cita como o “melhor Historiador do Brasil” (ACADEMIA, 1836: 3). Além disso, José Bonifácio de Andrada e Silva, membro da academia desde 1789, conhecia muito bem a *History of Brazil*. Bonifácio tornou-se vice-secretário em 1812 e, com a morte do primeiro-secretário, assumiu este posto (VARELA; LOPES; FONSECA, 2004). Bonifácio deixou algumas anotações sobre a *History of Brazil*, em especial no documento “Notas sobre a história”, que encontra-se nos arquivos do IHGB, em que abordava de forma sucinta os capítulos I e II do primeiro volume, e “Apontamentos autógrafos de José Bonifácio sobre corografia, história, etnografia do Brasil”, que é um extrato de leitura de seis capítulos do volume três da *History of Brazil* (RAYMUNDO, 2011: 56-57). O interesse de Bonifácio pela obra de Southey ia além dos dados e das estatísticas apresentados, pois reforçava a ideia da positividade da mistura das raças, expressa na *History of Brazil*, como algo que contribuía para a manutenção dos laços entre metrópole e colônia, evitando, inclusive, conflitos internos. Bonifácio, assim como Southey, não acreditava que o cruzamento entre as raças gerasse qualquer tipo de degeneração (RAYMUNDO, 2011: 9; 41-42).

Existem muitos mistérios a serem desvelados sobre a recepção da *History of Brazil* no Império Português, seja na parte brasileira seja na portuguesa, e o significado particular que essa obra ganhou após a Independência. Fica o convite às novas pesquisas.

---

<sup>548</sup> Apenas a título de curiosidade. Em uma viagem oficial a Grã-Bretanha, onde passou por Keswick, “o Imperador mostrou vivos desejos de visitar o monumento erigido a memória saudosa de Roberto Southey (1774-1843), poeta e historiador, autor de uma afamada história do Brasil, que sua Majestade dignou-se mencionar com gratidão e encômios. Sua Majestade quis contemplar na igreja e Crosthwait o monumento do poeta e leu a inscrição composta por Wordsworth. O Imperador foi também a Greta-Hall, onde Southey morou, primeiro durante quatro anos, com seu amigo Coleridge, e depois, com a família, e que acha-se transformada hoje em escola de meninas” (PUBLICADOR, 1877).



## REFERÊNCIAS

### FONTES

- ABREU E LIMA, J. I. *Resposta do General J. I. de Abreu e Lima ao Cônego Januário da Cunha Barbosa ou Análise do primeiro juízo de Francisco Adolfo de Varnhagen acerca do Compêndio da História do Brasil*. Pernambuco: Tipografia de M. F. de Faria, 1844.
- COTTLE, Joseph (org.). *Reminiscences of Samuel Taylor Coleridge and Robert Southey*. London: Houlston and Stoneman, 1848.
- HEBER, Reginald. History of Brazil, by Robert Southey. Part the First, 4to, pp. 660. London: Longman and Co, 1810. *Quarterly Review*, v. 4, n. 8, 1810, p. 454-474.
- \_\_\_\_\_. History of Brazil, by Robert Southey. Vol II, 4to, pp. 718. *Quarterly review*, v. 18, n. 35, 1818, p. 99-128.
- HOLLAND, John; EVERETT, James. *Memoirs of the life and writings of James Montgomery*. Vol. II London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1855.
- KNIGHT, William. *Memorials of Coleorton*. Vol. 2. Edinburgh: Davis Douglas, 1887.
- LEÃO, Joaquim de Sousa Carneiro (ed.). Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster: anos de 1804 a 1819. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Vol. 178, 1943.
- LOCKHART, John. Life of Wesley. *Blackwood's Edinburgh magazine*, v. 15, 1824.
- LORD MACAULAY. *Critical and Historical Essays contributed to the Edinburgh Review*. 5<sup>th</sup> ed. 3 vols. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1848. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/title/362>.
- \_\_\_\_\_. *The Works of Lord Macaulay*. Vol. 5. New York: D. Appleton & Co., 1866.
- LOWE, Joseph. History of Brazil, by Robert Southey. Part the First, 4to, pp. 660. 2l. 26. Boards. Longman. *The Monthly Review or Literary Journal*, v. 69, 1812, p. 337-352
- MACAULAY, T. Babington. History. In:\_\_\_\_. *Critical and miscellaneous essays*. Vol I. Boston: Weeks, Jordan and Co., 1840.
- MADDEN, Lionel (ed.). *Robert Southey: the critical heritage*. London: Routledge, 2002.

- PISO, Guilherme. *História Natural e Médica da Índia Ocidental, em cinco livros*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- ROBBERDS, J. W. (ed.). *A Memoir of the Life and Writings of the Late William Taylor of Norwich*. Vol. 1. London: John Murray, 1843.
- ROBERTSON, William. Panorama do progresso da sociedade na Europa. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n. 17, v. 2, 2010, p. 235-248.
- \_\_\_\_\_. Preface. In: \_\_\_\_\_. *The History of America*. Forth edition. Volume I. London: Strahan; Cadell, 1783a.
- \_\_\_\_\_. Book IV. In: \_\_\_\_\_. *The History of America*. Forth edition. Volume II. London: Strahan; Cadell, 1783b.
- \_\_\_\_\_. Book VII. In: \_\_\_\_\_. *The History of America*. Forth edition. Volume III. London: Strahan; Cadell, 1783c.
- SOUTHEY, Charles Cuthbert (ed.). *Life and correspondence of Robert Southey*. In six volumes. Volume 2. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1850a.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Life and correspondence of Robert Southey*. In six Volumes. Volume 4. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1850b.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Life and correspondence of Robert Southey*. New York: Harper & Brothers, 1855.
- SOUTHEY, Robert. Lancaster's improvements in education. *Annual Review*, v. 4, 1806, p. 732-736.
- \_\_\_\_\_. An History of Jamaica. *Annual Review*, v. 6, 1807, p. 254-260.
- \_\_\_\_\_. American Annals; or a Chronological History of America from its Discovery in 1492 to 1806. By Abiel Holmes, D. D. Fellow of the American Academy of Arts and Sciences, Member of the Massachusetts Historical Society, and Minister of the First Church in Cambridge, 2 vols. 8vo. Cambridge (in America). *Quarterly Review*, v. 2, n. 4, 1809, p. 309-327.
- \_\_\_\_\_. *History of Brazil*. Vol. I. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1810.
- \_\_\_\_\_. Bell and Lancaster's systems of education. *Quarterly Review*, v. 6, 1811, p. 264-304.
- \_\_\_\_\_. Mackenzie's Travels in Iceland. *Quarterly Review*, v. 7, n. 13, 1812, p. 48-92.
- \_\_\_\_\_. Chapter XVI. *The Edinburgh Annual Register, for 1811*, v. 4, 1813.

- \_\_\_\_\_. Oriental Memoirs. *Quarterly Review*, v. 12, n. 23, 1815.
- \_\_\_\_\_. *History of Brazil*. Vol. II. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1817a.
- \_\_\_\_\_. Travels in Brazil. *Quarterly Review*, v. 16, n. 32, 1817b.
- \_\_\_\_\_. *History of Brazil*. Vol. III. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1819.
- \_\_\_\_\_. New Churches. *Quarterly Review*, v. 23, 1820.
- \_\_\_\_\_. An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay. *Quarterly Review*, v. 26, n. 52, 1822.
- \_\_\_\_\_. William Hayley, Memoirs. *Quarterly Review*, v. 31, 1824.
- \_\_\_\_\_. Church of England mission. *Quarterly Review*, v. 32, 1825.
- \_\_\_\_\_. *Vindiciae Ecclesiae Anglicanae, Letters to Charles Butler Comprising Essays on the Romish Religion and Vindicating the Book of the Church*. London: John Murray, 1826a.
- \_\_\_\_\_. Mission to the East Coast of Sumatra in 1823, under the Direction of the Government of Prince of Wales's Island. *Quarterly Review*, v. 34, n. 67, 1826b.
- \_\_\_\_\_. Britton's Cathedral Antiquities; A Brief Memoir of the Life and Writing of John Britton, F.S.A F.R.S.L. &c. *Quarterly Review*, v. 34, n. 68, 1826c, p. 305-349.
- \_\_\_\_\_. Sayers, Works. *Quarterly Review*, v. 35, 1827.
- \_\_\_\_\_. The constitutional history of England, from the accession of Henry VII. to the death of George II. By Henry Hallam. *Quarterly Review*, v. 37, 1828a.
- \_\_\_\_\_. Chronological History of the West Indies by Capt. Thomas Southey, Commander Royal Navy, 3 vols, 1827. *Quarterly Review*, v. 38, 1828b.
- \_\_\_\_\_. *Sir Thomas More: Or Colloquies on the Progress and Prospects of the Society*. Volume I. London: John Murray, 1829a.
- \_\_\_\_\_. *Sir Thomas More: Or Colloquies on the Progress and Prospects of the Society*. Volume II. London: John Murray, 1829b.
- \_\_\_\_\_. *The Life of the Rev. Andrew Bell*. Vol 1. London: John Murray; Edinburgh: William Blackwood and sons, 1844.
- \_\_\_\_\_. *Life of Oliver Cromwell*. New York: Appleton & Co; Philadelphia: George S. Appleton, 1845.

\_\_\_\_\_. *Catalogue Of The Valuable Library Of The Late Robert Southey ...: Which Will Be Sold By The Auction ... By Messrs. S. Leigh Sotheby & Co. ... On ... May 8th, 1844, And Fifteen Following Days...* Nabu Press, 2011.

[\_\_\_\_\_]. Edição dos capítulos “The Moors” a “Fernando” da *History of Portugal*, de Robert Southey: (Versão L: “cópia limpa”). Alexandre Dias Pinto. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Programa de Crítica Textual. 27 de janeiro de 2013.

SOUTHEY, Roberto. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. I. Rio de Janeiro: Garnier, 1862a.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. II. Rio de Janeiro: Garnier, 1862b.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. III. Rio de Janeiro: Garnier, 1862c.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. IV. Rio de Janeiro: Garnier, 1862d.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. V. Rio de Janeiro: Garnier, 1862e.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. Traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J.C. Fernandes Pinheiro. Vol. VI. Rio de Janeiro: Garnier, 1862f.

*THE ANNUAL Register*, or a view of the history, politics, and literature for the year 1810. Second Edition, p. 738-748.

*THE CRITICAL Review*, or annals of literature, v. 21, 1811, p. 27-43.

*THE ECLECTIC Review*, v. 6, p. 2, 1810, p. 788-800.

*THE LITERARY Gazette; and Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences, &c*, 1832.

*THE MUSEUM of Foreign Literature, Science and Art*, v. 20. 1832.

*THE NEW Monthly Magazine and Literary Journal*, 1832.

- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Primeiro Juízo. Submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo seu sócio Francisco Adolfo de Varnhagen, acerca do “Compêndio da História do Brasil” pelo Sr. José Inácio de Abreu e Lima. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 6, 1844, p. 60-83.
- WARTER, John Wood (ed.). *Selections from the Letters of Robert Southey*. Volume 1. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856a.
- \_\_\_\_\_ (ed.). *Selections from the Letters of Robert Southey*. Volume 2. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856b.
- \_\_\_\_\_ (ed.). *Selections from the Letters of Robert Southey*. Volume 3. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856c.
- \_\_\_\_\_ (ed.). *Selections from the Letters of Robert Southey*. Volume 4. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856d.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- ACADEMIA das Ciências de Lisboa. *Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos domínios portugueses ou lhe são vizinhas*. Volume 5. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências de Lisboa, 1836.
- ADAMS, M. Ray. Two Minor Disciples of Pantisocracy. *ELH*, v. 5, n. 4, 1938, p. 285-301.
- ALLAMEL-RAFFIN, Catherine; LEPLÈGE, Alain; MARTIRE JUNIOR, Lybio. *História da medicina*. Aparecida: Ideias e letras, 2011.
- ANALYTICAL Review*, v. 5, 1789.
- ANDERSON, Warwick. Climates of Opinion: Acclimatization in Nineteenth-Century France and England, *Victorian Studies*, v. 35, n. 2, 1992, p. 135-157.
- ARAÚJO, Valdeí Lopes de. Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht, *Varia História*, v. 22, 2006a.
- \_\_\_\_\_. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma, *Locus*, Juiz de Fora, v. 12, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *A experiência do tempo*. São Paulo: Hucitec, 2007.

- \_\_\_\_\_; PIMENTA, João Paulo Garrido. História. *Ler História*, v. 55, p. 83-96, 2008.
- \_\_\_\_\_; VARELLA, Flávia Florentino. As traduções do tacitismo no *Correio Braziliense* (1808-1822): contribuição ao estudo das linguagens historiográficas. In: GALERY, Maria Clara Versiani; PERPÉTUA, Elzira Divina; HIRSCH, Irene (orgs.). *Tradução, vanguarda e modernismos*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 239-259.
- BAIDA; Rosangela; CHAMORRO, Cândida Graciela Arguello. doenças entre indígenas do Brasil nos séculos XVI e XVII. *Revista história em reflexão*, v. 5 n. 9, 2011, p. 1-24.
- BAINBRIDGE, Simon. *British Poetry and the Revolutionary and Napoleonic War*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BANN, Stephen. Clio em parte: sobre o antiquariado e fragmento histórico. In \_\_\_\_\_. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.
- BATALHONE JÚNIOR, Vítor Claret. *Uma história das notas de rodapés: a anotação da História geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen (1854-1953)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Dissertação de Mestrado.
- BEWELL, Alan. *Romanticism and Colonial Disease*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Vol. 5. Conselho Federal da Cultura, 1970a.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Vol. 6. Conselho Federal da Cultura, 1970b.
- BOLTON, Carol. 'Green Savannahs' or 'savage lands': Wordsworth's and Southey's Romantic America. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Farnham: Ashgate, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Writing the Empire: Robert Southey and Romantic Colonialism*. London: Pickering and Chatto, 2007.
- BOTELHO, João Bosco. *História da medicina: da abstração à materialidade*. Manaus: Valer, 2013.

- BROWN, Marshall. Romanticism and Enlightenment. CURRAN, Stuart (ed.). *The Cambridge Companion to British Romanticism*. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 34-55.
- BROWN, Stewart J. William Robertson (1721-1793) and the Scottish Enlightenment. In: BROWN, Stewart J (Ed.). *William Robertson and the Expansion of Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BURKE, Peter. From Antiquarianism to Anthropology. MILLER, Peter (org.). *Momigliano and Antiquarianism: Foundations of the Modern Cultural Sciences*. Toronto: University of Toronto Press, 2007, p. 229-247.
- BUTLER, Marilyn. Antiquarianism (popular). In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British Culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. Culture's medium: the role of the Review. In: CURRAN, Stuart (ed.). *The Cambridge Companion to British Romanticism*. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 127-152.
- CABRAL, Adolfo de Oliveira. *Southey e Portugal (1774-1801): aspectos de uma biografia literária*. Lisboa: P. Fernandes, 1959.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Nature, Empire and Nation: Explorations of History of Science in the Iberian World*. Stanford: Stanford University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Como escrever a história do Novo Mundo: histórias, epistemologias e identidades no mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Edusp, 2011.
- CAPONI, Sandra. Sobre la aclimatación: Boudin y la geografía médica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 14, n. 1, p. 13-38, 2007.
- CÁRCEL, Ricardo García. Los fantásticos relatos acerca de nuestra patria: la leyenda negra, *Historia Social*, n. 3, p. 3-15, 1989.
- CARNALL, Geoffrey; The Monthly Magazine. *The Review of English Studies*, New Series, v. 5, n. 18, 1954, p. 158-164.
- CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX, *História Unisinos*. n. 11, v. 3, 2007a.

- \_\_\_\_\_. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. *Topoi*, v. 8, n. 15, 2007b, p. 159-207.
- CHANDLER, David. "A Sort of Bird's Eye View of the British Land of Letters": "The Monthly Magazine" and Its Reviewers, 1796-1811. *Studies in Bibliography*, v. 52, 1999, p. 169-179.
- CHANDLER, James. History. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CLAEYS, Gregory. Utopianism. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CLARK, Elizabeth A. *History, Theory, Text: Historians and the Linguistic Turn*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- CLINE, C. L. The Correspondence of Robert Southey and Isaac D'Israeli. *The Review of English Studies*, v. 17, n. 65, 1941, p. 65-79.
- \_\_\_\_\_. Byron and Southey: A Suppressed Rejoinder. *Keats-Shelley Journal*, v. 3, 1954, p. 27-38.
- CONNELL, Philip. *Romanticism, Economics and the Question of Culture*. Oxford University Press, 2005.
- COOK, Peter A. Chronology of the 'Lake School' Argument: Some Revisions. *The Review of English Studies*, New Series, v. 28, n. 110, 1977.
- CORREIO da Tarde*, n. 102, 10 dez. 1855.
- CORREIO Mercantil*, 21 nov. de 1861
- CORREIO Mercantil*, a. 13, n. 66, jan. 1856,
- COSTA, José de Rezende. Conspiração em Minas Gerais no ano de 1788 para a independência do Brasil. Artigo traduzido da História do Brasil de Roberto Southey e ilustrado de notas pelo conselheiro José de Rezende Costa, membro honorário do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 8, segunda edição, 1867 [1846], 297-310.
- CRAIG, David M. Subservient Talents? Robert Southey as a Public Moralist. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Farnham: Ashgate, 2006, p. 101-114.



- \_\_\_\_\_. *Robert Southey and romantic apostasy: political argument in Britain 1780-1840*. Royal Historical Society; Boydell Press, 2007.
- CURLY, Maria Odila Dias. O Brasil na historiografia romântica inglesa: um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott. *Anais do Museu Paulista*, v. 21, 1967.
- CURRY, Kenneth. *Southey*. London: Routledge, 1975.
- CUTMORE, Jonathan (ed.). Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Conservatism and the Quarterly Review: a Critical Analysis*. London: Pickering & Chatto, 2007, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. *Contributors to The Quarterly Review: a History, 1809–1825*. London: Pickering & Chatto, 2008.
- DA SILVA, João Manuel Pereira. *La littérature portugaise, son passé, son état actuel*. Rio de Janeiro: Garnier, 1866.
- DA SILVA, Innocencio Francisco. *Diccionario bibliographico portuguez*. Tomo V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.
- DANIEL, Robert W. The Publication of the “Lyrical Ballads”. *The Modern Language Review*, v. 33, n. 3, 1938, p. 406-410.
- DAVIS JR, William A. “This Is My Theory”: Macaulay on Periodical Style. *Victorian Periodicals Review*, v. 20, n. 1, 1987, p. 12-22.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- DOMINGUES, Ângela. Notícias do Brasil colonial a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra). *Varia Historia*, v. 22, n. 35, p. 150-174, 2006.
- DUFF, David. From Revolution to Romanticism: the historical context to 1800. WU, Duncan (ed.). *A Companion to Romanticism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001, p. 23-34.
- DUGGETT, Tom. *Gothic Romanticism: Architecture, Politics, and Literary Form*. Palgrave Macmillan, 2010.
- EARLE, Rebecca. *The Body of the Conquistador: Food, Race and the Colonial Experience in Spanish America, 1492-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. “If You Eat Their Food . . .”: Diets and Bodies in Early Colonial Spanish America. *American Historical Review*, v. 115, n. 3, p. 688-713, 2010.

- EDLER, Flavio Coelho. *Medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. Doença e lugar no imaginário médico brasileiro. *Anuário IEHS*, n. 21, 2006, p. 381-398.
- \_\_\_\_\_. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p. 925-943, 2001.
- FAIRER, David. Southey's Literary History. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Farnham: Ashgate, 2006.
- FERBER, Michael E. *Romanticism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- FITZPATRICK, Martin. Enlightenment. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British Culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- FRANKLIN, Caroline. 'Monstrous combinations of horrors and mockery'? Southey, Catholicism and the Gothic, *Romanticism*, v. 17, n. 1, 2011, p. 25-38.
- FULFORD, Tim. Blessed Bane: Christianity and Colonial Disease in Southey's Tale of Paraguay. *Romanticism on the Net*, n. 24, 2001.
- GALLAGHER, Catherine. The Romantics and the Political Economists. In: CHANDLER, James (ed.). *The Cambridge History of English Romantic Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- GAMER, Michael. *Romanticism and the Gothic: Genre, Reception, and Canon Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- GEORGE SAINTSBURY, M.A. Southey. In: WARD; Trent, et al (ed.). *The Cambridge History of English and American Literature*. Vol. 11. The Period of the French Revolution. New York: G.P. Putnam's Sons, 1907-21; New York: Bartleby.com, 2000.
- GESTEIRA, Heloisa Meireles. O Recife holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-1654). *Revista da SBHC*, v. 2, n. 1, p. 6-21, 2004.
- GHOSH, P. R. Macaulay and the Heritage of the Enlightenment. *The English Historical Review*, v. 112, n. 446, 1997, p. 358-395.

- GOLDBERG, Brian. Robert Southey and the claims of literature. In: \_\_\_\_\_. *The Lake Poets and Professional Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 193-214.
- GOMES, Sandro Aramis Richter. *Descentralização e pragmatismo: condições sociais de produção das memórias históricas de Antonio Vieira dos Santos (Morretes e Paranaguá, décadas de 1840-1850)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição*. Campinas: Papyrus, 1998.
- GREER, Margaret R.; MIGNOLO, Walter D.; QUILLIGAN, Maureen (eds.). Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Rereading the Black Legend: The Discourses of Religious and Racial Difference in the Renaissance Empires*. Chicago: University of Chicago Press, 2007, p. 1-26.
- GRIGGS, Earl Leslie. Robert Southey and the “Edinburgh Review”. *Modern Philology*, v. 30, n. 1, 1932, p. 100-103.
- \_\_\_\_\_. Robert Southey's Estimate of Samuel Taylor Coleridge: A Study in Human Relations. *Huntington Library Quarterly*, v. 9, n. 1, 1945, p. 61-94.
- GROOM, Nick. Love and Madness: Southey Editing Chatterton. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Ashgate, 2006, p. 19-35.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889), *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 388, 1995.
- GUIMARÃES, Manuel Salgado. Reinventando a tradição: sobre antiquariato e escrita da história, *Humanas*, Porto Alegre, v. 23, n. 1/2, 2000.
- HALLER, William. Chapter IV: 1796-1800. Portugal: law and literature. In: \_\_\_\_\_. *The Early Life of Robert Southey, 1774-1803*. New York: Octagon Books, 1966, p. 173-232.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HARGRAVES, Neil. Enterprise, adventure and industry: the formation of ‘commercial character’ in William Robertson’s *History of America*. *History of European Ideas*, v. 29, 2003, p. 33-54.

- HAVENS, Raymond Dexter. Southey's Contributions to the Foreign Review. *The Review of English Studies*, v. 8, n. 30, 1932, p. 210-211.
- HATTY, Suzanne E.; HATTY, James. *The Disordered Body: Epidemic Disease and Cultural Transformation*. Albany: SUNY, 1999.
- HAY, Denys. The Historiographers Royal in England and Scotland, *Scottish Historical Review*, v. 30, 1951, p. 15-29.
- HAYDEN, John O. *The Romantic Reviewers, 1802-1824*. London: Routledge; Kegan Paul, 1969.
- HAYES, Curtis W. Edward Gibbon: Linguistics, Syntax, and Style. *College Composition and Communication*, v. 19, n. 3, 1968, p. 204-210.
- HEINOWITZ, Rebecca Cole. The Allure of the Same: Robert Southey's Welsh Indians and the Rhetoric of Good Colonization. In: \_\_\_\_\_. *Spanish America and British Romanticism, 1777-1826: Rewriting Conquest*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010, p. 93-131.
- HENRIQUES, Ana Lucia de Souza. A tradição e o nacional em *The Antiquary*, de Walter Scott, *Revista do GELNE*, v. 3, n. 1, 2001.
- HOGLE, Jerrold E. Romanticism and the "scholls" of criticism and theory. In: CURRAN, Stuart (ed.). *The Cambridge Companion to British Romanticism*. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 1-33.
- HOUGHTON, Walter E.. *The Victorian Frame of Mind: 1830-1870*. New Haven; London: Yale University Press, 1985.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- HUDSON, Charles Mell. *The Roderick Legend in English Romantic Literature: Scott, Landor and Southey*. D.Phil. thesis, Yale University, 1943.
- HUMPHREYS, R. A. *Robert Southey and his History of Brazil*. London: Hispanic and Luso-Brazilian Council, 1978.
- IHGB. 34ª sessão em 7 de março de 1840. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 2. Terceira edição. 1916 [1840].
- JARMAN, Paul. Feasts and Fasts: Robert Southey and the Politics of Calendar. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Ashgate, 2006.

- KADERLY, Nat Lewis. Southey and the Quarterly Review. *Modern Language Notes*, v. 70, n. 4, 1955, p. 261-263.
- KAUFMAN, Paul. The Reading of Southey and Coleridge: The Record of Their Borrowings from the Bristol Library, 1793-98. *Modern Philology*, v. 21, n. 3, 1924, p. 317-320.
- KING, R. W. A Note on Shelley, Gibbon, Voltaire and Southey. *The Modern Language Review*, v. 51, n. 2, 1956, p. 225-227.
- KIPLE, Kenneth F. História da doença. PORTER, Roy (org). *História da medicina*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008, p. 11-46.
- KODAMA, Kaori. *Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Fiocruz/EDUSP, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. *historia/Historia*. Madrid: Minima Trotta, 2004.
- LANGFUR, Hal. *The Forbidden Lands: Colonial Identity, Frontir Violence, and the Persistence of Brazil's Eastern Indians, 1750-1830*. Stanford: Stanford University Press, 2006.
- LANGSDORFF, George Heinrich von. Anotações de uma viagem em volta do mundo nos anos de 1803-1807. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, a. 7-9, n. 9-10, 1976/1977, p. 83-124.
- LAMAS, André F. Bibliografia. História do Brasil por Roberto Southey. *Correio Mercantil*, 3 maio 1862.
- LEÃO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 178, 1943.
- LEASK, Nigel. Mythology. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford companion to the Romantic age: British culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. Southey's Madoc: Reimagining the Conquest of America. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Ashgate, 2006.
- LENMAN, Bruce. P. 'From savagery to Scot' via the French and the Spaniards: Principal Robertson's Spanish sources. In: BROWN, Stewart J (Ed.). *William Robertson and the expansion of empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 196-209.

- LIMA, Lilian Martins de. *O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos*. Franca, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012. Tese (Doutorado).
- LISBOA, Karen Macknow. Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2013, p. 119-139.
- LLOYD, Sarah. Poverty. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford companion to the Romantic age: British culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- LOPES, A. P. Leme. Da progressão dos costumes à história natural da humanidade: reflexões escocesas sobre a temporalidade histórica. *História da Historiografia*, n. 6, 2011, p. 158-170.
- LOW, Dennis. *The Literary Protégées of the Lake Poets*. Hampshire: Ashgate, 2006.
- LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. (ed.). *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- MACAULAY, Rose. Southey em Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 194, 1947, p. 117-118.
- MACEDO, Jorge Borges de. A propósito do centenário da aliança luso-britânica: a historiografia britânica sobre Portugal, *Palestra* (Separata), Lisboa, n. 42, 1973, p. 7-43.
- MACLEOD, Emma. Revolution. In: GARRETT, Aaron; HARRIS, James A. *Scottish Philosophy in the Eighteenth Century: Morals, Politics, Art, Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 361-403.
- MANNING, Susan. Antiquarianism, balladry and the rehabilitation of romance. CHANDLER, James (ed.). *The Cambridge history of English Romantic literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- MARZOLPH, Ulrich; LEEUWEN, Richard van. *The Arabian Nights Encyclopedia*. Volume 1. California: ABC-Clio, 2004.
- MATOS, Sérgio Campos. Da Idade de Ouro à decadência. In: \_\_\_\_\_. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa: Colibri, 1998.
- MCKUSICK, James C. ‘Wisely forgetful’: Coleridge and the politics of Pantisocracy. In: FULFORD, Tim; KITSON, Peter J. (ed.). *Romanticism and colonialism*:

- writing and Empire. 1780-1930. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 107-128.
- MEACHEN, E.W., From an Historical Religion to a Religion of History: Robert Southey and the Heroic in History', *Clio*, v. 9, 1980.
- MEDEIROS, Bruno Franco. *Plagiário, à maneira de todos os historiadores*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- MEEK, Ronald. *Social science and the ignoble savage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo; KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. O surgimento da pesquisa antiquária. In: \_\_. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: EDUSC, 2004a.
- \_\_\_\_\_. A tradição herodoteana e tucídideana. In: \_\_\_\_\_. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004b, p. 53-83.
- \_\_\_\_\_. Tácito e a tradição taciteana. In: \_\_. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: EDUSC, 2004c, p. 157-185.
- \_\_\_\_\_. Ancient History and the Antiquarian. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 13, n. 3/4, 1950, p. 285-315.
- \_\_\_\_\_. Gibbon's contributions to historical method, *Historia*, v. 2, 1954, p. 450-463.
- MOTOHASHI, Ted. The Discourse of Cannibalism in Early Modern Travel Writing. In: CLARK, Steve. *Travel and Empire: Postcolonial Theory in Transit*. New York: Zed Books: 1999.
- MULLAN, John. *Sentiment and Sociability: the language of feeling in the Eighteenth Century*. Oxford: Clarendon Press, 2002.
- NETO, Benedito Gerales; SOLER, Zaida Aurora S. G.; BRAILE, Domingo Marcolino; DAHER, Wilson. A sífilis no século XVI: o impacto de uma nova doença. *Arquivos de Ciências da Saúde*, n. 16, v. 3, p. 127-129, 2009.
- O'BRIEN, Karen. *Narratives of Enlightenment: cosmopolitan history from Voltaire to Gibbon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- OTTEN, Terry. Macaulay's Critical Theory of Imagination and Reason. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, v. 28, n. 1, 1969, p. 33-43.

- ORR, Bridget. “Stifling Pity in a Parent’s Breast”: Infanticide and Savagery in Late Eighteenth-century Travel Writing. In: CLARK, Steve. *Travel and Empire: Postcolonial Theory in Transit*. New York: Zed Books: 1999, p. 131-146.
- PEIXOTO, Afranio. Southey e a História do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 181, 1943, p. 87-100.
- PERRY, Seamus. Romanticism: the brief history of a concept. WU, Duncan (ed.). *A Companion to Romanticism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001, p. 3-11.
- PHILLIPS, Mark Salber. Historical distance and the historiography of eighteenth-century Britain. In: COLLINI, Stefan; WHATMORE, Richard; YOUNG, Brian (ed.). *History, Religion, and Culture: British Intellectual History 1750–1950*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 31-47.
- \_\_\_\_\_. Reconsiderations on history and antiquarianism: Arnaldo Momigliano and the historiography of eighteenth-century Britain. *Journal of the History of Ideas*, v. 57, n. 2, 1996, p. 297-316.
- \_\_\_\_\_. Macaulay, Scott, and the Literary Challenge to Historiography. *Journal of the History of Ideas*, v. 50, n. 1, 1989, p. 117-133.
- PHILLIPSON, Nicolas. Providence and progress: an introduction to the historical thought of William Robertson. In: BROWN, Stewart J (Ed.). *William Robertson and the expansion of empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 55-73.
- PIMENTA, Pedro Paulo. Apresentação a *Panorama do progresso da sociedade na Europa*, de William Robertson. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n. 17, v. 2, 2010, p. 229-233.
- PINTO, Alexandre Dias. Rewriting the origins of the national master narrative in Robert Southey's ‘Fabulous History [of Portugal]’. In: BÄR, Gerald; GASKILL, Howard (eds.). *Ossian and National Epic*. Frankfurt: Peter Lang, 2012.
- \_\_\_\_\_. The elusive manuscript of Robert Southey's ‘History of Portugal’. *Novos Caminhos da História e da Cultura - Actas do XXVII Encontro da APEAA*, Carcavelos, Abril 2006. Lisboa: APEAA & CEAP - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2007.
- POCOCK, J.G.A. Historiography as a form of political thought. *History of European Ideas*, v. 37, n. 1, p. 1-6, 2011. Disponível em:



- <http://dx.doi.org/10.1016/j.histeuroideas.2010.09.002>. Acesso em: 26 nov. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Barbarism and Religion: Barbarians, Savages and Empires*. Vol. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. Introdução: o estado da arte. In: \_\_\_\_\_. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Virtudes, direitos e maneiras. In: \_\_\_\_\_. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003b.
- \_\_\_\_\_. *Barbarism and Religion: Narratives of Civil Government*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- PORTELA, Cristiane de Assis. “Posso lhe contar muito mais coisas acerca dos tapuias e dos tupinambás do que sobre os turcos e russos”: alegorias do indigenismo em Robert Southey (1774-1843). In: \_\_\_\_\_. *Para além do “caráter ou qualidade de indígena”*: uma história do conceito de indigenismo no Brasil. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- PORTER, Roy. Doença mental. In: \_\_\_\_\_. (org). *História da medicina*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008, p. 243-264.
- PORTO-ALEGRE, Manoel de Araujo. Discurso do orador Manoel de Araujo Porto-Alegre. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 15, 1852, p. 513- 544.
- PRATT, Lynda. Southey’s West Country. In: ROE, Nicholas (Ed.). *English Romantic Writers and the West Country*. Palgrave Macmillan, 2010, p. 201-217.
- \_\_\_\_\_. Hung, Drawn and Quarterlyed: Robert Southey, Poetry, Poets and the *Quarterly Review*. In: CUTMORE, Jonathan (ed.). *Conservatism and the Quarterly Review: a critical analysis*. London: Pickering & Chatto, 2007, p. 151-164.
- \_\_\_\_\_. Family Misfortunes? The posthumous editing of Robert Southey. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Farnham: Ashgate, 2006a, p. 222-238.
- \_\_\_\_\_. Robert Southey and the Contexts of English Romanticism. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Farnham: Ashgate, 2006b p. XVII-XIX.

- \_\_\_\_\_. Robert Southey, writing and Romanticism, *Romanticism on the Net*, n. 32-33, 2003-2004. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/ron/2004/v/n32-33/009255ar.html>.
- \_\_\_\_\_; DENISON, David. The language of the Southey-Coleridge Circle. *Language Sciences*, v. 22, 2000, p. 401-422.
- PUBLICADOR Maranhense*, edição 188, a. 36, 10 (?) ago. 1877.
- RAYMUNDO, Leticia de Oliveira. *Legislar, amalgamar, civilizar: a mestiçagem em José Bonifácio de Andrada e Silva (1783-1823)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- REVISTA popular*, jornal ilustrado, t. 12, a. 3, outubro a dezembro, 1861.
- ROBERTS, Daniel Sanjiv. Beneath High Romanticism: ‘Southeian’ Orientations in De Quincey. In: Lynda Pratt. *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Ashgate, 2006.
- SAGLIA, Diego. A visão de Torres Vedras: a formação de Portugal segundo Southey, entre presença histórica e invisibilidade textual [título original em inglês The view from Torres Vedras: Southey’s construction of Portugal between historical presence and textual invisibility]. In: SILVA, Carlos Guardado da. *As linhas de Torres Vedras*. Lisboa: Colibre, 2010, p. 55-69.
- SEARY, E. R. Robert Southey and Ebenezer Elliott: Some New Southey Letters. *The Review of English Studies*, v. 15, n. 60, 1939, p. 412-421.
- SELIG, Karl Ludwig. Sabuco de Nantes, Feijóo, and Robert Southey. *Modern Language Notes*, v. 71, n. 6, 1956, p. 415-416.
- SILVA, Ricardo. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, 2010.
- SISKIN, Clifford. The problem of periodization: Enlightenment, Romanticism and the fate of system. CHANDLER, James (ed.). *The Cambridge History of English Romantic Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- SKINNER, Quentin. Introducción: viendo las cosas a su manera. In: \_\_\_\_\_. *Lenguaje, política e historia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.
- SMITH, Christopher J. P. *A Quest for Home: Reading Robert Southey*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997.

- SMEDLEY, Audrey. The history of the idea of race... and why it matters. American Anthropological Association, 2007. Disponível em: <http://www.understandingrace.org/resources/pdf/disease/smedley.pdf>.
- CRUZ DE SOUZA, Christiane Maria. A constituição de uma rede de assistência à saúde na Bahia, Brasil, voltada para o combate das epidemias. *Dynamis* [online], v.31, n. 1, 2011, p. 85-105.
- SPECK, W. A. Robert Southey's Contribution to the *Quarterly Review*. In: CUTMORE, Jonathan (ed.). *Conservatism and the Quarterly Review: a Critical Analysis*. London: Pickering & Chatto, 2007, p. 165-177.
- \_\_\_\_\_. *Robert Southey: Entire Man of Letters*. New Haven and London: Yale University Press, 2006.
- ST CLAIR, William. *The Reading Nation in the Romantic Period*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- STEVENSON, John. Industrialization. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British Culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- STOREY, Mark. 'Bob Southey! – Poet Laureate': Public and Private in Southey's Poems of 1816. In: PRATT, Lynda (ed.). *Robert Southey and the Contexts of English Romanticism*. Ashgate, 2006, p. 87-100.
- STUCHTEY, Benedikt. Literature, liberty and life of the nation: British historiography from Macaulay to Trevelyan. In: BERGER, Stefan; DONOVAN, Mark; PASSMORE, Kevin. *Writing National Histories: Western Europe since 1800*. London: Routledge, 1999.
- SULLIVAN, Robert E. *Macaulay: the Tragedy of Power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SWEET, Rosemary. *Antiquaries: the Discovery of the Past in Eighteenth-century Britain*. London: Hambledon and London, 2004.
- THE POPULAR Scottish Biography: Being Lives of Eminent Scotsmen*. Partes 1-8. Edinburgh: The Edinburgh Printing and Publishing Co, 1841.
- TOLEDO JR., Antonio Carlos de. Variola: a morte da grande assassina. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Pragas e epidemias: histórias de doenças infecciosas*. Belo Horizonte: Folium, 2006, p. 17-31.

- TREVELYAN, George Otto. *The Life and Letters of Lord Macaulay*. Volume II. London: Longmans, Green, and Co., 1876.
- TURIN, Rodrigo . *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERj, 2013.
- VAN SANT, Ann Jessie. *Eighteenth-century Sensibility and the Novel: the Senses in Social Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- VARELA, Alex Gonçalves; LOPES, Maria Margaret; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As atividades do naturalista José Bonifácio de Andrada e Silva em sua 'fase portuguesa' (1780-1819). *História, ciência, saúde – Manguinhos*, v.11, n.3, 2011, p. 685-711. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000300008>.
- VARELLA, Flávia Florentino. Reviver ou reunir o passado?: Um novo enquadramento da proposta historiográfica de Robert Southey. *História Unisinos*, v. 18, p. 589-600, 2014.
- \_\_\_\_\_. Ver e tocar o passado: emoção e sentimento na *História do Brasil* de John Armitage. *História da Historiografia*, n. 8, 2012.
- \_\_\_\_\_. O comércio civiliza, Portugal oprime a *História do Brasil* de John Armitage. e a linguagem do humanismo comercial. *Varia Historia*, v. 29, n. 50, p. 477-490, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Sine ira et Studio*: retórica, tempo e verdade na historiografia de Tácito, *História da Historiografia*, n. 1, 2008.
- WHALLEY, George. Coleridge and Southey in Bristol, 1795. *The Review of English Studies*, New Series, v. 1, n. 4, 1950, p. 324-340.
- WATT, James. *Contesting the Gothic: Fiction, Genre and Cultural Conflict, 1764–1832*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WEBB, R. K. Religion, In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British Culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- WINCH, Donald. Political economy. In: McCALMAN, Iain (ed.). *An Oxford Companion to the Romantic Age: British Culture 1776-1832*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- WHITEHEAD, Neil L. South America/Amazonia: the forest of marvels. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 122-138.

- WOHLGEMUT, Esther. Southey, Macaulay and the idea of a picturesque history, *Romanticism on the Net*, n. 32-33, 2003-2004. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/ron/2004/v/n32-33/009261ar.html>. Acesso em 28 out. 2012.
- WOMERSLEY, D. J. The Historical Writings of William Robertson. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 47, No. 3 (Jul. - Sep., 1986), p. 497-506.
- WRIGHT, C. E. Manuscripts and Papers of Robert Southey. *The British Museum Quarterly*, Vol. 19, No. 2 (Sep., 1954), p. 32-33.
- YOUNGS, Tim. *The Cambridge Introduction to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. *Linha de fé: a Companhia de Jesus e a escravidão no processo de formação da sociedade colonial (Brasil, séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp, 2011.

## APÊNDICE I

### OBRAS DE ROBERT SOUTHEY<sup>549</sup>

#### 1. Coletânea de poemas

1795: *Poems: containing the Retrospect, Odes, Elegies, Sonnets, etc*<sup>550</sup>

1797: *Poems*

1799: *Poems*<sup>551</sup>

1805: *Metrical Tales and Other Poems*

1815: *The Minor Poems*

1829: *Poetical Works of Robert Southey, complete in one volume*

1831: *Selections From the Poems of Robert Southey*

1837-1838: *The Poetical Works of Robert Southey, collected by himself*

#### 2. Poemas avulso

1794: *The Fall of Robespierre, an Historic Drama*<sup>552</sup>

1796: *Joan of Arc, an Epic Poem*

1801: *Thalaba the Destroyer, a Metrical Romance*

1805: *Madoc*

1810: *The Curse of Kehama, a Romance in Rhyme, Founded upon the Hindu Mythology*

1814: *Carmen Triumphale, for the Commencement of the Year*

1814: *Odes to his Royal Highness the Prince Regent, his Imperial Majesty the Emperor of Russia, and his Majesty the King of Prussia*

1814: *Roderick, the Last of the Goths*

1816: *The Lay of the Laureate. Carmen Nuptiale*

1816: *The Poet's Pilgrimage to Waterloo*

1817: *Wat Tyler, a Dramatic Poem*

1821: *A Vision of Judgement*

1825: *A Tale of Paraguay*

1829: *All for Love; and The Pilgrim to Compostella*

1830: *The Devil's Walk, a Poem*<sup>553</sup>

1845: *Oliver Newman: a New-England Tale; with other poetical remains*

1847: *Robin Hood: a Fragment*<sup>554</sup>

#### 3. Prosa

1797: *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal, With Some Account of Spanish and Portuguese Poetry*<sup>555</sup>

1807: *Letters from England, by Don Manuel Alvarez Espriella (i.e. Southey)*

---

<sup>549</sup> Listagem retirada de GEORGE SAINTSBURY, 2000; CABRAL, 1959: 493-501. Existem reimpressões de várias das obras citadas, porém, optei por indicar apenas a data da primeira edição tendo em vista o objetivo de apresentar uma lista das obras publicadas de Southey. Existe também uma vasta correspondência epistolar que não incluí no levantamento.

<sup>550</sup> Em parceria com Robert Lovell.

<sup>551</sup> O primeiro volume é reedição do *Poems*, de 1797, e o segundo é inédito.

<sup>552</sup> Primeiro ato escrito por Samuel Coleridge e segundo e terceiro atos por Southey.

<sup>553</sup> Escrito em parceria com Samuel Coleridge.

<sup>554</sup> Escrito em parceria com Caroline Southey.

<sup>555</sup> A segunda edição deste livro, de 1799, foi publicada com o título *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* e a terceira edição, de 1808, com o título *Letters Written During a Journey in Spain, and a Short Residence in Portugal*. Ambas as edições contêm alterações significativas, mas por serem reedições preferi deixar apenas uma entrada para a obra. Sobre as mudanças realizadas, ver CABRAL, 1959: 222-228.

- 1810: *History of Brazil, vol. 1*  
 1812: *Omniana, or Horae Otiosiores*<sup>556</sup>  
 1812: *The Origin, Nature and Object of the New System of Education*  
 1813: *An Exposure of the Misrepresentations and Calumnies in Mr. March's Review of Sir George Barlow's Administration at Madras*  
 1813: *The Life of Nelson*  
 1817: *A Letter to William Smith, Esq., M.P., from R. Southey*  
 1817: *History of Brazil, vol. 2*  
 1819: *History of Brazil, vol. 3*  
 1820: *The Life of Wesley and the Rise and Progress of Methodism*  
 1821: *The Expedition of Orsua, and the Crimes of Aguirre*  
 1821: *The Life of Oliver Cromwell*  
 1823: *History of the Peninsular War, vol. 1*  
 1824: *The Book of the Church*  
 1826: *Vindiciae Ecclesiae Anglicanae: Letters to C. Butler, Esq. comprising Essays on the Romish Religion and Vindicating The Book of the Church*  
 1827: *History of the Peninsular War, vol. 2*  
 1829: *Sir Thomas More: or, Colloquies on the Progress and Prospects of Society*  
 1832: *Selections from the Prose Works of Robert Southey, Chiefly for the Use of Schools and Young Persons*  
 1832: *Essays, Moral and Political*  
 1832: *History of the Peninsular War, vol. 3*  
 1833: *Lives of the British Admirals, with an Introductory View of the Naval History of England, vol. 1 e 2*  
 1833: *Letter to John Murray, Esq., 'Touching' Lord Nugent*  
 1834: *Lives of the British Admirals, with an Introductory View of the Naval History of England, vol. 3*  
 1834: *The Doctor, vol. 1 e 2*  
 1835: *The Doctor, vol. 3*  
 1837: *Lives of the British Admirals, with an Introductory View of the Naval History of England, vol. 4*  
 1834: *The Doctor, vol. 4*  
 1838: *The Doctor, vol. 5*  
 1840: *Lives of the British Admirals, with an Introductory View of the Naval History of England, vol. 5*<sup>557</sup>  
 1844: *The Life of the Reverend Andrew Bell, Comprising the History of the Rise and Progress of the System of Mutual Tuition, vol. 1*  
 1844: *Select Biographies, Cromwell and Bunyan*  
 1847: *The Doctor, vol. 6 e 7*  
 1849: *Common Place Book, vol. 1e 2*  
 1850: *Common Place Book, vol. 3*  
 1851: *Common Place Book, vol. 4*  
 1852: *Review of Churchill's Poems*  
 1903: *Journal of a Tour in the Netherlands in the Autumn of 1815*  
 1929: *Journal of a Tour in Scotland in 1819*  
 1959: *Journal of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838*

---

<sup>556</sup> Escrita em parceria com Samuel Coleridge.

<sup>557</sup> Volume finalizado por Robert Bell.

#### 4. Traduções

1797: *On the French Revolution*, vol. 2

1803: *Amadis of Gaul, from the Spanish Version of Garciordonez de Montalvo*

1807: *Palmerin of England*

1808: *Chronicle of the Cid, from the Spanish*

#### 5. Edições e anotações de obras

1799: *The Annual Anthology*, vol 1

1800: *The Annual Anthology*, vol 2

1803: *The Works of Thomas Chatterton*<sup>558</sup>

1807: *Specimens of the Later English Poets*

1807: *The remains of H. K. White, with an account of his life* by R. Southey

1809: *The Geographical, Natural, and Civil History of Chili*, por Juan Ignatius de Molina

1817: *The Byrth, Lyf, and Actes of Kyng Arthur, with an Introduction and Notes* by R. Southey

1830: *The Pilgrim's Progress, with a Life John Bunyan* by R. Southey

1831: *Attempts in Verse, by John Jones, an Old Servant: With some account of the Writer Written by Himself, and an Introductory Essay on the Lives and Works of our Uneducated Poets*, by R. Southey, Poet Laureate

1831: *Select Works of the British Poets, from Chaucer to Johnson, With Biographical Sketches*, by R. Southey

1834: *Horae Liricae* by Isaac Watts, *With a Memoir of the Author*

1835: *The Life and Works of William Cowper*, vol. 1

1836: *The Life and Works of William Cowper*, vol. 2 ao 9

1837: *The Life and Works of William Cowper*, vol. 10 ao 15

---

<sup>558</sup> Editoria partilhada com Joseph Cottle.



APÊNDICE II<sup>559</sup>

PUBLICAÇÕES DE ROBERT SOUTHEY EM PERIÓDICOS

*THE MONTHLY MAGAZINE AND BRITISH REGISTER (1796-1800)*<sup>560</sup>

**VOLUME 2 (1796)**

1. On the Poetry of Spain and Portugal, p. 451-453.
3. On the Poetry of Spain and Portugal, 697-700.
4. Observations on Mr. Mickle's *Lusiad* with the Portuguese Criticism on that Translation, p. 787-789.
5. On the Poetry of Spain and Portugal, p. 889-862.

**VOLUME 3 (1797)**

6. Continuation of the Remarks on the Poetry of Spain and Portugal, p. 270-272.

**VOLUME 4 (1797)**

7. On Bartholomeo Leonardo, p. 26-29.
8. Carta falando sobre a prisão de seu irmão na França, p. 87-88.
9. On Mickle's translation of *The Lusiad*, p. 98-100.

**VOLUME 5 (1798)**

10. Carta corrigindo alguns erros em artigos anteriores, p. 11-12.
11. On the Poetry of Spain, p. 275-276.

**VOLUME 8 (1799)**

12. On the Pilfering of Chatterton's paper, p. 770-772.

*THE CRITICAL REVIEW OR ANNALS OF LITERATURE (1798-1799 E 1801-1806)*

**VOLUME 22 (1798)**

1. *Inez, a tragedy*. Charles Symmons, p. 326-328.

**VOLUME 24 (1798)**

2. *A General view of the State of Portugal; containing a Topographical Description thereof. In which are included, an Account of the Physical and Moral State of the Kingdom; together with Observations on the Animal, Vegetable, and Mineral Productions of its Colonies. The Whole compiled from the best Portuguese Writers, and from Notices obtained in the Country. Illustrated with Plates. 4to.*, de James Murphy, p. 25-33;
3. *Lyrical Ballads, with a few other Poems*. William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, p. 197-204.

---

<sup>559</sup> Para a composição deste apêndice foram utilizados os seguintes estudos: HAVENS, 1932; CUTMORE, 2008; CABRAL, 1959 e as indicações sobre a publicação no *Athenaeum* no *Collected Letters of Robert Southey*. São indicados apenas os textos em prosa. Os títulos dos livros são apresentados, quando possível, conforme aparecem nas recensões. Os livros em que a autoria não aparece é porque foram publicados anonimamente ou utilizando um nome genérico, como *Gentleman*. Nesses casos, preferi acrescentar o nome do autor caso fosse fornecido nas referências consultadas.

<sup>560</sup> Essas contribuições foram feitas em forma de carta ao editor.

**VOLUME 26 (1799)**

4. *Gebir; a Poem, in seven Books*. Walter Savage Landor, p. 29-39.

**VOLUME 31 (1801)**

5. *Alfred: an Epic Poem in twenty-four books*. Joseph Cottle, p. 160-171.

**VOLUME 32 (1801)**

6. *An Account of Travel into the Interior of Southern Africa, in the Year 1797 and 1798: including cursory Observations on the Geology and Geography of the Southern Part of that Continent; the Natural History of such Objects as occurred in the Animal, Vegetable, and Mineral Kingdoms; and Sketches of the Physical and Moral Characters of the various Tribes of Inhabitants surrounding the Settlement of the Cape of Good Hope. To which is annexed, a Description of the present State, Population, and Produce of that extensive Colony; with a Map, constructed entirely from actual Observations made in the course of the Travel*. John Barrow, p. 248-258;

7. *The First Voyage round the World, by the Chevalier Pigafetta, which the Squadron of Magellan, during the Year 1519, 20, 21, and 22; followed by an Extract of the Treatise of Navigation, by the same Author, and a Dissertation on Martin Behaim, with a Description of his Terrestrial Globe. With Maps and Prints*, p. 481-490.

**VOLUME 33 (1801)**

8. *Anthology of Spanish poetry*. Ravizotti, p. 235-5.<sup>561</sup>

**VOLUME 34 (1802)**

9. *Alfred, an Epic Poem*. Henry James Pye, p. 365.

**VOLUME 35 (1802)**

10. *Science reviewed, or the Vision of Alfred; a Poem in Eight Books*. Joseph Sympson, p. 39-52.

**VOLUME 36 (1802)**

11. *Poesias del Conde de Noroña*. Gaspar Maria de la Nava Alvarez, Conde de Norona, p. 538-548.

**VOLUME 37 (1803)**

12. *A Political Essay on the Commerce of Portugal and her Colonies, particularly of Brasil in South America*. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, p. 226.

**VOLUME 38 (1803)**

13. *Travels in Portugal, and Through France and Spain. With a Dissertation on the Literature of Portugal, and the Spanish and Portuguese Language*. Henry Frederick Link, p. 157-168.

**VOLUME 1 (1804)**

14. *A Chronological History of the Discoveries in the South Sea or Pacific Ocean. Part I. Commencing with an Account of the earliest Discovery of that Sea by Europeans, and terminating with the Voyage of Sir Francis Drake, in 1579. Illustrated with Charts. John Burney's Discoveries*, p. 121-130;

---

<sup>561</sup> Não consegui identificar a referência completa do livro e nem o número da *Critical Review*.

15. *The Progress of Maritime Discovery, from the earliest Period to the Close of the Eighteenth Century. Forming an extensive System of Hydrography.* James Stanier Clarke, p. 241-250.

#### **VOLUME 2 (1804)**

16. *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with Remarks on his Life and Writings, Notes etc, etc.* Lord Viscount Strangford, p. 330-335;

17. *The Progress of Maritime Discovery, from the earliest Period to the Close of the Eighteenth Century. Forming an extensive System of Hydrography.* James Stanier Clarke, p. 296-305.

#### **VOLUME 4 (1805)**

18. *Narrative of a voyage to Brasil.* Thomas Lindley, p. 193-194;

19. *An Account of the Cape of Good Hope, etc with a View of the political and commercial Advantages which might be derived from its Possession by Great Britain.* Robert Percival, p. 375-383;

20. *Dissertação histórica e crítica sobre as Representações Theatrais.* Francisco Lourenço Roussado, p. 467-470;<sup>562</sup>

21. *Dissertação sobre os Deveres dos Juizes.* John Filippe de Cruz, p. 484-489.

#### **VOLUME 5 (1805)**

22. *O Soldado Português,* p. 501-504.

#### **VOLUME 6 (1805)**

23. *A Voyage round the World, in the Years 1800, 1801, 1802, 1803, and 1804, in which the Author visited the principal Islands in the Pacific Ocean, and the English Settlement of Port Jackson and Norfolk Island.* John Turnbull, p. 337-347.<sup>563</sup>

#### **VOLUME 9 (1806)**

24. *A Voyage to Cochinchina, in the years 1792 and 1793: containing a general View of the valuable Productions and the Political Importance of this flourishing Kingdom; and also of such European Settlements as were visited on the Voyage: with Sketches of the Manners, Character, and Condition of their several Inhabitants. To which is annexed, an Account of a Journey made in the Years 1801 and 1802, to the Residence of the Chief of the Booshuana Nation, being the remotest Point in the Interior of Southern Africa to which Europeans have hitherto penetrated. The Facts and Descriptions taken from a Manuscript Journal. With Chart of the Route.* John Barrow, p. 21-38;

25. *Some Account of the Life and Writings of Lopes Felix de Vega Carpio.* Henry Richard, Lord Holland, p. 191-205.

---

<sup>562</sup> É difícil precisar se a resenha trata-se da obra original ou de uma possível tradução para o inglês, pois ambos os títulos, em inglês e português, aparecerem na resenha. O mesmo vale para o *Dissertação sobre os Deveres dos Juizes* e o *O Soldado Português*.

<sup>563</sup> Cabral indica que a obra seria *Circumnavigation*, porém encontrei informações diferentes no original. Cf.:

[https://books.google.com.br/books?id=9xcFAAAAYAAJ&pg=PA556&dq=Turnbull+voyage+around+the+world+critical+review&hl=pt-BR&sa=X&ei=49bcVK\\_LJYqzggSggoOIDA&ved=0CCUQ6AEwAA#v=onepage&q=Turnbull%20voyage%20around%20the%20world%20critical%20review&f=false](https://books.google.com.br/books?id=9xcFAAAAYAAJ&pg=PA556&dq=Turnbull+voyage+around+the+world+critical+review&hl=pt-BR&sa=X&ei=49bcVK_LJYqzggSggoOIDA&ved=0CCUQ6AEwAA#v=onepage&q=Turnbull%20voyage%20around%20the%20world%20critical%20review&f=false). Acesso em: 12 fev. 2015.

**VOLUME 1 (1802)**

Chapter I – Voyages and Travels

1. *An Account of a Geographical and Astronomical Expedition to the Northern Parts of Russia, By Commodore Billings, in the Years 1785 to 1794. The whole narrated from original papers.* Martin Sauer, p. 7-17
2. *Voyages from Montreal, on the River St. Laurence, through the Continent of North America, to the Frozen and Pacific Oceans, in the Years 1785 and 1798; with a preliminary Account of the Rise, Progress, and present State of the Fur Trade of that Country: illustrated by Maps.* Alexander Mackenzie, p. 18-30.
3. *Travels in Spain, in 1797 and 1798.* Frederick Augustus Fischer, p. 35-43.
4. *Travels in Sweden, Finland, and Lapland, to the North Cape.* Joseph Acerbi, p. 45-56.
5. *Travels in the Crimea. A History of the Embassy from Petersburg to Constantinople, in 1793, including their Journey through Kremenschuck, Oczakow, Walachia, and Moldavia; with their reception at the Court of Selim the Third.* Johann Christian von Struve, p. 57-62.
6. *Travels in the Southern Provinces of the Russian Empire, in the Years 1793 and 1794.* Peter Simon Pallas, p. 66-73.
7. *Travels in the Ottoman Empire, undertaken by Order of the Government of France, during the first six Years of the Republic.* Guillaume Antoine Oliver, p. 89-101.

Chapter X – Belles Lettres and Miscellanies

8. *Minstrelsy of the Scottish Border: consisting of historical and romantic Ballads, collected in the southern Counties of Scotland; with a few of modern Date founded upon local Tradition.* Walter Scott, p. 635-643.
9. *Poems.* Francis Wrangham, p. 655-657.
10. *Poetry.* Walter Savage Landor, p. 663-666.

**VOLUME 2 (1803)**

Chapter I – Voyages and Travels

11. *A Chronological History of the Discoveries, in the South Sea or Pacific Ocean. Part I. Commencing with an Account of the earliest Discovery of that Sea by Europeans, and terminating with the Voyage of Sir Francis Drake.* James Burney, p. 3-12.
12. *The Progress of maritime Discovery, from the Earliest Period to the Close of the Eighteenth Century: forming an extensive System of Hydrography.* James Stanier Clarke, p. 12-20.
13. *A Journal of Travels in Barbary, in the Year 1801.* James Curtis, p. 20-23.
14. *A Voyage in the Indian Ocean, and to Bengal, undertaken in the Years 1789 and 1790.* Louis Marie Joseph Ohier de Grandpré, p. 48-54.
15. *Travels of Four Years and a Half, in the United States of America, during 1798, 1799, 1800, 1801, 1802. Dedicated by Permission to Thomas Jefferson, Esq. President of the United States.* John Davis, p. 54-59.
16. *Journals of Travel in Parts of the late Austrian Low Countries, France, the Pays de Vaud, and Tuscany, in 1787 and 1789.* Lochart Muirhead, p. 59-63.

17. *A Non-Military Journal; or, Observations made in Egypt, by an Officer upon the Staff of the British Army: describing the Country, its Inhabitants, their Manners, and Customs*, p. 63-66.

18. *Travels in Turkey, Asia-Minor, Syria, and across the Desert into Egypt, during the Years 1799, 1800, and 1801*. William Wittman, p. 66-71.

#### Chapter II – Theology and Ecclesiastical Affairs

19. *Transactions of the Missionary Society*, p. 189-201.

20. *A Chronological History of the People called Methodists, of the Connexion of the late Rev. John Wesley; from their Rise in the Year 1729. to their last Conference in 1802*. William Myles, p. 201-213.

#### Chapter III – History, Politics and Statistics

21. *An Essay on the Principles of Population; or a View of its past and present Effects on human Happiness*. Thomas Malthus, p. 292-301.

#### Chapter IX – Biography

22. *Life of Geoffrey Chaucer, the early English Poet, including Memoirs of his near Friend and Kinsman, John of Gaunt, Duke of Lancaster, etc.* William Godwin, p. 463-473.

#### Chapter X – Poetry

23. *Ancient English Romances, selected and published*. Joseph Ritson, p. 515-533.

24. *Minstrelsy of the Scottish Border: consisting of historical and romantic Ballads, collected in the southern Counties of Scotland; with a few of modern Date founded upon local Tradition*. Walter Scott, p. 533-538.

25. *The Poetical Works of the late Thomas Warton, B. D. Fellow of Trinity College, Oxford, and Poet-Laureat. Fifth Edition, corrected and enlarged. To which are now added, Inscriptionum Romanorum Delectus, and an Inaugural Speech etc; together with Memoirs of his Life and Writings, and Notes critical and explanatory*. Richard Mant, p. 543-546.

26. *Poems*. Peter Bayley, p. 546-552.

27. *Clifton Grove, a Sketch in Verse, with other Poems*. Henry Kirk White, p. 552-554.

28. *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens; with Remarks on his Writings, Notes, etc.* Lord Viscount Strangford, p. 569-579.

29. *Works of Richard Owen Cambridge, Esq. with an Account of his Life and Character*. George Owen Cambridge, p. 583-585.

### **VOLUME 3 (1804)**

#### Chapter I – Voyages and Travels

30. *An Account of Travels into the Interior of Southern Africa. In which is considered, the Importance of the Cape of Good Hope to the different European Powers, as a naval and military Station; as a Point of Security to our Indian Trade and Settlements during*

*a War, and as a territorial Acquisition and commercia Emporium in Time of Peace.* John Barrow, p. 22-33.

31. *An Account of the Cape of Good Hope.* Capitão Robert Percival, p. 34-41.

22. *A Tour through the British West Indies in the Years 1802 and 1803, giving a particular Account of the Bahama Isles.* Daniel M'Kinnen, p. 50-56.

33. *Travels in China, containing Descriptions, Observations and Comparisons, made and collected in the Course of a short Residence at the Imperial Palace of Yuen-min-Yuen, and on a subsequent Journey through the Country from Pekin to Canton.* John Barrow, p. 69-83.

### Chapter III – History and Politics

34. *Sir John Froissart's Chronicles of England, France, and the adjoining Countries, from the latter Part of the Reign of Edward II. To the Coronation of Henry IV.: newly translated from the best French Edition; with Variations and Additions from many celebrated Manuscripts.* Thomas Johnes, p. 189-194.

35. *History of Canada, from its first Discovery, comprehending an Account of the original Establishment of the Colony of Lousiana.* George Heriot, p. 194-197.

36. *Part the First of an Address, from the Society for the Suppression of Vice, instituted in London, in 1802, setting forth, with a List of its Members, the Utility and Necessity of such an Association, and its Claim to public Support,* p. 225-231.

### Chapter V – British Topography and Antiquities

37. *Antiquities of Ireland.* Edward Ledwich, p. 398-413.

### Chapter VIII – Biography

38. *Original Correspondence of Jean Jacques Rousseau, with Mad. La Tour De Franqueville, and M. Du Peyron, late Burgher of Neufchatel. Translated from the French,* p. 485-488.

39. *Memoirs of the Life of Darwin, chiefly during his Residence at Lichfield; with Anecdotes of his Friends, and Criticisms on his Writings.* Anna Seward, p. 488-493.

40. *Lives of the Scotch Poets; with preliminary Dissertations on the Literary History of Scotland, and the early Scotch Drama.* David Irving, p. 490-499.

### Chapter X – Poetry

41. *Sir Tristram: a metrical Romance of the thirteenth Century. By Thomas of Ercildoune, called the Rhymer. Edited from the Auchinleck MS.* Walter Scott, p. 555-563.

42. *Poems.* Charles A. Elton, p. 564-566.

43. *The Shepherd's Boy; being pastoral Tales.* William Day, p. 567-568.

44. *The Poet's Day, or Imagination's Ramble, a Poem, in four Books; with an Eulogy on Britain; its Religion, Laws, and Liberties.* E. Warren, p. 568.

45. *Cupid turned Volunteer, in a series of coloured Prints, engraved by Gardiner, with poetical Illustrations.* Park, p. 568-570.

46. *Original Poems.* Thomas Green Fessendent, p. 571.

47. *The Powers of Genius; a Poem, in three Parts.* John Blair Lynn, p. 571.

48. *Good Tidings; or, News from the Farm. A Poem.* Robert Bloomfield, p. 574.

49. *Year of Sorrow, written in the Spring of 1802.* W. R. Spenser, p. 574-575.

50. *British Purity; or the World we live in; a poetic Tale of two Centuries,* p. 575.

51. *The Shipwreck, a Poem, by William Falconer, a Sailor. The Book illustrated by additional Notes, and corrected from the first and second Editions; with a Life of the Author.* James Stanier Clarke, p. 577-580.
52. *The Poetical Works of Charles Churchill, with explanatory Notes, and an authentic account of his Life, now first published,* p. 580-585.
53. *Invasion, a descriptive and satirical Poem.* J. Amphett, p. 585.
54. *Poems, sacred, moral, and descriptive: to which are added four Essays.* Joseph Jefferson, p. 586-587.
55. *The Grampians desolate; a Poem.* Alexander Campbell, p. 587-591.
56. *Lewesdon Hill, considerably enlarged: with other Poems; by The Rev. Wm. Crowe, of New College, LL.B. Public Orator to the University of Oxford.* p. 593-594.
57. *Wallace ; or the Vale of Ellerslie, with other Poems.* John Finlay, p. 594-596.
58. *Love Letters to my Wife; written in the year 1789.* James Woodhouse, p. 596.

## Chapter XII – Miscellanies

59. *Transactions of the Missionary Society,* p. 621-634.
60. *Celtic Researches, on the Origin, Traditions, and Language of the ancient Britons, with some introductory Sketches on primitive Society.* Edward Davies, p. 624-644.
61. *Addressed to the serious Consideration of the Peers. No Slaves, No Sugar: containing new and irresistible Arguments in favour of the African Trade.* Um comerciante de Liverpool. p. 644-648.
62. *Indian Recreation.* Rev. W. Tennant, p. 658-670.
63. *Essays, literary, political, and economical.* John Gardiner, p. 670-674.

## Chapter XXI – Architecture and Fine Arts

64. *Heads, from M. Angelo and Raffaello.* Richard Duppa, p. 918-923.

## **VOLUME 4 (1805)**

### Chapter I – Voyages and Travels

65. *Travels to Discover the Source of the Nile, in the Years 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, and 1773.* James Bruce, p. 2-16.
66. *Narrative of the Voyage to Brasil; terminating in the Seizure of a British Vessel, and the Imprisonment of the Author and the Ship's Crew, by the Portuguese, With General Sketches of the Country, its Natural Productions, Colonial Inhabitants, etc and a Description of the City and Provinces of St. Salvadore and Porto Seguro. To which are added, a correct Table of the Latitude and Longitude of the Ports on the Coast of Brasil, Table of Exchange, etc.* Thomas Lindley, p. 27-32.
67. *The Present State of Peru; comprising its Geography, Topography, Natural History, Mineralogy, Commerce, the Customs and Manners of its Inhabitants, the State of Literature, Philosophy, and the Arts, the modern Travels of the Missionaries in the heretofore unexplored mountainous Territories, etc, etc, the Whole drawn from original and authentic Documents, chiefly written and compiled in the Peruvian Capital and embellished by Twenty Engravings of Costumes, etc.* p. 49-60.
68. *Travels in Europe, Asia Minor, and Arabia.* J. Griffiths, p. 67-77.
69. *Naufragia; or Historical Memoirs of Shipwrecks, and of the Providential Deliverance of Vessels.* James Stanier Clarke, p. 99-100.

## Chapter VIII – Biography

70. *The Life and Pontificate of Leo the Tenth*. William Roscoe, p. 449-467.
71. *The Life of Sir Walter Raleigh, Knt.* Arthur Cayley, p. 477-483.
72. *Original Anecdotes of Frederick the Second, King of Prussia, and of his Family, his Count, his Ministers, his Academies, and his literary Friends: collected during a familiar Intercourse of Twenty Years with that Prince*. Dieudonne Thiebault, p. 488-495.
73. *Memoirs of Angelus Politianus, Joannes Picus of Mirandula, Actius Sincerus Sannazarius, Petrus Bembus, Hieronymus Fracastorius, Marcus Antonius Flaminius, and the Amalthei: Translations from their poetical Works: and Notes and Observations concerning other literary Characters of the fifteenth and sixteenth Centuries*. Parr Greswell, p. 509-515.

## Chapter IX – Poetry

74. *Specimens of early English Metrical Romances, chiefly written during the early Part of the fourteenth Century; to which is prefixed and historical Introduction, intended to illustrate the Rise and Progress of romantic Composition in France and England*. George Ellis, p. 536-544.
75. *The Works of Edmund Spenser. In eight Volumes. With the principal Illustrations of various Commentators. To which are added, Notes, some Account of the Life of Spenser, and a glossarial, and other Indexes*. Henry John Todd, p. 544-555.
76. *The Spirit of Discovery; or the Conquest of Ocean. A Poem in five Books: with Notes, historical and illustrative*. Rev. William Lisle Bowles p. 568-573.
77. *Ballads*. William Hayley, p. 575-576.
78. *The Penance of Hugo, a Vision on the French Revolution. In the Manner of Dante. In four Cantos. Written on the Occasion of the Death of Nicola Hugo de Basseville, Envoy of Vicenzo Monti into English Verse. With two additional Cantos*. Rev. Henry Boyd, p. 581-588.

## Chapter XII - Metaphysics, Philology, and Criticism

79. *Report of the Committee of the Highland Society of Scotland, appointed to Inquire into the nature and Authenticity of the Poems of Ossian. Drawn up, according to the Directions of the Committee*. Henry Mackenzie, p. 679-699.

## **VOLUME 5 (1806)**

### Chapter I – Voyages and Travels

80. *A Voyage to Cochinchina, in the years 1792 and 1793: containing a general View of the valuable Productions and the Political Importance of this flourishing Kingdom; and also of such European Settlements as were visited on the Voyage: with Sketches of the Manners, Character, and Condition of their several Inhabitants. To which is annexed, an Account of a Journey made in the Years 1801 and 1802, to the Residence of the Chief of the Booshuana Nation, being the remotest Point in the Interior of Southern Africa to which Europeans have hitherto penetrated. The Facts and Descriptions taken from a Manuscript Journal. With Chart of the Route*. John Barrow, p. 2-16.



81. *A Chronological History of the Voyages and Discoveries in the South Sea or Pacific Ocean. Pat II. From the Year 1759, to the Year 1620. Illustrated with Charts and other Plates.* James. Burney, p. 16-30.

82. *Naufragia; or Historical Memoirs of Shipwrecks, and of the providential Deliverance of Vessels.* James Stanier Clarke, p. 71-72.

#### Chapter VII – Biography

83. *Some Account of the Life and Writings of Lope Felix de Vega Carpio.* Henry Richard, de Lord Holland, p. 397-411.

#### Chapter IX – Poetry

84. *Ballads and Lyrical Pieces.* Walter Scott, p. 494-497.

### **VOLUME 6 (1807)**

#### Chapter I – Voyages and Travels

85. *A Journey from Madras through the Countries of Mysore, Canara, and Malabar, performed under the Orders of the most noble the Marquis Wellesley, Governor General of India, for the express Purpose of investigating the State of Agriculture, Arts, and Commerce; the Religion, Manners, and Customs; the History natural and civil, and Antiquities, in the Dominions of the Rajah of Mysore, and the Countries acquired by the Honourable East India company, in the late and former Wars, from Tippoo Sultaan.* Francis Buchanan, p. 49-61.

86. *The Oriental Voyager; or, descriptive Sketches and cursory Remarks, on A Voyage to India and China, in his Majesty's Ship Caroline, performed in the Years 1803-4-5-6. Interspersed with Extracts from the best modern Voyage and Travels. The Whole intended to exhibit a topographical and picturesque Sketch of all the principal Places which are annually or occasionally visited by our East India and China Fleets. The Routes to and from India, illustrated by the Tracks of his Majesty's Skips Caroline and Medusa, correctly set off on a Chart, extending from the British Isles to Canton.* James Johnson, p. 66-71.

87. *Travels in South America, during the Years 1801, 1802, 1803 and 1804; containing a Description of the Captain-Generalship of Caraccas, and an Account of the Discovery, Conquest, Topography, Legislature, Commerce, Finance, and Natural Productions of the Country; with a View of the Manners and Customs of the Spaniards and the native Indians.* François Raymond Joseph de Pons, p. 71-87.

88. *Observations on a Journey through Spain and Italy to Naples; and thence to Smyrna and Constantinople; comprising a Description of the principal Places in that Route, and Remarks on the present Natural and Political State of those Countries.* Robert Semple, p. 118-130.

#### Chapter III – History and Politics

89. *An History of Jamaica. With Observations on the Climate, Scenery, Trade, Productions, Negroes, Slave Trade, Diseases of Europeans, Customs, manners and Dispositions of the Inhabitants. To which is added, an Illustration of the Advantages which are likely to result from the Abolition of the Slave Trade.* Robert Renny, p. 254-260.

90. *History of the Viceroyalty of Buenos Ayres*, de Samuel Hull Wilcocke, p. 260-263.  
91. *A Political Account of the Island of Trinidad, from its Conquests By Sir Ralph Abercromby, in the Year 1797, to the present Time, in a Letter to his Grace the Duke of Portland*, p. 263-266.

#### Chapter VI – Biography and Anecdotes

92. *Some Account of the Public Life, and a Selection from the unpublished Writings of the Earl of Macartney*. John Barrow, p. 427-437.

#### Chapter VIII – Poetry

93. *Music; a Didactic Poem. Translated from the Spanish of Don Tomas de Yriarte*. John Belfour, p. 575-580.

#### Chapter IX – Drama

94. *Three Comedies, translated from the Spanish*, p. 589-592.

#### Chapter X – Miscellanies

95. *Specimens of English Prose Writers, from the earliest Times to the Close of the Seventeenth century, with Sketches biographical and literary, including an Account of Books, as well as of their Authors; with occasional Criticism, etc.* George Burnett, p. 618-631.

### **VOLUME 7 (1808)**

#### Chapter I – Voyages and Travels

96. *Characteristical Views of the past and present State of the People of Spain and Italy*. John Andrews, p. 56.  
97. *Tour through Spain and part of Portugal, with commercial, statistical, and geographical details*, p. 56-57.  
98. *A Picture of Madrid taken on the Spot*. Christian Augustus Fischer, p. 57-60.

#### Chapter V – History and Politics

99. *The History of Rise, Progress and Accomplishment of the Abolition of the African Slave-Trade by the British Parliament*. Thomas Clarkson, p. 127-148.  
100. *Report of the Committee of the African Institution, read to the General Meeting on the 15<sup>th</sup> July, 1807, together with the Rules and Regulations which were then adopted for the Government of the Society*, p. 149-152.  
101. *Account of Jamaica and its Inhabitants*. John Stewart, p. 152-155.  
102. *Memoir of the Mosquito Territory, as respecting the Voluntary cession of it to the Crown of Great Britain: pointing out some of the many advantages to be derived from the occupation of that Country; more especially after our ill Success at Buenos Ayres, as set forth in a Memorial presented to the Right Hon. Lord Castlereagh, Secretary of State for the Colonies, &c.* John Wright, p. 155-157.

103. *Notes on the Viceroyalty of La Plata, in South America; with a Sketch of the Manners and Character of the Inhabitants, collected during a Residence in the city of Monte Video*, p. 157-162.

#### Chapter VI – Biographies and Anecdotes

104. *Universal Biography: containing a copious Account, critical and historical, of the Life and Character, Labors and Actions of Eminent Persons, in All Ages and Countries, Conditions and Professions, arranged in alphabetical Order*. John Lempriere, p. 205-209.

#### *EDINBURGH ANNUAL REGISTER (1810-1813)*

##### **VOLUME 1 (1810)**

The History of Europe in 1808.

##### **VOLUME 2 (1811)**

The History of Europe in 1809.

##### **VOLUME 3 (1812)**

The History of Europe in 1810.

##### **VOLUME 4 (1813)**

The History of Europe in 1811.

#### *THE ATHENÆUM, A MAGAZINE OF LITERARY AND MISCELLANEOUS INFORMATION (1807-1809)*<sup>564</sup>

##### **VOLUME 1 NÚMERO 4 (1807)**

1. To the Editor of the Athenæum, p. 350.

##### **VOLUME 2 NÚMERO 7 (1807)**

2. An Early Tour to the Lakes: to the Editor of the Athenæum, p. 25-27.

##### **VOLUME 3 NÚMERO 13 (1808)**

3. Critical Misrepresentation: to the Editor of the Athenæum, p. 1-2.

##### **VOLUME 3, NÚMERO 15 (1808)**

4. Spanish Quotation Respecting Mirrors: to the Editor of the Athenæum, p. 228-229.

#### *THE QUARTERLY REVIEW (1809-1839)*

##### **VOLUME 1, NÚMERO 1 (1809)**

1. *Periodical Accounts relative to the Baptist Missionary Society*, Major Scott Waring-Twining, *Vindication of the Hindoos, &c. &c.* 17º artigo, p. 169-198.

---

<sup>564</sup> Listagem provavelmente incompleta.

**VOLUME 1, NÚMERO 2 (1809)**

2. *Extractos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente accentuadas, para facilitar o Estudo d'aquella Lingoa.* 12mo. pp. 324. London, Wingrave. 1808. 3º artigo, p. 268-292.

**VOLUME 2, NÚMERO 3 (1809)**

3. *Transactions of the Missionary Society in the South Sea Islands.* 2º artigo, p. 24-61.

4. *Voyages and travels to India, Ceylon, the Red Sea, Abyssinia and Egypt in the years of 1802, 1803, 1804, 1805, and 1806.* By George Viscount Valentia. 3 vol. 4to. pp. 1522. London: Miller. 1809. 5º artigo, p. 88-126.

**VOLUME 2, NÚMERO 4 (1809)**

5. *American Annals; or a Chronological History of America from its Discovery in 1492 to 1806.* By Abiel Holmes, D. D. *Fellow of the American Academy of Arts and Sciences, Member of the Massachusetts Historical Society, and Minister of the First Church in Cambridge,* 2 vols. 8vo. Cambridge (in America). 9º artigo, p. 319-327.

**VOLUME 3, NÚMERO 5 (1810)**

6. 1. *Biographical Memoirs of Lord Viscount Nelson, &c. &c. &c., with Observations, Critical and Explanatory.* By John Charnock, Esq. F.S.A. Author of the *Biographia Navalis*, and the *History of Marine Architecture, &c. &c.* 8vo. pp. 429. Appx. 39. London. Sherwood and Co. 1806.

2. *The Life of Lord Nelson.* By Mr. Harrison. 2 vols. 8vo. pp. 904. London. Chapple. 1806.

3. *The Life of Lord Viscount Nelson, Duke of Bronté, &c.* By T.O. Churchill. Illustrated by Engravings of its most striking and memorable incidents. Royal 4to. pp. 100. London. Bowyer. 1808.

4. *The Life of Admiral Lord Nelson, K.B. from his Lordship's Manuscripts.* By the Rev. Stanier Clarke, F.R.S. Librarian to the Prince, and Chaplain to his Royal Highness's Household; and John M'Arthur, Esq. LL.D. late Secretary to Admiral Lord Viscount Hood. 2 vols. Imperial 4to. pp. 556. London. Cadell and Davies. 1809. 18º artigo, p. 218-262.

**VOLUME 3, NÚMERO 6 (1810)**

7. *An Authentic Narrative of Four Years's Residence at Tongataboo, one of the Friendly Islands, in the South Sea.* By [Vason], who went thither in the *Duff*, under Capt. Wilson, in 1769. With an Appendix, by an eminent Writer. 8vo. pp. 234. London. Longman, Hurst, Rees, and Orme. 1810. 13º artigo, p. 440-455.

8. *British Georgics.* By James Grahame. 4to. pp. 342. Ballantyne and Co. Brown and Crombie, Edinburgh; Longman and Co. and John Murray, London. 1809. 14º artigo, p. 456-461.

**VOLUME 4, NÚMERO 7 (1810)**

9. *Observador Portuguez, Historico e Politico, de Lisboa, desde o dia 27 de Novembro do Anno de 1807, em que embarcou para o Brazil o Principe Regente Nosso Senhor e toda a Real Familia, por Motivo da Invasam dos Francezes neste Reino, &c. Contém todos os Editaes, Ordens publicadas e particulares, Decretos, Sucessos fataes e desconhecidos nas Historias do Mundo; todas as Batalhas, Roubos e Usurpaçoens, até*

*o dia 15 de Setembro de 1808, em que foram expulsos, depois de batidos, os Francezes.* Lisboa 1809. 1º artigo, p. 1-24.

#### **VOLUME 4, NÚMERO 8 (1810)**

10. *Description of the Feroe Islands, containing an Account of their Situation, Climate, and Production; together with the Manners and Customs of the Inhabitants, their Trade, &c.* by the Rev. G. Landt. Illustrated with a Map and other Engravings. Translated from the Danish. 8 vo. pp. 426. London. Longman. 1810. 3º artigo, p. 333-342.

11. *Hints to the Public and the Legislature, on the Nature and Effect of Evangelical Preaching.* By a Barrister [Sedgwick]. *Part the First.* pp. 139. Fourth Edition. 1808 — *Part the Second.* pp. 198. Third Edition. 1808 — *Part the Third.* pp. 140. 1809. — *Part the Fourth.* pp. 159. London. Johnson. 1810. 13º artigo, p. 480-514. Com cortes feitos por William Gifford e John Ireland ao artigo original.

#### **VOLUME 6, NÚMERO 11 (1811)**

12. 1. *A Comparative View of the Plans of Education as detailed in the Publications of Dr. Bell and Mr. Lancaster, and Remarks on Dr. Bell's Madras School, and Hints to the Managers and Committees of Charity and Sunday Schools, on the Practicability of extending such Institutions upon Mr. Lancaster's Plan.* By Joseph Fox. Third Edition. pp. 67. Darton and Harvey. 1811.

2. *A Sermon, preached in the Cathedral Church of St. Paul, London, on Thursday, June 13, 1811. To which is added, a Collection of Notes and Illustrations.* By Herbert Marsh, D.D. F.R.S. Margaret Professor of Divinity in the University of Cambridge. Third Edition. F. C. and J. Rivington.

3. *A Comparative View of the two New Systems of Education for the Infant Poor, in a Charge delivered to the Clergy of the Officialty of the Dean and Chapter of Durham, at Berwick-upon-Tweed, on Tuesday, May 12, 1811.* By the Rev. R.G. Bowyer, L. L. B. Prebendary of Durham. 8vo. pp. 18. London. Rivington. 1811. 15º artigo, p. 264-304.

#### **VOLUME 6, NÚMERO 12 (1811)**

13. 1. *The History of the Inquisitions; including the Secret Transactions of those Horrific Tribunals. Illustrated with twelve plates.* 4to. Stockdale 1810.

2. *Letter upon the mischievous Influence of the Spanish Inquisition as it actually exists in the Provinces under the Spanish Government.* Translated from El Español, a periodical Spanish Journal published in London. 8vo. pp. 31.

3. *Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph Da Costa Pereira Furtado de Mendonca, Natural da Colonia do Sacramento, no Rio-da-Praia, prezo e Processado em Lisboa pelo pretenso Crime de FraMaçon, ou Pedreiro Livre.* 2 Tom. 8vo. Londres. 1811. 1º artigo, p. 313-357.

14. 1. *The West Indies, and other Poems.* By James Montgomery. 12mo. pp. 160. London. Longman and Co. 1810.

2. *The Wanderer of Switzerland, and other Poems.* By James Montgomery. 12mo. pp. 176. Longman and Co. 1811. 4º artigo, p. 405-419.

#### **VOLUME 7, NÚMERO 13 (1812)**

15. 1. *Travels in the Island of Iceland, during the Summer of the Year 1810.* By Sir George Steuart Mackenzie, Baronet, Fellow of the Royal Society of Edinburgh, &c. &c. &c. Edinburgh, Constable and Co.; London, Longman and Co. ; Cadell and Davies;

Miller; and Murray. 4to. pp. 510. 1811.  
2. *Journal of a Tour in Iceland, in the Summer of 1809*. By William Jackson Hooker, F. L. S. and Fellow of the Wernerian Society of Edinburgh. London, Vernor and Co.; Miller, Albemarle-street. 8vo. pp. 545. 1811. 3º artigo, p. 48-92.

**VOLUME 7, NÚMERO 14 (1812)**

16. *Biographie Moderne: Lives of remarkable Characters who have distinguished themselves from the Commencement of the French Revolution to the present time*. From the French. 3 vols. 8vo. London; Longman and Co. 1812. 14º artigo, p. 412-438.

**VOLUME 8, NÚMERO 15 (1812)**

17. [Walter Savage Landor]. *Count Julian: a Tragedy*. London, Murray. 8vo. pp. 128. 5º artigo, p. 86-92.

18. *Calamities of Authors; including some Inquiries respecting their moral and literary Characters*. By the Author of 'Curiosities of Literature' [Isaac D'Israeli]. 3 Volumes, 8vo. London. Murray. 1812. 6º artigo, p. 93-114.

**VOLUME 8, NÚMERO 16 (1812)**

19. *Propositions for ameliorating the Condition of the Poor, and for improving the moral Habits, and increasing the Comforts of the laboring People, by Regulations calculated to reduce the parochial Rates of the Kingdom, and generally to promote the Happiness and Security of the Community at large, by the Diminution of immoral and penal offences, and the future Prevention of Crimes, &c. &c.* By P. Colquhoun, LL.D. 8vo. Hatchard. 4º artigo, p. 319-356.

**VOLUME 10, NÚMERO 19 (1813)**

20. 1. *History of Dissenters, from the Revolution in 1688, to the year 1808*. By David Bogue and James Bennett. 4 vols. 8vo. London; Ogle, Duncan and Co. 1812.

2. *Wilson's History and Antiquities of Dissenting Churches*. 4 vols. 8vo. London.  
*Neal's History of the Puritans*. Abridged in Two Volumes by Edward Parsons. 8 vo. London and Leeds. 1812. 5º artigo, p. 90-139.

**VOLUME 11, NÚMERO 21 (1814)**

21. *Letters on the Nicobar Islands*. 8vo. pp. 64. London. 1813. 4º artigo, p. 57-72.

22. *World before the Flood, a Poem, in ten Cantos; with other occasional Pieces; by James Montgomery, Author of the Wanderer of Switzerland, the West Indies, &c.* 8vo. pp. 307. London; Longman and Co. 1813. 6º artigo, p. 78-87.

**VOLUME 11, NÚMERO 22 (1814)**

23. *The Works of the English Poets, from Chaucer to Cowper; including the Series edited, with Prefaces Biographical and Critical, by Dr. Samuel Johnson: and the most approved Translations. The additional Lives by Alexander Chalmers, F.S.A.* In 21 vols. Royal Octavo. London: Printed for all the Booksellers. 13º artigo, p. 480-504. Com cortes feitos por William Gifford ao artigo original.

**VOLUME 12, NÚMERO 23 (1814)**

24. *The Works of the English Poets, from Chaucer to Cowper; including the Series edited, with Prefaces Biographical and Critical, by Dr. Samuel Johnson: and the most approved Translations. The additional Lives by Alexander Chalmers, F.S.A.* In 21 vols.

Royal Octavo. London: Printed for all the Booksellers. 3º artigo, p. 60-90. Com cortes feitos por William Gifford ao artigo original.

25. *Oriental Memoirs: selected and abridged from a Series of Familiar Letters written during Seventeen Years' Residence in India: including Observations on Parts of Africa and South America, and a Narrative of Occurrences on four India Voyages. Illustrated by Engravings from Original Drawings.* By James Forbes, F.R.S. &c. Four vols. 4to. London. 1813. 9º artigo, p. 180-227. Com cortes feitos por William Gifford ao artigo original.

#### **VOLUME 12, NÚMERO 24 (1815)**

26. *Travels to the Source of the Missouri River, and across the American Continent to the Pacific Ocean. Performed by order of the Government of the United States in the Years 1804, 1805 and 1806.* By Captains Lewis and Clarke. Published from the Official Report, and illustrated by a Map of the Route, and other Maps. London; Longman and Co. 4to. pp. 662. 2º artigo, p. 317-368.

27. *Letters and Miscellaneous Papers by Barrè Charles Roberts, Student of Christ Church, Oxford: with a memoir of his Life.* London. 4to. 1814. 10º artigo, p. 509-519.

#### **VOLUME 13, NÚMERO 25 (1815)**

28. *Mémoires pour servir à l'Histoire des Expéditions en Egypte et en Syrie.* Par J. Miot. Deuxième Edition. Revue, corrigée et augmentée d'une Introduction, d'un Appendice, et de Faits, Pièces et Documens qui n'ont pu paroître sous le Gouvernement précédent. A Paris. 1814. 1º artigo, p. 1-55.

29. *The Life of the Most Noble Arthur Duke of Wellington, from the Period of his first Achievements in India, down to his Invasion of France, and the Peace of Paris in 1814.* By George Elliott, Esq. 8vo. London. 1814. 12º artigo, p. 215-275.

#### **VOLUME 13, NÚMERO 26 (1815)**

30. 1. *Précis Historique de la Guerre d'Espagne et de Portugal, de 1808 à 1814.* Par Auguste Carel, Chef de Bataillon, Chevalier de la Légion d'Honneur. Paris. 1815.

2. *Histoire de la Guerre d'Espagne et de Portugal, de 1807 à 1814.* Par M. Sarrazin. Paris. 1814.

3. *General View of the Political State of France, and of the Government of Louis XVIII.* London. 1815.

4. *An Answer to the Calumniators of Louis XVIII.* By an Englishman. London. 1815.

5. *Official Accounts of the Battle of Waterloo.*

6. *Battle of Waterloo.* By Lieutenant-General Scott, &c. 9º artigo, p. 448-526. Com ajustes feitos por John Wilson Croker em nome do Duque de Wellington.

#### **VOLUME 14, NÚMERO 28 (1816)**

31. 1. *Vita di Vittorio Alfieri, &c. Memoirs of the Life and Writings of Victor Alfieri, written by himself.* 2 vols. 12mo. 1815

2. *The Tragedies of Vittorio Alfieri, translated by Charles Lloyd.* 3 vols. 12mo. London. 1815. 2º artigo, p. 333-368.

#### **VOLUME 15, NÚMERO 29 (1816)**

32.1. *Mémoires de Madame la Marquise de la Roche Jaquelein, écrits par elle-même, rédigés par M. Le Baron de Barante.* Bordeaux. 1815.

2. *Vie du Général Charette, Commandant en Chef les Armées Catholiques et Royales dans la Vendée. Extrait d'un Manuscrit sur la Vendée*, par M. le Bouvier-Desmortiers, &c. 2 tom. Paris. 1809.
3. *Précis Historique de la Guerre Civile de la Vendée, depuis son Origine jusqu'à la Pacification de la Jaunaise, &c.* Par P. V. J. Berthre de Bourniseaux (de Thouars). Paris. An. X. (1802).
4. *Mémoires du Comte Joseph de Puisaye, Lieutenant-Général, &c. &c. qui pourront servir à l'Histoire du Parti Royaliste Français durant la dernière Révolution.* 6 tom. London. 1803-1808.
5. *Mémoires pour servir à l'Histoire de la Guerre de la Vendée.* Par le Général Turreau, Lieutenant-Général des Armées de l'Empire, ancien Ministre-Plénipotentiaire de France aux Etats-Unis d'Amérique. Seconde édition. Paris. 1815.
6. *Histoire de la Guerre de la Vendée et des Chouans, depuis son Origine jusqu'à la Pacification de 1800.* Par Alphonse de Beauchamp. Troisième édition. 3 tom. Paris. 1809.
- Vie de Lazare Hoche, Général des Armées de la République Française.* Par Alexandre Rousselin. Suivie de sa Correspondance publique et privée, &c. 2 tom. Paris. An. VI. (1798).
7. *Histoire Générale et Impartiale des Erreurs, des Fautes, et des Crimes, commis pendant la Révolution Française.* (Par Prudhomme). 6 tom. Paris. An. V. (1797). 1<sup>o</sup> artigo, p. 1-69.
- 33.1. *Reports of the Society for Bettering the Condition of the Poor.*
2. *Pietas Londinensis.*
3. *Memoires sur les Moyens de détruire la Mendicité.* Par M. le Vicomte de Prunelle, Membre de la Chambre des Députés, du Comité d'Administration de la Société Philantropique de Paris, de la Commission des Assurances établie près le Ministre de l'Interieur. Paris. 1814.
4. *The Principles of Population and Production as they are affected by the Progress of Society, with a View to Moral and Political Consequences.* By John Weyland, Jun. Esq. F. R. S. 8<sup>o</sup> artigo, p. 187-235.

#### **VOLUME 15, NÚMERO 30 (1816)**

34. *Travels of Ali Bey in Morocco, Tripoli, Cyprus, Egypt, Arabia, Syria, and Turkey, between the Years 1803 and 1807.* Written by himself. 2 vols. 4to. London. 1816. 1<sup>o</sup> artigo, p. 299-345.
35. 1. *Letters from Albion to a Friend on the Continent, written in the Years 1810-1813.* 2 vols. 12mo. 1814.
2. *Letters from London. Observations of a Russian during a Residence in England of Ten Months, &c.* Translated from the original Manuscript of Oloff Napea, Ex-officer of Cavalry. 8vo. 1816.
3. *Londres, la Cour et les Provinces d'Angleterre, d'Ecosse et d'Irlande, ou Esprit, Moers, Coutumes, Habitudes Privée des Habitans de la Grande Bretagne.* 2 vols. 1816.
4. *A Dane's Excursions in Britain.* By J. A. Anderson. 2 vols. 12mo. 1809.
5. *Journal Travels in England, Holland, and Scotland, in the Years 1805-6.* By Benjamin Silliman. 2 vols. New York. 1810.
6. *Journal of a Tour and Residence in Great Britain, during the Years 1810 and 1811.* By a French Traveller, (M. Simoud) &c. 2 vols. Svo. Edinburgh. 1815.
7. *L'Angleterre au Commencement du Dix-Neuvième Siècle.* Par M. De Levis, Duc et Pair de France. 1 tom. 1815.



8. *England and the English People*. By Jean-Baptiste Say, Professor of Political Economy, &c. Translated by John Richter. 1816.
9. *Quinze Jours à Londres, à la fin de 1815*. Par M. \*\*\*\*. 1816. 12° artigo, p. 537-574.

#### **VOLUME 16, NÚMERO 31 (1816)**

35. 1. *An Inquiry into the Causes of the General Poverty and Dependence of Mankind; including a full Investigation of the Corn Laws*. By William Dawson. Edinburgh. 1814.
2. *A Plan for the Reform of Parliament, on Constitutional Principles*. Pamphleteer. No. 14.
3. *Observations on the Scarcity of Money, and its effects upon the Public*. By Edward Tatham, D.D. Rector of Lincoln College, Oxford. 1816.
4. *On the State of the Country, in December, 1816*. By the Right Hon. Sir John Sinclair, Bart.
5. *Christian Policy, the Salvation of the Empire. Being a clear and concise Examination into the Causes that have produced the impending, unavoidable National Bankruptcy; and the Effects that must ensue, unless averted by the Adoption of this only real and desirable Remedy, which would elevate these Realms to a pitch of Greatness hitherto unattained by any Nation that ever existed*. By Thomas Evans, Librarian to the Society of Spencean Philanthropists. Second Edition. London. 1816.
6. *The Monthly Magazine*.
7. Cobbett's *Political Register*. 11° artigo, p. 225-278. Com cortes feitos por William Gifford ao artigo original.

#### **VOLUME 16, NÚMERO 32 (1817)**

36. *Travels in Brazil*. By Henry Koster. 4to. pp. 501. London. 1816. 4° artigo, p. 344-387. Com cortes feitos por William Gifford ao artigo original.
- 37.1. *Report of the secret Committee*.
2. *On the present State of Public Affairs*. Anon. 8vo.
3. *A Proposal for putting Reform to the Vote throughout the Kingdom*. By the Hermit of Marlow. 8vo. 10° artigo, p. 511-552.

#### **VOLUME 17, NÚMERO 33 (1817)**

38. 1. *A Chronological History of the Voyages and Discoveries in the South Sea pr Pacific Ocean; illustrated with Charts and other Plates*. By James Burney, Captain in the Royal Navy. 5 vols. 4to. 1813 and 1816.
2. *An Accounts of Natives of the Tonga Islands, in the South Pacific Ocean, with an original Grammar and Vocabulary of their language*. Compiled and arranged from the extensive Communications of Mr. William Mariner, several years resident in those islands. By John Martin, M. D. 2 vols. 8vo. 1817.
3. *Transactions of the Missionary Society*. 1° artigo, p. 1-39.

#### **VOLUME 18, NÚMERO 35 (1817)**

39. *Some Account of the Lives and Writings of Lope Felix de Vega Carpio, and Guillen de Castro*. By Henry Richard Lord Holland. 1° artigo, p. 1-46.

#### **VOLUME 19, NÚMERO 37 (1818)**

40. *Memoirs, illustrative of the Life and Writings of John Evelyn, Esq. F.R. S. Author of the 'Sylva,' &w. &c. Comprising his Diary, from the Year 1641 to 1705-6, and a Selection of his familiar Letters. To which is subjoined, the private Correspondence*

*between King Charles I. and his Secretary of State, Sir Edward Nicholas, whilst his Majesty was in Scotland, 1641, and at other times during the Civil War; also between Sir Edward Hgde, afterwards Earl of Clarendon, and Sir Richard Browne, Ambassador to the Court of France, in the time of Charles I. and the Usurpation.* The whole now first published, from the original MSS. in two vols. Edited by William Bray, Esq. Fellow and Treasurer of the Society of Antiquaries of London. London. 1818. 1º artigo, p. 1-54.

#### **VOLUME 21, NÚMERO 41 (1819)**

41. 1. *The Case stated between the Public Libraries and the Booksellers.*
2. *Address to the Parliament of Great Britain, on the Claims of Authors to their own Copyright.* By a Member of the University of Cambridge (Richard Duppa, Esq. LL.B.)
3. *Reasons for a further Amendment of the Act 54 Geo. III. c. 156. being an Act to amend the Copyright Act of Queen Anne.* By Sir Egerton Brydges, Bart. M. P. 1817.
4. *A summary Statement of the great Grievances imposed on Authors and Publishers, and the Injury done to Literature, by the late Copyright Act.* By Sir Egerton Brydges, Bart. M.P.
5. *A Vindication of the pending Bill for the Amendment of the Copyright Act, from the Misrepresentations and unjust Comments of the Syndics of the University Library at Cambridge.* By Sir Egerton Brydges, Bart. M.P.
6. *A Vindication of the Right of the Universities of the United Kingdom to a Copy of every new Publication.* By Edward Christian, of Gray's Inn, Esq. Barrister at Law, Professor of the Laws of England in the University of Cambridge, and Chief Justice of the Isle of Ely. 1818.
7. *Inquiries and Observations respecting the University Library.* By Basil Montagu, Esq. A.M.
8. *Inquiries concerning the proposed Alteration of the Law of Copyright, as it affects Authors and the Universities.* By Basil Montagu, Esq. 10º artigo, p. 196-213. Com ajustes sugeridos por Sharon Turner e John Murray.

#### **VOLUME 21, NÚMERO 42 (1819)**

42. 1. *Promenade aux Cimetières de Paris, aux Sépultures Royales de Saint Denis, et aux Catacombes, &c.* Par M. P. St. A. Paris.
2. *Description des Catacombes de Paris, précédée d'un Précis Historique sur les Catacombes de tous les Peuples de l'ancien et du nouveau Continent.* Par L. Hericart de Thury, Maître des Requêtes, Ingénieur en chef au Corps Royal des Mines, Inspecteur-Général des Travaux souterrains du Département de la Seine. Paris. 4º artigo, p. 359-398.

#### **VOLUME 22, NÚMERO 43 (1819)**

43. *British Monachism, or Manners and Customs of the Monks and Nuns of England; to which are added, 1. Peregrinatorium Religiosum, or Manners and Customs of Ancient Pilgrims. – 2. The Consuetudinal of Anchorets and Hermits. – 3. Some Account of the Continentes, or Persons who had made Vows of Chastity. – 4. Economy of Monastic Life, &c. &c.* By Thomas Dudley Fosbrooke, M.A.F.A.S. London. 4to. 3º artigo, p. 59-102.

#### **VOLUME 23, NÚMERO 45 (1820)**

44. *Memoirs of John Duke of Marlborough, with his Original Correspondence; collected from the Family Records at Blenheim, and other authentic sources: illustrated with Portraits, Maps, and Military Plans.* By William Coxe, M. A. F. R. S. F. S. A. Archdeacon of Wilts. Second Edition. Six Volumes. 8vo. 1º artigo, p. 1-73.

**VOLUME 23, NÚMERO 46 (1820)**

45. 1. *The Church in Danger; a Statement of the Cause, and of the probable Means of averting that Danger.* Attempted by the Rev. Richard Yates, B. D.

2. *The Basis of National Welfare; considered in Reference chiefly to the Prosperity of Britain, and Safety of the Church of England.* By the Rev. Richard Yates.

3. *Substance of the Speech delivered by the Chancellor of the Exchequer, on Monday the 16th of March 1818, on proposing a Grant of One Million for providing Additional Places of Public Worship in England.*

4. *A Sketch of the History of Churches in England, to which is added a Sermon on the Honours of God in Places of Public Worship.* By John Brewster, M.A. Rector of Eggescliffe and Vicar of Greatham in the County of Durham.

5. *A Letter to the Right Honourable the Earl of Liverpool on that Part of the Speech of His Royal Highness the Prince Regent, which recommended the Attention of Parliament to the Deficiency in the Number of Places of Public Worship belonging to the Established Church.* By James Elmes, Architect.

6. *New Churches, considered with respect to the Opportunities they offer for the Encouragement of Painting.* By B. R. Haydon. 12º artigo, p. 549-591.

**VOLUME 24, NÚMERO 48 (1821)**

46. *The Works of the Reverend William Huntington, S.S. Minister of the Gospel, at Providence Chapel, Gray's Inn Lane, completed to the close of the Year 1806.* 1820. In 20 volumes. 8vo. 9º artigo, p. 462-510.

**VOLUME 25, NÚMERO 50 (1821)**

47. 1. *Histoire de Cromwell, d'après les Mémoires du Temps, et les Recueils Parlementaires.* Par M. Villemain. 2 tom. 8vo. Paris. 1819.

2. *Memoirs of the Protector, Oliver Cromwell, and of his Sons, Richard and Henry. Illustrated by Original Letters, and other Family Papers.* By Oliver Cromwell, Esq., a Descendant of the Family. With Portraits from Original Pictures. London. 1820. 4to.

3. *Oliver Cromwell and his Times.* By Thomas Cromwell. London. 1821.

4. *Cromwelliana. A Chronological Detail of Events in which Oliver Cromwell was engaged from the year 1642 to his Death 1658 : with a Continuation of other Transactions to the Restoration.* Westminster. 1810. Folio. 1º artigo, p. 279-347. Com cortes feitos por William Gifford no artigo original.

**VOLUME 26, NÚMERO 52 (1822)**

48. *An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay. Translated from the Latin of Martin Dobrizhoffer, Eighteen Years a Missionary in that Country.* London. 3 vols. 8vo. 1821. 1º artigo, p. 277-323.

**VOLUME 27, NÚMERO 53 (1822)**

49. 1. *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens.* By John Adamson, F.S.A. London, Edinburgh, and Newcastle-upon-Tyne. 2 vols. Crown. 8vo. 1820.

2. *O Oriente, Poema de Jose Agostinho de Macedo.* Lisbon. 2 vols. 1º artigo, p. 1-39.

**VOLUME 28, NÚMERO 55 (1822)**

50. *Histoire des Sectes Religieuses qui depuis le Commencement du Siècle dernier jusqu'à l'Epoque actuelle, sont nees, se sont modifiées, se sont éteintes dans les quatre Parties du Monde.* Par M. Grégoire, ancien Evêque de Blois, Membre de l'Institut, &c. 2 tom. 8vo. Paris. 1º artigo, p. 1-46.

**VOLUME 28, NÚMERO 56 (1823)**

51. *Histoire de la Théophilantropie, depuis sa Naissatice jusqu'à son Extinction:* par M. Gregoire, ancien Evêque de Blois, Membre de l'Institut, &c. 12º artigo, p. 493-536.

**VOLUME 29, NÚMERO 57 (1823)**

52. *Bishop Burnet's History of his Own Time: with the suppressed Passages of the First Volume, and Notes by the Earls of Dartmouth and Hardwicke and Speaker Onslow, hitherto unpublished. To which are added the Cursory Remarks of Swift, and other Observations.* 6 vols. Oxford, at the Clarendon Press. 7º artigo, p. 165-214.

**VOLUME 30, NÚMERO 59 (1823)**

53. *Travels in New England and New York.* By Timothy Dwight, S.T.D. LL.D. late President of Yale College; Author of Theology Explained and Defended. 4 vols. Newhaven. 1º artigo, p. 1-40. Com significativas alterações feitas por William Gifford ao artigo original.

**VOLUME 31, NÚMERO 62 (1825)**

54. *Memoirs of the Life and Writings of William Hayley, Esq. the Friend and Biographer of Cowper, written by himself; with Extracts from his private Correspondence, and unpublished Poetry; and Memoirs of his Son Thomas Alphonso Hayley, the young Sculptor.* Edited by John Johnson, LL.D. Rector of Yaxham with Welborne, in Norfolk. 4to. 2 vols. 1º artigo, p. 263-311.

55. *Lisbon in the Year 1821, 1822 and 1823.* By Marianne Baillie. 2vols. 12mo. London. 6º artigo, p. 378-390.

**VOLUME 32, NÚMERO 63 (1825)**

56. 1. *An Abstract of the Annual Reports and Correspondence of the Society for promoting Christian Knowledge, from the Commencement of its Connexion with the East India Missions, A. D. 1709, to the present day; together with the Charges delivered to the Missionaries at different periods, on their Departure for their several Missions.* Published by direction of the Board of the Society for promoting Christian Knowledge.

2. *The Missionary Register, 1813-1824.* 1º artigo, p. 1-42.

**VOLUME 32, NÚMERO 64 (1825)**

57. *The Right Joyous and Pleasant History of the Feats, Gests, and Prowesses of the Chevalier Bayard, the Good Knight without Fear and without Reproach.* By the Loyal Servant. London. 1825. 2 vols. small 8vo. 4º artigo, p. 355-397.

**VOLUME 33, NÚMERO 65 (1825)**

58. 1. *Narrative of an Excursion to the Mountains of Piemont in the year 1823, and Researches among the Vaudois or Waldenses, Protestant Inhabitants of the Cottian Alps. With Maps, &c.* By the Rev. William Stephen Gilly. 2d edit. London. 8vo. 1825.  
 2. *The History of the Christian Church, including the very interesting Account of the Waldenses and Albigenses.* By William Jones. 2 vols. 4th edit.  
 3. *A Brief Sketch of the History and Present Situation of the Vaudois.* By Hugh Dyke Acland, Esq. London. 8vo. 1825. 4° artigo, p. 134-176.

**VOLUME 33, NÚMERO 66 (1826)**

59. *Vie et Révélations de la Soeur Nativité, Religieuse converse au Couvent des Urbanistes de Fougères; écrites sous sa Dictée; suivies de sa Vie intérieure, écrite aussi d'après elle-même par le Rédacteur de ses Révélations, et pour y servir de suite.* Paris. 1817. 3 tom. 12mo. 5° artigo, p. 375-410.

**VOLUME 34, NÚMERO 67 (1826)**

60. *Mission to the East Coast of Sumatra in 1823, under the Direction of the Government of Prince of Wales's Island.* By John Anderson, Esq. &c. Edinburgh and London. 1826. 5° artigo, p. 99-110.

**VOLUME 34, NÚMERO 68 (1826)**

61. 1. *Britton's Cathedral Antiquities.*  
 2. *A Brief Memoir of the Life and Writing of John Britton, F.S.A F.R.S.L. &c.* 1° artigo, p. 305-349.

**VOLUME 35, NÚMERO 69 (1827)**

62. *Collective Works of the late Dr. Sayers; to which have been prefixed some Biographic Particulars.* By William Taylor, of Norwich. 2 vols. Norwich. 1823. 8° artigo, p. 175-220.  
 63. 1. *Rough Notes taken during some rapid Journeys across the Pampas, and among the Andes.* By Captain F. B. Head. London. 1826.  
 2. *Travels in Chile and La Plata, including Accounts respecting the Geography, Geology, Statistics, Government, Finances, Agriculture, Manners, and Customs, and the Mining Operations in Chile, etc.* By John Miers. London. 1826. 5° artigo, p. 114-148.

**VOLUME 36, NÚMERO 72 (1827)**

64. 1. *Reply to the Article in the Quarterly Review for March, 1826, on the Revelations of La Soeur Nativité.* By Charles Butler, Esq.  
 2. *Vie et Révélations de la Soeur Nativité, Religieuse converse au Couvent des Urbanistes de Fougères, écrites sous sa Dictée par le Rédacteur de ses Révélations. Seconde Edition, ornée du Portrait de la Soeur, et augmentée d'un volume qui contient tout ce que la Soeur a fait écrire peu de temps avant sa mort.* Paris 1819.  
 3. *Vie de Marie Angélique de la Providence, ou l'Amour de Dieu Seul.* Par Boudon. Paris 1825.  
 4. *La Vie de M. Henri-Marie Boudon, Grand Archidiacre d'Evreux.* Par M. Collet, Prêtre de la Mission et Docteur en Théologie. 1° artigo, p. 305-353.

**VOLUME 37, NÚMERO 73 (1828)**

65. *The Constitutional History of England, from accession of Henry VII to the death of George II.* By Henry Hallam. London. 1827. 2 vols. 4to. 7º artigo, p. 194-259.

**VOLUME 37, NÚMERO 74 (1828)**

66. *Reports of the Select Committee on Emigration from the United Kingdom.* 12º artigo, p. 539-578.

**VOLUME 38, NÚMERO 75 (1828)**

67. *Memoirs of the Life and Travels of John Ledyard, from his Journals and Correspondence.* By Jared Sparks. London. 1828. 4º artigo, p. 85-113.

68. *Chronological History of the West Indies.* By Capt. Thomas Southey, Commander, Royal Navy. 3vols. 1827. 8º artigo, p. 193-241.

**VOLUME 38, NÚMERO 76 (1828)**

69. 1. *A Letter to an English Layman on the Coronation Oath, etc, and the Present Claims of the Roman Catholics in Ireland.* By the Rev. Henry Phillpotts, D.D., Rector of Stanhope. London. 1828.

2. *The Coronation Oath, considered with Reference to the Principle of the Revolution of 1688.* By Charles Thomas lane, Esq., of the Inner Temple. London, 1828.

3. *The History of the Policy of the Church of Rome, in Ireland, from the Introduction of the English Dynasty to the Great Rebellion.* By William Phelan, D.D. Dublin. 1827.

4. *Substance of Two Speeches, delivered in the House of Commons on May 10<sup>th</sup>, 1825, and May 9<sup>th</sup> 1828.* By Sir Robert Harry Inglis, Bart. London. 1828.

5. *Letters to a Friend on the State of the Ireland, the Roman Catholic Question, and the Merits of Constitutional Religious Distinctions.* By E. A. Kendall, Esq., F.S.A. Dublin. 1828.

6. *Letters to His Majesty King George the Fourth.* By Captain Rock. London. 1828. 12mo.

7. *Captain Rock Detected; or, the Origin and Character of the recent Disturbances; and the Causes, both Moral and Political, of the present alarming Condition of the South and West of Ireland, fully and fairly considered and exposes.* By a Munster Farmer. London. 1825. 12mo.

8. *Protestant Principles: exemplified in the parliamentary Orations of Royal Dukes, Right Rev. Prelates, Noble Peers, and Illustrious Commoners; with the Constitutional Declarations of Irish Protestants, against the Roman Catholic Claims. To which is prefixed an Address to the Protestants of Great Britain and Ireland.* London. 1827. 10º artigo, p. 535-598.

**VOLUME 39, NÚMERO 77 (1829)**

70. 1. *Principles of Elementary Teaching, chiefly in reference to the Parochial Schools of Scotland; in two Letters to T. F. Kennedy, Esq., M.P.,* de James Pillans.

2. *Elements of Tuition. Part III,* do Reverendo Andrew Bell.

3. *Letter to John Hughes Esq., M.A., on the Systems of education proposed by Popular Parties,* do Reverendo John Phillips Potter.

4. *A Letter to the Right Honourable Robert Peel, on the subject of the University of London,* de Christianus.

5. *Some Accounts of the System of Fagging at Winchester School ...,* de Sir Alexander Malet. 4º artigo, p. 99-148.

**VOLUME 39, NÚMERO 78 (1829)**

71. *The History and Antiquities of the County Palatine of Durham*. By Robert Surtees, Esq. 3 vols. Folio. Lond. 1816-1828. 4º artigo, p. 360-405.

**VOLUME 41, NÚMERO 81 (1829)**

72. 1. *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres Etats de l'Europe, et suivi d'un Coup-d'oeil sur l'Etat actuel des Sciences, des Lettres et des Beaux-arts parmi les Portugais des deux hémisphères*. Par Adrien Balbi, Ancien Professeur de Géographie, de Physique et de Mathématique, Membre Correspondant de l'Athénée de Trévise, etc. Etc. 2 vols. 8vo. Paris. 1822.

2. *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character; illustrated by twenty coloured Plates*. By A. P. D. G. 8vo. London. 1826.

3. *Portugal Illustrated; in a Series of Letters*. By the Rev. W. M. Kinsey, B. D., Fellow of Trinity College, Oxford; and Chaplain to the Right Hon. Lord Auckland. *Embellished with a Map, Plates of Coins, Vignettes, Modinhas; and various Engravings of Costume, Landscape Scenery, etc.* Second Edition. Royal 8vo. London. 1827.

4. *An Historical View of the Revolutions of Portugal, since the close of the Peninsular War; exhibiting a full Account of the events which have led to the present State of the Country*. By an Eye-Witness. 8vo. London 1827.

5. *Injusta Acclamaçam do Serenissimo Infante D. Miguel; ou Analyse e Refutaçam Juridica do Assento dos chamados Tres Estados do Reino de Portugal de 11 de Julho de 1828*. Pelo Desembargador Antonio de Silva Lopes Rocha, Advogado da Casa da Suplicaçam de Lisboa. London. 1828.

6. *Examen Rapide de l'Acte fait par les Prétendus Etats du Royaume de Portugal. Assemblés à Lisbonne le 23 Juin, 1828*. Par Jm. A. de Magalhaens, Docteur en Droit, Député aux Corlès de 1826 et 1827 ; Secrétaire de la Junta Governativa du Porto au Département des Affaires Etrangères. London. 1828.

7. *Correio Braziliense*. 29 vols. From 1808 to 1822.

8. *Investigador Portuguez*. 23 vols. From 1811 to 1818. 7º artigo, p. 184-226.

**VOLUME 41, NÚMERO 82 (1829)**

73. *Amir Khan, and other Poems: the Remains of Lucretia Maria Davidson, who died at Plattsburgh, N. Y., August 27, 1825, aged Sixteen Years and Eleven Months. With a Biographical Sketch*. By Samuel F. B. Morse, A.M. New York, 1829. 1º artigo, p. 289-301.

74. *Life and Services of Captain Philip Beaver, of his majesty's Ship Nisus*. By Captain William Henry Smyth, R.N. 8vo. London. 1829. 5º artigo, p. 375-417.

**VOLUME 42, NÚMERO 83 (1830)**

75. *Forest Scenes and Incidents in the Wilds of North America; being a Diary of a Winter's Route from Halifax to the Canadas, and during Four Month's Residence in the Woods on the borders of Lakes Huron and Simcoe*. By George Head, Esq. London. 8 vo. 1829. 4º artigo, p. 80-105.

**VOLUME 43, NÚMERO 85 (1830)**

76. *Polynesian Researches, during a Residence of nearly Six Years, in the South Sea Islands; including Descriptions of the natural History and Scenery of the Islands; with Remarks on the History, Mythology, Traditions, Government, Arts, Manners, and Customs of the Inhabitants*. By William Ellis, Missionary to the Society and Sandwich

Islands, and author of the 'Tour of Hawaii'. 2 vols. 8vo. London. 1829. 1º artigo, p. 1-54.

**VOLUME 43, NÚMERO 86 (1830)**

77. *Da Njoe Testament va wi Masra en Helpiman Jesus Christus Translated into the Negro-English Language, by the Missionary of the Unitas Fratrum, or United Brethren.* Printed for the use of the Mission, by the British and Foreign Bible Society. London. 829. 7º artigo, p. 553-564.

**VOLUME 44, NÚMERO 87 (1831)**

78. *Essays on the Principles of Morality, and on the Private and Political Rights and Obligations of Mankind.* By Jonathan Dymond, Author of 'An Inquiry into the Accordancy of War with the Principles of Christianity', etc. 2vols. 8vo. London. 1829. 3º artigo, p. 83-121.

79. 1. *The Result of the General Election; or, What has the Duke of Wellington gained by the Dissolution?* London. 1830.

2. *The Country without a Government; or, Plain Questions upon the unhappy State of the Present Administration.* London.

3. *Observations on Two Pamphlets (lately published) attributed to Mr. Brougham.* London.

4. *The Country Well Governed; or Plain Questions on the perplexed State of Parties in Opposition.* London.

5. *Reply to a Pamphlet entitled 'What has the Duke of Wellington gained by the Dissolution?'* By a Graduate of the University of Oxford. London.

6. *The Result of the Pamphlets; or, What the Duke of Wellington has to look to.* London.

7. *Parties and Factions in England at the Accession of William IV.* London.

8. *Reform without Revolution; or, Thoughts on the Present State of the Country, in a Letter to His Grace the Duke of Wellington.* By Camillus. Liverpool.

9. *Thoughts on Moderate Reform in the House of Commons.*

10. *Thoughts on Parliamentary Reform, with Plan for the Restoration of the Constitution.*

11. *A Letter to Henry Brougham, Esq., M. P. for the County of York, on the Present State of the English Representation.*

12. *Three Lectures on the Rate of Wages; delivered before the University of Oxford, in Easter Term, 1830. With a Preface on the Causes and Remedies of the present Disturbances.* By Nassau William Senior, of Magdalen College, A. M., late Professor of Political Economy.

13. *Correspondence between the Right Honourable Robert Wilmot Horton, and a Select Class of the Mechanics' Institution, formed for investigating the most efficient Remedies for the present Distress among the laboring Classes in the United Kingdom, together with the Resolutions unanimously adopted by the Class: also, a Letter from the Right Honourable Robert Wilmot Horton to Dr. Birkbeck, President of the Institution, and his Answer.*

14. *The People's Book.*

15. *Cobbett's History of the Regency and Reign of Geo. IV., in Monthly Numbers.*

16. *Cobbett's Letter to the King.*

17. *The King's Answer to Cobbett's Letter.*

18. *Carpenter's Fourpenny Papers.*

19. *Hctherington's Penny Papers.*



*Cum multis aliis quae nunc perscribere longum est.* 7º artigo, p. 261-317.

**VOLUME 44, NÚMERO 88 (1831)**

80. *Memoirs of John Frederick Oberlin, Pastor of Waldbach, in the Ban de la Roche. Compiled from authentic Sources, chiefly in French and German.* London. 8vo. 1830. 2º artigo, p. 342-388.

**VOLUME 45, NÚMERO 89 (1831)**

81. 1. *Conspiration pour l'Egalité, dite de Babeuf; suivie du Procès auquel elle donna lieu, et des Pièces justificatives, etc.* Par Filippo Buonarroti. 2 vols. Bruxelles. 1828.  
2. *Haute Cour de Justice. Copie des Pièces saisies dans le Local qui Babeuf occupoit lors de son Arrestation.* 2 vols. A Paris. De l'Imprimerie Nationale. 5º artigo, p. 167-209.

**VOLUME 45, NÚMERO 90 (1831)**

82. *Doctrine de Saint Simon. Exposition.* Première Année. 1828-1829. Seconde edition. Paris. 1830. 4º artigo, p. 407-450.

**VOLUME 46, NÚMERO 91 (1832)**

83. *The Life and Death of Lord E. Fitzgerald.* By Thomas Moore, Esq. 2 vols. London. 1831. 7º artigo, p. 213-263.

**VOLUME 47, NÚMERO 93 (1832)**

84. *Fables, and other Pieces in Verse, by Mary Maria Colling; with some Account of the Author. In Letters to Robert Southey, Esq., P. L.* By Mrs. Bray, author of 'Fitz of Fitzford', 'The Talba', etc etc. London 1831. 3º artigo, p. 80-108.

**VOLUME 47, NÚMERO 94 (1832)**

85. 1. *Some Memorials of John Hampden, his Party, and his Times.* By Lord Nugent. 2 vols. London. 1831.  
2. *Commentaries on the Life and Reign of Charles the First, King of England.* By I. D'Israeli. 5 vols. London. 1831.  
3. *Eliot, Hampden, and Pym, or a Reply of the Author of a Book, entitled Commentaries on the Life and Reign of Charles the First, to the Author of a Book, entitled Some memorials of John Hampden, his Party and his Times.* London. 1832.  
4. *The Trials of Charles I, and of some of the Regicides: with Biographies of Bradshaw, Ireton, Harrison, and others; and with Notes.* (No. XXXI. Of the Family Library.) London. 12mo. 1832. 6º artigo, p. 457-519.

**VOLUME 48, NÚMERO 95 (1832)**

86. *Considérations Politiques sur l'Epoque actuelle, adressees à l'Auteur anonyme de l'Ouvrage intitulé 'Histoire de la Restauration, par un Homme d'Etat'.* Par M. de Polignac. Paris, 1832. 9º artigo, p. 234-285.

**VOLUME 49, NÚMERO 97 (1833)**

87. *A Memoir of Felix Neff, Pastor of the High Alps; and of his labours among the French Protestants of Dauphine, a Remnant of the Primitive Christians of Gaul.* By William Stephen Gilly, M.A., Prebendary of Durham, and Vicar of Norham. London. 8vo. 1832. 3º artigo, p. 47-81.

**VOLUME 57, NÚMERO 113 (1836)**

88. 1. *Narrative of a Journey from Lima to Para, across the Andes and down the Amazon, undertaken with a view of ascertaining the Practicability of a Navigable Communication with the Atlantic, by the Rivers Pachitea, the Ayali, and Amazon.* By Lieut. W. Smyth, and Mr. F. Lowe. 8vo. London. 1836.

2. *Journal of a Passage from the Pacific to the Atlantic, crossing the Andes in the Northern Provinces of Peru, and descending the River Marañon, or Amazon.* By Henry Lister Maw, Lieut. R.N. 8vo. London. 1829. 1º artigo, p. 1-29.

**VOLUME 59, NÚMERO 118 (1837)**

89. 1. *A Description of the Part of Devonshire bordering on the Tamar and the Tavy; its Natural History, Manners, Customs, Superstitions, Scenery, Antiquities, Biography of Eminent Persons, etc. etc. In a series of Letters to Robert Southey, Esq.* By Mrs. Bray, Author of 'Travels in Normandy', 'Fitz of Fitz-Ford', 'The Talba', 'De Foix', etc. 3 vols. 1836.

2. *A Home Tour through the Manufacturing Districts of England, in the Summer of 1835.* By Sir George Head, Author of 'Forest Scenes, and Incidents in the Wilds of North America'. Second Edition. Vol. I. 1836.

3. *A Home Tour through various parts of the United Kingdom – being a continuation of the 'Home Tour through the Manufacturing Districts'. Also 'Memoirs of an Assistant Commissary-General'.* By Sir George Head. Vol. II. 1837. 1º artigo, p. 275-327.

**VOLUME 62, NÚMERO 123 (1838)**

90. *The Life of Richard Earl Howe, K.G., Admiral of the Fleet, and General of Marines.* By Sir John Barrow, Bart., F.R.S. London. 8vo. 1838. 1º artigo, p. 1-67.

**VOLUME 63, NÚMERO 126 (1839)**

91. *Life of Thomas Telford, Civil Engineer, written by Himself; containing a Descriptive Narrative of his Professional Labours; with a folio Atlas of Copper Plates.* Edited by John Rickman, one of his Executors; with a Preface, Supplement, Annotations, and Index. 4to. London. 1838. 5º artigo, p. 403-457.

**OUTROS CASOS****VOLUME 4, NÚMERO 8 (1810)**

1. *The Natural Defence of an Insular Empire, earnestly recommended; with a Sketch of a Plan to attach real Seamen to the Service of their Country.* By Philip Patten, Admiral of the White Squadron of His majesty's Fleet. 4to. pp. 102. Southampton, Hatchard, 1810. 2º artigo, p. 313-333. Escrito por John Barrow, possivelmente, junto com Robert Southey.

**VOLUME 5, NÚMERO 10 (1811)**

2. *Essay on the Military Policy and Institutions of the British Empire.* By C. W. Paslet, Captain in the Corps of Royal Engineers. Part I. 8vo. pp. 533. London. 1810. Lloyd. 8º artigo, p. 403-437. Escrito por Robert Southey, com ajustes de John Wilson Croker, e corrigido por John Barrow e George Canning.

**VOLUME 13, NÚMERO 25 (1815)**

3. *Roderick, the last of the Goths*. By Robert Southey, Esq. Poet Laureate, and member of the Royal Spanish Academy. London: Longman and Co. 1815. Two vols. 12mo. 4º artigo, p. 83-113. Escrito por Grosvenor Charles Bedford com auxílio de Robert Southey e William Nichol.

#### **VOLUME 18, NÚMERO 36 (1818)**

4. 1, 2. *Reports from the Select Committee on the Poor Laws*. July, 1817. March 1818,  
3. *Considerations on the Poor Laws*. By John Davison, M. A. Fellow of Oriel College.  
4. *Observations on the Impolicy, Abuses, and False Interpretation of the Poor Laws; and on the Reports of the Two Houses of Parliament*. By John, Earl of Sheffield. 1º artigo, p. 259-308. Escrito por John Rickman com auxílio de Robert Southey.

#### **VOLUME 19, NÚMERO 37 (1818)**

5. 1. *A Treatise upon the Poor Laws*. By T. P. Courtenay, Esq. 8vo.  
2. *Remarks on a Course of Education designed to prepare the Youthful Mind for a Career of Honour, Patriotism, and Philanthropy*. By Thomas Myers, A.M. of the Royal Military Academy, Woolwich, etc.  
3. *A Summary View of the Report and Evidence relative to the Poor Laws, published by Order of the House of Commons, with Observations and Suggestions*. By S. W. Nicoll.  
4. *A Letter to the Common Council and Livery of the City of London on the Abuses existing in Newgate, &c.* By the Hon. H. G. Bennet, M. P. 3º artigo, p. 79-118. Escrito por John Rickman com auxílio de Robert Southey.<sup>565</sup>

#### **VOLUME 19, NÚMERO 38 (1818)**

6. *Iceland: or the Journal of a Residence in that Island, during the Years 1814 and 1815, containing Observations on the natural Phenomena, History, Literature, and Antiquities of the Island; and the Religion, Character, Manners, and Customs of its Inhabitants*. By Ebenezer Henderson, Doctor in Philosophy, Member of the Royal Society of Gottenburgh, etc. Illustrated with a Map and Engravings. 2 vols. 8vo. Edinburgh. 1º artigo, p. 291-321. Escrito por John Barrow, possivelmente, junto com Robert Southey.

#### *THE FOREIGN QUARTERLY REVIEW (1827)*

#### **VOLUME 1, NÚMERO 1 (1827)**

1. 1. *Historia de la Dominacion de los Arabes en España, sacada de varios Manuscritos y Memorias Arabigas*. Por el doctor Don José Antonio Conde, del Gremio y Claustro de la Universidad de Alcalá; Individuo de numero de la Academia Española, y de la de la Historia, su Anticuario y Bibliotecario; de la Sociedad Matritense; y Corresponsal de la Academia de Berlin. Madrid. 1820-1. 3 tom. 4to.  
2. *Histoire de la Domination des Arabes et des Maures en Espagne et en Portugal, depuis l'Invasion de ces Peuples jusqu'à leur Expulsion définitive; redigée sur l'Histoire traduite de l'Arabe en Espagnol, de M. Joseph Conde, Membre de plusieurs Sociétés savantes, Bibliothecaire de l'Escurial, de l'Académie d'Histoire, etc.* Par M. De Marlès. Paris. 1825. 3 tom. 8vo. 1º artigo, p. 1-60.

---

<sup>565</sup> KADERLY (1955) indica que esse artigo foi escrito exclusivamente por Southey.

**VOLUME 1, NÚMERO 1 (1828)**

1. *Histoire des Ducs de Bourgogne de la Maison de Valois, 1364-1477*. Par M. de Barante. Pair de France. 1º artículo, p. 1-44.
2. *Colección de los Viajes y Descubrimientos, que hicieron por Mar los Españoles, desde fines del Siglo XV. Con varios Documentos inéditos concernientes a la Historia de la Marina Castellana, y de los Establecimientos Españoles in Indias, coordinada e ilustrada* por Don Martín Fernández de Navarrete, de la Orden de San Juan, Secretario de S. M., Ministro Jubilado del Consejo Supremo de la Guerra, Director Interino del Deposito Hidrografico, Individuo de Numero de las Reales Academias Española y de la Historia, Consiliario y Secretario de la de San Fernando. Tomo i. *Viajes de Colon, Almirantazgo de Castilla*. Tomo ii. *Documentos de Colon, y de las Primeras Poblaciones*. Madrid. 1825. 13º artículo, p. 576-626.

**VOLUME 3, NÚMERO 5 (1829)**

3. 1. *Historia de la Dominación de los Arabes en España, sacada de varios manuscritos y memorias Arabigas*. Por el Doctor D. José Antonio Conde, del Gremio y Claustro de la Uniservidad de Alcalá; Individuo de numero de la Academia Española, y de la de la Historia, su Anticuuario y Bibliotecario; de la Sociedad Matritense, y Corresponsal de la Academia de Berlin. 3 tom. Madrid.
2. *Historia del Rebelion y Castigo de los Moriscos del Reyno de Granada, hecha* por Luis del Marmol Carvajal. Segunda impresión. 2 tom. Madrid. 1º artículo, p. 1-56.

**VOLUME 5 (1830)**

4. *La Vie de Saint Ignace, Foundateur de la Compagnie de Jésus*, par le R. P. Bouhours, de la même Compagnie. Nouvelle Edition, revue et soigneusement corrigée, ornée d'un Portrait. 1820. 1º artículo, p. 271-324.